

A close-up photograph of a man and a woman holding hands. The woman, on the left, is wearing a light-colored, sleeveless top with a fringed hem. The man, on the right, is wearing a plaid shirt with orange, blue, and white patterns. They are holding hands in the center of the frame. The background is a bright, overexposed sky with some green foliage visible at the bottom right.

Ana Vitola

Por
Acaso



Por Acaso

Ana Vitola

Agradecimentos

A todos que me ajudaram de uma forma ou de outra.

À Jaciara Oliveira por entrar comigo nessa viagem e estar sempre ao meu lado quando eu preciso. E, principalmente, por revisar o Por Acaso com tanto carinho.

À Angélica Pozzebon, por sempre ler em primeira mão.

À Juliane Santana Torrenti, a primeira que vestiu a camiseta do AC junto comigo. Ele é nosso e de mais ninguém!

Ao grupo no Facebook/WatssApp e leitoras do Wattpad, por todas as postagens, loucuras, surtos e afins, nada seria possível sem vocês me deixando louca.

À Lidiane, Ana Letícia, Tiara e Isadora vocês são as únicas e sempre vão ser.

À minha família.

Capítulo 1

– Fofinha! – Minha afilhada de quarenta e cinco dias, me dá um sorriso sem dentes fazendo com que os seus olhos azuis gigantes brilhem.

Literalmente, Fofinha. O apelido perfeito para a filha do Noah e a vaca da Su, minha melhor amiga, quase irmã.

Retiro ela do bebê-conforto rosa, que o seu pai está carregando, a pego no meu colo e começo a matar a minha saudade de menos de 12 horas do bebê mais lindo do mundo.

– Oi tia Elis! – Vejo o Yago entrando correndo e indo direto para a cozinha. Prometi para ele um bolo de chocolate, e, de certo, ele já sentiu o cheiro.

Continuo amassando a Fofinha até a Su me chamar pela quarta vez. Ela está nervosa, mais do que o normal. Posso ver só pelo jeito que está olhando para tudo a sua volta, como se procurasse alguma jaula, ou coisa do tipo, em que eu fosse colocar as crianças para dormir hoje. Bem capaz que eu seria capaz de fazer alguma coisa desse tipo com a Fofinha e o Yago.

Hoje será a primeira vez em que a cria irá se desgrudar da Vaca. E se ela ficar mais do que alguns minutos aqui em casa, vai acabar desistindo do programa do casal vinte. Teoricamente o seu “resguardo” terminou há cinco dias, ou seja, o tempo do Noah a convencer de eles fazerem alguma coisa juntos e fora de casa.

Claro que a Su não está confiante ainda para fazer tudo o que o Noah está em mente. Até porque depois de umas dicas alimentares, literalmente agora ela vaza leite por qualquer coisa. Se no início ela não dava conta, atualmente tem que tirar com aquelas maquininhas, de tanto que produz. E o que sobra, ela doa para o banco de leite no hospital.

– Ela está de bunda limpa e não faz muito que mamou. – Viro a Fofinha para frente já que ela tem a mania de se agarrar nos meus cabelos, ou os da Su, só por diversão e puxar. – Aqui dentro da mala tem fraldas, roupas, leite e...

– Amor, a Elis já sabe de tudo isso. – Noah chega ao meu lado e distribui beijos na Fofinha para se despedir.

– Eu sei, só não custa avisar...

– Mais umas vinte vezes. – Completo.

Desde ontem ela me repete tudo o que vai trazer para cá e como lidar com qualquer problema.

Não posso negar, a Su é uma mãe e tanto. Cuida daqueles dois filhos como se fosse uma tigresa, e aí de quem tentar fazer alguma coisa com eles, ela vira uma fera. O Noah não fica muito atrás, mas é um pouco mais liberal. Ainda mais quando ele está há muito tempo sem ficar a sós com a sua esposa. Teoricamente hoje vai ser a primeira noite deles de casados sem uma barriga para atrapalhar no meio, ou choro da Fofinha.

– É que eu vou deixar a minha filha pela primeira vez sozinha! Dá para vocês entenderem?
– Noah revira os olhos para mim e se vira para a sua esposa.

– Ela é minha filha também, ou esqueceu? – Uma coisa que não dá para negar. A Fofinha tem os olhos iguais ao do Noah. Se existir algum teste de DNA visual, o dela daria cento e vinte por cento positivo.

Ela é a cara da Su, e até mesmo a personalidade tem boa porcentagem dela, mas de resto é o Noah escrito. Além dos olhos, o jeito que ela fica emburrada com o calor e também o fato de desde pequena já querer ser o centro das atenções.

– Mamãe – imito uma vozinha de bebê e finjo que sou ela falando – vai dar para o papai e me deixa aqui com a Dinda Elis e o maninho. Tchauzinho. – Pego aquela mãozinha gordinha com uma correntinha de ouro com o seu nome gravado, e a faço acenar para os pais.

– O que a mãe vai dar para o pai? – Yago volta para a sala com a boca toda suja de chocolate, nem dá para ele fingir que não comeu.

Noah olha para mim e encaramos juntos a Su que ficou sem reação e começamos a rir da inocência do Yago e das bochechas vermelhas que começou a subir na Vaca. Mesmo casada e com um filho dele, ainda tem vergonha de admitir que faz bem mais do que dormir com ele na cama.

– Muitos beijos nele! – Ela se esquiva da pergunta e o Noah aproveitando a brecha, tasca um beijão de novela na Su e o Yago faz um som de nojo e sai correndo de novo para a cozinha.

– Que nojo, pai!

Noah solta a Su, que fica meio tonta depois desse ataque no meio da minha sala. Nem preciso comentar que fico com uma baita inveja quando vejo o relacionamento desses dois. Apesar de tudo que passaram para conseguirem a cura do Yago, o amor prevaleceu e se transformou em algo sólido.

Su continua falando todos os cuidados que eu preciso tomar com a Fofinha, e eu já estou a ponto de mandar ela para longe. Será que eu sou tão irresponsável assim para cuidar uma noite de uma criança que só mama e suja as fraldas e o Yago, que eu já cuidei em situações bem piores?

– Amor, nossa reserva é em meia hora. – Noah pega no seu braço e ela quase vira uma fera.

– Já estou indo! – Sua irritação já está ficando em um nível alarmante para o seu marido.

Então eu resolvo fazer uma intervenção para salvar a noite do Noah e, conseqüentemente, alguns bons momentos para a Su relaxar um pouco.

– Eu sei de tudo isso, qualquer coisa eu te ligo. – Caminho até a porta e abro com o meu cotovelo. – Bom jantar, e bom seja lá o que vocês vão fazer depois disso. Yago – falo mais alto um pouco – vem aqui dar tchau para os teus pais.

Sinto a Su me fuzilando com os olhos por tê-la cortado, e um Noah me agradecendo silenciosamente. Deixo eles se despedirem com milhares de beijos, e mais algumas instruções, e finalmente fecho a porta do meu apartamento.

Viro a Fofinha para mim e amasso mais um pouco. Essa noite ela é só minha e eu vou

mimar ela com tudo que uma dinda tem direito. Aliás, vou fazer isso com os dois.

Coloco ela no seu bebê-conforto e vejo ela fechar os seus olhinhos em um sono tranquilo e vou para a cozinha.

– Yago do céu, que furacão passou aqui? – Em menos de cinco minutos ele fez uma bagunça na minha cozinha, impecavelmente limpa.

– Desculpa, tia Elis! – Seus olhos verdes são de puro arrependimento. – É que caiu um pedaço de bolo no chão e sem querer eu pisei em cima aquela hora que tu me chamou. Mas eu vou limpar tudo! – Sorrio. Como ficar brava com esse anjo?

Limpamos a cozinha, e por alguns segundos eu me pergunto por que não disse para a Su trazer o Gato e o JB juntos, com toda a certeza do mundo, aqueles dois gordos limpariam a minha cozinha em um piscar de olhos e sem deixar nenhuma migalha no chão. E se eu não escondesse o bolo, eles comeriam até a forma.

Sempre amei toda a forma de animais que podem existir e... corrigindo, quase todas as formas. Insetos e bichos gosmentos eu corro longe! Mas os domésticos e os que tem lá na fazenda dos meus pais, eu tenho vontade de trazê-los para a minha casa. Ainda mais se são filhotes.

Na mesma época que a Su pegou o Gato para ela, quase que eu trouxe um para mim, porém pensei direito. Percebi não iria cuidar dele com a mesma dedicação que ela tem pelo seu gato gordo. Já sou um desastre cuidando de mim mesma, quem dirá de outra vida inocente por um logo tempo. Ficar com a Fofinha e o Yago por algumas horas para aqueles dois se divertirem é uma coisa, mas ter sobre a minha inteira responsabilidade? Não confio muito!

Viver quase toda a minha vida na fazenda cercada por animais foi uma experiência incrível! A lealdade e companheirismo que eles podem nos ensinar são uma lição de vida por inteiro. É como diz o ditado, quanto mais conheço as pessoas, mais amo os meus bichos, adaptado por mim. Minha infância foi cercada por gatos, cachorros, cavalos, vacas e até as malditas bicadoras, também conhecidas como galinhas, que eu não vou muito com a cara. Aliás, o Noah pegou pânico delas depois de conhecê-las na primeira vez em que foi à casa dos meus pais.

Meus pais sempre trabalharam de domingo a domingo com os animais. Até porque, ninguém escolhe a hora de ficar doente ou mesmo dar cria. Muitos feriados passamos no meio do estábulo com algum animal nascendo e eu amava isso. Mas não mais do que estar na cozinha com a minha avó. Ela foi a minha segunda mãe, literalmente, cuidava de mim e me ensinava todos os seus truques no meio das panelas.

Estudei em escola pública por toda a minha infância e adolescência, o ensino em cidades pequenas aqui sempre funcionou muito bem. Todo mundo se conhece e se eu tirasse uma nota baixa, ou então me desse mal em alguma matéria, misteriosamente o animal de estimação dessa professora adoecia e eles chamavam os meus pais. Então eu sempre tive que ser uma aluna exemplar. Mas eu tive os meus momentos de rebeldia também.

Sempre fui uma das mais altas e magras da minha turma, apelidos como vara fina, pau de virar tripa, pintora de forro sem escada e do estilo sempre me deixavam puta de raiva! Me

irritavam, e quando eu explodia, não havia guri que não voltava para casa com um belo roxo ou então sem poder caminhar direito por causa de um joelho do meu joelho pura osso. Então, depois disso eles começavam a me respeitar mais. Até que todos nós crescemos e eu descobri que muitas vezes, uma brincadeira desse tipo, tem outro significado.

Não que eu tenha sido o corrimão da escola, mas aproveitei o quanto eu pude. Perdi a minha virgindade na noite da boate de formatura do ensino médio em um esquentão na casa de outro colega que os pais não estavam em casa. Foi com um cara mais velho e horrível, mas eu não desisti de tentar encontrar o cara perfeito para mim. E ainda não encontrei o maldito até hoje.

Também não estou procurando ele desesperadamente, longe disso. Amo a minha liberdade, acordar a hora que quiser, poder ficar uns quatro dias sem lavar uma louça ou então não ter que dar satisfações da minha vida para ninguém. Mas não posso dizer que não tenho uma pontinha de inveja da casa cheia da Su. Uma inveja branca, claro, depois de tudo que a minha amiga passou, e também com o Yago e o Noah, o que mais desejo para eles é a felicidade plena. Mas que bate uma depressão toda vez que eu volto para casa depois de um final de semana com eles, ah se bate...

Depois de arrumarmos a cozinha, e devorar mais da metade do bolo de chocolate com leite, eu e o Yago vamos para a sala jogar vídeo game. Claro que o ursinho polar já tirou toda a roupa e está só de cueca atirado no meu sofá, assim como eu estou só de calcinha e com um top pela metade da barriga. A Fofinha dorme no seu bebê-conforto e de vez em quando solta um suspiro de felicidade e parece estar sugando alguma coisa, como se estivesse sonhando que está pendurada na sua fonte de leite natural. Fiz até um vídeo para mandar amanhã para os babões, se eu mandar agora capaz de quererem vir para cá e assistir a cena ao vivo.

Corujismo de todos os lados sobre ela. Se eu for abrir a galeria de fotos do meu celular agora, só vou encontrar fotos e vídeos das crianças. Seja da Fofinha tomando banho, tentando comer o seu pé ou do Yago dormindo em uma posição que só uma criança, ou alguém sem coluna consegue ficar e ainda achar confortável. E quem disse que eu tenho coragem de apagar alguma delas? Tanto que o meu plano de fundo é nós três em um sanduíche de Fofinha que ficou com os olhos arregalados e sorrindo.

Jogamos até a mocinha se acordar em plenos pulmões. Eis um traço inconfundível que ela herdou da sua mãe, nunca se esqueçam de alimentá-la na hora certa. Confesso que acabei me passando no horário com o jogo aqui com o Yago e ela não tem muita paciência de esperar. Foi uma correria minha para pegar a Fofinha do bebê-conforto e aquecer o leite que a Su me deixou até a temperatura ideal para a criança. Quando me sentei para colocar a mamadeira em sua boca, ela já estava vermelha de raiva de tanto chorar, e olha que se passaram menos de cinco minutos.

– Pronto esfomeada! – Falo com o som dela sugando desesperadamente aquela mamadeira enchendo o ambiente. E como num passar de mágica toda a brabeza da pequena pessoa sumisse.

– O pai se vê azul quando ela começa a fazer isso – Yago sem tirar os olhos do jogo fala.

– E o que ele faz? – Fofinha dá uma engasgada de tão ávida que fica pelo leite e logo que passa, volta a sugar como nunca.

– Fica na volta atrapalhando, como diz a mãe. – Solto uma risada alta, que até ela me olha

assustada, mas logo volta a focar na mamadeira.

O Noah é hilário! Ele tenta fazer as coisas, mas acaba se atrapalhando todo deixando a Su um poço de raiva. Mas no fim ela releva e manda ele fazer as coisas mais simples, como por exemplo fazer a Fofinha arrotar ou até mesmo recolher as suas roupas do varal.

– Tia Elis? Por que eles queriam ficar sozinhos hoje? – Pisco algumas vezes para a pergunta do Yago.

Acho que eu não seria a pessoa ideal para dar uma aula sobre educação sexual para uma criança de nove anos. Tenho a certeza que nem para uma pessoa da minha idade eu não seria uma professora normal...

Engulo seco e quando ele da pausa no jogo e olha para mim com aqueles olhos verdes interrogativos, eu vejo que estou em um beco sem saída. Rápido Elis, pensa em alguma coisa decente para falar para o guri.

– É porque... – Até a Fofinha está olhando para mim agora esperando a minha resposta. – Porque vocês dois são uns chatos e eles queriam ficar a sós sem vocês dois na volta. – Brinco e sorrio.

Vejo a expressão do Yago cair um pouco e vejo que fiz coisa errada. Fofinha empurra a mamadeira, quase vazia e eu a coloco no meu ombro para arrotar.

– Mas eu não incomodo... – Ele fala essas quatro palavras e eu vejo que sou uma verdadeira idiota por falar isso para ele.

– Eu estava brincando, Yago – Me sento ao seu lado e espero a porquinha arrotar em mim e voltar para a terra dos sonhos infantis. – É que, às vezes, os adultos precisam de um momento só deles, para namorarem.

– Eles já fazem isso o tempo todo! – Sua cara de nojo me faz sorrir.

Uma coisa que o Noah nunca deixou de ser é exibicionista. Mesmo com todas as brigas, de um jeito, ou de outro, consegue levar ela para o mau caminho e eles acabam com demonstrações de afeto em público. Já desisti de ir ao cinema com ele há tempos, castiçal para segurar umas vintes velas, era pouco para mim.

– Mas é diferente, Anjo. – Uso o mesmo apelido que sua mãe o chama e o seu sorriso volta um pouco. – Tem vezes que eles querem ficar sozinhos. E outra, eu sou tão chata assim?

Chego perto dele e começo a colocar a minha cabeça no seu pescoço e a fuçar por ali como um porquinho na lama, até ele começar a rir. E quando ele para a Fofinha solta um arroto e mais uma bomba de gás, altamente mortal, e começamos a rir sem parar, até ela riu de nós.

Passamos um sufoco quando ela nos presenteou com uma fralda recheada com um material tóxico. Agora eu sei porque o Noah sai correndo quando isso acontece, mas eu e o Yago formamos uma dupla imbatível, tanto que tive que acabar no banho junto com a Fofinha. Eu não sabia qual de nós duas estava mais suja.

Quase morri de medo de tomar banho junto com ela, mesmo com a Su dizendo que acha bem mais prático do que dar na banheira. Já pensou se eu deixasse a criança cair no chão porque ficou

escorregadia? Tomei o maior cuidado enquanto ela estava em êxtase por estar molhada, se refrescando. Quando acabei, a enrolei numa toalha e entreguei para o Yago, que estava de prontidão na porta esperando o pacote enquanto eu tomava o banho mais rápido de toda a minha vida.

Depois de vestida, cheirosinha, calminha e fofinha como sempre, ela adormeceu e nós soltamos um suspiro de alívio e caímos na cama junto.

Desde que a Fofinha nasceu, a Su me contou que o seu instinto materno floresceu de um jeito assustador. Qualquer movimento estranho e ela já fica em estado de alerta, e hoje eu pude ter uma noção do que isso significa. Sou um polvo na cama, me desdobrei em quatro braços e quatro pernas e estava bem a fim de deixar os dois na cama e pegar um colchão e colocar no chão para eu dormir. Mas quando percebi, adormeci, e não é que pela primeira vez, que eu me lembre, acordei na mesma posição em que dormi?

Foi muito louco. Dei um pulo na cama quando senti o mínimo movimento e no momento que olhei para a minha frente, só vi ela chupando as mãos e com aqueles olhos azuis vidrados em mim. Meu coração se derreteu mais um pouco pela minha afilhada, se isso for possível. Yago dormia com a bunda para cima e as pernas bem abertas ocupando quase metade da cama. Nem se mexeu quando eu peguei a Fofinha no colo, a levei para a cozinha, e comecei a preparar outra mamadeira antes que ela começasse a chorar desesperadamente.

Ter nos meus braços a filha da minha melhor amiga, me faz sentir um orgulho imenso de tudo isso. A Fofinha, bem como o Yago são filhos perfeitos e os quatro formam uma família que qualquer pessoa quer fazer parte. Me sinto extremamente abençoada por ter eles na minha vida, e qualquer coisa que eles me peçam, ou venham a me pedir futuramente, eu irei fazer sem hesitar por um segundo que seja. Assim como eu sei que se um dia eu precisar, eles irão fazer as mesmas coisas por mim.

~

Acordo com o som da minha campainha e ainda não são nem oito horas da manhã. Cedo demais para o correio entregar alguma coisa. Desde que a minha mãe descobriu que se encomendasse as coisas pela internet e colocar o meu endereço, o frete sai quase zero e chegam bem mais rápido que lá onde ela mora. Com isso eu conheço todos os carteiros e entregadores de transportadora da região. Ela compra de tudo, desde roupas até alguns remédios caros. Morro de medo de um dia chegar uma coisa de um sexshop, por exemplo, aqui em casa. Dela eu não duvido de nada.

Me levanto e olho para a dupla que nem se mexe com o som estridente. Yago está em outra posição com a mão por cima da barriga e a boca aberta, e a Fofinha, com uma cara de quem está sonhando com alguma coisa feliz. Lindos da tia Elis!

– Porque demorou tanto para abrir a porta? – Uma Su com os cabelos molhados entra na minha casa, antes mesmo de eu terminar de abrir a porta completamente.

Alerta mãe tigresa em cena!

– Bom dia, Vaca. – Bocejo e fecho a porta, olho para a minha sala e vejo que ela não está mais aqui e me deixou, literalmente, falando com as paredes.

Me atiro no sofá e menos de meio minuto ela aparece na sala com um sorriso no rosto gigante e com a Fofinha no colo que ainda dorme.

– Sãos e salvos, os dois. – Ironizo quando ela senta em outro sofá e fica olhando a sua filha com um amor de mãe nos olhos.

– Já dei uns beijos no Yago e agora tenho que amassar a minha Fofinha. – Ela vendo que a sua fornecedora de comida acorda. – Bom dia minha lindinha, mamãe estava com tanta saudade do meu bebê.

Vejo a cena toda se desenrolar da sessão de beijos na Fofinha que parece que estava com saudades da sua mãe também, pois se agitou toda. Conto a nossa noite, com direito a risadas da Su quando escutou da nossa trágica mudança de fralda e o ataque de fúria de sua filha pela mamadeira com cinco minutos de atraso.

– E então... – Sorrio para a vaca quando a Fofinha arrota alto – Como foi à noite?

Seus olhos brilham, um vermelho sobre até suas bochechas e um sorriso sonhador se forma no seu rosto. Pelo visto foi ótima.

– Sem palavras. O Noah cada vez mais me surpreende de uma maneira diferente. – Ah aquela minha invejinha branca aparecendo....

– Ele não me contou para onde vocês iam. – Me sento no sofá e fico esperando pelos detalhes da primeira noite oficial de casados e sem filhos por perto.

– Fomos jantar em um restaurante novo perto de casa, deu para ir até de a pé e de mãos dadas. O ambiente é bem legal e comemos conversando de tudo um pouco. – Seu sorriso literalmente grudou no seu rosto lindo. – Depois saímos de lá e voltamos para casa, a praça no meio do caminho estava iluminada pela lua e nós paramos e ficamos sentados no mesmo banco onde demos o nosso primeiro beijo. Foi tudo perfeito como sempre. – Ela estica a perna esquerda – Mais uma letra na minha tornozeleira, daqui a pouco não vou conseguir caminhar direito de tanta coisa que já tem. – Vejo as letras iniciais do nome da Fofinha em ouro combinando o estilo de letra do “Y” que ela já tinha, representando os maiores tesouros que eles têm, os seus filhos.

– E tu aproveitou e entregou o dele? – Ela dá um sorriso sacana e confirma.

Semana passada ela me fez ir ao shopping com ela e a Fofinha, depois da consulta mensal no pediatra, para comprar um presente para o Noah que representassem os seus filhos. Ficamos rondando o prédio inteiro nos revezando para empurrar o carrinho onde a Fofinha olhava para tudo muito atenta, e parava todo mundo para admirar a sua beleza, deixando a mãe toda orgulhosa.

Acabamos em uma joalheria e, enquanto a Su explicava o que ela queria, eu chamei outra funcionária para me mostrar a sessão que eu estava atrás. Depois de quase uma hora de espera, a dei para a minha afilhada uma pulseira de ouro com o seu nome, e a Su, saiu de lá com um cordão de outro, estilo escapulário com duas plaquinhas. Só que ao invés de imagens de santos, era o desenho de uma menina e um menino. Achei lindo e aposto que o Noah não vai retirar nunca.

– Colocou na mesma hora, e aí, depois fomos para a casa... – Ela suspira como uma

adolescente apaixonada pelo seu primeiro namorado, que não deixa de ser esse o caso, só que eles já passaram dessa fase há tempo.

– E aí vocês se agarraram já no elevador e fizeram a festa. – Completo e eu vejo a Vaca ficar mais vermelha que um tomate maduro. – Deixa de vergonha mulher, nem parece que vocês são casados e tem uma filha.

Seu sorriso aumenta umas dez vezes. E a minha felicidade de ver a minha amiga vaca desse jeito, também.

– Mãe? – Um Yago descabelado e amassado do sono aparece na sala, caminha até o sofá e se atira ao meu lado.

– Bom dia, meu Anjo. Como foi a noite com a tia Elis? – Ele resmunga alguma coisa e eu começo a fazer cócegas nele.

– Fala que foi a noite mais divertida do mundo, até a tua irmã contaminar todo o ambiente. – Ele começa a rir alto até começar a pedir para parar.

– Foi... – ele arfa – ótima! Mas poderia ficar melhor com um pedaço de bolo que sobrou! – Ele sai correndo em direção à cozinha para arrematar o resto de bolo de ontem.

– Formiga! – Grito para ele escutar lá da cozinha.

Continuamos a conversar até a Fofinha dormir de novo, e não ter perigo de ir balançando até a sua casa e vomitar no Fusca da Su. Aproveitamos para adiantar alguns trabalhos da próxima semana e a nossa ida para a fazenda em quinze dias. Afinal, o Yago e a Fofinha já se tornaram uns netos às avessas para os meus pais, e o prelúdio de bisnetos para a minha avó, que não se cansa de fazer tudo que é comida para os dois, nem para mim ela faz tantas variedades mais.

– Deixa eu dar uma cheirada na minha Fofinha antes dela sair. – Tiro ela do colo da Su e beijo aquelas bochechas que eu tenho vontade de morder de tão gostosas que elas são. – Mamãe a tia Elis quer me morder! – Falo imitando uma criança.

– Mais uma? Teu pai também tem essa vontade. – Ela arruma o cabelo da filha enquanto eu ainda a amasso. Sim eu sou babona, assumo! – Agora chega antes que ele ligue reivindicando o seu turno de mimar a guria.

– Tchau, tia Elis – Yago me abraça assim que eu coloco a sua irmã no bebê-conforto e ela faz um biquinho para chorar.

– Tchau, Anjo! – Beijo ele repetidamente até eu o sufocar um pouco e ele se afastar. Ele está crescendo e já não quer mais esses beijos exagerados.

Vejo ele sair limpando os meus beijos que eu dei de propósito e ir em direção ao elevador.

– Obrigada, Elis! – Su me abraça carregando o bebê-conforto em uma mão. – Para uma mãe de primeira viagem, tu se saiu perfeita. Mal vejo a hora de eu cuidar de um Fofinho teu daqui uns anos. – E ela embora com os seus filhos e me deixando com essa bomba.

Fecho a porta, mas a minha boca parece que foi até o chão de tão surpresa que eu fiquei com essa declaração da Vaca.

Eu com um filho?

Começo a rir como uma maluca, aquela que eles tanto acham que eu sou. Olho para a sala vazia e paro de rir por completo, afinal, pareço uma louca mesmo nesse apartamento vazio, e sem ninguém para me escutar.

Capítulo 2

Quem, em sã consciência de Deus, toca a campainha de alguém antes das nove da manhã em plena segunda feira? E justamente a que eu tirei de folga do meu consultório ainda? Eu mato se for o Seu José, o carteiro da região, e a minha mãe com suas malditas compras online!

Saio da cama me arrastando. Meu cabelo está um redemoinho. Estou só de calcinha estilo shorts e um blusa fina de alcinhas, que não esconde nada do meu corpo.

Se for o Seu José, ele nem vai dar bola. Pode ter certeza que ele já me viu em trajes bem piores e mais reveladores que esse. Aposto que no alto dos seus quase sessenta anos ele já deve ter visto coisa bem pior nesse ramo de bater de casa em casa para entregar correspondências. Se for algum guri das transportadoras, até vai alegrar o dia deles. Mas, geralmente, eles vêm a tarde e deixam na inútil portaria do prédio.

Amo a localidade do meu prédio. Perto de tudo que eu possa precisar, tanto do meu consultório como a casa do Noah e da Su, mas de segurança é zero. O zelador do prédio é o dono de quase metade dos apartamentos e ainda o “síndico” do prédio, e não faz diferença nenhuma se ele está na portaria ou não. Aliás, aquilo deveria se chamar “passe livre do Solar das Laranjeiras” e não portaria. Já fizemos muitas reuniões de condomínio para tentar resolver esse assunto, e pelo menos, deixarem o portão, e a porta do prédio fechados, mas em menos de uma semana aquilo está mais arreganhando que porta de prostíbulo em dia de pagamento.

– Já voooooooooooooooooooooou! – Grito, nada delicadamente para a pessoa impaciente na minha porta e abro com uma puxada forte.

Oh droga!

Um carteiro novo, bem novo, diga-se de passagem, em comparação ao seu José, está parado na minha porta. Com aquelas roupas ridículas azuis e amarelas características dos Correios e um boné. Ele está de cabeça baixa e começa a subir os olhos pelo meu corpo e quando chega ao meu rosto, eu engulo a seco.

Uma barba de uns três dias, e um rosto meio parecido com o do meu muso maior, inspirador em noites solitárias no inverno, Adam Levine. Mas o que mais chama a atenção nesse rosto são os olhos.

Um de cada cor. Um azul bem claro. E o outro um tom verde mais forte. Eles são hipnóticos, e agora estão olhando fixamente para os meus peitos. Ou melhor, a falta deles.

– Amigo, – começo a falar e nada dele olhar para o meu rosto amassado do sono – se quiser olhar peitos de verdade, volta daqui uns dois anos, quando eu tiver coragem de colocar silicone.

Quando ele olha para mim, um tom vermelho, começa a subir no seu rosto. Coitado, devem ser os primeiros dias no emprego e foi dar de cara direto comigo.

– Então Antes de Cristo... – O A.C. Reniè, no seu crachá, me faz fazer uma piada para quebrar o gelo antes que ele saia correndo da minha porta. – Tem alguma coisa para mim?

Ele abre a boca e fecha novamente. Deve estar apavorado com a minha abordagem. Ele se atrapalha um pouco com os papéis que está em suas mãos e limpa a garganta.

– Agnes... – seguro uma risada quando ele tenta decifrar o sobrenome, e decido dar uma ajuda ao pobre rapaz.

– Anzelotti. – Completo e faço o rapaz ficar um pouco mais desnorteado, e então decido acabar com o seu sofrimento. – Sou eu mesma. – Se eu for explicar que ela é a minha mãe e toda a história de frete, capaz do coitado abandonar o trabalho hoje mesmo.

Com as mãos tremendo e evitando olhar para mim, ele me entrega uma caixa e eu assino o recibo de entrega. O vejo sair pelo corredor como o diabo foge da cruz e foco na sua bunda. É uma boa imagem para uma segunda pela manhã. Até que acordar cedo teve sua vantagem.

Fecho a porta rindo como uma maluca, como sempre me chamaram, e hoje eu dou até um pouco de razão. Levo a minha vida bem na “manha”. Faço o que quero, como e quando tenho vontade. Não preciso dar satisfação dela para ninguém. Como diz a Su, eu não tenho filtro entre o que penso para o que eu falo, e às vezes, tenho plena consciência disso, hoje foi um dia desses.

Largo o pacote da minha mãe, junto com mais um três que tem em cima de uma mesa de canto, e vou para o banho. Depois que eu acordo, ainda mais desse jeito, sem chance nenhuma de voltar para a cama e dormir.

Me olho no espelho nua na minha frente e amaldiçoo o meu próprio corpo esquelético. Irônico não? Enquanto meus pacientes lutam para emagrecer cada grama, eu aqui reclamando por não conseguir engordar nenhuma. Revoltante isso. Quando era adolescente, até fui ao um endocrinologista para ver se tinha alguma coisa errada comigo, mas a resposta que eu tive foi desestimulante.

– Tu tem o que todo mundo quer, Elis. – Faço umas caretas estranhas na frente do espelho, falando para mim mesma. – Metabolismo rápido e um corpo de dar inveja às modelos de hoje em dia.

Inveja é o cacete! Vi a Su trocando de roupa esses dias e daria o meu pulmão esquerdo para ter o corpo que ela tem e a devoção do Noah por ele. Aquelas curvas e os seios de dar inveja a qualquer siliconada que passa. Mesmo ela odiando, trocaria de corpo com ela sem pensar duas vezes.

Todo mundo acha que ser magra e alta é a melhor coisa do mundo. Só que não é! O que adianta ter várias opções de roupas e não temos como enchê-las com o nosso corpo, ou então uma calça linda, mas que ficam faltando uns bons centímetros para ficar a altura perfeita?

Por isso falo para os meus pacientes: o peso importa sim, claro. Mas o que mais vale é estar de bem consigo mesmo e levar uma vida saudável. Fazer exercícios regularmente, uma vida balanceada e quando tiver a oportunidade de enfiar o pé na jaca, ou a boca num churrasco, lasanha ou então em rodízio de pizza, à vontade e de preferência me convidem! Viver para comer é uma coisa, mas agora comer para viver, e aproveitar as oportunidades de gula, uma vez lá que outra, é bem diferente.

Mesmo depois de formada, a Su nunca veio me pedir aconselhamentos para alimentação.

Decidir emagrecer veio dela mesma e eu pude notar o seu florescer como mulher de camarote. A sua alimentação não mudou drasticamente, a ponto de ela pirar o cabeção total como eu vejo em alguns pacientes que recebo. Foi uma mudança incrível e a cada vitória dela eu me sentia orgulhosa da minha vaca.

Saio com o meu carro com o som em volume máximo em direção ao Orfanato do bairro. Desde que eu vim aqui pela primeira vez fiquei apaixonada pelas crianças que viviam ali, e assim como a Su, eu decidi ajudar com o que eu podia. Já que nunca tive habilidades musicais, e muito menos artísticas, ofereci a única coisa que eu sou realmente boa, a comida. Comecei ajustando a dieta para as crianças e com o passar do tempo, comecei a me intrometer mais na cozinha da Laura e já dou os meus pitacos e até mesmo alguns cursos para outras que entram de cozinheiras nos orfanatos da cidade.

– Tia Elis! – Uma das crianças do orfanato vem me receber. Amo esse afeto incondicional que elas demonstram por todos os funcionários e o pessoal que faz voluntariado aqui.

Abraço e beijo todos que estão no pátio brincando e vou até a minha área, a cozinha.

– E aí pai do ano. – Vejo o Noah tomando um copo de água. – Recreio das crianças?

– Sim, elas estão me sugando até a alma hoje. – A Su que me perdoe, mas o Noah de óculos e todo na beca de professor é um colírio e tanto para qualquer pessoa do sexo feminino. Mas para mim ele é como um irmão e nunca vou conseguir ver mais que isso no Noah, e nem quero.

– E o que é isso no teu rosto?

– Começa com Ga, e termina com To. Estava olhando TV, do nada ele pulou em mim e me arranhou, aquela bola de pelo maldita! – Eles vivem como gato e rato, e sempre o Noah é o rato. Ele não faz nada com isso, porque no fundo, também não resiste àquela cara de mau humor do Gato.

– E vaca e as crianças? – Começo a abrir os armários para verificar o estoque, e cada vez, ele esvazia mais rápido que o normal.

– Em casa com a Fofinha, e o Yago na escola. – Solto um suspiro triste e vou para a geladeira, que também está quase vazia. Ainda bem que estamos no final do mês.

– Algum problema? – Noah se aproxima de mim e vê com os próprios olhos a quase falta de mantimentos.

Cada vez a verba destinada à alimentação das crianças vem diminuindo. Mesmo com todas as doações da comunidade, tem meses que a Raquel, a administradora geral, tem que rebolar nos centavos para conseguir manter os estoques com um nível aceitável de alimentos, roupas, medicações e tantas outras necessidades das crianças.

– Não, tudo certo por aqui. – Termino de fazer a minha lista mental, e me sento à mesa para começar a fazer o cardápio para as crianças.

– Estão precisando de alguma coisa, mais urgente? – Noah se senta à minha frente preocupado.

– Por enquanto não, mas não sei se o leite e algumas coisas vão durar até o próximo repasse.

– Se precisar, eu posso doar, sabe disso não é? – O espírito de doação e dedicação da Su passou até para o Noah.

Não seria a primeira vez que ele doasse alguma coisa para o Orfanato, ainda mais na parte de alimentos. Sempre quando volto da fazenda trago algumas verduras e legumes que dão de sobra na horta da minha avó para cá. Mas o inverno sempre é uma das épocas de maior crise por aqui, devido às doenças sazonais nas crianças, e nem sempre a medicação do SUS é o suficiente.

– Eu sei Noah, se ficar crítica a coisa aqui, eu te aviso.

– Combinado. – ele me dá um sorriso – Vou voltar para as crianças, antes que elas comecem a quebrar a sala de aula.

– Mais tarde eu apareço lá para amassar a Fofinha e o Yago. – Noah se perde um pouco em se lembrar dos filhos e quase que eu tenho que oferecer um guardanapo para ele limpar a baba que escorre.

Depois que ele sai eu volto ao meu trabalho de nutricionista do Orfanato. Saio de lá com um sorriso no rosto, sabendo que pude fazer a minha parte com aquelas crianças.

Passo no meu consultório para checar a agenda da semana. Ele é um prédio comercial da cidade e eu divido as despesas com mais três companheiras, uma psicóloga, fisioterapeuta e uma quiropraxista. Eu só divido a sala com a psicóloga que trabalha em várias cidades e só vem aqui três vezes por semana e ainda depois das cinco da tarde. É um local ótimo para se trabalhar, raramente vejo a fisioterapeuta ou a quiropraxista, e a psicóloga se vi duas vezes nesse tempo todo foi muito.

Já que não temos secretária, apenas uma faxineira que vem no final de semana, meu celular é por onde mantenho contato com os meus pacientes e raramente saio de casa sem ele. Olho a minha agenda e vejo que o meu primeiro paciente é só as duas da tarde, e que antes das seis da tarde, eu já estou livre. Olho relógio e vejo que dá tempo de almoçar no shopping e olhar algumas lojas.

Uma rotina bem chata chega a ser a minha vida nos dias de semana normal. Trabalhar e ficar em casa. Não que eu esteja reclamando do meu serviço como nutricionista, amo ele, dá uma boa remuneração e não trocaria por nada. Mas o que me dá mais vontade de trabalhar, são os meus eventos com a Su. A Vaca sabe como comandar uma festa e deixá-la perfeita nos mínimos detalhes e eu adoro ficar na volta como uma mosca xeretando em tudo. Além de dar uma boa engrossada no meu orçamento no final do mês, se eu não trabalhasse mais como nutri, poderia me virar bem só com as comissões da cozinha dos eventos.

No começo, nós mesmas fazíamos as comidas das festas, e era uma loucura só! De terminarmos de fazer tudo, horas antes do evento, mas agora está mais chique e a Su já tem alguns serviços terceirizados, como os docinhos e salgadinhos. Então eu só comando a parte que tem comida mesmo, como nos casamentos, aniversários de quinze anos, algumas bodas e eventos corporativos que há alguma refeição no meio. Já começo a me preparar para um evento, um dia

antes e já deixo boa parte do serviço adiantado com mais uma funcionária que me auxilia, e para mim é o melhor serviço do mundo, cozinhar para diversas pessoas. E sim, é cansativo, mas eu amo.

Almoço no shopping alguma coisa gordurosa, porque eu estava a fim de comer como uma vaca e ninguém irá me dizer ao contrário. E dou uma volta por entre as lojas, acabo em uma de sapatos e já saio de lá com um par novo e mais uma bolsa, que eu realmente nem preciso delas, mas estavam em promoção e eu não me segurei. Vou ter que deixar o meu cartão de crédito em casa pelo resto da semana para não cair em tentação, e... AI MEU DEUS, aquela blusa é linda e eu preciso comprar!

~

– Não tem perigo o Gato estar deitado dentro do bebê-conforto da Fofinha? – O Gato chega a mexer as orelhas como se entendesse que eu havia falado dele.

– Não adianta correr ele dali. – Su termina de limpar os esmaltes azuis das unhas enquanto eu embalo a Fofinha no meu colo. – Na verdade eu tenho que cuidar para ele não subir em cima da Fofinha quando ela está sentada no bebê-conforto, isso sim.

O Gato tem uma personalidade diferenciada. Ele e o Noah vivem querendo matar um ao outro, mas ele ama o Yago e a Fofinha até mais que a sua ração.

– Por isso que já deixo uma fronha sempre por ali, fica mais fácil de tirar os pelos e já tem um aquecimento natural. Na real, eu falei com a tua mãe e o pediatra dela, e ambos me disseram que não tinha perigo deixar ele e o JB junto, desde que estejam com os banhos e as vacinas em dias. O Noah não confia muito no Gato, mas eu sei que essa bola de pelo tem um sentimento especial pela Fofinha, esses dias peguei ele brincando com ela. – Olho para a Su e ela abre um sorriso e começa a me contar. – Era de manhã e eu estava começando a fazer o almoço, deixei a Fofinha com os pezinhos no sol que entrava na janela da cozinha. O Gato estava na volta e começou a brincar com os pés dela, e a safadinha, mexia para o Gato e ele ficava batendo de leve a fazendo rir. – Ela fecha a tampa da acetona e pega o celular. – Eu fiz até um vídeo.

No momento em que as risadas da Fofinha encheram o ambiente, era eu e a Su babando no vídeo. Impossível não ter essa reação com essa cena.

– Mãe, estou com fome! – Yago chega na sala usando só uma bermuda e todo suado, como se estivesse corrido uma maratona de uns cinquenta quilômetros – Oi, tia Elis.

– Nem vem me beijar sujo desse jeito, estava tocando guitarra, não é? – Ele sorri para mim e se senta no colo da sua mãe.

– Sim, a mãe me passou umas partituras e eu estava treinando um pouco.

Nosso pequeno roqueiro prodígio. Desde o ano passado que ele começou a estudar em uma escola particular, a mesma em que a Su estudou, logo se interessou pelas aulas de música que eles fornecem no turno reverso. O professor, para desespero do Noah, é um ex-colega da Su e que sonha em convencer ela a participar de algumas aulas com as crianças. Para que isso acontecesse, ela teria que desistir do Orfanato, e nem pensou em negar esse convite. O Yago é o melhor da turma, que ensaia duas vezes por semana, e, além disso, ele ainda vai para o Orfanato

com a mãe ajudá-la com as aulas. Daqui a alguns anos, vai passar a Su nas habilidades musicais.

– E agora vai direto para o banho mesmo, depois tu come. Eu vou dar um banho na Fofinha também.

– Mas mãe... – Ele geme e a Su faz uma cara de nojo para ele. Realmente ele está fedendo a suor.

– Sem mãe Yago, rápido para o banho, e não deixa as tuas roupas atiradas no banheiro. – Ele sai bufando para o banho e eu começo a rir.

– Mas está virando um revoltado? Já com essa idade.... Imagina quando chegar na adolescência.

– Nem me fala Elis, ele anda um pouco revoltado com algumas coisas, pensei que fosse pelo nascimento da Fofinha, mas com ela, ele é um amor de criança. Não acredito que com nove anos ele já pode estar tendo crises de hormônios.

Caminhamos até o quarto da Vaca e eu começo a tirar a roupa da minha sobrinha que se alegra toda por ficar pelada e sem essas fraldas quentes com esse calor. A ursinha polar ama ficar mais à vontade. Entrego ela para a sua mãe já embaixo do chuveiro e me sento no vaso para esperar a Fofinha enquanto a Su termina o banho dela.

Realmente é uma coisa linda de se ver a interação mãe-filha no banho. A Fofinha que se mexeu toda comigo aquele dia, com a Su fica bem quietinha enquanto é virada de todos os lados possíveis e impossíveis nesse banho e não reclama nenhum pouco.

Su me entrega a Fofinha toda molhada, com os cabelos pingando e ela rindo para o nada de tão feliz que está por ficar embaixo d'água. A enrolo na toalha e a seco em cima da cama fazendo cócegas na sua barriga gordinha com a boca.

– Mamãe, a tia Elis vai me roubar e me levar para a casa dela. – Falo com voz de criança e ela ri mais alto ainda.

– Não vai não Fofinha, teu pai me mata. – Su assume a posição de mãe coruja e eu me deito naquela cama gigante dos dois.

Mesmo estando só de toalha, eu fico com uma baita inveja daquele corpo todo. Depois da gravidez a Su continua uma gata gostosa em todos os sentidos. Começo a imaginar se o carteiro Antes de Cristo me visse como eu estava hoje e apenas dez por cento do corpo da Vaca, com certeza há essa hora ele estaria na UTI com uma parada cardíaca. Começo a rir sozinha.

– O que foi maluca? – Su levanta as pernas da Fofinha para passar pomada naquelas dobras gostosas e ela tenta pegar o seu pé para comer.

– Me lembrando de uma cena que aconteceu hoje pela manhã. Um carteiro chegou e eu imaginei que fosse o seu José, sabe aquele que sempre ia lá em casa? – Ela me responde que sim, tirando o pé da boca da Fofinha que já estava começando a fazer barulho de tanto chupar. – Então, eu sempre o atendi do jeito que eu estava, e tu sabe que eu realmente não me importo com roupas em casa. – Ela se vira para mim e levanta as sobrancelhas com um questionamento. – Sim, desse jeito mesmo. Só que hoje, era um cara mais novo, tipo a nossa idade e ficou

encarando o meu corpo como se fosse muita coisa, e eu estava imaginando se eu tivesse um pouco dessa abundância que tu tem como ele iria reagir...

– Cara novo na área maluca? – Ela ri.

– Não... Só o carteiro novo, isso sim.

– Bonito?

Paro um pouco e volto a minha memória para o evento de hoje pela manhã. Com toda a certeza do mundo, o cara merece bem mais que uma segunda olhada. Se ele aparecer de novo na minha porta vou reparar em mais alguns aspectos relevantes.

– Pode ser. – Completo.

Fico lá até o Noah chegar e jantarmos todos juntos. Chego em casa e vou direto para a cama, com um pouco de excitação para saber se o carteiro vai aparecer na manhã seguinte, já que a minha mãe me avisou que comprou diversas coisas nesses últimos dias. Realmente ela é uma consumista, e eu até vou ficar um pouco feliz em acordar antes das nove da manhã para receber as compras.

~

Dito e feito. Três dias depois eu abro a porta e vejo o carteiro e agora posso dizer para a Vaca, sim ele é bonito, e ainda mais quando me vê só de shorts e um sutiã esportivo.

– E aí, Antes de Cristo – começo a puxar papo enquanto ele foca no meu rosto sem desviar aqueles olhos, um de cada cor, dos meus.

– Bom dia. – Um pouco ruborizado ele me cumprimenta. Vejo ele se atrapalhar nos papéis e reparo na marca branca na sua mão direta onde recentemente uma aliança morava ali. Bom sinal, hora de jogar um pouco de charme.

– Novo no trabalho? – Ele volta a me olhar e pisca umas duas vezes e com um aceno de cabeça mínimo possível me responde. – Está gostando? – Lentamente um sorriso se forma no seu rosto e pela primeira vez ele consegue falar comigo mais do que algumas palavras.

– Sim, comecei essa semana, já que o José se aposentou e eu fiquei com a área. – Um sorriso completo se forma e eu aprovei de primeira. Podem me chamar de superficial, mas um sorriso com dentes perfeitos ganha alguns bons pontos comigo. – Ainda mais quando eu sou recebido por algumas pessoas bonitas assim. – Isso foi um flerte? Ele me entrega a planilha para eu assinar a confirmação de recebimento.

Sorrio e aproveito para dar mais uma olhada por aquele corpo escondidos sobre aquelas calças azuis, cor de caneta Bic, e a camiseta amarela ridícula. Dessa vez suas mangas estão um pouco mais levantadas e revelam alguns traços de tatuagem pelo braço e eu aposto que ele deve ter um bom tanquinho. Claro que tudo isso distribuído em um corpo magrelo, mas definido.

– Da próxima vez, eu me arrumo melhor. – Soou um pouco ridículo isso, mas o olhar intenso que recebi, valeu mais do que se eu tivesse me atirado nos seus braços. Entrego a caneta e o papel assinado para ele.

– Não precisa, com certeza tu foi a melhor cliente que eu já recebi nessa primeira semana

de trabalho. – Pisco algumas vezes para assimilar o que escutei e sorrio.

No momento em que as nossas mãos se tocam para ele me entregar o pacote, eu quase mando a minha vontade de puxá-lo para dentro do apartamento para longe, e faço o estrago com esses olhos diferentes. Mas foco no meu autocontrole e quando acordo das imagens que passam na minha cabeça, de tudo que eu poderia fazer com esse carteiro gostoso no meu sofá, ele já saiu.

Putá que pariu, Elis! Está na hora de tu arranjar alguma pessoa para tirar o atraso, antes que tu agarre o teu carteiro!

Capítulo 3

A campainha toca, e eu me levanto com um salto só. Sim, eu me tornei uma maluca, literalmente, pelo meu carteiro!

Eu durmo com a primeira coisa que aparece na minha frente, ou nada mesmo. Mas desde que me mudei para cá, eu venho colocado um pouco mais de roupa que antigamente para dormir. Hoje mesmo, estou de calcinha com o coelho da PlayBoy estampado na minha bunda e uma camiseta até o meio das minhas coxas com o Piu-Piu falando “eu acho que vi um gatinho” no centro. Lindamente linda e sexy!

Corro para a porta quase caindo no chão quando passo pelas diversas caixas que ele já me entregou esses últimos dias. Há tempos que não vou para a fazenda, e eu e a família buscapé vamos nesse final de semana.

– Bom dia! – Falo para o carteiro mais lindo dessa região e que me recebe com o sorriso e os olhos diferentes focados nas minhas pernas nuas. Se eu me importo com isso? Nenhum pouco.

Pode parecer loucura, mas todas as vezes que atendo a porta, e ele me vê com esse entusiasmo e admiração de uma adolescente em ebulição de hormônios, faz a minha autoestima dar um pulo de cem metros a mais que o normal. Nenhuma das vezes que ele fez isso comigo, foi por um lado malicioso e lascivo de sua parte, é mais um olhar penetrante e reverenciado. Me sinto um pouco especial para alguém, e isso me faz um bem e tanto.

– Bom dia! – Ele foca no meu rosto e sorri me mostrando aqueles dentes perfeitos. Por alguns instantes ficamos nesse encanto de troca de olhares. Ele limpa a garganta e desvia o olhar para o pacote que está em suas mãos e me alcança.

O local onde havia uma aliança de compromisso, ou noivado, já está com a cor parelha em comparação em sua mão direita, e isso é um bom sinal, pelo menos posso flertar sem a culpa de estar fazendo isso com alguém a que ele tem algum relacionamento.

– Então Antes de Cristo. – Ele ri de cabeça baixa enquanto marca onde eu tenho que assinar o recebimento do pacote. – Qual é a boa da noite de hoje?

Sendo uma das raras sextas-feiras em que eu tenho a noite livre de folga, pergunto querendo saber se ele é das baladas, ou então mais caseiro. Meu inconsciente espera, ansiosamente que ele seja a primeira opção, e eu nem imagino o porquê disso.

– Uns amigos querem ir a uma balada aqui perto, mas não sei vou. – Ele me alcança a prancheta e eu faço uma assinatura esquisita, já que nem eu mesma tenho uma própria, e a maioria das entregas são para o consumidor. Ou seja, a minha mãe.

– Balada com os amigos sempre é bom! – Termino de colocar o CPF da minha mãe e entrego a prancheta. Em um quase impulso, eu falo, que eu quero ir junto com ele, mas ainda bem que o meu filtro entre o meu cérebro e a minha língua funciona pela primeira vez.

– É... Não sei ainda. E os teus? – Opa! Um bom sinal essa pergunta.

– Tenho o “mesversário” de três meses da minha afilhada hoje à tardinha e depois estou

livre. – Dou um sorriso cheio de segundas, terceiras e até décimas intenções e ele retribui.

– Aquela que estava aqui semana passada? – Ai que lindo, ele se lembrou da Fofinha que dormiu aqui esses dias. Em comum acordo, eu impus ao Noah e a Su que despachassem as suas malinhas lindas comigo para eles terem uma noite de casal em tempos em tempos.

– Ela mesma! – Definitivamente ganhou alguns pontos comigo naquele dia por brincar com ela que chorava de fome enquanto eu assinava o recibo. Óbvio que a mocinha ficou encantada com aqueles olhos com as cores que ela mais gosta, azul e verde e queria os pegar.

– Já algum plano. – Freio a minha língua antes que eu fale “bom plano é tu nu no meu sofá!” e ele saia correndo e chame a polícia por assédio sexual em local de trabalho. Aí sim eu assino o meu atestado de loucura!

Conversamos mais alguns segundos e ele vai embora, mas não sem antes eu dar uma boa olhada naquela bunda que preenche aquela calça azul horrenda.

– Elis, minha filha! – Fecho a porta e me escoro nela. – Com toda a certeza do mundo tu precisa transar e ficar bêbada, e de preferência os dois juntos, mas não misturados!

Saio para o banho rindo como uma maluca e sozinha pela casa.

~

– Tem certeza que não quer ir junto? – Pergunto pela milésima vez para a Su, que acabou de estender um varal cheio de roupas da Fofinha, ela parece uma máquina de trocar de roupas.

– Já estou indo. Vou deixar o meu marido superciumento com as crianças e vou para a festa da tequila com a minha amiga. – Ironia sai de cada palavra que ela fala.

Pego mais um pedaço do bolo de “mesversário” de três meses da Fofinha e deixo o chocolate com morango fazerem a festa pelo meu corpo com a overdose de glicose. Ela está cada vez maior e mais sapeca que nunca. Ainda mais que agora ela começou a dar uns gritinhos de felicidade e enrolar a língua para tentar falar. A Su e o Noah amam quando ela começa a fazer isso de madrugada, lá pelas três da manhã. Até o Yago acorda quando ela começa a gritar e a pedir atenção de todos na madrugada, nem se parece com um certo ex-modelo que sempre quis ser o centro das atenções.

– Ainda mais que tu sabe que eu nunca gostei de ir nessas festas e depois te carregar bêbada para casa. – Enfio mais uma garfada do bolo e respondo de boca cheia mesmo.

– Tequila grátis e tu quer que eu volte para casa me lembrando de quem eu sou? – A vaca olha para mim e revira os olhos.

Sáímos da sua cozinha e vamos até a sala. Noah está brincando no chão com a Fofinha em cima de um tapete improvisado e com o Yago deitado junto com eles.

– Quem é a Fofinha do papai? – Ela ri alto e tenta pegar o Noah, que se afasta dela e quando volta para beijá-la tenta pegar os olhos do seu pai.

Esses dias ela estava lá em casa comigo enquanto o Noah e a Su saíam e a coloquei na frente do espelho, e eu e o Yago, quase nos mijamos de rir dela tentando pegar os seus olhos no reflexo. É claro que o sorriso frouxo dela também ajudou muito para a cena. Ontem ela estava encantada com os seus sapatos azuis e queria pegá-los de qualquer jeito.

A cada dia que passa a nossa Fofinha arrebatava os nossos corações. Tanto dos pais e irmão, da dinda babona, ou então de todos que a conhecem. Até a minha avó se redeu aos seus encantos e já pediu para deixar ela alguns dias lá em casa enquanto o seu bisneto não vem. Claro que isso nem foi uma indireta, bem direta, para mim.

A cada mês que passa a minha avó fica mais abusada quanto a esse assunto. Eu sei que ela quer um bisneto mais que tudo, mas alguma vez ela me perguntou se eu queria um filho? Claro que não!

Na real, nem eu mesma sei a resposta para isso...

Su se junta no chão com os seus filhos e o seu marido. Aquela pontinha de inveja de toda essa casa cheia da minha amiga volta como uma profunda dor no meu coração.

– Vou para casa. – Falo pegando a minha bolsa, tentando afastar as visões da minha casa vazia, bem diferente da cheia dessa alegria que há aqui.

– Tira pelo menos o glacê do rosto – Noah me fala. – E vê se não me liga às quatro da manhã para te buscar.

Me olho no espelho que tem em uma das paredes da sala e vejo que até o meu nariz está sujo de glacê. Realmente o bolo está ótimo e eu nem me preocupei em comer decentemente, e sim, em pegar o máximo que eu consegui antes do meu estômago se encher. E isso só aconteceu depois da terceira fatia. Amanhã com certeza vou bater aqui para pegar mais um pedaço ou dois, ainda bem que a Su conhece as formigas que a rodeiam.

– Eu estava sem dinheiro para o táxi! – Lambo o meu dedo e tiro o excesso de glacê do meu rosto. – E tu não fez mais que a tua obrigação que me buscar.

– Tu estava tão bêbada que fez eu abrir o teto solar do meu carro e se levantou e veio gritando “eu sou a rainha do mundo” até chegarmos aqui, oh Leonarda di Capria! – Puxo na minha memória essa cena e alguns flashes do Noah me puxando para o banco e o vento batendo na minha cara me veem a memória. Começo a rir.

– Eu não me lembro de tudo isso! – Vejo a Su olhar para mim com aquela cara de quem não acredita que eu estou falando.

– Meu Deus, Elis! O Noah quase teve que te trazer no ombro de tanto que tu gritava, dizendo que queria voltar para o navio! Tive que te colocar em baixo do chuveiro com roupa e tudo.

Ah! Isso eu me lembro! Como esquecer a água gelada dando trocentas facadas no meu corpo?

– Que seja! Eu estava feliz. – Chego até a Fofinha e o Yago no chão e encho os meus afilhados, quase sobrinhos, de beijos.

– Elis! – Su me puxa pelo braço antes que eu saia na porta e eu vejo um misto de preocupação no seu rosto. – Por favor, não faz loucura, certo?

– Pode deixar vaca, – dou um beijo na sua bochecha e a abraço, – eu vou me comportar.

Entro no meu carro, ligo o som a todo volume e, para a minha sorte, está tocando a música mais depressiva que eu conheço do rock gaúcho: “Sob um céu de blues”. E eu começo a cantar a música me lembrando do episódio daquela bebedeira.

“Bom dia o sol nascente

Eu vim pra contar minha triste história

Minha garota me abandonou

Numa estação

De trem”

Deixo o vocalista cantar a sua desgraça e as cenas de mais um rompimento inesperado me veem a cabeça. Sinceramente, já perdi as contas de quantas vezes eu me apaixonei, me entreguei de corpo e alma e me fodi lindamente, com direito a porre e tudo.

Claro que, com quase trinta anos de idade, eu já deveria ter aprendido a lição, mas a burra aqui sempre pensa que a próxima vez vai engrenar e que finalmente vou ter o meu “felizes para sempre”. Só que não.

Então eu saio, encho a cara até não lembrar em que planeta estou e bola para frente. Antigamente eu tinha a Su para me acompanhar, e depois de eu a ver ter que passar por tudo para ser feliz agora, vejo que não passo de uma idiota e chorona.

Minhas crises de depressão, e auto-depreciação, chegam a ser infantis e sem cabimento depois de tudo que eu vi a Vaca e o Noah passarem com o Yago. Aquilo que vivi e vi no hospital ao lado deles, era sofrimento de verdade e não essas coisas de adolescente que eu faço de vez em quando e ainda tenho que ligar para pedir ajuda e fazer escândalo.

– Parabéns Elis, – falo para o nada – tu é realmente uma vaca!

Chego em casa e termino de me arrumar e maquiar. Claro que com aquela música emo depressiva, só faltava a faca para eu cortar os meus pulsos para ficar completa, porque as lágrimas não aguentaram o primeiro refrão. Bem que o meu gineco me avisou que eu poderia ficar um pouco emotiva no primeiros dias de troca do meu anticoncepcional.

Eu menstruava como uma vaca. Não que elas menstruem, mas literalmente seria a mesma quantidade se fosse o caso. E agora eu me rebelei e cheguei para o médico e falei: ou ele me parava de ficar parecendo que levei uma facada interna ou eu iria colar o meu útero com super-bonder para nunca mais sair uma gota de sangue que fosse! E depois dessa minha ameaça, sai de lá com um remédio contínuo. Adeus cólicas horríveis, e o esquecimento de comprar absorvente estilo fraldas!

Chego na balada para arrasar, os meus pés! Estou com um salto gigante e uma roupa um pouco mais recatada que eu estou acostumada a usar em festas desse tipo. Na verdade, só vim por causa da tequila e da música que eu quero dançar até não sentir as minhas pernas.

Pego a primeira dose, viro e já me preparo para a segunda. Uma música mais alegre começa a tocar e eu deixo o álcool percorrer as minhas veias e me deixarem um pouco mais solta que o habitual.

Danço umas cinco músicas como se o mundo fosse acabar depois da próxima. Sempre gostei de dançar, é uma sensação de liberdade, libido e prazer que tento soltar pelos movimentos do meu corpo. A Su sempre perguntava se eu estava com alguma pulga dentro da minha calcinha pelo meu jeito descompassado de dançar, mas nunca dei bola se estava arrasando ou passando vexame com isso, só queria dançar até ficar exausta.

Dispenso uns três caras, que só pelo fato de verem alguma mulher sozinha, já acham que estão com sorte. Hoje eu só quero me esquecer de tudo a minha volta.

Vou para o bar e desço mais umas duas doses, e quando estou pegando o quarto copo de tequila, uma voz me faz arrepiar da cabeça aos pés.

– E se não é a minha destinatária preferida... – Me viro rapidamente e dou de cara com o Antes de Cristo na minha frente.

Nesse pouco mais de mês que ele vem entregando coisas na minha casa, ele nunca me falou o seu nome verdadeiro, assim como eu não falei o meu. Literalmente ficamos conversando na minha porta enquanto eu fico observando aquele rosto e corpo magrelo que eu ainda acho que deve ser bem definido.

Seus olhos, um de cada cor, me observam quase como se quisessem entrar na minha roupa. Pela primeira vez, eu vi luxúria e desejo neles, e fiquei mais atizada ainda. Tenho a certeza que a tequila já subiu para a minha cabeça nesse momento.

– E se não é o carteiro Antes de Cristo. – Seu sorriso perfeito faz uma coisa com o meu estômago e eu pego o meu copo com a dose de tequila.

Imagens de eu agarrada no pescoço dele e querendo a resposta para saber se a sua barba no meu rosto é tão alucinante quanto eu imagino me veem à cabeça. Começo a levar o copo aos meus lábios e quando eu menos espero, o sinto pegar a minha dose e tomar na minha frente. E do nada ele me agarra.

O gosto da tequila ainda está na sua boca e eu me deixo me embriagar direto da fonte.

~

Acordo no meu sofá com uma dor de cabeça horrível e como se tivesse tomado um litro de álcool puro. Me sento e vejo que estou só de calcinha e com a blusa que sai ontem. Olho para o meio da sala e vejo as minhas calças, sapatos e o meu sutiã espalhados.

– Ai, droga! – Falo e volto a me deitar no sofá.

Minha cabeça roda diversas vezes enquanto eu tento me lembrar da placa do caminhão reboque, com uns cinco navios de cargas cheios, que passou em cima de mim e do nada as imagens vieram.

Eu com a minha depressão de adolescente, com dor de cotovelo. Ok.

Eu me arrumando para ir na festa. Ok.

Eu tomando todas. Mais que ok.

O Antes de Cristo aparecendo na minha frente... Ok.

Nós nos beijando como dois desentupidores de pia. Muito ok!

Eu chegando em casa com ele me amassando. Oh droga...

Eu tirando as roupas dele e ele as minhas. Oh merda...!

Nós transando enlouquecidamente no meu sofá. Puta que pariu!

Levanto não querendo mais me lembrar de coisa nenhuma! Dou uma cambaleada e me seguro no sofá.

– Oh, merda! – Corro para o banheiro sentindo a primeira ânsia me dominar.

E é o quanto eu chego no banheiro para colocar o protesto do meu estômago como prioridade nesse momento.

– Acho que vou morrer! – Meio trôpega, falo para as minhas paredes brancas, e espero ansiosamente a resposta dos azulejos.

Depois de esperar o protesto do meu estômago passar, tomo um banho gelado só para me castigar mesmo.

Onde eu estava com a minha cabeça de fazer a maluquice de trazer o carteiro do bairro para a minha casa e transar com ele loucamente!?

Eu sei que na tequila, mas eu poderia ter o mínimo de bom senso em não atacar o coitado do rapaz desse jeito. Meu corpo dói em locais estratégicos e eu sorrio me lembrando do corpo dele unido ao meu. Droga Elis! Foco nos danos, e não nas alegrias desse encontro, que pela minha memória foram várias em doses repetidas.

Como eu suspeitava, o carteiro é gostoso! Aquela tatuagem dele no seu braço me fez ver estrelas em uma noite de nuvens espessas prontas para um temporal dos pesados.

Saio do box e vejo o meu espelho pintado de batom com a palavra “Desculpa” e assinado com um “AC” embaixo e confirmo: essa foi a maior maluquice da minha vida!

Coloco uma roupa simples e vou para a minha cozinha para comer alguma coisa e começar a minha hidratação para não sofrer tanto com a ressaca. Flashes com a cena de ontem começam a voltar a minha cabeça e eu me pego sorrindo para o nada, mais uma vez.

Então me lembro que eu vou ter que vê-lo quase todos os dias com as compras da minha mãe e tenho vontade de grudar a minha cabeça na parede, mas só depois que ela parar de doer com essa ressaca.

Como vou lidar com o sorriso perfeito dele e aqueles olhos hipnotizantes no meu corpo sabendo que ele já explorou cada centímetro dele? Bem como eu que agora sei o que aquele uniforme ridículo esconde por baixo?

Ele estava bem à vontade no meu apartamento e com o que estávamos fazendo. Será que isso poderia se transformar em uma coisa a mais? Estaria dentro do seu regulamento de carteiro?

Será que existe uma proibição para que ele não possa se envolver com alguma destinatária? Ou ele teria que mudar a sua rota, ou até mesmo ser demitido do seu cargo público com isso?

Ahhh droga! Será que eu estraguei com a vida dele enquanto fazíamos isso?

– Sou uma vaca mesmo! – Levanto buscando as minhas chaves antes que eu enlouqueça aqui com esses pensamentos e saio para o único refúgio que eu tenho.

Toco a campainha mais delicadamente, já que o meu estilo de “chegar chegando” pode assustar a Fofinha e eu não estou nenhum pouco a fim de ser xingada hoje pela Su. Noah abre a porta e eu entro sem cerimônia nenhuma.

– Bom dia...

– Bom dia, Noah! – Falo com um sorriso falso. – Cadê a vaca e as crianças? – Estou um pouco aflita e preciso desabafar com alguém.

– Saiu para resolver umas coisas no trabalho sobre a festa de hoje. Aconteceu alguma coisa? – Seu tom de preocupação quase me faz contar tudo para ele, mas tenho a certeza que o meu quase cunhado não vai gostar de ficar escutando a minha aventura da noite passada.

– Nada, não. Quer ajuda para ficar com as crianças? – Pergunto vendo o alívio nos seus olhos azuis atrás daqueles óculos que ele usa.

– Por favor! – Rio com o seu desespero e sei que ele está totalmente apto de cuidar dos seus filhos, mas ele tem um receio danado de fazer algo errado.

Como eu esperava, a Fofinha estava em seu bebê-conforto na sala com o Gato aos seus pés, como se ela fosse sua e ninguém pudesse chegar perto da sua preciosa. No momento em que ela me vê dá um gritinho de felicidade e se desperta toda balançando os pezinhos quase chutando a cara do Gato.

Pego ela no colo e deixo o cheiro de bebê limpo e puro me invadir, mas o que sinto é um cheiro estranho e quase que o meu estômago vem para fora de novo.

– Ai meu Deus, Fofinha! – Falo e o Noah me dá um sorriso se desculpando para a minha volta.

– Fabricado agora, troca para mim?

Noah faz uns olhinhos de cachorro pidão por trás daqueles óculos caríssimos que ele usa e a Fofinha mete a mão na minha boca para que eu olhasse para ela.

– Tia Elis, o papai não sabe mudar a minha fralda, ainda mais quando ela está carregada assim, troca para mim, por favor. – Falo para ela que se contorce toda rindo de mim, minha fofinha linda.

Noah ri enquanto eu carrego a produtora de material tóxico até o seu quarto. Agora sim eu sinto o cheiro de bebê e pureza no seu quarto. Ele é todo branco com uma listra rosa no meio da parede. Nele só tem o guarda roupa e os utensílios para trocar as fraldas da moça, já que o seu berço ainda está o quarto da Su.

– Oi, Tia Elis! – Yago chega até nós enquanto eu limpo o trabalho sujo de sua irmã e me dá

um beijo na bochecha.

– E aí chato, o que está fazendo hoje?

– Vou jogar vídeo game e tocar um pouco de guitarra. Vai ficar aqui hoje?

Olho para o Yago e vejo a animação dele em me encontrar aqui. Claro que eu não quero voltar para o meu apartamento e me lembrar da maluquice que eu fiz nele ontem à noite.

– Vou, quer que eu faça alguma coisa para comer?

Sei que ele ama qualquer coisa que eu faça, e o Noah também não vai reclamar, já que não sabe fritar nem um ovo sem colocar metade da cozinha abaixo.

– Um bolo de chocolate com cobertura e arroz com galinha? Pode ser?

Fofinha dá uma risada do nada enquanto eu fecho a sua roupinha e a deixo com a bunda limpa.

– Acho que ela concorda com esse cardápio. – Rio e pego ela no colo. – Só faço se tu me dizer que cozinheiro melhor que a minha avó.

– Só posso responder isso semana que vem!

Sáimos do quarto da princesinha e eu a deixo com o seu pai que está terminando de fazer a mamadeira dela. Entrego o pacote e vou para a cozinha onde eu posso me esquecer de tudo e fazer a coisa que eu mais amo nessa vida. Cozinhar para as pessoas que importam para mim.

Capítulo 4

Acordo com um mugido de vaca ao fundo. E não, não é a Su. É uma vaca de verdade, gorda e malhada, até porque estamos na fazenda dos meus pais desde ontem à noite.

Saímos de casa um pouco depois do entardecer. Oficialmente o Noah e o Yago estão de férias de suas atividades escolares desse ano. Viemos no carro do Noah com ele dirigindo e eu ao seu lado, já que a Su tinha que ficar de olho na Fofinha naquelas cadeirinhas de carro. O Yago dormiu antes mesmo de nós sairmos da cidade e claro que os quatro patas também. Aliás, eles são capazes de me deixarem em casa para levar o Gato e o JB no lugar.

Tudo estava às mil maravilhas, até quando alguém contaminou o ambiente por completo com um ataque de refluxo. Resultado: tivemos que sair do carro por uns quinze minutos em um posto de gasolina para desintoxicar o ar. Claro que quem fez isso, só ria das caretas que nós fazíamos para ela enquanto a sua mãe lidava com o vômito nas suas roupas.

Fomos recebidos pela pequena comitiva da minha família. Como sempre, o meu pai implicando com a minha avó, ela o xingando e a minha mãe tentando apaziguar a cena. Ou seja, um dia normal na minha casa. Os mais de quinze cachorros fizeram a festa de latidos e uivos assim que eu desci do carro e abri o portão. A Fofinha ficou em estado de alerta máximo, com aqueles olhos azuis gigantes, olhando para todos os lados querendo saber de onde eles vinham e o Yago queria se atirar na grama para brincar com todos, ao mesmo tempo.

Como já se era de esperar, minha avó já nos esperou com a janta pronta. Um banquete para no mínimo umas quinze pessoas e não as seis pessoas e mais dois terços de outra, se contarmos o Yago e a Fofinha. Minha avó, junto com a minha mãe, ficaram na volta da espoletinha, que estava gritando e rindo de felicidade para as duas, enquanto a sua mãe comia como uma vaca o jantar e repetia mais duas vezes, enquanto eu e o Noah fizemos esse mesmo trajeto, mesa-panela, umas quatro.

– Gordinha, essa guria está com quebrante, amanhã eu vou benzer ela. – Minha vó fala, pela terceira vez desde que chegamos enquanto lavamos a louça.

– Sim, dona Eulália. – Su pisca para mim e teve que repetir mais umas duas vezes para ela entender.

– Amanhã, tu e a Elis vão à venda para mim e deixem ela aqui comigo. – Su olha para mim e eu dou os ombros, dessa ela não vai ter escapatória.

– O Noé vai ficar junto com ela. – Su grita, mas tenho a certeza que a minha avó se fez de desentendida e não vai deixar nem o pai da criança chegar perto enquanto ela estiver fora.

Terminamos de arrumar a cozinha e fomos para os quartos. O Yago já tem o quarto dele, ao lado do meu, e os seus pais no outro lado do corredor, onde vão dividir a cama entre três. O bom de ter uma casa gigante é esse. Temos diversos quartos, e quase todos com banheiro próprio e podemos recepcionar uma pequena excursão. Mas, praticamente só cinco quartos são usados na casa, os outros estão trancados com um metro de poeira incrustada pelas dependências.

Assim que eu abro a porta do meu quarto, me sinto na minha adolescência novamente.

Minhas fotos de infância se misturam com bonecas, brinquedos e pôsteres de bandas que eu gostava há quase vinte anos atrás. Uma parede pintada de pink e outras brancas, eu comprei uma lata de spray colorido e fiz diversos desenhos horríveis, bem como os nomes das minhas amigas naquela época. Nem preciso comentar que isso me rendeu quase um mês trancada de castigo, mas ninguém ousou a mexer na minha rebeldia momentânea.

Acordo escutando a conversa seguida por uma risada inconfundível de criança passando pela minha janela. Com certeza o meu pai já está levando o Yago para o meio dos animais, a Su nem pira quando ele chega só com os olhos e os dentes brancos de tão sujo que fica. Meu pai o ama, adora quando ele vem para cá e o ajuda com a rotina. Desde a última vez que eles estiveram aqui, tenta convencer os seus pais a o deixarem passar uns dias das férias na fazenda.

Saio do quarto usando somente o que fui dormir ontem à noite, uma calcinha e camiseta curta, já nessa hora o calor está de matar.

– Bom dia, vó! – Dou um beijo na sua cabeça e me sento para começar a tomar café.

– Vai colocar roupa menina! Daqui a pouco o Noé e a Gordinha vão estar aqui e tu nesse estado. – Ah se ela soubesse que o Noah já me viu com roupas bem piores...

– Não tem problema vó, ele só tem olhos para a Su e as crianças. Posso aparecer nua na frente dele que ele nem vai dar bola e ainda vai me xingar.

– Não faz isso minha filha! – Ela fala assustada! – Para de fazer essas coisas com o homem casado e vai arrumar um para ti!

Começo a rir da bronca matinal até a Fofinha aparecer na porta da sala no colo da sua mãe. De imediato a minha avó já pegou ela no colo e ficou tentando dar um pouco mais de “comida de verdade” para ela que estava bem a fim de experimentar aquela cuca que estava na sua frente.

Como a minha mãe tinha sido chamada para alguns atendimentos domiciliares, eu a Su ficamos responsáveis pelas compras na venda, como diz a minha avó, mas na real, é no maior mercado na cidade. Tomo um banho rápido enquanto a Su passa mil instruções para o Noah cuidar da Fofinha com a minha avó, e de como não a deixar dar nada para ela comer.

– Certo, – assim que eu pego o carro antigo do meu pai, um verdadeiro fusca 1977 da cor azul calcinha, mas o seu xodó, começo a falar – qual foi a briga da semana?

De longe se via o olhar afiado do Noah e o emburramento da vaca.

– Acredita que o Noah comprou o apartamento vazio ao lado do nosso?

– E...? – Sinto o olhar da Su me fuzilando, mas sigo sem tirar os olhos da estrada.

– E... – Continua indignada. – Ele quer fazer uma piscina em cima da nossa casa e um mini pátio para as crianças brincarem. Meu tio disse que daria para fazer se ele tivesse a área toda de cima do prédio, e não só a parte do nosso apartamento. Aí ele foi lá e comprou o do lado só para isso!

Começo a rir no volante. Sério, impossível não desatar a rir escutando as pirações da Su quanto ao dinheiro que o Noah tem. Qualquer mulher do mundo iria amar a ideia de ter um

homem rico totalmente de quatro por ela, menos a Su. Eles brigam por centavos, e ela fica puta da cara quando ele faz alguma coisa extravagante, como isso.

– Para de rir e presta a atenção no meu dilema! – Seguro o riso. – Agora me diz o que ele vai fazer com aquilo?

– Alugar?

– Não vai ser fácil. – Ela suspira – Estava falando com o síndico esses dias e ele comentou que o prédio todo é comprado, nenhum alugado.

– Sempre tem o primeiro. Ah já sei o que ele pode fazer com o apartamento? Quem sabe um refúgio para quando tu estiver impossível e de TPM? – Olho para ela de canto de olho e rápido para perder o controle do fusca sem direção hidráulica e muita segurança e vejo a cara fechada da minha amiga. – Não? – Ela meneia a cabeça para mim. – Eu tentei...

– Maluca. Eu não estou mais brava com ele, dei o meu troco. – Um sorriso maquiavélico se ilumina naquele rostinho fofo e com as bochechas vermelhas.

– O que tu aprontou, sua Vaca. – A vejo corar mais ainda. – Conta antes que eu atire esse carro em um buraco.

– Deixa de ser maluca Elis, só usei de uma artimanha que faz o meu marido ficar maluco....

– Cama? – Ela desvia o olhar, mas com um brilho no rosto que não me negava nada. – Sua vaca! E ainda na minha casa! E a Fofinha no mesmo quarto!

– Não grita maluca! A Fofinha estava dormindo no seu bebê-conforto e nem percebeu nada, para uma criança de três meses. E digamos que segunda-feira ele vai colocar à venda o apartamento, mas quer ficar com a área de cima dele.

– Depois eu que sou a maluca dessa história. – Começo a rir.

Chegamos no mercado, pouco depois das dez horas, o sol já está a todo o nível em cima de nós e eu faço uma promessa mental que hoje eu me atiro naquele riacho nos fundos de casa. Começamos a pegar as coisas e eu me lembro de uma coisa que aconteceu esses dias.

Estava eu fuçando no facebook, atrás de uma certa pessoa, que até agora não deu as caras na minha casa, para a minha sorte, e nada achei. Sim, eu estava à procura do Antes de Cristo, mas percebi que esse não é o nome dele verdadeiro, e muito menos encontrei pelo sobrenome, frustrante, eu sei.

– Minha mãe me avisou que vai parar de comprar on-line agora. – Falo enquanto coloco um pacote de bala no carrinho.

– Por isso que o carteiro não apareceu mais? – Su coloca três pacotes de fraldas por precaução, se fosse uma criança normal, eu entenderia, mas a Fofinha é uma fábrica de fraldas sujas.

– Sim, meu pai cortou o cartão de crédito dela. – Claro que eu fiquei meio decepcionada com isso, ainda pensava naquele nosso pequeno acidente no sofá da minha casa.

E também pensava como seria a nossa reação nesse primeiro encontro. Ele iria se agarrar em mim de novo para um repeteco daquele final de semana? Ou então se desculpar, novamente, e eu xingar ele por ter estragado o meu batom novo vermelho e só o perdoaria quando estivesse embaixo dele e sentindo cada centímetro do corpo dele no meu?

Aloooooou! Acorda Elis! Esse encontro iria ser o mais desconfortável de todos! Vocês não iriam sem se olhar decentemente, porque, aquela alegria por flertar sem problema nenhum, foi dissipada quando tu abriu as calças dele com os dentes aquele dia.

– E agora? Tu vai começar a comprar também, só para ver ele?

– Eu pensei seriamente nisso, mas acho que ele acharia estranho do nada parar de entregar para a Agnes e começar a entregar para a Elis.

Su me olha séria e eu volto a focar nos doces a minha frente.

– Tu está me dizendo que ele não sabe o teu nome verdadeiro? – Continuo a encarar a prateleira e respondo quase como um sussurro.

– E nem eu sei o dele...

– Sua maluca! Elis do céu, dessa vez tu te superou no nível estratosférico! – Me viro para ela e vejo a cara de poucos amigos da vaca.

– Hey! Aconteceu, eu estava levemente alterada. – Ela levanta uma sobrancelha interrogativa. – Certo, severamente alterada, mas aconteceu! E eu não posso mais fazer nada sobre isso.

Su pega umas três barras de chocolate e eu sei que ela ficou puta da cara comigo. Nem me atrevo a dizer que não usamos camisinha naquela noite. Nesse quesito eu concordo que foi uma loucura e tanto, de ambas as partes envolvidas, mas agora já foi. E ao contrário da minha amiga vaca emburrada, eu não me esqueci de tomar nenhum dia a minha pílula, então estou a salvo.

~

– Mãe, por favor! – Yago usa de toda a sua artimanha com aqueles olhos verdes, juntando com as que aprendeu com o seu pai para convencer a Su.

– Uma semana aqui com o Hélio e a Agnes? É muito tempo, Anjo! Tu vai acabar atrapalhando eles.

– Não Su – meu pai se intromete. – Ele me ajuda, mais que a Elis fazia na idade dele. Hoje mesmo ele me ajudou em um parto de uma égua. – Será que eu fiquei invisível e ele não percebeu a minha presença aqui para falar isso?

– Pai...? – Yago se volta para o Noah que fica em uma sinuca de bico completa. A cena chega a ser hilária, pois ele não sabe se olha para a Su que está contra, para o Yago implorando, ou para a Fofinha que acabou de enfiar a mãozinha no prato dele, e agora passou na sua camiseta.

– Eu... – Vejo a Su olhar para ele com uma cara “não me contraria na frente dele” e o Yago “por favor, melhor pai do mundo” – Por mim não tem problema, mas tu só pode se a tua mãe deixar.

– Mãããe, por favor, por favorzinho! Eu quero ser veterinário quando crescer.

Pronto, perdi o meu cargo de filha favorita da casa para o Yago nesse instante e com essas seis palavras simples. O sonho dos meus pais sempre foram que eu me tornasse veterinária para seguir o legado da família Anzelotti, meu avô já era, e eu seria a continuidade genética. Foi uma briga e tanto quando eu me inscrevi para nutrição como primeira opção e veterinária em segunda. Estudei como uma vaca e consegui passar de primeira e com ampla colocação para a primeira opção, quase que eles vetaram a minha ida para a faculdade por birra com a minha escolha.

– Uma semana é muito tempo, Yago. – Su pondera a decisão de deixar ou não.

– Se ele quiser ir para casa eu o levo. – Minha mãe fala e o Yago abre um sorriso gigante.

A expectativa dos quatro, porque até a minha avó quer ter para quem cozinhar a mais, fica grande. Todos estão olhando para a Su até que ela solta um suspiro e joga a sua decisão.

– Certo.... Mas qualquer coisa que acontecer, Hélio e Agnes estão autorizados a te chamarem a atenção, ou te levar para casa no mesmo instante, compreendido?

– Obrigado, obrigado, obrigado! – Yago se levanta como um furacão e se atira os braços da sua mãe e a beija em todo o rosto. – Eu vou me comportar como um anjinho! – E com isso todos na mesa riem.

Depois de arrumarmos a cozinha do jantar, todos vão para os seus quartos e eu fico completamente sem sono. Caminho até a varanda aqui de casa e me sento em uma das cadeiras velhas que tem. O tempo está limpo, só a lua ilumina os meus pensamentos mais solitários sobre aquela noite.

Não me lembro de muitas coisas, só de pedaços que não se juntam. Da barba dele percorrendo meu corpo em direção ao paraíso, seus olhos diferentes e exóticos fixos em mim enquanto eu me derretia de prazer sob as suas mãos e o que elas faziam em mim. Lembro de ter deixado ele louco também, enquanto eu explorava aquela tatuagem no braço. Não era um desenho definido e sim tribais que, naqueles braços não tão musculosos, davam um upgrade perfeito.

– Droga Elis! Tira isso da tua cabeça! – Falo para mim mesma!

– Ficou maluca de vez e agora está falando sozinha? – Dou um pulo de susto e vejo o Noah escorado na porta com um copo de água nas mãos.

– Puta merda! Vai assustar a mãe, Noah! – Ele ri e se senta na cadeira ao meu lado.

– Não posso, ela já morreu. – Oh droga! Tenho que parar de falar isso para ele, sempre me esqueço desse detalhe. – Posso saber o que te aflige para ficar nesse momento de reflexão profunda no escuro?

– A vida – suspiro e ele começa a rir. – O que foi não posso filosofar sobre ela?

– Elis, sua vaca, desde quando tu te preocupa com isso?

Pisco algumas vezes para um Noah só de bermuda na minha frente enquanto eu estou de calcinha shorts e camiseta.

– Desde hoje! – Falo por fim e ele concorda com a cabeça.

– E quais são os pensamentos tão profundos que essa mente maluca tem nesse momento?

– Muitos. – Bufo sem querer entrar em detalhes da minha pequena escapada com o carteiro.

– Quem é tu e o que fez com a nossa Elis? Aquela que não pensava antes de agir e que não estava nem aí para o que os outros pensavam?

Olho para o Noah pela penumbra da luz da lua e me pergunto a mesma coisa. Acho que essa é a primeira vez que eu pensei na consequência dos meus atos. Fico parada olhando para o nada.

– Não acredito... – Uma risada profunda vem de dentro do Noah. – Tu está amadurecendo como pessoa!

No fundo ele tem razão. Cansei de viver a minha vida sem me preocupar com o futuro e, ontem mesmo, quando estava com a Fofinha nos meus braços, percebi que um dia quero ter uma só para mim. Essa áurea familiar que rodeia os meus amigos, por incrível que pareça, está me contagiando. Se antes eu vivia um dia de cada vez, hoje já penso em um amanhã e um depois. Um futuro para ser planejado. Já tenho quase trinta anos e está na hora de eu sentar a minha vida nos eixos um pouco. Uma lágrima escorre e antes que ela seja percebida pelo Noah eu a limpo.

– Acho que sim Noah, mas estou morrendo de medo e não sei o que fazer. – Ele sorri para mim.

– Ah Elis, acho que todos nós temos esse receio de aceitar que já não temos idade para fazer mais essas loucuras de adolescentes. Até pouco tempo atrás era eu que estava sofrendo com isso, mas olha onde eu estou agora.

A admiração que o Noah tem pela sua família é evidente a quilômetros de distância. Quem o vê hoje, com certeza nunca iria acreditar no passado de glamour de modelo internacional que ele deixou para trás em prol do estilo de vida simples que ele e a Su levam para criar os filhos.

– Tu sabe que vamos estar ao teu lado em qualquer coisa que tu precisar, não é? – Ele me pergunta depois que eu fiquei em silêncio esse tempo todo.

– Sei. – Murmuro. – Obrigada.

– Tu vai ver que tudo vai dar certo Elis, crescer não dói tanto assim. – Vejo ele se levantar, beijar a minha cabeça com o afeto de um irmão e entrar em casa.

~

Estou com a Fofinha brincando no sofá, sairemos em poucos minutos. O carro já está carregado e a Su e o Noah estão dando os últimos avisos e recomendações ao Yago e aos meus pais. Eu estou encarregada de não deixar a mocinha sozinha enquanto esperamos as corujas se despedirem. Faço uma careta e sou retribuída com a mais gostosa risada que já escutei, quando a minha avó aparece.

– A Gordinha tem que trazer ela mais vezes aqui para eu benzer ela, de tanto quebrante que vocês colocam na criança.

Traduzindo: tragam ela para mim seguidamente, enquanto eu não tiver um bisneto ou bisneta de ti.

– Semana que vem eles vão voltar aqui para buscar o Yago, vó. Não precisa ficar preocupada, ela não vai ficar tanto tempo sem voltar aqui.

– O menino dela é um amor, come como tu e parece que não tem fim o que cabe dentro dele. – Ou seja, o bisneto perfeito para ela ficar em volta das panelas o dia todo.

– E tu vai fazer todas as vontades dele, não é? – Ela me dá um sorriso enigmático e sai para a cozinha. Se o Yago não engordar uns cinco quilos nessa semana aqui, não é nada.

A Su já estava nervosa com essa possibilidade de deixar ele tanto tempo sem a sua supervisão desde ontem depois que ela o deixou ficar. Essa vai ser a primeira vez, desde que ele foi morar com eles, ainda doente, que vão passar tantos dias separados. Já estou me preparando psicologicamente para aguentar ela choramingando como uma vaca que desmamaram o seu bezerro antes do tempo.

– Acho que é isso. – Ela chega na sala com uma cara abatida. Quem vê parece que eles vão ficar um ano separados, e não apenas sete dias.

O Noah está mais calmo com essa situação e é mais calmo nessa questão de deixar ele mais solto. Ele pega a Fofinha do meu colo e a beija diversas vezes.

Yago chega na sala acompanhado dos meus pais, com um sorriso imenso no rosto. Meus pais parecem que estão no paraíso com a possibilidade de ter uma criança novamente pela casa. Sei que eles sempre quiseram mais filhos, mas as circunstâncias de trabalho e manter a reputação no trabalho sempre adiou esse sonho, e eu acabei sendo filha única. Eles consideram a Su como uma filha, então automaticamente o Yago seria a personificação de um neto, e não poderia ter saído melhor que a encomenda com essa afinidade com os animais que os três têm.

– Vamos então? – Me levanto e puxo a carroça primeiro, antes que eles desistam de tudo e acabem ficando aqui. – Tchau pai, semana que vem estamos aqui de volta para buscar o Yago. – Dou um beijo nele que me faz algumas cócegas nas laterais do meu corpo, como sempre fez quando eu era criança, sabendo que esse é o meu ponto fraco.

– Tu está diferente. – Ele me fala baixinho no ouvido quando termina o ataque em mim. – Como se estivesse com um brilho a mais.

– Deve ser a comida da vó – falo e pisco um olho para ele sorrindo. – Tchau mãe! – A abraço forte e dou um suspiro forte.

Por mais velha que eu seja ainda tenho o sentimento de tristeza quando me despeço deles. No fundo sabia que eles queriam que, depois que eu me formasse, voltasse para casa. E eu pensei seriamente nesse assunto no último ano de faculdade, de me estabelecer aqui. Mas coloquei na balança os prós e contras, como o crescimento e realização profissional, versus a mesmice da cidade do interior e sem tantos desafios. Optei por ficar onde estava.

– Por que tu não fica? – Sua voz melosa me faz ter aquelas pitadas de arrependimento de largar tudo e vir para cá.

– Trabalho. – Sussurro.

– Uma semana de folga não vai te deixar morrer de fome, fica até quinta, ou sexta. Estou com um sentimento tão ruim com essa despedida, minha filha.

Seus olhos ficam melancólicos por alguns segundos. Minha mãe sempre foi de acreditar nos pressentimentos e afins, já eu nunca dei bola para essas coisas. A beijo demoradamente na bochecha para a fazer esquecer dessa bobagem.

Entramos no carro e o JB fica em estado de pânico quando vê que o Yago não está dentro do carro e começa a latir em desespero. Tanto que ele teve que ficar na minha casa junto com ele. O Gato chegou a dar uma meia miada como quem dissesse “o reino é todo meu agora”. Voltamos para casa em silêncio nós quatro, já que a Fofinha dormiu o caminho todo.

– Vocês dois vão ficar bem? – Pergunto assim que eles estacionam no meu prédio.

– Vamos... – Noah me responde meio que em dúvida se estava me respondendo ou afirmando isso para ele mesmo.

– Vamos sim – um sorriso fraco vem no rosto da minha amiga – são apenas alguns dias, e ele tem que aproveitar as férias um pouco e não ficar trancado no apartamento o tempo todo.

– Hey, eu ia levar ele na praça para andar de bicicleta, todos os dias. – Indignado seu marido responde.

– Que nada, vocês vão um dia e o resto iriam ficar na frente do vídeo game jogando que eu sei.

– Que mentira, Fofa! – Su se vira para ela para ele e o encara seriamente, até seguro o riso para não estragar a cena.

– Mentira nada, vocês fizeram isso ano passado! “Vamos andar de bicicleta, ir ao cinema e fazer muitas coisas”, tu falou. E acabaram no ar-condicionado em casa e jogando!

– Sim, vocês dois vão ficar bem, já estão até brigando. – Fecho a porta do carro e me apoio no vidro. – Amanhã passo lá para jantar, pode ser?

– Vou comprar uma garrafa de tequila. – Noah pisca para mim.

– E eu um quilo de chocolate – Su acrescenta.

– Fechado! Segunda feira do porre e das guloseimas, perfeito!

Subo para o meu apartamento, passando pela portaria vazia e aberta como sempre. Por um instante, tenho o pressentimento ruim sobre isso, mas assim que entro no meu apartamento e vejo a bagunça que eu deixei ele, o sentimento se esvai.

Capítulo 5

Acordo com sol entrando pela minha janela. Pisco algumas vezes para me situar no meu quarto e me acostumar com a luminosidade. Esqueci, mais uma vez de fechar a janela antes de dormir. Olho para o lado vazio da minha cama e o meu celular pisca algumas notificações. Nada de relevante que vá me fazer levantar nesse momento.

Me viro e coloco o travesseiro em cima da minha cabeça para tentar dormir mais um pouco. Sábado da preguiça, já que ontem cheguei em casa de um evento, quase às três da manhã. Era para ser uma festa simples de noivado, mas acabou se estendendo até esse horário. Eu estava sozinha, com a Carla no comando, já que a Su teve que ficar em casa com a Fofinha resmungando com um pouco de febre depois de uma vacina.

Para ela estar choramingando e tristonha, só estando doente mesmo. E a Su não pensou duas vezes em desistir de ir ao evento para ficar com a sua filha. É claro que essa era a coisa certa a se fazer, por mais que o trabalho seja importante para ela, sua família vem sempre em primeiro lugar. Pego o meu telefone e ligo para a vaca.

– Oi, Vaca – ela me atende com uma voz cansada.

– Está tudo bem por aí? – Me viro de barriga para cima e fico olhando para o meu teto branco. – Como está a Fofinha?

– A noite foi complicada, ela chorou e teve febre quase o tempo todo. O Noah queria levar ela no hospital, mas era coisa fraca e o médico já tinha me avisado que isso ia acontecer.

– Coitadinha! – Meu coração se aperta em saber que a minha afilhada ficou desse jeito. – Quer que eu vá para aí te ajudar, para vocês descansarem?

– Ela dormiu agora no meu colo, vou colocar ela na cama ao meu lado e capotar junto.

– E o Noah?

– Saiu para buscar o Yago assim que almoçamos. – Ela dá uma risadinha – Ele já estava ficando meio louco em só ver mulher na frente dele, e jogando vídeo game sozinho. Esses dias vi ele deitado na cama do Yago com o Gato junto com ele.

Tento não começar a rir das pirações do Noah, mas quem disse que a Su ficou a salvo delas também? Minha mãe chegou a me ligar dizendo que ia desligar o telefone se ela não parasse de ligar perguntando como o Yago estava. E fora que ela ficava neurótica com qualquer coisa que acontecesse na sua volta, até no trabalho e em casa era dez vezes pior. Quinta à noite eu estava lá e a Su estava mais doida que o padre que voou nos balões.

– Daqui a pouco eles devem estar saindo de lá, o Noah me ligou dizendo que a tua avó já raptou ele para fazer algumas coisas em casa. E que eles ficaram reclamando porque tu não foi junto.

Gemo na cama. Sabia que se eu fosse eles iriam me fazer voltar só amanhã à noite, e eu não estou com vontade de ficar no meio da fazenda perdida com os meus pensamentos digna de uma mente desocupada que pensa em tudo que é merda que pode acontecer. Como ontem que eu

sonhei que estava grávida. Já pensou na loucura que seria?

– Elis? – Su me acorda do meu devaneio momentâneo.

– Não ia ter condições de aguentar mais um final de semana lá.

– Ainda mais que hoje poderia aparecer um certo carteiro e...? – Ela deixa a frase subentendida.

– Não começa! – Advirto.

– Nenhum sinal dele?

– Não... – murmuro.

Mais de duas semanas e nada de eu rever o Antes de Cristo novamente. Confesso que a cada vez que a minha campainha toca, eu quase tenho um treco, síncope, princípio de convulsão e um nervosismo do cacete, mas se esvai todas as vezes que vejo que é o síndico para buscar o lixo ou então outro entregador de uma companhia particular para realizar a entrega. Cheguei até a questionar se os correios estavam em greve, mas vi vários passando por mim essa semana, e nenhum tinha os olhos de cor diferente.

– Vou dormir– Su boceja no telefone.

– Vai lá, se precisar de ajuda, me chama. Certo?

– Pode deixar.

E desligo o telefone. Me sento e me vejo no espelho na minha parede em frente à minha cama. Meus cabelos parecem que uma galinha ciscou até não querer mais e se sentou em cima de tão enredado e bagunçado que está. Minha cara amassada, com olheiras, que fariam uma pessoa me confundir com um cadáver, e inchada de sono. Só levanto porque se eu demorar muito, vou mijar na minha cama.

Tomo um banho para melhorar o meu aspecto e perco uns bons dez minutos tentando desembaraçar esse redemoinho dos meus cabelos sentada, só de toalha em cima da cama com um pente. Coloco uma roupa simples e vou matar o mostro que habita o meu estômago e que está tentando tomar o lugar do Pavarotti em uma ópera de tanto gritar de fome.

Acho um pedaço de bolo na geladeira e arremato ali mesmo. E então tudo começa assustadoramente.

Um barulho de tiro e uma pessoa gritando ecoa no corredor do prédio.

– É ASSALTO PORRA! ABRE OU EU ATIRO! – Escuto ao fundo e entro em pânico!

Puta que pariu! Estão assaltando o prédio e eu sozinha em casa. Primeira coisa que eu penso é em pegar alguma coisa para me proteger. Moro no segundo andar, e só tem 3 apartamentos no andar de baixo, a qualquer segundo eles podem chegar aqui, se já não estão.

Abro a gaveta de facas e pego uma grande, e de quebra a frigideira que está em cima do fogão. Não sei porque peguei ela, mas qualquer coisa que possa me proteger é lucro. Penso em correr até a porta para trancá-la, mas quando estou saindo da cozinha, armada com a frigideira e a faca, escuto outro barulho de tiro! Foda-se a porta, preciso me esconder. E AGORA!

Penso em de baixo da cama, mas isso seria o primeiro lugar que eles procurariam, assim como no banheiro. Por um insight que me lembro de eu e o Yago brincando de se esconder aqui no apartamento e de um espaço entre as minhas painéis de baixo da pia. Se ele coube ali, eu posso me espremer e entrar também.

– NÃO ADIANTA LIGAR PARA OS HOMENS! ELES NÃO VÃO CHEGAR A TEMPO! – Escuto e mais um tiro seguido de risadas!

Me atiro no chão e me espremo por entre as painéis, fecho a porta do armário e fico escondida. Começo a chorar de medo, no escuro com o que pode acontecer comigo. Estou com os joelhos encostados na minha testa e abraçando as pernas. Pela primeira vez na vida, eu agradeço por ser esquelética quase virada em couro e osso.

Por mim eles podem levar o apartamento inteiro, não tenho nada de muito valor aqui, além da minha própria vida. Só rezo para eles não me machucarem ou até mesmo me matarem.

Fico com os ouvidos atentos a cada barulho que acontece na minha volta. Gritos das vizinhas, as crianças chorando e até algumas coisas pesadas caindo no chão. Não sei quanto tempo se passa, até eles chegarem a minha porta e arrombarem se nenhuma dificuldade aparentemente.

Coloco a mão na boca para abafar qualquer barulho que eu possa fazer. Ouço os passos pesados de duas pessoas entrando pelo meu corredor e conversarem.

– Não adianta se esconder. Não vamos te achar... – Oh droga, não. Por favor, que eles não me encontrem aqui!

Os passos se distanciam em direção ao meu quarto e eu fico atenta a qualquer barulho que possa me dar a localização deles.

– Casa vazia! – Um deles fala.

– Uma pena, pelas fotos é gostosa. Não reclamaria por ficar um tempo a mais na cadeia por estupro. – Me abraço mais forte ainda enquanto o medo percorre livremente e em altas dosagens nas minhas veias.

– Até eu ajudaria. – O outro complementa. – Vou para a sala pegar mais coisas.

Gelo instantaneamente quando o que ficou começa a abrir tudo que é porta na minha cozinha. O barulho das portas abrindo e ele remexendo as minhas diversas painéis, talheres e afins podem ser os últimos sons que eu vou escutar na minha vida. A cada porta que ele abre eu me aperto mais ainda já imaginando o meu fim. Sozinha, no meio da minha cozinha, estuprada e com um tiro no meio do peito.

Penso em tudo que eu vou sentir falta nessa vida. Da Vaca da Su, me apoiando sempre, o Noah e suas impicâncias comigo, a Fofinha e o Yago que eu não vou ver crescerem e serem os afilhados mais lindos desse mundo e tantas outras coisas mais. Meus pais que vão ficar se martirizando até o resto das suas vidas por não terem conseguido me fazer voltar à fazenda, e a minha avó que nunca vai poder ter o seu bisneto.

Duas portas antes de mim são abertas e o som de uma viatura da polícia chega até nós.

– Porra, eles foram mais rápidos dessa vez. – Escuto o assaltante que está na minha cozinha gritar antes que ele abra a porta antes da que eu estou escondida.

– Deixa isso aí que eu já peguei o que importava. – O outro grita e eu ouço os passos saírem em direção a minha porta.

E eu desato a chorar silenciosamente como uma criança de cinco anos, ainda presa no meu armário de panelas, com uma faca na mão e a frigideira na outra.

Ainda não sei se a barra está limpa, então eu fico no escuro até ter a certeza que tudo está em paz. O barulho da chegada da polícia é grande e escuto uma troca de tiros intensa do lado de fora. E eu aguardo tudo ficar em absoluto silêncio para sair daqui em segurança.

~

– Elis! – Uma voz no meu apartamento me tira do meu atual estado e torpor que estou. – Onde tu está!? – Conheço essa voz!

– Aqui! – Sussurro querendo gritar, mas não consigo.

Empurro a porta do meu armário e ela se abre me derrubando no chão quase em posição fetal.

– Elis! – Noah vem ao meu encontro. Me agarro nele, como se dependesse a minha vida disso, e desato a chorar quando ele me abraça. – Meu Deus, eu tinha acabado de chegar em casa e larguei as chaves em cima do controle da TV. Ligou no canal local e estavam falando do assalto ao teu prédio! Vim correndo para cá, mas entrei em pânico quando não te vi entre o pessoal.

Não consigo falar, ainda estou em choque com tudo que aconteceu. Sinto o Noah me levantar do chão nos seus braços e me sentar na bancada da cozinha.

– Eles te machucaram? – Suas mãos ficam uma em cada lado do meu rosto e eu nego me engasgado enquanto eu choro descontroladamente. – Meu Deus, Elis! – Noah me abraça, eu fecho os olhos e me agarro nele.

Enquanto eu desmorono, Noah fica falando algumas palavras de consolo para mim e me acalmando.

– Passou! Calma, Elis, já acabou. – Aos poucos eu paro de chorar e apenas fico com a sensação de vazio tomando conta de mim. – Eu quase bati em um policial para entrar aqui, ele me falava que não tinha mais ninguém aqui dentro, e eu falando que tu estava aqui dentro sim, só poderia estar, porque ninguém te achava.

– Eu me escondi quando ouvi os tiros. Não queria que eles me achassem. – Sussurro tão fraco que quase nem eu mesma ouço.

– E consegui, sua maluca. Nem eu te acharia. E tu ficou mais de três horas ali, Elis. Com certeza foi uma guerreira e tanto.

Três horas? Como eu não percebi esse tempo todo? Com toda a certeza do mundo, essa foi a primeira vez que eu fiquei no mesmo lugar por tanto tempo. O telefone do Noah começa a tocar e eu dou um pulo de susto sentada na mesa da minha cozinha.

– Oi amor... Sim achei, claro que ela vai para casa comigo! Já estamos saindo.

Me levanto e saio da cozinha. Vou para sala e vejo ela toda revirada. Meu sofá de cabeça para baixo, o meu notebook que ficava sempre em uma mesinha não está mais lá. As fotos nas paredes todas mexidas, e até o meu telefone fixo, não está no lugar.

Vou até o meu quarto, e quando chego na porta eu empaco e coloco as mãos no rosto. Completamente revirado. Em poucos minutos, eles conseguiram tirar todas as roupas do meu guarda-roupa e atirarem pelo quarto e rasgarem com alguma coisa afiada, muitas delas. As gavetas também estão no chão, bem como as da minha penteadeira antiga, que trouxe da fazenda, com as minhas maquiagens e algumas joias baratas que eu uso no dia a dia.

Tudo revirado, atirado como se não tivesse nenhum valor para eles. As coisas que eu lutei tanto para comprar e conquistar. Me sento no chão em meio as minhas coisas profanadas e volto a chorar. Por alguns instantes penso no que seria de mim se eles tivessem me encontrado naquela hora. A mente humana conturbada, não mede as consequências dos seus atos e eu seria a prova viva, ou não, que se fosse descoberta no meu esconderijo, não seria uma experiência que eu esqueceria facilmente.

Noah aparece na porta do quarto e olha para a bagunça que ele se encontra.

– As minhas coisas, Noah – lágrimas voltam a escorrer pelo meu rosto e ele se ajoelha na minha frente. – Olha... – pego uma blusa minha, completamente rasgada.

– Elis, não fica assim, pelo menos foram as roupas e não tu. Vem, vamos lá para casa que todos estão aflitos, teus pais estão vindo para cá.

Pego na mão do Noah e me deixo ser conduzida por ele. Mal coloco os pés na rua e uns três policiais vem em minha direção fazendo perguntas e indagando se eu estava ferida ou se vi o rosto de algum deles.

Foi estressante, angustiante e traumático depois que sai do meu arruinado apartamento. Noah teve que me acompanhar até a delegacia para eu dar depoimentos por cima de depoimentos e mais perguntas que eu não sabia responder. Só queria me isolar de tudo isso e parar de tremer um pouco de nervosa que estava, mas eles foram uns monstros e não me davam um sossego pro meu psicológico assimilar tudo o que aconteceu nessa tarde com a minha vida.

Finalmente, depois de muita tortura psicológica consigo chegar ao apartamento do Noah e a Su. Mal ele abre a porta e meus pais, a vaca e o Yago vem me abraçar, todos ao mesmo tempo.

– Minha filha! – Minha mãe é a primeira que eu consigo entender quando todos falam ao mesmo tempo. Ela me roda diversas vezes para ver que eu estou inteira e me abraça novamente. – Está tudo bem? Eles te machucaram?

– Elis! Tu vai voltar para a fazenda com nós! Não fica mais nessa cidade louca nenhum dia a mais! – Meu pai fala.

– Tu não pode falar uma coisa assim, Hélio! – Estou esmagada pelo abraço da minha mãe.

– Posso sim, segunda vamos colocar aquele apartamento a venda e voltar para a fazenda.

Estou sufocando com o aperto da minha mãe, e agora eles começaram a discutir sobre o meu futuro. Me desvencilho da minha mãe e a Su e a próxima a me abraçar forte.

– Eu fiquei tão preocupada – sussurra baixinho no meu ouvido.

– Eu fiquei apavorada, – confesso – só pensava que eles iam me achar em me matar Su, eu não me mexia de medo.

– Minha vaca, o Noah me disse onde tu estava escondida. Só tu mesma para entrar ali, Elis! – A solto e ela limpa algumas lágrimas que caem dos meus olhos.

Meus pais continuam a discutir sobre a minha ida para a fazenda e eu me imagino seguindo aquela vida sem agitação de cidade grande e logo fico tensa. Não posso abandonar meus pacientes, minha vida e tudo mais por causa desse fato. Foi uma coisa traumática, confesso que ainda estou com as pernas bambas, mas não é por causa disso que vou desistir de tudo que já conquistei. Como disse o Noah, foram só as minhas roupas, e algumas coisas que eu posso substituir. E além do mais, eu continuo viva da silva aqui.

– Não vou voltar para a fazenda! – Falo para eles que ainda discutem.

– Elis, tu foi assaltada e poderia estar...

– Mas não estou pai, graças a Deus! Não posso deixar tudo aqui por causa desse fato. Segunda eu coloco o apartamento a venda e começo a procurar outro. Não quero voltar lá nunca mais! – Olho para a Su. – Posso ficar aqui alguns dias até tudo isso se acalmar?

– Claro! – Yago responde pulando na minha frente e me abraçando. – E vai dormir comigo e com o Pingú hoje, tia Elis. Nós vamos te proteger de tudo!

Sorrio para o anjo que o Yago é. Já me sinto bem mais segura sabendo que o seu Pingú, um pinguim gigante parecendo com o meu que pegamos em uma das primeiras noites que ele passou comigo, vai estar nos vigiando hoje.

– Alguém falou em procurar apartamento? – Noah aparece com a Fofinha no seu colo comendo as suas mãos. Assim que ela põe aqueles dois olhos azuis em mim, abre um sorriso lindo sem dentes que me faz esquecer de tudo que passei hoje.

– Vou vender o meu. – Corro para pegar a minha afilhada no colo, preciso roubar um pouco da sua inocência infantil para me limpar dos malfeitores do mundo. – Se souber de alguém que queria comprar, ótima localização, assaltos podem acontecer, mas garanto um armário embaixo da pia para se esconder.

– Olha, comprar eu não sei, mas sei de um para ti. – Noah me dá um sorriso com mil e umas intenções.

– Qual? – Deixo a Fofinha virada para mim e a beijo e a cheiro diversas vezes.

– O do nosso lado. Eu comprei para ter a parte de cima e te vendo pelo preço do teu.

Silêncio fica entre todos nós, e só é quebrado pelos sons que a Fofinha faz puxando os meus cabelos de brincadeira.

– O valor não chegaria nem perto! – Contesto a loucura do Noah em falar isso.

– Desconta o valor da parte de cima. – E pisca para mim.

– Noah, isso é muita generosidade da tua parte, mas a Elis vai com nós de volta para a fazenda. – Meu pai fala se metendo na conversa.

– Pai! – Me viro para ele. – Assaltos acontecem todos os dias nessa cidade, e não posso deixar os meus pacientes, nem o orfanato, nem a Su e os eventos por causa disso!

– Hélio, ela está bem! Foi só um susto, e passou. Não podemos interferir assim na vida da Elis! Ela já é bem crescida para saber o que ela quer para a vida dela.

Paz e tranquilidade. Respondo mentalmente para a minha mãe com um sorriso fraco.

– Então Elis, é um negócio e tanto! – Su se intromete no assunto. – O apartamento está vagando e seria uma boa, poderíamos ser vizinhas!

Analiso as possibilidades. O prédio aqui não é de um luxo extremo, mas com toda a certeza do mundo, é bem mais seguro que o meu outro, e como é no último andar, as chances de assalto são bem menores. Mas o que me deixa com os dois pés atrás, é o valor.

– Não dá gente, o valor não é compatível, nem se tirar a parte de cima. – Noah ri.

– Grande coisa Elis, tua segurança vale mais que dinheiro. Eu me comprometo de vender aquele lá e fazer a mudança dele para o teu nome.

– Mas, Noah, isso é loucura! – Pela primeira vez na vida, eu chamo alguém de louco, e não sou eu mesma.

Não quero envolver dinheiro no meio dessa nossa amizade. Seria um combustível para ela se extinguir, e eu não estou nenhum pouco com vontade de brigar com a Su e o Noah por causa disso. Seria maluquice de ambas as partes.

– Não adianta pensar, sou perito em dobrar a Su quando ela teima em alguma coisa, então tu vai ser bem mais fácil. Pode desmanchar essa cara de quem está pensando nas consequências. Já está decidido.

Pisco algumas vezes para o Noah que começa a falar com o meu pai. Su me puxa por um braço e sou carregada por ela e a minha mãe até o banheiro. Tomo um banho quente e conto tudo o que aconteceu nesse dia e como foi a tortura psicológica que passei na delegacia, e como vou ter que encarar outras idas pelos dias seguintes.

Coloco um pijama da Su, que fica um pouco grande em mim e voltamos para a sala. Em pouco mais de meia hora eu chorei as pitangas com a minha mãe, e a Su, liguei para a minha avó e acalmei ela, que já tinha feito umas cinco promessas para santos diferentes para que eu estivesse bem. Voltamos para a sala e me sento com o Gato pulando no meu colo e o JB aos meus pés, faço um carinho no peludo gordo que ronrona e do nada sai do meu colo e vai para perto da Fofinha que a Su colocou no bebê-conforto.

– Tudo resolvido. – Noah fala enquanto a Su me alcança um sanduíche com um copo de refrigerante. Do jeito que eu gosto. – Segunda vamos atrás de uma empresa de mudanças e uma imobiliária para colocar o apartamento a venda.

– Isso é maluquice demais! – Falo com a boca cheia. Engulo e volto a falar. – Noah isso é

prejuízo para ti!

– Não acho prejuízo, Elis! É unir o útil ao agradável. Eu preciso vender aquele – e aponta para a porta – antes que me expulsem de casa por isso. – Su sorri maliciosamente para ele. – E tu precisa de um novo.

– Concordo que ficaria mais em paz sabendo que tu estaria aqui perto do Noah e da Su. – Minha mãe fala, sentada ao lado do meu pai.

– Por mim ela ainda voltaria para casa, – minha mãe dá um cotovelo no meu pai, que se corrige – mas também prefiro que tu fique aqui perto deles, filha.

– Fica, tia Elis! – Yago se atira do meu lado e rouba o meu sanduíche pela metade. – Vamos poder nos ver todos os dias! – Seus olhos verdes piscam algumas vezes para mim.

– É vaca, até eu gostei da ideia! Vou poder deixar a Fofinha contigo sem me preocupar tanto por ela estar longe, e vamos ser vizinhas! O que sempre sonhamos.

Observo cada uma das pessoas mais importantes da minha vida me pedindo a mesma coisa. Se eu queria uma mudança total na minha vida, agora seria a oportunidade perfeita de colocar isso em prática. Me mudar para cá vai ser o empurrão escada a baixo para eu colocar a minha vida em ordem. Parar com os ataques adolescentes de uma pessoa com quase trinta anos na cara e focar para me estabilizar na vida.

– Ok... – Concordo por fim.

Yago grita de felicidade e até a Fofinha o acompanha, fazendo todos rirem, até eu.

E é isso, que comece uma nova fase da minha vida nesse momento.

Capítulo 6

– Vocês dois estão bêbados! – Olho para o Noah que faz uma careta para a sua esposa e começamos a rir.

Bêbados, não. Só levemente alterados por um pouco menos de uma garrafa de tequila, que estamos tomando desde as sete horas da noite, e agora são quase uma da manhã.

– Vou trazer mais doce, só assim para aguentar vocês dois!

Enquanto ela sai, eu e o Noah caímos na risada de novo.

Quinta foi o aniversário de um ano da Fofinha, e sexta a festinha. Então estamos com as geladeiras lotadas de doces, bolos e comidas da festa, já que meio que exageramos na produção da festa da nossa pequena Minnie.

A festinha foi incrível! A nossa pequena Minnie, vestida como tal, com uma tiara de orelhinhas e tudo, até se arriscou com alguns pequenos passinhos pelo salão de festa e logo caiu de joelho rasgando a sua meia calça branca em menos de cinco minutos de festa. Ela estava impossível, mais do que o normal. Ainda mais vendo que todos os conhecidos estavam reunidos, a bajulando e deixando ela como o centro das atenções. Na hora dos parabéns, por descuido do Noah, enfiou o pé em uma parte do bolo e quando assoprou as velas, com a ajuda do Yago, enfiou a mão e depois levou a boca se sujando toda de glacê.

No meio da festa ela já estava mais suja que se estivesse na fazenda lá de casa. A Su quase pirou vendo que um banho só em casa não seria páreo para limpar a Fofinha e o Yago, que estava mais suado que um jogador de futebol que jogou os noventa minutos de partida em um sol de quarenta graus. Foi uma loucura! No final da festa, tanto as crianças, como eu estávamos enfiados na piscina de bolinha com o Gato e o JB, convidados de honra da Fofinha.

Saímos da festa com os carros carregados com as sobras e podres de cansados. Ontem e hoje passamos o dia todo comendo e arrumando as coisas que sobraram, e para o meu desespero, estou com uma dor chata nas costas que vai e vem. Não deveria ter pulado tanto na cama elástica, e agora estou pagando o preço.

Su volta com uma bandeja cheia de doces e eu e o Noah começamos a atacar antes mesmo que ela solte em cima da mesa. Amanhã é feriado, posso me empanturrar de doce e tequila sem peso nenhum na consciência.

– Ai! – Uma fígada nas costas, forte, faz eu me curvar. – Maldita dor nas costas!

– Quem mandou ficar pulando como uma macaca com as crianças? O Yago estava com dor nos braços de brincar também. – Noah ri de mim e eu tomo mais uma dose de tequila.

Fazia uns bons oito meses, ou mais que eu não tomava tequila. O meu último porre foi daquela vez em que eu ataquei o carteiro no meu antigo apartamento. Durante esse tempo todo focamos em outras bebidas mais frias como o caipirinha e até algumas cervejas importadas. No alto do inverno ficamos com os vinhos e vodka, e agora com o clima mais ameno, voltamos para a tequila. E tirando o fato que fazia um bom tempo que não nos juntávamos para uma noite dos adultos enquanto as crianças dormem.

A correria desde que assaltaram o meu apartamento foi imensa, primeiro pelo fato da minha mudança. Que loucura! Ainda mais porque eu fiquei com um pequeno trauma de entrar lá novamente. Tivemos que contratar uma empresa de confiança para embalar as minhas coisas e trazer para cá. E aí percebi que a maioria das minhas coisas ficaram mínimas aqui, perto do outro. Meus móveis quase todos por medida para aquele apartamento não se encaixavam nesse ou ficavam fora de esquadro. Tive que abrir a carteira a fazer uma boa mudança nos meus móveis e dar mais volume para o apartamento gigante com três quartos que me encontro.

Não que eu esteja reclamando, longe disso. Só foi uma mudança abrupta que me pegou completamente despreparada emocionalmente e financeiramente. Ainda não sei se o Noah conseguiu vender o meu antigo, já que no dia seguinte, ele só me entregou um papel para assinar que era “compra” do que eu estou agora e dando a ele todas as posses do meu. Nunca mais tocamos nesse assunto e muito menos sobre dinheiro.

– Que nojo de vocês dois! – Encho a minha boca com um brigadeiro gigante, vendo o agarramento dos dois no sofá. Atiro um papel de doce neles. – Já que vocês começaram a se agarrar, eu vou para casa dormir.

Noah me mostra o dedo do meio enquanto monta em cima da sua mulher que fica totalmente à mercê dele. Fecho a porta do apartamento deles depois de escutar uma risadinha da Su de quem estava gostando do que estava recebendo. Que vaca!

Dez passos é a distância entre a porta deles da minha. O corredor se tornou um ambiente nosso, já que tem uma bola do Yago, que ele e o seu pai ficam jogando sem perigo de quebrarem alguma coisa dentro de casa, bem como diversos brinquedos dele e da Fofinha. Literalmente vivemos com as portas abertas, desde que ela aprendeu a ficar de pé nas paredes e a abrir as maçanetas. Cansei de acordar de manhã com ela gritando e me batendo porque fugiu do berço, engatinhou até o meu apartamento e abriu as portas. Espertinha é pouco para essa espoleta, ela dá um cansaço em todos a sua volta.

Tomo um banho e tenho que me segurar na parede com mais uma dor nas costas que me atingiu. Caramba como isso dói! E o mais estranho que não é contínuo, vai e volta sem avisar ninguém.

Coloco a primeira roupa que encontro na minha frente e fico feliz em poder exhibir os mais de seis quilos adquiridos nesse tempo em que moro aqui, bem como a bela “pancinha” que tenho. Tive que comprar algumas roupas maiores e fiquei feliz em aumentar dois números no meu manequim esquelético.

Teoricamente assumi a cozinha dos dois apartamentos, já que chegamos à conclusão que seria mais prático e saudável fazer comida em casa para todos do que nos aventurarmos pelos restaurantes da redondeza e comermos mal. Então eu abusei, em todos os sentidos, para cozinhar para todos. O Yago e a Fofinha amam qualquer coisa que eu faça e ainda ficam bravos quando não sobra para a janta.

Minha vida não está mais em uma rotina como estava antes. Agora cada dia é uma aventura e tanto, ainda mais com o Yago e a Fofinha tão constante em todos os meus dias. Amo esses dois como se fossem meus filhos também. Me tornei um apêndice completo na vida do Noah e da Su, onde eles vão com as crianças, eu me meto junto. Fomos para a praia no verão e

claro que eu fui também, foi lindo ver a cara da Fofinha quando colocou os pezinhos de cinco meses na água do mar e na areia pela primeira vez. Ela descobriu que comer a areia salgada era divertido, sentadinha no colo de algum de nós na beira da praia na sombra. Tenho uma foto no meu celular em que ela parece um croquetinho de tanta areia que tem no seu corpo, a Su quase pirou quando viu aquilo.

Descobrimos que a pequena é uma nadadora nata que brigava conosco, chorando se a tirássemos de dentro da piscina do hotel, sem que ela estivesse quase dormindo. Tanto que quando voltamos do litoral, a Su a inscreveu em uma escolinha de natação infantil e eu já a levei várias vezes para a piscina e fiquei encantada com os reflexos da minha afilhada.

O Yago deixou aflorar a sua veia de veterinário a todo o vapor. Depois daquela semana que antecedeu o assalto do meu apartamento, ele chegou a ficar mais umas três semanas variadas na fazenda com os meus pais. Hoje em dia, quem dá os remédios e as vacinas para o Gato e o JB é ele, depois de treinar muito com os pacientes lá na fazenda.

No orfanato, continuamos vestindo a camisa da causa por completo. Semana passada mesmo, teve uma apresentação deles no aniversário da cidade. Alguns se apresentaram tocando o que estavam ensaiando com a Su e estudando a letra em inglês com o Noah, outros dançaram e alguns, mostrando a nossa pequena horta com alguns legumes e frutas que eu ajudei eles a plantarem. Essa atividade teve um fundo econômico promissor no orçamento do orfanato, e as crianças adoram cuidar das plantinhas e ver o desenvolvimento delas.

No ramo do amor, só aguentando o Noah e a Su com aquele romance meloso de sempre dos dois. Praticamente me tornei uma virgem e uma santa de tão movimentada que eu ando nesse quesito. Me comportei ao máximo e ultimamente só suspiro por alguns mocinhos de livros e filmes, porque, desde a minha escapada com o Antes de Cristo, eu não tentei mais nada. Não vejo a hora de conseguir um Depois de Cristo para mim agora. Mas com essa minha nova vida caseira e totalmente nova, nem vontade de sair para as baladas eu tenho mais.

Em pouco tempo eu me centrei na vida. Só de pensar em me arrumar para ir a uma festa ou boate desse tipo, já me dá vontade de colocar a roupa mais confortável, me enrolar em uma bola e ficar no meu sofá comendo ou caçar o Yago para jogar alguma coisa. Não vejo mais graça nenhuma em locais fechados, com luzes piscando, pessoas suadas se encostando em mim, lutando por algum espaço na pista de dança e por alguma bebida. Se quiser dançar e ficar bêbada faço isso em casa mesmo. Coloco uma música no meu som e compro uma bebida de mais qualidade, ou então divido com o Noah e aguento a Su reclamando de nós dois no outro dia por estarmos com dor de cabeça.

Passo a noite toda me revirando na cama enquanto essas dores iam e vinham me atormentar. Pela manhã, saio me arrastando pela cama, vomito com uma das fisgadas grandes que me deu, associada com o álcool, e volto para a cama. Perto do meio dia sou acordada com um tapão na cara de um certo par de olhos azuis brilhantes e um sorriso com alguns dentinhos.

– Bom dia, Fofinha. – gemo.

– Tia “Lis”! – minha afilhada me bate de novo querendo que eu acorde. Uma fofa, com o jeitinho delicado igual ao da mãe.

– Deixa a tia Elis dormir mais um pouquinho Fofinha...

– Não! – E ela enfia o dedo dentro do meu olho. Com toda a certeza do mundo, não vou voltar a dormir novamente depois desse convite.

Me sento na cama e ela me dá os braços pedindo colo. Com muita dor nas costas eu a pego e me levanto. Noah e o Yago estão jogando futebol no corredor, ambos só de bermuda e um JB alucinado tentando pegar a bola deles.

– Bom dia, vaca! Acordou bem hoje? – Noah passa a bola para o Yago que fica brincando com o JB.

– Com a delicadeza da tua filha. – Ironizo enquanto o Noah beija a filha diversas vezes.

– Tia, Lis! – Ela se empurra no meu colo em direção a porta do apartamento deles tentando se desvencilhar do ataque do seu pai.

Entro no apartamento e solto a ferinha no chão que vê o Gato na sua direção. Mal ela está sobre os seus joelhos e engata uma primeira marcha e sai em disparada atrás da sua bola de pelo favorita que sofre bons bocados com ela. Uma vez a Su teve que separar os dois, antes que o coitado do Gato morresse sufocado pelos abraços de ursos que a Fofinha dá nele.

Vou até a cozinha de onde está vindo um cheiro de feijão caseiro e uma dor como se tivessem me rasgando ao meio me atinge, tanto que eu tenho que me sentar.

– Bom dia, vaca! Aconteceu alguma coisa? – Su se ajoelha na minha frente quando eu respiro lentamente esperando que passe.

– Uma dor nas costas horrível, passei a noite me revirando na cama. – Ela levanta e me alcança um copo de água que eu tomo aos poucos.

– Dói em que parte?

– Aqui – passo as mãos na parte de baixo das minhas costas – ela vai e vem e cada vez mais forte. Tem algum remédio porreta aí?

– Credo, Elis, parece com as contrações que eu tive antes de ter a Fofinha. – Su abre uma porta do armário bem de cima e tira uma caixa de remédios. – Toma esse aqui.

Me levanto devagar e escutamos um miado de dor.

– Fofinha, para de tentar matar o Gato! – Su sai correndo porta afora para acudir o coitado do bichano, que tem a sua paciência mostrada a cada dia que se passa para aguentar as investidas amorosas da criança.

Fico na cozinha sentada à espera da próxima dor e nada. Depois de algum tempo até me sinto melhor e dou uma caneca de feijão para a Fofinha enquanto a Su termina de fazer o almoço para todos. Não sei qual de nós duas ficou mais suja, tanto que eu tive que ir tomar um banho antes de almoçar e dar um na moça, porque eu tinha feijão até nos meus cabelos e ela, até quase dentro das fraldas. Depois de almoçarmos, o remédio que a Su me deu começa a fazer efeito e eu me deito no quarto de hóspedes dela.

Me atiro na cama e fico de barriga para cima. Passo a minha mão por cima dela e vejo que

está dura como uma pedra. Será que estou tendo uma crise de apendicite? Ou até mesmo uma diverticulite? Literalmente um nó nas tripas?

Fecho os olhos e tento me concentrar na minha respiração calma e rítmica para me acalmar.

~

– Vamos te levar ao hospital, Elis! Tu não aguenta mais! – Olho para o Noah que está de braços cruzados olhando para mim esparramada no sofá.

Tudo dói dentro de mim, já comecei a suar e sinto como se o ar fosse impedido de entrar nos meus pulmões suficientemente. Olho para a Fofinha que está sentada no chão com o Gato no seu colo e fazendo carinho nele, até ela está assustada com o meu estado. Yago está me dando um apoio moral fazendo carinho nos meus cabelos.

– A Su foi chamar a Clara para ficar com as crianças e nós vamos te levar.

– Não precisa, acho que está passando. Oh droga! – Me contorço de dor e o Yago volta a acariciar o meu rosto.

– Vai ser tranquilo tia Elis, eles vão fazer a dor passar. – Murmura para mim e eu me convenço de que está na hora de resolver isso. A dor está cada vez mais insuportável.

A porta se abre, Su entra com a Clara, a menina do andar de baixo, com cerca de dezoito anos que fica algumas horas com a Fofinha e o Yago em momentos que nenhum de nós pode ficar com elas. Claro que eles a adoram, e não dão bola por terem que ficar com ela.

– Vamos de uma vez! Já peguei a tua bolsa. Consegue levantar? – Gemo que sim para a Su e quando tento me colocar de pé, quase caio e sou amparada pelo Noah que quase me pega no ar.

– Acho melhor eu te carregar, para não ter perigo.

Noah me ajeita no seu colo e eu me agarro nele quase chorando de dor. Nunca senti nada parecido com isso em toda a minha vida, e pretendo nunca mais sentir! Saímos às pressas do prédio com rumo ao hospital mais próximo que temos perto de casa. Minhas respirações são curtas e superficiais, uma vontade de fazer força está tomando conta do meu corpo e eu não tenho ideia de onde ela está vindo.

Entro no hospital carregada pelo Noah enquanto a Su fala com as atendedoras e explica o meu sintoma principal: uma dor do capeta como se estivessem me cortando ao meio! De imediato somos passados para uma sala médica, sou colocada em cima de uma maca e a primeira pergunta que me faz é:

– Tu não está grávida? – A enfermeira afere a minha pressão arterial e eu olho para ela espantada.

– Acho que eu não tenho capacidade para ser mãe do novo filho de Deus! – Gemo entre uma pontada de dor e outra.

Desde a minha última escapada com o Antes de Cristo, que, aliás, infelizmente nunca mais o vi, já que a portaria de agora é supersegura e deixam as encomendas lá em baixo para nós, eu nunca mais tive contato mais íntimo com ninguém, a não ser comigo mesma em momentos de

crise extremas.

A enfermeira se cala e termina de aferir os meus sinais vitais e sai da sala em silêncio.

– Elis...? – Su me observa com um olhar afiado.

– Sem chance Su! Estou tomando... – Outra dor e eu me agarro no ferro de proteção da maca – Anticoncepcional contínuo!

– Boa tarde – um médico bem novo chega na sala. – Então estamos com uma dor alucinante aqui?

– Sim – suplico por uma dopa de morfina ou qualquer coisa que me deixe doidona, dopadona e sem nenhuma dor.

Ele toca no meu abdômen que de uma hora para a outra ficou maior, como se estivesse super inchada e parecendo que eu comi uma melancia inteira.

– Posso fazer um exame de toque? – Pergunta e eu olho para ele assustada. Se a minha dor é nas costas, por que ele quer me analisar “lá”?

– Acho que vou esperar lá fora. – Noah, que está com os olhos arregalados, sai sem mesmo alguém responder.

Olho para a Su assustada e ela chega perto de mim, para me ajudar a tirar os shorts de pijama e a minha calcinha. Nem tive tempo de me vestir uma roupa decente, e fiquei com a mesma roupa que troquei hoje de manhã.

O médico coloca algumas coisas esquisitas ao lado da maca e eu vejo que são para colocar as pernas em mesas ginecológicas. Completamente nua da cintura para baixo e com as pernas naquelas coisas, que assustam qualquer pessoa, o médico enfia a mão dentro de mim e eu dou um pulo de dor em cima da cama.

– Enfermeira! – Ele grita depois que retira a mão de uma parte tão íntima dentro de mim e descarta a luva usada. Ele se levanta e abre a porta do consultório. – Alguém me traz um aparelho de ecografia, AGORA aqui!

Agarro a mão da Su que estava ao meu lado e olho para tudo assustada.

– Estão todos ocupados, doutor. – Alguém fala no outro lado do corredor.

– Eu preciso, urgente, aqui! – E o médico sai nos deixando aqui sozinhas.

Olho para a minha amiga que está tão perdida como eu nessa situação e eu faço a única coisa que consigo. Começo a chorar como uma criança.

– Su, eu estou com medo! – Falo pensando em todas as coisas que podem estar ocorrendo com o meu corpo.

– Calma Elis, o médico de certo foi procurar esse aparelho para ter mais certeza do que tu tem.

Concordo com um aceno de cabeça leve e outra dor me faz gritar em meio ao choro que eu estou. Su me acalma com palavras suaves, mas eu estou a ponto de mandar ela para longe!

Os minutos passam como se fossem horas e eu ainda estou aqui com dor e nada do médico voltar com essa maldita máquina de ecografia! Mas que droga! Cada vez está mais frequente as dores e mais intensas, não sei até quando eu posso aguentar!

– Calma, Elis. Já vai passar! – Vejo a minha amiga ficando nervosa e isso me desestabiliza mais ainda.

– Eu não vou conseguir. – gemo. – Por favor, Su. Por favor... – Suplico para que ela consiga fazer parar de doer, mas sei que ela também está de mãos atadas, assim como eu.

Ela aperta a minha mão me dando a confiança que eu preciso. Uma enfermeira chega no quarto e começa me fazer algumas perguntas, enquanto tira uma amostra de sangue minha: há quanto tempo eu vinha sentindo essas dores, minha última menstruação, última relação sexual desprotegida e se eu tomava algum remédio controlado.

– Porque dessas perguntas? O que é que eu tenho? – Quase grito desesperadamente.

– O médico está chegando e ele vai te dar o diagnóstico. – Um sorriso singelo, como se fosse quase de pena de mim, é esboçado por essa enfermeira.

E nesse momento eu sinto uma fisgada mais forte e um líquido escorrendo pelas minhas pernas.

– Chama o médico! – Su grita para a enfermeira que ainda estava se arrumando para sair.

Em menos de dez segundos aparecem mais duas enfermeiras e começam a empurrar a minha maca em direção para dentro do hospital. Eles começam a procurar veia em mim e também a colocar mais algumas coisas, bem como uma cânula de oxigênio no meu nariz.

– O que está acontecendo! – Tento falar, mas ninguém me responde, pois estão trabalhando em alguma coisa em mim.

Sinto outra investida dentro de mim, mas de fonte externa e ouço a enfermeira falar, oito centímetros e eu fico sem entender mais nada.

– Su! – Chamo desesperadamente ela que agarra a minha mão e me acompanha. – Não sai do meu lado!

– Nunca, Elis. Nem que eu tenha que brigar com metade desse hospital!

Entramos em uma sala que parece de cirurgia, com luzes fortes e diversos aparelhos. O médico que me atendeu primeiramente está mexendo em uma máquina e me dá um sorriso fraco quando me vê.

– Pelos teus sintomas, temos a indicação que seja um aborto espontâneo. – Ele volta a mexer na máquina.

– Eu não estou grávida! – Grito!

– Calma, Elis! – Su me acalma e eu olho para ela.

– Eu não estou Su! Tu sabe que eu não ando com ninguém há tempos!

– Quanto tempo? – O médico espalha uma meleca transparente na minha barriga, que

agora parece de grávida mesmo, pelo tamanho que está.

– Não sei! – Penso um pouco – Mais de sete meses!

– Então pode estar sim, e nós vamos descobrir isso agora.

Ele coloca o instrumento de ecografia na minha barriga e o som da sala se enche com uma batida fraca de coração e a tela com uma imagem distorcida.

– Puta que pariu! – Su murmura ao meu lado!

– O que é isso!? – Olho para todos na sala que estão atentos a tela da televisão preta e branca que só tem alguns chuviscos. Parece a lá de casa quando chove e a minha avó quer ver a novela.

– Isso – o médico aponta para a TV. – É um bebê, e ele está nascendo, nesse momento!

Capítulo 7

– Cancele tudo, que não é curetagem de aborto. É parto! – O médico mexe aquela coisa do aparelho de ecografia em cima da minha barriga e eu não consigo tirar os olhos da tela.

Eu não posso estar grávida! É impossível! Não tive nenhum sintoma de gravidez e muito menos estar em trabalho de parto. Eu saberia se estivesse, não saberia?

– Ligar para o plantão da obstetrícia para cesárea? – Uma enfermeira fala e o médico continua a olhar para a tela e tem alguns números.

– Não, o bebê já está em sofrimento, essa criança vai nascer aqui mesmo! Arrumem as coisas!

– Não! – Grito. – Eu não estou grávida, isso está errado, Su! – olho para ela que está mais atônita que eu. – Fala para eles!

Olho para todos na minha volta e ninguém acredita em mim, nem mesmo a minha amiga que está me fitando com um olhar de compaixão.

– Elis... – Ela passa as mãos na minha cabeça.

– Não Su – murmuro – eu saberia se eu estivesse grávida! Tu me acompanhou esses meses! Tu sabe...

– Olha, – o médico se vira para mim – agora não podemos discutir esses por menores! Essa criança tem que nascer agora, antes que seja tarde demais. E fora que se sabe lá se está tudo bem com ela, já que a tua negligência sem pré-natal foi enorme pelo visto.

Começo a chorar com as palavras do médico. Será que eu pude ser tão maluca a ponto de chegar nesse estado? Ser indiferente com o que acontecia e, aparentemente, se desenvolvia dentro de mim?

Em nenhum momento eu tive qualquer sintoma de gravidez, a não ser esse ganho de peso nos últimos meses. Mas enjoos, desejos loucos e todos os sintomas que eu vi a Su passar... Nada. Eu não tive nenhum deles.

– Hey mamãe – uma enfermeira vem enquanto a Su enxuga as minhas lágrimas. – Vamos fazer tudo para ser rápido, certo? Daqui a pouco já vai estar em teus braços e a dor vai passar.

Minhas pernas são amarradas naquelas perneiras novamente e o médico enfia a mão dentro de mim de novo. Já nem sinto mais isso, só a dor que a cada vez que vem me faz ver estrelas. O oxigênio que colocaram em mim, na passagem para essa sala, veio à calhar e me ajuda a respirar corretamente e com mais vontade.

Agarro a mão da Su com mais força que o normal. A aperto e olho para ela pedindo forças para aguentar tudo que está acontecendo e sou respondida com um olhar de apoio e compreensão. A cena se desenrola e eu me sinto terrivelmente com medo.

O médico se põe na minha frente, bem de frente, diga-se assim, e olha para mim com uma indiferença absurda.

– Começa a empurrar quando vir a dor.

As lágrimas ainda caem no meu rosto. Já não sei por qual dos inúmeros sentimentos que elas representam. Uma dor horrível vem e eu empurro com todas as forças que tenho.

– Mais uma vez! – O médico quase grita e eu empurro de novo.

Empurro diversas vezes, até ficar tonta e sentir a sala rodar na minha frente. Su fala palavras de apoio para mim e eu me apego a elas. Sinto o meu corpo perder as forças e a minha respiração, mesmo com o oxigênio, ficarem escassa.

– Vamos lá Elis, tu consegue! – Ela beija a minha testa suada e eu empurro mais uma vez.

– Os batimentos fetais estão caindo! – Uma enfermeira fala atrás de mim.

– Não consigo mais... – sussurro. Meu corpo está exausto e pedindo por descanso.

– Se tu parar a criança vai morrer, não tem nem mais tempo para uma cesárea! – Os gritos do médico comigo ficam cada vez mais distante.

– Ela está desmaiando... – Su mexe em mim e eu volto à tona.

– Vamos Elis, quero conhecer o meu afilhado, ou afilhada escondida. Eu acredito que tu consegue, vamos lá, vaca!

Faço uma força que tiro de uma parte de mim que nem conheço. Forte e constante por alguns segundos até sentir um puxão e o alívio de uma pressão sair de cima de mim. Agitação na minha volta é tanta que eu não consigo acompanhar, tudo se passa na minha frente em câmera lenta. Ouço um choro estridente na sala de um bebê e tudo se apaga na minha frente...

~

– Acredita que eu peguei a Fofinha tentando morder o rabo do Gato esses dias? – Escuto a voz do Noah longe, como se estivesse a um quilômetro de distância de mim.

Meu corpo dói como se estivessem passado em cima de mim com uma retroescavadeira e dado ré diversas vezes.

– E o safado nem estava gostando. – Escuto a risada baixa da Su e parece que está chegando mais perto.

Que porra de porre que eu tomei dessa vez? Devo ter tomado gasolina misturado com álcool puro e diesel, para estar desse jeito. Abro os olhos e tudo desfocado na minha frente me faz fechar os olhos novamente. Eita, Elis, dessa vez tu te superou!

Tento mais uma vez abrir os olhos, e dessa vez as coisas parecem estar mais em foco do que a última vez, e aí eu percebo que estou em um quarto de hospital! Mas que porra é essa?

– Hey! Cuidado! – Su chega ao meu lado e me impede de levantar da cama.

– O que aconteceu...? – Pergunto e começo a me lembrar de tudo aos poucos.

A dor lancinante. A vinda para o hospital, o médico me fazendo a ecografia, e o som de um coraçãozinho pulsando em minha barriga e a notícia que eu estava em trabalho de parto.

– Su...! – Olho para ela, coloco a mão na boca e lágrimas começam a escorrer do meu rosto.

A última coisa que me lembro, antes de cair desmaiada, é do choro de bebê. Como aquilo foi sair de mim sem eu nem perceber que estava dentro do meu corpo?

– Como está o bebê? – Minha voz sai com muito desespero.

Noah e Su se entreolham e eu penso que fiz tudo errado de novo. A minha vontade de sair porta a fora em busca de respostas é freada pelo Noah que me agarra quase pela cintura e me lança de novo na cama, depois que eu empurrei a Su da minha frente.

– Me fala como está o bebê! – Grito com os dois e quebro em um choro. – Ele morreu, não é?

– Não sabemos de nada ainda! – Noah me coloca de novo na cama e eu me enrolo em uma bola me abraçando toda.

Dessa vez eu em superei em todos os sentidos possíveis e impossíveis. Coloquei não só a minha vida em risco, como também de uma criança indefesa. Bebi diversas vezes, ontem mesmo tomei um quase porre de tequila. Fiz força com a minha mudança arrumando os móveis, tomei diversos medicamentos que poderia ter feito algum mal, nenhum tipo de acompanhamento médico e muito menos alimentar. Me excedi em todos os princípios básicos para uma gravidez saudável.

– Elis, – continuo a pensar em tudo de errado e prejudicial que eu fiz a essa vida inocente que eu posso ter arruinado enquanto a Su fala – eu liguei para a tua mãe. Eles devem chegar aqui em algumas horas.

Solução com o meu choro quase silencioso. Não quero nem pensar no sermão que vou receber deles. Mesmo com trinta anos na cara, eles têm toda a razão de me passarem um. Fui negligente ao máximo e não tenho muitas dúvidas se o que eu fiz não pode ser encaixado como um crime.

Abandono de menor? Maltrato a criança? Negligência materna? Princípio de aborto? No fundo, praticamente, me pus no mesmo patamar de uma mãe que abandona o seu filho em um orfanato.

– Calma Elis, não sabemos nada ainda... – Su se senta ao meu lado e eu me agarro a ela.

– Se a criança não sobreviver como eu vou conviver com isso? – Exponho o meu coração para a minha amiga.

– Nós vamos estar contigo, Elis. – Noah se aproxima de nós e me beija na cabeça.

As horas passam e ninguém sabe as respostas que eu preciso, todas as enfermeiras que vieram me atender, e até mesmo me levar para o banho não me dizem nada. Os meus peitos se encheram de uma hora para a outra, doloridos e estão se preparando para a primeira amamentação. O colostro tem uma importância grande para os bebês e eu sei o bem que ele faz, tanto nutricional quanto emocional.

A Su continua ao meu lado e me ajudando e me dando forças, as que se dependesse de

mim, já estariam esgotadas há tempos. A espera é torturante para mim, uma pessoa tão ansiosa. Literalmente estou com as mãos atadas e com o meu destino sendo traçado a cada segundo que se passa. Nem conheço essa vida que gerei, e mesmo sabendo de sua existência há tão pouco tempo, já me sinto aflita ficando aqui sem respostas para nada.

O efeito de medicamento me faz dormir um pouco à contragosto. E quando abre a porta eu dou um pulo.

O médico que me atendeu entra no quarto e a sua cara de poucos amigos que eu me lembro está bem mais suavizada.

– Elis – me sento na cama antes mesmo que alguém venha me ajudar, nada me dói mais que a minha alma hoje. – Nós fizemos diversos exames e testes no recém-nascido, considerando as circunstâncias em que ele nos apareceu hoje. Tu não imaginava mesmo que estava grávida?

– Não... – Respondo com a minha voz falhando. Tomo um pouco de ar e começo a falar com mais convicção. – Não. Tomo anticoncepcional diário e não tive nenhum sintoma a mais que me indicasse gravidez.

– Há teorias em que muitos sintomas da gravidez têm um fundo psicológico. Não é raro ver casos como o teu, mas geralmente são em mulheres mais novas ou que já tiveram algum parto anteriormente.

– E como a criança está? – Atropelo o médico desse papo furado. Pouco me importa se as estatísticas dizem isso!

– Ele não apareceu aqui ainda?

Ele. Um menino?

A porta se abre e uma enfermeira com um pacotinho enrolado azul entra no quarto e o meu mundo para naquele momento.

– Parabéns, mamãe! – o médico volta a falar enquanto a enfermeira sorridente se aproxima da minha cama e eu estendo os braços para receber o meu filho, no meu colo. – Ele é perfeito.

No momento em que eu vejo aquele rostinho vermelho, com um gorrinho azul cobrindo sua cabeça me sinto desmoronar por completo. E dessa vez de felicidade. Fazendo careta para mim e mexendo as mãozinhas para tudo que é lado até eu colocar o meu dedo ali e ele segurar.

Olho para todos que estão no meu quarto me acompanhando, sorrio e choro ao mesmo tempo. O médico e a enfermeira sorriem para mim enquanto os meus melhores amigos limpam suas lágrimas, sei que eles compartilham o mesmo sentimento comigo nesse momento.

Ficamos nós quatro no quarto, eu estou boba com a perfeição em forma de mini pessoa no meu colo. Segurar essa minha pequena surpresa emana sentimentos bem diferentes de todos os bebês que eu já tive em meus braços em toda a minha vida.

– Eu sou mãe. – As lágrimas escorrem pelo meu rosto expressando o alívio em ter ele nos meus braços. – Olá, pequeno susto. – Murmuro baixinho e beijo a sua cabecinha com alguns cabelos finos e escuros.

– Como isso tudo estava dentro de ti e tu não percebeu, Elis? – Noah chega perto da cama.

– Ele deve ter o mesmo tamanho da Fofinha, e tu não ficou nenhum pouco parecida com o tamanho da Fofa.

Su dá um tapa nas costas do Noah.

– Hey, não precisa me lembrar do tamanho que eu fiquei grávida da Fofinha! – Briga com ele e eu me volto para o meu filho que está agarrado no meu dedo e dormindo calmamente no meu colo. Coisa mais linda do mundo não há. – Mas é verdade Elis, como não percebemos?

– Não imagino – dou os ombros sem tirar os olhos dele, quero memorizar cada feição que ele tem. – Só sei que ele estava dentro de mim.

– Tu não sentiu ele se mexendo? A Fofinha parecia uma acrobata dentro de mim, me deixava toda dolorida.

– Sei lá, sempre tive gases e movimentos estranhos dentro de mim, pensava que era isso. – Noah olha para mim com uma cara de descrença.

– Elis, tu é a única pessoa que confunde uma criança dentro de ti com gases. – Sorrio e quando volto a olhar o meu pequeno pacotinho ele está acordado e me olhando.

A genética é uma das coisas que nunca conseguimos escapar. Seja para as coisas boas ou para as ruins. No momento em que ponho os meus olhos no dele o meu mundo para novamente. Assim como me encantei pela primeira vez com um certo par de olhos de cada cor, pela segunda vez isso me atinge em cheio. Meu filho, que eu só descobri há pouco tempo que estava dentro de mim, possui um olho azul e outro verde, literalmente nos mesmos tons do seu pai, o carteiro que eu ataquei depois de algumas doses de tequila.

– Posso segurar o meu afilhado? – Su faz uma cara de pidona para mim. Minha vontade é responder como um não. Um sentimento de posse e proteção surge dentro de mim e me assusta na mesma proporção que se domina o meu corpo.

Lembro quando ela me falava que ficava desse mesmo jeito quando as pessoas vinham e pegavam a Fofinha no colo, e eu ria dela a chamando de maluca por sentir isso, e aí mesmo que eu apertava a minha afilhada bem na frente dela para fazer ciúmes. Agora eu te entendo, vaca. Suspiro e mesmo com toda a minha vontade de ficar com ele para sempre nos meus braços, o entrego para a Su, que sorri para ele.

– Cuidado com a cabeça – alerta e ganho um sorriso irônico dela.

– Como se eu não tivesse te ensinado isso quando a Fofinha nasceu. – Olho para a minha amiga com o meu filho nos braços e fico emburrada como uma criança que acabaram de tirar o seu doce.

– Desmancha esse bico, que agora é a nossa vez de mimar como tu fez com a nossa. – Noah me irrita e se volta para o meu filho.

– Vou te ensinar a fazer todas as coisas de guri, junto com o Yago para deixar a tua mãe mais maluca que já é.

– Não inferniza, Noah – Su o repreende e embala ele de leve nos seus braços – Não dá bola surpresinha, o tio Noah não passa de um bobão.

Ponho de lado os meus hormônios de mãe tipo fera, recém-descobertos, e deixo o meu filho em bons braços. No fundo sei que ele está em boas mãos com seus padrinhos. Assim como eles confiam os seus filhos comigo, também confiarei o meu a eles.

Uma enfermeira chega ao quarto e nos recepciona sorrindo.

– Vamos amamentar o moço?

– Acho que não precisam de mim para isso – Noah faz uma cara estranha.

– Vai numa farmácia e compra algumas fraldas. – Su comenta e eu me lembro de uma coisa bem importante.

Como fui pega de surpresa com esse presente inesperado, percebi que não tenho nada para o vestir ou outra coisa necessária que ele precisará quando sairmos do hospital.

– Ele não tem nada para vestir – murmuro entrando em um pequeno acesso de piração. Porra, Elis, se tu tivesse te ligado antes, poderia pelo menos, ter feito um pequeno enxoval para essa criança.

– Ainda tenho algumas roupinhas da Fofinha que eu não doe. São rosas, mas vão servir nele. – Abençoada seja a Su na minha vida. O que seria de mim sem essa vaca?

Noah sai do quarto negando qualquer dinheiro que eu tinha oferecido para comprar algumas fraldas para o meu filho, e ainda disse que seria o primeiro presente do seu afilhado.

A enfermeira me posiciona corretamente na cama e me entrega o meu filho para amamentá-lo pela primeira vez. Assim que o sinto sugando o meu leite, uma nova onda de emoção me atropela e eu recomeço a chorar de felicidade por essa vida que a mim foi confiada.

– Ele é lindo. – Confesso para a Su que está sentada ao meu lado.

– Somos as mães dos filhos mais lindos. – Ela faz um afago na cabecinha dele que está completamente agarrado em mim e sugando como se já fizesse isso há muito tempo. O reflexo infantil e o instinto de sobrevivência sempre fala mais alto.

Ele abre os olhos e ficam focados em mim, sorrio para o meu filho vendo que tudo deu certo. A minha maluquice não o prejudicou em nenhum aspecto físico. Nunca me perdoaria se fizesse algum mal a ele, por mais que eu não soubesse da sua existência.

– E agora? – Su me pergunta. – Vai procurar o pai dele?

Se ela não tivesse me falado isso, nem me lembraria desse pequeno problema.

– Não. – sinto a Su me olhando como se eu fosse algum tipo de alienígena, dou os ombros – Não vou precisar de um pai para criar o meu filho. Ele vais ser PI.

– PI? – Vejo ela piscar algumas vezes para mim.

– Sim, produção independente. Usei o pai só como fornecedor e deu.

– Elis, isso é loucura! Como tu vai deixar essa criança sem um pai?

– Deixando. – Sinto que ele parou de sugar e adormeceu. Retiro ele do meu seio e limpo a sua boquinha perfeita com um paninho que me foi emprestado pelo hospital devido às condições

que nos encontramos aqui.

– Isso é maluquice, Elis! – Coloco ele deitado sobre o meu peito e começo a dar batidinhas nas suas costas, para arrotar. Adorava fazer isso com a Fofinha para depois a chamar de porquinha, e agora posso fazer com o meu.

– Maluquice é eu chegar nos correios perguntando se alguém conhece o carteiro gostoso com os olhos de cada cor, e quando encontrar ele dizer “toma que é teu filho, e nem eu sabia que estava dentro de mim”. – Su olha para mim com uma cara de séria.

– Vendo por esse lado, também acho. – Ela se senta na cadeira ao meu lado e eu sinto o pequeno dar um micro arrotto e voltar a dormir. – Ele tem os olhos diferentes também. – Passo as minhas mãos nas suas costas e o coloco mais centralizado, em cima dos meus peitos, e ele se aninha por ali. Protegido e quentinho.

– Como é possível eu me apaixonar por uma coisa tão rápido como eu estou agora?

Em poucas horas a minha vida mudou completamente. Ontem eu era uma sozinha no mundo e só dependia de mim mesma. Hoje tenho uma vida dependente de mim.

– Amor de mãe. – Minha amiga me fala com os olhos brilhando. – Me apaixonei pela Fofinha antes mesmo de saber que estava grávida dela, e do Yago no momento que o abracei a primeira vez.

Concordo com a vaca. Em poucos minutos de convivência com esse pequeno, já percebi que o meu coração já não bate mais somente no meu peito, e tudo que tinha sentido na minha vida mudou completamente.

A enfermeira volta, brigamos porque ela queria colocar ele no berço para eu descansar um pouco e eu não queria me desgrudar do meu filhote. Por fim a Su teve que intervir e me mandar deixar de ser uma mãe paranoica e dormir um pouco, pois vou precisar dessas horas de sono para cuidar dele mais tarde. Muito a contragosto, deixo o meu pequeno ir para o bercinho ao lado da minha cama, frio e sem a minha proteção de mãe que acabou de descobrir que era.

– Aproveita para descansar, daqui a pouco os teus pais e a tua avó vão chegar.

Ai droga! Como aguentar a inquisição em forma de parentes para perguntas que eu nem sei responder? Meu pai vai me matar com toda a certeza do mundo, minha mãe então, vai querer que eu volte para a fazenda, e a minha avó... Bom essa eu tenho certeza que não vai querer saber das vias para a chegada do seu bisneto, mesmo agora ela já tendo adotado o Yago e a Fofinha como tais.

Meu corpo não aguenta muito esses pensamentos profundos, e eu caio em um sono profundo

Capítulo 8

Sinto dois pares de olhos me observando, deitada na cama brincando com o meu acesso de soro. Minha avó está sentada em uma poltrona olhando para o seu bisneto com uma admiração que não tem limites.

O Noah e a Su foram para casa assim que os meus pais chegaram, já que eu estava bem e o pequeno também.

– Como foi a viagem? – Tento quebrar o clima, mas falho miseravelmente.

Meu pai olha para mim e eu me sinto com quinze anos de novo, na minha fase mais rebelde. Aprontava dia sim, dia não. Sempre que chegava em casa era repreendida com esse olhar, mesmo agora, ainda sinto que a coisa vai ficar feia para o meu lado.

Bronca de pai, nunca tem idade para ser temida.

– Tu estava grávida? – Fala a última palavra bem baixinho, oh droga, agora é oficial, eu estou ferrada.

– Eu não imaginava! – Sussurro olhando para o logotipo do hospital no lençol que me cobre. Por uma ordem da Su, tive que fazer um plano de saúde mensal particular. Desde que ela viu a conta que o Noah gastou com o Yago no seu tratamento ela fez todos nós entrarmos em um. Por sorte ele está cobrindo todos os atendimentos a mim e ao meu filho que automaticamente entrou assim que saiu de mim.

– Como não imaginava, filha? – Meu pai começa a caminhar de um lado para outro no quarto enquanto a mãe se senta ao meu lado e eu me escoro nela.

– Não sabendo. – Suas mãos afagam meus cabelos e eu deixo ser aconchegada por ela.

– Mas Elis, isso é meio impossível. Toda a mulher sente a mudança no seu corpo.

– Mãe, eu estive com vocês a menos de uma semana, no aniversário da Fofinha e eu parecia uma mulher com oito meses de gravidez? – Vejo sua expressão mudar completamente e um olhar de compreensão aparecer.

– Nenhum pouco. – Por fim fala.

– E o pai dessa criança? – Reviro os olhos para o meu pai.

– Hélio, vamos deixar a Elis descansar um pouco. O dia já foi bem agitado para ela.

– Ela tem que ficar de resguardo agora. – a vó fala sem nem olhar para nós, não consegue desgrudar da criança. – Não incomoda ela, imprestável, porque tudo vai para o leite. – Sorrio para ela. Ele solta uma respiração cansada e se vira para ela.

– Posso segurar o meu neto pelo menos? – E ela finge que não escuta, se fingindo de surda. Reza a lenda que a sua surdez só aparece em momento que convém a ela. E cada vez eu me convenço mais disso.

– Será que nem em um hospital vocês param de brigar? – Minha mãe levanta do meu lado

e pega o meu filho no colo a contragosto da vó, que fica resmungando baixinho.

Vejo eles revezarem entre si a atenção da criança que está dormindo calmamente. Algumas dores pelo esforço que eu fiz, começam a aparecer e o meu corpo clama por um descanso mais forte do que as cochiladas que eu tive até agora. Meus pais e a vó ficam babando e eu caio no sono. E quando estava começando a gostar dele, sou acordada com um choro estridente.

– Ele está com fome. – Com a ajuda da mãe, me sento na cama e recebo um pequeno serzinho vermelho e chorando escandalosamente.

Mal encosto ele no meu peito e ele começa a me sugar desesperadamente até se afogar um pouco. Meu coração dá um pulo de susto com isso e quase que me desespero com o medo.

– Que esganado! – Minha mãe, a única que ficou, pois a vó e o pai saíram para comer alguma coisa, fica sentada na borda da cama nos observando. – Ele é igualzinho a ti. No dia que nasceu já não me deixou dormir mais e chorava de fome.

Continuo a escutar o relato dela dos meus primeiros dias e quando me viro para ela, vejo uma lágrima escorrendo em seu sorriso.

– Ser mãe é um dom, Elis. A mulher se prepara nove meses para ter o seu bebê nos braços, é uma preparação psicologia e tanto. A mudança do corpo, da alma, a expansão na capacidade de amar incondicionalmente uma pessoa que vem de dentro de nós. – Ela toca no meu rosto e coloca uma mecha dos meus cabelos para trás dos meus ombros. – O medo, a insegurança de não saber o que o futuro pode reservar a vocês, e a preocupação constante.

Meu filho abre os seus olhos, um de cada cor e me encara. Cada palavra que a minha mãe me fala, eu compreendo. Sei que de agora em diante a minha vida não vai ser a mesma. Tenho sobre minha responsabilidade constante uma criança indefesa que vai precisar de ajuda para tudo. Corro a minha mão da sua cabeça e desço até a sua bochecha onde ele está com a mãozinha e agarra um dos meus dedos, como se com esse vínculo estivéssemos selando um contrato: eu cuido dele agora, para futuramente ele cuidar de mim.

– Tu está pronta para assumir todo esse compromisso?

– Não. – nego com a cabeça sem quebrar o contato visual com ele – Mas vou aprender. Não importando o quanto eu quebre a cara, vou ser a melhor mãe do mundo para essa criança. Por mais que eu não esperasse ter um filho agora, já não imagino a minha vida sem ele.

~

Chegamos em casa, dois dias depois de eu parir. O bom de ter um parto normal é que estou ótima, algumas dores internas musculares, mas nada que me impeça de fazer as coisas. Mesmo com a minha avó dizendo que eu deveria estar deitada, de preferência em algum quarto escuro e sem nem me levantar para ir ao banheiro. Só de imaginar como seria usar uma comadre de hospital, já me arrepio toda.

Mas a briga mesmo foi quando eu sai do banho com uma toalha enrolada nos cabelos.

Quase que apanhei por ter feito isso. Segundo ela, só poderia lavar eles depois de quarenta dias. Até vou repetir isso. Quarenta dias! Um mês e dez dias sem os meus cabelos ver uma gota de água! Nem quero imaginar a nojeira que eles ficariam, ou se eu teria cabelos para contar história até lá.

A Su sempre falou que voltar para casa depois de uma estadia no hospital, é a melhor coisa que poderia acontecer, e hoje eu posso falar isso. Fomos liberados, eu e o Antônio, hoje pela manhã depois dele ser registrado e recebido as vacinas básicas.

Nem preciso dizer que foi um stress e tanto escolher esse nome para o meu filho. Quando eu era mais nova, sonhava com alguns nomes da época e que hoje nem cogitaria de colocar na coitada da criança. Então escolhi o nome do meu avô em homenagem.

Antônio Anzelotti.

Ficou um nome forte e de presença. Na hora de colocar o nome do pai, o escrivão ficou me olhando com uma cara estranha quando disse que não teria esse registro. Com toda a certeza do mundo deve ter ficado pensando que eu nem sei quem é o pai dessa criança. Saber eu sei, só não sei o nome dele real, e nem onde mora.

Quando abri a porta do apartamento, com o meu filho nos braços coberto com uma mantinha azul, que ganhou da sua avó e uma muda de roupa verde, que ganhou da dinda Su, uma pequena recepção nos aguardava.

Fiquei emocionada vendo, além do Noah, Su, Yago, Fofinha, meus pais e a minha avó, que me recepcionaram com tanto amor e alguns presentes.

Nem preciso dizer que a Fofinha achou que o Antônio era uma boneca. De cara ficou com aqueles olhos azuis gigantes arregalados e querendo tocar nele. O Yago estava contente, pois teria um menino para brincar com ele, já que não aguentava mais ver rosa e coisa de meninas na sua volta.

– Só acho que vai ter muito “A” nesse andar. – Noah com o meu filho deitado no seu ombro fala. – O nome da Fofinha já começa com essa letra também.

– Eu achei lindo! – Estou deitada esticada em outro sofá e vendo a Fofinha encantada com o primo por amizade.

– Bebê – Ela fala e se impulsiona do colo da sua mãe para chegar mais perto dele.

– É o Antônio, filha. Olha como ele é lindo. – Fofinha continua a se impulsionar até que a Su deixa ela mais próxima e ela faz um carinho nos cabelos do meu filho, bem delicada.

– Vamos ter que ter algumas regras por aqui. – Noah coloca o Antônio nos braços e fala para ele sério, como se ele entendesse no seu sono profundo. – No mínimo uns quinze metros de distância da minha filha quando tu chegar aos treze anos.

– Noah, deixa de ser idiota! – Su esbraveja.

– Só estou colocando isso em panos limpos, Fofa! Não quero nenhum tipo de problemas com a Fofinha. Então melhor já avisar agora.

– Deixa o Perereco em paz. Ele nem entende nada disso. – Vejo os dois me encarando. –

Que foi? Estou vazando leite de novo?

– Perereco, Elis? – Noah faz uma cara estranha para mim.

– Ele parece uma perereca em cima de ti, ainda mais vestido de verde. Sabe aquelas pequenas, que se agarram na janela? Igualzinho. – Sorrio. Desde que o vi com essa roupinha, imaginei isso.

– Tu não vai chamar a criança de Perereco. – Me sento no sofá.

– Vou sim! E me passa ele aqui, antes que ele comece a chorar de fome.

Pego ele no colo e volto para o sofá. Sem cerimônia nenhuma, levanto a blusa e o Noah faz um som de desgosto com a cena. Nem dou bola para ele e amamento o meu Perereco lindo.

Descobri que virar mãe, ainda mais de um dia para o outro, não é nenhum pouco barato. Gastei uma pequena fortuna com o básico para o Perereco em poucos dias. Fraldas mesmo, é absurdo o que o pequeno gasta. Ainda mais por termos experiência com a Fofinha, nem imaginava que tinha que posicionar o amiguinho dele para uma posição em que ele não faça xixi para cima. Realmente essa criança é meu filho, porque eu nunca vi uma coisa tão pequena produzir tanto xixi na minha vida.

Gastei até quase deixar no limite o meu cartão de crédito. Roupas, berço, acessórios e tantas outras coisas. A Su me ajudou com algumas dicas de mãe de primeira viagem pode cometer que aprendeu com a Fofinha. Como de comprar as roupinhas um pouco maior que o necessário para ele poder aproveitar bem mais do que se eu comprasse mais justas. Não comprei um carrinho tão caro e moderno, porque o que a Fofinha tinha era mais caro e foi pouco utilizado. Se eu soubesse que estava grávida antes, teria aproveitado muitas coisas dela antes da Su doar para a caridade as roupas que não serviam mais filha.

Meu pai ficou bem receoso com tudo isso. Não conversou muito comigo no início e nem tocou no assunto sobre o “pai” do Perereco, mas depois que se acostumou com a ideia de ser avô, já não queria mais sair da volta dele, bem como a minha mãe. Eles tiveram que voltar para a fazenda, alguns dias depois que eu voltei para casa e a vó ficou por mais alguns dias me ajudando com tudo.

– Vó não está tão frio para colocar tanta roupa nele! – Meu filho chega a estar suando com tantas camadas por cima do seu corpinho.

Tiro bem mais que a metade e ele chega a suspirar como se fosse de alívio por ficar mais refrescado. Pego ele no colo e o embalo encostado no meu peito.

– Vou pedir para o Noé trocar a lâmpada do teu quarto por uma mais fraca. Essa criança não pode com tanta claridade assim! – Por alguns segundos fico com pena do Noah. Desde que a minha avó chegou não deixou ele em paz, até improvisar um varal de roupas aqui em casa a minha vó pediu para ele, dizendo que era trabalho de homem.

Ontem fomos ao oftalmologista pediátrico para saber se a heterocromia do Antônio é genética, ou de sinal de dano ocular. Fiquei aflita com essa possibilidade quando o pediatra me falou isso, nem tinha me dado por conta que isso poderia ser alguma coisa do tipo.

Depois de testes com ele, foi constatado que sua visão será perfeita, e os olhos de duas cores, é um fator genético de charme, e não de anomalia. Fiquei aliviada com essa notícia, não que eu deixaria de o amar por causa disso, mas sabia que ele sofreria com tanto preconceito que ainda a nossa sociedade tem, bem como as dificuldades de locomoção e tantas outras coisas inadmissíveis para hoje em dia.

Tive que pegar alguns dias de folga do meu consultório para adaptar a minha vida em função do Perereco. Seus horários de amamentação ainda estão descompassados e frequentes, e não seria prudente da minha parte voltar a trabalhar com ele nessa situação. Chega de negligência de minha parte.

Como sou uma autônoma, meu único problema é que se eu não trabalhar, eu não recebo, então vou ter que me afastar por no máximo um mês dos meus pacientes para não entrar em estado de falência completa. Sobre os meus eventos com a Su, posso fazer todo o planejamento dos pratos em casa, e só delegar as funções para as gurias que trabalham comigo na cozinha.

Nem preciso dizer que foi um choque e tanto para os meus pacientes, bem como os funcionários da Su, em saber que eu havia tido um filho, sem nem mesmo perceber. Tive que contar a mesma história diversas vezes para todos os pacientes, e todos me entenderam e ainda me deram votos de felicidades para nós dois.

Quando fui ao orfanato, o levei junto em um bebê-conforto rosa, que por sorte a Su ainda não havia doado e eu estou aproveitando. As crianças vieram e ficaram me fazendo perguntas de onde ele tinha saído e porque eu não tinha ficado gorda, palavras delas, e algumas queriam ficar com ele para brincar, como se ele fosse uma boneca gigante. Minha avó teve que benzer ele diversas vezes de tanto quebrante que colocaram nele em poucas saídas que fizemos.

Mas ainda a minha briga com ela era com os banhos. Como agora.

O Perereco está pelado em cima da cama, com uma toalha em baixo dele, já que ele é dono de se mijar quando tiram a fralda. Esses dias a mijada foi tão forte que entrou até entre os meus peitos. A Fofinha está deitadinha ao lado dele brincando com as suas mãos e fazendo carinho de leve nele. Estávamos todos com medo da sua reação, pensávamos que ela teria ciúmes ou que tentaria brincar com ele do mesmo jeito que faz com nós, mas ela se apaixonou pelo meu filho, assim como todos nós, à primeira vista.

– Mas Dona Eulália, eu fiz isso sempre com a Fofinha! – Termina de despejar a água quente e espalho na banheira até o termômetro indicar a temperatura certa.

– Mas está errado, menina gordinha. Não se dá banho no chuveiro até a criança ficar grande. – A vó pega ele no colo e eu pisco para a Su. Montar, desmontar banheira no quarto é uma maratona e tanto, só vou deixar ele crescer mais um pouco e levar para o banheiro comigo.

– Será que hoje, eu posso dar banho no meu filho? – Minha avó olha para mim e fala.

– Tu ainda está fraca do parto, deixa que eu dou banho.

– Dona Eulália, eu fiz cesárea e já fazia tudo isso quando a Fofinha foi para casa. – Desisto de brigar e resolvo que hoje eu vou dar banho no meu filho. A minha vó que me perdoe, mas também quero ficar com o ele um pouco. Por ela, só me entregava ele quando ele está com fome.

Até para eu trocar as fraldas, é uma briga.

– Não vó, hoje ele é comigo! – Pego o meu filho dos seus braços e delicadamente coloco ele na água quentinha. Óbvio que ela me xingou quando eu fiz isso, mas nem dei bola.

– Cuidado a cabeça dele – reviro os olhos para o nada e me encanto com o Perereco dar um sorrisinho sem dentes para mim. – E esse umbigo tem que ir para dentro, vou comprar uma faixa e colocar uma moeda para entrar.

– Sem moeda vó, – Su me alcança o shampoo e a Fofinha sobe em cima da cama para espiar o banho. – O pediatra disse que é normal.

Dou o banho de rei no meu bebê, ele está acordado e feliz com o contato com a água. Lavo sua cabeça primeiro, com inúmeras advertências com a “moleira” dele da vó. O viro de bunda para cima e termino o banho no meu Perereco risonho.

Consegui, dar o meu primeiro banho no meu filho sem nenhum problema mais aparente. Coloco ele em cima da toalha que está em cima da minha cama e coloco as suas fraldas e o seu pijaminha. E pronto. Chego a bater palmas de felicidade por ter conseguido fazer isso sem a ajuda de ninguém e ter finalmente tirado ele dos braços da minha avó. Até a Fofinha bateu palmas junto.

– Agora vamos encher a pança e dormir como um anjinho. – Distribuo alguns beijos pelo seu rostinho cheiroso com o sabonete e o shampoo infantil que comprei e o amasso um pouco.

Sim, eu sou uma mãe coruja assumida.

Ele dorme depois de mamar um pouco, o faço arrotar e deito em seu bercinho ao lado da minha cama. Minha avó foi dormir e eu fico só com a Su e a Fofinha me acompanhando, já que o Yago e o Noah estão em uma noite de pai e filho encarando a TV e o vídeo game.

– Meus pais vão vir buscar a vó depois de amanhã. – Me atiro no sofá, coloco as pernas para cima e pego um chocolate que a Su trouxe para nós comermos.

– Com medo de ficar sozinha com ele? – Su entrega um pedaço de chocolate para a filha que faz os seus olhos brilharem. Daqui alguns dias vamos ter que começar a comprar mais chocolate para as nossas reuniões, já que a Fofinha pelo visto vai ser assídua nelas e consumidora ávida.

– Um pouco – suspiro. – Não é bem medo, mas sei lá. – Dou os ombros e soco mais chocolate na boca.

– Sei como é. Fiquei assim com a Fofinha também. – E ela beija o pescoço da filha a fazendo rir.

– Vou ter que contratar uma babá. Tenho que voltar a trabalhar.

– Tu sabe que pode deixar ele com nós. Hoje em dia não é fácil encontrar uma confiável.

– Eu sei, mas não vou alugar vocês o dia todo para ficarem com ele, quase o dia todo. Seria demais. Vou trabalhar alguns dias pela manhã e outros pela tarde e adaptar os meus pacientes para horários fixos.

– Nem vou comentar isso, Elis. Não seria nada demais ficarmos com ele alguns dias por semana. A Fofinha vai cuidar dele, não é filha? – Olho para a minha afilhada e ela dá um sorriso com o rosto puro chocolate.

– Vou deixar a Fofinha com o Perereco, tu vai cuidar dele? – Ela foca aqueles olhos azuis dela em mim e responde.

– Sim. – e volta a comer o seu chocolate.

– Problema resolvido. – Falo e começamos a rir.

Su vai embora logo depois que terminamos a terceira barra de chocolate. Vou para um banho rápido no banheiro que tem junto ao meu quarto e quando me deito na cama, vejo o meu filho acordado olhando para tudo que é lado.

– Oi, Perereco da mamãe. – Ele pisca algumas vezes como se tentasse saber onde eu estou.

Pego ele no meu colo e o trago para a cama. Coloco ele deitado ao meu lado viradinho de lado, como ele já demonstrou que gosta de ficar.

– Tu é a surpresinha da mamãe. Eu nem sabia que tu ia vir para mim. – Coloco a mão na sua cabecinha e a textura delicada como se fosse pêssago, traz um sorriso bobo ao meu rosto.

Tinha um professor louco na faculdade, da matéria de psicologia, que sempre falava que no fundo somos todos animais e agimos por instintos. Naquela época achava tudo idiotice e sem nexo nenhum. Hoje já vejo com outros olhos. Não estava esperando esse serzinho para a minha vida tão cedo, mas o jeito que lido com ele é digno de uma Elis que eu nunca vi na minha vida. Sei que no fundo tudo é instinto.

Eu tinha um medo horrível de ficar grávida. E depois que eu convivi com a Su assim, meu medo se multiplicou drasticamente. Tanto que eu fugia dela quando ela ficava querendo me mostrar os chutes da Fofinha dentro dela. Nunca na minha vida vou achar isso normal. Imagina sentir alguma coisa te chutar por dentro. Deve ser apavorante! O Noah e a Su babavam quando isso acontecia, e eu me escondia como o diabo da cruz.

Apesar de tudo, não descobrir que estava grávida foi a melhor forma que poderia ter acontecido. Se descobrisse ainda no início, teria surtado completamente com a ideia de ter que passar por tudo isso e ainda sozinha.

Ok, completamente sozinha não, tenho a sorte de ter dois amigos que são como irmãos para mim, e em tudo que eu pedir, eu sei que eles me ajudarão.

Mas pelo simples fato de ser uma mãe solteira é que me faria ter um bom medo de tudo. Não saberia responder se eu iria atrás do Antes de Cristo para contar que estava grávida com apenas uma escapada que tive com ele.

Assim que coloquei o Antônio nos meus braços, percebi que ele foi a coisa mais linda que eu já fiz na minha vida. Não quero, e nem preciso de um pai para criar o meu filho, e não ir à procura do seu pai me faz mais responsável ainda por ele.

Ontem à noite, antes de dormir pensei no futuro. Sei que um dia o meu filho pode querer descobrir a sua origem e querer ir atrás do seu pai, e eu não vou poder negar esse direito a ele.

Mas já vou avisá-lo de todos os riscos que ele poderá correr se quiser tomar esse caminho. Por uma questão de escolhas, escolhi não ir atrás do AC para não ter correr o risco de contar ao meu filho que o seu pai sabe da sua existência, mas não quis contato. Isso seria bem mais traumatizante para ele, crescer com a sombra da rejeição do que com a possibilidade de futuramente ele ter o benefício da dúvida e querer ir atrás dele para ver a repercussão.

Ele boceja para mim e eu babo mais um pouco. Meu filho é perfeito, desde suas mãos minúsculas aos seus pezinhos. Não sei o que o futuro nos reserva a partir de amanhã, mas tenho a certeza de que eu vou tentar ser a melhor mãe para o meu Perereco.

Capítulo 9

Silêncio. Essa é uma palavra que no vocabulário que tenho significa bagunça.

Termino de estender a montanha de roupa que saiu das nossas casas, de ontem para hoje, e desço as escadas do andar superior que o Noah conseguiu persuadir a Su para construir.

Saímos de férias mês passado com as crianças por quase trinta dias, o tempo suficiente para o apartamento deles ser reformado em certas partes e o andar acima dos nossos, ser convertido em uma área de serviço gigante com uma piscina e uma churrasqueira. Desço as escadas mais rápido que posso, mas evitando cair pela terceira vez dela, ainda não sei como não me quebrei nela ainda.

– Se vocês dois estiverem aprontando alguma coisa, eu juro que penduro os dois no varal junto com as roupas! – Grito, passando pela porta do apartamento da Su, antes de abrir a do meu onde a Fofinha e o Perereco estão, e só escuto a risada dos dois.

Assim que abro a porta eu vejo a minha bolsa aberta no meio da sala, as minhas maquiagens espalhadas pelo chão, e a minha parede pintada com duas mãos de batom vermelho e rosa. O Gato, com um elástico colorido prendendo um pedaço do seu pelo só me observa e quando se vira, vejo uma mancha de sombra verde nele.

– Eu não acredito que vocês dois fizeram isso! – Junto as coisas e quando levanto a minha bolsa, vejo o meu cartão do banco pura rímel. Como eles conseguiram fazer essa bagunça toda em menos de dez minutos?

Deixei as ferinhas com a TV ligada no canal educativo, os dois de pijama e tomando leite. Não faz nem meia hora que elas acordaram e já fizeram toda essa bagunça.

– Onde vocês dois estão? – Caminho para dentro do apartamento em direção ao corredor e só escuto as risadas dos dois. – Já estou com os prendedores em mãos para pendurar os dois no varal de roupas!

Vou até o meu quarto e escuto os dois abafando uma risadinha infantil até não aguentarem mais. Entro na brincadeira, como toda dinda e mãe devem fazer. Começo a procurá-los por de baixo da cama, indo longe do local que obviamente eles estão, abro a porta do banheiro e aproveito para ligar o chuveiro, já que do banho eles não escapam agora, e volto até o local no meu guarda-roupa vazio que eles sempre se escondem.

– Achei vocês! – Abro a porta e eles gritam de felicidade.

Vejo a Fofinha, no auge dos seus dois anos e meio sair correndo com mais facilidade que o Antônio e seus passos mais vacilantes que os dela, e os interceptos me sentando e puxando os dois para o meu colo.

– Eu não acredito que vocês fizeram aquela bagunça toda! Deixa eu ver vocês. – Viro a Fofinha para mim e só vejo os seus olhos azuis a salvo. – Fofinha do céu tu está pior que uma palhacinha! – Sua boca está toda rebocada de batom vermelho, ela sorri e eu vejo até seus dentinhos pintados.

– Pinte o “Peleleco”! – Ela me fala e o meu filho sorri para mim. Seu rosto não está muito diferente do dela, mas pelo menos não tem tanto batom.

– Vocês dois me racham a cara, isso sim! Para o banho, os dois! Agora! – Me levanto rápido e os dois saem correndo em direção ao banheiro.

Sorrio para eles que entram no banheiro e caminho até lá para ajudar os dois nos banhos e tentar tirar o máximo de maquiagem de seus rostos. Desde que me tornei mãe, há um ano e meio atrás, essa tem sido a minha vida. Uma arte depois da outra, correndo atrás deles e me apaixonando cada vez mais por essa minha profissão vitalícia.

O Antônio é um amor de criança e a Fofinha também, mas quando os dois se juntam a bagunça é certa. Eu, a Su, Noah e até mesmo o Yago sofremos nas mãos dos dois, que de pequenos, eles só têm a idade. Já pensamos em colocá-los em alguma escolinha para liberarem um pouco dessa energia sobressalente que ambos têm e que não gastam totalmente nas aulas de natação que fazem duas vezes por semana. Mas ficamos com tanta dó de abandonar os nossos filhotes todos os dias e só os vermos a noite, então nos desdobramos em cinco para aproveitarmos o tempo que temos com eles, até porque tudo passa tão rápido hoje em dia.

– “Tila”, tia Lis! – Fofinha vem com os bracinhos levantados para mim e eu puxo a sua blusa do pijama.

– Quer fazer xixi? – Ela pensa um pouco, faz uma carinha linda e toda maquiada e nega com a cabeça.

Sorte da vaca que a sua filha já está usando o penico, eu ainda tenho rombos semanais em fraldas com um certo Perereco que ainda está preguiçoso nesse quesito.

Coloco os dois embaixo da água e tento limpar o máximo que consigo deles, tanto que quase penso em pegar o detergente da cozinha para agilizar o trabalho.

Visto os dois e os deixo em cima do sofá brincando com alguma coisa que eu espero que no mínimo eles fiquem uns cinco minutos entretidos. Pego um balde e vou limpar a minha parede do batom que eles tentaram fazer algum quadro moderno.

– Cheguei! – Noah abre a porta e me vê de joelhos esfregando a parede. Já passou do meio dia e eu nem percebi! – O que os dois anjinhos aprontaram hoje?

– Papai! – Fofinha se joga do sofá, enquanto o Antônio começa a se mexer.

– Oi minha gatinha. Oi Perereco do dindo. – E pega os dois no colo como se não pesassem quase nada juntos. Eu já morro de dor nas costas carregando um só. – O que as ferinhas aprontaram hoje?

– Maquiagem – enxugo o final de água que havia espalhado e me levanto. – Até para o Gato sobrou.

– JBebê! – Fofinha bate palmas como se tivesse feito uma grande coisa maquiando o coitado do cachorro que pelo visto conseguiu se livrar da garra deles.

– Pobre do JBebê – Junto as coisas e levo para o armário onde elas ficam.

Desde semana passada, quando fomos a fazenda, ela começou a chamar o JB de JBebê, já

que lá em casa tem uns cachorros gigantes e ela queria saber se o JB iria crescer como eles, então o Noah explicou que ele sempre ficaria no tamanho de um bebê e ela mudou o apelido do cachorro.

Volto para a sala e os três estão sentados no meu sofá. Noah esmaga descaradamente o meu filho e a sua filha ao mesmo tempo e eles riem como se não houvesse amanhã. Somos abençoados por nossos filhos serem crianças felizes e podem aproveitar o tempo que tem de crianças inocentes a vontade.

– Como foi a aula hoje? – Noah solta as crianças ofegantes e trôpegas de tanto rir.

– Ótima, só estou com um problema na turma do Yago. – O ano letivo começou há poucos dias e o Noah assumiu algumas turmas de inglês na escola do filho. Ele se formou na faculdade ano passado, e agora começou uma pós com foco em educação infantil.

– O mesmo de sempre? – Por serem de uma escola particular, alguns alunos tem o problema com a delegação de tarefas e enfrentam os professores de igual para igual, e meio que o Noah não aceita isso.

Mesmo sendo os primeiros dias de aula, ele já teve uma briga feia com um pai que disse que o Noah era apenas um empregado da escola e não poderia mandar no seu filho, já que era ele quem o sustentava pagando o seu salário. Óbvio que o Noah quase bateu no cara por falar isso, ainda mais na frente do seu filho. Que tipo de educação um pai dá para o seu filho a ponto de falar isso para o seu professor?

Ah se ele soubesse o que o Noah faz com o salário que ele ganha da escola todos os meses...

Foi uma briga e tanto, o diretor teve que intervir e dizer que o pai estava errado. E se aquele era o pensamento dele, que pegasse o seu dinheiro e fosse embora da escola, já que a função dela era ensinar a formar cidadãos de bem e não essa inversão de valores e falta de educação.

– Não é... – Yago chega à porta do meu apartamento e o Noah encerra o assunto. Por mais que ele seja o seu professor, alguns problemas em sala de aula ele não sobrecarrega o filho, já que a sua aceitação de ter o seu pai como docente dele ainda é um ponto delicado em casa e em sala de aula.

– Bom dia, Anjo. – Me aproximo dele e o beijo na cabeça. – Como foi a aula?

– Foi boa, tia Elis. – Ele caminha até o sofá e as crianças se encarregam de distraí-lo por enquanto.

Vou até a cozinha para colocar o resto da lasanha que fizemos ontem à noite para nós no fogo e o Noah vem atrás de mim.

– E... – ele continua a falar. – Sinto alguns colegas dele meio que o aterrorizando com essa situação toda. Já conversei com a Fofa e tudo.

– Ela me disse – pego na geladeira alguns legumes frescos para uma salada rápida para as crianças – que em casa ele está normal, mas na escola...

– Ele se retrai todo! – Noah puxa uma cadeira e se senta. – E quando perguntamos, ele diz que não é nada.

– Coisa de pré-adolescente. Agora ele começa a crescer e sentir vergonha dos pais. – Dou os ombros. O Yago já está com onze anos, e crescendo muito rápido.

– Pode ser, mas eu conheço o meu filho e sei que não é isso.

Reviro os olhos para o Noah e me volto para a minha salada rápida.

O dia passa rápido. Depois de dar almoço para as crianças, me arrumei e fui correndo para o consultório, deixando elas com o Noah. Atendo os meus pacientes até às quatro da tarde e corro para o orfanato para fazer a dieta semanal das crianças e dar assistência a elas.

– Tia Elis! – Sarah me espera no portão, como sempre.

Abraço e a beijo diversas vezes. Vi essa criança de dez anos renascer aqui no orfanato. Sua história me tocou de uma maneira que nunca tinha acontecido comigo.

Ela foi encontrada em uma boca de fumo em estado crítico de desnutrição e desidratação a ponto de quando a levaram para o hospital o médico não dar muitas esperanças para ela. Nós quatro, eu, Raquel, Noah e Su, nos revezamos enquanto ela estava em estado de perigo no hospital, uma noite para cada um. Depois de alguns dias ela começou a reagir, eu estava com ela quando o médico deu alta e confesso que me apeguei a ela de uma forma diferente que das outras que temos aqui.

– Como está, Sarah? – Sua pele morena, bem como os seus cachos volumosos a tornam uma criança linda.

– Bem! Cadê o Perereco? – Sempre que consigo, trago o Antônio junto comigo. As crianças o adoram e a Fofinha também. Nem preciso falar que os dois fazem a maior farra aqui.

– Deve estar em casa dormindo nesse horário, aquele preguiçoso! – Caminhamos até a cozinha do orfanato.

Sarah, apesar de tudo que já passou até hoje, é uma criança feliz aqui no orfanato. Desde que ela chegou e começou a interagir e a se sentir segura, longe de tudo e todos que já a fizeram mal, desabrochou como uma criança normal e graças aos céus sem nenhum dano físico e psicológico grave. Ela ainda faz algumas sessões com a psicóloga, mas se tudo continuar no ritmo em que anda, logo estará livre de tudo isso.

O que me encanta nela, além dessa superação, sempre querendo ver o lado bom de tudo, é o seu amor pela comida. A primeira vez que ela se sentou no refeitório com as crianças disse que nunca tinha visto tanta comida na sua frente. Isso me emocionou de um jeito que quando sai do orfanato desatei a chorar, só consegui me acalmar quando cheguei a minha casa e peguei o meu filho nos meus braços, vendo que ele estava seguro de toda a maldade que esse mundo possui, que ataca vida tão inocentes, como a Sarah.

– Posso ajudar a preparar a dieta? – Sua empolgação quando entramos na cozinha é contagiante, parecia eu tomando conta com a avó lá em casa quando eu tinha idade dela.

– Deve! – Ela sorri para mim e começamos a trabalhar na dieta e diversas possibilidades de

cardápio.

A Laura a tem como uma ajudante assídua na cozinha, tanto que algumas vezes a Sarah se acha melhor que ela aqui. Aos poucos vem fazendo alguns trabalhos e ajudando no preparo das refeições, de acordo com o que pode ajudar. Ajuda a servir e limpar depois de tudo feito, por mais que a Raquel já tenha a corrido da cozinha, ela sempre volta às escondidas.

Tento acompanhar a sua animação com os alimentos que ainda temos para o resto do mês, e tento não transparecer a minha aflição em ver os armários quase vazios.

– Tia Elis, podemos fazer aquela coisa de espinafre? – Seus olhos brilham com o simples fato de fazer espinafre com ovo.

– Podemos. – Uma receita prática e que quase todas as crianças amam aqui. Escrevo no papel que estou nas mãos e termino o cardápio para os próximos dias.

– E acabamos! – Sarah fala animada e eu sorrio para ela.

– Isso aí! – Coloco a dieta das crianças colada na geladeira e vejo a Sarah olhando animada para mim, como se quisesse me contar alguma coisa, então puxo assunto. – Como foi a aula hoje? – Seus olhos brilham para mim e eu sei que acertei em cheio.

– Foi ótima, Tia Elis. A Prof. de inglês disse que eu sou bem inteligente, porque fiz todos os exercícios e não errei nenhum! Aí eu disse que tinha aula com o Tio Noah. Ah! A prof. de matemática colou uma estrelinha no meu caderno!

– Que legal! Bate aqui! – Estico a minha mão para ela que bate toda empolgada. Meu coração dá um salto com essa felicidade.

Me despeço dela depois que prometi que falaria com a Raquel para poder levar ela no mercado no início do mês para fazer algumas compras complementares com a verba que o orfanato recebe, bem como mais algumas doações de voluntários. Todos os meses eu faço as compras e envio um relatório com o que foi adquirido para a prestação de contas do orfanato. Sarah começou a pular e gritar de felicidade como uma maluquinha com essa possibilidade e eu tive que acalmar seus ânimos para ela não passar mal de tanta felicidade.

Chego em casa com o pôr-do-sol no horizonte. A casa está em silêncio, deixo a minha bolsa em cima do sofá da sala e saio em direção ao apartamento da vaca e abro a porta sem cerimônia nenhuma, até porque entre nós não tem essas coisas. Praticamente todas as semanas vejo o Noah desfilando de cueca na minha frente, assim como ele já me viu só de calcinha e sutiã diversas vezes, e ainda reclama.

No momento que coloco a mão na maçaneta da porta da Vaca, ouço risadas vindo do andar de cima e o barulho de alguém se atirando na piscina. Desvio meu caminho e subo a escada lateral, perto da janela do corredor em direção à nova área de serviço que eles têm, mas que possuo acesso.

Assim que apareço na porta meu filho vem correndo com suas boias de braço do homem aranha em minha direção e eu o pego no colo, não me importando que ele esteja todo molhado e o beijo repetidamente, até ele se cansar de mim e voltar para se atirar na piscina novamente.

– Oi, Vaca! – Su fala para mim dentro da piscina com a Fofinha mergulhando ao seu lado só com as boias de braço das princesas de fora. Por mais que eles frequentem a aula de natação infantil antes mesmo de engatinharem, não nos sentimos seguras em ter os dois juntos na piscina com só um responsável. Claro que no início foi uma briga e tanto com os dois para se adaptarem com as boias, mas agora eles já aceitam com mais facilidade.

– E aí? Como foi o dia? – Tiro a minha blusa, calça e sapato e entro na piscina num pulo só de calcinha e sutiã mesmo.

– Foi bom! – Ela caça a Fofinha que quase tomou metade da piscina agora e eu pego o meu Perereco no colo.

Ele coloca as mãos no meu rosto e foca os seus olhos, um de cada cor, nos meus e abre um sorriso. Meu filho, minha paixão. Por mais que a minha vida tenha mudado de cabeça para baixo, não trocaria nada pela felicidade de ter hoje ele junto comigo. Mesmo quando ele e a Fofinha destoem um conjunto de maquiagem na minha parede.

– Vocês dois já contaram para a Su o que aprontaram hoje comigo? – Fofinha abre aqueles olhos gigantes azuis para mim e se esconde no pescoço da sua mãe.

– O que tu aprontou, Fofinha? – Ela ri, olha para a mãe e volta a se esconder.

– Ela e o Perereco aqui – faço cócegas no meu filho, que ri para mim – destroçaram um conjunto de maquiagem meu, o que eu tinha dentro da minha bolsa. Sujaram até as paredes e estragaram o meu cartão do banco com rímel, tanto que eu tentei usar ele e não consegui. Vou ter que ir ao banco fazer outro amanhã!

– Eu não acredito que vocês dois fizeram isso! – Olho para os dois agarrados em nós e começamos a rir.

Saímos da piscina porque o Yago, Gato e JB foram lá para cima e reclamaram de fome. Se deixássemos pelos pequenos, não sairíamos de lá tão cedo. Jantamos todos, depois que o Noah voltou da faculdade e venho para casa com um Perereco cansado e pronto para dormir.

Depois de muita briga no banho, para ele parar quieto e deixar eu lavar ele decentemente, colocamos os nossos pijamas e quando o convido para ir para a sua cama ele senta na minha e fica me olhando.

– Quer dormir comigo hoje? – Ele pisca para mim duas vezes e cada vez mais eu me convenço que ele já adotou o código, duas piscadas para sim e uma para não.

Começamos a notar que além de risadas e gritinhos, ele nunca falou nenhuma palavra aos oito meses. Entrei em pânico total com ele quando o pediatra me falou isso. Levei a tudo que era médico possível e impossível nessa cidade, reviramos o Perereco da cabeça aos pés para não ele não ter nada. Ainda bem!

Segundo o médico, isso é uma anormalidade considerada normal. Para mim é uma aflição ver que o meu filho simplesmente não fala nenhuma palavra.

– Só hoje. – Faço uma cara de malvada para ele que ri descaradamente de mim.

Me deito na cama e ele vem todo se chegando para o meu lado. Se agarra no meu pescoço

quase sem me deixar respirar direito. O abraço do mesmo jeito e dormimos um agarrado no outro.

~

O dia começou maravilhoso para mim, só que não. Esqueci de colocar o despertador para tocar pela manhã e acordei super atrasada, ainda mais com o Antônio me chutando a noite toda, como se quisesse entrar dentro de mim novamente.

Peguei um trânsito infernal para chegar ao consultório e o primeiro paciente nem dar as caras. E agora eu estou aqui na fila do banco para trocar o meu cartão jogando um jogo horrível no meu celular, e para piorar mais a situação ainda, minha calcinha está em um lugar que ela não deveria.

Sabe quando isso acontece e tu fica na ânsia para tirar ela de lá, porque além de lá não ser o lugar dela, está machucando? Pois é mais ou menos assim que está a minha. Pior de tudo é que eu não posso nem dar uma disfarçada e a tirar de lá porque ela está em um estado de atolamento profundo. E eu ainda ri da Su quando ela me disse que estava quase se convencendo a começar a usar cuecas ao invés dessas malditas calcinhas que entram em lugares que não são convidadas!

Olho a minha senha para o painel, ainda tem umas duas pessoas na minha frente. Levanto toda desengonçada, como se todo mundo no banco pudesse notar o meio metro de pano enfiado na minha bunda, e caminho em direção ao banheiro mais próximo. Me tranco em um box e solto um suspiro de alívio em conseguir colocar a calcinha no local. E olha que essa é bem comportada e cobre boa parte da minha bunda.

Saio do banheiro com um sorriso de alívio, e quase tenho um treco vendo que estão chamando o meu número de senha para ser atendido! Se eu tivesse ficado sentada lá, ia demorar mais umas vinte horas para me atender, no mínimo.

Mostro o desastre que virou o meu cartão com o rímel entranhado nas ranhuras do chip e só recebo um sorriso gentil da atendente que compreende a minha situação e solicita com urgência outro cartão para mim.

Saio colocando os documentos dentro da minha bolsa entre uma coisa e outra do Antônio que encontro aqui. Um pequeno kit de primeiros socorros em caso de urgência como fralda e pano úmido. Estou tão concentrada tentando fechar a bolsa olhando para ela e pensando em mil coisas para resolver ao mesmo tempo. Quando percebo, estou batendo em alguma coisa e se essa coisa não me segurasse pelos ombros eu cairia de bunda no chão no meio do banco no horário de pico.

– Desculpa! – Me apresso a falar ainda olhando para a bolsa e quando levanto os olhos para a pessoa em que bati, fico petrificada.

Putá que pariu! Com um sorriso e o mesmo par de olhos que me lembra todos os dias se enfiando na minha cama, um de cada cor. Pisco algumas vezes pensando que isso só poderia ser uma alucinação da pancada que sofri, mas me vejo frente a frente com o Antes de Cristo com um terno e gravata. Fico estática, sem reação nenhuma por alguns segundos e consigo piscar, porque o meu cérebro entrou em pane por completo nesse momento.

– Tudo bem? – Sua voz ainda tem o mesmo tom que eu me recordo de anos atrás. Ele está um pouco mudado, seu rosto está mais cheinho do que eu me lembro, e esse peito em que bati, condiz com o que eu conheci vestindo aquelas roupas ridícula de carteiro amarelo e azul.

Com um estalo de adrenalina, aceno com a cabeça que estou sim, e aos poucos ele me solta testando para saber se eu posso ficar sob os meus pés. Ele se afasta um pouco de mim e seu sorriso ainda continua no seu rosto. Penso no Perereco e como eu não percebo que mesmo tendo apenas um ano e meio, se parece muito com ele. Engulo a seco e me recomponho e peço em uma prece silenciosa para que ele não tenha me reconhecido.

– Está lembrada de mim? – Merda! Será que seria muito pedir que ele me esquecesse? Balanço um não curto com a cabeça e olho para os lados buscando uma rota de fuga.

Vejo ele estranhar o meu comportamento e inclinar a cabeça um pouco para o lado não entendendo a minha reação. Droga, o Antônio faz isso igualzinho a ele!

– Eu fui o teu carteiro por um tempo. Tu até me chamava de Antes de Cristo por causa das iniciais do meu nome. – Maravilha, claro que ele não ia esquecer a destinatária maluca que esperava ele quase seminua e ainda o atacou depois de algumas doses de tequila.

– Tu deve estar me confundindo! – Finjo um falso escárnio e saio, tentando não correr, em direção à porta.

No momento em que cruzo a porta do banco, me escoro na parede e tento recuperar o fôlego que perdi nesses minutos que se passaram. Quando na minha vida eu pensaria em encontrar o Antes de Cristo novamente? Nunca. Chance zero! Ainda mais porque da última vez em que o vi ele estava enclausurado em um uniforme de carteiro e no meu antigo bairro. E agora, por acaso, o encontro no meu banco. É muita coincidência para uma pessoa só!

Faço o caminho para o consultório repassando a cena diversas vezes na minha cabeça. E por um motivo de segurança resolvo mudar de agência assim que o meu cartão novo chegar.

Capítulo 10

Por AC

– Vai voltar para casa cedo? – Sua voz sempre é receosa quanto a isso.

– Marquei Squash com o Luiz para as seis. No máximo oito horas eu estou em casa. – O telefone fica mudo por alguns segundos e eu escuto a sua respiração ser solta em uma forma de alívio.

Isso me mata em todos os sentidos.

– Bom trabalho, então. Tchau.

– Obrigado e te vejo mais tarde. Beijos. – Ela desliga o telefone e eu guardo o celular dentro do meu paletó.

Junto as minhas chaves de cima da mesa do restaurante e me encaminho para a saída. O dia em que eu consegui respirar totalmente aliviado, sem nenhum tipo de preocupação com as contas por vencer, foi quando recebi o meu primeiro salário de concursado no banco. Pela primeira vez, seria quase todo suficiente para as despesas mensais. Não posso reclamar, o pouco tempo que tive como carteiro me salvou de uma barra e tanto, mas nada se compara ao patamar que recebo agora.

Nós vencemos.

Essa é a frase que eu mentalizo todos os dias antes de dormir ao lado da Olívia, a minha esposa.

– Boa tarde – falo educadamente para o porteiro do banco em que trabalho e sou correspondido com um aceno de cabeça.

Caminho em direção à minha mesa e a minha atenção é chamada para o tumulto em que o banco se encontra a essa hora de almoço. Sinto uma topada no meu peito e agarro a mulher por reflexo nos seus cotovelos para ela não se estatelar no chão.

– Desculpa. – Murmura e meu corpo se reseta automaticamente.

Ela está do mesmo jeito que eu a conheci há uns bons dois anos e poucos atrás. Reconheceria ela há quilômetros de distância. Depois daquela festa da tequila em que eu parei na sua casa, exatamente no seu sofá, eu nunca mais a vi.

Eu estava completamente perdido naquela época. Dívidas já me consumiam pelo meu crédito estudantil e eu estava morando em um alojamento, pois o pai da Olívia, meu tio, tinha me expulsado da sua casa onde eu morava desde que tinha iniciado a faculdade.

A última coisa que eu precisava na minha vida naquela época era um porre de tequila e acabar encontrando ela sozinha na festa. Agi como um troglodita e sempre quis me desculpar decentemente, além do recado ridículo que deixei no seu espelho do banheiro escrito com o batom vermelho. Eu poderia estar pobre e sem nada além da roupa do corpo, mas nunca deixei os meus valores e responsabilidades de lado. Com o tempo a gente aprende que a nossa

reputação e ações são o que valem nessa vida.

– Tudo bem? – Seus olhos focam os meus e eu sorrio. Apesar dos anos que se passaram eu não mudei muito e meus olhos não deixam nenhuma dúvida quanto à minha identidade.

Minha ex-destinatária pisca algumas vezes e arregala os olhos castanhos para mim. Meu sorriso se amplia um pouco, pelo visto ela me reconheceu.

– Está lembrada de mim? – Uma cara de assustada toma conta das suas feições e eu fico confuso com tudo isso. – Eu fui o teu carteiro por um tempo. Tu até me chamava de Antes de Cristo por causa das iniciais do meu nome.

Eu sei quando uma pessoa se sente acuada, bem mais do que gostaria de admitir, e é exatamente assim que ela se encontra nesse momento. Seus olhos ainda estão assustados e ela fica olhando para todos os lados como se procurasse uma rota de fuga de mim. Lentamente a solto e ela se agarra a sua bolsa.

– Tu deve estar me confundindo. – E passa por mim quase correndo em direção à saída da agência me deixando completamente sem ação.

Demoro alguns segundos para me recompor depois dessa cena. Tenho absoluta certeza de que é ela! A reconheceria em qualquer lugar. Mas o que eu não entendi foi essa reação que recebi como resposta.

Volto para a minha mesa e uma pilha de trabalho me espera, sem me dar mais tempo para pensar em tudo que acabou de acontecer aqui.

~

– Impressão minha ou tu está com o estresse acima da média? – Luiz me chama a atenção depois de perder mais uma bola minha no squash.

Apoio às mãos no joelho enquanto tento recuperar o fôlego de jogar. Suor escorre por todos os poros do meu corpo, minha respiração sai superficial e sinto os meus músculos queimarem por tanto esforço físico.

– Talvez. – Ele ri e recomeça a rebater a bola contra a parede enquanto eu me recupero.

Estamos jogando há quase uma hora e eu estou dando o máximo de mim. Quero chegar à exaustão máxima, para chegar em casa, jantar com a Olívia e cair em um sono profundo.

– Chega por hoje? – De propósito ele rebate a bola, com efeito, para que ela bata na minha cabeça.

Lentamente me levanto e respondo com um sim só com um aceno de cabeça. Saímos do box e em silêncio caminhamos em direção aos vestiários. Entro no primeiro chuveiro livre, com a minha mochila, e deixo a água gelada lavar o suor do meu corpo.

– Ainda estou esperando. – Luiz fala dois chuveiros depois de mim. Por que ele tem que ser tão perturbador?

Conheci ele na fase em que eu topava qualquer trabalho por dinheiro, e peguei uns bicos como personal trainer. Começamos a trabalhar depois do meu turno como carteiro e de cara ele

já começou a se intrometer na minha vida com perguntas discretas e conversas que sem eu mesmo saber, contava mais que devia para ele. Foi depois de algumas sessões que eu descobri que ele era psiquiatra, onde atua por atuar, pois já é rico por parte de herança do seu pai que fundou uma escola particular na cidade.

– Ok, vamos fazer o cenário do psiquiatra chato e o paciente que não vai descontar os problemas dele em cima do médico? Já disse que não funciona comigo. – Bato a minha cabeça no azulejo azul do box, será que algum dia ele vai me deixar em paz? – Vamos lá AC, conta tudo para mim aqui, preciso exercitar os meus conhecimentos com pacientes problemáticos mesmos, não as coisas que aparecem lá no consultório.

Saio do box já de cueca, podem me chamar de fresco, mas depois de tanto ver homem pelado caminhando por esse banheiro masculino que não aguento mais. Pelo menos o meu eles não vão ver. Termino de me vestir e o Luiz continua com uma cara de deboche para mim esperando que eu fale. Só tem nós dois aqui hoje, para a minha alegria. Se tivesse mais uma viva alma por aqui, ele me esqueceria. Fecho o meu armário pessoal com uma força a mais do que ele precisa e o sorriso dele se amplia mais. Suspiro e olho para o teto.

– Lembra da minha destinatária aquela que eu...

– Opa que a história de hoje é das boas! – Fecho a minha cara para ele que nem dá bola. – Aquela que tu tran...

– Essa mesma. – o interrompo e começo a falar a história antes que ele venha de piadas para o meu lado. – Reencontrei-a no banco hoje e ela fingiu que não me reconheceu. Achei estranho, só isso. – Dou os ombros e coloco a minha mochila nos ombros.

Luiz faz a mesma coisa que eu e me segue até o estacionamento. Depois que a minha crise financeira extrema passou e eu consegui me estabilizar, larguei todos os meus bicos aleatórios para me dedicar à minha carreira no banco e a minha esposa em si. E digamos que o Luiz é estilo carrapato e não consegui fazê-lo desgrudar de mim. Ficamos amigos, mas ele continua a agir como um psiquiatra com um pezinho na psicologia comigo. Às vezes é bom ter com quem conversar mais profundamente sem medo de se expor e ser julgado de forma errada. Confio nele e sei que todos os conselhos que ele me dá são plausíveis. Mas tem dias que ele fica insuportável, como hoje.

– Por um lado posso entender a reação dela. – Do nada ele fala quando destranco o meu carro.

– Como? – Largo a mochila dentro do carro, e pego o meu celular para saber se tem alguma chamada ou mensagem da Olívia e fico aliviado em saber que não tem nada.

– Isso aconteceu há mais de dois anos, tu estava solteiro na época ela também. Rolou sexo e tu deixou um pedido de desculpas ridículo no espelho do banheiro dela. Convenhamos que não foi uma atitude muito cavalheira vindo de ti. Tu esperava que ela te abraçasse e agradecesse pela tua delicadeza com ela?

– Não... – Respondo testando se era isso que ele queria escutar, e para o meu desespero, ele só faz um movimento de sobrancelhas para mim. Detesto quando ele faz isso.

– Então o que tu queria?

– Sei lá. Uma conversa normal.

– Ah claro, seria super divertido! – Ele começa a fazer uma voz de mulher para mim – AC querido, senti tantas saudades de ti!

Sorrio e olho para o chão balançando a cabeça. Com certeza o Luiz é o psiquiatra mais maluco de todos.

– Ok! Não era assim que eu esperava.

– E o que seria? – Caramba, hoje ele está impossível!

– Não sei! – Desisto de queimar os meus neurônios por tentar achar uma resposta, e claro que pela cara do Luiz a minha frente na penumbra do estacionamento da academia, ele não vai aceitar essa resposta.

– Quero chegar em casa antes da meia noite. A Luiza me acordou esses dias de madrugada, e eu quero revidar. – Ele faz uma pose dramática de quem olhasse para um relógio de pulso, o que ele não tem agora.

– Pedir desculpas...? – Chego ver seus olhos brilharem como se tivesse descoberto uma coisa inédita.

– Sabia que era isso. – Ele coloca uma mão no meu ombro e olha para mim, como se um pai fosse dar um conselho para o seu filho. – Se tu tens amor as tuas bolas, meu amigo. Nunca falaria isso para uma mulher. Nenhuma no mundo vai gostar desse pedido de desculpas. E outra, que homem pediria desculpa por uma transa? Só tu mesmo, AC!

Ele entra no carro, importado e de luxo, e antes de dar a ré abaixa o vidro e fala:

– Mas se tu quer correr o risco. Vai em frente se isso for trazer algum tipo de alívio para ti. Só não se esqueça de avisar a Olívia que qualquer atividade que precise dessa parte do teu corpo vai ficar inutilizada para sempre. – E ele arranca o carro o fazendo roncar exageradamente e sai com um sorriso malicioso com várias interpretações.

Eu mereço.

Por Elis

Meu dia de merda continuou no mesmo patamar pelo resto do tempo. Quebrei o salto do meu sapato preferido e duvido que ele tenha alguma chance de arrumação. Estraguei uma unha tentando achar a ponta de uma fita adesiva, derramei iogurte na minha blusa branca e fiquei com uma mancha gigante bem no meio dos meus peitos.

Mas nada disso se compara a ter visto o Antes de Cristo na minha frente, no banco. Isso foi auge dos auge, a bomba de hidrogênio que faltava explodir na minha vida.

Entro em casa e vou direto para o banho, preciso tirar essa urucubaca de hoje de cima de mim antes de poder pegar o meu filho e pensar em preparar alguma janta para todos os habitantes desse andar. Coloco um pijama e atravesso o corredor em direção à porta da frente.

Tudo está em um absoluto silêncio para uma casa com pelo menos 3 crianças e uma criança adulta responsável. Caminho em direção aos quartos e vejo o Noah só de cueca secando o cabelo com uma toalha.

– Por que tem *glitter* nos teus cabelos? – Essa é a minha primeira pergunta quando eu vejo a cara cansada dele.

– Dia de brincar com os cabelos do papai. E o gel com *glitter* estava disponível. Te prepara que o Antônio não deve estar tão diferente.

– Dá última vez fiquei uma semana catando *glitter* nos travesseiros lá de casa. – Gemo.

– Pelo menos eu consegui tirar da cabeça dela que era o dia das maquiagens.

– Onde estão as ferinhas?

– Sala de música, o Yago está ensaiando piano e eles se acalmam lá. Como o meu estado estava ficando uma mistura de gel com todos os tipos de prendedor que ela tinha, tive que despachar os pequenos para lá.

Só imagino a cena de um Noah com todos os tipos de penteados que sua filha pode ter feito. Ele se presta para quase todas as brincadeiras que eles propõem, ou melhor, a Fofinha propõe e ele e o Perereco vão atrás. Tenho uma pequena impressão que o meu filho tem uma quedinha por sua prima emprestada e posso dizer o mesmo dela por ele.

Entro na sala de música e os acordes do piano me invadem bem como a voz do Yago cantando em inglês “*Every Breath You Take*” baixinho e os pequenos sentados no sofá observando a cena com toda a atenção focada para a música. A performance do Yago é perfeita e emocionante em todos os sentidos. Sua musicalidade é natural, igual à da sua mãe e as pronúncias com um sotaquezinho da Inglaterra, não deixam de ter a participação do seu pai também.

Entro na sala sem nenhum dos três perceber a minha presença. Sento na ponta do sofá e os pequenos me veem. Fofinha olha para mim e sorri, ela tem gel com *glitter* em todo o rosto, e se volta para olhar o irmão tocando. Meu filho sorri para mim e o meu mundo volta a ficar nos eixos depois desse dia de merda que eu tive. Ele pula no meu colo e eu sorrio vendo o seu cabelo todo brilhoso e arrepiado para cima, dou uns beijos na sua bochecha e ele se escora no meu peito e suspira com a música.

Yago ainda toca mais algumas músicas antes de perceber a minha presença ali. Ele ainda fica encabulado por o vermos tocar. Saímos da sala de música e tive que colocar o Noah e o Yago a dar banho nos pequenos juntos, enquanto eu preparava o jantar. E, para a felicidade da Fofinha e do Antônio, o Noah resolveu colocar os dois dentro da banheira, no banheiro deles.

– Cheguei! – Ouço a Su entrando na cozinha, enquanto eu termino de colocar as coisas no fogão.

– E aí, de boa? – Ela me acena que sim com a cabeça e pegando uma garrafa com água.

– E as crianças?

– Banho.

– Ótimo, porque só quero tomar o meu e ir direto para a cama. E tu, tudo bem? Está com uma cara estranha.

Dou os ombros para a minha amiga e desvio o olhar.

– Tive um dia de merda hoje.

– E...? – Seu olhar afiado me atravessa a alma e eu engulo a seco.

– Meio que esbarrei com o pai do Antônio hoje no banco. – Falo com a mesma naturalidade que se conta que viu algum ex-colega de aula. Su engasga com a água que estava tomando e me dá um banho de água e cuspe no rosto.

– Como? – Vejo ela limpando a água que escorreu até pelo seu nariz com essa revelação. Me levanto e pego um guardanapo para me limpar e jogo na cara dela.

– Isso mesmo. – volto a me sentar na mesa e apoio os cotovelos e a cabeça nas mãos. – E ele me reconheceu! – Sorrio irônica.

– E tu?

– Sai correndo como uma maluca.

Su levanta e senta de novo e eu fico olhando para ela esperando alguma reação. Nesse momento escutamos as risadas e a corrida de dois pares de pés pequenos pelo corredor.

– Mamãe! – Fofinha se atira no colo da sua mãe que a pega e a beija diversas vezes. Meu Perereco silencioso me atira os braços e eu o pego no colo e aproveito para o amassar um pouco.

Corro as mãos por seu cabelo molhado e vejo que ainda há muito *glitter* nele. Ele volta a me encarar profundamente e vira a cabeça para o lado, assim como o seu pai fez no banco comigo hoje. E eu fico com o coração na mão. Gerei essa criança que se escondeu dentro do meu corpo, me dando um susto desgraçado para sair a cara e os jeitos do pai. Eu mereço!

Jantamos os seis e mais o Gato e o JB, que misteriosamente estão com *glitter* no pelo também, brincando como sempre fazemos. As crianças ainda funcionam mais um pouco enquanto eu contava para o Noah e novamente para a Su o ocorrido de hoje à tarde no banco.

– E agora? – Su passa as mãos no cabelo do Noah e quilos de *glitter* seco saem.

– Agora nada – dou os ombros. – Não vou voltar lá nunca mais.

– Mas ele te reconheceu. – Noah se esquiva da Su.

– E eu disse que não era eu.

– Isso pode dar merda, Elis, e das grandes. Se ele sonha que vocês tiveram um filho e tu não o avisou disso, poder dar um baita rolo. – Meu coração de mãe dá um salto. – Ele pode entrar na justiça e requerer a guarda do Antônio.

– Não! – Elevo a minha voz. – Ninguém tira o meu filho de mim.

– Calma vaca, só estamos tentando colocar isso na tua cabeça que um dia pode, por acaso, acontecer e ele querer dividir a guarda dele e não tomar por definitivo. Nenhum juiz tira o filho de uma mãe sem motivo nenhum.

– O Perereco não sai daqui nem se acontecer alguma coisa comigo. Vocês dois são responsáveis por ele se algum dia precisar. – Noah e Su me olham como se eu fosse algum tipo de ET.

Tento me acalmar, o que é bem difícil.

– Sem esse tipo de assunto, por favor. – Respiro fundo e volto a me acalmar – Ele não vai nos encontrar. – Afirmo depois de algum tempo, como uma criança dizendo que não vai tomar remédio ruim.

– Isso é complicado Elis, entendo a tua opinião. Mas tu está deixando um homem não participar da vida do seu filho. Eu ficaria puto da cara se não participasse da vida do Yago e da Fofinha.

Despenco em cima da mesa, com a minha cabeça batendo no tampo. Será que eu não posso ser um pouco egoísta e querer o meu filho só para mim? Meu caso é diferente de todos, não planejei ter o Antônio, não estava apaixonada pelo Antes de Cristo a ponto de fazer uma loucura dessas. Só dei uma escapada que me fez mãe por acaso. Amo o meu filho, daria a minha vida por ele e só quero o seu bem a todo custo.

Saio da casa deles um pouco paranoica. Mais que o normal. No fundo sempre tive esse medo de o Antes de Cristo bater na minha porta e simplesmente tirar o Antônio de mim.

Coloco o Perereco quase dormindo na minha cama e zelo pelo seu sono inocente, ainda mais com o jeito que ele tenta quase se enfiar dentro de mim, deixando a minha cama em um estado mais brilhoso que uma boate adolescente. Fico me virando na cama pensando várias besteiras e uma hipótese mais maluca que a outra. Levanto da cama, ligo o computador e por via das dúvidas, excluo a minha conta no Facebook, onde tem várias fotos minhas e do Antônio desde que ele nasceu, e só depois disso, consigo dormir.

Capítulo 11

– Que cara de sono.

– O Noah ficou gemendo a noite toda, parecia que estava morrendo. – Su nem levanta a cabeça para mim e eu a encaro. – Parecia que estava nos últimos segundos de vida.

– O Perereco estava com uma febrezinha ontem, mas nada de alarmante.

– O Noah e a Fofinha também, só que ela, mesmo assim, passou o tempo todo brincando com o Gato e o JB. Já o Noah foi para cama esperar a hora da morte. Quase que fui dormir no quarto de hóspedes para não aguentar ele gemendo e suspirando. É só um resfriado bobo e ele fez um drama e tanto. Tive que levar sopa para ele, e por pouco não me pediu para dar na boca dele.

Começo a rir.

– Estou para ver um homem mais dengoso que o Noah, nem o Yago faz tanta manha como ele.

Estamos no escritório no salão de festas grande, terminando de preparar a lista do que vamos precisar para os eventos da semana que vem, para podermos ir à fazenda amanhã pela manhã. Vamos descansar com um pouco de ar puro para todos. Já deixei tudo programado, passei no orfanato para fazer a dieta do final de semana, beijei todas as crianças, e a Sarah, desejando um bom final de semana e para que eles se comportarem e arrumei as malas.

Toda a vez que vou para a fazenda com o Perereco, tenho que levar uma mini mudança. Diversas malas com roupas e mais roupas, acessórios, quilos de fraldas para não ter que ficar indo à cidade para comprar e fora outras coisas. Dessa vez não vai ser diferente, ainda mais que o tempo está mudando e começando as noites a ficarem frias.

– E acho que é isso! – Su se atira para trás na cadeira reclinável e eu salvo a planilha no computador.

– De folga até a segunda ordem? – Sorrio amplamente para a Su que desdenha de mim.

– Vamos esperar a festa de hoje acabar, aí sim estamos de folga.

– Vaca! – E coloco a língua para ela.

Está sendo realizada uma festa de aniversário para dondocas. Nem é um aniversário de comemoração de uma nova década de vida, e sim um aniversário comum e a mulher simplesmente locou o salão grande e o decorou como se fosse uma festa de quinze anos. E a Su me lembrou que essa não era a primeira vez que ela fazia esse tipo de festa com ela.

Ficamos conversando por mais alguns minutos e quando vemos, uma convidada entra porta adentro nos fazendo pular de susto. Pelo seu rosto, vi que ela estava completamente assustada.

– Pensei que aqui fos... fosse o banheiro. – Sua voz vacila e quando me viro para a Su ela percebeu a mesma coisa que eu.

– Está tudo bem? – Nos levantamos juntos e a mulher, com certeza da mesma idade que nós, se acuou no canto.

Ela olhava para tudo que é lado da sala, como se procurasse uma rota de fuga. Percebi suas mãos tremendo e a hiperventilação.

– Calma – Su não se aproxima tanto dela e começa a falar baixinho. – Aconteceu alguma coisa? Está sentindo algum mal-estar...

Ela nega com a cabeça e se encolhe em um canto como se quisesse se sumir por entre as paredes. Aos poucos vamos nos aproximando dela sem movimentos bruscos. Nunca vi uma pessoa tão assustada assim na minha vida, um sentimento de angústia por vê-la assim toma conta do meu corpo.

– Qual o teu nome? – Minha voz sai como um sussurro quase inaudível para não a assustar mais, se é que isso é possível.

A mulher arregala os olhos para mim e se abraça toda, como se protegesse a si mesma de algum mal que eu e a Su pudéssemos fazer a ela. Os minutos passam e ela ainda não respondeu nada, sua respiração é acelerada e parece que ela está a ponto de surtar completamente.

Ela fica no seu próprio mundo e eu e a Su nos entreolhamos e travamos uma guerra de olhares para saber como agir. Depois de algumas batalhas, nos sentamos em poltronas que tem para as reuniões e esperamos ela começar a se acalmar aos poucos até ela falar uma palavra que quase nem escutamos de tão baixa que sai a sua voz enquanto ela olha para o chão.

– Olívia.

– Certo, Olívia. Está tudo bem contigo? Quer que eu chame alguém para ti? – Sua cabeça se movimenta para os lados negando a pergunta da Su.

– Quer contar o que aconteceu? – Ela levanta o rosto para nós e engole a seco.

– Pode contar, prometemos que não vamos contar para mais ninguém, não é vaca? – Su olha para mim com uns olhos que se soltassem raio lasers me matariam em menos de um segundo.

– Muitas pessoas... Eu não... não estou mais acostumada a ter muitas pessoas ao meu lado.

Meu cérebro teve um colapso com essa revelação. Ela deve sofrer de síndrome do pânico, tinha uma colega no ensino médio que tinha ataques seguidos na escola por causa disso. Foi depois de um “episódio traumático”, como os professores falavam e nos davam palestras para como lidar com ela quando isso acontecesse em sala de aula. Automaticamente, levanto, um pouco mais rápido do que queria e isso a faz levantar os olhos assustada para mim. Paro, espero ela ver que não vou fazer nada demais e quando ela respira mais aliviada, caminho até o bebedouro de água e sirvo um copo.

– Estamos só nós três aqui – volto para a poltrona em que estava e não sento. – Quer que uma de nós saia para ficar mais vazio? – Su me puxa pela camisa e faz uma cara de “tá maluca?” respondo com uma “deixa que eu manjo dos paranauês” para ela, e me volto para a Olívia.

Sua posição extremamente na defensiva me faz ter um pouco de pena dela. Esses ataques são horríveis e deixam a pessoa em uma vulnerabilidade psicológica gigante, toda a calma e cuidados são poucos nesse momento.

– Posso te entregar um copo de água? – Estendo o copo na sua direção e ela faz um aceno rápido que sim.

Me aproximo um passo de cada vez, dando espaço para ela perceber que não sou uma ameaça e só quero ajudar. Com as mãos trêmulas, e deixando derrubar um pouco de água no trajeto, ela bebe um pouco e agarra a minha mão como se fosse o que a não a deixasse surtar por completo.

– Olívia – falo calmamente, mas firme para ela – quer que a gente ligue para alguém? – Vejo a sua aliança na mão esquerda. – Teu marido?

– Ou quer que a gente te leve para casa? – Su completa o meu pensamento do outro lado da sala.

– N.. não precisa. Posso me sentar?

– Claro. – A levo até uma poltrona e ela se senta com as mãos apoiadas nas coxas e respirando mais calmamente. Sirvo mais um copo de água e alcanço para ela e me sento ao lado da Su.

– Faz muito tempo que eu não ficava com tantas pessoas na minha volta. Eu... – Sua voz some – Eu sou uma ridícula por fazer esse fiasco todo.

– Não é não. – Su fala – Todo mundo já teve isso. É normal.

– Eu também não gosto de muita gente na minha volta – sorrio para ela.

– Que nada, tu sempre adorou uma festa, tinha que te arrastar senão tu não ia embora.

– Cala a boca, Vaca! – Faço uma cara para ela, será que ela não percebeu que estou tentando acalmar a mulher. Quando me viro, escuto uma risada fraca da Olívia.

Ela começa a rir de verdade. E não parece de nervosismo, e isso é um bom sinal.

– Vocês se chamam de vaca? – Eu e a Su nos entreolhamos e começamos a rir também.

– Sim, ela é a vaca mor...

– E tu é a vaca maluca. – Su complementa e a Olívia ri mais um pouco.

– A única pessoa que vejo usar essa expressão é a Cíntia, a que está dando a festa, e isso nunca é coisa boa.

– Ah deixa eu contar a história da vaca então. – Cruzo as pernas em um movimento mais relaxado e começo a contar a história que a Su detesta com todas as forças. – Eu morei em fazenda até sair de casa para estudar, e quando era criança tinha uma vaca de melhor amiga e o nome dela era Suzy, mas eu a chamava de Su. Aí conheci a Su – aponto para a vaca e ela faz um sorriso irônico para mim – e aí comecei a chamar ela de vaca porque achava ela parecida com a Suzy. Um dia tomei um porre daqueles e contei para ela a história e ela me deixou sozinha na festa.

– Eu nunca fiquei tão brava por saber que eu era literalmente uma vaca! – Olívia ri de novo do comentário e eu continuo a contar a história.

– No outro dia eu liguei para ela que nem me respondia. Fui até a casa dela e disse que amava aquela vaca Su com todas as minhas forças e quase morri quando o meu pai a vendeu. Ela era holandesa pura e leiteira, fiquei em depressão depois que ela saiu lá de casa, e após tanto tempo, eu reencontrei a minha vaca!

– No fundo eu me sensibilizei com a história da vaca e aceitei ser chamada assim. – Su dá os ombros e eu pulo para o seu sofá a abraçando.

– Minha vaca favorita. – Beijo sua bochecha até ela me expulsar do se colo.

– A amizade de vocês é bonita. – Seu sorriso é sincero, mas nos olhos tem uma tristeza. – Nunca tive uma assim. Ainda mais depois de... – Sua voz se some e ela se perde em pensamentos.

– Olívia...? – Su olha para mim e eu dou os ombros sem entender a reação da mulher a nossa frente.

– Desculpa – Ela pisca algumas vezes e volta a falar. – Eu não sei onde estava com a cabeça de aceitar esse convite para vir nessa festa, minha vida não é mais essa e eu não suporto essas e extravagâncias delas.

Ela se levanta rápido e começa a caminhar em direção a porta e a Su a alcança antes que consiga abrir a porta.

– Tu está bem, mesmo? Não quer que...?

– Não! Eu estou ótima. Obrigada por me acalmarem, vou ligar para o meu marido vir me buscar. Mais uma vez, obrigada! – E ela sai da sala deixando eu e a Su sem palavras para o que aconteceu aqui.

~

– Eu vi que tu tirou o sapato! – Olho para o Antônio que sorri descaradamente para mim. – Estou sentindo o teu chulé daqui!

E começo cantar a música “o sapo não lava o pé” para ele adaptando para o Perereco não lava o pé e vejo ele se agitar todo e começar a dançar na cadeirinha no banco de trás do carro. Estamos quase na fazenda, só faltam mais alguns quilômetros. Saímos cedo para pegar o café da manhã da vó, que deve estar desde ontem o preparando. O Antônio dormiu assim que entrei na BR e acordou agora.

Ligo o som do carro e começo a cantar para ele que ainda dança se requebrando todo. Canto junto com a música e ele se dobra rindo de mim, e eu no volante me cuidando no trânsito, que está bem calmo com o Noah na minha frente no seu carro. Canto como uma maluca todas as músicas infantis da minha época para o meu filho, que está agarrado no Pingú que eu sempre deixo no carro para ele brincar.

– Aaaaaaa Galinha Magricelaaaa, que bota um, bota dois e bota três, a Galinha Magricelaaaaaaaa, vira cambalhota e bota quatro de uma vez. A Galinha Magricelaaaaaaa, que bota dez, bota cem e bota miiiiiiiiiiiiiiiil. A Galinha Magricela, que bota ovo, bota banca de mais bela do Brasiiiiil! Rebola Perereco! – E vejo pelo retrovisor ele se contorcendo de felicidade vendo a minha interpretação de Galinha Magricela às oito horas da manhã.

Ele se atíça todo quando vê que chegamos, de tão animado quase tem um treco preso à cadeirinha. Tanto que começa a gritar no banco de trás enquanto eu faço a volta no carro para tirar ele de lá, e nem preciso dizer que escuto a mesma gritaria no carro ao lado com a Fofinha brigando com a Su para sair do carro rápido.

– Calma aí que ninguém está com dor de barriga nessas fraldas! – Coloco os sapatos que ele tirou no meio da viagem e ele se esperneia todo querendo sair da cadeirinha. Solto ele e o caço no ar para que não caia de cara na grama para fora do carro.

Mal solto ele no chão, e ele começa a correr em direção a porta onde os meus pais estão saindo. No meio do caminho ele meio que tropeça, cai de quatro no chão e se levanta e volta a correr se atirando no colo da minha mãe que o beija diversas vezes. Vejo a Fofinha correndo atrás dele e indo direto para o colo do meu pai.

E estamos em casa.

– Noé vem aqui me ajudar com essas coisas. – Antes mesmo de tomarmos café a vó já está pegando no pé do Noah para ajudar a fazer as coisas pesadas.

– Deixa a gente comer primeiro vó! – Falo com a boca cheia de bolo de milho e tentando fazer o Antônio parar quieto na cadeira.

– Vocês estão magrinhos demais, até a gordinha – Su olha para ela e pisca algumas vezes. – Esse aqui então – e aponta para o Yago atracado em um pedaço de cuca. – Vai ter que ficar mais alguns dias aqui para ficar com um peso saudável. Vocês não têm comida em casa?

– Temos Dona Eulália, e não estamos magros, estamos bem. – Su tenta falar, mas a vó não escuta e começa a colocar comida no prato do Yago para no mínimo três pessoas comerem.

Estamos empanturrados e a vó começa a delegar tarefas para o Noah e a mexer nas panelas para o almoço, mesmo um pouco mais de nove e meia da manhã. Deixo as crianças livres no gramado da frente da casa para brincarem um pouco. Está um sol agradável e um calor na medida certa. Sento na grama verde e vejo meu filho e minha afilhada descobrirem o mundo ao seu redor. Eles são tão lindos aqui juntos, com uma infinita possibilidade de brincadeiras. Podem se sujar à vontade, serem crianças de verdade.

Eles já vivem tão enclausurados dentro do apartamento só conosco. Sempre quando vemos que estamos trancafiados demais, pegamos as malas e nos afastamos da correria do dia a dia por um final de semana. É relaxante sair da rotina, colocar os pés na grama e sentir essa ligação com a natureza que temos aqui. Menos com as galinhas, o Noah ainda não se recuperou completamente do ataque delas da sua primeira vez aqui.

Meu sonho é trazer as crianças do orfanato para passarem um final de semana nessa vibe, tirar elas de lá e mostrar esse lado para elas. Sei que vão amar fazer isso e irão fazer como o

Yago, sair pela manhã e só voltar para a casa só à tardinha e todo sujo de ficar no meio dos bichos.

– Florzinha, filho. – Ele me entrega uma rosinha, eu o beijo e ele corre de volta para brincar com a Fofinha, Gato, JB e mais alguns cachorros da casa.

– Tua avó ainda vai me matar. – Noah se atira no chão olhando para o céu. Mal saímos do café e ela já o colocou para mudar umas coisas de lugar.

– Não mata nada, até hoje ela não conseguiu fazer isso com o meu pai. Não vai ser contigo que isso vai acontecer. – Ele ri e se senta ao meu lado observando sua filha brincar com o meu.

– Eles parecem gente assim. – Rio, os dois estão parados como se estivessem em uma profunda conversa, mas aposto que a Fofinha está falando pelos cotovelos e o Antônio só a observa e pisca para ela.

Perece que foi semana passada que vi a minha afilhada pela primeira vez e ontem que tive a surpresa de pegar o meu filho no colo. O tempo passou em um piscar de olhos.

– Daqui a alguns dias estão maiores que nós – abraço as minhas pernas e apoio a minha cabeça nos joelhos.

– Por favor, que isso demore muito para acontecer. Não estou preparado para ter que aturar qualquer adolescente perto dela.

– Deixa de ser besta Noah, eu e a Su já estamos preparando o casamento da Fofinha com o Perereco desde a festa de aniversário que eles fizeram juntos.

Quase matei o Noah com essa revelação. E comecei a rir quando ele começou a tossir, se engasgando com a própria saliva.

– Nem inventem vocês duas! Eu coloco a Fofinha em um colégio interno quando ela ficar mais velha para não ter perigo.

Começo a rir de verdade, de me atirar no chão para trás, quando ele inicia a falar todos os tipos de segurança que vai colocar na guria para ninguém, nem mesmo o Antônio, chegar perto dela depois dos 15 anos. Estou para ver um pai tão protetor como o Noah. Quando essa revelação vem a minha cabeça eu paro de rir e fico com um pensamento na cabeça.

Deixo me levar com a possibilidade de imaginar se o pai do Antônio seria tão preocupado com ele, como o meu amigo é com a sua filha.

Desde o encontro com ele na semana passada eu tenho pensado nisso com mais afinco. É a vida do meu filho que está em jogo, e com isso a sua felicidade. Será que foi um erro terrível meu não avisar o pai do meu filho sobre a sua existência? A vinda do Antônio para mim, além de ter sido um susto e tanto, foi a melhor coisa que já aconteceu comigo. A mudança que tive na minha vida é notável para qualquer pessoa que tivesse me conhecido uma semana antes do nascimento do meu filho.

Me sinto mais responsável, centrada na vida. Minhas prioridades não são mais fúteis, tenho sonhos reais e luto pela realização deles. Sou mais confiante em mim mesma, acredito no meu potencial e acima de tudo, sou mãe. Dotada de medos e preocupações constantes, mas que com

um sorriso ou uma arte bem planejada do meu filho, me faz perder todos os receios. Assim como a Su, quando começou a se questionar se seria uma boa mãe para os seus filhos, eu não tive esse tempo de me acostumar com a ideia.

Será que a vinda do Perereco também não seria a melhor coisa que acontecesse na vida do Antes de Cristo?

Detesto quando essas crises de consciência me atingem. Elas chegam com uma velocidade incrível, como se fossem tsunamis e derrubam todos os meus conceitos sobre o que é certo e o mais favorável a se fazer. Isso acaba comigo de uma maneira que me faz perceber que fiz tudo de um jeito tão errado que pode me trazer consequências horríveis.

– Noé, vem aqui! – Minha vó grita lá da cozinha e o Noah geme de frustração em resposta.

Ele faz uma cara de sofrido para mim e eu dou o meu apoio moral para o meu amigo aguentar a minha avó. E quando percebo as crianças estão correndo em direção a um dos estábulos. Lá saio eu correndo como uma maluca atrás dos dois, antes que os perca e alguma vaca de verdade adote os dois aqui.

~

Minha mãe e a vó nos arrastaram para um chá das mulheres no centro da cidade. O Noah, Yago e o meu pai ficaram com ordens da vó para mudarem umas coisas de lugar, nem quero ver a bagunça que os três, sem a sua supervisão vão fazer. Estamos cercadas por umas quarenta mulheres e nós duas somos as mais novas da reunião, todas estão na faixa de idade da minha mãe, para a minha avó, e umas quatro devem ser mais velha que ela ainda. Já as escutei falando sobre doenças, cirurgias que já fizeram, ressuscitaram meio mundo dos amigos que já morreram e afins.

As únicas pessoas que estão se divertindo com tudo isso? A Fofinha e o Perereco, pois são o centro das atenções e estão ganhando doces de cada senhora que eles param.

Eu e a Su estamos em uma mesa isolada no canto do salão. Essa deve ser a primeira vez que nós duas estamos em um evento desses sem estar por trás das arrumações, estou me coçando para não levantar e ir até a cozinha para ver como está o andamento de tudo. E pelo jeito que a Su está olhando para tudo ao nosso redor, sei que ela também está com essa mesma vontade que eu.

Tomo mais um pouco de chá que está frio e sem açúcar e me entupo de salgadinhos que pingam gordura. A padroeira da nutrição, Santa Marta, deve estar me rogando praga até não querer mais por essa blasfêmia gastronômica que estou enviado ao meu pobre corpo. Mas depois de tantos pensamentos filosóficos desde ontem, eu mereço essa overdose de gordura saturada no meu organismo.

Cheguei a uma conclusão: meu filho tem o direito de conhecer o pai, e ele, a saber da sua existência. Assim que voltarmos para a cidade vou dar um jeito de falar com um advogado para saber como proceder com qualquer tipo de papel que posso precisar estar ciente.

Não vou dar uma de louca e chegar lá com ofícios exigindo alguma coisa dele. Vou à

paisana conversar na boa, e quando chegar no pronto crucial da conversa, falar: “engravidai e descobri isso na sala de parto”. E com isso mandar o cara para a UTI com um AVC, seguido por um ataque do miocárdio e também uma síncope nervosa. E aí, o Perereco fica órfão de pai antes mesmo de conhecer ele.

Ah droga! Porque isso tem que ser tão complicado? Essa dúvida e a ansiedade de saber como tudo vai acontecer estão me deixando mais maluca que o normal. Ontem mesmo, briguei com o Antônio porque ele queria dormir no berço que ele tem montado aqui, que foi o mesmo que eu usei, e arrastei a criança para a minha cama. Será que estou ficando paranoica e não sei?

– Por que essa cara de maluca? – Peguei mais três gorduras em forma de salgadinhos e coloquei na boca de uma vez só. Dou os ombros para a Su e antes que eu me engasgue, meto quase meia xícara de chá na boca.

– Pensamentos.

– Sobre... – Não respondo e a Su olha para todos os lados para saber se tem algum conhecido perto de nós, mas só temos duas senhoras que ambas estão falando de um assunto aleatório para a outra. Tenho a absoluta certeza que os aparelhos para a surdez delas estão desligados. – Não me diga que está pensando em levar o plano do Antônio conhecer o pai adiante?

– Fala baixo! – Su e sua delicadeza em pessoa. – Vamos conversar lá fora.

Encho a mão com esses salgadinhos horríveis, aviso a mãe que vamos dar uma volta na praça na frente e deixamos as crianças lá. Preciso desabafar com a vaca sobre as últimas mudanças do meu status sobre esse assunto. Depois que saí da maternidade, ela e o Noah conversaram comigo muitas e incansáveis vezes sobre o pai do Antônio. Eu estava tão atônita babando no mini perereco que tinha nos meus braços que, muitas vezes, eles falavam as coisas para mim e eu nem escutava direito. Só queria ficar lambendo a minha cria.

– Não vou me sentar no balanço da praça. – Su fala para mim depois que eu me sentei em um e deixei o do lado para ela.

– Senta aí e me escuta! – Essa é a praça principal da cidade, todo mundo passa por ela no mínimo uma vez por dia.

– Minha bunda nem cabe aí! – Reviro os olhos para ela e saio do balanço, para não mandar ela longe, deixar de frescura com o tamanho da sua bunda e me escutar.

– Tem um banco ali na frente.

Caminhamos até o banco e eu conto todo o dilema que aflige o meu ser. Abro o meu coração para a vaca e por fim quero me enforcar em um pé de couve por tanto drama em uma única pessoa. Acho que preciso de mais um pouco de gordura no meu corpo para me recompor.

Su me fala o que eu já sabia. Nem precisei ficar aflita com a resposta que ia receber. Assim que comecei a contar para ela a minha ideia de ir à procura do pai do Antônio, ela soltou aquela maldita frase que dói mais do que surra com relho de couro trançado: eu te avisei.

Estávamos tão focadas na nossa conversa que nem percebemos a presença de uma

senhora de idade se aproximar de nós.

– Posso ler a sorte de vocês? – Dou um pulo de susto.

Sempre teve aqui na praça os andarilhos que passam pela cidade em direção a uma cidade vizinha onde tem um campo com diversas famílias há poucos quilômetros. Sempre morri de medo deles quando era criança, ainda mais quando as pessoas falavam que eles sequestravam as crianças e as serviam de jantar. Levei anos para descobrir que isso era uma maracutaia das nossas mães para nos amedrontar e não sairmos sozinhos para a rua.

– Estamos sem dinheiro. – Essa era sempre a resposta que a mãe ou a vó davam para as que nos abordavam, e quando elas escutavam, nos deixavam em paz.

– Não quero dinheiro, só ler a sorte de vocês. – Seu sorriso me faz arrepiar dos pés à cabeça.

– Eu quero! – E a Su estende a mão para ela que pega e a acaricia. Quem é essa pessoa ao meu lado? Não é a minha vaca! Nunca que ela ia deixar alguém ler a sorte dela, ela é mais cética que eu com essas coisas.

– Tu ama e é amada. Isso é tão lindo e raro hoje em dia. – Minha amiga abre um sorriso lindo e um brilho nos olhos sem fim, com as palavras da mulher. – E vocês sabem que só são felizes, e a vida só funciona, quando estão juntos. – Ela solta a mão da Su lentamente e estende a sua para pegar a minha.

– Desculpa, mas não acredito nisso. – A mulher ainda continua com a mão estendida para mim e eu me arrepio de novo.

– Vamos Elis, não custa nada! – Su me empurra delicadamente para cima da mulher, tanto que eu para não cair de cara me agarro nela que aproveita e vira a minha mão no mesmo instante.

Sua mão é gelada e as pontas dos seus dedos passam pela a minha palma. Olho para a Su com uma cara de assassina. Eu ainda mato essa vaca!

– Ah minha filha, tua vida nem começou ainda. Há tantas coisas para ti e o teu prometido passarem... – Olho assustada para a mulher que ainda não tirou os olhos da minha mão, como se tentasse decifrar o que poderia estar escrito ali. – Nada na vida acontece por acaso, menina. Confia em ti mesma que tudo vai dar certo.

Ela solta a minha mão e sai assim como chegou em nós, do nada. Olho para a Su, que assim como eu, está atônita com o que a mulher disse. Uma sobrecarga de emoções toma conta do meu corpo, misturando com o medo que eu já estava sentido. Saio correndo da praça, com a Su ao meu encalço e só consigo me livrar desse peso na alma, quando vejo o meu Perereco brincando com a Fofinha e correndo em minha direção, com a boca toda suja de chocolate, para os meus braços.

Capítulo 12

Por AC

Olívia se mexe nos meus braços e eu a aperto delicadamente.

– A Bela Adormecida resolveu acordar. – Ela se contorce toda e geme voltando a dormir. – Deixa disso Liv, acorda antes que eu te faça cócegas. – Subo a minha mão por entre a sua cintura e ela reclama.

– Não, Cae. Já acordei. – Beijo o seu ombro por cima da minha camiseta que ela está usando e a abraço.

Estamos deitados no sofá, já arrumamos a cozinha da bagunça que fizemos no almoço e resolvemos olhar um filme na TV, como sempre, ela dormiu antes dos quinze minutos de exibição.

– Já acabou o filme?

– Há tempos. – Ela se vira de frente para mim e me abraça. Beijo a sua cabeça, desviando daquela cicatriz que tem lateralmente.

Nosso apartamento é pequeno, mas o suficiente para nós dois. Um quarto, outro que adaptei como um pequeno escritório, banheiro, sala e cozinha. Simples, mas nosso. Não precisamos de muitos luxos, só o fato de que tudo foi conquistado aos poucos e do nosso jeito já vale mais que muito apartamento de ponta que vemos por aí.

Consegui me livrar do aluguel há pouco mais de seis meses. Com o salário que recebo no banco, e mais algumas vantagens, consegui parcelar infinitamente esse e aos poucos mobiliar. Cada vez que terminamos de pagar uma conta, começamos uma nova com alguma melhoria para ele. A última foi esse sofá gigante que cabe perfeitamente nós dois deitados para um domingo preguiçoso desses.

– A Cíntia ligou. – Murmuro desviando dos cabelos dela que me sufocam. – Ela ainda está brava contigo por ter saído da festa dela daquele jeito. – Olívia me aperta um pouco mais como se quisesse se esconder de alguma coisa. – Aconteceu alguma coisa que tu não me contou, Liv?

Ela nega com a cabeça a mexendo milimetricamente enfiada no meu peito. Conheço essa reação dela, com toda a certeza, alguma coisa aconteceu aquele dia para ela me ligar quase uma hora antes do nosso combinado para a buscar na festa.

Fiquei bem surpreso quando ela me contou que tinha reencontrado a Cíntia, uma ex-colega, e que elas estavam retomando a amizade aos poucos. Meu peito se encheu de um orgulho da minha pequena Liv que ela chegou a me perguntar se eu estava com distensão em algum músculo da face por causa do meu sorriso. Todos os dias, quando estamos jantando, conversamos sobre o nosso dia, e a cada noite que passava, ela me contava sobre a retomada, a passos de formiga à sua vida social, e eu a incentivava como se fossem passos quilométricos.

Semana passada, ela foi ao aniversário da Cíntia em uma casa de eventos. Típico esbanjamento que sua amiga sempre fez. Mas eu a apoiei como um bom marido deve. A levei ao

shopping, ajudei a escolher uma roupa legal e sapatos, não que eu entendesse de alguma coisa de moda, mas só de ver o sorriso tímido da minha Liv voltando a ser o que era antes, já valia tudo. Antes de ela sair, a abracei e disse como estava orgulhoso de a ver novamente com o brilho no olhar. Voltei para casa para trabalhar um pouco em algumas coisas que não deu tempo durante a semana, e quando ela me ligou, eu senti que alguma coisa não estava certa.

O sorriso dela havia sumido, deixando a minha pequena Liv acuada e olhando assustada para tudo a sua volta de novo. Tentei fazê-la conversar, mas ela mudava de assunto, ou simplesmente não me respondia. Deixei-a ter o seu tempo, aprendi que pressioná-la não iria fazê-la me contar o que a aflige.

– Não foi nada, Cae. – Ela fica traçando a linha da minha tatuagem do braço com a ponta dos dedos. Dou mais um beijo na sua testa e a abraço, sei que quando ela estiver pronta, ela vai me contar.

– O Luiz ligou e disse que temos duas opções, ou vamos para a casa dele ou ele vem para cá. – Olívia geme e eu começo a rir. – Não posso fazer nada, já que ele se autoconvida sem direito a negarmos.

– Pizza de novo?

– Provável. – Ela se distancia de mim e se vira deixando as costas coladas ao meu corpo.

– Então vou dar mais uma dormida para ter que aguentar ele a noite toda. – Passo a minha mão sobre a sua cintura e a puxo mais ainda, para perto de mim.

~

– Cae, o computador está ligado?

Terminamos de jantar e eu e o Luiz estamos guardando a louça. A Olívia nos colocou na limpeza hoje, para o desespero dele.

– Sim. – Respondo para ela escorada na porta nos observando.

– Vou olhar as fotos da festa da Cíntia.

– Aquela que era gostosa? – O intrometido do Luiz quase deixa cair um prato depois dessa pergunta. – Também quero ver isso.

– Não! Vocês dois limpam e eu relaxo, esse era o combinado! – Liv o ameaça, mas termina com um sorriso que não conseguiu segurar.

– O AC é mais chegado nessas coisas de cozinha que eu, não sei como ele ainda não colocou aquele avental ridículo.

– Não fala mal do meu avental que foi tu mesmo que me deu de natal. – Atiro o pano de prato nele.

– Por isso mesmo! Vamos lá ver a gostosa, que é melhor que o AC que eu já vejo pelado quase todos os dias na academia. – Reviro os olhos e termino de guardar a louça.

Caminho até o escritório e vejo os dois, Liv sentada na poltrona com o Luiz ao seu lado e ambos rindo de alguma besteira que ele falou. Chego perto dos dois e ela levanta dando o lugar

para mim e a puxo para o meu lado. Olívia começa a passar as fotos e eu nem presto a atenção na conversa que ambos têm, só o som dá risada da Liv interagindo com o Luiz é suficiente.

Por mais chato que ele seja, o jeito que ele me tratou no início, quando descobriu a nossa história foi melhor do que eu merecia. Sua compreensão foi de um nível de confiança que nem sonho em dividir com outra pessoa. Luiz me ajudou muito, não só com a sua amizade, mas com o caso da Liv também, me indicando sempre os melhores caminhos, tratamentos e médicos para que pudesse lidar com o seu problema.

– Olha Cae, essa criança tem heterocromia igual a tua. – Liv me acorda dos meus pensamentos distantes e aponta para o banner no site.

Uma criança, com não mais que um ano, sorrindo para a câmera e seus olhos exatamente iguais aos meus. Um de cada cor, azul e verde. E, por incrível que pareça, na mesma disposição.

– Eu tenho uma foto tua nessa idade e essa criança é bem parecida contigo, Cae.

– Vai ver ele tem um filho perdido no mundo. – Luiz fala e na mesma hora a foto do banner muda.

– Puta que pariu! – Ouço a minha voz sair mais rápida que o meu raciocínio.

– O que houve? – Liv faz uma voz preocupada para mim, mas o meu foco está na foto à minha frente.

Ela. A minha destinatária maluca, com uma criança nos seus braços que se parece muito comigo e tem a porra da mesma heterocromia que a minha. Será que eu estou louco ou...

– AC, cara tu está ficando branco como papel, está tudo bem? – Sinto a Olívia sair do meu colo.

– É ela! – Aponto para o monitor do computador. A foto sai e aparece outra, da mesma criança com outra menina com olhos azuis gigantes. Pego o mouse e faço a foto voltar.

– Ela quem, Cae? – Luiz mete a cara dele na frente do computador.

– A destinatária da tequila? – Com essa revelação, até a Olívia se meteu na frente do monitor para ver a foto.

Me solto na poltrona e coloco as mãos no cabelo.

– Eu a conheci. Ela me acalmou quando eu tive a minha crise de pânico lá no aniversário, ela e outra mulher. Ela é bonita, Cae. – Como?

– Que crise de pânico Olívia? – Minha voz sai um pouco mais alterada que o normal e ela se assusta. E eu entendo tudo. – Tu teve uma crise de pânico e não me chamou?

– Desculpa, não foi nada demais e, ela e a amiga vaca dela me acalmaram e eu te chamei depois disso. Não foi nada, passou e eu me sai muito bem.

Mil vezes droga! Ela sabe que cada episódio que tem, deve me contar. Isso faz parte do tratamento e esconder esse tipo de coisa pode atrasar o seu caso. Olívia se senta em uma poltrona que temos perto da estante de livros que estamos completando aos poucos.

– Desculpa. – falo e vou até o seu lado. – Mas tu sabe que não deve esconder essas coisas de mim.

– Eu sei, mas contei para a psicóloga. – Sua voz sai carregada de culpa e eu a beijo na cabeça. Tenho que manter a calma acima de tudo.

– Gente – Luiz que sentou na poltrona e mexe no computador nos faz lembrar da sua presença. – AC deixa a Liv em paz, já te disse. E vem aqui que eu acho que tu vai querer ver isso.

Olívia baixa a cabeça em sinal de arrependimento. E eu me xingo mentalmente por a deixar assim.

– Há quanto tempo vocês transaram? – Luiz continua sentado e de olho no computador.

– Eu tinha acabado de entrar nos correios, sei lá quanto tempo isso faz. Por quê? – Ele levanta os olhos da tela e com a cara que ele fez para mim, fico apreensivo.

– Não quero ser portador de más notícias. Mas olha isso aqui...

Caminho até a mesa do computador e um álbum de fotos com a legenda “um aninho do Antônio” e muitas fotos da criança com ela estão na tela. Luiz clica em algumas imagens e elas tomam o formato inteiro do monitor. Meu corpo se reseta automaticamente. As imagens em alta definição gritam a similaridade dessa criança comigo. Ainda mais com a heterocromia, contra isso não há divergências.

– Olha AC, pelas contas e datas... – ele deixa a frase subentendida no ar, para uma coisa que não tem nenhuma explicação lógica para os fatos em nossa frente.

– O que é? – Olívia chega ao meu lado e se escora em mim. – Ai meu Deus, Cae! Essa criança é muito parecida contigo!

– Isso... isso é coincidência! Essa criança não pode ser meu filho! – Pode?

Caminho até a poltrona mais próxima e me atiro nela lembrando aquela noite fatídica. Fui arrastado por uma turma de amigos até aquela boate em si. Eu não estava nenhum pouco a fim de encher a cara daquele jeito, mas precisava ter uma noite de diversão para me esquecer da confusão em que a minha vida tinha se tornado.

Meu relacionamento com a Liv tinha acabado depois de mais de três anos estando às escondidas do seu pai. E não é que depois que passamos por isso ele descobriu? E me expulsou da sua casa por abusar da sua filha por todo esse tempo. Nenhum argumento foi válido para ele mudar de opinião quanto a isso. Mesmo ele sabendo que eu não tinha nenhum outro lugar para morar.

Saí de lá só com uma mala e as minhas roupas. Dei um beijo na cabeça da Olívia e pedi para ela não brigar e nem mesmo chorar por mim, eu daria um jeito na minha situação e temia por ela nessas condições de fúria do seu pai. Nosso relacionamento acabou por decisão de ambas as partes, foi ótimo enquanto durou, mas nossos laços, amizade e respeito ainda iriam continuar. Ainda mais que frequentávamos a mesma faculdade e o mesmo círculo de amigos.

Recorri aos colegas de curso que moravam nas casas de estudante. Claro que não havia

vagas, ainda mais que a faculdade tinha feito greve e entramos o verão adentro com aulas e faltavam pouco menos de um mês para o encerramento dos nossos cursos. Foi um risco que eu e um colega assumimos. Se algum monitor ou administrador nos pegasse burlando as regras, nós poderíamos ser expulsos e com grandes riscos de não conseguirmos nos formar por conta de um processo administrativo.

Entrava todas as noites por uma janela que o meu colega deixava aberta “por descuido” para mim. Dormia depois de todos e acordava antes do sol sair. Tomava banho gelado para não ter que ligar o aquecedor e ele fazer barulho e saía pela mesma janela. Para me alimentar, usava o dinheiro que eu ganhava de trabalhos ilegais exercendo a profissão antes mesmo de ter o diploma e o registro. Era uma miséria que não dava nem para alugar uma peça embaixo de uma escada qualquer, mas dava para me alimentar razoavelmente.

Dias depois que sai da casa do meu tio, a Liv me chamou em um dos corredores. Ela estava com um sorriso nos lábios e quase não tive forças para a segurar quando se jogou nos meus braços, como sempre fez, de tão empolgada que ela estava. Olívia me entregou uma carta onde eu era chamado no concurso dos correios e roubou do lixo onde seu pai tinha a colocado por pura maldade. Eu não sabia se ria ou chorava com a minha nomeação em mãos, ela era o início da minha salvação e a possibilidade de encontrar algum lugar para morar, já que a cada dia ficava mais próximo o final do semestre e os estudantes teriam que deixar os dormitórios. Me apresentei no mesmo dia, e em menos de uma semana, eu já estava efetivado.

Passei por um treinamento básico antes de começar a atuar como carteiro. O salário era razoável e consegui alugar um apartamento péssimo, sem dar adiantamento, mas era mobiliado. Pela primeira vez, eu tinha um teto sobre a minha cabeça, só meu e eu não precisava me sentir desconfortável por morar lá e nem dar satisfações sobre as minhas ações.

No meu primeiro dia de carteiro já me deparei com ela. Fiquei sem reação quando ela abriu a porta naqueles trajes e ficava me encarando daquele jeito.

Com o tempo comecei a flertar com ela, completamente na brincadeira. Só havia algumas semanas que eu tinha terminado com a Olívia, ainda carregava a marca da aliança que eu usava. Claro que a Liv usava um pingente de coração para me representar, pois não podíamos dar tanta bandeira assim.

Um dia, depois de algumas semanas me ajustando a minha nova rotina e vida, meus amigos decidiram ir a uma tal festa da tequila liberada. Eu ainda estava mais duro que uma pedra na questão monetária, e eles pagaram a minha entrada. Então eu bebi.

Bebi pela confusão da minha vida.

Bebi pelo meu amor pela Liv, que se transformou em uma amizade. E depois que chegou nesse patamar, não conseguimos mudar mais.

Bebi pelos meus pais que eu não tinha notícia há tempos, pois estavam em algum país miserável, em uma região que provavelmente nem sinal de telefone tinha. Tudo isso para estudarem plantas medicinais e me deixaram aqui quando eu tinha 18 anos.

Bebi pelo fim da faculdade e o diploma que poderia me abrir portas para algum emprego legalizado a noite para me ajudar na minha renda. Personal Trainer, ou até mesmo em alguma

academia para exercícios coletivos.

Bebi até quase não aguentar mais praticamente. E então, eu a vi. Escorada no balcão e sozinha. Meus pensamentos me mandavam até lá, já que meu senso crítico já estava mais abalado do que eu propriamente dito. Cheguei à sua frente e a minha vontade era de beijá-la até não aguentar mais. Só me lembro de vê-la pegar uma dose e antes de virar, eu a roubei e tomei. E então me avancei nela e fui bem recebido com isso.

– Não é por nada não AC, mas tu está me assustando com essa cara de fantasma. Não inventa de desmaiar que eu ainda estou quebrado do jogo de ontem e com dores. – A voz do Luiz me tira daquele flashback do passado. Naquela época eu ainda tinha alguns sonhos para realizar, mas depois do que aconteceu, os abdiquei em prol de outras metas.

– Cae, será que tem chance dessa criança... – Olho para Olívia que ainda está focada naquelas fotos – Porque se não for, é uma coincidência e tanto. Até os jeitinhos dela são quase idênticos aos teus.

– Eu não sei! – Apoio os cotovelos nos joelhos e escoro a cabeça nas mãos. – Só transamos uma vez e....

– Vocês não usaram camisinha? – A voz da Liv é de curiosidade não de repreensão. Ela sabe desse meu deslize. Nego com a cabeça sua pergunta e escuto o Luiz explodir em uma risada do nada, assustando até a Olívia ao seu lado.

– Calma que eu não entendi direito – Fala entre uma risada e outra. – Tu, AC, vulgo o senhor certinho do mundo, que não aceita nada um centímetro fora das regras, transou com uma estranha uma vez e sem camisinha? Corram para as colinas, o fim do mundo se aproxima!

Me atiro no sofá com as imagens voltando para a minha cabeça dos momentos que passamos juntos. Estávamos bêbados, com uma energia de luxúria correndo pelos nossos corpos. Foi inevitável, quando dei por mim, estava atirado no sofá com o meu coração acelerado, a respiração ofegante e o meu corpo em um estado de torpor pós-orgasmo.

Foi então que o meu senso crítico venceu a barreira do álcool e eu me dei conta do que havia acontecido. Ela estava já em um sono pacífico ao meu lado com um sorriso nos lábios vermelhos de tanto nos beijarmos. Corri para o banheiro e quando me olhei no espelho, senti vergonha de mim mesmo.

Perdi a minha virgindade com a Liv, quando completamos um ano de namoro. Ela disse que ia dormir na casa de uma amiga e eu juntei dinheiro para uma noite em um hotel três estrelas, longe da nossa casa. Foi perfeito e intenso para nós dois, e desde então, a cada chance que tínhamos sozinhos tirávamos o atraso. Mas nunca nos esquecendo de nos proteger, era a nossa única regra.

Mas ali, me vendo no espelho, vi que não passei de um canalha. Usei uma mulher que eu via quase todas as semanas, sem ter sentimento nenhum por ela. Então eu terminei a noite agindo como tal, peguei um batom vermelho e escrevi um “desculpa” no espelho e assinei com as iniciais do meu nome. Acho que o álcool ainda estava agindo no meu corpo.

Depois disso, nunca mais a vi. Pois no momento em que eu havia chegado em casa, recebi

a notícia que mudaria a minha vida e a da Olívia para sempre.

– E agora? – Liv chega até a poltrona em que eu estou sentado e se senta na guarda do sofá.

Olho para a minha esposa que me acaricia os cabelos delicadamente, como sempre fez, sabendo como eu gosto disso. Minha cabeça está a mil com o que se passou nesses poucos minutos. A dúvida está martelando os meus pensamentos com diversas possibilidades.

Será que essa criança é mesmo meu filho?

Levanto e volto para o computador. Com o Luiz falando besteiras na minha volta, me fixo nas imagens. Foco preferencialmente nas que a criança aparece sozinha. Os olhos são iguais aos meus, isso não tem discussão, ainda mais com o fator da heterocromia tão evidente assim. Nunca vi uma tão parecida com a minha, em tons tão idênticos assim. Volto a passar as fotos e cada uma que a criança aparece, vejo uma similaridade comigo. Seja pelo jeito de olhar para a câmera a traços do sorriso, e até os dentes levemente separados na frente, os quais lutei anos com aparelho para manter no lugar.

– AC, o pai do ano! – Luiz me dá um tapa de leve nas costas, e eu continuo sem reação diante das imagens.

– Mas se fosse verdade, por que ela não te procuraria?

– Não sei Liv! – A cada clique que dou, não acredito no que os meus olhos me mostram. Por mais que as coincidências existam, eu não confio muito nelas.

Saio do computador e da sala em uma corrida só em direção à sala. Não posso nem sequer imaginar na possibilidade de ser pai. E muito menos de uma criança que eu não sabia a sua existência. Por mais problemas que eu tenha tido anos atrás, nunca fui tão relapso a ponto de deixar os outros assumirem as minhas responsabilidades. Foi assim desde que me conheço por gente, e foi assim que eu agi com a Olívia, ela estava sob a minha responsabilidade antes e eu assumi todas as consequências.

Sinto os dois se aproximando de mim depois de alguns instantes. Ainda estou sentado no sofá com as ideias na minha cabeça me martirizando. Isso não pode ter acontecido.

– AC, isso pode ser coincidência, cara.

– É Cae, isso pode ser só um mal entendido e... – Levanto os olhos para os dois e eles se calam.

Luiz tenta voltar a falar, mas fecha a boca antes mesmo de pronunciar uma sílaba que fosse. Liv começa com o seu cacoete de ficar mexendo na aliança quando fica nervosa e eu solto uma respiração que não afasta nenhum dos quinhentos quilos que se instalou sobre os meus ombros nesse momento.

– Tu vai procurar ela, não é? Tirar essa história a limpo. – Luiz pergunta como se já sabendo a minha resposta.

– Sim. – Olho para a Olívia que com um olhar me apoia.

– Velho complexo, “meus pais foram péssimos e eu não quero ser igual a eles”. Clichê, – Luiz dá os ombros – vejo isso todo o dia, mas não posso deixar de te apoiar AC. Se essa criança

é mesmo teu filho, eu tenho que conhecer e ensinar algumas coisas para ele. – E descaradamente abre um sorriso malicioso.

– Eu também, Cae! – O olhar da Liv se ilumina e me vejo sorrindo também.

Por um segundo, ou dois, me alivio um pouco por ter a compreensão dos dois, e muito mais da Olívia. Não conseguiria dar um passo nessa direção se ela não estivesse de acordo, mesmo com tudo que nós, especialmente ela, já passamos, seu coração ainda continua o maior de todos.

Amanhã, vou ter que recorrer às gravações daquele dia que eu vi a minha ex-destinatária e pegar os seus dados com a colega que a atendeu. Preciso tirar essa história a limpo de qualquer forma.

Capítulo 13

Por Elis

– Tia Elis aqui é o paraíso! – Sarah chega a colocar as mãos na boca de tão encantada com o mercado que estamos.

A Raquel me disse que ela já estava me esperando às nove da manhã, quase uma hora antes da que nós tínhamos marcado para eu a buscar. Sarah estava sentada em um dos bancos do pátio do orfanato com os olhos grudados no portão. Mal apareci no portão e ela levantou correndo e se atirou nos meus braços.

Ela estava completamente vestida ao seu gosto. Cabelos soltos, com cada cacho olhando para um lado, uma camiseta rosa, calça jeans e um tênis de cada cor. Pink e azul, para combinar com o resto das roupas.

Minha vontade era fazer uma hidratação naqueles cachos dela. Até um banho de condicionador e depois colocar uma sacola na cabeça, como a minha avó fazia nos cabelos dela quando eu era criança. Dar uma avivada neles. Ia ficar tão bonito! Acho que vou falar com alguma das gurias mais velhas do orfanato que fazem essas misturebas nos cabelos e às vezes elas acertam e eles ficam brilhantes.

Estamos fazendo as compras mensais do orfanato, e eu estou com um nó no coração com a diminuição das contribuições dos ajudantes e o aumento dos preços nas prateleiras. Tive que deixar algumas coisas de fora e diminuir a porção de outras para caber tudo dentro no orçamento que temos para esse mês.

– Pega ali para mim? – Aponto para um produto e a Sarah sai saltitando em direção à prateleira e pega animadamente.

Para muitas crianças, vir ao mercado é uma chatice só, mas para a Sarah é um passeio completo.

Terminamos as compras com o troco em centavos, fiquei aliviada em ver que o dinheiro deu certinho. Carregamos as sacolas para o carro e voltamos para o orfanato onde tivemos que ter a ajuda de mais algumas crianças para descarregar tudo.

Antes de sair, falei com algumas meninas mais velhas e pedi o banho de melecas que elas fazem para os cabelos na Sarah. Elas adoraram a ideia, mais teste para elas. Me despedi com beijo em todos que me ajudaram e mais alguns demorados na Sarah que estava contando a aventura no mercado para todas as crianças a nossa volta.

Faço o caminho para o meu consultório com um mal-estar me afligindo. Passo na cabeça a conversa com o advogado que consultei no meio da semana, ele foi o mesmo que fez os papeis da Su para a adoção do Yago, e o mesmo que está entrando com uma ação para a adição do sobrenome do Noah depois do da Su.

Antes de tudo, expliquei a minha situação. Conteí a história da gestação que não percebi e da minha surpresa em saber que estava grávida somente na hora do parto. Até ele ficou admirado com isso. Falei que nesse meio tempo, perdi o total contato com o pai, e quando me tornei mãe,

minha prioridade era o meu filho e que, naquela época, não tinha intenção nenhuma de procurar o genitor. Mas agora, com a situação tida sobre o controle, pensei com mais bom-senso que antes, tomei essa decisão.

Comentei que a minha vontade é fazer tudo legalmente e com direito de escolha para ele. Não o forçaria a assumir o Antônio, e nem mesmo pagar pensão. Nisso eu me garanto bem e pretendo não precisar da ajuda dele. Caso se ele não queira contato com o meu filho, quero um papel oficial dele dizendo que não teria nenhum envolvimento na vida do Antônio. Tirei boas dúvidas e a principal de todas: se o ele poderia tirar o Perereco de mim. O advogado me explicou que isso só pode acontecer se eu fosse uma mãe relapsa. Mas ele pode pedir a guarda compartilhada, caso aceite o receber na sua vida. E com isso teríamos que nos acertar para decidir os dias de visita.

Atendo os meus pacientes e a tarde passa devagar. Com bravura aguento a hora de chegar o último e eu correr para casa. Por mais que seja quarta feira, já estou cansada e louca pelo final de semana, mesmo que sábado à noite eu trabalhe com a Su. Entro no apartamento deles e vejo a sala só com o som da televisão ligado, e quando me aproximo vejo a Fofinha sentada com as mãos em cima da coxa e os pés em cima do sofá sem se mexer. Olho as suas unhas e um rosinha claro, que não estava ali hoje pela manhã. Antônio está deitado na outra ponta do sofá com um copo de plástico azul com suco de laranja.

– Oi seus lindos. – Meu filho se levanta do sofá em um salto e corre para me abraçar. Beijo seu rosto diversas vezes até ele me empurra e voltar para o sofá onde está mais divertido. – Como foi o dia de vocês?

– Papai pintou – Fofinha me mostra as unhas da mão. –secando, não mexe, “estaga”. – Seguro o riso para não estragar a felicidade da criança.

Ela tem uma paixão pelos esmaltes da mãe que chegar a dar briga seguida entre as duas. Sempre que a Su se senta para começar a fazer as unhas, a Fofinha vai para cima olhar e mexer em tudo. Tanto que a Su teve que pegar alguns antigos e dar para ela, para ver se acalmava a ferinha. Agora ela quer andar sempre com as unhas pintadas, e com a cor que ela quer. Esses dias estava com um vermelho, e semana passada de preto. Aos poucos, a Su tenta tirar uma cor escura para uma mais clara. Rosa, laranja e até alguns azuis, que estão bem na moda. No fundo isso se tornou um “acalma Fofinha”, pois ela só para quieta quando estão pintando e o esmalte secando.

– Sem discussão, Yago! – Ouço o Noah falar, com um tom mais autoritário que o normal, assim que chego ao corredor que dá para a cozinha. – Eu e a tua mãe estamos te avisando, já faz tempo. Mais uma nota baixa e tu ia fica sem vídeo-game até recuperar. O ano mal começou e tu já rodou em duas provas, primeiro história e agora matemática.

– Mas, pai!

– Sem essa cara, te avisamos para estudar e tu não dava bola, agora estamos fazendo o que dissemos que faríamos. – Chego à porta da cozinha e o Yago sai quase me atropelando e sem dar a mínima importância para mim.

Noah está com uma cara de cansado e sentado à mesa da cozinha. A cada dia que passa o Yago está se tornando mais arreadio e alternando entre o espírito de fofice aguda à rebelião total.

Estamos todos bem preocupados com ele e seus extremos de bipolaridade, pois sabemos que isso não é normal da sua personalidade.

– Hey – me sento na sua frente e vejo o meu amigo passar as mãos sobre os cabelos em sinal de nervosismo. Olho a prova de matemática do Yago e um zero bem grande como nota.

– Ele não é assim, Elis! – Noah pega a prova e fica analisando. – Meu filho nunca foi desse jeito! É como se fosse outro Yago e não aquele que estava conosco ano passado.

– Só pode estar acontecendo alguma coisa, Noah.

– Mas o que? – A frustração dele é visível a quilômetros de distância. – Eu e a Su estamos sempre em cima, para ver alguma coisa diferente, mas nada aparece!

– Eu sei Noah, mas isso não é rebeldia de pré-adolescente normal. É como se fosse uma coisa que o afetasse para ficar assim. – Até eu já conversei com o Yago e ele sempre diz que está tudo bem, mentindo descaradamente.

– Não sabemos mais o que fazer. Me corta o coração ter que deixar ele de castigo assim, mas é isso ou o ver rodar de ano. Estou me sentindo o pior pai do mundo nesse momento.

– Nunca! – Quase grito para ele. – Tu está fazendo o certo, educando! Ele não vai ficar psicologicamente abalado para a vida toda por estudar um pouco e ficar sem vídeo-game!

Noah continua com uma cara de fracasso. Tanto que tenho que utilizar todo a minha conversa para convencê-lo que não é um péssimo pai. Dei uma pequena palestra motivacional para ele puxando os exemplos de todos os alunos mal-educados que ele se queixa para nós. O Yago só está perdido um pouco, mas nada que um pouco de pulso firme para trazer o nosso anjo novamente para nós.

Su chega pouco depois que eu consegui animar ele com tudo isso. Noah contou para a esposa o que aconteceu e ela apoiou a decisão que ele tomou. Eles trabalham em conjunto na arte de serem pais, o que um decide, o outro não contraria. E isso traz um senso de autoridade para ambas as partes.

Yago não apareceu para jantar, nem mesmo depois de eu ter ido até o quarto para chamá-lo com o JB junto. Ele disse que não estava com fome e queria dormir cedo. Respeitamos a sua decisão, mas dei falta do Noah depois do jantar e lavei um prato a mais na louça que usamos.

– Alô. – Atendo o telefone do interfone quando acabo de secar as mãos.

– Dona Elis, era com a senhora mesmo que eu queria conversar. Interfonei para o seu e ninguém atendeu.

– Fale, Manoel.

– Tem um senhor aqui, querendo falar com a senhora. – Estanho, quem nessa hora poderia bater lá em casa a essa hora?

– E quem é?

– Não sei, só disse que é um conhecido da senhora.

Penso um pouco e ninguém me vem à cabeça. Mas a curiosidade fala mais alto que o bom-

senso e quando dou por mim, já estou autorizando a entrada do estranho para o nosso andar.

Aviso o Noah que vou atender a porta e fico no corredor esperando o elevador chegar com a pessoa que diz que me conhece. No momento em que as portas se abrem e eu vejo quem está ali, eu perco todo o controle do meu corpo e fico como se uma pedra de mil toneladas estivesse amarrada a mim, não deixando me movimentar um milímetro que fosse.

– Eu tenho duas perguntas para ti e espero que tu me responda elas com toda a sinceridade.

Sua voz é firme, diferente do tom em que eu sempre recebi dele. Seus olhos, os mesmos do meu filho me fitam com uma expressão de irritabilidade e um pouco de raiva que me deixam apreensiva com as perguntas que ele pode me fazer nos próximos segundos.

– Como tu descobriu onde eu moro? – Tento soar tranquila sem preocupação nenhuma, mas tenho a certeza que errei o tom de longe. Minhas mãos começam a tremer e eu me abraço na defensiva.

Se o Antes de Cristo está aqui, parado no corredor do meu prédio com essa expressão, só pode significar uma coisa: ele sabe da existência do Antônio.

– Não interessa como eu descobri isso, só quero as minhas respostas.

Isso não pode estar acontecendo. Logo agora que eu estava começando a resolver toda essa situação. Ele ainda continua olhando para mim, analisando cada reação minha e eu começo a entrar em desespero.

– E quais seriam? – Minha voz sai mais parecido com um sussurro do que uma pergunta normal. Isso não vai poder ser boa coisa.

– Por favor, - ele fala calmante e toma uma respiração profunda antes de me fazer a pergunta que eu tenho certeza que tem a ver com o Antônio. – Me diz que essa criança que tu tens não é meu filho.

Ai droga! Agora deu merda total! Como fugir dessa situação? Será que se eu sair correndo e ir chamar o Noah para dar um susto nele, vai adiantar? Ou pelo menos até eu conseguir reunir coragem para contar para ele. Me trancar em casa, jogar a motoca da Fofinha que está aqui do meu lado na sua cabeça, ajudaria? Alguma luz para sair disso?!

Seus olhos estão focados em mim e eu entro em colapso total com tudo. As conversas que tive com o Noah e a Su, os pensamentos que tive, tudo parece que estão vindo ao mesmo tempo sem me deixar raciocinar corretamente para saber como lidar com essa situação.

Ouçó a risada dos dois pequenos do outro lado da porta e o Antes de Cristo se vira em direção a porta, por alguns segundos vejo a apreensão que ele está sentindo em estar tão longe e ao mesmo tempo, tão perto do seu filho. Aquele que mudou a minha vida para melhor e que eu, em um ato de total egoísmo e desespero naquela época, os afastei. Se o Antônio foi a melhor coisa para mim, porquê também não poderia ser para ele?

Tomo uma respiração e falo à resposta que ele estava esperando com uma simples palavra, e sei que de agora em diante a vida dele não vai ser mais a mesma.

– Sim.

Baixo a minha cabeça e foco nos meus pés e nos brinquedos que sempre estão atirados nesse corredor. Bonecas, jogos, alguns brinquedos faltando à metade e tantos outros cacarecos que três crianças podem juntar e amontoar em uma casa.

Quando levanto a cabeça na sua direção, Antes de Cristo está totalmente mudado. A irritação e o princípio de raiva deram lugar a um misto de sentimentos que eu não consigo descrever e nem interpretar. Se para mim, foi um choque descobrir que estava grávida na sala de parto, com toda a certeza do mundo, saber que é pai de uma criança de um ano e meio, também não deve ser fácil.

– Por quê? – Sua voz falha, tanto que eu tive quase que fazer uma leitura labial para decifrar. Ele limpa a garganta e volta a me focar com os olhos marejados. – Porque tu não me disse?

Me escoro na porta e tenho que me recuperar daquela pequena palavra que eu disse e agora já tenho que contar a história toda. Não posso pedir um tempo para me organizar nos meus pensamentos?

– Por favor, vamos por partes. – Peço.

– Por partes? – Sua voz sai um pouco mais alta que o normal, me fazendo dar um pequeno pulo. – Tu engravidou e escondeu de mim, por sei lá quanto tempo e quer ir por partes?

– Não foi bem assim. – Tento achar uma desculpa plausível para que ele me escute.

– Imagina – seu tom de desdém chega fundo em mim e eu sinto algumas lágrimas chegando aonde não foram convidadas.

– Eu não sabia onde te procurar e fui pega de surpresa, tanto como tu! – Grito na defensiva na tentativa de extravasar os sentimentos antes que eu comece a chorar e perca o controle da minha situação.

– COMO NÃO! Eu era a porra do teu carteiro! Tu poderia ter ido na agência e perguntado por mim!

– Eu não sei nem o teu nome! – O rosto dele se fecha e ele deve ter se dado conta desse pequeno detalhe.

E nesse momento, para o barraco ficar completamente armando o Noah sai na porta.

– Que gritaria é essa que está assustando as crianças e... – Ele olha para o Antes de Cristo e percebe a situação. – Elis ele...?

Confirmo com a cabeça e quando dou por conta o Noah está abrindo a porta que dá acesso à piscina.

– Acho bom vocês conversarem em algum lugar que não acorde meio prédio e nem assuste as crianças.

Faço um aceno simples e antes de eu falar alguma coisa, o Antes de Cristo passa por mim, o deixo ir à frente e quando estou começando a subir, Noah me agarra pelo cotovelo.

– Vou ficar aqui embaixo, se precisar de alguma coisa um grito e esse cara sai voando

daqui, e não vai ser pela escada, ok?

Faço um agradecimento silencioso para o Noah e subo as escadas. Encontro ele escorado em uma das cadeiras que tem por ali. Os brinquedos continuam espalhados não deixando dúvidas que tem a presença de crianças por aqui. Junto um dos brinquedos do Antônio, um sapinho que quando se dá corda ele pula. Um dos brinquedos favoritos dele. As luzes estão apagadas e só temos o luar nos orientando, sento em uma das cadeiras e fico esperando ela absorver todos os pensamentos que devem estar passando na sua cabeça depois da minha revelação.

– Depois que te encontrei no banco eu pensei em te contar. Fui ao advogado e tudo – desabafo. Mas o que eu recebo de resposta é uma risada irônica.

– Depois de mais de dois anos tu pensou em me contar? – Dois anos? O Antônio só tem um ano e meio... Ah claro! Ele deve estar contando a gestação junto.

– Eu não sabia que estava grávida. – Antes de Cristo se vira para mim com uma cara de poucos amigos. – Só descobri quando estava na sala de parto e ele nascendo.

A expressão que ele fez para mim antes de começar a rir, foi estranha. Mais estranha do que o normal. E então ele começou a rir, mas não de estar achando engraçado, e sim de nervoso.

– Como assim tu não sabia? – Ele senta em uma cadeira a minha frente e eu foco no sapo na minha mão.

– Não tive nenhum sintoma, só engordei um pouco e mais nada. – Vejo ele passar as mãos nos cabelos de frustração. – Um dia acordei com dores, o Noah e a Su me levaram ao hospital e eu sai de lá com o Antônio.

– Isso não existe! Para de inventar histórias! Tu gerou um filho meu e não me avisou! – Ele volta a se exaltar.

Por AC

Preciso sentar antes de cair desmaiado no chão. Minha cabeça está girando mais rápido que um motor de carro importado.

Eu tinha a grande desconfiança que essa criança poderia ser meu filho. Mas escutar a confirmação foi um baque e tanto. Por mais que esperasse essa confirmação, nada se compara a ter a certeza comprovada.

Assim que entrei no banco na segunda pela manhã, fui direto para as filmagens da semana passada e fiquei revirando as gravações para encontrá-la. Depois que consegui a cópia, fui para o colega que a atendeu e tive que inventar uma história doida para conseguir ter acesso aos dados dela.

À noite fui para casa e fiquei olhando aquelas fotos, comparando com algumas que a Liv guarda da sua infância que eu apareço, na esperança que tudo isso não passasse de um engano ou uma brincadeira de mau gosto. Mas isso não aconteceu. Cada vez que eu via uma foto minha e da criança, eu me convencia mais ainda.

Hoje, eu consegui reunir o pouco de coragem que me faltava e quando dei por mim já estava sentado na portaria do prédio dela, com o porteiro querendo saber quem iria anunciar.

Falei que era um conhecido e quando estava pronto para voltar para casa ele me falou que fui autorizado a subir.

No momento em que ela me viu, seus olhos se arregalaram novamente, assim como naquele dia no banco. E eu entendia a sua reação.

– Eu fui ao advogado na segunda. – Ela volta a esse assunto e sua voz sai em um tom mais baixo. – Estava esperando ele fazer um papel dizendo que não queria nada teu para a criação do Antônio. Só queria fazer a apresentação e deixar como está. – Não faço menção de interrompê-la e ela segue no assunto. – Eu sei, o que eu fiz foi errado, mas eu fui pega de surpresa, mais que tu. Nunca na minha vida pensei que poderia estar grávida, só acreditei quando peguei o Antônio no colo. Eu tinha nada para ele, se não fosse o Noah e a Su me comprarem algumas coisas às pressas, nem teria roupas para sair do hospital.

Isso é surreal demais para ser verdade. De soslaio, a vejo limpando uma lágrima e voltando a falar.

– Eu não preciso de ajuda financeira. Sustento a nós dois muito bem. Nunca que iria atrás de ti por causa de dinheiro. – Sua voz dá uma falhada. – Eu só queria concertar as coisas de uma maneira mais fácil e prática para ti aceitar. Olha, nós podemos entrar em consenso. Se tu quiser, não precisa ser responsável por ele, eu nunca te cobraria nada...

Ela continua a falar, mas o meu cérebro entra em colapso com essa informação. Minha vida já foi bagunçada, só agora que vem entrando nos eixos lentamente. Por um lado, poderia aceitar essa opção dela e chegar em casa e falar para a Liv que não passou de uma coincidência enorme. Até porque a heterocromia nem é tão singular assim. E com isso continuar a nossa vida, só nós dois, como estamos fazendo desde aquela época. Sua saúde já está bem melhor, mas o seu psicológico não está completamente restaurado. E agora com essa bomba...

Mas eu não conseguiria me olhar no espelho todas as manhãs, sabendo que tenho um filho, a quem negligenciei. Por instantes, me lembro da minha infância, na qual os meus pais mais viajavam do que ficavam comigo. Quantas vezes eu quis que o meu pai ficasse alguns minutos comigo para jogar bola na rua, ou ir a alguma apresentação escolar, ou então me dar uma bronca por uma nota baixa na escola.

Não seria justo para mim. Não seria justo para ele. Não seria justo para nós.

– Eu quero conhecer o meu filho. – Minha voz saiu antes mesmo de terminar de escutar o que ela falava.

Ela calou a boca e se assustou com a minha decisão de repente.

– Quer? – A expressão dela fica assustada, e ela pisca algumas vezes quando eu confirmo que sim.

Não estou nenhum pouco à vontade com toda essa situação, mas sei que se saísse por aquela porta sem poder fazer o certo eu me martilizaria pelo resto da minha vida.

– Só me dá algum tempo – a voz dela para uma súplica. – Por favor.

– Tu não está em posição nenhuma de me pedir alguma coisa. – O tom da minha própria

voz sai de um jeito que eu não reconheço.

– Eu sei. – ela hesita e volta a olhar para mim. – Mas não estamos com cabeça para apresentações, pelo menos não hoje. Já está tarde e ele já está quase pronto para dormir.

Fecho os olhos e penso um pouco. Não faz nem meia hora que descobri que sou pai, será esse mesmo o momento exato para conhecer o meu filho? De cabeça quente e pensamentos à mil? Quando abro os olhos em direção a ela, me vejo concordando com a cabeça.

– Pode ser amanhã, se quiser.

– Sexta à noite. – Me levanto e saio em direção à porta, amanhã eu vou ter que ter uma boa conversa com a psicóloga da Liv e até mesmo com o Luiz, para me acalmar um pouco.

– Certo, a partir das dezoito horas nós já vamos estar te esperando. – Saio sem responder a ela.

Quando estou chamando o elevador ela aparece com os olhos inchados e limpando as lágrimas disfarçadamente. Não que eu esteja em situação muito diferente, mas ver uma mulher em sofrimento sempre cortou o meu coração em todos os sentidos.

O elevador chega e quando eu entro ela corre até a porta e a bloqueia de fechar colocando o seu braço na frente.

– Teu nome... – faço uma cara estranha para ela que termina a frase. – Eu ainda não sei.

– Arthur. Arthur Caetano Reniè.

Ela recolhe o braço e a porta se fecha. Eu me escoro na parede e choro como uma criança de cinco anos com a nova reviravolta da minha vida.

Capítulo 14

Por Elis

Estou cansada. Mas não de esforço físico e sim psicológico.

Chorei como uma vaca na sala da Su depois que o Antes de Cristo saiu daqui. Tanto que a Fofinha pediu para a sua mãe ver se eu estava dodói e me disse que os beijos do papai nos machucados sempre melhoravam. E depois dessa resposta inocente da minha afilhada, eu abri as comportas dos meus olhos, que davam para abastecer uma cidade média por um ano.

Chorei, chorei, chorei até quase dar sentido àquela música sertaneja que tem esse verso.

Meu filho me olhava de longe com aqueles olhos diferentes. Um momento ele veio e se sentou no meu colo e me beijou em cima do meu coração. E eu desatei a chorar de novo.

O Noah já estava começando a ficar sem o que mais me falar para me acalmar e a Su ameaçou a me bater se eu não engolissem o choro. Só com esse belo conselho da minha amiga eu consegui me controlar. Ou o meu choro seria por dor física mesmo. Fui para casa, tomei um banho e trouxe o Perereco para a minha cama, mesmo com ele esperneado e fugindo dela enquanto eu escovava os dentes.

Agora não tem mais jeito. O inevitável aconteceu e eu sou a vilã da história. Por questão de dias, até porque já estava planejando essa apresentação, a história poderia ser completamente diferente. Nesse momento, ele deve estar me deixando abaixo do chão onde as “cacas” dos cachorros lá da fazenda em reputação.

Minha preocupação sempre foi, e sempre será, o bem-estar do meu filho. E foi com esse pensamento que eu estava me preparando psicologicamente para enfrentar tudo isso, com mais dignidade e com argumentos sólidos em minha defesa. Mas agora, por um infeliz acaso, tudo isso mudou e mais uma vez a minha vida de uma virada e meia com essa história. Convenhamos que a da primeira vez só me trouxe alegrias e um bebê nos meus braços. E dessa vez, pode me tirar o Antônio por alguns dias ainda.

Chega de drama, oh rainha melodramática!

Tanta gente sofrendo por problemas tão mais difíceis que esse e não estão derramando uma lágrima se quer, e tu aqui preocupando com o que os outros vão pensar de ti? Vai te catar, Elis! Já tive o meu tempo suficiente de auto piedade. Bola para frente.

Agora é a vez de encarar isso com a cabeça erguida, mesmo estando esfrangalhada por dentro e sabendo que posso ser mal falada por um bando de pessoas da família do Antes de Cristo, que não sabem nem um por cento do que eu já passei.

Tudo pelo Antônio. Meu filho, minha vida. Por ele encaro a Inquisição Espanhola ou então um acesso de raiva da Su. No momento em que tive o meu filho nos meus braços deixei boa parte da minha vida para me dedicar a ele. E agora farei isso de novo e com toda a coragem que me sustenta nesse mundo.

Durmo e no meio da madrugada acordo sem o Perereco ao meu lado. Quase saio gritando

pela casa pensando que alguém havia que tinha o sequestrado, e quando paro no seu quarto, o vejo deitadinho com a bunda para cima dormindo calmamente. Voltei para a cama e fiquei me virando de um lado para o outro repassando aquela conversa na cabeça, até os primeiros raios de sol entrarem pela janela do meu quarto.

Por um ato de rebeldia extrema, desmarquei os meus pacientes para toda a quinta e de quebra na sexta. Se eu podia fazer isso? Não. Atolei a minha agenda para semana que vem, mas preciso desse pequeno espaço de tempo para me erguer e estar apresentável, e não uma vaca louca como fiquei.

Me dediquei ao meu filho o dia todo. O Noah adorou a ideia, porque tinha que estudar e corrigir algumas provas, então fiquei com os dois. Brinquei com ele e a Fofinha, dancei, me atirei no chão, fiz mais folia que eles, que não se aguentavam mais de tanto rir das minhas maluquices. Pus as mãos à obra no almoço, uma lasanha gigante e a tarde, quando o Yago chegou da aula de música, coloquei todos para fazer um bolo gigante de chocolate.

Uma bagunça geral. O Antônio tinha farinha até dentro das fraldas, a Fofinha um pouco de manteiga nos cabelos e o Yago chocolate por todo o rosto. Depois de assar e colocar a cobertura, mandei todos para a piscina para tentar se limparem um pouco.

Ficamos na água até quase a noite chegar. Saímos com as crianças já quase roxas de frio, e com muita briga porque não queriam sair da piscina. O Antônio chorava com os lábios roxos de frio, resvalava das minhas mãos, por estar molhado e se atirava na piscina novamente.

Jantamos a lasanha que sobrou do almoço e tive que tirar o prato da mesa, senão iam comer até ele. As crianças estavam podres de cansadas e acabaram dormindo no sofá da sala com o Gato sendo o travesseiro dos dois, e o Yago no outro com o JB em cima das suas pernas.

Sentei com o Noah e a Su na cozinha, com uma garrafa de vodka na nossa frente, peguei receio com tequila e precisava tomar alguma coisa forte. Não encho a cara desde o dia antes de o Antônio nascer, mas hoje me arrisquei com duas doses que já me deixaram meio tonta.

Conversamos muito, por um milagre, eu não chorei. Vai ver eu ainda estava desidratada da onda do outro dia. Eles me escutaram e eu os escutei e por fim, eu percebi que estava fazendo drama demais por uma coisa que já não tinha mais como evitar.

Agora não tem mais volta. Amanhã essa hora o Antes de Cristo, já vai ter conhecido o Antônio, e só o futuro vai me dizer o que isso pode acarretar. Mas de uma coisa eu tenho certeza. Se ele ousar machucar o meu filho, eu não ligo nenhum pouco de usar as minhas facas nele.

Na sexta, o fatídico dia, eu estou mais calma. Chove torrencialmente lá fora e eu acho que ele pode nem vir, se continuar nesse ritmo a desabar o mundo. Vai que cola, não é? O carro dele pode estragar, a chuva estourar algum bueiro e inundar a entrada do prédio, coisas assim acontecem todos os dias!

Acordei com o Antônio enfiando as mãos no meu rosto. Ele está ficando delicado igual à Fofinha. O afastei de mim um pouco para ver se ele dormia, mas não adiantou de nada. Quando percebi, ele estava montado em cima de mim querendo brincar de cavalinho. O derrubei de cima de mim e o apertei em um abraço e então o safado começou tentar me morder de leve. Então eu desisti de dormir.

O coloquei, depois de trocar as suas fraldas e tirar o seu pijama, na sala com a TV ligada em algum DVD, alcancei um leite com chocolate no copinho dele, minutos depois apareceu a Fofinha e os dois foram brincar.

Limpei a bagunça que havíamos deixado ontem na cozinha e no resto da casa, fiz o almoço e depois de pronto, puxei um edredom para a sala e acabamos dormindo os três no sofá com o barulho de chuva batendo nas janelas.

Só acordamos, quando a Su chegou para irmos para a natação das crianças. Peguei a mochila com as nossas coisas e saímos para a aula dos pequenos. Amo participar das aulas de sexta, já que nas de terça eu estou trabalhando e o Noah vem no meu lugar. Geralmente é ele que vem nas sextas também, mas como estava envolvido com uma prova de recuperação com a turma da tarde dele, hoje a Vaca veio comigo. Até gosto quando ela vem, porque assim, não preciso aguentar as outras mães babando no Noah sem nenhuma discrição, chegando a quase o deixar sem jeito com essa situação. Uma vez, quase me agarrei nos cabelos de outra mãe nos vestiários de tanto que ela ficou secando o Noah dentro da piscina.

Na volta da natação, a chuva ainda caía, um perigo até para dirigir, não dava para enxergar muito, mesmo com os para-brisas do carro estando a toda velocidade.

Por AC

Não me lembro de como cheguei a minha casa. Acordei desse sonho utópico quando estava nos braços da Liv com ela me acalmando e limpando as minhas lágrimas.

Se eu me importo de chorar? Nenhum pouco. Sou homem, mas também sou humano e tenho sentimentos. E naquele momento, como até agora, ficaram destroçados, mais uma vez, com a revelação que tive.

Eu sou pai. De uma criança de um ano e meio e nunca que imaginei isso poderia acontecer comigo, que sempre tento fazer as coisas do jeito certo, mas com uma baita ironia do destino, sempre acaba tudo errado.

A Olívia nem me perguntou nada, pois do jeito que eu cheguei não precisava de nenhum questionamento. E como ela me conhece, sabia que isso só poderia significar uma coisa. Não decifrei reação dela, mesmo que eu tentasse me focar em outra coisa não conseguia pensar em outra coisa a não ser na criança que carrega os meus genes e os meus olhos, que eu nunca tive contato.

Trabalhei quinta feira no automático. Chamei o Luiz para almoçar comigo, e acabamos dentro do carro comendo um hambúrguer de um bar perto da minha agência para conversarmos um pouco mais reservado. Ele me apoiou com a decisão sobre conhecer o meu filho e quase se afogou com o refrigerante que estava tomando quando disse que eu o conheceria em pouco mais de trinta e seis horas.

Me disse que coisas assim não podem ser resolvidas de uma hora para outra. Temos que ter todo um preparo psicológico e afins. Só respondi que já tinha perdido tempo demais com essa criança, e agora era a hora de colocar tudo em pratos limpos.

Quando ele me perguntou sobre a mãe, dei os ombros. E foi aí que ele me deu um tapa na

cabeça e eu voei de cara no meu hambúrguer me sujando todo de maionese e mostarda.

– Tu está maluco, AC? – Ele me falou enquanto eu maldizia até a quinta geração dele. – Será que tu não percebe que ela deve ter passado uma barra para enfrentar tudo sozinha com uma criança pequena? Eu sei como isso não é fácil!

– A escolha foi dela. – gruni, entredentes. – Ela poderia ter me procurado...

– E tu resolvido tudo? – Ele solta uma risada irônica para me deixar mais irritado ainda. – Me conta outra cara, sei que tuas intenções são sempre as melhores, mas onde tu estava quando essa criança nasceu? Tu chegou a fazer as contas para te lembrar como tu e a Liv se encontravam nessa época?

E eu me calei com esse comentário dele, e terminamos o nosso almoço em silêncio.

Me encontrei com a Liv na sala de espera da sua psicóloga. Ela estava com um sorriso nos lábios, e eu fiquei um pouco aliviado com essa recepção que tive de sua parte. Na hora da consulta depois da Liv passar um resumo básico de como estava os seus dias, a psicóloga me perguntou qual era a razão da minha visita, ainda mais sem a avisar. Disse o que me trazia àquele consultório, que eu não gostava nenhum pouco. Mas isso era um mal necessário, e por mais que eu não goste, o bem que fez para Liv desde o início das sessões é notável.

Ela perguntou como a Liv se sentia com tudo isso. Eu fiquei espantado com a resposta que a minha esposa nos deu naquele ambiente falsamente alegre que ela chama de consultório.

– Eu fiquei assustada no início. – Sua voz abaixa alguns tons enquanto ela mexe na sua aliança. – Quando isso aconteceu, eu e o Cae estávamos separados. Não estou com ciúmes nem nada, por mais que eu tente, não consigo. Não seria racional da minha parte, desejar alguma coisa de mal a criança que não tem culpa nenhuma nessa história. Quero a conhecer, cuidar dela quando for lá para casa e tudo mais. No fundo eu sei que o Cae vai ser um ótimo pai.

Fiquei sem reação depois que escutei isso e me calei por quase toda a consulta. Quando chegamos à nossa casa, puxei a Liv para os meus braços e beijei sua cabeça enquanto ela a descansava no meu ombro. Eu sabia que independente dos seus sentimentos ela iria me ajudar, mas agora vai ser tudo bem mais fácil. Ela saiu do meu ombro, passou uma das mãos no meu rosto e me puxou para um beijo. Fiquei parado, sem ação nenhuma. Não esperava essa reação dela e deixei o controle dessa situação em suas mãos.

Depois de alguns instantes, ela se afastou e saiu, quase correndo, para o quarto, me deixando na sala sem entender nada. Mais do que eu já não estava entendendo. Liv não voltou para jantar comigo e foi dormir cedo. Quanto mais eu tento entender a situação em um só conjunto, alguma coisa nova acontece para me deixar mais confuso ainda.

Cai no sono, assim que a minha cabeça se encostou no travesseiro. No meio da noite, senti a Liv se aproximando de mim, até eu ir ao seu encontro e ela dormir agarrada em mim.

Ah minha Liv! Eu sei que isso é uma barra e tanto para nós dois, mas eu prometo que vou tentar fazer isso o mais suave possível. E tu, sabe que quando eu prometo uma coisa, eu cumpro, de um jeito ou de outro.

~

Dias de chuva sempre me deixam triste. Nunca foi em algum dia ensolarado que eu recebi boas notícias na minha vida. Estava chovendo quando me despedi dos meus pais há alguns anos atrás. Mesmo sabendo que eles não desempenharam o seus papeis com o afinho que se esperava, eles são as pessoas que me deram a vida e eu, sempre como todo filho, ainda sinto falta deles. Estava caindo o mundo quando fui acordado no meio da manhã depois de uma festa, pelo meu tio me exigindo providências com o que havia acontecido. E hoje, cai o mundo de novo.

Quase com o carro ilhado, consigo chegar ao prédio onde ela e o meu filho moram. Liguei para a Liv no meio do caminho e ela me desejou boa sorte e que vai me esperar acordada para que eu conte como foi. Entro na portaria e sou recebida pelo mesmo porteiro de dois dias atrás. Digo com quem quero falar e ele sai para interfonar.

E agora é a hora em que eu conheço o meu filho.

Com um sorriso gentil, o senhor me acompanha até o elevador, onde da última vez teve que digitar o código de acesso à cobertura, já que ele só tem dois apartamentos e é fechado aos outros moradores.

– Ah que sorte! – O zelador exclama. – O Noah também está subindo.

Pisco algumas vezes para o cara que me analisa dos pés até os meus olhos atrás de uns óculos de grau com aro escuro. O mesmo homem que aparece em quase todas aquelas fotos com o meu filho e ela, e o mesmo que mandou nós subirmos aquele dia para o terraço. Quando os olhos deles focam nos meus, eu o vejo fechar a cara para mim. Engulo em seco, entro no elevador e quase me encolho em um dos cantos quando a porta se fecha.

O cara é grande, deve ter no mínimo uns cinco centímetros a mais que eu. E pelo seu porte físico, eu não teria nenhuma chance, caso ele invente ter algum tipo de combate físico comigo. Sempre fui péssimo em qualquer tipo de luta. Do tipo de apanhar feio de uma criança de cinco anos com algumas aulas básicas de luta. Um dos meus professores me passou nessa matéria de pena de mim e por outras habilidades. Meus reflexos no squash são um dos melhores da academia, tanto que só o Luiz que me vence, mas em outras coisas, é um desastre.

Já tentei alguns tipos de lutas, karatê, jiu-jitso, muay thay e tantas outras. Mas o meu destino sempre foi a cara no chão com o outro cara me demolindo. Geralmente ficava um caco no outro dia a ponto de ficar sem poder me mover decentemente. Então foquei as minhas aulas e treinamentos no squash, padel, tênis e afins. Mil vezes acertar uma bolinha em velocidade máxima do que um ataque em que a pessoa pode mudar a rota de um soco quando der na cabeça dela.

Fico no meu canto enquanto o elevador faz o seu caminho lentamente. Com o cara de costas analiso o seu porte. Mesmo estando mais nas quadras do que na parte de reforço físico na academia, tive um ótimo professor e mentor que me ensinou muito sobre o porte das pessoas. Esse cara já malhou muito e aposto que sem nenhum tipo de anabolizante para conseguir isso. Sufoco um gemido quando imagens do meu corpo estirado nesse elevador surgem na minha cabeça. Com certeza no primeiro soco que eu recebesse dele cairia em coma profundo.

O elevador apita e as portas se abrem e eu solto uma respiração que nem imaginava que estava segurando desde que saímos lá de baixo. Espero o cara sair e quando saio para o corredor,

sinto o meu ombro ser prensando contra a parede atrás de mim.

Os olhos azuis do cara estão a centímetros do meu, me intimidando e eu tento me lembrar de como sair dessa situação em uma das aulas de defesa pessoal que eu deveria fazer, mas o professor me colocava para ensinar os colegas a colocar cordas nas raquetes de tênis.

– Eu sei muito bem quem tu é. – começo a suar frio quando a sua voz sai baixa e grave. – Se tu fizer algum mal à Elis ou ao Antônio, eu acabo contigo. Entendido?

Pisco algumas vezes e aceno um sim com a cabeça milimetricamente e ele me solta. Fico parado na ponta do corredor e vejo ele caminhando desviando dos brinquedos que tem no corredor enquanto a minha respiração e batimentos cardíacos voltam para o seu devido lugar.

Vejo na pasta que ele está carregando, o símbolo da escola da qual a família do Luiz é dona. Ele deve ser um dos professores de lá, e com certeza deve ser no mínimo ótimo no que faz para ser admitido.

Ele me dá uma última olhada e abre a porta do seu apartamento e eu escuto a voz de uma criança gritando e se atirando nos seus braços. Um gato branco, maior do que a maioria dos que eu já tenha visto, sai por entre as suas pernas enquanto o cara fecha a porta e eu consigo respirar mais aliviado.

Quanto mais luz eu peço, mais coisas me acontecem. Além de ter que aliviar a barra lá em casa com a Liv, tenho o Luiz para não me deixar quieto com os meus pensamentos e com as coisas que eu acho correto. Ele brigou feio comigo por telefone hoje pela manhã. Me falou coisas que ainda não tinham entrado na minha cabeça anteriormente. Eu não sei nada sobre crianças, nem como se troca uma fralda, então não posso falar nada sobre o que a Elis deve ter passado até agora cuidando do meu filho. Como disse o Luiz “bater no peito dizendo que é pai é fácil, quero ver estar lá quando a criança estiver com febre e chorando”. Tentei responder, mas ele não deixou e continuo falando até eu começar a perceber que no fundo tinha razão e que não poderia pegar pesado com a Elis sobre qualquer aspecto que envolva esse assunto. E ainda fui avisado que deveria “abaixar a minha bolinha” para lidar com o que ela também está passando nesse momento. E que só poderia ter algum direito sobre isso quando ele estivesse sobre a minha responsabilidade própria.

Também há o fato de que estou há minutos de conhecer o meu filho, que eu não tenho a mínima ideia se ele vai ir com a minha cara, ou se eu vou saber lidar com tudo isso. Nunca estive com uma criança desde que eu deixei de ser uma. E agora, o vizinho da maluca me ameaçando. Será que falta mais alguma coisa?

Ah sim! O gato branco e gigante que saiu da casa vizinha a dela está em posição de ataque contra a minha pessoa se eriçando todo. Só o que falta e eu sair daqui todo arranhado de gato.

Balanço a cabeça tentando limpar os meus pensamentos e caminho em direção à porta. Toco a campainha e me ajeito em uma posição ereta para encarar tudo. A porta se abre e ela surge na minha frente com os cabelos molhados e a roupa grudada no seu corpo, como se acabasse de sair de uma piscina ou coisa parecida. Impossível não olhar para ela, ainda mais porque está de camiseta branca e completamente colada ao seu corpo se agarrando em todas as

curvas do seu corpo.

– Oi. – Ela fala e se escora na porta como se não estivesse acreditando na minha presença ali. – Pensei que com essa chuva, tu não ia aparecer. E nós nos atrasamos no trânsito na volta da natação com as crianças e... – Ela começa a falar como emendando um assunto no outro divagando, até parar de tagarelar quando disse que quase bateu em uma mulher porque estava olhando o marido da sua amiga.

Continuo parado olhando para ela, pela primeira vez, desde que a reencontrei, prestando atenção no seu rosto e no que mudou nesse tempo em que não nos vimos. Seus cabelos estão mais compridos, mas isso pode ser ilusão por estarem molhados. Seu corpo continua o mesmo esguio e magro desde aquele tempo e...

– Hey, meus olhos são aqui em cima! – Ela fala e eu foco no seu rosto emburrado.

Parabéns AC, depois de agir como um idiota, a engravidar e descobrir isso só depois de mais de um ano e meio, tu não consegue parar de ser um babaca com ela. Mereço uma medalha por isso.

Abaixo os olhos para o chão e foco nos meus sapatos e nos seus pés descalços com as unhas pintadas com um verde fluorescente. Ela se afasta da porta e com um “entra” mais que singelo me dá espaço para entrar.

– Antônio! – Ela grita e fecha a porta e eu levanto os olhos em direção ao sofá, onde uma criança está com o rosto enfiado em um tipo de vasilha.

Meu corpo para e eu dou um passo para trás em direção à parede para me segurar e não cair de bunda no chão. A criança tira o rosto da vasilha e se vira para nós com a face toda suja de feijão, abóbora e massa. Assim que ele nos vê, abre um sorriso e eu quase desmaio com isso.

Meu filho está a menos de dez passos de mim, e eu estou aqui com o meu corpo todo retesado. Ele está maior do que aquelas fotos que eu vi no site. Mesmo com o toda essa comida espalhada pelo seu rosto, parece que eu voltei no tempo e estou de cara com uma versão minha naquelas fotos que a Liv insiste em ter espalhadas pelas paredes do apartamento, e até um que ela pintou de uma foto antiga nossa.

– Antônio! Quantas vezes eu já te disse para não enfiar a cara no prato de comida! Tu não é o Gato ou o JBebê para fazer isso! – Ele ri e eu sinto uma coisa diferente dentro de mim que não sei explicar. – Não adianta rir para mim, seu danadinho! – A vejo caminhar em direção à criança e, sem cerimônia, nenhuma tirar a blusa branca, ficando só com a parte de cima de um maiô com o emblema de uma escola de natação e limpar o rosto da criança com a camiseta. O trabalho é em vão porque até os cabelos estão sujos.

Fico admirado com a astúcia dela de limpar ele desse jeito. E não cheia das manias como vemos as mães hoje em dia. Tenho certeza que muito a minha mãe fez essa mesma coisa comigo.

– Não tem jeito, vou ter que levar ele para o banho de uma vez. – Ela se vira para mim, que ainda estou encostado na parede. Ele aproveita a deixa e enfia as mãos no pote de comida e leva a boca, impossível não rir da carinha de felicidade dele fazendo isso.

– Acho que ele precisa mesmo. – Faço um movimento com a cabeça em direção a criança

que agora enfiou as duas mãos e leva a boca como um esfomeado.

– Ah eu desisto de ti, Perereco! – Ela tira a vasilha da criança que choraminga por terem tirado a sua fonte de diversão momentânea. – Correndo para o banho, vamos! – E ele corre em direção ao corredor. – Fica à vontade, só vou dar um banho e tentar tirar a sujeira dele e já volto.

Ela sai da sala me deixando sozinho com os meus pensamentos. Consigo me descolar da parede e ir mais adentro do apartamento. Com certeza ele é bem maior que o meu e da Liv. E não nega que existe uma criança morando aqui. Diversas fotos, sendo uma gigante com os dois sorrindo para a câmera em um fundo com o céu azul e com grama verde. Chego mais próximo a uma estante com diversos porta-retratos e inúmeras fotos. Algumas só dele, outra com a menina dos olhos azuis, que deve ser filha do vizinho ameaçador. Outras dele menor de colo, com os olhos bem abertos e não escondendo a heterocromia, e tantas outras poses possíveis para uma criança.

Me perco por entre as fotos e levo um susto quando vejo ele correndo até a sala usando um pijama branco estampado com diversos sapos e um sapato que parece de meia, com a mesma temática.

Ele chega até mim e fica me encarando. Me agacho na sua frente e fico olho a olho com ele. Azuis e verdes dispostos na mesma posição. Vejo ele virar a cabecinha para um lado, do mesmo jeito que a Liv diz que eu faço sem perceber quando fico interrogativo com alguma coisa.

– Oi – falo para ele e o vejo piscar umas duas vezes. – Tudo bem contigo?

Ele me observa, mas não fala. E quando eu penso que ele vai interagir comigo ele sai, senta no sofá e pega algum brinquedo. Olho para ele percebendo que não tenho nenhum jeito com criança mesmo. Me levanto e vejo ela escorada na porta, usando um pijama simples, mas comportado.

– Ele não fala. – Ela se aproxima e se senta no sofá.

– Por que? – Tenho a nítida consciência que inclinei a cabeça como ele nesse momento.

– Não sei, já perguntei para ele, mas nunca obtive resposta. – Pisco algumas vezes e ela começa a rir. – Desculpa, sempre faço essa brincadeira quando me perguntam isso.

Fico sem reação a esse comentário. Essa mulher é maluca mesmo.

– Não sabemos o porquê, – ela volta a falar – o pediatra diz que é preguiça mesmo, ele quer aprender outras coisas e se esquece de exercitar a voz. Não é Perereco? – Ele olha para a mãe e dá uma risada. – Agora mesmo ele aprendeu a subir em uma cadeira e ligar a luz. Tive que comprar aqueles protetores de tomada, antes que ele as descobrisse também.

Ela começa a me contar as histórias que ele apronta e eu me sento no sofá, querendo absorver cada detalhe que perdi nesse um ano e meio de vida do meu filho. Que esse seja o primeiro dia de muitos que eu aprenda sobre ele, porque um sentimento de afeição total se instalou no meu peito, quando vi o seu rosto sujo de feijão, abóbora e massa pela primeira vez.

Capítulo 15

Por Elis

Já fiz muita coisa louca na minha vida. Meus porres na época da faculdade que o digam, e ainda contam com a ajuda da Su nos momentos de amnésia alcoólica. Já coloquei quase fogo em casa em um pequeno luau que fiz lá na fazenda, uma vez, quando criança, derrubei uma TV gigante de tela no chão, também deixei uma panela de pressão explodir que passamos uma semana tirando feijão do teto. Mas o que eu estou vivendo hoje é o ápice de tudo que eu já fiz nessa vida, nas antepassadas e nas que virão com toda a certeza.

Estou sentada no meu sofá com um álbum de fotos do Antônio, desde que ele nasceu e mostrando para o que será ele daqui alguns anos. É loucura demais até para mim tudo isso. A cada minuto que passo com o pai dele, vejo que só tive o trabalho de parir e criar até agora, porque de mim, o Antônio só tem o sobrenome e a cor dos cabelos.

Gestos, movimentos dos olhos, além da heterocromia charmosa de ambos, até o maldito jeito de sorrir e criar uma fendinha depois dos lábios, são iguais. Então é como se eu estivesse com o meu filho pequeno escorado em mim, brincando de um lado e do outro um viajante do futuro para conhecer a sua mini versão.

Já olhei até para os lados para saber se isso é algum tipo de filme do futuro que sem saber, fui escalada como uma das personagens principais que dá à luz a criança que vai salvar a terra daqui há....

– Quantos anos tu tem? – Ele olha para mim, inclina a cabeça para o lado, pensando onde essa minha pergunta tem a ver com a viagem das férias desse ano que está nas fotos que ele está olhando agora.

– Vinte e sete.

... então a criança que eu gerei voltou do futuro com vinte e sete anos para me avisar sobre algum acontecimento e isso pode ser a salvação do planeta. Palmas para mim! Descobri o mistério! Agora já pode sair o cara da TV me dando os parabéns por ter resolvido o enigma dessa noite.

Só que isso não acontece e eu coloco mais uma estrelinha no meu caderno de maluquices com essa teoria doida.

A verdade é que o pai do Antônio está aqui, se chama Arthur Caetano, tem vinte e sete anos e é casado. Começou a carreira como carteiro no serviço público e hoje está em um banco federal. Formado em educação física e mora longe daqui. Foram as únicas coisas que eu consegui arrancar de informações dele, o resto toda a conversa se focou no Perereco. Além de ver que ele está completamente magoado por estar vendo as fotos e não ter participado de nenhum desses momentos.

Fiquei uma pilha de nervos com a visita dele hoje à noite. Seria o primeiro encontro oficial entre pai, filho e uma mãe que na porta já divagou sobre tudo em meia dúzia de frases. Hoje, concordo com a Su, que virei uma vaca maluca completa. Mas não fui a única e ficar

completamente sem noção nessa situação, além do Perereco se enfiar, literalmente, a cara no prato de comida, o AC também estava. Ficou parado no canto da sala enquanto eu lidava com o meu aprendiz de gato/cachorro que não quer comer de talher.

E não posso me esquecer da minha terrível apresentação no quesito vestuário para a minha pessoa. Um maiô molhado da aula de natação e agarrado no meu corpo em todos os possíveis e impossíveis lugares. Claro que o cara agiu como um da sua espécie e olhou os meus peitos. E eu ainda chamei a atenção dele que depois não sabia onde ia se enfiar de vergonha. Está certo que achei isso bem fofinho da parte dele, mas eu poderia ter ignorado essa olhada básica e ter ficado na minha curtindo e me vangloriando de ainda valer a segunda checagem. Mas óbvio que eu não fiz isso!

– E o que ele achou da praia? – A voz dele me tira dos meus pensamentos e sou obrigada a focar no pai do meu filho mais uma vez, entusiasmado com qualquer informação que eu possa passar.

Não consegui deixar de ficar empolgada em poder falar do Antônio sem ninguém me julgar como uma mãe coruja e babona assumida. Geralmente quando isso acontece com outras mães na volta, parece uma zona de guerra, com uma querendo falar as habilidades dos filhos e tentar esnobar o dos outros. Isso acontece muito durante a entrada e saída das crianças da piscina. Eu e a Su quase nos matamos de rir vendo as mães fazendo isso.

– Ele adorou! – Soei um pouco mais exaltada do que imaginava. – Ficou eufórico com a imensidão de água. Mesmo já estando acostumado com a natação, nada se compara ao mar. Fazia cada careta com a água salgada nas primeiras vezes que levei ele na orla que me mijava rindo dele. – Vejo o sorriso dele começar, mas nunca sem tirar a expressão de criança que ficou de castigo e não foi tomar sorvete com os outros.

Conto mais algumas diversas histórias do Antônio na praia, na fazenda dos meus pais e até algumas peripécias em casa. No meio do assunto, lentamente a porta da minha casa se abre e eu já imagino quem deve ser.

– Ajuda, tia Lis! – Mal começo a me mexer para ajudar a Fofinha, com o que quer que seja e o Antônio sai correndo.

Abro a porta e a Fofinha está com o Gato no seu carrinho de boneca como se fosse um bebê e entrando na minha casa de pijama e uma bolsinha rosa.

– Cheguei! – Ela abre um sorriso para mim. – bebê “mimir”. – E coloca o dedinho na boca pedindo silêncio para nós.

Fecho a porta do apartamento e ela segue pela sala levando o Gato em seu carrinho até o sofá. Ela senta, sempre com o Antônio ao seu lado, e olha para o AC sentado do outro lado e começa a falar.

– Oi. Quem é tu? – E pisca aqueles olhos azuis gigantes em direção a ele toda interrogativa.

– Eu sou... – AC olha para mim como se pedisse alguma ajuda com ela e eu decido interferir.

– É um amigo da Tia Lis. – AC dá um sorriso em agradecimento para mim e a Fofinha se volta para o Antônio que está escalando o sofá para sentar ao lado dela.

– “Peleleco”, ele “pecisa” de “calinho”. – Com essa última palavra, a bola de pelo sai, lentamente, do carrinho de boneca e se aloja entre os dois.

Nem preciso dizer que os olhos do meu filho brilham mais que duas estrelas quando a Fofinha está por perto. Eu e a Su já percebemos isso nas primeiras semanas de vida do Antônio, quando era só ela chegar perto dele quando estava chorando, que como um passe de mágica, o botão de mudo dele fosse acionado. E claro que quando a Fofinha está teimosa e agitada é só o Antônio chegar que ela se acalma. Se existe algum tipo de amor, puro e inocente entre crianças, esses dois são a prova viva disso, para mim e a Su suspirarmos pelos cantos e o Noah ficar com ciúmes.

Observo o AC de olho na cena admirado de como aquele gato gordo e branco, se deixando ser acariciado por duas crianças. Fofinha abre a mochilinha rosa e entrega uma escova para o Antônio e pega alguns elásticos coloridos para colocar no pelo do Gato. Claro que com toda a delicadeza do mundo que o meu filho e sua coordenação motora de um ano e meio, tem para pentear o Gato não é das melhores, mas o bichano não reclama. E ainda ronrona audivelmente para todos os moradores do prédio com os carinhos que recebe dos dois.

– Isso não é...? – AC se vira para mim e faz uma cara estranha. – Esse gato quase quis me arranhar no corredor e...

– Ele nunca fez nada para eles. – Respondo com um sorriso no rosto. O Gato pode ser de lua, chato, implicante e tudo mais, mas nunca levantou uma pata, ou unhas para as crianças. Ele tem o Noah para essa função.

– Fofinha eu disse para ti ficar em casa! – Su grita do outro lado do corredor e a criança arregala aqueles olhos azuis gigantes e sai correndo do sofá com o Gato e o Antônio atrás dela.

Por AC

Vejo o meu filho sair correndo atrás da menina e do gato estranho para dentro da casa e não consigo segurar o riso quando encaro a Elis com essa cena.

Conseguir relaxar com a situação de hoje. Parecia meio impossível nos meus pensamentos que a noite de hoje terminaria desse jeito. Estava uma pilha de nervos tão grande, que poderia jogar mais de cinco horas seguidas de squash com o Luiz que não conseguiria extinguir essa tensão toda do meu corpo. Mas por incrível que pareça, algumas horas e histórias depois, eu estou bem melhor. Não sei bem como consegui fazer isso. Talvez o espírito da Elis tenha iluminado todo o ambiente e tenha me contaminado.

Logo de cara, percebi que ela é uma pessoa bem-humorada, alegre e aparentemente feliz. Diferente de mim que geralmente estou preocupado com tudo e todos a minha volta, e desde semana passada não ando no meu melhor humor. Aliás, acho que posso contar nos dedos os dias em que eu estive realmente de bom humor, sorrindo pelos cantos nos últimos dois anos. Mas, por incrível que pareça e com a situação que estou vivendo, eu estou até relaxado e tranquilo demais.

A nossa conversa fluiu como se nos conhecêssemos há anos. Talvez seja o modo explosivo e expansivo da Elis, diferente do tímido e comedido da Olívia, ao qual estou acostumado todos os dias, que fez essa diferença estrondosa.

Com esse curto tempo, eu pude conhecer um pouco do nosso filho. Aparentemente ele é uma criança feliz. Um pouco arteiro, daquelas que literalmente apronta quieto, já que ainda não fala, e que, se tirar os olhos por dois segundos, podemos encontrá-lo escalando as janelas gradeadas do apartamento.

E, claro, fui contemplado com a história de amizade entre ele e a vizinha do outro lado do corredor, filha dos melhores amigos da Elis. Quando ela chegou aqui com aquele carrinho de boneca com o gato que quis me arranhar como um bebê, o sorriso que eles trocaram foi genuíno e, com certeza, cúmplice de muitas maneiras de fazerem bagunça.

Mas nem tudo são mil maravilhas nessa história. Atrás de tanta novidade para mim a cada folha daquele álbum de fotos, vejo que perdi uma época mágica na vida do Antônio. Uma fase da vida dele que nunca vai poder ser vivida novamente. Nessas lembranças eu não apareço e isso me deixa muito magoado.

– Desculpa, – a porta se abre e uma mulher entra e posso dizer que é a mãe da menina dos olhos azuis – fui ajudar o Yago no piano, o Noah foi pro banho e a moça fugiu. Falei para ela ficar em casa, mas não adiantou. – Ela e a Elis trocam um olhar de quem conhecem os filhos que têm, e ela repara em mim. – Ah! Oi. Desculpa essa intromissão dupla, sou a mãe da Fofinha e madrinha do Antônio.

– Prazer! – aperto a mão que ela estende para mim. – AC.

– Su. – O aperto de mão dela é forte, passando para mim a confiança de negociante.

Elis se volta para nós, dizendo que a menina, Fofinha, entrou com o gato, que aparentemente se chama Gato também, e quando escutou a voz da mãe saiu correndo com o Antônio atrás.

– Os busca para mim? – Elis e Su travam uma briga de olhares, e eu fico sem entender nada no meio dessas duas. Segundos se passam, e a Elis sai pisando duro como criança contrariada, me deixando a sós com a Su.

Com toda a certeza, esse ar de ficarem prontos para a briga em menos de alguns instantes é a marca registrada do casal do outro lado do corredor. E eu tenho certeza disso quando ela se volta para mim, e, mesmo sendo alguns bons centímetros mais baixa que eu, a sua expressão é de como tivesse o dobro da sua altura.

– Eu sei muito bem quem tu é, e o que o meu marido te disse. – E mais uma vez, eu sou acuado em um canto nesse apartamento. – Eu assino em baixo para o que ele te disse e ainda acrescento. – Ela dá um passo a mais em minha direção e termina a ameaça. – Daquele lado do prédio, ele é o mais bonzinho.

Ela segue me olhando fixamente nos olhos, até a sua filha sair correndo com o Antônio ao seu encalço. E num simples passe de mágica, a mulher que estava me ameaçando, abre um sorriso e se vira para a filha.

– Eu não disse que hoje era para ti deixar o Perereco em paz? – A criança dá um sorriso culpado.

– Mas eu “quelia” o “Peleleco”. Vou “mimir” ele Gato.

Sorrio vendo a cena. Antônio, que descobri que também é chamado de Perereco, está com o Gato no seu colo com diversos elásticos coloridos espalhados no seu pelo.

– Eu não vou dormir com o Gato fedorento na minha cama! Já basta vocês dois!

– Ele não “fedolento”. Eu, Peleleco, banho nele.

– Sem banho no Gato e se quiser dormir aqui, pede para a Tia Elis, e para o teu pai, porque vocês tinham combinado de olhar o filme.

E a criança sai gritando o seu pai porta afora. Sua mãe e a Elis trocam algumas palavras e por fim parece que ela vai dormir aqui com os dois. E eu sinto que a minha hora de ir embora está chegando.

– Acho que já vou indo. – Falo alguns minutos depois.

– Claro. – Ela me dá um sorriso fraco, concordando com a minha opinião. Até porque já são quase onze horas da noite e parece que fazem menos de meia hora em que eu cheguei aqui. – Quer ficar com ele? – Por alguns segundos, penso que ela está me falando do Antônio, mas percebo que é o álbum de fotos, que ainda está em minhas mãos.

– Por favor. Te devolvo na próxima visita. – Fecho as páginas que ainda tenho que ver e rever diversas vezes para conhecer essa primeira infância do meu filho com mais afinco.

– Não precisa, tenho uma cópia digital e faço outra para mim. Pode ficar com ele, sei que deve ter alguns parentes que possam querer ver também. – Miro o chão com a lembrança que os meus pais não estão aqui, e nem sabem da possibilidade do Antônio ser o meu filho. Até porque, já fazem mais de três meses que não tenho nenhuma notícia deles.

– Só a minha esposa e um amigo. – Dou os ombros.

Recebo um sorriso fraco dela e caminho em direção ao Antônio que está com aquele Gato ao seu lado que ronca sonoramente. Sento ao seu lado, e coloco a mão no seu rosto redondo infantil. É a primeira vez que toco no meu filho e isso faz o meu coração se aquecer bem mais do que o normal. Seu sorriso se abre e isso funciona como um soro colocado na minha veia, inundando a o meu corpo instantaneamente com sentimento que nem sabia que poderia me habitar.

O sorriso que recebo depois desse mínimo toque, foi mais intenso que um choque elétrico de alta voltagem. Sinto como se o tempo tivesse parado ao meu redor e focado em apenas nós dois. Nossos olhos iguais se cruzam e palavras silenciosas são trocadas entre nós nessa comunicação visual, o som é uma coisa supérflua nesse nosso momento.

– Eu sei como é isso. – A voz da Elis, quebra no nosso contato, e volto à realidade com a sensação que depois que sair daqui a minha vida não vai ser a mesma.

– Desculpa? – Minha voz sai meio embriagada com a miríade de sentimentos que explodem dentro de mim.

– Isso. – Aponta para mim no sofá e o Antônio que ainda me observa com a cabeça inclinada para um dos lados. – Se apaixonar por ele à primeira vista. Aconteceu comigo no momento em que eu o segurei nos meus braços pela primeira vez.

E então ela começa a me contar a história mais maluca que eu já escutei na minha vida. De como o dia dela começou normal e terminou com o Antônio nos braços. A aventura mais indescritível, como ela me disse, da sua vida.

– Ele é a melhor coisa que eu já fiz. – Sua voz sai fraca quando ela me leva até a porta. – E ao mesmo tempo a que mais me colocou medo e dúvidas sobre a minha capacidade de poder cuidar de outra pessoa sozinha. – Tento cortar ela nesse momento, mas sou travado com um olhar dela. – Agora eu sei que poderia ter ido atrás de ti e conseguido ajuda, mas tudo aconteceu muito rápido e eu não tinha tempo para fazer muitos pensamentos filosóficos sobre isso, ainda mais com ele tão dependente de mim e nós dois nos habituando a tudo. O que eu fiz não tem desculpa, mas eu vou fazer de tudo para poder reparar esse dano. Minha casa está de portas abertas para quando tu, quando quiser visitar ele e, se eu não estiver em casa, a Su e o Noah estarão.

Me lembro das duas ameaças que tive em apenas algumas horas aqui, e fico imaginando quais outras poderão vir se eu visitar o Antônio com a supervisão deles. Com certeza, não seria muito confortável para a minha pessoa no momento.

– Algum problema com isso? – Pisco algumas vezes para essa pergunta tão incisiva dela e hesito em responder. Por um lado, sei que eles estão protegendo os dois, do mesmo jeito que eu faria se fosse a Olívia nesse caso. – Não me diz que a Su te falou alguma coisa enquanto eu buscava os dois fugitivos aqui dentro de casa?

Tento negar, mas fracasso com um meio sorriso que me aparece e ela entende a situação.

– Eu não acredito que aquela vaca te falou alguma coisa! – Ela se escora na porta e geme baixinho. Então falo tudo.

– E não foi só ela.

– O Noah também? Mas que droga! Desculpa, AC! Eles são bem protetores em relação a mim e o Perereco. E não posso dizer que eu não sou assim com eles e o Yago e a Fofinha. Mas não acredito que eles fizeram isso!

– Acho que se fosse a minha esposa no lugar, eu teria essa mesma reação. – Ela ri em alto bom som e eu fico tentado e pedir um pouco desse bom humor dela para mim, ou alguma dose para a Olívia.

– Nem perguntei sobre como ela está lidando com tudo isso! – Apressadamente ela para de rir e fica com um rosto sério e até um pouco triste. Bipolaridade, a gente vê por aqui. – Eu não quero atrapalhar em nada o teu casamento e...

– Não te preocupa – alívio a onda sentimental estilo montanha russa que ela vive. – Está sendo melhor até do que eu esperava.

– Quando quiser trazer ela para conhecer o Antônio, ela vai ser bem recebida, e eu vou me certificar de não deixar o Noah nem a Su perto dela.

– Obrigado. – Não consigo deixar de esconder o sorriso que se formou em meu rosto.

– Já sei o que posso fazer! – A vejo bater palmas imaginando alguma coisa e sorrir maliciosamente para mim. – Um jantar! Com todo mundo, tu, a tua esposa, mais alguém que tu queira trazer e nós aqui do andar! Assim posso acabar com essa má impressão deles.

Inconscientemente inclino a cabeça para o lado, só senti que estava fazendo isso, quando ela bateu na parede ao meu lado. Realmente essa mulher tem alguma coisa, nunca vi alguém passar de preocupada de poder estar fazendo algum dano ao meu casamento a planejar um jantar com diversas pessoas, incluindo a Olívia e mais alguém que eu queria trazer, para ter apresentações. Em praticamente menos tempo que se leva para piscar os olhos. Isso me assusta, mas ao mesmo tempo me deixa um pouco intrigado e até mesmo curioso para conhecer mais alguma faceta que ela possa apresentar. É claro que o alto poder persuasão que ela tem, também merece um estudo mais minucioso, pois quando dei por mim, estava concordando com esse jantar e ainda dizendo que poderia trazer um amigo junto, além da minha esposa.

Entrei no meu carro estacionado do outro lado da rua, larguei o álbum de fotos no banco do carona e pensei: que porra foi essa que aconteceu nessa visita? Entrei nervoso com as reações que ambos poderíamos ter tido para no final ter saído com um jantar marcado?

Se a maluquice for contagiosa, tenho leve desconfiança que devo estar contaminado, porque comecei a rir da situação toda.

Entro em casa e o som de um tango argentino me inunda. Paro na frente da porta com a cena da Liv e o Luiz se engalfinhando tentando dançar com um professor instruindo uma aula on-line no notebook dela em cima da mesa de centro da sala. Cruzo os braços na frente do peito e analiso a Olívia tentando ensinar o Luiz de como a segurar em um dos passos complicados.

Ela sempre foi voltada para as artes. Quando era criança fazia aulas de ballet e outros tipos de dança. Quando maior descobriu a paixão por pintar e então resolveu fazer faculdade de artes. O último trabalho que eu vi tanto esmero da parte dela é a tatuagem que cobre a lateral do corpo do Luiz, desde as costelas até a metade da coxa.

A música termina e quando ela está quase com a cabeça no chão, amparada pelo Luiz, que ambos percebem a minha presença no recinto. Bato palmas para os dois e sou recompensado com um sorriso envergonhado da Olívia.

– Ainda não desistiram do tango?

– Sólo nos detendremos cuando el Liv me enseñe correctamente. – Olho para o Luiz, depois de abraçar e beijar o topo da cabeça da minha esposa e debocho.

– Então não vão parar nunca? – E ele me arremessa uma almofada no rosto.

Às vezes eu penso que o Luiz não tem quarenta anos nem aqui e nem em nenhum universo paralelo. Ainda mais quando ele faz essas coisas infantis. E a coisa piora a níveis estratosféricos quando eu revido.

– Chega de briga vocês dois! – Liv nos aparta quando eu retribuo a almofada na cara dele.
– Cae, como foi lá?

Os olhos da Olívia brilham de entusiasmo quando menciona a minha ida até o apartamento onde conheci o meu filho. Meu sorriso se expande a ponto de eu mesmo achar que estou exagerando. Sento no sofá com os dois ao meu redor e conto de como o encontrei com o rosto enfiado em um prato de comida e como o resto da noite se passou. Mostro as fotos do álbum que ganhei e não consigo parar de ficar admirando cada foto e pose dele que se encontra ali.

Como a Elis me disse: eu me apaixonei por ele à primeira vista.

Isso é uma coisa indescritível, até ontem não sabia como iria reagir. Há uma semana, nem imaginaria que poderia ter um filho por aí. E agora, ainda mais hoje que tive o meu primeiro contato, é como se tudo não tivesse sentido sem ele por perto.

No caminho de lá até aqui, imaginei um futuro próximo com ele correndo aqui pela casa, brincando, comigo o ensinando a andar de bicicleta na praça da rua de baixo e até a dar algumas raquetadas na quadra de squash. Pensei mais além em aniversários, formaturas e outras datas. Enquanto eu dirigia, minha cabeça voou longe com isso e pensando em quantas histórias como pai e filho nós ainda vamos viver.

Ainda estou assustado com tudo isso. Mas se a Elis sobreviveu com ele saindo dela sem ninguém saber, também posso me adequar a isso.

Liv sai para dormir depois de revirmos todas as fotos e eu e o Luiz ficamos sentados no sofá, eu ainda continuo a analisar todas as imagens com um sorriso nos lábios, mas ainda com o peso no meu coração e um certo ressentimento por não ter vivido isso ao lado dele.

Capítulo 16

Por AC

– Tu é um idiota.

– Obrigado, eu sei disso. Não preciso de ninguém para ficar me lembrando a cada dois minutos.

– Não custa ficar avisando. E eu acho legal também.

Me agacho para pegar a bolinha de squash antes que eu resolvesse grudar a raquete na cabeça do Luiz. Só não fiz isso porque depois teria que o levar no hospital para cuidar do ferimento e o valor de uma raquete boa está alto demais para estragar dessa forma. Então, eu relevo.

Desde hoje de manhã enquanto tomávamos café, já que o folgado dormiu lá, que ele está me incomodando com perguntas impertinentes e elas me fazem falar mais do que o necessário. É claro que isso é um banquete a céu aberto para ele, que chega estar sorrindo de satisfação com a minha história. Não é uma coisa muito agradável para as outras pessoas, mas depois de quase um ano e meio de convivência com ele, acabei acostumando.

No fim, para me livrar da incomodação dele, falei que estava um pouco sentido por ter ficado de fora da vida do Antônio até agora e perder momentos únicos na vida dele.

– Já parou para pensar no que ela passou nesse tempo todo? – Vejo ele ficar ao meu lado com a raquete em posição de ataque esperando o meu saque.

– Já parou para pensar que eu não quero mais falar nisso? – Descarrego a minha raiva na bolinha em um saque rápido e forte, mas o desgraçado rebate, com efeito, e eu quase não a alcanço dando a bola de presente para ele.

– Já parou para pensar que tu não tem escolha? – O maldito me manda uma bola transversal e eu a perco dando o ponto para ele, olho em sua direção para ver o sorriso presunçoso em minha direção. Eu te odeio, Luiz!

– Esse é o motivo, ela teve escolha. Eu não tenho e nem tive. – Largo a minha raquete e vou em direção à garrafa de água no canto da quadra.

Será que é tão difícil as pessoas entenderem isso? Fui excluído da vida do meu filho por um ano e meio, tenho todo o direito de ficar revoltado com isso!

– Não é bem assim as coisas funcionam, AC. Te coloca no lugar dela, cara. – Lá vem o chato com a mesma conversa de sempre.

– E quem se coloca no meu lugar?

Luiz solta um suspiro e se senta ao meu lado.

– Quando a minha esposa morreu, a Luiza tinha dez anos e eu estava desolado de tudo. A Joana foi a minha primeira e única namorada, AC. Vivi quase metade da minha vida com ela ao meu lado e de uma hora para outra eu estava sozinho com uma criança. Sabe como eu me senti?

Não respondo, meus olhos estão fixos na minha garrafa de água, em especial em uma gota que está escorrendo do topo em direção ao fundo onde irá cair em queda livre para o chão.

– Me senti péssimo. Por mais que eu conhecesse a minha filha há dez anos, tem coisas que só uma mãe é capaz de fazer. Quando a Luiza nasceu eu tinha medo de pegar ela no colo de tão pequena que ela era. Mas a Joana nunca deixou de a manusear com a maestria de uma mãe. Por mais jovens que nós fôssemos, estávamos criando a nossa filha. Eu estudava como um condenado, porque disse para mim mesmo que não iria acabar enfurnado naquela escola, trabalhando como um louco.

– E onde tu quer chegar com isso? – Espero outra gota se formar para fazer o mesmo trajeto da outra.

– Onde meu caro, AC? Simples. Ninguém se torna o melhor pai do mundo e o mais presente da noite para o dia. Levei dez anos para aprender isso e tive o meu tempo de compensação. Muito deixei a Luiza nos cuidados da Joana para estudar e quando ela já não estava mais com a gente foi que eu percebi isso. Um ano e meio não é nada na vida dele. Até porque ele nem entende o que está passando na sua volta. Mas tem uma pessoa que entende tudo AC, e passou tudo até agora sozinha nessa história.

Tento cortar ele, mas recebo um tapa na cabeça e me calo.

– Não adianta vir com essa conversa, “ah, ela teve a chance de me contar”. – ele faz uma voz esganiçada como se me imitasse resmungando. – Ela teve os motivos dela, assim como tu teve os teus para deixá-la naquele dia com o recado ridículo. Vocês dois tem uma parcela de culpa nessa história. Mas agir dessa forma, sendo o dono da razão e se sentindo ofendidinho não vai te levar a lugar nenhum. Ou melhor, isso só vai prejudicar essa relação de vocês três.

– E o que tu quer que eu faça? – Olho para o Luiz que está com uma expressão de quem ganhou uma batalha complicada.

– Deixa de ser idiota e comece a ser o AC que todo mundo conhece. Aquele que sempre coloca as necessidades dos outros à frente da sua própria. Esquece o jeito que tu chegou com o pé esquerdo nessa história e recomeça do zero amanhã.

Por Elis

– Tia Elis? – Gemo e enterro a cabeça no travesseiro, mas o Yago continua a me empurrar no ombro. – Eu, o pai e o JB vamos andar de bicicleta na praça. A Fofinha ainda está dormindo?

Gemo alguma coisa para ele o fazendo rir e entendendo como um sim. Nem sei em que dimensão eu estou nesse momento. Deve ser alguma paralela onde o sono é maior que tudo e todos.

– A mãe foi para o salão. – A voz dele fica mais longe e eu caio no sono novamente.

Acordo não sei quanto tempo depois no susto, acabo me sentando na cama em um pulo. Corro as mãos no cabelo tentando tirar do meu rosto e conseguir ver alguma coisa à minha frente. Cambaleio até o banheiro que fica no meu quarto e sentada no vaso fazendo xixi tento me localizar no espaço-tempo em que me encontro nesse momento.

Yago me acordando dizendo que ia sair com o Noah. Ok.

Fofinha e Perereco dormindo, assim espero. Ok.

Su indo para o salão ver a organização da festa de hoje. Ok.

Sim, tudo nos eixos. Posso começar o dia bem. Termino o meu serviço no banheiro com um banho rápido, puxo a primeira roupa que encontro no guarda-roupa e tomo o meu café da manhã com o Gato aparecendo e se espreguiçando na minha frente, na cozinha.

– Bom dia sua bola de pelo. As crianças dormiram bem? – Ele olha para mim com aquela cara de quem está entendendo tudo que eu falo e solta um miado baixo e foca no pedaço de pão que eu estou comendo.

Atiro para ele que lentamente vai até o pão e come com certo desdém de sua parte. Reviro os olhos para o Gato e começo a preparar dois leites com chocolate para os pequenos tomarem. Entro no quarto do Antônio e vejo os dois deitados no décimo sono. Abro as cortinas e dou um cheiro nos dois me deitando em um pequeno pedaço da cama que sobrou.

– Acordem dorminhocos. O sol já nasceu e até o Gato já está de pé.

Afofo os dois até que eles acordem e fiquem brabos comigo.

– Sem essa cara de brabos, tem leite aqui para vocês.

Entrego as canecas de plástico com bocal para eles, uma azul e outra rosa. Antônio sorratamente se amontoa em cima de mim colocando a cabeça nos meus peitos e eu aproveito para dar um carinho na sua cabeça.

– Que bagunça vocês dois fizeram aqui para ficarem com essa maçaroca nos cabelos? – Olho para a Fofinha e vejo que nem os delas se salvaram dos nós. – Vou ter que usar manteiga para pentear os dois. – Os dois se olham com se fossem cúmplice de um crime perfeito.

E o período de calma e letargia do sono acaba quando os dois colocam os pés no chão. Passei um sufoco tentando dar atenção para os dois ao mesmo tempo. Limpa a fralda de um, coloca uma no penico. Limpa os rostos, desembaraça os cabelos e por fim, e o mais trabalhoso, tirar pijama e colocar roupa decente. No meio da tarefa, catei o Antônio só de fralda correndo pela sala do apartamento e eu terminando de colocar uma blusa na Fofinha. E depois de tanta correria consegui deixar os dois prontos.

E aí começa a briga parte dois. Tenho que pegar a chave do carro do Noah no apartamento deles e mudar a cadeirinha da Fofinha para o meu carro, porque tenho que ir para o salão de festas ver como está o andamento da cozinha para o evento de hoje. Com os dois no meu encalço faço tudo com maestria e jogo de cintura que só quem conhece as ferinhas consegue.

Dirijo cantando com a Fofinha e o Perereco dançando do outro lado. Mal tiro eles do carro e ambos vão correndo para dentro do salão, brincar na piscina de bolinhas e cama elástica que sempre estão armadas lá nos fundos perto da cozinha onde vou ficar.

– Bom dia, vaca! – Digo para a Su, a fazendo pular de susto e me olhar com vontade de me matar e eu respondo com um sorriso quilométrico para ela.

– Bom dia. A Fofinha e o Antônio vieram? – Nem preciso responder, pois o riso dos dois

chega até nós.

– Noah foi andar de bicicleta com o Yago.

– Por um lado até gostei do Yago estar de castigo com o vídeo-game. Assim tira os dois de casa para fazerem alguma coisa saudável.

Começamos a trabalhar. A Su voltou para a decoração e eu no meio das panelas vendo e auxiliando as outras meninas com o cardápio que irá sair hoje à noite. Me perco entre ingredientes, temperos e sabores.

Minha primeira paixão sempre foi a cozinha. Isso praticamente desde que nasci. Enquanto a minha mãe trabalhava ao lado do meu pai na fazenda, eu ficava com a vó com apenas dias de vida no meu carrinho enquanto ela ficava na cozinha.

Enquanto crescia, ia aprendendo aos poucos como se interage com todos os equipamentos que tínhamos naquela época. De sabores inigualáveis que só um bom fogão à lenha caseiro poderia fazer, bem como as panelas de barro e tantas coisas do interior que a vó fazia, e ainda faz, questão de usar. Até uma colher de pau é bem mais bem-vinda do que uma de alumínio e outro material sintético que existe hoje em dia.

Sempre me sinto mais à vontade no meio das panelas do que em qualquer outro ambiente. Quase desisti da faculdade depois de algumas matérias e mudei o meu curso para gastronomia, mas do que adianta comer desenfreada e depois ficar com algum distúrbio por isso? Ou pior ainda, não comer por ter medo do que isso pode acarretar? Pus os pés no chão e decidi que queria isso para a minha vida. Resgatar a vontade das pessoas em comer, mas corretamente e ao mesmo tempo levar uma vida saudável. É um trabalho complicado, com muitas jogadas alimentares e a cada paciente encontro um desafio novo para a minha carreira.

Consegui transformar a minha profissão em algo que me dá orgulho e prazer ao mesmo tempo. Coisa que muitas pessoas não conseguem fazer em uma vida inteira trabalhando no que imaginam que lhes dão prazer.

Perdida nos meios das panelas, cortando ou mexendo alguma coisa no fogo é que consigo pensar na minha vida por alguns instantes. Com um pouco de paz e com a cabeça limpa, permito voltar a me situar depois do que aconteceu ontem lá em casa. A tão temida apresentação aconteceu e entre o Antônio e o seu pai. O campo de batalha que eu estava formando em minha imaginação, não chegou nem perto de uma final de campeonato de futebol com times rivais de nascença disputando o título nos pênaltis.

Foi tranquilo e até um pouco divertido no final das contas. Estava pronta para ter que enfrentar diversos ataques e tudo que tipo de ironias e ofensas, mas para a minha surpresa ele estava mais nervoso que eu no final das contas. No nosso primeiro encontro, apostei que ele deveria estar um pouco chocado com a descoberta de ser pai, pois o cara que vi ontem sentado no sofá lá de casa não era nenhum pouco parecido. Tanto que poderiam ser consideradas duas pessoas completamente diferentes.

O AC de ontem estava curioso com cada palavra que eu falava. O sorriso no seu rosto era o mesmo que eu havia me acostumado quando o conheci há mais de dois anos. E eu, como não sou certa e nem nada, quando dei por mim estava o convidando para jantar amanhã na minha casa.

Fiquei tão à vontade falando sozinha, pois ele só fazia algumas perguntas esporádicas enquanto eu falava como uma vaca tagarela, que eu fiz o convite. Só me dei por conta quando fechei a porta do apartamento que havia não só convidado ele, como também a sua esposa e mais alguma pessoa que ele quisesse levar.

Mais uma vez sinto a falta daquele filtro entre a minha boca e o cérebro que tanto faz falta em mim. Defeito de fábrica e sem direito a recall para troca.

Bom, dos males o menor. Que sejam feitas todas as apresentações de uma vez e eu me livro desse peso na consciência de ter feito uma coisa errada. O Antônio até gostou dele, geralmente ele fica todo desconfiado quando uma pessoa de fora vem para o seu lado. E ontem ele estava bem assanhadinho com sorrisinhos para o lado do AC. Nem senti uma pontada de ciúmes dessa compatibilidade instantânea deles.

Sáímos para almoçar com as crianças, que se esconderam dentro da piscina de bolinhas se soterrando entre elas, e eu e a Su tivemos que os caçar por quase dez minutos lá dentro. Tive que caçar o Perereco pelo pé para conseguir tirar ele de lá. No almoço resolvo tocar no assunto que estava me incomodando a cabeça desde ontem quando eu o escutei.

– Por acaso tu chegou a falar alguma coisa para o AC ontem enquanto eu ia buscar a Fofinha lá no quarto? – Su continua a dar comida para a Fofinha e dá os ombros como se não fosse nada de mais. – Ou melhor, tu e o Noah?

Enfio a colher cheia de arroz e feijão na boca do Antônio que está mais sujo do que nunca e volto a olhar para a vaca da minha amiga com um sorriso sorrateiro nos lábios.

– Eu não esperava isso de vocês dois!

– Falou a pessoa que ameaçou o Noah com um cutelo na primeira vez que ele foi lá em casa. – Bufo e olho para o meu filho com a boca aberta pedindo mais uma garfada.

– Circunstâncias diferentes, Vaca! Tu nunca tinha levando ninguém para casa e o Noah ainda era o Noah cheio de si e coisas do tipo.

– E tu até semana passada não pensava em encontrar ele. E antes de ontem ele te deixou em frangalhos. Só avisamos onde ele estava se metendo. E se caso pisar fora da linha eu e o Noah iremos acertar as contas com ele.

Ela volta a dar comida para a Fofinha e eu salvo o prato das mãos do Perereco antes que ele enfie a cara de novo em um.

– Ele vai ir lá em casa amanhã de novo. Vai com a esposa e mais um amigo, eu acho. Por favor, sem brigas, certo? Isso é uma barra e tanto para nós dois e não quero estresse entre ambas as partes.

– Já dei o meu recado, e aviso o Noah quando chegar em casa. – Ela dá uma risadinha cheia de malícia e eu temo a vida do AC em companhia desses dois.

.

– Antônio, volta aqui! – Foi só o tempo de eu me virar de costas para pegar outra camiseta

para o vestir que o danado desceu da cama e saiu correndo, só de fralda em direção ao corredor que fica entre os nossos apartamentos.

Claro que eu estou com uma toalha enrolada no corpo, e uma de carros que usei para secar o meu filho enrolada nos cabelos. Isso não é novidade, eu sair desse jeito à caça do fugitivo portador de fraldas nesse andar. Do mesmo jeito que o Noah sai só de cueca atrás da Fofinha quase todos os dias também. Isso já se tornou tão normal entre nós, que já nem damos mais bola. Só que está quase na hora das visitas chegarem e eu me atrasei fazendo o molho da lasanha porque estava na piscina com as crianças.

Claro que no momento em que eu coloco o rosto para fora de casa, para pegar o Perereco e tentar colocar roupa nele, me encontro com o AC, esposa e mais um amigo saindo do elevador.

– Boa tarde! – Falo e entro correndo na casa da Su, deixando as pessoas para trás como uma maluca completa.

Fecho a porta do apartamento deles e o Noah olha para mim e começa a rir da cena.

– Não me diz que encontrou outra lagartixa no banheiro e quer que eu vá lá matar ela. – Vejo o meu reflexo no espelho à minha frente e vejo o meu semblante de pessoa perturbada.

– Pior! – Vou até o sofá onde o meu fugitivo está rindo para mim e pego ele no meu colo. – Eles acabaram de chegar e eu passei correndo só de toalha na frente deles.

E agora o Noah desata a rir e levando as crianças junto com ele, como se estivessem entendendo tudo da nossa conversa.

– A Su já recolheu a roupa do varal? – Espero o acesso de risos dele cessar e ele me responde com um aceno rápido de cabeça. – Vai lá receber eles enquanto eu pego uma roupa para vestir!

Saio a passos duros escutando a risada do Noah atrás de mim novamente. Gostaria de saber se eu tenho uma predisposição a essas coisas, ou é uma simples obra do destino essas coisas acontecer só comigo. Pego o primeiro conjunto de calcinha e sutiã que vejo meus na pilha de roupa limpa que a Su recolheu do varal e o primeiro vestidinho que encontro. Me tranco no quarto de hóspedes deles agradecendo por hoje ter sido o meu dia de lavar e estender, a roupa dos dois apartamentos, e o da Su recolher, dobrar e me entregar. Senão teria que passar de novo por eles só usando duas toalhas no corpo.

Me visto tranquilamente e vou até o quarto da Su onde ela está se arrumando, em busca de um pente para passar nos cabelos. E eu espero por ela para entrar no meu apartamento para não ter que encarar todos sozinhos e ainda ver o Noah cair na risada com a lembrança da aparição triunfal que eu fiz.

– Para quieta! – Ela me xinga, enquanto eu fico juntando todos os brinquedos das crianças no corredor. Depois que saíram da piscina, os três ficaram aqui brincando um pouco enquanto eu começava a fazer a lasanha.

– Não consigo! Estou agitada demais com tudo isso. Ainda mais com a minha entrada triunfal só de toalha no corredor. – Su começa a rir de mim. – E tu não está me ajudando com isso.

– Desculpa. – E ela falha no segurar mais um riso e entramos no meu apartamento.

Por AC

– Boa tarde! – Mal saímos do elevador e damos de cara com a maluca da Elis só de toalha no corredor. Ela nós viu, falou isso e entrou no apartamento da frente como se tivesse visto um fantasma ao invés de nós três aqui.

– Boa. – Luiz começa a falar, mas ela já não está nos escutando com toda a certeza do mundo. – Muito boa, aliás. – E a malícia toma conta do meu amigo.

E agora eu tenho a confirmação que me faltava de que trazer o Luiz para esse jantar não foi uma ideia inteligente.

– Essa por acaso...? – Com um suspiro aceno que sim, mas já advirto.

– Por favor, te comporta Luiz.

– Foi uma cena inusitada. – Liv fala delicadamente ao meu lado e eu olho para a minha esposa com um sorriso nos lábios se formando.

– Sou a favor de mais visitas à Elis. De preferência com ela passeando de toalha para nos receber. – Minha cara de poucos amigos para ele foi suficiente para o calar e murmurar um pedido de desculpas silencioso.

Em decorrência da Elis estar ainda desse jeito, esperamos no corredor mesmo, alguma hora ela vai ter que ir para a casa. Poucos minutos depois o cara que me ameaçou na sexta aparece na porta com uma expressão divertida no rosto, bem mais descontraída da que ele tinha aquele dia. Com certeza a Elis deve ter passado por ele daquele jeito.

– Boa tarde pessoal. Vocês já devem ter visto que a Elis ainda não está pronta, então vou fazer as honras da casa. – Ele olha para nós e me estende a mão. – Meu nome é Noah, não me apresentei aquele dia corretamente.

Hesito em responder que ele não se apresentou, mas deixou uma impressão bastante gravada na minha mente sobre o que ele faria comigo caso não fosse uma pessoa correta.

– Arthur Caetano, mas pode me chamar de AC. – Aperto a sua mão firme. – Minha esposa Olívia e o meu amigo Luiz.

– Prazer. – Ele repete o ato de apertar a mão da Liv e sorrir para ela.

– Tu que é o cara que dá aula na escola que é da minha família? – Noah fala o nome da escola para ele e o Luiz descumprir a promessa de que iria se comportar. – Sou o Luiz, o irmão mais novo que enlouqueceu quando a esposa morreu há dez anos e largou tudo para se dedicar à filha. Hoje tento ser psiquiatra quando quero trabalhar.

– Prazer, Noah, ex-modelo que morava na Inglaterra, de mãe brasileira e veio para cá quando ela faleceu. E hoje sou professor de inglês e cursando a especialização em educação infantil em língua estrangeira.

E depois dessa resposta dele só a chegada das crianças para quebrar o clima e amenizar a

situação que cada vez fica mais estranha e constrangedor que se instala nesse corredor.

– Calma aí vocês dois. Onde pensam que vão? – A menina é interceptada no meio do caminho pelo Noah e solta um gritinho de felicidade. Atrás dela vem o Antônio só de fraldas e um sorriso no rosto, e mais uma vez, me sinto fisgado no meu coração por uma onda de sentimentos.

– Um mini-AC completo! – Luiz fala baixinho e inconsciente aperto a mão da Liv que chega a reclamar em protesto.

– Vamos entrar pessoal, a Elis já deve estar vindo, e eu vou colocar roupa nesse fugitivo aqui.

Entramos no apartamento, que diferente de sexta, hoje tem mais brinquedos espalhados e a TV está ligada com algum desenho infantil. Nos sentamos no sofá quando o Noah nos diz para ficar à vontade e sai com as crianças liderando o caminho.

– Vai ter genes fortes lá na puta que te pariu, AC! A criança é a tua cara. Nem a Luiza é tão parecida com a Jô assim. E olha que eu acho elas idênticas.

– Eu sei. – Respondo o Luiz.

– Ele é Fofinho. E a menina também, é filha do Noah? – Liv questiona.

– Sim, a Elis me disse que eles têm um ano e quatro dias de diferença. Estão sempre juntos e... – a porta ficou aberta e nesse momento o gato branco gigante entra, olha para nós não dando a mínima importância e caminha em direção ao corredor. – Brincam com esse gato.

– Ela é bem gostosa AC. – Olho para os lados para ver se ninguém escutou esse comentário do Luiz e me volto para ele.

– Qual foi à parte de que me tu disse que ia se comportar que não entendeu? – Digo entredentes.

– Só estou te parabenizando. E vendo um fato. Ela é gostosa. – Se eu tivesse uma faca nesse momento, meteria no estômago dele. Não para matar, só o deixar um pouco abalado e calar a boca.

Luiz e Liv começam uma conversa um pouco civilizada por alguns instantes antes de vermos a menina com o Gato no colo e o Antônio, já vestido, atrás dela. E ao mesmo tempo a Elis e a Su entram pela porta da frente.

– Agora sim, boa tarde. – Ela sorri para nós.

Fazemos as apresentações formais e então, Elis e Su se entreolham e perguntam para a Olívia de onde elas se conheciam e eu deixo a minha esposa explicar a situação toda e completo de como a apresentação das três resultou no que estamos vivendo hoje em dia.

Noah volta com as crianças vestidas e eu aproveito enquanto o Luiz e a Olívia estão sendo apresentados a eles e chamo a Elis para um canto.

– Algum problema? – Sua voz sai um pouco ansiosa demais como se esperasse alguma reação minha, ou então alguma consideração a fazer sobre esse jantar.

– Não. – Hesito um pouco pensando nas palavras que quero falar.

Depois do nosso ataque de ontem com o Luiz na quadra de squash percebi que o que eu falava para me livrar dele, no fundo, só rompeu mais o cano que alimentava essa curiosidade nata dele, levando a uma inundação de perguntas e teorias sobre tudo isso.

Ele me falou que depois que sua esposa morreu naquele acidente de carro há dez anos, a primeira coisa que ele fez foi se isolar do mundo exterior com a Luiza. Ninguém entrava na casa dele, nem mesmo os parentes dele. Luiz queria ficar com a filha dele e mais ninguém, até porque só os dois entendiam o que estavam passando naquele momento. E compartilhavam a suas dores um se apoiando no outro.

Ele usou o episódio traumático que ele viveu e aplicou, hipoteticamente, no caso do nascimento do Antônio na vida da Elis. Ela estava em um momento conturbado da vida dela, onde de um dia para o outro era mãe de uma criança e somente ela sabia o que estava passando e como resolver a sua dor, que futuramente tinha se tornado felicidade.

Elis continua olhando para mim e eu limpo a garganta e começo a falar e, pela primeira vez com ela, agir como um homem.

– Eu queria te pedir desculpas por tudo. – Ela faz uma cara estranha para mim e eu complemento. – Eu agi como um babaca contigo desde o dia que te conheci. E semana passada foi o auge de tudo. Me perdoa e vamos começar tudo de novo a partir de agora. Eu prometo que vou agir corretamente com vocês daqui por diante.

Vejo ela processar as minhas palavras por alguns segundos e começar a falar calmamente.

– Eu sei que tudo tem sido uma montanha russa de acontecimentos, mas de agora em diante vamos conseguir trabalhar juntos pelo melhor para o Antônio.

– Sim, tudo que estiver ao meu alcance e até além dele eu faço.

Ela me estende a mão e eu olho desconfiado para isso.

– Proponho um acordo. Tudo por ele?

– Tudo.

Capítulo 17

Por Elis

Isso explica muita, mas muita coisa.

Nem me lembrava das nossas fotos de propaganda dos eventos no site da Vaca. Foram tiradas no aniversário das crianças, que nós fizemos juntos, e nunca que passou na minha cabeça que a Su tinha as colocado para passar no banner de iniciação do site. Juntando-se isso ao fato da Olívia ter ido num dos eventos promovidos por nós, quando ela entrou no site mostrou para o AC a semelhança entre ele e o Antônio, que o viu no meu colo e juntou um mais um chegamos ao resultado final.

Ele merece um Nobel de matemática, ou de biologia, por essa descoberta.

Pelo menos a esposa dele é bem querida e simpática. Achei que ela seria uma vaca de marca maior, até porque eu tenho um filho com o marido dela. Mas por incrível que pareça ela está lidando com tudo isso da melhor maneira possível.

E também há o amigo deles que veio junto, anexo. Eu sei que não sou uma pessoa normal, meu nível de maluquice pode atingir níveis estratosféricos, e sei quando estou perto de um semelhante. E com toda a certeza do mundo o Luiz não é tão diferente de mim assim.

Estamos sentados em dois trios, os homens em uma parte da minha casa, e nós, mulheres em outra. O Yago e o JB ainda não deram as caras por aqui, estão trancados no quarto de música treinando para a aula de semana que vem. Já fui lá arrastar ele para cá e não consegui, tive que barganhar um pedaço de chocolate para conseguir a ilustre presença daquele chato na hora em que a lasanha for servida.

Olívia e Su estão em alguma conversa que eu nem imagino qual seja o assunto. Minha cabeça se volta para o pedido de desculpas que recebi do AC momentos depois que eu entrei no apartamento, depois de estar completamente, e decentemente, vestida para o jantar de hoje à noite. Isso me pegou de surpresa completamente, pois quando saiu daqui aquele dia, estava com uma cara de quem ainda estava magoado com o que tinha acontecido, e porque havia perdido esse tempo na convivência ao lado do Perereco.

Fui racional e aceitei as desculpas, porque também tenho culpa no cartório. Somos adultos e responsáveis por gerar uma vida. E é essa vida que é a minha maior preocupação de todas.

Foi por isso que aceitei as desculpas e fiz aquele acordo. Sou grandinha demais para arcar com os meus erros, e não ligo para se as desculpas dele são sinceras ou não, desde que ele não machuque o coraçãozinho do meu filho.

Observo o Antônio brincando com a Fofinha e todo risonho com a situação. A felicidade infantil dele é contagiosa, ainda mais quando ele está sentadinho explorando as possibilidades de brincadeiras, como toda criança normal. Como se percebesse que eu estava de olho nele, ele levanta o rostinho em minha direção, foca em mim e sorri. Ah, meu Perereco feliz!

Ouçó o meu celular tocando e saio para atender. Deve ser a minha mãe perguntando de como está a situação aqui. Claro que tive que contar tudo para eles e quase matei os três do

coração com a história. Acredito que não preciso me preocupar com cardiologista para os três nunca, o que eu já dei de susto neles, levaria qualquer pessoa a um infarto fulminante.

Eles ficaram receosos e preocupados com a situação que eu tinha metido eu e o Antônio. Meu pai queria estar aqui na sexta para caso precisasse de alguma ajuda. Mal ele sabe que o Noah e a Su fizeram o papel dele com afinco e com o maior prazer do mundo. Tive que prometer que nada de ruim aconteceria a nós nesse dia, e que qualquer coisa ligaria para a polícia, CIA, FBI, SWAT, Interpol, 007 e até os X-men se as coisas saíssem do controle. Mas eu sempre manjo dos paranauês e me livro deles do mesmo modo como entro. Por sorte mesmo.

Converso com eles um pouco, narrando os acontecimentos de hoje, deixando de fora o fato da minha entrada triunfal só de toalha no corredor. Minha mãe achou nobre da parte dele vir se desculpar comigo, e eu reviro os olhos para o nada. Tenho a pequena impressão que eles gostam do AC só por ter me engravidado, especialmente a minha avó, que já disse para eu o levar para a fazenda um final de semana. Aposto que ela vai descer o pau no Noé e tratar o AC como um rei. Eu não duvido nada dela!

Me despeço do meu pai dizendo que o Noah e a Su tinham dado um “pequeno” recado ao AC, caso ele não esteja nos tratando com respeito. Desliguei o telefone escutando a risada baixa dele e murmurando alguma coisa relacionada aos meus amigos delicados e como gosta deles. Com certeza, estou bem arranjada com todos.

Coloco a lasanha no forno e contabilizo o timer cerca de vinte minutos para assar. Deve ser mais que suficiente para derreter o queijo do jeito que o Yago gosta, puxando até ter que levantar da cadeira para a tripa de queijo se romper e a massa aquecer.

No momento em que volto para a sala tenho a visão do Antônio sentadinho o colo do AC, e este com os olhos arregalados com a situação. Claro que o Perereco está mais interessado na Fofinha, que está sentada no colo do Noah ao seu lado, e ambos brincando com alguma coisa, alheios ao que acontece ao redor.

Toda a sala está em silêncio com o grande passo que ocorre aqui. Noah se volta para mim, e eu dou os ombros. Me viro para o outro lado e vejo a Su tão perplexa como o marido. Eles, além de mim, sabem como o Antônio é bem desconfiado em relação a pessoas estranhas do nosso convívio diário. No shopping mesmo, dependendo do seu humor, ele chega a choramingar ou escalar o meu corpo e se esconder no meu pescoço quando as pessoas desconhecidas começam a brincar com ele.

Sei de histórias que alguns animais, reconhecem os pais mesmo depois de separados. Chorei litros com algum desses documentários em que mostravam os filhotes correndo em direção dos pais quando eles voltavam com o bando. Era tão emocionante vê-los correndo para os pais, e os que percebiam que os seus não tinham voltado. Será que em algum gene antepassado nosso ainda reside essa capacidade de reconhecer os próprios genes que compartilhamos com as pessoas?

Certo, preciso parar de olhar esses canais de documentários na madrugada com uma barra de chocolate de companhia, e aniquilar essas teses mirabolantes de uma vez por todas. Daqui a pouco vão querer me contratar para fazer os programas com ideias malucas.

Sigo olhando a cena, enquanto a sala volta a ter o som de conversa normal. Do mesmo modo em que eu estava em outro mundo há minutos atrás olhando para o Antônio e vendo como a minha... opa! Nossa criação é perfeita. AC ainda não consegue desgrudar os olhos do Perereco e não se contém em acariciar o seu braço, fazendo com que chame a atenção dele que vira o rostinho para cima e sorri para ele. Nesse momento eu consigo ver, mesmo de onde eu estou, que isso abalou com as estruturas total do AC.

Volto nos momentos em que tive o Perereco pelas primeiras vezes no meu colo. Ou então quando recebi o primeiro sorriso desdentado dele. Tive pequenas paradas cardíacas com o amor que inundava o meu coração em ver os pequenos avanços do meu filho em poucos dias de vida. Se isso me atingiu em cheio naquela época, com ele não passando de um ratinho, que nem enxergava direito, o que dirá o AC tendo o Antônio já mais ciente de tudo que acontece na sua volta.

– Elis? – Sinto um puxão nada delicado em meu braço, e dou um pulo de susto com isso.
– Já está quase pronto?

– O quê? – Pisco algumas vezes para conseguir me localizar no mesmo ambiente que todos estão.

– A lasanha.

– Que lasanha? Ah a lasanha! Me esqueci dela! – Saio correndo da sala em direção à cozinha e quando chego, o forno apita que os vinte minutos haviam se passado.

Retiro a lasanha do forno e coloco em cima do descanso de panela com a cara de uma vaca, presente da Su, e deixo ela esfriar um pouco, para as crianças não se jogarem de cara nos pratos, literalmente, e se queimarem. Arrumo a mesa para várias pessoas e fico perdida nos meus pensamentos.

Volto para a sala ao mesmo tempo em que o Yago entra.

– Olha quem resolveu dar o ar da graça por aqui. – Ele olha para todos na sala e suas bochechas assumem um tom vermelho.

– Eu estava treinando. – Yago olha para os pés como se estivesse envergonhando com o que estava fazendo. Ultimamente ele anda mais isolado do que nunca, e cada vez nos deixando mais preocupados.

Pelo menos ele parou de ser respondão, e voltou a estudar com mais vontade, e aos poucos vem recuperando as notas perdidas nas primeiras provas. Mas ainda está sem vídeo-game.

– Filho, cumprimenta as pessoas pelo menos. – Yago olha para a mãe e sorri.

Primeiro ele vem até a Olívia, que está mais perto de nós. Claro que tendo um verdadeiro cavalheiro como exemplo em casa, ele abre um sorriso e se apresenta com todo o charme que aprendeu com o Noah. Isso daqui uns anos será uma arma para arreentar com os corações das adolescentes.

– Eu te conheço! – Luiz exclama quando aperta a mão do Yago. – Tu é o carinha que está sendo o motivo de orgulho para a turma de música lá da escola, não é? Já ouvi falar muito de ti.

– A classe do professor Maurício? – Ele questiona.

– Sim, esse mesmo, ele é meu sobrinho. Eu toco piano também e ele me falou de ti, que se quiser pode virar um astro da música.

Yago olha para a Su com os olhos verdes gigantes de impressionado. Se volta para o Luiz e continua falando.

– Eu amo tocar guitarra e piano. Mas vou ser veterinário. Vou ajudar o Tio Hélio na fazenda.

– Fazenda é? Eu me criei em uma também. Mas preferi fazer medicina. Tinha dó de cuidar dos bichos.

Yago ri do Luiz e se volta para o AC com o Antônio ainda no seu colo.

– Hey teus olhos são iguais aos do Perereco! Que legal!

Nesse momento o AC para de babar no Antônio, que ainda está no seu colo, e volta a se ambientar entre nós.

– Hum, é... ãhm.. – AC gagueja e o Luiz dá uma cotovelada para ele desengasgar e falar as palavras que toda a sala está esperando desde que ele chegou aqui.

– É porque eu sou o pai dele. – Aleluia, assumiu e ainda falou em bom e alto som.

– Legal! Agora todos aqui tem pai e mãe. Inclusive eu! – Yago fala na maior empolgação e se atira no colo do Noah, dividindo o espaço com a Fofinha que está muito entretida penteando os cabelos de uma boneca que parece que tomou um choque de 1000v e está com os cabelos arrepiados.

– Isso aí. – Noah beija a cabeça dos filhos e se vira para mim. – Cadê a lasanha?

– Que lasanha? Ah a lasanha! Está pronta, vamos comer!

Preciso me entupir de carboidratos e proteínas para sobreviver à noite toda. Não que ela esteja sendo um desastre em si, bem pelo contrário. Tudo está correndo às mil maravilhas. O Antônio está aceitando o AC como uma pessoa que ele pode confiar, a esposa dele não quer o meu fígado como entrada principal da noite, Noah e a Su não estão com mil garras expostas e o Luiz já me deu algumas olhadas normais para um homem. Então só me resta comer como uma vaca por estar feliz. E se a noite estivesse sendo um desastre, eu comeria do mesmo jeito.

Por AC

– Que lasanha? Ah a lasanha! Está pronta, vamos comer! – Todos se levantam e o Antônio sai correndo do meu colo seguindo a procissão.

Fico sentado sentindo a falta dele no meu colo. Teria como parar o tempo nos momentos em que ele estava comigo? Seria pedir demais?

– Quer um babador? – Luiz me dá outro cotovelo no braço, vou estar com um baita roxo quando sair daqui.

– Para de me bater.

– Deixa de ser babão, por um momento.

– Ele sentou no meu colo do nada! Vai dizer que a primeira vez que a Luiza não fez isso, tu não ficou do mesmo jeito? – Me levanto do sofá com ele fazendo a mesma coisa.

– Não lembro porque eu a pegava no colo o tempo todo. Adorava beijar ela em todos os minutos. A Joana dizia que eu colocava manha nela. – Ele dá os ombros. – Mas essa sempre foi a minha intenção. – Sorrio para o meu amigo, e rumamos para a cozinha, onde o cheiro de lasanha está fazendo o meu estômago gritar de protesto por não estar comendo ainda.

Como já era esperado, todos já estavam a postos a mesa, só nos esperando. Sentei ao lado da Liv e perguntei se estava tudo bem e com um sorriso delicado fui recompensado com um sim. A noite estava acima de todas as expectativas.

– Meu Deus, isso aqui está divino! – Luiz geme ao meu lado, comendo o seu terceiro pedaço de lasanha.

– Obrigada. – Elis agradece sorrindo.

– Daria um pedaço do meu rim para experimentar novamente.

– A Elis tem um cutelo, como o qual ela ameaça todo mundo. – Noah sorri. – Aposto que ela pode retirar o teu rim num piscar de olhos.

– Que exagero, Noah! – Su fala e eu vejo a Liv rindo ao meu lado. Nem eu me contenho.

– Se quiserem podemos experimentar. Só não prometo anestesia.

– Não preciso. Daqui a pouco caio em coma de tanta comida aqui em cima da mesa.

– Então para de comer que ainda tem sorvete caseiro que eu fiz. – Su levanta da mesa e vai em direção à geladeira e retira do refrigerador uma forma gigante.

– “Sovete”! – Fofinha chega a bater palmas com a visão do doce que a mãe trouxe. É claro que o Antônio fica animado também. Esses dois são a dupla perfeita.

– É hoje que eu vou morrer! AC já prepara o teu discurso para o meu funeral. E quero escrito na lápide assim: morreu causando inveja no Garfield, comendo lasanha.

E com isso, até o Yago começa a rir, levando os pequenos junto como se entendessem tudo o que se passa entre nós.

Fui criado em uma comunidade alternativa. Meus pais nunca foram muito normais mesmo. Nossa casa e as dos nossos vizinhos eram abertas para todos. Privacidade de um quarto e um banheiro fechado mesmo só fui conhecer depois que fui morar com a Liv e o seu pai.

No início me senti bem “bicho-do-mato” com a nova realidade que estava vivendo. Eram só três pessoas morando em um apartamento fechado e os vizinhos ficavam em suas casas. No fundo senti falta das mesas cheias de pessoas, conversas para todos os lados e até as brigas de acordar meia comunidade na madrugada, e até dos animais de estimação que viviam entre nós.

Mas agora, sentado nessa mesa, é como se eu tivesse voltado à minha infância. Conversas paralelas, onde um assunto não tem nada a ver com o outro. Risos das crianças com a competição do Yago e a Elis para ver quem conseguia esticar o queijo da lasanha mais alto que o

outro. Um Gato e um cachorro querendo surrupiar algumas sobras de comida escalando as nossas cadeiras. E até mesmo a briga das mães com as crianças que querem comer com as mãos.

Uma coisa que não posso negar é que a minha infância foi normal. Brincava com os mesmos da minha idade, ralava os joelhos com frequência e tantas coisas. Foi um tempo incrível e que todas as crianças devem a viver. E pelo visto as crianças daqui não seguem o padrão de hoje em dia. Começando pelo fato que só o Yago frequenta a escola. Todos os filhos dos meus colegas de agência já foram para a escolinha com um pouco mais de um ano, e só veem os pais à noite, minutos antes de irem para a cama.

Será que isso não refletirá no futuro dessas crianças? Onde fica a relação pai e filho e a educação caseira que recebem? Sei que hoje em dia a função “dona-de-casa” deixou de existir e a as mulheres, com todo o direito, trabalham parêlho com os homens. Elas não devem deixar de trabalhar para cuidar excepcionalmente dos filhos. Na economia atual, a renda dos dois é essencial e prioridade. Mas será que se o homem não ajudasse mais em casa, eles não poderiam revezar os turnos de trabalhos e criarem os seus filhos sem a intervenção de professores, que ficam com os seus filhos por quase mais tempo, do que os próprios pais?

Sei que essa é uma questão altamente discutível com vários pontos de divergência e concordâncias. Mas fico feliz em saber que ainda há famílias que preservam esses costumes, e no momento, estou bem a fim de participar ativamente em todas as vezes que me for concedido futuramente.

O sorvete caseiro deu o que falar junto com a lasanha. As crianças ficaram eufóricas quando começaram a servir para eles. Voltamos para sala empanturrados, e ainda comendo mais. Sentei novamente no lado dos homens, deixando as mulheres continuarem sobre os seus assuntos que nós não estávamos a par.

Noah e Luiz se deram bem de cara, assim como a Liv com as duas. Eu, particularmente, fiquei em outro mundo quase o tempo todo da conversa. Estava mais focado nas brincadeiras e interação entre as crianças do que em todo o resto. Percebi que não era o único que estava perdido por esse mundo, peguei a Elis de olho nos dois por diversas vezes. E ela estava bem mais concentrada que eu. Sorrindo a cada expressão das crianças e imitando algumas delas.

Depois que pedi as minhas desculpas a ela, foi como se a nuvem de palavras não ditas, e que podiam ferir ambos os nossos sentimentos, se esvaíssem deixando o tempo limpo entre nós. Pela primeira vez, desde que fiquei sabendo de toda a verdade, que consegui sentir bem menos peso sobre os meus ombros sobre tudo isso. Foi um alívio instantâneo para a minha alma, e como o Luiz já havia me dito: eu estava agindo como um idiota total.

Daqui para frente a história vai ser escrita de outra maneira e sem nenhuma mágoa para me acompanhar. O passado é imutável, mas o presente e o futuro estão abertos para nós o preenchermos com novas lembranças e novas atitudes, de minha parte.

Sou acordado dos meus devaneios, novamente, com o Yago se sentando no colo do Noah, de uma forma como se fizesse isso constantemente. Sorrateiramente ele deita no seu pescoço, quase dormindo.

– Tu sabe que está pesado demais para fazer isso, não é? – Noah fala nos fazendo rir.

– Sei, mas estou com sono. Toquei demais hoje. Só vou ficar aqui um pouco. A Fofinha já está no colo da mãe e elas estão falando de maquiagens e esmaltes.

– Então é bom ficar aqui mesmo, conosco. – Completo e ele sorri para mim.

– A minha se atira no meu colo, sempre que volta de viagem. Não sou louco nem nada para correr ela de lá.

– Falando nisso, quando a Luiza volta para cá? – Questiono o Luiz, que se ajeita no sofá.

– Junho ou julho talvez. Ou eu vou para lá. Ela não me deu certeza ainda. Depende das férias da faculdade dela.

– Tu me disse que ela estava na Europa, mas não onde. – Noah se ajeita no sofá e abraça mais o filho, que já está quase dormindo no seu colo.

– Ela está na Itália. Estuda moda, saiu há dois anos com o sonho de ser estilista e está correndo atrás do sonho. Fiquei bem desnortado quando ela saiu de casa, aí voltei a fazer academia e conheci o AC aqui. – Ele bate na minha coxa e eu dou um sorriso falso para ele.

– E desde então ele vem sendo a minha sombra. – Falo para o Noah que acha graça disso.

– E voz da razão. – Reviro os olhos.

– Ela quer estudar moda? – Noah faz uma voz engraçada, puxando ao riso. – Sério isso?

– Sim. – Luiz fala com uma cara estranha fazendo o Noah rir abertamente.

– Cara, vivi nesse ramo por muitos anos, e só digo uma coisa para quem está entrando. Saia antes que seja tarde demais.

– Eu sei, avisei para ela, mas ela é teimosa como uma mula e tem o pai para bancar ela lá.

– Fui modelo internacional e me arrependi de tantos anos que me dediquei a essa profissão sem receber quase nada de valor para a minha vida em troca.

– Há quantos anos tu parou? – Questiono depois que o Noah conta toda a trajetória dele como modelo e como veio parar no Brasil completamente perdido e sem rumo nenhum na vida.

– Olha. – ele para e pensa um pouco. – A Fofinha está com 2 e meio, mais um ano que ficamos só nós três e mais um ano e pouco antes de nos mudarmos para cá. Um pouco mais de cinco anos, o tempo que eu estou com a Fofa praticamente.

– Cinco anos? – Luiz se mete fazendo as contas. – Então o Yago não é filho de vocês dois? – Como sempre ele é bem intrometido e não tem escrúpulos nenhum para qualquer tipo de pergunta.

– Ele é nosso sim, não diretamente, mas não há pessoa no mundo que vá dizer que o Yago não é nosso filho. – Noah fala para nós com uma entonação tão emocionante que chega a me causar arrepios no braço.

– Ah os filhos. O doce prazer de viver em um inferno constante, e ao mesmo tempo no paraíso. De termos vontade de dar a nossa vida por eles e grudar a cabeça deles na parede com as teimosias natas.

– Ou então de colar a boca deles com esparadrapo e ao mesmo tempo sorrir a cada palavra errada deles. – Noah completa e eu fico no meio dos dois falando as histórias de serem pais, e claro que o Luiz não tem nenhum problemas em falar sobre nenhum assunto.

– Ser pai viúvo de menina é pior. Tive dois socos no estômago que me deixaram quase sem ação. O primeiro foi quando a Luiza me pediu para comprar um sutiã e eu não tinha a mínima ideia de como fazer isso. Levei ela no shopping, dei o dinheiro e fiquei na frente da loja como se ela fosse assaltante e eu era o comparsa que ia receber a mercadoria roubada.

– Nem me fala nisso. Aquela coisinha de pessoa esses dias me disse que queria comprar uns. Tive que chamar a Su para acalmar os ânimos porque eu disse que ela não tinha idade para essas coisas e a Fofinha começou a chorar desesperadamente dizendo que ela era mocinha e queria.

Começo a rir. Pobre do meu filho, já tão novo sofrendo nas mãos de uma menina tão incisiva quanto os pais.

– Isso não foi nada quando tive o meu segundo soco no estômago. A Luiza acordou gritando no meio da noite e eu sai correndo para ver o que era, e vi que ela tinha menstruado pela primeira vez. – Olho para o Luiz com uma cara de nojo enquanto o Noah arregala os olhos para ele. – Nós dois não sabíamos o que fazer. Resultado, coloquei ela de baixo do chuveiro e fui para a farmácia 24h. Parei na frente da prateleira de absorventes e senti saudade das minhas aulas de anatomia. Mil vezes preferível saber o nome dos músculos com inserção e inervação do que saber qual daquelas coisas comprar.

– Sério, Luiz? Não sabe a diferença entre eles? – Não consigo evitar o meu sorriso entre as palavras. – A Liv já me deu uma aula sobre isso, ainda mais quando eu comprava errado.

– Tu é pau mandado da Olívia. – Esbraveja o meu amigo nos fazendo rir. – Essas coisas não são para nós. Isso deveria ser crime, mandar um homem comprar essas coisas.

– Concordo que não sou muito chegado nessas coisas também. Nessa época só sou alvo de xingamentos e sirvo apenas para comprar chocolate e esquentar a Fofa quando ela está com cólica. No resto do tempo, ela me xinga até por olhar ou respirar perto dela. Então, a entupo de chocolate e todo mundo sai vivo.

– Chocolate e flores resolve tudo. – Completo. – Nenhuma mulher resiste a essas coisas.

– Resistimos a que? – Olívia pergunta se colocando atrás de mim.

– Chocolate e flores, palavras do teu marido. – Luiz responde por mim e olho para a Liv inclinando a cabeça para cima.

– Vai dizer que não são umas armas letais para ti?

– Depende do chocolate. – Su aparece com a Fofinha dormindo no seu ombro. Olho para a Elis e o Antônio está na mesma situação. Acho que está na hora de irmos para casa.

– Desde quando? – Elis se mete no assunto. – Não tendo gosto de sabão já está na conta.

– Verdade. Esses dias só tinha uns mais baratos no mercadinho aqui da frente e vocês duas comeram como se fosse suíço e de primeira qualidade.

– Era um caso extremo. Ou comíamos chocolate ou matávamos alguém. – Su completa e o Noah se vira para nós.

– Não disse. – Noah fala sério para nós, levando o Luiz a um ataque de risos.

Chamo a Elis para um canto enquanto os outros se despendem.

– Quer ajuda para colocar ele na cama?

– Não precisa, já sou acostumada a fazer isso com ele. Ainda tenho que tentar tirar a sujeira superficial e trocar as fraldas. – Aceno com a cabeça e olho para ela.

– Obrigado pela janta e recepção. Foi mais tranquila do que esperava. Mesmo trazendo o Luiz e a Liv. Eu aprecio muito esse teu gesto.

– Ah não foi nada. Pensei que a tua esposa iria querer comer o meu fígado de prato principal, mas ela é uma querida e nos demos bem de cara. – Sorrio.

– A Liv entende a situação. E apesar do Noah ter me ameaçado aquele dia, hoje já tive uma ótima impressão dele e da esposa também.

– Eles são ótimos amigos. – Concorro com a cabeça.

– Quando eu posso ver vocês novamente? – Elis pensa um pouco e abre um sorriso lento.

– Sexta?

– Confirmado. – Automaticamente, passo minha mão no rosto do Antônio que dorme tranquilamente no ombro de sua mãe.

Me aproximo e dou um beijo na sua bochecha fazendo ele abrir os olhos de leve, sorrir para mim e cair no sono novamente.

– Até sexta, Elis. – Digo em uma despedida e com um reflexo automático, beijo o seu rosto também em um sinal de agradecimento pela noite e pelo nosso filho tão amado e cuidado por ela.

– Até. – Ela me olha não entendendo o meu gesto, mas não questiona nem nada.

Aliás, nem eu mesmo sei por que fiz isso. Mas algo dentro de mim foi mais forte e me levou a esse ato, sem mesmo me dar conta do que eu estava fazendo. E isso já bastou para eu receber um olhar estranho do Luiz, que para a minha sorte, durou apenas alguns segundos, o suficiente para ele esquecer isso.

Capítulo 18

Por AC

Abro a porta do apartamento e o silêncio e a escuridão tomam forma na minha frente.

Meu trabalho rendeu bastante essa semana. Se fechar os olhos, só enxergo números e planilhas na minha frente. Tudo o que eu mais quero é um banho quente e a minha cama para descansar. Desmarquei até o squash com o Luiz com a promessa de recompensar no sábado pela manhã.

Bocejo deixando o casaco do paletó em cima do sofá dobrado e escuto uma música no final do corredor. Caminho até lá e paro na porta do pequeno escritório que temos aqui e fico observando uma cena que já fazia uns bons meses que não via. De costas para mim, Olívia está pintando uma tela grande de 1,5m x 1,5m com cores vibrantes e sem nenhum parâmetro concreto entre as linhas. É o puro e livre instinto dela com o pincel produzindo a harmonia das cores fazendo traços simples e ao mesmo tempo mostrando um desenho rico em detalhes.

– Boa noite. – Falo me aproximando dela e beijando o seu cabelo preso.

– Que susto, Cae! – Liv se vira para mim e eu começo a rir do seu rosto todo sujo de tinta.
– Que horas são?

– Um pouco antes das sete da noite. – Ela arregala os olhos. – Há quanto tempo está aqui?

– Depois do almoço. – Liv se levanta da cadeira, deixando a paleta de tintas em cima da mesa e se esticando toda. – Não vi o tempo passar, achava que ainda era umas quatro e meia da tarde.

– Inspiração? – Aponto para o quadro.

– Luiz me falou que estava querendo trocar o dele e disse que só iria fazer isso se fosse um quadro meu. – Ela dá os ombros. – E digamos que ele sabe ser bem enfático quando quer alguma coisa.

– Imagino. – Volto a analisar o quadro e uma ponta de orgulho me sobe vendo a criação da minha Liv.

Ela fica tão focada quando cria as coisas que não percebe o tempo passando, como hoje. Em algumas vezes fui dormir e quando acordei na outra manhã, ela ainda não tinha desgrudados os olhos da tela, que a cada pincelada mudava o que estávamos vendo e a percepção de um panorama diferente para a interpretação. É um dom nato que ela não reconhece.

– Vou para o banho. – Ela passa por mim e sai em direção ao banheiro.

Saio da sala indo até o nosso quarto e tirando os sapatos e o cinto. Arregaço as mangas da camisa até os cotovelos e vou para a cozinha para preparar alguma coisa para comer. Acho uma pizza congelada e coloco no forno para aquecer e vou lavar a louça do café da manhã que sujamos.

Liv volta para a cozinha quando eu estou terminando de secar a louça, ela assume o posto

quando eu tomo um banho rápido e coloco uma bermuda e camiseta simples para andar dentro de casa. Jantamos conversando sobre o nosso dia. Ela me conta que pela manhã foi até o shopping perto da nossa casa para comprar algumas coisas que faltavam para a tela e eu a poupei dos meus assuntos burocráticos do banco.

– A Elis me ligou hoje. – Olho para ela de soslaio. – Perguntando se eu ia ir amanhã contigo.

– E não vai?

– Acho que não. Vocês dois tem mais coisas para conversar do que ter que me aguentar junto. Só vou atrapalhar.

– Tu nunca atrapalha, Liv. Eu pensei que nós íamos juntos. – Ela sorri para mim.

– Não, quero terminar a pintura do Luiz. Tu vai para lá ficar com o Antônio e eu pinto em casa.

– Sou uma distração para ti, Liv? – Tento esconder o sorriso no meio da minha voz, mas não consigo. E ela sorri junto.

– Sim, ainda mais me lembrando de que eu tenho que comer. – Ela sorri e ainda rouba o último pedaço de pizza que estava no meu prato e come na minha frente.

Limpamos a cozinha e quando terminamos, a campainha toca e ficamos intrigados com isso. Até porque a única pessoa que nos visita é o Luiz, e ele não é muito de tocar a campainha, já vai entrando direto ou tem uma batida diferente de qualquer pessoa no mundo.

– Cae... – Liv agarra o meu braço de uma forma assustada. Ela também percebeu quem pode ser a única pessoa que pode estar por de trás da nossa porta.

– Vai ficar tudo bem, é só não dar margem para ele, certo?

Ela me responde com um aceno leve de cabeça e automaticamente se abraça.

Eu nunca fui uma pessoa que odiasse alguém. Ainda mais das que me ajudaram, com a sua vontade ou não. Mas o pai da Liv eu nutro uma veia de ódio em relação a ele que eu não me orgulho nenhum pouco.

– Ora, ora! Será que ainda lembram que vocês dois tem alguém que cuidou de vocês quando ninguém mais queria?

– Tio. – O cumprimento com uma simples troca de olhares e deixo o espaço para ele entrar no nosso apartamento.

– Olívia, minha filha, ainda lembra que tem um pai, ou já está agindo como a tua mãe que te abandonou na primeira oportunidade comigo?

Fecho a minha mão direita contando até dez para não dar um soco na cara do meu tio. Falar isso é fácil, mas lembrar de que tratava a minha tia como um lixo, ele não lembra.

– Oi, pai. – Olho para a Olívia e como ela se encolhe perante ele. Anos de experiência sabendo que nunca devemos o encarar.

Ele se senta no sofá e eu percebo uma coisa. O álbum com as fotos do Antônio está bem na sua frente, e se ele descobrir isso, com certeza não vai perder a oportunidade de ficar de boca fechada. E eu não vou perder a oportunidade de o fazer engolir qualquer palavra que proferir.

– Então, como anda a vida de vocês aqui? – O sorriso dele sarcástico dele se vira para mim. – Teus pais já deram as caras ou estão se dopando de alguma droga medicinal que nem se lembram mais da tua existência?

– Provavelmente. – Sorrio irônico para ele.

Realmente, nem sei quando foi a última vez que tive algum contato com os meus pais, acho que faz em torno de três meses. Mas eu posso falar mal deles, de como foram relapsos comigo e não se importaram nenhum pouco, em me deixar aqui com dezoito anos, sem fonte de renda nenhuma ou possível local para morar enquanto eu estudava. Eu sou filho deles e tenho esse direito. Agora, ele não tem nenhum, sendo que além de teto e comida, não deu mais que isso para nós dois.

– Pai, quer alguma coisa? – Olívia pergunta meio receosa.

– Já não era de tempo de me oferecer Olívia. Tua mãe também esquecia essas coisas e eu não suportava isso.

Ah e nem ela, eu aposto isso. Tanto que fugiu de casa deixando a Olívia com treze anos aos cuidados dele e nunca mais deu as caras.

– Me traz uma cerveja.

– Ninguém bebe aqui. – Falo rispidamente.

– Claro que não, tu nunca foi homem suficiente para isso. Me traz qualquer coisa Olívia! E rápido!

Olívia dá um pulo de susto com a ordem e sai correndo para a cozinha. Mentalmente penso em alguma tabela de juro que nunca consegui decorar e tenho uma cola na minha mesa para quando eu preciso. Tudo para me controlar e não mandar o meu tio para fora da nossa casa pela janela.

Mantenha a calma, AC. Quantas vezes o Luiz disse que o que ele quer é provocação e deixar vocês dois em péssimo estado. Pessoas como ele não merecem a nossa preocupação. Foca em quem merece a tua atenção e carinho.

Olívia. Sim ela tem toda a minha atenção e carinho possível, e se pudesse, daria mais por ela. Nunca vou esquecer o dia que ela apareceu lá em casa me convidando para morar com eles. Nós dois estávamos sozinhos no mundo e precisávamos nos apoiar em alguém que conhecesse os nossos sofrimentos para encarar o amanhã.

Eu já estava morando sozinho há quase um mês, procurando emprego para poder me sustentar e estudando para entrar na faculdade. Meu sonho nunca foi entrar em educação física, e sim contabilidade, mas me atirei no curso que eu sabia que seria o mais fácil para eu entrar.

Não fui recebido de braços abertos pelo meu tio. Bem pelo contrário. A Olívia teve que implorar muito e se sacrificar para que eu pudesse ficar junto dela naquela casa. Ainda mais que

a minha mãe é irmã da dela. E ele usou esse argumento o tempo todo em que eu morava lá, que nossas mães eram iguais e nenhuma prestava, assim como nós. Éramos simplesmente uma perda de dinheiro e de tempo. Mas nós aguentamos tudo isso no osso do peito.

O tempo foi passando e, a cada dia, a Olívia ficava mais bonita e atraía mais olhares para o seu lado. Isso me deixava louco! Ficava com ciúmes de qualquer um que chegasse perto dela e via que isso que sentia não era uma coisa boba entre primos.

Estávamos voltando para casa um dia da faculdade, nessa época morávamos juntos há quase um ano. Ela estava brava comigo, porque mais uma vez, eu havia estragado os planos de algum cara que queria beijar ela. Quando ela me prensou na parede perguntando por que eu havia feito aquilo eu não resisti e a beijei. E foi ali que a nossa história começou de fato.

E foi ótimo enquanto durou. Foram três anos de beijos roubados entre um passeio e outro, e principalmente às escondidas do seu pai. Ele já não ia com a minha cara, seria pior se isso ficasse tão escancarado para ele. Depois que completamos três anos de namoro, chegamos ao consenso que seria melhor terminarmos para cada um viver a sua vida. Já estávamos mais crescidos naquela época e com os nossos sentimentos mais esclarecidos para nós mesmos. O que sentíamos um pelo outro, no fundo, era afeto e desejo de cuidar um do outro, e de ser cuidado. Nada comparado a uma paixão arrebatadora, que nos fazia delirar sem estar na presença um do outro.

E quando achamos que poderíamos respirar em paz, e só contar os dias para a nossa formatura e estarmos livres de todo aquele inferno que chamávamos de casa, tudo começou a desmoronar. Primeiramente com uma simples rachadura na estrutura, depois começando a despedaçar, para no fim, tudo vir abaixo.

Observo o seu pai sentado no nosso apartamento analisando cada centímetro a procura de qualquer coisa para colocar defeito. Me sinto enjoado com a sua presença aqui e de como se refere à Olívia como filha. Ele nunca foi um pai que desse orgulho a um filho, estava mais para um crápula que teve a infelicidade de engravidar uma mulher e dar origem a um anjo como a Olívia.

Corro os olhos até a cozinha, onde a Olívia volta com uma xícara de café. Ela caminha lentamente olhando para baixo e agindo acuadamente. Mais uma vez penso nas tabelas de juros tentando me concentrar nelas para não cometer nem dez por cento do que eu e a Olívia já passamos pelas mãos dele.

– Já não era sem tempo! – Ele arranca a xícara das mãos delicadas da Olívia a fazendo recuar assustada.

Ela vem para o meu lado e se senta, automaticamente pego as suas mãos e trago para junto das minhas. Ela treme levemente nervosa e eu tento transparecer o mais calmo possível esperando para que ele vá embora e nos deixe em paz.

– Isso aqui está uma porcaria! – E joga a xícara de café em cima da mesa de centro espalhando o conteúdo por todos os lados e com o impacto, derrubando o álbum de fotos do Antônio, que cai aberto com uma foto dele em close nos seus olhos.

E claro que ele vê isso e se vira para mim.

– Que porra é essa?

Por instinto eu me levanto e fico na sua frente o encarando.

– Não é da tua conta. – Falo baixo, mas a ponto de explodir a qualquer minuto. – Pede desculpas para a Olívia.

– Tu é pai? – Ele sorri para mim e desdenha. – Tu teve pau para isso? Sempre achei que tu era viado. Aposto que foi alguma puta que tu comeu por aí que achou que estava fazendo grande coisa engravidando de ti. Será que ela sabe que tu não vale o que come?

E então eu explodo. Pego ele e preno contra a parede.

– Tu não fala NADA – friso bem a palavra – do meu filho ou da mãe dele!

Olívia vem para o nosso meio, falando calmamente entre as lágrimas que escorriam no seu rosto, e eu solto o meu tio. Saio para o outro lado da sala com a Liv ao meu lado. Ele solta uma risada maldosa e recomeça a falar, para me deixar mais irritado do que eu já estou.

– Igualzinha a tua mãe, que decepção Olívia. Nem para segurar homem tu presta. E agora aposto que vai criar o filho da puta como se fosse teu.

Me viro de novo para ele com a gana de um assassino, mas a Liv me segura pela camiseta que estou usando. Só que isso não é páreo para mim.

Em menos de dois segundos estou com as minhas mãos no pescoço do teu tio o esgoelando.

– Sai da nossa casa e nunca mais volta aqui. – Minha vontade é de apertar com toda a força que tenho para acabar de uma vez com essa história e mandar ele para o inferno. O local que ele nunca deveria ter saído para atormentar a nossa vida.

– Cae... – Continuo com as mãos no pescoço dele vendo suas mãos subirem para as minhas e seus olhos focarem nos meus. – Por favor... – A voz de súplica da Olívia faz a racionalidade voltar ao meu pensamento.

O solto e quando isso acontece, ele começa a tossir e a puxar o ar com rapidez. Se eu ficasse mais alguns segundos apertando sua traqueia, ele teria vindo a óbito mais rápido do que eu imaginava.

Tento me acalmar, mas a adrenalina ainda corre pura nas minhas veias. Olívia está assustada olhando para mim e com o rosto manchado de lágrimas. Essa foi a última vez que esse bastardo a faz derramar uma lágrima se quer. Ele não merece nenhum tipo de sentimento de nossa parte.

– Eu quero que tu saia da minha casa e nunca mais volte aqui. – Minha voz sai baixa, mas precisa e firme.

– Seu desgraçado! – Como num reflexo, ele vem para cima de mim e eu com os meus reflexos de jogador de squash que nunca deu um soco na vida, sou atingido direto no olho, sem chance de desvio.

Cambaleando me levanto, mas não no tempo exato de calar a boca dele antes de proferir

alguns insultos para a Olívia,

– Sua desgraçada! Eu devia ter te colocado na rua quando tive a oportunidade. Tu e a tua mãe são iguais! Não prestam para nada e por onde andam só fazem merda. E tu – ele se vira para mim – não passa de um morto de fome que não tinha onde cair morto. E eu tive a bondade de cuidar dos dois para saber que andavam se comendo as minhas costas. Vocês dois se merecem mesmo. Dois inúteis que não valem por onde pisam!

– Sai da minha casa, seu desgraçado! – Grito fazendo a Olívia se enrolar em uma pequena bola em cima do sofá.

– Saio e nunca mais volto! Que vocês, especialmente tu – aponta para a Olívia – esqueçam que eu existo.

– Tu já fez isso! – Corro em direção dele novamente, mas antes que eu agarre pelo pescoço novamente, porque sei que dessa vez, não irei soltar. – Quando deu uma surra nela que os vizinhos tiveram que me ligar para resgatar a Olívia!

Com essas palavras, vejo ele saindo e lacrando a porta do apartamento. Minha respiração sai entrecortada com o acesso de raiva que eu tive. Corro as mãos nos cabelos e percebo o estado de torpor dela e chamo por seu nome em um sussurro para não a assustar mais.

– Liv... passou – me sento ao seu lado e quando tocar no seu ombro, ela se afasta do meu toque. – Olívia, sou eu, o Cae. Acabou.

Droga! Depois desse tempo que ela vive comigo, longe desse inferno diário, ela ainda se sente afetada pelo seu pai. Se eu pudesse correria atrás dele e terminava o serviço completamente, e sem poder de desfazer depois.

Olívia solta um urro de dor e prantos que corta o meu coração em mil pedaços.

– Liv, calma. Olha para mim aqui. – Ela levanta o rosto e quando seus olhos focam nos meus eu sinto o medo irradiando dela. – Estamos só nós dois aqui.

– Cae... – Ela se atira nos meus braços e eu quase caio no chão com o impacto.

– Passou – beijo a sua cabeça enquanto ela treme chorando nos meus braços. – Ele não vai mais nos incomodar.

– Eu não sou uma desgraçada. – Sua voz sai misturada com seu choro. – Minha mãe só fugiu porque não aguentava ele.

– Eu sei. Também ouvia todas essas coisas, Liv. Ele é uma pessoa horrível e não sabe o tesouro de filha que tem. Tu é um anjo, Olívia. – Levanto o queixo dela e limpo as suas lágrimas que não param de cair. – Tu foi a única que veio ao meu resgate quando eu precisei.

Acalmo a Olívia nos meus braços a embalando. Por alguns instantes parecia que estávamos naquela casa depois de mais uma onda de insulto a nós dois por nenhuma causa aparente. Só bastava a nossa presença para eles começarem.

No início, quando me mudei para lá, as coisas eram mais calmas. Alguns xingamentos isolados apenas. Conforme o tempo foi passando cada vez eram mais pesados e que faziam estragos cada vez mais profundos nas nossas almas. Então percebi, as palavras ferem bem mais

do que agressão física em si.

Sempre fui maior que todos os da minha idade, e mesmo sendo magro, conseguiria derrubar ele sem o menor esforço, por isso ele nunca tentou me bater, e muito menos na Olívia. Ele esperou eu sair de casa, analisar tudo o que a Olívia fazia para descarregar a raiva, além das agressões verbais para as físicas.

Era sábado pela manhã, eu estava chegando em casa depois de umas doses de tequila e uma noite passada fora de casa com uma estranha, quando um dos nossos vizinhos apareceu na minha porta me dizendo que ele estava batendo na Olívia. Não pensei duas vezes antes de sair correndo em direção àquela casa a qual disse que nunca mais ia voltar.

Quando cheguei, encontrei a Liv semiconsciente e quando enfrentei o seu pai, ele não deu a mínima bola para ela. Vi no seu olhar que ele a deixou ali, atirada e se morresse, não daria nenhuma bola. Com a ajuda de alguns vizinhos, peguei todas as roupas que ela possuía e mais algumas coisas e a trouxe para a minha casa.

Ela estava toda machucada. Seu olho esquerdo nem abria de tão inchado que estava. Ela chorava de dor ao menor toque. Queria a levar para o hospital para ver se tinha quebrado alguma coisa, ou até algum ferimento interno, mas ela não quis por medo do interrogatório que seria feito durante os exames. Fiquei possesso com essa reação dela! Queria que ela o denunciasse, pegasse uma ordem de restrição ou algo do tipo. Porém a Olívia nunca seria capaz de fazer isso, ela acredita na bondade das pessoas e que todas merecem o perdão.

Saia para trabalhar, sempre deixando algum amigo de olho nela, e esqueci todos os meus outros problemas que tinha na minha volta. Inclusive o de uma destinatária da minha área de entregas, a qual eu tinha transado e sumido repentinamente.

Naquela época, eu estava convencido de que poderia tocar a minha vida com outra pessoa. Imaginei até que isso poderia se realizar com a Elis. Estava livre do meu tio, a Liv estava a salvo comigo, até então, pensava que mais nada aconteceria para me impedir de ir atrás da Elis, quando a Olívia melhorasse.

Era sábado pela manhã, pela primeira vez a Liv tinha conseguido sair da cama e tomar banho sem a minha ajuda. Ela estava melhor, ainda mais depois que o Jaime, um cara legal que ela estava conhecendo na faculdade, veio a visitar. Eu gostei dele, era um rapaz decente, e como eu, também tinha sugerido para ela denunciar o seu pai. Deixei a casa para os dois conversarem e sai em direção ao apartamento da Elis para conversar com ela. Já havia se passado duas semanas desde a nossa transa, e já tinha dado tempo suficiente para colocar todos os nossos pensamentos em ordem.

Estranhei quando vi diversas viaturas da polícia em frente ao seu prédio. Estava ocorrendo um assalto e ninguém poderia chegar perto quadra. Eu, e os curiosos de plantão fomos afastados o máximo possível, e eu não pude fazer nada a não ser ficar e ver um dos policiais falando que todos foram retirados dos apartamentos e iriam ser levados à delegacia para prestar depoimentos. Sai de lá na esperança de que tudo estaria bem com ela e que na segunda eu falaria com ela.

Quando retornei na segunda, depois do expediente, me identifiquei na portaria e fui

informado que a Elis havia se mudado depois do assalto mesmo e avisado que não iria mais voltar. Fiquei arrasado com a possibilidade de nunca mais ver a destinatária mais maluca de todas. Mas nada acontece por acaso, pelo visto...

Aos poucos Olívia se acalma nos meus braços. Levanto nós dois e a carrego para a cama. Coloco ela lá e fico ao seu lado, falando todas as coisas boas que vivemos juntos até que adormeça. Deixo ela descansando e ligo para a única pessoa que posso contar o que eu fiz e me dar uma luz.

– Fala, AC. – Luiz me atende no segundo toque.

– O pai da Olívia esteve aqui e eu não consegui me segurar.

– Dez minutos e eu estou aí.

Nove minutos e quarenta e cinco segundos. Esse foi o tempo que o Luiz demorou a bater à minha porta. Tempo suficiente para eu limpar a bagunça que foi feito aqui na sala.

Conto para ele tudo o que ocorreu aqui. De como o pai da Olívia chegou já nos humilhando, de como se referiu ao Antônio e a Elis, e de como eu reagi com tudo isso.

– AC, nem a pessoa mais forte do mundo, resiste a insultos por tantos anos. Alguma hora isso teria que acontecer. – Apoio os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. – Eu sei que o que vocês passaram nenhuma pessoa do mundo merece. Ainda mais a Liv que ainda passou por aquele episódio alguns meses depois que veio morar contigo. Mas, tu sabe a minha opinião para tudo isso, não te falei uma nem duas vezes.

– Que eu sou superprotetor e tenho que deixar ela lutar as próprias batalhas. – Falo olhando para o chão.

– Sim. Esse teu paternalismo com ela é exagero demais! Tu pode canalizar esse sentimento para o Antônio agora. Mas aqui, nessa casa, isso só prejudica vocês dois. A Olívia pensando que nunca vai ser capaz de se erguer sozinha e tu achando que ela nunca será capaz disso!

– Eu não faço isso! – Esbravejo, mas diminuo o meu tom de voz para não a acordar. – Eu sou marido dela e faço o meu papel.

– Papel? – Ele sorri irônico para mim. – Desculpa meu amigo, mas o que vocês dois tem é um acordo e não um casamento.

Capítulo 19

Quando a gente pensa que já viu de tudo nessa vida, pode ter certeza que vai surgir mais uma cena inédita na nossa frente. E hoje é um dos dias dessas coisas acontecerem.

Estou escorada em um dos pilares do orfanato vendo a cena inusitada. Um Noah de bermuda e camiseta jogando queimada com as crianças da sua turma. Cada um que leva uma bolada, ao invés de sair da brincadeira por alguns minutos, tem que responder uma pergunta em inglês para o Noah que é o juiz. Se acertarem a resposta, voltam para o jogo, senão ficam e esperam uma rodada inteira.

E o resultado de tudo isso: riso e gritos de felicidade para todos os lados. Todos os funcionários pararam os seus afazeres para admirarem a brincadeira das crianças.

– Errou! – Uma criança sai correndo para o lugar onde deve esperar a próxima rodada e o Noah apita fazendo as crianças jogarem as bolas de novo enquanto outras saem correndo.

Vejo a Sarah correndo no meio das crianças e desviando das bolas. Ela grita e ri se esquivando toda e quase que se deixa ser acertada por uma bolada nas pernas. Foi quando ela pulou. Pelo visto as gurias mais velhas andaram mexendo no cabelo dela, nunca vi os seus cachos volumosos tão definidos e brilhantes desse jeito. Ela parece uma bonequinha maluquinha com a sua roupa colorida e seus tênis um de cada cor que ninguém consegue a fazer trocar pelos pares corretos.

Noah apita mais uma vez, em alto e bom som e as crianças param de correr no mesmo instante. Elas se reúnem com ele no meio, sentam no chão enquanto ele conversa com o grupo. Segundos depois ele as dispensa, todas se dispendem do “tio Noah” e correm para todos os lados. Algumas passam por mim e me abraçam e beijam, mando elas correndo para o banho já que estão pingando suor.

– Vai me mandar para o banho também, tia Elis – Noah virado em uma poça de suor chega a minha frente.

– Não, para o Ártico mesmo. – Rio dele que faz uma cara de deboche para mim. – Nunca vai se acostumar ao calor daqui?

– Acho que não. Frio é vida! Poderia fazer mais dessas dinâmicas com as crianças sem ter perigo de morrer desidratado. Detesto calor.

– Sai fora urso polar.

Caminhamos até a cozinha onde ele aproveita a pia gigante que tem e coloca a cabeça embaixo da torneira.

– Nojento. – Digo fazendo ele rir e ainda me molhar toda jogando água em mim.

– Para quieta de gritar que eu tenho que falar sério contigo.

Noah puxa a carteira do bolso de trás da bermuda e me alcança um cartão de débito.

– A senha é os dois aniversários do Yago e o da Fofinha. O valor é aquele de sempre.

Pego o cartão e pisco em um ato cúmplice para o meu amigo. Estamos no meio do mês e o salário que ele recebe da escola em que trabalha vai garantir até o final do mês o suprimento de alimentos em falta por aqui, até o próximo repasse.

– Mãos à obra. – Saio da cozinha em busca da Sarah, para levá-la no mercado comigo. Só ela para fazer a festa comigo entre as prateleiras e balcões.

Como sempre ela se anima toda quando eu vou até o seu dormitório e a convido. O sorriso que ela me dá é tão genuíno e traz uma paz de espírito tão grande, que eu me esqueço de todos os problemas secundários que possuo. Eles não são nada perto da realidade que vivencio aqui com as crianças.

Conversamos, rimos, brincamos e cantamos durante o tempo todo. Cada vez que fico perto dela mais crio sentimentos e uma dúvida me surge na cabeça, e mais uma vez o maldito filtro entre a minha cabeça e a língua me faz falta.

– Sarah – falo tranquilamente depois de alguns segundos de silêncio entre nós duas, enquanto escolhemos algumas verduras nos balcões. – E se um dia te adotassem, como tu iria te sentir?

Ela volta aqueles lindos olhos castanhos e gigantes para mim e abre um sorriso que combina muito com o seu rosto.

– Eu ia amar, tia Elis! – Sua resposta automática sem hesitação, me faz sorrir muito. – Ainda mais se eu pudesse cozinhar na casa nova! Mas umas coleguinhas de escola me disseram que ninguém ia me querer.

– Por que elas falaram isso? – Soei um pouco mais ríspida do que deveria, assustando a Sarah.

– Porque eu sou maluquinha. – Ela dá os ombros e se volta para pegar mais algumas verduras. – Não sou bonitinha como elas e nem gosto de usar as roupas iguais às delas.

– Que bobagem, Sarah! – Tento rir, mas a raiva está me corroendo por dentro! Onde já se viu as crianças falarem isso para ela? – A tia Elis também é maluquinha. E quando tinha a tua idade também usava as roupas assim, minha avó me mandava trocar de roupa sempre antes de ir para a escola. – Me lembro da época que eu tinha que armar briga para me vestir como eu queria, até o meu pai se interferir e me mandar escolher: ou saía assim ou ficava de castigo.

Sarah sorri para mim e me conta a história do que acontece com ela na escola. As crianças riem dos seus cabelos volumosos e das roupas que ela veste. Isso me deixou tão possessa que vou garantir uma visitinha àquela escola e uma conversada com a professora e a diretora para garantir que esse tipo de coisa não aconteça com ela.

Voltamos para o orfanato e eu aproveito para conversar com o Noah sobre esse assunto de sala de aula.

– Bullying, Elis. Isso é uma praga em sala de aula. E nenhuma escola se salva. – Ele olha para mim com o semblante triste. – Era o que estava acontecendo com o Yago.

Meu chão se abre e eu tenho que procurar uma cadeira para me sentar, antes que eu caísse de bunda aqui no meio de uma sala do orfanato.

– Por isso que ele estava tão arredio daquele jeito? – Noah me responde com um aceno de cabeça leve e eu levo as mãos à boca surpreendida. – Como tu descobriu?

– Esqueci uns papéis na sala de aula e quando estava voltando para buscar, escutei alguns colegas o chamando de adotado e que se ele não comportasse em sala de aula ia voltar para o orfanato, e ainda rindo dele.

Meu Deus! Fico paralisada com a revelação. Vejo o Noah passar as mãos nos cabelos e começar a caminhar no meio da sala em que estamos.

– Eu fiquei tão puto que quase entrei na sala e agarrei aquelas crianças pelos cabelos. Mas me mantive firme, com uma postura que não sei de onde surgiu em mim. Esperei eles pararem os insultos ao Yago e entrei na sala. Peguei os meus papéis e sai com vontade de socar alguma coisa. Porra! Como se não bastasse tudo o que o Yago viveu até agora ele ainda tem que passar por isso?

– E o que tu fez?

– Fui me acalmar – Noah ri irônico. – Não ia responder por mim se fizesse alguma coisa naquela hora. Depois que dei mais uma aula era o recreio das crianças e eu fui à caça do Yago e chamei ele para um canto. Disse que havia escutado e questionei o porquê ele não tinha nos contado aquilo. Caramba se ele tivesse falado eu teria agido antes, até a Su teria ido à escola e feito o barraco por causa disso.

– Até eu iria! – Completo e o Noah continua a falar.

– Ele disse que não era nada, mas eu conversei com ele, e muito. Não tinha aula depois do recreio e ficamos no pátio falando sobre isso. O Yago me contou que acontecia sempre e, mesmo ele sabendo que nós nunca o iríamos abandonar, ele ficava com vergonha por ter que passar por aquilo. Ele me fez prometer que não contaria para ninguém, desde que concordasse em ir à coordenação falar o que estava acontecendo. Os pais dos que estavam fazendo isso com eles foram chamados e alguns professores da área de relacionamento fizeram algumas atividades com eles sobre bullying e adoção.

– E desde então o Yago tem melhorado em sala de aula. – Concluo e o Noah termina.

– Hoje em dia as crianças são espertas, Elis. Mesmo com os professores de olho, eles conseguem de alguma forma fazer o bullying sem ninguém perceber. Com a Sarah deve ser a mesma coisa. É bem possível que ela esteja sofrendo e ninguém percebendo, ou pior ainda, os professores veem e não fazem nada para não se incomodarem. Dizem que são coisas de crianças e não percebem que quem sofre fica isolados da turma. O limite entre a brincadeira e o bullying só quem sabe se foi ultrapassado ou não, é quem está sofrendo.

Fico perplexa com as histórias que o Noah me conta, dos estudos que eles fazem na especialização em educação infantil que ele cursa. Chega a me doer no coração saber que o Yago e a Sarah tenham sido vítimas dessas coisas abomináveis de hoje em dia. No meu tempo de criança e estudante, havia brincadeiras desse porte, até hoje na cidade sou conhecida na cidade

como a Elis Pau de Vira-Tripa por causa da minha magreza, mas nunca dei bola para essas coisas. E como o Noah disse, para mim era visto como uma brincadeira e entrei junto na onda, mas nem todas as crianças são iguais e conseguem levar por esse lado.

Faço uma promessa para eu mesma de ficar mais atenta para essa situação com a Sarah e não deixar as coisas se agravarem.

Por AC

– Vou ligar para a Elis dizendo que amanhã não vou ver o Antônio. – Falo pegando o celular e a Olívia coloca as mãos na cintura e olha para mim.

– Não vai não. Pode ir lá ver o Antônio, sou grandinha e posso ficar algumas horas sozinha aqui. Vou me trancar em casa e ficar pintando.

– Liv... – suspiro e olho para ela.

– Vai, Cae. Tu já faltou ao trabalho por nada. Não vou ser um empecilho entre vocês dois.

– Não faltei ao trabalho por nada. Minha presença aqui era mais importante do que lá no banco. – Ele revira os olhos para mim e eu vou ao seu encontro para abraçá-la.

– Mesmo assim não precisava – beijo a sua cabeça e a aperto mais ainda. – Mas obrigada pela companhia hoje.

– De nada.

– Porém agora tudo já passou e tu vai sim para a casa da Elis ver o teu filho. Já estou melhor e posso me cuidar.

Observo a minha pequena Liv, que passou a noite agarrada em mim entre um pesadelo e outro, se transformar em outra mulher na minha frente.

– Me expulsando de casa, dona Olívia Reniè?

– Sim, como deveria ter feito hoje pela manhã, Sr. Arthur Caetano Reinè. – Ela olha firmemente para mim por poucos segundos antes de abrir um sorriso, e eu não seguro mais o meu e acabo sorrindo junto.

– A senhora venceu. – Faço uma reverência forçada. – Seu pedido é uma ordem, e o seu laçao está aqui para servi-la.

Escuto a risada da Liv ao fundo e saio para tomar um banho e me arrumar para ficar algumas horas com o Antônio e a Elis.

O Luiz ficou até altas horas comigo conversando sobre o que ocorreu ontem à noite aqui. Meu casamento com a Olívia não é um acordo, até porque ela nem tinha condições de pensar no assunto na época em que ele ocorreu. De uma forma ou de outra, essa foi a saída que tínhamos para o problema que estávamos passando no momento. E no fundo, foi uma das coisas mais sensatas que eu já fiz na minha vida.

Me estabilizei e tirei ela da vida a qual ela não merecia. Nos damos bem em todos os

aspectos e respeitamos um ao outro. Somos cúmplices e buscamos a felicidade todos os dias em que acordamos. Se isso não é receita para um bom casamento, não imagino qual seria então.

Saio alguns minutos depois de pronto e sigo rumo à casa da Elis. O trajeto é longo e se multiplica quando se é percorrido no horário de pico em uma sexta feira. Se estivesse vindo da agência para cá, levaria o triplo de tempo habitual.

O porteiro já me conhece, tanto que mal chego à portaria ele já chama o elevador e digita a senha especial para o andar deles. Toco a campainha da Elis e não sou atendido. Será que ela esqueceu que eu viria?

A porta do apartamento na frente se abre e eu vejo o Yago, só de bermuda na minha frente.

– Oi. Eles estão aqui na sala. – Ele me dá um sorriso e me convida para entrar na casa deles. Me aponta o ambiente em que estão e sai para outro lado.

Entro na casa e vejo diversos brinquedos espalhados pela sala e o som alto com músicas da Xuxa ao fundo. Fico na porta observando a cena. Antônio e a Fofinha dançando com seus passos infantis ao som da música, com a menina cantando junto e a Elis dançando só com um shortinho colado ao corpo e uma regata branca. Ela rebola como se estivesse em uma boate e eu me pego me lembrando daquela noite em questão que a vi dançando com a tequila correndo pelas nossas veias.

Realmente ela sabe como ser a atenção da festa enquanto dança. A imagem de vários homens escorados no balcão do bar a esgueirando ainda me é nítida na cabeça, bem como aquelas em que ela dispensou cada um deles enquanto dançava sem dever explicações para ninguém. Essa foi uma das coisas que mais me chamou a atenção nela.

– Rebola, Fofinha! – Ela rebola junto, quase até o chão, me pego sorrindo vendo a cena. E quase a mato de susto quando ela se vira e se dá de cara comigo, encostado na porta. – Ai caralho, que susto!

Ela para de dançar, se recompõe colocando a mão no peito em cima do coração e começa a rir como uma hiena desenfreada. Coloco as mãos nos bolsos e espero ela se controlar.

– Aí caramba, AC. Desculpa pela recepção. Amo dançar com as crianças e hoje elas estão impossíveis. Já escalaram as grades das janelas e tudo para se atirarem no sofá. Catei eles antes que caíssem de cabeça no chão. Estava gastando um pouco da energia deles para dar janta e eles capotarem e dormirem.

– Sem problema, estava até gostando da performance de vocês. – Elis olha para mim e sorri de leve.

– Chega de dança. – Ela abaixa o som e as crianças se viram para mim.

Instantaneamente elas me reconhecem e vem até a mim. Me abaixo para ficar no mesmo nível deles e sou surpreendido com os dois me abraçando.

– Oi. – Fofinha fala para mim sorrindo. – “seguedo”? – Ela fala baixinho para mim e chega perto do meu ouvido. – O papai disse, tia Elis, uma vaca!

Pisco algumas vezes para a criança que coloca as mãos na boca, como se fosse uma

revelação bombástica, arregalando aqueles olhos azuis e sai correndo para o outro lado.

– Fofinha para de ficar falando para todo mundo que eu sou uma vaca! – Elis grita do outro lado da sala, enquanto o Antônio fica olhando para mim e sorrindo. Aproveito a situação e pego ele nos meus braços, o que de bom grado ele aceita. – Se eu sou uma vaca o teu pai tem medo de galinha!

– Oi, Antônio – Falo baixinho para ele e o abraço e beijo.

– E outra, ele tem medo de injeção. Não é Yago? – Ela grita e para o Yago escutar.

– Tem! – E ele responde de outra sala. Impossível não rir da cena que se desenrola.

A energia que a Elis irradia é notável a quilômetros de distância. Isso é uma coisa tão potente que seria humanamente impossível ficar de mau humor ao seu lado. Sua felicidade é nata e exala por todos os poros do seu corpo. Se existisse alguma forma de captar a sua essência e distribuir em grande escala seria o fim de todas as guerras do mundo.

Minha vida, apesar dos altos e baixos que vivi, nunca foi de me trazer felicidade para gritar aos quatros ventos para o mundo. Cada um dos meus passos, sempre foram muito bem calculados e só dependiam de mim para acontecerem. E aqui, parado nesse apartamento, com o meu filho no meu colo, vendo a Elis com toda a situação que passou com o Antônio chegando à sua vida de supetão, chega a me dar um pouco de inveja dessa irreverência dela. Mesmo sendo uma baita mãe, não se deixa sufocar com as responsabilidades.

– Me ajuda a dar janta para as pestinhas? – Ela está parada na minha frente e eu acordo desse meu delírio momentâneo.

– Claro... – Falo sem raciocinar direito.

Nunca dei de comer a uma criança. Olho para o Antônio e vejo ele me observando com um sorriso dubio como quem dissesse que iria me fazer pagar os pecados agora.

Chegamos à cozinha e ela me alcança um prato com a comida já pronta. Equilibro o Antônio em um braço e o prato na outra mão e voltamos para a sala. Largo ele sentado no sofá e sento ao seu lado e claro que com isso ele sai correndo para o outro lado.

– Vem aqui comer. – Falo e ele me olha, sorri e sai correndo em direção à Fofinha que está brincando no outro lado da sala.

E eu tenho a confirmação que isso não vai ser uma tarefa fácil.

Elis chega na sala com outro prato e trazendo junto o Gato e o cachorro da casa que estão mais interessados no que ela tem nas mãos do que no resto da cena em si.

– Yago, vai dar comida para o Gato e o JB e jantar de uma vez. – Ela grita para ele que está no outro cômodo. Escuto os seus passos correndo em direção à cozinha e automaticamente os dois bichanos vão atrás. – Agora vocês dois – e aponta para as crianças – venham aqui comer.

Os dois se levantam e veem a nossa direção. Elis enche uma colher e dá para a Fofinha e eu vejo a cena para reproduzir o mais parecido possível.

– Ok, vamos lá. – Murmuro para o Antônio que está parado na minha frente com os olhos,

iguais aos meus, fixos em mim.

Coloco um pouco de comida na colher e quando levo a boca do Antônio ele abre automaticamente. Repito a operação algumas vezes até a Elis começar a rir de mim.

– Que foi? – Me viro para ela que se voltou para dar outra colherada para a Fofinha.

– Tu estava imitando ele abrindo e fechando a boca quando dava comida para ele. Achei engraçado, o Noah também faz isso. – Ela sorri para mim e completa – E uma dica nunca tire os olhos do Perereco quando estiver dando comida para ele.

– Como? – Sinto as mãos do Antônio em mim e uma coisa gosmenta a acompanhando.

Ele enfiou as mãozinhas no prato e passou no meu rosto. E ainda olhou para mim e deu uma gargalhada.

– Bem-vindo. Agora tu já está batizado. – Elis ri e me joga um pano no meu rosto sujo para eu me limpar.

E como eu imaginava, o Antônio não foi nenhum pouco amigável para eu dar a sua janta. Ele cansou de ficar na minha volta e começou a percorrer a sala de um lado para o outro correndo. Tive que ficar atrás dele para conseguir enfiar meio prato de comida no seu estômago. No final da maratona, eu não sabia qual de nós era o mais sujo.

Tivemos que levar as crianças para o banho. E então as coisas se acalmaram momentaneamente assim que colocamos os dois de baixo da água. Elis me deixou com os dois por alguns minutos enquanto mandava o Yago para o banho também. Isso não durou mais do que um minuto, mas foi o tempo suficiente para a Fofinha pegar o chuveirinho e apontar para a minha direção e me molhar todo.

E eu perdi para uma menina de dois anos e meio e fiquei ensopado. Mas pelo menos fiz os dois rirem como se não houvesse amanhã. Quando a Elis voltou, me expulsou do banheiro para ficar na sala e levar os pratos sujos para a cozinha, antes que nós três inundássemos o banheiro.

– Eles são bem ativos. – Falo para o Yago que está largando o seu prato em cima da pia.

– Demais. Mas daqui a pouco eles dormem. – Ele sorri para mim e sai para o seu banho.

Não me atrevo a voltar para o banheiro e vou para a sala juntar um pouco da bagunça de brinquedos que está espalhada por todo o local. Meio que tenho um TOC por organização e não consigo ver uma sem tentar arrumar.

Talvez seja pelo fato de que a casa onde cresci era uma bagunça sem tamanho. Tanto que quando a coisa estava em níveis de caos e o cheiro já começava a ficar insuportável, eu tinha que colocar a mão na massa e lidar com aquilo. Depois, comecei a criar esse hábito de sempre organizar as coisas a minha volta. Tanto que se deixar, até o guarda-roupa da Olívia eu arrumo sem reclamar. A minha mesa no banco, é sempre a mais arrumada, acredito eu que de todas as agências da cidade. Na festa do natal do ano passado, até ganhei o prêmio de “Sr. Arrumadinho” dos colegas.

As crianças voltaram para a sala já de pijama e a Elis meio que ficou parada olhando para a minha arrumação. Empilhei os livros infantis, juntei todos os brinquedos e os deixei em cima de

uma mesinha que tinha em outro canto e estava tentando juntar outros pedaços de brinquedos que estavam espalhados por todo o canto.

– Tu é um anjo! – Elis fala sorrindo para mim, me deixando até meio sem jeito, de como ela se manifestou.

– Não foi nada. – Digo quando ela se aproxima de mim.

– Foi tudo! Geralmente eu levo uma vida fazendo isso e... Nossa, tu conseguiu juntar até as peças infinitas de lego! – Sorrio.

– Foi divertido, fazia anos que não via um e...

Sou atropelado, literalmente, pela a Elis que se jogou nos meus braços. Fico sem reação quanto àquele gesto inusitado, tanto que não me atino nem em retribuir o abraço.

– Obrigada, AC! – E ela sai do meu abraço do nada, igualmente como começou ele.

Tento me recompor e ela sai caminhando em direção à TV ligando em algum canal infantil. Automaticamente os dois pequenos se deitam no sofá grande e o Gato vem para o meio deles. Me sento em um canto no mesmo sofá que eles e a Elis em outro único com as pernas para cima da guarda. E em poucos minutos as crianças dormem.

– Pensei que eles iriam demorar mais hoje.

Elis fala enquanto eu estava muito impressionado com os desenhos educativos que estava passando na TV, não sei por que os meus colegas acham a Dora Aventureira tão chata assim. Se eu ficasse mais dois minutos em frente à TV estaria respondendo às perguntas da Dora de tão interativos que são.

– Vai por mim, no início é legal, mas depois de meses acompanhando a Dora, cada vez que vejo essa maldita boneca em alguma loja no shopping, tenho vontade de enfiar ela no vaso e dar descarga. – Ela caminha até a porta e grita no corredor. – Yago, acabou a Dora. Tudo limpo!

– Ainda bem! – Yago entra na sala, com o cachorro ao seu lado e sorri para mim. Eles se atiram em outro sofá simples e pega o controle remoto. – Simpsons é bem melhor.

Elis vai até a cozinha e eu aproveito a brecha para conversar com ela.

– É agora que tu abandona o cargo? – Ela pergunta com a metade do corpo enfiado dentro da geladeira.

– Não sou de me impressionar tão fácil assim. – Digo e ela se escora na geladeira aberta e sorri misteriosamente para mim.

– Percebi isso. – E me atira um chocolate que eu caço no ar. – Presente pela ajuda de hoje.

Agradeço silenciosamente com um sorriso e nos sentamos na mesa da cozinha e comemos em silêncio.

– Pensei que a Liv iria vir junto. – Ela quebra o silêncio lambendo qualquer resquício de chocolate nos dedos, e até mesmo na embalagem.

Por alguns instantes presto atenção tempo demais nesse gesto que ela está fazendo e perco a fala. Minha cabeça me freia para qualquer outro tipo de pensamentos que não deveriam habitar ela nesse momento e respondo à pergunta tentando me recompor. Mas que diabos...

– Ela disse que não queria ficar nos incomodando. E estava entretida pintando um quadro novo.

– Ela não é incômodo nenhum. Diz para ela vir da próxima vez. Mais gente para distrair as ferinhas. – Rio com a comparação.

– Eles não são ferinhas, apenas crianças normais para a idade.

– Ah é? – Sua voz de deboche me faz sorrir mais ainda. – A gente conversa depois de mais alguns meses de convivência então.

– Conversaremos então. – Elis sorri para mim e começamos a falar sobre coisas diversas.

O tempo passou em um piscar de olhos. Quando percebi já passavam das onze horas da noite, e só percebi isso quando o Noah chegou em casa da faculdade. E essa foi a minha deixa para ir embora.

Com um sorriso da Elis de alívio por não ter que carregar um pesinho, levei o Antônio adormecido até o seu quarto. Coloquei ele na cama e beijei a sua testa me despedindo do meu filho. Ele protesta um pouco pelo fato de a minha pele estar áspera pela barba que eu não fiz hoje, em contato com a sua macia, instintivamente se afasta e volta a dormir.

Me despeço da Elis, com um beijo no seu rosto meio sem jeito, agradecendo por me deixar entrar na sua vida assim de tão bom grado. Volto para a casa tranquilamente com o trânsito mais leve e pensando na vida. Chego em casa e vou direto para a cama onde a Liv já está adormecida. Não tenho coragem de acordá-la para conversar, então me viro para o outro lado e adormeço e sonho com a Elis rindo como uma hiena desenfreada, o Antônio me sujando de comida e eu me sentindo completamente feliz com a presença deles.

Capítulo 20

Por AC

– Está aberta! – Ouço a Elis gritar e entro no apartamento e vejo o Antônio sentadinho no sofá olhando TV.

– Hey, carinha! – Quando ele me vê, abre um sorriso feliz e sai correndo do sofá em minha direção.

O intercepto no meio do caminho e o coloco nos meus braços. Ele chega a dar aqueles gritinhos de felicidade quando eu o começo a beijar e a fazer cócegas nele.

Já faz três meses que eu conheci o meu filho, e a cada dia que se passa, eu fico mais bobo com ele do que nunca. Ainda mais quando eu chego aqui e o Antônio me recepciona desse jeito, todo feliz e alegre.

– Parem de fuzarca vocês dois. Perereco, era para tu estar tirando uma soneca antes de ir para a casa do teu pai! – Elis aparece na sala só de calcinha e sutiã como se fosse a coisa mais comum que ela estivesse vestindo.

– Oi, Elis. – Largo o Antônio no chão que começa a correr de um lado para o outro na sala.

– Só deixa eu terminar de secar o cabelo e...

– Colocar uma roupa? – Termino o pensamento e ela se dá por conta de como está vestida. Olha para mim, sorri e sai correndo corredor a dentro.

Maluca total. E uma mãe excelente para o meu filho.

Nesses três meses que estamos convivendo, percebi que apesar dessa maluquice toda que ela carrega, por trás de tudo isso, se esconde uma mulher independente e que não se deixa abalar por nada. E cada dia que passo ao seu lado, encontro nela uma amiga que nunca imaginei que teria.

Sento no chão e começo a brincar com o Antônio em silêncio. Nos damos bem assim, nosso entendimento não precisa de palavras, apenas a nossa presença já é o bastante para ficarmos em sintonia.

Nesses meses que se passaram, já adquiri mais responsabilidades de pai. Já consigo dar comida a ele sem perigo de eu, pelo menos, ficar sujo. Conheço a sua rotina diária, coisas que gosta de brincar e até mesmo os horários de sono e coisas do tipo. E como a Elis me disse, a Dora Aventureira é chata demais, mas existem programas piores, e se o Antônio gosta deles, eu faço o sacrifício e me sento com ele para assistir. E dou graças quando ele cansa e sai correndo para outra coisa que chame a sua atenção.

Porém hoje vai ser uma experiência nova. A Elis vai sair com o Noah e a Su para algum lugar, e o Antônio vai ficar comigo e com a Olívia no nosso apartamento. Fiquei empolgado com a possibilidade de levar ele para a minha casa por uma noite toda. A Liv, nem se fala. Desde semana passada, quando a Elis nos deu essa opção, estamos ansiosos!

Nos demos contas que estávamos passando do limite aceitável de precipitação com esse pequeno passo, no momento em que estávamos olhando decoração de ambiente para quartos infantis. Calma AC, é só uma noite e tu nem sabe como o Antônio vai se sentir no teu apartamento.

E como prêmio de consolação para o nosso quase consumismo absurdo e compulsivo, compramos alguns brinquedos para ele. Nem que seja apenas para prender a atenção dele enquanto rasgar o pacote.

– Pronto! – Elis aparece com os cabelos soltos, secos e usando um pijama simples. – Ainda pode desistir e eu deixo ele com a Clara, junto com o Yago e a Fofinha.

– Não precisa, a Liv me mataria se eu chegasse em casa sem o Antônio. – Sorrio confiante e vejo a Elis vacilar um pouco.

Pelas minhas contas, essa deve ser a primeira vez em que o Antônio irá dormir tão longe da Elis. Porque dormir na casa do Noah e a Su é a mesma coisa que estar em casa, já que são apenas poucos metros os separando. Mas no meu apartamento a uma boa distância daqui, a história é outra. E ela deve estar ponderando isso.

– Elis, eu sei que o conheço apenas há três meses e isso pode ser um passo e tanto. – Digo para ela com plena consciência das minhas palavras. – Não vou ficar chateado se tu mudar de ideia e não quiser que ele vá para a minha casa ainda. Tu conhece ele melhor que eu, e tem todos os direitos de me vetar isso hoje. Não quero sair daqui pensando que estou te forçando a alguma coisa na qual tu não está à vontade.

Vejo ela relaxar e sorrir de alívio para mim.

– E é por isso que a Olívia é uma garota de sorte, AC. Vocês dois são uns amores. Principalmente tu nessa situação toda. – Ela chega perto de mim e eu chego engolir à seco. Por mais vestida que ela esteja agora, a imagem dela só se calcinha e sutiã, ainda é bem nítida na minha cabeça, e eu sou homem e não estou morto. – Tu poderia ter ido aos tribunais e requerido alguma parte da guarda dele sem pensar duas vezes, mas não, prefere ir com calma.

A voz dela perto de mim, sempre me deixa desnorteado a ponto de ficar alguns segundos fora de mim. Seria tão mais fácil se eu não tivesse que lidar com essa ansiedade que mais parece de um adolescente em ebulição do que um homem. Mas afinal, já faz tanto tempo que...

Elis fica olhando para mim esperando a minha resposta que eu sou obrigado a me concentrar no nosso assunto e deixar esses pensamentos para outra hora, alguma de preferência, que eu esteja sozinho.

– A situação pegou nos dois de surpresa Elis, já te falei isso mil vezes. Me xingo todos as vezes que lembro da maneira que cheguei até ti aquele dia em que conversamos pela primeira vez. – Digo ciente dos meus atos e a palavra idiota piscando cada vez que revivo aquela cena na minha cabeça. – E eu disse que iria mudar o meu comportamento, não disse?

– Sim – Elis abre um sorriso sincero e me abraça como sempre faz, e agora eu já consigo retribuir sem ficar sem jeito. O corpo dela se molda ao meu de um jeito que nem o da Liv consegue. O cheiro de shampoo e o seu perfume me deixam tonto e com muita vontade de quero

mais. – E é por isso, – ela me solta e eu caio por terra com um baque que mataria qualquer pessoa normal – que vocês vão levar a mala e a malinha. Eu confio nos dois.

Fico sem jeito com a situação que eu me encontro, bem como os pensamentos que tive. Sinto o sangue subindo para o meu rosto, a ponto de ficar um pouco envergonhado, e a Elis não perde a chance de rir de mim nessas ocasiões.

– Como ainda é cedo – volto a minha atenção a ela – ele ainda não tomou banho e nem jantou. Se quiser eu posso dar um banho rápido nele, mas tu sabe que depois da janta que provavelmente ele vai precisar de outro.

– Tranquilo – aceno com a cabeça. – Nós damos lá em casa.

– Certo! – Elis continua e se volta para uma mala em cima do sofá. – Coloquei aqui um pequeno “rancho” de fraldas, roupas e outras coisas que ele pode precisar.

– Ou seja, quase todo o armário dele. – alterno os olhos entre a Elis e a mala. Nesse momento tenho a impressão de quando ela se referiu à mala e a malinha, o Antônio é a malinha. Nem quando tenho alguma convenção do banco em outra cidade levo bagagem uma desse tamanho.

– Não, – ela me corrige e continua a falar – é o kit básico para uma noite. Vai junto o travesseirinho e o cobertorzinho dele, são os xodós do Antônio. Deixa eu ver... Ah! Se ele fizer o número dois nas fraldas, troca rápido porque ele pode se assar, mas coloquei a pomada de assadura. – Elis olha para os lados pensando e se volta para mim. – Leite com Nescau...

– Tem lá em casa, eu tomo todos os dias. – Ela fecha a boca e ainda fica pensando. – Calma Elis, é apenas uma noite. Nós não vamos fazer nada de mau para o Antônio.

– Eu sei! Só que isso é... Difícil de digerir, meu filhote na casa do pai... Mas é a vida, os filhos crescem e começam a sair de casa.

– Elis, o Antônio não vai sair de casa, ele vai passar a noite comigo e com a Liv, e amanhã nos vamos devolver ele intacto lá no orfanato. Eu prometo.

– Certo, já estou exagerando aqui. – Ela toma uma respiração profunda e olha para o Antônio. – Vem aqui meu Perereco lindo da mamãe! – Mal ela falou isso e o Antônio estava correndo em sua direção com os bracinhos abertos.

Elis beija, cheira, e amassa o nosso filho por quase cinco minutos e eu fico escorado na parede esperando essa marcação de território. Quando ela perguntou se achava que deveria mandar uma roupa dela para ele se agarrar quando dormisse, e eu tive que intervir falando que ela já estava exagerando na situação.

– Ok, parei! – Ela me alcança o Antônio nos braços e pega a chave do seu carro. E eu pego a minha e entrego para ela. – Colocou o teu aqui dentro?

– Sim, o porteiro me disse o local.

– Quer ajuda para carregar as malas? – A carinha dela de pidona é hilária.

– Não precisa Elis. Vamos Antônio, dá tchau para a mamãe.

Imediatamente ele sorri e acena para ela com a mãozinha gordinha e a Elis fecha a porta. Saímos no corredor e encontramos o Noah saindo do elevador.

– Já vão? Ela sobreviveu? – E aponta para a casa da Elis.

– Melhor levar uma garrafa de água antes que desidrate de chorar. – Falo quase rindo.

– Mulheres, tão exageradas. Tchau, Perereco – Noah se aproxima do meu filho e beija a sua testa.

Descemos o elevador com o Antônio entretido com a minha gravata. Saí do banco e vim direto para cá. No estacionamento, pressiono o alarme e o carro pisca me indicando qual é deles. Coloco a mala no chão do banco de trás e o Antônio na cadeirinha. Perco alguns minutos tentando descobrir qual a ordem de prender aquilo. Muitas possibilidades de prender os engates, que na primeira vez fiz tudo errado e ele não deve ter ficado muito confortável... Refiz a operação e acertei na segunda vez.

Saímos no trânsito em direção à minha casa, a cada dois segundos, observo ele brincando com um pinguim de pelúcia que estava na sua cadeirinha. Com certeza esse bicho já deve ter visto dias melhores, pois um dos seus olhos já estava gasto, e o seu cachecol estava com uma das pontas bem desfiadas.

– Vamos ver o que a Elis tem de música aqui. – Quase morro de susto quando uma música infantil antiga, a todo volume começa a tocar e o meu filho começa a se remexer todo na cadeirinha dançando. – Ah tu gosta de dançar como a tua mãe, é? – Me viro para ele, aproveitando o trânsito parado pelo engarrafamento. Ele dá uma risada alta com isso, ao som da música.

Canto baixinho para ele a música dos cinco patinhos, da Xuxa e ele não para de rir da cena. E assim fazemos a metade do caminho quando ele boceja e eu vejo os seus olhinhos ficarem pesados do sono. Abaixo o som e em menos de dois minutos ele está adormecido.

O trânsito ainda se arrasta por mais uns quarenta minutos à nossa frente. E eu me sinto com a responsabilidade atrás do volante multiplicada por mil vezes. Não é só a minha vida que está nesse carro hoje, e sim a do meu filho também.

Cada vez que penso no Antônio, fico assustado com tanta responsabilidade que se instala na minha cabeça. O senso de ser formador de uma vida e de ter que ser o seu guia para toda a vida é intenso e ao mesmo tempo aterrorizador. Vim de um lar nada convencional, meus pais estavam mais interessados em qualquer tipo de planta medicinal do que cuidarem de mim. Não me espantei uma vez ao escutar da boca da minha mãe, que a planta que era usada para controle de natalidade falhou e eu nasci. O que me espantou não foi isso, foi como eles não testaram uma abortiva para ver se não cortava o mal pela raiz.

Isso tudo me deixa com medo de no fundo ter herdado esse lado indiferente para o filho que meus pais tinham. Quero ser diferente, presente e constante na vida do Antônio. Celebrar com ele cada uma das suas vitórias e estar ao seu lado quando ele tiver alguma derrota. Quero ensinar a ele que a vida não é fácil e que nada vem sem esforço. Tudo o que ele fizer de bom para os outros, vem em dobro para ti, e que ser fizer ao contrário, nada de bom virá para ele.

Eu tento, ao máximo, me doar para ele. Nesses três meses que estamos convivendo, tive que me dividir para dar atenção para ele e para a Liv, sem deixar ambos na mão. E quando consigo juntar os dois, fico animado em ver o entrosamento dos dois. Geralmente no domingo à tarde, o pessoal leva as crianças para a praça perto do apartamento deles para brincarem e eu e a Liv, nos tornamos uma presença garantida em cada um desses momentos.

Depois que me despeço de cada encontro com ele, me sinto renovado. Meu medo de falhar com ele diminui drasticamente e se mantém estável até a próxima visita. Também não posso deixar de mencionar a colaboração da Elis em abrir as portas do seu apartamento para nós. A cada janta ou coisa diferente que eles inventam, ela faz questão da nossa presença, e até mesmo do Luiz, o qual nos acompanha sem pensar duas vezes.

Ela nos recebe de braços abertos. Sua hospitalidade é notável a quilômetros de distância. Ela é autêntica ao extremo, não se importa de atender a porta como fez hoje, ou com os cabelos cheios de elásticos coloridos de quando a Fofinha está bancando a cabeleireira nela. Sua casa é uma bagunça organizada, foram poucas as vezes que a vi e tive vontade de arrumar. Ainda mais porque segundos depois, tudo está esparramado novamente.

Nossas conversas são frequentes, conversamos sobre tudo. Até sobre as minhas burocracias ela fica interessada de escutar, ainda opina algumas coisas que levo em consideração e consigo aplicar no ambiente de trabalho. Elis me fala dos seus eventos, da sua paixão por cozinhar e o prazer que sente em ser nutricionista e ajudar as pessoas com problemas alimentares a recuperarem a vontade de comer saudavelmente.

Aos poucos fui percebendo como nos damos bem. Somos diferentes, ela cheia de energia, alegre e indiferente aos que a acham uma maluca, já eu, metódico, arrumadinho e pensativo sobre tudo. O avesso um do outro, mas por incrível que pareça, muita afinidade. Às vezes tenho a impressão que meus pensamentos são mais entendidos pela Elis do que pela a Liv.

Eu e a Liv, somos iguais em quase todos os aspectos. Nossa personalidade é parecida, trazemos paz e tranquilidade um ao outro, tanto que cheguei à conclusão que vivemos uma monotonia saudável.

Abro o portão do meu prédio e me identifico para o porteiro que não reconhece o carro. Estaciono na minha vaga e com um pouco de dificuldade consigo pegar a mala e o Antônio, que ainda dorme agarrado no pinguim de pelúcia e subimos para o apartamento.

Mal coloco a chave na porta e a Liv a abre, me pegando de surpresa.

– Vocês demoraram tanto que eu já estava preocupada.

– Elis se despedindo e o trânsito. – Coloco a mala em cima do sofá simples, e o Antônio eu deito no grande.

Abro a mala, pego o seu travesseiro e o cobertorzinho e o arrumo. E então ficamos eu e a Liv olhando ele dormir.

– E ele está aqui. – Ela fala animada me abraçado de lado.

– Está. – Beijo a sua cabeça com um orgulho apontando dentro de mim. – Que cheiro bom, fez comida?

– Sim, achei que para a primeira visita do Antônio aqui merecia bem mais que pizza congelada ou outra coisa que estiver no fundo da geladeira. Fiz uma coisa simples, e acho que ele vai gostar.

– Ele eu não sei, mas eu já estou gostando. Estou morrendo de fome.

– Então vai fazer alguma coisa, porque ainda não está pronto e....

Ouvimos um resmungo seguido por um chorinho manhoso. O Antônio acordou e não está reconhecendo a casa. Corro ao seu lado e puxo ele para o meu colo, ele se agarra em mim e continua soluçando e chorando.

– Calma aí, carinha. – Ele olha para mim com os olhos cheios de lágrimas e um beicinho de choro formado. – Eu e a tia Liv estamos aqui. – Olívia se senta ao nosso lado e o Antônio se deita no meu ombro.

– Estranhou a casa, Antônio. – Liv fala fazendo carinho nos seus cabelos e ele suspira baixinho. – Vamos mostrar a casa para ele Cae.

Começamos a caminhar com ele pelo apartamento e conversar baixinho para chamar a sua atenção para alguma coisa que achávamos que ele ia se interessar. Claro que a única coisa que realmente o soltou, foi no escritório onde o material de pintura da Olívia estava espalhado por todos os lados deixando o ambiente cheio de potes coloridos.

– Depois nós viremos aqui brincar um pouco com as tintas, vamos fazer uma pintura para a mamãe, o que acha? – Ele se mexeu no meu colo pedindo para ir para o chão. Se eu deixasse isso acontecer, teria tinta espalhada até pelo teto do apartamento.

Voltamos para a sala com o Antônio menos desconfiado com a casa. Coloquei ele sentado no sofá e entreguei os brinquedos que havia comprado. Um carrinho que faz barulho e anda sozinho e um sapo que canta a música do “sapo não lava o pé”, achei que ele iria gostar, já que todos chamam ele de Perereco e ele gosta dessa música.

Como eu previ, ele riu bastante do sapo e ficou entretido com o carrinho até a Olívia me dizer que a comida estava pronta.

E nesse momento ele se transformou na criança ativa que nós conhecemos. Começamos a brincar de gato e rato pela casa, ele correndo e explorando todos os cantos possíveis e impossíveis dentro do apartamento, e eu com o prato de comida atrás dele.

– Não sobe aí! – Falo para ele escalando o guarda-roupa como se subisse uma escada. – Tu está todo sujo de feijão, até nos cabelos têm e vai sujar as roupas.

Antônio, olha para mim, e como se entendesse o que eu estava falando, esfrega o rosto sujo nas roupas limpas que estava no guarda-roupa. E eu me deixo ser amparado por um suspiro, e amanhã, colocar as roupas para lavar de novo.

– Seu safadinho. – Agarro ele pela barriga e trago de novo até a sala. – Agora vamos comer decentemente aqui. Abre a boca.

Chego com a colher na frente dele e ele olha para mim, sorri e não abre a boca. Mas será que hoje ele resolveu me contrariar? Geralmente mal tiro a colher do prato e ele já está com a boca

mais aberta que pode.

– Abre a boca. Ou eu vou comer. – Levo a colher à minha boca e grito a Olívia. – Isso está bom mesmo!

– Obrigada! – Ela responde da cozinha e eu volto para o meu filho.

– Mais uma colherada e eu te levo para brincar nas tintas. – Que lindo AC, partindo para o suborno com uma criança de um ano e nove meses.

E claro que ele entende que é uma beleza, pois abriu a boca maior que um container e comeu mais umas cinco colheradas sem reclamar. Levo o prato para a cozinha e como prometido, vou até o escritório e pego algumas tintas em cima da mesa e algumas folhas que tenho de rascunho que pego do banco para não ir fora ainda sem usar o outro lado.

Me sento no chão e espalho as coisas em cima da mesinha de centro que temos. Ligo a TV na Dora aventureira e o Antônio chega a ter os olhos brilhando com a quantidade de tinta e cores à sua frente.

Deixo ele a vontade. Misturando as tintas, rindo com a bagunça e esfregando no papel depois. Deveria ter forrado o chão, e até mesmo o sofá antes de ter feito isso, pois tenho a nítida impressão que toda a sala estará suja de tinta no final dessa brincadeira.

Olívia assume o posto por alguns minutos enquanto eu janto. Lá da cozinha eu escutava a risada dos dois na bagunça que estavam.

Quando voltei para a sala, não sabia qual dos dois estavam mais lambuzados de tinta, até sem sapato o Antônio estava e com o pé todo sujo, parecia que havia enfiado na mistura de tinta.

– Olha o que nós fizemos, Cae. – Me sento em uma das pontas menos sujas do sofá e a Liv me entrega uma folha com a mão do Antônio pintada e um “papai” e o nome dele em letras deformadas. – Peguei o dedinho dele e fiz ele escrever.

– Ficou lindo. – Meu sorriso de orelha a orelha não me deixa falar nada, além disso.

– Fizemos um para a Elis também. – Pego a folha e vejo o seu pé e com as mesmas escritas.

Não resisti e me juntei a eles na pintura. Parece que estávamos entre três crianças da mesma idade. Aproveitamos que as tintas são laváveis e não tóxicas e pintamos o rosto um do outro. Eu fui o que mais sofri na mão dos dois, ainda mais que eles uniram forças para me pintar. Fizemos um palhacinho nele, e logo depois partimos para a Liv e pintamos o seu rosto de rosa e amarelo. Não resistimos e tiramos uma foto na câmera, e eu não vejo a hora de poder imprimir ela e colocar na minha mesa de trabalho.

– Ok, chega de bagunça, hora do banho enquanto eu tento limpar isso aqui tudo. – Liv começa a juntar as coisas e eu levo o para o banheiro.

Ligo o chuveiro até a temperatura chegar a uma aceitável, me ajoelho na sua frente e o dispo. Quando tiro as suas fraldas, vejo que estão secas. E então sinto um líquido quente escorrendo pela minha coxa por cima das minhas calças.

– Eu não acredito que tu esperou tirar a fralda para me mijar. – Ele ri e termina de fazer o

serviço em mim. – Agora vou ter que tomar banho junto contigo.

Tiro a minha roupa e atiro em algum canto no banheiro. Ai as minhas calças novas que estava usando pela primeira vez hoje, além de sujas de tinta, agora de xixi de criança.

Tomamos banho juntos, consegui tirar toda a tinta dele, com muita luta, e acredito que tenha conseguido tirar a minha. Enrolo o Antônio em uma toalha e o sento no vaso enquanto junto às roupas para colocar no cesto de roupa suja e me enrolo em outra. No quarto eu percebo que deixei a mala dele na sala com as suas roupas e aproveito que ele está entretido com alguma coisa que ele achou em cima da cama. E saio só de toalha para buscar as suas coisas.

– Tem como salvar o sofá? – Falo para a Olívia que está agachada com uma esponja limpando uma ponta.

– Sim, só limpar direitinho que sai.

– Acho que ele está se divertindo, não é? – Pergunto para ela.

– Acredito que sim, com certeza foi divertido brincar com as tintas.

– Vou colocar roupa nele e volto para te ajudar. – Saio para o quarto e quando olho ao redor, nem sinal do Antônio por aqui.

Abro o banheiro e nada. Me permito entrar em pânico por alguns segundos. A primeira coisa de que eu me lembro das nossas janelas, nenhuma tem grade de proteção. Quando compreí o apartamento não quis colocar para não ser um gasto desnecessário.

Saio do quarto e começo a olhar em todos os cantos, e quando chego até o escritório respiro aliviado de ver ele sentadinho, pelado e com dois potes de tintas abertos no chão. Suspiro e começo a rir de alívio por ver ele são, salvo e sujo de tinta novamente, mas bem.

– Seu fugitivo. – Ele me vê, levanta rapidamente como se soubesse que fez alguma coisa errada e sai correndo, não deixando eu nem chegar perto dele.

– Tem um Perereco pelado correndo pelo apartamento, e todo sujo de tinta de novo! – Olívia fala rindo e quando chego na sala, ele está nos seus braços e ambos se sujando um no outro.

Desisto de correr atrás dele e deixo a Liv o levar para o banho novamente. Consigo colocar roupa e deixar tudo a postos para quando o fugitivo pelado voltar, esteja preparado para a batalha de colocar roupa nele.

Liv me entrega ele enrolado na toalha e rindo de alguma coisa que ela falou para ele. Coloco ele em cima da cama, o seco e com muitos erros para poucos acertos, consigo colocar a fralda e o seu pijama de carros que estava na mala.

– Pronto. Limpo e cheirosinho. – Dou uma fuçada no seu pescoço e ele se esquiva todo. – Vamos para o sofá olhar a Dora que já está na hora de tu ir dormir.

Só que isso não acontece. Ele olha três episódios da Dora e mais outro programa pior que ela, e continua, com os olhos de cores diferentes, bem alerta para nós dois.

– Acho que ele dormiu demais no carro. – Falo já bocejando. – Se a Elis estivesse aqui já

teria inventado alguma coisa para gastar a energia dele. Olívia?

Olho para ela, já dormindo no outro sofá, nem ela aguentou.

– E aí carinha, nada de sono ainda? – Antônio para, vira o rostinho para o lado e fica me olhando. – Pelo visto não.

Levanto do sofá e ele levanta junto, e sai para pegar o seu brinquedo de carrinho que eu me arrependi de comprar, porque ele faz barulho demais e estridente que chega a doer nos ouvidos.

Deixo ele brincando e levo a Olívia rápido para a cama. Coloco ela deitada e a cubro com o edredom e volto para a sala.

– Pelo visto vamos ter noite de baile hoje. – Me sento no chão e começo a brincar com o Antônio, fazendo todas as vontades dele, até que ele não aguenta mais ficar com os olhos abertos e o sono o vence.

Espero ele adormecer bem no sofá para só depois o carregar para a cama ao lado da Olívia. Dou um beijo na sua cabeça enquanto o cubro com o seu cobertorzinho e deixo a porta do quarto aberta com a luz do corredor ligada, para caso ele acordar, não se assustar com a escuridão total.

Volto para a sala e termino de limpar a bagunça que ficou, faço uma geral na cozinha e no escritório onde ele derramou tinta. E depois de tudo aceitavelmente organizado me permito deitar no sofá com um travesseiro e coberta e durmo no momento em que descanso a cabeça, mas orgulhoso de mim mesmo por ter o meu filho na minha casa por algumas horas.

Capítulo 21

– Elis, se tu falar mais alguma vez do AC, eu juro que vou te afogar na piscina lá de casa hoje. – Noah vira uma dose de bebida de uma vez só.

– Parem de brigar vocês dois. – Su se intromete e pega o copo da frente do Noah.

– Mas é verdade – ele fala depois de fazer uma careta após engolir o líquido. – Deus no céu e AC na terra.

– Que exagero – repito o gesto do Noah, e faço uma careta pior que a dele. – Só estava falando como ele é um anjo e faz tudo que eu peço para o Antônio.

Não dou continuidade ao assunto e, ao invés disso, peço outras doses para o garçom que olhou para a nossa direção.

Estamos em um bar, bebendo eu e o Noah, e colocando a conversa fora como todos os amigos fazem. Eu e a Su estamos de arrasar corações, mas um certo Noah marcando o território na nossa volta, não deixa ninguém se aproximar de nós. Nem que seja para falarem comigo.

– Queria saber como estão a Fofinha e o Yago. – O suspiro da minha amiga soa como se estivéssemos há uns cinco anos sem ver os nossos filhos e não apenas algumas horas. E com isso o meu “alerta mãe” foi acionado e me pego na mesma situação.

– Queria o meu Perereco...

Noah, desafiando o amor à própria vida, pega os nossos celulares, que ele confiscou antes de sairmos, olha as telas e os guarda novamente no bolso.

– Nenhuma mensagem ou ligação. As crianças estão bem.

– Só que vocês vão chegar em casa e as crianças vão estar lá, o meu está longe! Vai passar a noite fora! Será que ele está bem agasalhado e coberto? Ou o AC se lembrou de usar o cobertorzinho que ele gosta. Sabia que deveria ter colocado na mala uma roupa minha para ele sentir o meu cheiro...

– Elis, o Antônio não é filhote de cachorro que quando se separa da mãe se faz isso. E amanhã à tarde ele vai estar contigo novamente. – Su bebe uma coca-cola com limão e gelo e volta a falar. – E tu não estava se gabando que o AC vem se saindo melhor que a encomenda? – Ela faz uma cara de deboche para mim e o Noah ri.

– Eu sei, mas mesmo assim. Sou mãe e preocupação é o meu nome do meio. Elis Preocupação Anzelotti.

– Chega vocês duas, vamos dançar um pouco. – Noah puxa a esposa pela mão e eu vou atrás dos dois.

Claro que estamos em uma área VIP quase fechada. Essa foi a única exigência do Noah para essa noite. Já que na última vez que saímos, ele não gostou da multidão perto da Fofa. Ciumento além do aceitável!

Eu fico responsável por carregar o candelabro, já que vela é pouco para mim. Eles mais

ficam se curtindo do que dançando em si, mas eu aproveito e me extravaso dançando como se não houvesse ninguém me cuidando.

Minha vida está ótima, vejo a evolução gradualmente dos meus pacientes a cada consulta deles. As crianças no orfanato estão bem e indo para cama alimentadas o suficiente. A Sarah está cada vez mais linda e aprendendo a lidar com as diferenças entre as colegas e ela, ainda mais depois que eu fui à direção e cobrei mudanças dos professores para que não ocorressem mais brincadeiras maldosas. O Yago também está super bem na escola e voltou a ser o nosso anjo carinhoso. Realmente parece outra criança em comparação com a que estávamos lidando no início do ano letivo. A Fofinha está cada vez mais fofa, se é que isso é possível. E o Antônio continua o meu Perereco risonho e festeiro de sempre.

Também há o fato do AC estar presente nas nossas vidas.

Nossa, nem nos meus sonhos mais delirantes, achei que conseguiríamos fazer isso funcionar corretamente como estamos fazendo. Nos adaptamos tão bem que chega a ser assustador o jeito que muitas vezes compartilhamos o mesmo pensamento.

Como eu disse para ele hoje antes de sair, a Olívia é uma mulher de sorte por ter ele como marido. Ele e o Noah fazem uma disputa acirrada para saber qual dos dois é o mais atencioso. Digamos que a única perda de pontos do Noah, é que ele deixa as crianças fazerem o que derem na cabeça, mesmo que possam se machucar, o AC já é menos tolerante e eu já vi ele dizer alguns “nãos” para o Antônio que o Noah diria sim sem pensar duas vezes. E eu aprovei a conduta dele.

Essa situação toda está se resolvendo da melhor forma possível e por isso, hoje, me dei o direito de aproveitar a noite.

Danço sozinha mesmo a ponto de não sentir mais os meus pés pelo fato de estar usando um salto altíssimo. Noah e a Su voltaram para a mesa e nem me atrevo a me virar para eles e ver uma cena melosa de troca de afeto entre os dois. Capaz de eu vomitar de tanto doce que será a cena.

Se antes eu reclamava por ser livre, leve e solta, hoje levanto as mãos para o céu de não ter mais ninguém na minha volta a quem eu tenha que dar satisfações da minha vida, além do meu filho. De uma festeira e namoradeira nata, me tornei quase uma santa. Se fosse virgem, poderia me inscrever em algum convento para passar o tempo.

Minha vida está no eixo, contas em dia, um carro bom e um apartamento melhor do que as minhas necessidades demandam. Um filho lindo, carinhoso, com saúde e tantas outras coisas que estão bem na minha vida. Então para que mudar tudo isso me envolvendo com alguém? Não, muito obrigada, quero ficar com a minha constante e boa rotina.

– Elis. – Noah chega ao meu lado e fala no meu ouvido, já que a música está alta e eu estou em sintonia total com a que está tocando. – Vamos porque amanhã temos que estar cedo da tarde no orfanato.

– Dança essa comigo, Noah. – Pego a mão dele e puxo mais para a pequena pista de dança que tem nessa área.

– Para, Elis!

– Deixa de reclamar e dança comigo! Só uma! Aguentei vocês se comendo o tempo todo na minha frente, agora vem dançar comigo.

Me viro para a Su e ela só acena a cabeça rindo de nós dois e me dá o aval para dançar com o seu marido essa música.

Grudo o meu corpo no dele e começamos a dançar. Deixamos a música nos embalar e começo a cantar com entusiasmo que sempre tenho quando gosto letra. Noah chega a se afastar de mim algumas vezes, mas eu o puxo de novo até que ele se rende e dança meio sem jeito comigo.

– Deixa de ser besta e dança comigo, Noah. E me agarra que tem uma mulher te comendo com os olhos do nosso lado.

O bar começou a ficar mais lotado e com mais pessoas na área VIP que perderam a demonstração de afeto em público dos dois e, pelo visto, a mulher que está dançando no nosso lado está mais interessada no meu parceiro de dança do que na festa em si.

– Não vou te agarrar, Elis. Quer que eu morra nas mãos da Su? Tenho dois filhos para criar ainda.

Olho para a Su que está nos cuidando de longe e aponto para a mulher ao nosso lado com um aceno de cabeça. Como a nossa comunicação foi evoluindo conforme a nossa amizade se firmava, não preciso de palavras para entender a expressão da minha amiga e entendo a expressão dela.

Como uma mulher apaixonada nos braços do seu amor, me enrosco no Noah e quando olho para a mulher, ela está nós observando e dançando como se fosse uma minhoca, sem osso nenhum para sustentar o seu corpo e totalmente virada para o lado onde o Noah está dançando.

– Impressão minha ou ela quer chamar a minha atenção? Ela parece uma mola de caminhão em uma pista cheia de buraco de tanto que se mexe.

– Agarra a minha bunda na hora que eu virar para o lado dela. – Falo e o Noah olha para mim desconfiado.

– Bebeu água da privada suja? Por que eu vou agarrar a tua bunda? Ainda mais seca desse jeito, sem comparação com a da Fofa e...

– Cala a boca e marca território meu filho. É agora! – Me viro trazendo o Noah junto com o clímax do final da música e o Noah, no desespero e susto com o meu movimento rápido, se agarra na minha bunda.

Inesperadamente, ele me curva e quase me deixa de ponta a cabeça, o ângulo perfeito para eu ver a mola-minhoca sem osso, fechar a cara e sair para o outro lado da pista. Começo a rir compulsivamente da cena e da cara do Noah de nojo por ter apertado a minha bunda a contragosto.

– Acho que vou amputar as minhas mãos! – Ele fala meio bêbado e enrolado, quando voltamos para a mesa.

– Eu não acredito que vocês fizeram isso! – Su fala limpando as lágrimas de tanto rir da

nossa encenação na pista de dança.

– Acho que vou vomitar. – Noah olha para a esposa com uma cara de cachorro sem dono. – Fofa, eu apertei a bunda da Elis e foi uma sensação horrível, é osso puro!

– Me sacrifiquei por ti Noah, aquela bruaca estava de olho no marido da minha melhor amiga e eu precisava agir.

– Quero apertar a tua bunda Fofa, me livrar dessa sensação... – Noah choraminga como uma criança, e eu volto a rir.

– Vamos embora que em casa tu aperta, ursão. – Su sai puxando ele pela mão e saímos da boate ainda rindo da encenação toda.

Claro que o Noah não esperou até chegar em casa para fazer aquilo com a esposa. No elevador mesmo já se grudou com a Su, parecia que haviam se colado com aquelas super colas e que nada poderia os desgrudar. Mais uma vez tive que mandar os dois se comportarem, pois as câmeras de segurança estavam ligadas e eu não queria acabar em nenhum site de vídeos para maiores de idade se eles não conseguirem se segurar até chegarem em casa. Quem vê diz que os dois estão bêbados.

Caio na cama de roupa mesmo, tiro os saltos e os atiro no chão. A minha cama está com o cheirinho do sabonete e shampoo do Antônio porque ele dormiu comigo noite passada. Me agarro no travesseiro que ele dormiu com saudade do seu cheirinho e pego no sono no mesmo instante.

Por AC

– Vai Antônio, acorda o papai. – A voz da Liv soa distante de mim e eu sinto um tapa no meu rosto. – Isso, de novo que ele acorda.

Ouçó a risada dos dois e lentamente abro os meus olhos e recebo outro carinho delicado do meu filho.

– Bom dia, já acordei! – Murmuro e aproveito que os dois estão praticamente em cima de mim e os puxo para o sofá comigo. – Sanduíche de Liv e Antônio.

Beijos os dois e os amasso em um abraço gigante. Meus amores grudados em mim, não preciso de mais nada para ser feliz. *Se bem que a Elis...*

Meu subconsciente sussurra para mim e eu me assusto com a procedência de onde esse pensamento saiu.

– Algum problema? – Liv pergunta para mim, devo ter ficado com alguma cara estranha depois do pensamento que tive.

– Nada não. – dou mais um beijo nos seus cabelos e foco a minha atenção no meu filho que está sorrindo para mim. – Como vocês dois dormiram?

– Muito bem, não é Antônio? Acordei com ele enfiando os dedos nos meus olhos e sorrindo para mim. Melhor jeito de acordar não há.

Ficamos aninhados no sofá por um bom tempo. Liv foi a primeira a se levantar e foi fazer o café da manhã para nós. Antônio se enfiou dentro das minhas cobertas e deitou em cima do meu peito para assistir um pouco de televisão enquanto ainda estava sonolento. Para o meu desespero, dois episódios da Dora e mais metade de outro desenho, que eu não quero nem saber o nome, para não ter perigo de ligar para a emissora e cancelar aquilo. Ainda bem que eu estava mais focado naquele pensamento que surgiu a Elis no meio.

É fato que ela se tornou uma presença constante e que nossas vidas estão entrelaçadas por toda a eternidade tendo Antônio como elo. Mas a considerar como uma das pessoas que eu não dispenso para a minha felicidade não seria um pouco extremo demais?

Estaria mentindo para mim mesmo se dissesse que, naquela época, não tivesse ficado completamente arrasado com a mudança dela e a possibilidade de ter uma história ao seu lado reduzida a pó instantaneamente. Até a Olívia se sentiu muito culpada quando eu contei a história para ela e o desfecho que teve.

Hoje a história é outra. Ela continua solteira e sem ninguém com quem esteja envolvida, até porque ela não tem papas na língua e fala isso até para os pássaros que pousam nas grades de sua janela. E sim, eu já vi essa cena acontecer.

E quanto a mim que hoje sou casado? E tenho uma aliança no dedo da mão esquerda com o nome da Olívia gravado. Onde me coloco nesse meio todo? E aí começa o meu dilema, porque eu não tenho a mínima ideia de onde ficar no meio de tudo isso. Se ao lado da minha esposa e a nossa vida tranquila e pacata ou aproveitando as doses exageradas de loucuras da Elis, que não faz nenhum dia ser igual ao outro e com quem qualquer dia de sol é motivo para a maior felicidade do mundo. E ao lado de quem o meu filho se encontra.

Os pensamentos chegam à minha cabeça como um turbilhão, tanto que eu me sinto entrar em pânico por alguns instantes. Deixo o Antônio no sofá entretido com a TV, saio para o banheiro e assim começo o meu dia sem deixar que esses pensamentos voltem à tona novamente.

– Alô? – Atendo o meu telefone, de um número completamente estranho, quando entrego o leite com chocolate para o Antônio que enfia na boca o copo com bocal como se não tivesse jantado ontem à noite.

– AC!? É a Luiza! Me diz que tu tem alguma notícia do meu pai, antes que eu pegue um avião para a Argentina e coloque algum cartaz de recompensa em rede internacional! Desde ontem ele não me atende e eu estou a ponto de surtar!

– Oi Luiza, falei com ele ontem à noite mesmo. Ele estava no hotel bebendo no bar. – Ouço a respiração de alívio dela do outro lado da linha e conseqüentemente, do outro lado do oceano.

– Aquele idiota ainda vai me matar ou me dar uma úlcera nervosa!

– Não era para ser o contrário essa história? Ele ter uma por tua causa? – Rio ao telefone.

– Não, eu tenho mais cabeça que ele. Até hoje não sei como ele ainda é psiquiatra, se quem precisa de um é ele! – Boa pergunta, questiono mentalmente. – Sabe o que ele foi fazer na Argentina? Aposto que ele não te contou.

– Eu imagino que seja pelo fato que ele e a tua mãe estariam fazendo vinte anos de casado e passaram a lua de mel por lá...

– Sim! Agora vê se isso tem cabimento? Ele fez as malas para ir sozinho em locais que foi com ela. Meu Deus AC, a minha mãe está morta há mais de dez anos e ele ainda não consegue tocar a vida! Vive à custa das lembranças deles!

– Eu sei... – tento falar, mas ela me corta. Seria esse jeito de não deixar as pessoas falarem genético?

– Agora me diz como aguentar isso? Amo o meu pai de paixão, mas nem eu aturo mais ele! Ainda mais quando ele inventa essas viagens de auto piedade. Por que ele não consegue ser um homem normal que sei lá... uma vez que outra vá à uma casa e pague uma mulher que fique com ele por algumas horas! Seria mais saudável!

– E adianta falar alguma coisa para ele?

– Não! Tenho vontade de bater com um gato morto na cabeça dele, até o bicho ressuscitar. Mas nem isso iria adiantar. – Ouço a risada irônica dela. – Mas enfim, se ele deu notícias para ti eu fico mais aliviada. Se conseguir falar com ele, diz que a filha dele ainda existe e precisa de notícias.

– Pode deixar Luiza, eu aviso sim.

– Obrigada AC. Tchau. – E desliga o telefone. Pelo jeito não sou só eu que tenho problemas com o Luiz.

Ele pode ser um ótimo amigo, ajuda todos a sua volta sem pensar duas vezes, mas quando o assunto é mudar a vida dele, a história é outra e não há ninguém no mundo que o faça entender. Para ele, a sua vida acabou no momento em que a sua esposa morreu naquele acidente de carro, e por isso, ele se fechou para qualquer tipo de relacionamento de uma forma que só ele não enxerga o mal que está fazendo para si próprio.

Mandar os outros mudar de vida é fácil, mas ele mesmo fazer isso?

Com o tempo aprendi que nunca sabemos o dia de amanhã. Hoje podemos estar aqui conversando, brincando com quem amamos e no outro dia, estar sozinhos. A vida é a coisa mais frágil que temos, e por questão de segundos, podemos a perder para sempre.

Volto para a sala, onde o Antônio ainda está deitado e mais uma vez sinto o meu coração se apertar. Ele se tornou parte da minha vida no momento em que coloquei os meus olhos nele. Faço um carinho nos seus cabelos loiros, iguais aos da sua mãe e isso faz com que ele desvie os olhos da TV e olhe para mim sorrindo. Beijo a sua cabeça e ele me empurra querendo voltar a ver o desenho. Beijo ele mais algumas vezes a ponto de ouvir uma reclamação em forma de um ensaio de choro e deixo ele em paz para terminar de tomar o seu leite.

Vou para a cozinha para começar a tomar o meu café com a Liv.

– Quem era no telefone? – Ela pergunta enquanto corta um pedaço de bolo.

– Luiza. Parece que o pai dela está evitando atender aos telefonemas dela.

– Pensei que fosse a Elis perguntando do Antônio. – Nego com a cabeça, espero ela virar a

atenção para o outro lado e roubo o seu pedaço de bolo.

A preguiça do Antônio durou pouco. Mal acabamos de limpar a louça do café e ele já estava correndo pelo apartamento com energia total. Levei uns bons vinte minutos para conseguir trocar a fralda dele e tirar o pijama. Deitava ele na cama, e quando me virava para pegar alguma coisa, ele escapava de mim e saía correndo e lá ia eu catar o Antônio que achava isso muito engraçado.

Olívia me pede para ir ao mercado perto de casa para comprar algumas coisas que faltavam para o almoço. Como é menos de uma quadra de distância do prédio, e o dia está agradável, levo o Antônio junto no meu colo para ver se distraio ele por alguns minutos.

Ledo engano...

Ele ficou se contorcendo no meu colo assim que coloquei os pés dentro do mercado pedindo para ir para o chão. Por alguns segundos pensei naquelas coleiras que existem para as crianças, para não ter perigo de as perder nas lojas e vejo se não há nenhuma a venda por aqui. Levei três vezes mais tempo para comprar meia dúzia de coisas, correndo atrás do Antônio por entre os corredores. Faço uma nota mental para agradecer e dar os parabéns para a Elis por conseguir dar conta de tudo em casa com o Antônio com tanta energia assim.

Depois do almoço, Antônio tira uma soneca e eu consigo dar uma descansada de cinco minutos, sentado no sofá, após limpar toda a cozinha, e o prato de comida que ele derrubou no chão por um segundo de descuido meu.

Com muita briga com os cintos, o prendo na sua cadeirinha no banco de trás do carro e seguimos para o Orfanato perto da casa da Elis, onde combinamos de nos encontrar para entregar o Antônio.

Fiquei surpreso quando descobri que os três faziam trabalho voluntário com as crianças carentes. Elis ajudando na dieta, Su ensinando música e o Noah lecionando inglês. Já imaginava que eles faziam algo desse tipo, mas não imaginava que se dedicavam com tanto afinco assim. Pelo que entendi, hoje é um tipo de apresentação das crianças e elas vão se apresentar para os funcionários e voluntários.

Chegamos e nos identificamos no portão para o porteiro que autoriza a nossa entrada. Antônio fica em estado de alerta total, reconhecendo o local que estava entrando. Ele pede para ir para o chão e eu o libero no momento em que cruzamos o portão de entrada. Ele sai correndo pelo pátio e quando eu começo a caminhar para o resgatar, vejo o Noah o pegando no colo.

– Olha quem chegou aqui. Um Perereco perdido. – Me aproximo dos dois com a Liv de mãos dadas comigo. – E aí AC, conseguiram sobreviver?

– Foi um desafio e tanto. – Noah ri de nós. – Mas acredito que nos saímos muito bem.

– Peleleco! – Ouvimos o gritinho da Fofinha que caminha em nossa direção.

Noah coloca o Antônio no chão que vai se explicar com a Fofinha onde estava, ela pega a sua mão e começam a caminhar.

– Pode deixar eles soltos? – Questiono vendo os dois entrando por uma porta e sumindo

das nossas vistas.

– O dois? – Noah ri. – Sim, daqui a pouco eles vão ser disputa da atenção das crianças. Estão mais cuidados do que fossem por nós mesmos. Pode me ajudar a carregar algumas coisas?

– Claro. – Digo sem hesitar. Olho para a Olívia que está observando tudo na volta.

– As meninas estão lá dentro. Yago! – Noah chama o seu filho que aparece em cima do pequeno palco montado escondido por entre algumas caixas e instrumentos. – Leva a Liv lá para dentro.

Yago desce do palco com um pulo e sorri para a Olívia e a leva para dentro do orfanato, nos deixando sozinhos.

– Então... – Noah puxa assunto depois que começamos a descarregar algumas coisas em cima do palco. – Como está sendo a vida de pai?

– Agitada. O Antônio tem uma energia e tanto. Eu e a Liv somos tranquilos e a presença dele mexeu com a nossa rotina.

– Sei como é isso. Mas posso confirmar que tudo isso é gratificante. Quando comecei a ser pai, não foi nada fácil, passamos por alguns problemas e várias vezes estivemos a ponto de quase perder tudo.

– A Elis me contou a história de vocês. É emocionante, daria um livro, com direto a final feliz.

– Hoje olhando para trás percebo isso. – Ele suspira e olha para mim. – No final tudo valeu a pena.

Voltamos a carregar as caixas e quando olho para a porta, vejo a Elis saindo com o Antônio nos braços. Por alguns instantes perco a noção do local e o mundo que me encontro na imagem dos dois.

– Família é a melhor coisa que a gente tem, AC. E conseguir formar uma, já é meio caminho percorrido para a felicidade.

As palavras do Noah batem fundo no meu peito me tirando o ar dos pulmões. Elis está parada no pátio com a luz do sol brilhando parelho com a energia que o reencontro de mãe e filho, acontecendo nesse momento, proporciona. No meu inconsciente a palavra família ecoa constantemente associada com a imagem dos dois se abraçando e rindo um para o outro. E eu me sinto, mais uma vez, em um beco sem saída.

Capítulo 22

Por AC

– Não estou pedindo a tua permissão, Cae. – Vejo a Olívia dar os ombros e colocar mais uma peça de roupa dentro da mala. – Só estou informando que segunda começo a trabalhar com o André.

Fecho a minha e coloco perto da porta. Por insistência da Elis, estamos indo com eles para a fazenda dos seus pais. Quando ela fez o convite para nós, após sairmos do orfanato aquele dia, eu agradeci e disse que não seria uma coisa muito agradável. Imaginei a cena de quando fosse apresentado aos pais dela e como seria a minha recepção.

– Ele não era o cara que tinha o cabelo pintado de rosa nas pontas, usava maquiagem dark e um piercing na sobrancelha? – Questiono.

– Esse mesmo! Ele abriu um estúdio de tatuagens, mas só trabalha com a arte e agencia os tatuadores. Aí quer expandir os negócios para a parte de pinturas e artes plásticas. E ele não tem mais um piercing na sobrancelha, e os cabelos estão normais.

– Que seja. Onde vocês se reencontraram?

Olívia dobra mais algumas roupas e coloca na sua mala.

– O estúdio dele é aqui perto, sempre que passo na frente eu dou uma chegada para conversar. Ele é um dos únicos que eu mantive contato depois de tudo e não fica me fazendo perguntas sobre o que aconteceu. Conversamos sobre trabalho, arte e coisa do tipo.

– Só não entendo essa vontade repentina de trabalhar. – Me escoro na parede e fico observando ela terminar a sua bagagem. Partiremos amanhã pela madrugada.

– Não é repentina, Cae. Estou mais confiante comigo mesma e bem entediada de ficar dias inteiros dentro de casa. Me sinto sufocada às vezes. E ele me disse que estava precisando de alguém para gerenciar essa parte enquanto ele se adapta a essa mudança de foco.

– Tu já voltou a pintar. Até já vendeu alguns quadros. – Me aproximo dela, sento na cama ao lado da sua mala e continuo a falar. – Pensei que estivesse feliz com isso.

Liv senta ao meu lado e minhas mãos procuram as delas.

– Eu estou feliz com os meus quadros. Mas ainda falta algo dentro de mim, uma coisa que eu venho procurando há muito tempo, Cae. Pode ser um pouco de independência ou... – ela para de falar, balança a cabeça e me deixa mais confuso com tudo. – Que seja, – Olívia sorri para mim – o André precisa de ajuda e eu quero ajudar. Ele sempre foi um colega e tanto na faculdade.

– Ele sempre teve uma queda por ti, isso sim. Te chamava de Princesa.

– Ele sempre foi gay e tu marcava território naquela época. E ele só me chamava assim por causa daquela peça que encenamos no primeiro semestre da faculdade. Eu era princesa e ele o plebeu. – Ela sorri e encosta a cabeça no meu ombro.

Dou um beijo na cabeça da Liv e nos levantamos. Puxo ela para um abraço demorado e falo baixinho ao seu ouvido.

– Tu está diferente. Mas de um jeito bom.

– Essa é a intenção. – Ela me dá um sorriso e me empurra. – Agora deixa eu arrumar a minha mala e depois me preparar para segunda começar a trabalhar.

.

– Bom dia. – Falo para a Elis quando ela sai do carro com uma cara de poucos amigos.

– Ainda é noite. São cinco da manhã. – Ela senta no banco de trás do carro e abre o vidro.
– Oi Liv. AC tu dirige.

– Mas eu não sei como se chega lá. – Respondo para ela que já estava fechando o vidro. Por sorte o carro do Noah já estava parado ao lado do dela.

– Bom dia gente, a Elis só é sociável depois das sete da manhã, é só não olhar para ela, falar com ela e especialmente não respirar ao lado dela. Se fizerem isso vocês sobrevivem. – Ouço a Elis falar alguns palavrões para o Noah e ele revidar a mandando calar a boca.

Converso com o Noah o roteiro para a fazenda e saímos minutos depois, com ele guiando o caminho. Pelo retrovisor, vejo o Antônio dormindo com uma coisa saindo de dentro da sua roupa de cima.

– Elis, o que é aquilo ali? – Falo arriscando a minha vida.

– Ele estava com um pouco de febre ontem à noite. Só estou checando se persiste.

– Não é melhor ficar em casa por causa disso? – Minha última esperança em sobreviver a esse final de semana.

– Febre e criança são duas palavras comuns na mesma frase. Aposto que quando chegarmos lá em casa ele vai sair e brincar como se não tivesse nada.

Conforme a viagem corria, Elis e Liv começaram a conversar sobre alguma coisa. Geralmente quando dirijo em estradas, foco a minha atenção nos carros que estão na minha volta, então só falei quando era solicitada a minha resposta. Pelo espelho ficava cuidando o Antônio e o seu pinguim despedaçado que sempre o acompanha no carro da Elis. Ele parecia bem, cansadinho pelo horário que estávamos, mas atento a tudo e rindo quando alguma das duas brincava com ele.

Paramos em dois postos de gasolina no meio da estrada. Pelo visto as paradas já são obrigatórias. As crianças descem um pouco para não se estressarem por ficarem dentro do carro por tanto tempo e a Elis faz uma visita ao banheiro. Noah não hesitou ao me contar o que aconteceu com eles na sua primeira ida à fazenda e de como pular uma dessas paradas foi hilário.

Perto das sete e meia da manhã, entramos em um portão que nos levou direto a casa deles. Nessa hora o Antônio acordou e, reconhecendo o local em que estávamos, começou a pedir para descer do carro na mesma hora, fazendo uma pequena briga com a sua mãe.

Estacionei o carro atrás do Noah, no momento em que o Yago abriu a porta e uns cinco

cachorros vieram para cima dele. Não foi diferente quando a Elis colocou o Antônio no chão, e nem quando a Su pôs a Fofinha. As crianças estavam felizes com esse mínimo contato com a fazenda.

– Ansioso? – Olívia me pergunta destrancando o seu cinto de segurança.

– Muito. – Falo com as mãos no volante ainda.

– Vamos lá, Cae. Já estamos aqui mesmo!

Olívia sai do carro e eu fico ponderando. Tomo uma respiração e saio do carro. Ajudo o Noah a descer as malas e rio quando ele abre a gaiola do Gato que dá uma arranhada no braço do Noah que quase larga tudo no chão.

– Gato idiota! Ainda te deixo aqui esquecido!

– E eu te deixo aqui – Su passa ao nosso lado e o Noah começa a se desculpar saindo atrás dela.

Termino de descarregar todas as malas e tenho a impressão de que todos vão passar alguns meses ao invés de um final de semana prolongado por causa do feriado.

– Então tu é o pai do meu neto. – Ouço uma voz firme atrás de mim e me sinto ameaçado. Com muito receio, me viro e me dou de cara com o pai da Elis.

– Olá senhor... – Maldita Elis, nem para me dizer o nome dos seus pais.

– Hélio. AC, não é?

– Sim, senhor. – Vejo ele rir e me dar uns tapinhas amigáveis no ombro.

– Relaxa filho, o senhor está no céu. Pode relaxar, ninguém irá tratar vocês dois mal. Especialmente a minha sogra, ela nem te conhece, mas já te acha a melhor pessoa do mundo.

Faço uma cara estranha e inclino a cabeça para o lado não entendendo se isso é uma piada ou é sério.

– É verdade. Já fazia um bom tempo que a velha pedia um bisneto para a Elis, e tu conseguiu isso. Me admiro ainda não ter um busto de bronze aqui na entrada da fazenda.

– Pai, para de atazanar a vida do AC! – Elis grita em outra direção enquanto a Liv está conversando com uma senhora que acredito que seja a mãe da Elis.

– Não estou fazendo nada, só falando a verdade!

Não sei como eu ainda me surpreendo com alguma coisa relacionada com a Elis. Simplesmente, eu e a Liv fomos tratados por seus pais como se fôssemos amigos há muitos tempos.

– Vó, esse aqui é o pai do Antônio. – Elis caminha com uma senhora idosa ao seu lado. E ainda repete a frase quase gritando.

– Quem? – Me coloco na frente delas e sorrio. – Menino do céu! – E coloca as mãos na boca e quando menos espero ela me abraça forte demais para a idade dela.

– Olá, dona Eulália. – O Noah me avisou o seu nome. Retribuo o seu abraço e ela olha para

mim.

– Qual o teu nome?

– AC. – Falo um pouco mais alto na segunda vez quando ela não entende de primeira.

– Saúde, meu filho. – Todos começam a rir, olho para a Liv que também fica sem entender nada.

– Não, vó! Ele não está espirrando! AC é o nome dele!

– Mas minha filha, como ele vai se chamar Atchim?

– Melhor que Gordinha e Noé – Agnes, a mãe da Elis, fala enquanto todos entram no casarão deles.

Pelo visto, esse vai ser o meu nome por aqui. O da Olívia ela entendeu perfeitamente, pois tem uma colega da igreja com o mesmo nome que o dela. Recebo um olhar de apoio do Noah com um misto de deboche e quase tenho vontade de mandar ele para longe.

Agora eu entendi porque saímos tão cedo de casa, o café da manhã que nos foi servido daria para um batalhão e mais um pouco de outro. Eu e a Olívia ficamos de boca abertas com a quantidade e diversidade de porções que foi postada à mesa. Ficamos observando, sem saber por onde começarmos e tivemos que ter um incentivo para nos acharmos.

Nunca comi tanto na minha vida. Só parei para não fazer papel de mal-educado e ter que abrir o botão da calça para caber um pouco mais. Olívia já foi mais delicada no seu prato, ainda teve que ficar recusando quando a avó da Elis dizia que ela estava muito magrinha e deveria comer mais. Antônio e Fofinha estavam com os rostos tão sujos que não sabíamos diferenciar do que as manchas eram, a bagunça era geral.

Observo a Liv se entrosando com as pessoas, rindo e interagindo. Confesso que quando ela me contou que iria começar a trabalhar minha vontade era não deixar. Alegar que ela era muito instável e se deixava abalar por qualquer coisa que acontece a sua volta, ou com o que dizem a ela.

Cheguei a tomar o fôlego para dizer essas palavras, e com um estalo à minha cabeça, me lembrei das palavras do Luiz. Falando que eu a protejo demais, e ao tratá-la desse jeito nunca que ela conseguiria mostrar para si mesma que pode ser independente.

Desde aquele episódio com o seu pai, as idas a psicóloga, aumentaram para cerca de duas vezes por semana, mas, de umas semanas para cá, voltamos às consultas semanais. Nelas, nunca foi solicitada a minha presença, bem como não me foi relatado o conteúdo delas, como a Liv sempre fazia anteriormente. Isso me deixou com a pulga atrás da orelha, mas o seu interesse em voltar a pintar e a vontade de querer trabalhar me deixaram mais aliviado ainda que mais tenso, ao mesmo tempo.

Não quero ser pessimista nem nada. Mas quando essa boa fase terminar e ela se machucar com alguma coisa que acontecer, ou que falarem para ela, como sempre acontece? Eu sou a pessoa que tem que assistir isso com uma visão privilegiada: o seu sofrimento e, ao mesmo tempo, sofrendo junto.

Terminamos o nosso café e eu já posso encerrar a cota de comida pelo dia. Dona Eulália começou a delegar tarefas para todo mundo. Agnes, Hélio e Yago foram para o campo trabalhar

com os animais. Liv e Su ficaram com a D. Eulália na cozinha, gemi sabendo que ainda ia ter almoço hoje. Noah foi designado ao trabalho braçal e a mudar algumas coisas de lugar na casa. Pela sua expressão não era surpresa que seria encaminhado para esses lados. E eu e a Elis, ficamos responsáveis pelos pequenos no pátio.

O dia está agradável e firme. Nenhuma nuvem no céu para dar o ar da graça, ou a previsão de chuva. Saímos para a grama à frente da casa e eu fico encantado com a vista que tenho. Um mar verde ao horizonte e um céu azul acima. Me sinto relaxado, estufado de comida e feliz.

Antônio caminha com a Fofinha a nossa frente e eu e a Elis atrás deles, vendo aonde vão nos levar.

– A febre dele cedeu? – Pergunto depois de um tempo, quando estamos sentados em pedras altas e observando as crianças correndo uma atrás da outra no canteiro das flores.

– Sim, se voltar deve aparecer lá no final da tarde. Mas acho que foi coisa passageira. – Ela faz um sinal com as mãos para eu deixar de me preocupar com isso.

– Eles gostam daqui, não é? – Antônio corre rindo atrás da Fofinha que está gritando de felicidade.

– Sim. Gosto de ver eles sujos de terra e barro. Parecem mais crianças e bagunceiras. Faz eu me lembrar da minha infância aqui. Vivia com os joelhos ralados e sujos.

– Eu também. – Digo. – Apesar de tudo a minha infância foi boa.

– A minha foi ótima. A melhor coisa que os meus pais fizeram foi ter comprado isso tudo.

Começamos a conversar, enquanto as crianças brincavam. Nós rimos e brincamos como amigos de infância. Elis tem uma áurea que deixa tudo ao seu redor iluminado. Me pego imaginando como seria a minha vida, se aquele nosso primeiro encontro resultasse em algo mais sério. Acredito que daríamos certo juntos. Elis sendo a espevitada de sempre e eu tendo a sua alegria constante para me iluminar, e conforme o tempo passasse iria perceber que estaria tão impregnado com isso, que não conseguiria mais viver sem.

Com esse pensamento me rodeando, sinto o meu coração se apertar um pouco. Os sentimentos que tenho pela Olívia, nunca me fizeram ter essas reflexões tão profundas. Uma vontade de colocar tudo a prova sobe a minha cabeça, tanto que tenho que desviar os olhos dela, antes que eu fizesse uma besteira tão maluca, quanto à própria Elis.

– Meu sonho é trazer as crianças do Orfanato para cá. – Ela suspira olhando para cima deixando o sol a iluminar.

– E daríamos conta de soltar elas aqui? – Brinco.

– Nenhum pouco. – Elis olha para mim, e não conseguimos segurar o riso.

Aquele dia no orfanato eu pude perceber como é trabalhar por amor à causa. O entrosamento do Noah, Su e a Elis com as crianças é contagiante. Eu e a Liv ficamos meio receosos no início, mas depois de alguns minutos, algumas crianças puxaram a Liv para brincar e eu acabei jogando bola com os meninos. Até senti saudade de quando eu apitava jogos amadores por alguns trocados enquanto estudava ainda.

Uma menina, Sarah me chamou a atenção. Talvez pelo fato de que ela não desgrudava da Elis e o Antônio estava sempre no seu encalço. Nos poucos momentos que eu estive ao seu lado, percebi que ela brilha como a Elis, alegre e extrovertida.

– A única coisa que eu não gosto daqui, são as abelhas. – Escuto ela falar e dou um pulo da pedra onde estou sentado.

– Onde tem abelha aqui? – Começo a procurar em tudo que é canto que me é possível enxergar.

– Em todos os cantos. Não me diz que tu tem medo de abelha? – Elis começa a rir e eu fecho a cara.

– Não é medo, é receio!

– Não acredito! – Ela grita fazendo escândalo! – Noah tem medo de galinha, mas isso é aceitável porque ele já foi quase morto por um carregamento delas. Mas abelha, um inseto tão inofensivo?

– Minha experiência com elas não foram ãhnnn... Agradáveis.

– Como assim? – Elis me questiona com um brilho que chega a ser infantil nos olhos. Nego com a cabeça com um sorriso e não falo nada. – Vamos, AC! Me conta! Por favor! Por favorzinho!

Começo a rir da Elis que se levanta em minha direção. Como dois adolescentes começamos a fazer aquelas brincadeiras de segurar um ao outro. Elis pega as minhas mãos e me empurra até eu tropeçar, caminhando de costas, em uma pedra e cair puxando ela para cima de mim.

Caio com as costas na grama fofa e a Elis com um solavanco despenca em cima do meu peito me fazendo perder todo o ar que tenho nos meus pulmões. Ficamos em uma posição tão confortável que começamos a rir. Elis guincha como uma hiena, bem à vontade em cima de mim. Seus cabelos caem sobre o seu rosto, enquanto ela chora rindo.

Afasto os seus cabelos dos seus olhos e ela fica próxima, muito próxima de mim, a ponto do seu perfume ser o ar que eu respiro. Nossos olhos se fixam. Duas pessoas três cores diferentes. Elis passa as pontas dos dedos no meu rosto e eu chego a fechar os olhos aceitando o prazer que esse ínfimo contato gera no meu corpo. Quando retorno a abrir os olhos, vejo que estamos perto, perto demais um do outro. O foco da Elis está na minha boca e eu, na atual posição que me encontro, não tenho escapatória, pois os meus bloqueios de moral e bom-senso se quebraram no momento em que caímos no chão.

No último instante, quando milímetros separavam as nossas bocas e da corda final, que segura todo o meu autocontrole, se arrebentar por completo, as vozes das crianças gritando e rindo ecoam ao fundo. E isso nos traz à realidade. Elis se afasta e fecha os olhos como se estivesse sentindo uma dor insuportável, se apoia no meu peito e sai de cima de mim. Um silêncio constrangedor se instala sobre nós, e a Elis fica de costas para mim olhando as crianças correrem.

Droga! Tudo estava perfeito demais entre nós para serem estragadas com essa situação agora. Onde foi que a minha cabeça se enfiou para deixar que tudo se desenrolasse desse jeito?

Passo as mãos sobre o meu cabelo em um sinal de frustração e quando as desço para o meu rosto, a aliança que compartilho com a Olívia me arranha a face.

Mil vezes droga!

Agora é certo: eu estou a ponto de surtar. Não me reconheço por completo. No momento em que coloquei os meus olhos na Elis, há tempos atrás, eu tive essa premonição e agora ela está se concretizando. Minha vontade é de sair correndo daqui. Ir para algum lugar onde eu possa ficar em silêncio por alguns dias até colocar todo esse turbilhão de sentimentos que passam por dentro de mim nos seus devidos lugares.

Mas se fizesse isso, seria um imenso ato de egoísmo meu. Tenho que me centrar na vida e descobrir o que fazer comigo mesmo, antes de poder fazer alguma coisa com as outras pessoas. De um lado tenho a Olívia, aquela a quem eu jurei a minha idoneidade bem como a minha proteção para que ela possa viver tranquila e sem nenhum mal para atormentar. Nossa casca de proteção e tranquilidade. E do outro lado, um mar de possibilidades e a de uma vida cheia de altos e baixos, e com a possibilidade de cada dia que passar ser diferente do outro.

Dizer que estou em uma encruzilhada entre a tempestade e o tempo sólido é brincadeira de criança perto do que tudo pode acontecer.

Capítulo 23

Uma coisa que todo mundo pensa é que os loucos não têm consciência dos seus atos. Na minha opinião, isso depende do caso e do louco em si.

Há pessoas que realmente não são base para tirar esse tipo de conclusão. Fazem as coisas sem pensar no que pode acarretar e se vai prejudicar alguém ou não. Em compensação há pessoas impulsivas que se deixam levar pelo momento e esquecem que depois vêm as consequências.

Acredito que eu me encaixo mais no segundo caso. Impulsividade, ansiedade e um pouco de maluquice. Um misto desses três sentimentos. E é isso que eu sou. Gosto de viver o momento e muitas vezes, me deixar levar um ponto a mais do que o aceitável. E depois que vem o ataque de consciência me dando tapas na cara a ponto de quase me deixar desmaiada no meio do asfalto para um caminhão de bom-senso vir e despejar o seu conteúdo para ver se alguma coisa entra em mim.

Só que isso não adianta. Sempre digo que essa será a última vez que o meu lado “Elis maluca desvairada” vem à tona, e quando eu menos espero, surge ele de um jeito mais forte que antes.

Como hoje, em que eu quase me agarrei com o AC. Se ele me achava maluca, agora ele tem certeza disso por completo. Eu juro, sem cruzar os dedos nas minhas costas, que nada foi planejado. Foi sem querer e chegou a um ponto em que eu não esperava.

Estávamos conversando como sempre fazemos, e quando dei por mim, estava em cima dele e com as nossas bocas a poucos centímetros uma da outra. E nesse instante, eu perdi o controle dos meus atos.

Me deixei levar pelo perfume constante dele que sempre me deixa com água na boca. Nada mais sexy do que um cara perfumado na medida certa, sem exagero ou fraco demais. Isso me tira do sério e já foi um dos grandes fatores que eu levava em consideração quando tinha alguma vida amorosa ativa. E com o AC não foi diferente.

Aquele jeito dele sempre mexeu comigo de um modo que nunca aconteceu antes. A maneira que ele ficou encabulado com as roupas que eu usava ao abrir a porta, na primeira vez que nos vimos. A forma atrapalhada e como ele perdia o raciocínio com a minha presença. Eu sabia, no momento em que coloquei os meus olhos sobre os dele, um de cada cor, naquele dia há tanto tempo atrás, que ele seria uma tentação difícil de resistir se eu tivesse a oportunidade.

E eu aproveitei aquele dia em que acabamos no meu sofá e que nove meses depois recebi de presente o Antônio. Mas pelo visto a minha vontade de ter ele ainda não passou, e conhecendo ele mais a fundo agora, ela voltou bem pior.

E eu estou bem a fim de me encontrar com as vacas aqui da fazenda e firmar casa por lá. Seria tão mais simples viver com as minhas semelhantes do que com as pessoas mesmo.

Sem complicação. Sem AC para me tirar dos eixos a ponto de quase agarrar ele e a força no meio da grama. Sem Olívia sendo a esposa perfeita que não dá bola por eu ter um filho com o

marido dela. Ou então a Su, me dando olhares com cinco sentidos diferentes a cada vez que me vê ao lado do AC.

Seria tão mais fácil de lidar se a Olívia fosse uma esposa normal, aquela que iria castrar o marido se tivesse na mesma posição em que está com o AC. Que iria odiar até o papel de bala que eu comesse e teria no mínimo uns quinze planos para acabar com a minha vida no primeiro minuto que eu virasse as costas para ela.

Como eu adoraria tirar o AC de uma mulher como essa. Iria tratar ele como ele merece, com aquela vontade de colocar ele no colo e mimar de todos os jeitos que um cara goste. Incluindo buscar comida para ele quando olhasse um jogo, porque eu saberia que no momento em que ele saísse da frente da TV iria arrumar a bagunça do Perereco e a minha na cozinha sem reclamar.

Mas não! A mulher é um anjo! Delicada, adora o Antônio e o AC a trata como uma princesa, de não deixar ela nem carregar a sua própria bolsa! E olha que as dela são pequenas e não gigantes como as minhas que eu levo metade da casa dentro. E isso me deixa com mais peso na consciência ainda do que eu já estou. Casamento para mim é coisa sagrada e nunca na minha vida eu seria a responsável por acabar com um.

Então me resigno a ficar observando os dois de longe. Já faz um tempo que eu ando fazendo isso e confesso que acho o relacionamento deles estranho. Uso por base o casamento do Noah e a Su, eles brigam por qualquer coisa, mas são umas brigas fofas. A Su manda, o Noah implica e no final, ele acaba cedendo. Mas nunca passaram mais do que um dia sem se falarem ou aquelas trocas de afetos que deixam qualquer pessoa que tenha diabetes em um coma instantâneo. E assim vão criando os filhos, trabalhando, se matando e se amando incondicionalmente.

Já o que eu pude observar entre o AC e a Liv é diferente. Como se fosse mais uma coisa paterna do que amor em si. Ele a observa do mesmo modo quando está cuidando do Antônio, com olhos de quem procura algum perigo por perto e não do mesmo jeito embasbacado do Noah com a Su, ou até mesmo ciumento. Acho bem estranho também o jeito que ambos se tratam, Cae e Liv. Nada de “amor”, “querida” ou outros apelidos que geralmente casais usam. E o principal de todos, nunca vi eles trocando um beijo que fosse. Claro que não estou contando os na cabeça, testa, bochecha, isso é infantil e mais de quem dá conforto e cuidado. Nunca presenciei o AC tentando desafogar a Liv ou eles dando uma de desentupidor de pias como um casal apaixonado e casado.

Ou talvez eu esteja olhando aqueles seriados investigativos demais e isso já começou a afetar a minha cabeça, tanto que já quero analisar o comportamento das pessoas e tirar conclusões sobre isso.

Depois do ocorrido, o dia passou tranquilo. Fomos para perto do lago e fizemos um lanche com as crianças por lá. A minha vó liberou o Noé para participar, desde que amanhã cedo ele leve ela à missa. Estávamos com mais um carregamento de comida caseira e ficamos aproveitando o sol do meio da tarde conversando e rindo uns com os outros. Mesmo com o clima meio pesado entre eu e o AC, não deixamos transparecer para os outros pra depois eu não ter que enfrentar um questionário da Su sobre o que estava acontecendo.

Não posso deixar de comentar que a minha avó chamando o AC de Atchim foi o auge da viagem, ainda mais porque cada vez que o Noah o chama, fala o nome de um dos Sete Anões diferente. É claro que a Olívia é a única sortuda dos meus amigos que a minha avó acerta o nome.

Comemos a ponto de eu não saber se conseguiria caminhar de volta para casa. Não sei como a minha avó consegue fazer comida melhor a cada dia que passa, daqui alguns anos vou ter que começar a vir menos para cá só para não correr riscos de comer demais e... Ahh a quem eu estou querendo enganar? Vou vir e comer como uma vaca do mesmo jeito!

Não sei como conseguimos jantar, nossos estômagos devem estar umas três vezes maiores que o normal de tão dilatado por comida que colocamos para dentro. As crianças caíram capotadas na cama logo depois do banho. A febre do Antônio voltou a incomodar e isso já começou a me deixar preocupada. Sei que febre em criança é normal, mas só ela sem mais nenhum sintoma de gripe, me deixa um pouco receosa. Se amanhã ele tiver outra por esse horário, segunda pela manhã estou com ele no pediatra para uma bateria de exame. Vamos virar o Perereco de ponta cabeça para descobrir o que ele tem.

– Oi, vaca. – Su chega atrás de mim enquanto eu lavo a louça do jantar.

Noah, AC, Yago e Liv estão sentados na varanda curtindo a noite. Meus pais e a vó já foram para cama e eu me destinei a enfrentar a louça.

– Eu seco hoje. – Dou os ombros para a Su e sigo o meu trabalho.

– A febre do Antônio voltou. – Falo depois de um tempo.

– Coitadinho, por isso estava tão quietinho com a tua avó dando janta para ele. – Confirmo com a cabeça.

– Só estou achando estranho o fato de não ter mais nenhum sintoma de gripe.

– Deve ser coisa de criança. Mas o que eu quero saber é, porque que vocês dois voltaram tão calados antes do almoço?

Paro de lavar a louça e olho para a minha amiga com uma expressão de quem não está entendendo o que ela quer dizer. Claro que isso não adianta com a vaca mor, já que ela me conhece melhor que eu mesma.

– Não adianta fazer essa cara, Elis. Desembucha de uma vez, e finge melhor, porque até o Noah notou e me perguntou.

Gemo de frustração em saber que tenho dois amigos de quem não posso nem esconder uma coisa boba, como a minha inegável atração por um cara casado e pai do meu filho.

Enquanto lavamos a louça eu conto o meu ataque ninja ao AC no meio da grama e tudo que eu analisei nesse tempo que estamos juntos. De como as nossas diferenças se completam, nossa relação amigável e compatível que eu nunca tive com nenhum outra pessoa do sexo masculino.

– Mas tu e o Noah se dão bem.

– Amiga, amo o Noah como um irmão e nunca fantasiei de levar ele para cama e o deixar a

minha mercê por uma noite. Mesmo ele tendo todo aquele corpo feito para o pecado, andando seminu todos os santos dias na minha frente e eu estando na mais seca que uma pessoa normal aguenta.

Vejo a Su piscar algumas vezes e assimilar tudo o que eu falei.

– Bom ponto. – Su pega uma panela gigante para secar e continua falando. – Também não posso dizer que não analisei esse relacionamento dos dois. É estranho, parecem mais irmãos do que marido e mulher.

– Exatamente! Intrigante isso...

– Elis, mas e se esse for o jeito deles de se amarem? Tu não pode interferir nisso por causa de uma atração inegável entre vocês. Nem é sentimento de verdade para arriscar alguma coisa. E se no fundo só for isso mesmo entre vocês, como fica a Olívia e a relação entre vocês três?

– Por favor, Su. Não me deixa mais grilada do que eu já estou! Isso tudo já começou de um jeito erradamente bom e agora eu não sei para onde me virar.

– Acredito que antes de tudo, tu tem que pensar no Antônio e no que tu sente pelo AC. Te afasta um pouco dele e vê no que isso vai dar. Só não faz mais nenhuma loucura de agarrar o coitado do homem pelos corredores.

Sinto os meus ombros pesarem com o peso dessa responsabilidade. Descobrir os meus próprios sentimentos é bem mais complicado do que analisar os dos outros. Tipo a Su eu sabia na primeira vez que o Noah estava com a gente que ela já estava toda mexida por ele, mesmo com toda aquela camada de mulher durona que ela apresentava externamente.

Mas agora eu me analisar e saber o que quero? Isso é complicado e acarreta barras e mais barras de chocolate, livros de romance melosos e horas e horas olhando seriados e filmes variando de estilo. Só de imaginar tudo isso já fico cansada e sem vontade nenhuma de pensar nessas filosofias de vida.

Termino de lavar a louça com uma promessa para a Su, de que me comportaria perto do AC e não agiria mais como uma maluca que está pronta para atacar a cada segundo e dar espaço para pensar na minha vida e centrar os meus sentimentos com calma.

Nem dou boa noite para o pessoal e saio direto para o meu quarto. Encontro o Antônio dormindo e quando me aproximo dele, vejo que ainda está com febre e dou outra dose de antitérmico para ele e deixo o termômetro na minha mesa de cabeceira para ficar medindo de tempo em tempo. Tento descansar um pouco, porque dormir pelo visto vai ser complicado com o moço doentinho ao meu lado.

*, *

– Elis o que ele tem? – Minha mãe aparece na cozinha de pijama e com cara de sono ainda. São cinco da manhã e o Antônio não para de chorar no meu colo.

– Eu não sei! Ele acordou há uma hora com a febre lá em cima e chorando. A noite toda com febre, eu não dormi nada essa noite cuidando ele. Até aquelas compressas coloquei e nada de ceder.

Emballo o Antônio nos meus braços que chora como se estivesse com aquelas cólicas que ele tinha quando era recém-nascido. Acordei de um cochilo com ele gemendo e choramingando. Medi a temperatura dele e levantei no susto quando vi que já havia passado os 38,5°C.

Febre normal é uma coisa, isso já era bem diferente.

Contrariando o horário de nova administração de medicamento, dei mais uma dose do medicamento e coloquei ele no meu colo para o acalmar. Seu choro era diferente dos que acontecem às vezes, manhoso e por irritação, é uma coisa que fere o meu coração de mãe a cada segundo que se passa.

– Vou fazer um chá para ele. – Minha mãe passa por nós, dá um beijo na testa do Antônio e me olha séria. – Há quanto tempo tu deu o remédio para ele?

– Mais de hora.

– Mede de novo, porque acho que não baixou a febre ainda.

Com muita briga e choro eu coloco o termômetro embaixo do braço dele e espero um tempo para checar novamente.

Caminho pela cozinha e para a sala o embalando para ver se ele se acalma e para de chorar, converso com ele, sobre a chuva que está caindo lá fora, sobre os bichinhos que estão dormindo com as mães deles, mas nada adianta. E eu começo a entrar em desespero por não saber mais o que fazer para acalmar o meu filho.

Tiro o termômetro quando a mãe volta com um chazinho de ervas para o Antônio, e quem tem vontade de chorar com o resultado sou eu. O índice de mercúrio do termômetro já estava passando dos 40°C.

Com muita briga, ele toma alguns goles do chá e estica os braços em minha direção chorando e pedindo colo. Pego meu Perereco no colo e ele se agarra em mim aos prantos como se implorasse para que eu fizesse a dor a passar. Meu coração e instinto de mãe gritam que alguma coisa está errada e que preciso levar a um hospital em pouco tempo antes que aconteça alguma coisa grave.

– O que houve? – Vejo o AC na porta da sala com os olhos tão assustado como os meus.

– Eu não sei, só quero que ele pare de chorar e me fale o que está acontecendo! – Grito para o AC como se a culpa de tudo isso fosse dele.

Escuto a minha mãe contar para ele o que aconteceu, e quando ela termina, o Antônio vomita em cima de mim e começa a chorar mais alto ainda. AC vem ao nosso encontro e o pega do meu colo, saio para o meu quarto e encontro o Noah em estado de zumbi com a Su no corredor.

– O que está acontecendo? – Minha amiga me pergunta, olhando para mim. Puxo ela pela a mão em direção ao meu quarto e entro direto no banheiro.

Como o “The Flash”, tomo um banho e coloco a primeira roupa que encontro na minha frente. Conto tudo para a Su e a sua expressão preocupada com os fatos me deixa mais aflita ainda.

Voltamos para a sala com os gritos do Antônio saindo mais afiados do que lanças em minha direção. Todos estão acordados, Yago e Fofinha estão com os olhos com o dobro do normal, minha afilhada vem correndo em direção à mãe e pede colo para ela.

– Mamãe, “bejinhos”, “dodói”.

– Minha filha, essa criança está com alguma coisa. – Minha avó fala com o Antônio se esperneando no sofá. – Olha aqui. – Ela aperta a região do lado direito da sua barriguinha abaixo do umbigo dele, e o grito que o Antônio dá, faz as minhas pernas afrouxarem a ponto do Noah, vir me segurar para não cair.

Sinto todos falando a minha volta, mas eu corro e pego Antônio nos meus braços. Sinto ele se agarrar em mim e pedir uma ajuda em meio os seus gritos estridentes.

– Elis, ele tem que ir para o hospital agora! – AC fala para mim e eu não concordo nem discordo, só abraço o meu filho e escuto o seu choro.

A movimentação na minha volta se intensifica com a chuva que cai lá fora. Só percebo que as coisas mudaram, quando estou sentada no carro do Noah, no banco de trás com o Antônio agarrado em mim e chorando, AC no carona e o Noah atrás do volante.

Pelo vidro, minha mãe me alcança a minha bolsa com os nossos documentos, um cobertor e o termômetro. E saímos da fazenda abaixo de um temporal, de não se enxergar nada há poucos metros de distância em direção ao hospital. Antônio chega a ficar rouco de tanto que já chorou e ainda chora. Cada vez que passo a mão no seu rosto, é como se ele estivesse mais quente ainda.

A chuva continua forte, Noah corre na estrada, desviando dos carros e ultrapassando em lugares proibidos. A sorte que ele sabe o que está fazendo, seu carro é um dos mais seguros da categoria e equipado com todos os tipos de adereços para enfrentar qualquer contratempo na rodovia. Nem olho para o velocímetro para não entrar mais em pânico do que já estou.

O tempo segue correndo e nada do Antônio dar sinal de que a sua febre baixou e o seu choro continua a me rasgar por dentro. Agora eu entendo com todas as forças quando a Su me falava que daria tudo para ficar no lugar do Yago, no auge da sua doença. Nesse momento, eu faria qualquer coisa que estivesse, ou não, a minha disposição para sentir tudo no lugar do meu filho.

– Ele está quente demais! – Falo para os dois na minha frente. Aproveitando o tempo em que o Antônio adormeceu nos meus braços por causa do excesso de remédios e o cansaço de chorar repentinamente. – Nunca vi isso.

– Calma Elis, – Noah fala – estou bem acima do limite de velocidade permitida aqui. Daqui a pouco estaremos no hospital.

Olho para o AC que está com o corpo voltado para nós. Vejo no seu semblante a mesma preocupação que eu. O sofrimento do nosso filho nos acertou em cheio. E nesse momento, compartilhamos a mesma vontade de ficarmos com o que está o afligindo.

– Merda! – Noah xinga alto e freia o carro repentinamente.

Como eu estava sem cinto de segurança, quase voei do carro e de quebra ainda iria levar o

Antônio junto comigo.

– Uma freada aqui na minha frente do nada! – Noah estabiliza o carro, e para o meu desespero, o Antônio acorda e desata a chorar novamente aos berros.

E então o tormento começa outra vez, o choro do Antônio me faz entrar em desespero. Sinto o carro do Noah quase levantando voo na entrada da cidade em direção ao hospital. O tempo passa e a minha angústia também. Olho para o meu filho que com os seus olhos diferentes me suplica uma ajuda que eu não consigo dar a ele nesse momento.

Respiro aliviada quando visualizo a placa indicando que estávamos há poucos quilômetros do hospital. E então, o Antônio fica completamente duro no meu colo e sinto ele tremendo.

– Noaaaaah! AC! ELE ESTÁ CONVULSIONANDO!

Com um passe de mágica, vejo o AC pulando o banco do carona e vindo para o meu lado. Ele tira o Antônio dos braços e deixa ele em cima do banco com a sua cabecinha virada para o lado. Num ato de puro desespero eu começo a chorar, tento pegar o meu filho no colo e o AC não deixa me empurrando com a outra mão que não estava segurando o Antônio no banco.

– Deixa! – Ele me fala. – Convulsão infantil por febre é comum.

– Como deixa! – Grito mais alto ainda e me avanço de tapa e soco no AC. – Ele é meu filho seu desgraçado!

– E meu também! – Ele grita mais que eu, fazendo com que eu me deixe cair sentada no banco do carro.

Sinto o carro parar e o Noah saltando fora dele no mesmo instante. AC pega o Antônio nos braços e sai do carro. Pego a minha bolsa e deixo o carro indo atrás dele entrando porta adentro do hospital.

Vamos até o guichê de atendimentos e quando explicamos os sintomas do Antônio somo levados a uma sala pediátrica. Uma enfermeira aparece e coloca um termômetro digital, que em poucos segundos mostra a temperatura do meu filho: 42°C. No momento em que ela lê a informação sai à procura de um médico deixando outra enfermeira responsável pela instalação de um acesso venoso para a infusão de medicamentos.

Me aproximo da maca em que ele está deitado e faço um carinho no seu rosto desacordado. Meu coração de mãe está mil vezes despedaçado, preocupado e aflito com o diagnóstico do Antônio. Diversas imagens passam na minha cabeça com a velocidade da luz, umas mais horríveis que as outras. Fecho os meus olhos e peço para alguma força divina para pararem antes que eu entre em algum colapso nervoso.

O pediatra chega e sou afastada da maca pelo AC, que nesse tempo todo ficou do outro lado da maca zelando o Antônio, perdido como eu. Vejo as enfermeiras despirem o meu filho que está inerte e alheio a qualquer coisa que está acontecendo em sua volta, e a sua falta de resposta me deixa mais nervosa do que já estou. Minhas mãos tremem, o suor frio começa a me encharcar, mas nada disso me incomoda agora, só quero saber o que o meu filho tem.

Começo a contar para o médico todos os passos do Antônio desde quando começou a

febre. Falo das doses de medicamentos que já havia administrado e da sua convulsão no meu colo dentro do carro.

– A Dona Eulália, – AC se mete no assunto do canto que está – apertou a barriga dele e isso o fez chorar mais.

O médico com essa informação, chega perto do nosso filho e quando aperta, o mesmo local que a minha avó fez, o Antônio desperta com os seus olhos diferentes arregalados e dá um grito.

– “Mama”! – E começa a chorar desesperadamente ao ver todas as enfermeiras e médicos na sua volta.

– Eu estou aqui! – Me desespero e empurro uma enfermeira para o lado e fico no campo de visão do Antônio que chora e se espremeia todo na maca.

– Me tragam o aparelho de ultra! – A enfermeira que eu dei a bundada para escanteio sai da sala atrás do troço. – Acho que pode ser um caso raro de apendicite infantil. – O pediatra fala tranquilamente enquanto o Antônio grita e chuta o ar desesperado.

– Mama! Mama! Mama! – Ele repete para mim com as suas lágrimas sendo o veneno que me mata a cada uma que escorre por suas bochechas!

– A mamãe está aqui, Antônio! – Falo baixinho o acalmando, mas não consigo e nesse momento começo a chorar junto com ele.

Vejo a enfermeira voltar com o aparelho, o médico pede para nós segurarmos o Antônio para ele não se mexer enquanto faz o exame. Eu simplesmente encosto a minha testa na do meu filho e rezo a todas as entidades possíveis e impossíveis para que esse tormento acabe.

– E como eu desconfiava – o médico com toda a paciência do mundo fala. – Pode ligar para o cirurgião pediátrico em plantão e preparar a cirurgia, esse mocinho vai retirar a apêndice agora.

Vejo a enfermeira ligar para algum lugar enquanto o AC conversava com o médico. Por que ele está tão tranquilo assim? Será que não percebe que o Antônio está sentindo dor? E que vai entrar em uma cirurgia? Ai meu Deus!

Meu filhote vai fazer uma cirurgia! Anestesia, corte, pontos e dor! Ele não merece nada disso, é apenas uma criança ativa e risonha! E se a cirurgia der errado? Sei lá, vá que administrem algum remédio errado no meu filho? E se ele...

– Vamos levar ele agora mamãe. – Uma enfermeira chega perto de nós.

– Eu vou junto! – Falo pegando o Antônio chorando no meu colo.

– Mãezinha, ele vai para a cirurgia, tu não pode entrar lá. – Ela me fala toda delicada.

– Não vou entrar o cacete! – Grito. – Eu vou com ele!

– Elis, não. – AC chega junto de mim e coloca as mãos nos meus ombros.

– E tu me solta, que até hoje ninguém me disse como cuidar do meu filho! E não vai ser tu em apenas algumas visitas que vai dizer! – Grito fazendo escândalo.

O Antônio é meu filho! Saiu de dentro de mim! E não vai ser o AC que vai me dizer como cuidar dele!

– Mãe, por favor! – Outra enfermeira vem até mim e se avança no Antônio.

Como um comboio elas chegam e eu não tenho forças de conseguir me esquivar de todas. E quando o AC me pega pela cintura, conseguem tirar o Antônio de mim chorando e me chamando desesperado. Luto com todas as minhas forças contra o AC para que ele me solte e começam a levar o Antônio aos gritos para longe de mim pela porta.

Meu filho entra em outra porta ainda me gritando e eu consigo me desvencilhar do AC e corro atrás dele, mas um segurança de dois metros de altura me barra não deixando eu passar. Então eu sento no chão do hospital e começo a chorar desesperadamente com medo do que pode acontecer com o Antônio nessa cirurgia.

Capítulo 24

Por Elis

Estou um caco de pessoa. O Noah teve que me agarrar quando eu quase me atraquei de soco no AC no momento em que eu o vi novamente, tão calmo e sereno.

Surtei completo. Acredito que muitas pessoas pensaram que eu estava fugida da ala psiquiátrica e não uma mãe desesperada, que foi pega de surpresa com uma cirurgia repentina do seu filho de menos de dois anos.

Quando fomos encaminhados para o quarto para esperar notícias foi que percebi que eles já tinham todos os dados do Antônio, meus e do seu plano de saúde. Questionei sobre isso com a moça que estava no encaminhando a resposta dela quase me fez cair de bunda no chão.

– O Sr. Arthur Caetano nos deu todos os dados que precisávamos e com o plano do Antônio ele está amparado em todas as assistências que necessitará.

Ou seja, enquanto eu pagava de maluca e desvairada, querendo arrancar as suas vísceras, ele fez toda a parte burocrática liberando o atendimento do nosso filho. O Noah me acalmando e o AC tomando as rédeas da situação perante o hospital. E eu ainda queria bater nele. Parabéns Elis, tu é uma vaca de mão cheia.

Depois dessa revelação, eu preciso de um tempo. Vou até o banheiro para jogar uma água no rosto e tentar me acalmar. O meu reflexo faz eu me sentir uns quinze anos mais velha do que ontem. Rosto cansado, marcado pelas olheiras, os sinais do choro, cabelos desgrehados e tudo mais que o quesito de uma mãe desesperada pede.

Me apoio na bancada das pias e tento me acalmar. Penso em um ditado que a minha avó sempre me falou: notícia ruim sempre chega primeiro. Se até agora o médico não veio dar o seu parecer da cirurgia é porque está correndo tudo como deve, e o Antônio deve estar bem. A cirurgia deve estar transcorrendo conforme o planejado e em poucos instantes eles devem dar alguma notícia sobre ele.

E a esse pensamento que eu me agarro nesse instante.

Fecho os olhos e as imagens do Antônio me chamando de “mama”, me atingem. E eu me seguro para não ser mais dramática do que fui hoje. Nenhuma mãe espera um ano e nove meses para ter que escutar a primeira palavra do filho em um momento de desespero.

Volto para o quarto que nos instalaram e encontro o AC olhando para a janela que dá para um jardim, que agora está quase submerso pela chuva. Quando os nossos olhares se cruzam, automaticamente caminhamos até o outro e nos encontramos em um abraço.

– Desculpa. – Falo enterrada no seu peito e o AC afagando os meus cabelos.

– Não foi nada. – Baixinho, ele me diz e eu o aperto mais ainda.

– Eu surtei. – Minha voz falha.

– Eu percebi, mas sei que tu estava assustada e queria proteger o Antônio. – Saio do seu

abraço com o meu corpo protestando contra essa minha ação.

– Eu... – Tento organizar os meus pensamentos, mas não consigo. – Não sei o que deu em mim. – Falo por fim.

– Eu sei Elis, tu agiu como mãe e fez o teu papel. Aposto que muitas já fizeram bem pior que ti. – Ele ri.

– Também queria me desculpar por aquilo que eu disse e...

AC chega perto de mim se colocando na minha frente. Automaticamente me calo e fico encantada com o que os seus olhos diferentes transmitem. Assim como eu, ele está abalado com a situação e com uma delicadeza inesperada, depois de toda a “vaquice” que fiz com ele, tira os meus cabelos do meu rosto e fala.

– Eu já disse que não foi nada, e isso incluía o cotovelo no estômago e o que tu me disse.

Sua mão acaba no meu pescoço e eu fecho os olhos com o seu toque. Estou tão carente nesse momento que me esqueço da minha promessa de ontem para a Su, de me afastar e antes de tudo, pensar no que os meus sentimentos representam.

Sinto o meu corpo amolecer e desesperadamente querer uma aproximação e quando ela começa a acontecer, o Noah aparece no quarto.

– Eu não vou separar mais briga de vocês dois. Elis, acalma essa vaca dentro de ti. – AC retira a mão de mim e quase solto um gemido de frustração.

– Não estamos brigando. – Ele fala enquanto eu ainda me recomponho. – Tudo certo por lá?

– Sim, a Su queria pegar o carro e vir no meio da chuva com o carro da Elis. Tive que mandar ela ficar quieta em casa e esperar esse temporal passar. Nenhuma notícia ainda?

– Não, – me abraço para não parecer tão desesperada por um e começo a andar pelo quarto infantil. – Só sei que estou preocupada. Quanto tempo dura uma cirurgia dessas? Será que já não acabou e se esqueceram de nos avisar? Já faz tanto tempo...

– Vou procurar uma enfermeira para alguma previsão. – AC sai do quarto e eu sento no sofá que o quarto possui e espero.

Noah senta ao meu lado e eu me permito deixar descansar o meu corpo no dele. Meu amigo me abraça e beija a minha cabeça em um gesto afetuoso e me dando apoio.

– Ele me chamou de “mama”. – Volto àqueles momentos antes de levarem ele para a sala e uma lágrima escorre do meu rosto.

–O AC me disse. Ele está bem nervoso também, mas manteve a compostura enquanto tu estava ahn... impossibilitada.

– Se a Su estivesse aqui, ela me puxaria pelos cabelos. – Sorrio tristemente.

– Com certeza, ou então, teria dado um jeito de fazer entrar junto na cirurgia.

Tento rir, mas acabo engasgando e querendo chorar novamente.

Quero notícias! Quero o meu filho nos meus braços! Quero ver ele me chamando de “mama” sem ele estar chorando e sim rindo como o meu Perereco risonho sempre faz! Será que alguma enfermeira pensa no bem-estar dos pais e a consideração de tirar alguns segundos para informar os parentes que está tudo correndo bem?

Me levanto, deixo o Noah no quarto e saio para o corredor. Caminho por alguns metros e me sento na frente da porta da enfermaria onde o AC está escorado no balcão conversando com uma enfermeira. Vejo ela sorrir para ele e sair para o outro lado. AC se vira para caminhar e me nota ali, seu rosto está tão abatido quanto o reflexo que tive meu no espelho há minutos atrás, seus cabelos estão bagunçados, indicando que as suas mãos passaram por ali diversas vezes.

– A enfermeira-chefe vai ligar para o bloco cirúrgico para saber de alguma novidade.

Ele senta ao meu lado e o silêncio se instaura sobre nós sendo, às vezes, interrompido por algum choro de criança.

– Eu deveria ter uns sete ou oito anos, – ele fala enquanto olha a decoração das paredes, uma mistura de campo florido com algumas borboletas pintadas e outros bichinhos felizes. – Tinha um rio perto de onde nós morávamos e sempre que o dia estava bom ficávamos a tarde toda lá. – Ele ri baixinho como se lembrasse daquela época. – Ninguém dava bola para roupas, ainda mais na nossa idade, então íamos pelados mesmo, meninos e meninas misturados.

Olho para ele com uma cara de quem não estava entendendo o que ele queria falar e ele aponta para uma abelha pintada na parede na nossa frente.

– Uma me picou em um lugar bem delicado do meu corpo. – Me viro para o AC e faço uma cara de quem sentisse a dor de uma picada de abelha nesse lugar. – Eu descobri que era alérgico, e a minha mãe, resolveu aplicar algumas ervas medicinais que ela achava que poderiam ajudar a situação.

AC solta uma respiração devagar e balança a cabeça.

– Tu pode imaginar que não adiantou nenhum pouco, bem pelo contrário, acentuou a alergia. Eu passei mal, muito mal, a ponto da minha tia, mãe da Olívia, ter que me levar ao hospital antes que eu tivesse alguma complicação mais grave. Dentro do carro eu convulsionei de febre e só me lembro que acordei no hospital. Devo ter ficado uns dois ou três dias internados até tudo estar ok para me liberarem. Minha tia, quando me deixou em casa, brigou com os meus pais por terem me deixado naquele estado.

Fico sem palavras quando escuto o relato do AC. Em nossas conversas seguidas, muito pouco ele fala sobre os seus pais, só sei que estão em algum país estudando sobre plantas medicinais, e que ele foi criado em uma comunidade alternativa. Nunca aprofundamos o assunto mais que isso.

– Eu não esperava menos de ti. – Ele pega a minha mão e aperta. – Eu sabia que tu não ia entregar o Antônio de mão beijada assim, ainda mais do jeito que ele estava agarrado em ti e te chamando.

Ele olha para mim com os olhos cansados, sorrindo.

– Tu é a mãe que todo o filho sonha, Elis. Brinca, educa, xinga quando faz alguma arte,

mas quando ele precisa, tu dá a própria vida se depender de ti.

Ele beija a minha mão e foca nos meus olhos.

– Eu não poderia escolher uma mãe melhor para o meu filho, Elis. Eu agradeço todos os dias por isso.

A angústia de ficar sem notícias do meu filho, o ambiente hospitalar e essa declaração do AC quase me faz desmoronar de novo. E quando eu tento falar alguma coisa, o médico que atendeu o Antônio aparece na nossa frente. Somos levados a uma sala próxima e sentamos em frente ao médico, ainda com as mãos dadas.

– A cirurgia ocorreu conforma planejamos. – Sinto como se um prédio de cem andares saísse de cima dos meus ombros com essa pequena frase. – Nós nunca vimos um apêndice tão infeccionado em uma criança tão pequena.

– Mas ele está bem? – AC pergunta para o médico que sorri amigavelmente para nós.

– Sim, ele está na recuperação, mais algumas horas para ele acordar da anestesia e irá para o quarto.

– Posso ver ele? – Soei mais ansiosa do que eu imaginava. Mas eu não vejo a hora de ver com os meus próprios olhos o meu filho.

– Ainda não, mãe. Só quando ele for para o quarto. – Ele fala para mim e depois se volta para o AC. – Ele vai estar bem grogue. Não é fácil manter uma criança parada, ainda mais agora que ele passou por uma cirurgia. Então muito cuidado com ele nos primeiros dias, ainda mais na região dos pontos, e qualquer coisa chamem a enfermeira.

O médico ainda conversa mais um pouco conosco e saímos da sala com um peso a menos na nossa alma. Voltamos para o quarto e contamos as notícias ao Noah, e depois para o pessoal que ainda estava na fazenda, aguardando a chuva passar para regressarem. Nos deram o prazo de duas ou três horas para o Antônio ir para o quarto. Nesse meio tempo, eu e o AC ficamos esperando, e o Noah se prontificou em ir até a minha casa para pegar alguns pijamas e fraldas para o Perereco e uma roupa para eu passar a noite aqui.

– Eu vou ficar aqui também. – AC fala depois que o Noah sai do quarto e eu disse que se ele quisesse poderia ir para casa.

– Não precisa. Como o médico disse, ele vai estar dopadinho e vamos ficar bem aqui. Tu já fez mais do que precisava.

– Eu fico. – Ele senta no sofá ao lado da cama e dá o assunto como encerrado. – Vou ligar para o Noah e pedir algumas roupas emprestadas.

– Acho que vai faltar AC para preencher elas. – Salto em cima da cama e fico com os pés de fora.

– Aposto que eu compenso em outros lugares. – Ele pisca para mim e sorri.

– Não sei, não lembro e nunca vi o Noah pelado na minha vida. Preferiria ter os olhos arrancados. – AC pisca algumas vezes para mim, se endireita na cadeira e volta a falar.

– Eu não estava falando bem disso e vamos mudar de assunto.

Com a alma mais calma com as boas notícias do Antônio e a sua cirurgia que ocorreu tranquila, me permito rir um pouco da cara do AC. Amo falar essas coisas de duplo sentido só para ver a carinha dele de quem está pensando no que eu falei. É olhar para o Antônio e as suas expressões em uma versão mais velha e não tem como eu me apaixonar... OPA! Que coisa foi essa? Calma aí, Elis. Agora tu não só colocou a carroça antes dos bois, como a estrada também.

Hora de colocar aquela promessa em prática novamente. A crise já passou e eu posso tentar colocar aquele filtro entre o que eu penso e o que sai da minha boca para funcionar. Não precisa ser na totalidade máxima, uns cinco por cento de eficiência já é bem-vindo e ajuda muito!

Mas como resistir? Minha cabeça está à mil, a situação de ontem com o nosso quase beijo, o que passei hoje com o meu coração de mãe se despedaçando vendo o sofrimento do meu filho. E depois, ver o AC controlando a situação burocrática enquanto eu fazia o papel de dramática de novelas mexicanas e ainda vendo o desabafo dele de que eu sou uma boa mãe. Vamos combinar que eu não sou tão forte assim para resistir à pessoa, não é? Já provei isso quando engravidei do Antônio.

O tempo passa devagar. E quando eu estava pronta para ir atrás de mais respostas a enfermeira apareceu no quarto trazendo o Antônio adormecido em uma cama. Tenho vontade de chorar de felicidade de ver o meu filhote de novo na minha presença. Só não o abracei e o amassei porque ele estava com o acesso do soro e dopadinho de remédios ainda. Com a ajuda da enfermeira e o AC, colocamos ele na cama. Noah chegou logo após com algumas roupas para nós três e mais alguns utensílios para o Perereco, bem como Pingú, que ninguém soube explicar como ele foi parar dentro do carro. Minha aposta foi que ele estava dentro da minha bolsa e caiu com a agitação toda.

O médico retornou para falar conosco depois de algum tempo, explicando alguns procedimentos que teríamos que ter nos primeiros dias com o Sr. Operadinho. Evitar movimentos bruscos, ele caminhar, o que vai ser a parte mais complicada, e até a forma de usar as fraldas, já que a incisão vai ficar bem abaixo da parte de onde se prende.

Nos revezamos para tomar banho após eu enxotar o Noah para casa esperar a Su e as crianças, já que a chuva havia passado e ela aproveitou a brecha. Ele saiu depois de um abraço apertado e o meu imenso agradecimento pelo o que ele fez hoje. Nem preciso dizer que ele não aceitou nenhuma palavra minha em consideração aos “velhos tempos”, em que a situação era contrária.

– Belas roupas. – Rio do AC com as roupas que o Noah emprestou para ele.

– Melhor que nada. E acredite, quando eu era menor, ganhava roupas que cabiam três AC's dentro.

– Ou andava pelado dando alvos as abelhas assassinas e taradas.

Vejo ele rir, e o seu sorriso faz aquelas coisas dentro de mim. Ele nota a minha reação e desviamos os nossos olhares antes que a coisa fique feia por aqui.

– Mais ou menos isso. – AC fala e eu corro para o banheiro para escovar os dentes, de

novo, para fugir do quarto por alguns instantes.

A noite foi agitada. Perto das dez horas, o Antônio acordou com os seus olhos diferentes estalados, gigante e assustados. Quando ele me viu, tentou levantar, sentiu dor e fez carinha de chorar, mas ao puxar o ar, sentiu mais e o seu rostinho me fez correr para a sua cama e o acalmar. Com cuidado me sento ao seu lado e começo a falar com ele.

– Mama – vejo ele murmurar com aquele beicinho de choro, fofinho e manhoso.

– Pererequinho da mamãe, quer matar a gente de susto? – Distribuo alguns beijos, pelo seu rosto, o fazendo suspirar de leve.

Atento a tudo, Antônio corre os olhos e quando vê o AC no seu outro lado, estendeu a mãozinha que mão estava com o acesso do soro e sorriu para o seu pai, fazendo o meu coração se transbordar com alguns sentimentos.

Com alguma luta, conseguimos dar algumas colheradas de uma sopa que veio da nutrição, e até que ela estava razoavelmente consumível. O creme e a gelatina que acompanhavam o safadinho queria comer tudo, mas para não encher ele demais e não correr o risco de ele vomitar, não exagerei.

O suprimento de fraldas que o Noah trouxe não foi suficiente para a noite toda. Tive que mandar o AC na farmácia mais próxima para comprar mais. O soro do Antônio entrava na sua veia e saía lá embaixo no mesmo instante praticamente. Mal mudava ele, que dormia, me ajeitava na cama ao seu lado e sentia a sua fralda se esquentando. Uma hora eu e o AC pegamos no sono um pouco mais pesado, e acordei toda mijada dele.

Pelo início da manhã, eu e o AC já tínhamos desistido de dormir mais que alguns segundos. Ficamos conversando e zelando pelo sono do nosso filho, que depois do susto que nos deu agora está, na medida do possível, bem.

Liv apareceu no hospital logo cedo, trazendo algumas roupas decentes para o AC. Antônio ainda dormia por causa da medicação que haviam administrado nele pelas seis da manhã. Eles saíram para tomar café juntos na lanchonete do hospital e eu fiquei sozinha com o dorminhoco, que visitava a terra dos sonhos, pensava que era uma fonte e jorrava água por uma torneirinha. Quando o AC retornou percebi que ele estava meio nervoso, mas não quis entrar em detalhes.

Elis, a moça comportada que não se intromete no casamento dos outros entrando em ação nesse minuto.

Perto das nove da manhã o Perereco acordou. Nos revezamos para dar café para ele que estava amuado, e acredito, com dor na região, como o médico nos alertou que ficaria.

Com duas batidas de leve na porta, Su trazendo a Fofinha agarrada no seu pescoço com os seus olhos azuis observando tudo na sua volta.

– Pronto Fofinha, ali está o teu “Peleleco”. – Minha amiga fala antes de nos cumprimentar.
– Oi, gente.

– Oi, Vaca. – Saio da cama do Antônio e dou um abraço apertado na minha amiga.

– Como vocês estão aqui?

– Agora bem. – AC completa depois que a cumprimenta.

– Mamãe, o “Peleleco”, dodói? – Minha afilhada fala baixinho. Pego ela do colo da sua mãe e a trago para cima da cama dele.

Meu filho abre aquele sorriso safado, que eu tanto amo, ao ver a amiga. Coloco ela sentadinha ao seu lado e a vejo fazendo carinho no seu rosto delicadamente, como se entendesse que agora tudo tinha que ser desse jeito.

– Ela entrou em pânico – Su fala depois que ficamos admirando os dois. – Estava me deixando louca de tanto chorar dizendo que tinha que ajuda a cuidar do “Peleleco” dela.

Antônio estava iluminado com a presença da Fofinha ao seu lado. Meu coração de mãe se aqueceu vendo essa interação deles.

Su fica algum tempo conosco. Conversamos na lanchonete quando eu fui comprar um café para mim.

– Algumas coisas mudam para melhor, mas essa coisa aqui continua pior. – Ela larga o pão de queijo no seu prato, se tivesse um pouco mais de força nesse lançamento, teria o quebrado em diversos cacos, de tão duro que estava.

– Pensei a mesma coisa quando cheguei aqui.

– Então, como foi à noite? – Ela pergunta e eu reviro os olhos por cima da minha xícara de café que estou tomando.

– Em claro, trocando o Antônio e sendo mijada. Mas faria tudo de novo só por saber que ele está bem depois desse susto. – Minha amiga me dá um olhar de quem entende o que passou.

– Não é fácil ver os filhos sofrendo e a gente sem poder fazer nada para mudar isso.

– Teve alguns momentos em que eu pensei no pior, Su. Eu não... – olho para ela que sai da cadeira e se senta na que está ao lado para me abraçar. Como eu amo essa vaca.

Contei para ela o que aconteceu antes da cirurgia do Antônio e como reagi a tudo. Sei que a Su iria entender tudo o que passei, bem como o meu drama, ainda mais quando eu disse que o Antônio estava gritando as primeiras palavras dele. Falei sobre o AC resolvendo as questões com o hospital enquanto eu pagava de louca, e também, o que ele me disse enquanto esperávamos alguma notícia do médico.

– Elis... – vejo meu nome reticente na sua voz. – Vocês dois estão pisando em terreno desconhecido.

– Eu sei – a corto. – Depois que tudo isso passar eu vou me afastar dele. Já prometi para mim mesma.

Recebo o olhar de quem acreditou na minha palavra e nós voltamos para o quarto. Ao abrirmos a porta, o AC estava sentado na cama, com o seu celular mostrando algum vídeo para as crianças.

– Vamos para casa Fofinha? Já viu o “Peleleco”, que ele está bem e tudo está certo com ele.

Os dois olham para a Su e fazem carinhas de quem quer mais. Fofinha ainda diz que não quer ir para casa e a Su nem pondera.

– Não podemos filha. O médico vai cuidar do Antônio, junto com a Tia Elis e o Tio AC. E nós vamos para casa cuidar do Gato para quando ele voltar.

– Se tudo der certo, provavelmente hoje mesmo. – Menciono esperançosa.

– Tchau “Peleleco”. – Fofinha fala e a Su aproxima ela para dar um beijo na sua cabeça.

– Ana Bella. – Meu filho fala com a sua vozinha infantil e um pouco tropeçando nelas.

– Esse é o nome da Fofinha? – AC questiona ao meu lado. Me viro para ele, e depois me viro para a Su, que está tão perplexa que eu com isso.

– Como ele conseguiu fazer isso? Até hoje de manhã ele estava falando só “mamã”. Quanto tempo nós estivemos naquela lanchonete? Cinco anos?

Falo e o Antônio sorri para mim, que safado!

– Peleleco, meu nome, mamãe! – Fofinha bate palmas e fica toda feliz vendo isso.

– Eu percebi. Perereco esperto! Deixa o tio Noah ver esse teu assanhamento para cima da Fofinha!

Antônio percebendo a sua nova habilidade de falar três palavras, as repetiu e ficou adorando a nossa babação em cima dele. Su sai depois de alguns minutos e voltamos a ficar só nós três novamente no quarto. Depois do almoço o Perereco dorme e nós dois aproveitamos para dormirmos juntos, esperando a alta dele para o final do dia e irmos para casa.

Capítulo 25

Chegar em casa foi um alívio e tanto. Fomos liberados perto da troca do plantão da noite. O Antônio estava bem, sem febre e outros sintomas a não ser a dor local, o que era esperado.

Até ele deu um suspiro de felicidade quando estávamos subindo o elevador para o apartamento, e no momento em que o deitei no sofá e liguei a TV, naquele canal de desenho que ele tanto gosta, recebi um sorriso do meu Perereco de agradecimento.

O AC foi para casa depois que eu convenci ele a ir descansar. Ele não gostou muito de ser enxotado assim, mas preciso de algum espaço para pensar e ficar sozinha com o Antônio. Liguei para a minha mãe na fazenda e a deixei a par do Antônio e disse, mais uma vez, que tudo estava sob controle, e ela não precisava vir me ajudar. Com cuidado e ajuda da Su, dei banho no meu filho decentemente e fiz o seu curativo com ele deitadinho na cama brincando com alguma coisa que ele achou pelo caminho. Pensei que ele fosse ficar mais enjoadinho e chorão, mas, mais uma vez, eu percebo que tenho o filho perfeito.

Dormimos na mesma cama, agarradinhos, e sem risco de ficarmos mijado no meio da noite e sem o medo de ele dar um puxão e arrancar o seu soro, como ele já estava bem a fim de fazer nas últimas horas que estávamos no hospital.

Como já era esperado, desmarquei todos os meus pacientes da semana. Não tinha condições de deixar o Antônio com o Noah ou a Su com ele tão dependente assim. Então dei folga completa para os dois e fiquei com as crianças enquanto eles trabalhavam.

Descobri que o AC é um chato. Não chato como pessoa, mas quando fica preocupado com alguma coisa. Ele me ligava umas 4 ou 5 vezes por dia para saber como o Antônio estava, e vinha todos os santos dias depois do banco para cá, inclusive hoje, sexta feira.

– Tua mulher não está em casa? – Pergunto para ele vendo os dois brincando em silêncio enquanto eu faço a janta.

– Ela me expulsou de casa. – AC fala em um tom tão natural que eu imagino ele por alguns instantes solteiro e... – Dizendo que o meu dever como pai é estar aqui cuidando do Antônio, e não lá em casa sem fazer nada. E ela está certa.

E com o final dessa frase, eu perco a linha. Não Elis, a Liv nunca o expulsaria de casa, até porque ela nem é louca nem nada. Quem no mundo colocaria para fora o cara que lava a louça e limpa uma panela que dá inveja em qualquer dona de casa com a melhor esponja de aço do planeta? Além disso, ele faz questão de juntar os brinquedos do Antônio, e ainda, dar banho nele depois da janta e trocar o seu curativo. Eu posso ser louca, mas não a esse ponto.

Entre trancos e barrancos, eu me afastei do AC. Ainda conversamos, mas não do mesmo jeito que estávamos antes. Somente o trivial e o necessário para a boa convivência, e confesso que estou sentindo falta dos nossos risos bobos e assuntos sem nenhum nexos sobre tudo e todos. Mas está sendo melhor assim. Eu na minha e ele com a esposa dele.

Volto para a cozinha e termino o jantar. Com as panelas eu sei que posso ter esperanças, elas nunca vão me abandonar.

Por AC

Olho para o meu filho deitado olhando a Dora Maldita depois do banho que eu dei nele. Seria besteira, e uma mentira, se ainda não tremesse em cima dos meus joelhos, cada vez que me lembro do que passamos há menos de uma semana.

Ver o sofrimento do Antônio foi perceber que ainda há muito ainda o que aprender sobre o meu papel de ser pai. A impotência que senti ao vê-lo sofrendo me deixou exposto a sentimentos que eu há muito havia escondido. E voltar a estar dentro de um hospital em uma situação crítica nunca me trouxe boas recordações.

Ainda dentro do carro, diante da situação em que ele convulsionava nos braços da Elis, agi no automático. Mesmo sabendo que isso em caso de febre infantil é uma anormalidade até considerada normal, não pude deixar de agir sobre ele. Agora vejo como as aulas de primeiros socorros que fiz serviram para alguma coisa.

Chegar ao hospital e assistir a cena de levarem o Antônio para a cirurgia foi o ápice do desespero que senti, mas tive que manter a razão acima do medo e agir com mais foco do que a Elis. Eu sabia que ela não ia ceder com tanta facilidade e iria deixar os seus instintos de mãe superprotetora falarem mais alto. Ainda mais com ele a chamando desesperadamente e assustado como estava. Até o meu coração ficou despedaçado com aquela cena. E eu, tive que assumir o controle da situação, sabendo que a ânsia de estar com a pessoa em questão, em um estado que nem sabemos decifrar, e mais ainda sedento por algumas respostas, não são capazes de resolver o problema.

Depois que o Noah a tirou de cima de mim me batendo por estar tão calmo diante dessa situação, tive que sair. Precisava respirar algum ar puro, antes que quem fizesse um escândalo fosse eu. Por mais tranquilo que eu estivesse externamente, por dentro estava virado em um nada. E precisava fazer alguma coisa para me ocupar, ou entraria em pânico. Me dei conta que, no meio dessa bagunça toda, a bolsa da Elis acabou ficando comigo e então achei serventia para mim.

Sai e meio do caminho abordei a recepcionista e questionei sobre como seria o atendimento do Antônio. Mais uma vez revivi cenas de desespero.

Contas, valores e taxas. E a dúvida, de onde tirar dinheiro para sanar aqueles números exorbitantes? Era isso ou o atendimento do SUS e sem a garantia que tudo seria feito com o máximo empenho que o paciente necessita. Calma AC, disse para mim mesmo. Hoje a realidade é outra e tu não é apenas um carteiro com um limite baixo de renda para trabalhar. A minha condição financeira ainda não é das melhores, mas hoje possuo a vantagem de mais margem para empréstimos e alternativas do gênero. E pelo bem-estar do Antônio eu enfrentaria toda essa luta novamente. Voltaria até trabalhar com treinamentos em academias em troca de dinheiro. Até porque agora não teria tempo suficiente para usar o mesmo recurso que utilizei da última vez.

Ao informar o nome completo do meu filho a recepcionista, bem como algum documento da Elis, esta sorriu para mim amigavelmente me informou que no seu cadastro já havia os dados do seu plano de saúde vigente, e que pela categoria em que ele se encontrava tudo estava coberto. Abençoada seja a Elis, suspirei ao assinar a baixa do Antônio na guia do plano, depois de passar todos os meus dados para a atendente registrar no sistema como responsável. Ela

poderia ser uma maluca, mãe protetora e dramática ao extremo, mas a mãe perfeita para o meu filho.

Tudo isso passou! O Antônio está bem, em casa, se recuperando normalmente e pronto para não dar mais susto em nós.

Como disse para Elis, fui expulso de casa pela Olívia. Segundo ela, eu não sou uma boa companhia em casa quando a minha preocupação está no sofá olhando a Dora como se estivesse paralisado e rindo sozinho para a televisão. No meu apartamento estava ficando mal-humorado, sem nada para fazer e inquieto. Se pelo menos o Luiz já tivesse voltado da Argentina em sua viagem de culpa e remorso, poderia extravasar essa ansiedade no squash. Mas nem isso eu consigo, e jogar com outra pessoa não adianta porque, modéstia à parte, eu e o Luiz somos os melhores e estamos no mesmo nível.

Segunda e terça eu não trabalhei, e voltava para casa somente à noite, depois de passar o dia aqui com eles. Quarta a Elis me expulsou daqui dizendo que não aguentava mais ver a minha cara na frente dela, e ela usou essas palavras mesmo. E ainda completou que já bastava ela faltando ao trabalho, e o Antônio não precisava de uma assistência dupla o dia inteiro.

Então, fui trabalhar na quarta, e mesmo assim em um dia coloquei todo o meu trabalho atrasado em ordem e ainda ajudei alguns colegas com os deles. Fui para casa depois do expediente e como não tinha nada para fazer, limpei o apartamento. Quase apanhei da Olívia quando disse que ia lavar as janelas pelo lado de fora e queria que ela me segurasse para não desequilibrar e cair lá em baixo.

– Impressão minha – falei para ela – ou nenhuma de vocês quer a minha presença?

– Não é isso. – ela falou tirando a vassoura da minha mão. – A Elis disse que não queria te ver de dia, mas não falou nada sobre depois do teu expediente. E o apartamento já está limpo, fiz isso depois que voltei do trabalho. Agora chega, vai ser um homem comum e olhar futebol na TV enquanto eu pinto. – Ela saiu para o escritório e eu, só de birra, fui arrumar o meu guarda-roupa.

E ainda há mais essa. A Olívia trabalhando com o seu ex-colega estranho, o qual ela jura que é gay. Nada contra, longe disso. Se o André é gay, tenho até receio de saber o que eu sou.

Quando ela chegou ao hospital na segunda pela manhã e fomos tomar café na lanchonete, lá no fundo eu esperava que ela tivesse reconsiderado a proposta e desistido de trabalhar. Mas não. A minha pequena Liv estava decidida a ter um emprego e eu não poderia lutar contra isso. Tudo já estava planejado naquela mente brilhante. Iria caminhando até a loja, almoçaria em casa alguma coisa simples e chegaria antes de mim ainda. Quando eu questionei sobre as suas consultas com a psicóloga, ela só revirou os olhos, em um tom de desgosto, e disse que já havia deixado tudo acertado com o André.

Voltei para o quarto um pouco mais nervoso que o normal. Até a Elis percebeu isso, mas não questionou, e eu agradeci silenciosamente. Quando voltei para casa aquela noite, a Liv estava eufórica. Sorrindo e feliz me contando sobre tudo na loja e de como foi recebida. E então eu relaxei. Me resignei a ficar em silêncio, só como espectador de tudo, mas isso não quer dizer que eu não esteja atentamente observando cada um dos seus movimentos, e se perceber qualquer

mudança, eu intervenho.

Elis volta da cozinha usando um shortinho minúsculo e uma blusa, que eu acredito que deveria ser utilizada com sutiã por baixo, e se senta de um jeito atravessado. Desde a nossa “quase interação” na fazenda e depois do que eu a disse no hospital, ela tem agido estranhamente comigo. Distante, como se estivesse preocupada com alguma coisa.

– Tudo bem? – Questiono e quando ela me olha com os olhos arregalados, eu tenho a confirmação que há alguma coisa.

– Sim. – Disfarçadamente ela sorri. – Tudo certo e contigo?

– Absolutamente normal. – Dou os ombros.

– Ok... – Ela suspira e percebo que isso está muito fora da Elis que eu conheço. Se tudo estivesse “OK”, com certeza ela faria uma piada ou falaria alguma coisa que me deixasse desconcertado.

– A Su está trabalhando? – Puxo assunto. Se estivesse, com certeza a Fofinha, ou Ana Bella, que o Antônio faz questão de falar a todos os pulmões agora, estaria aqui cuidando do “Peleleco” com o Gato.

– Não, a Vaca está com o Noah e as crianças no shopping. Cinema eu acho, e dando um passeio. Amanhã sim tem evento. E a Olívia?

– Empenhada em acabar um quadro para um cliente. Agora que ela está trabalhando, pinta só à noite.

– Ela me falou que ia começar na segunda. Estava toda animada. Legal para ela trabalhar, faz bem. Meu pai sempre me disse isso.

– Pois é – concordo – vamos ver onde isso vai dar.

Vejo a Elis se endireitar no sofá e olhar fixamente para mim.

– Algum problema com a Olívia trabalhando AC? – Olho para ela de soslaio e volto à atenção para a TV com a Dora e o seu macaco ajudante.

– Não. – Seco e monossilábico.

– Ah! Qual é! Deixa a Liv trabalhar! Ou vai me dizer que tu é da concepção que lugar de mulher na cozinha esquentando a barriga no fogão e esfriando na pia? Não me decepçiona, AC! Sempre pensei que tu fosse o cara perfeito, mas agora vendo isso, brochei legal.

Agora sim a minha Elis desbocada voltou à tona. Sorrio e olho para a TV. E com isso ela senta do meu lado e se pendura no meu ombro.

– Desembucha!

Seguro o riso ao ver a sua frustração. E vendo isso, ela começa a fazer cócegas, quase montando em cima de mim.

– Sabia que o Perereco tinha por quem puxar essa facilidade de ter cócegas. – E ele, vendo que a nossa brincadeira havia atrapalhado a Dora, gemeu bravo para nós, nos

repreendendo.

– Para, Elis! – Arfo entre uma risada e outra. – Não tenho nada contra a Liv trabalhar! – Digo e ela para de me atacar. – É só que ela se impressiona demais com o que as pessoas falam, e é pior quando é sobre ela.

Elis se acomoda sentada ao meu lado absorvendo as palavras que eu disse.

– Talvez ela só fique assim porque sabe que tu vai estar lá para a proteger. Se deixasse que ela lutasse as próprias batalhas saberia como agir.

– O problema que por mais que eu deixe, isso sempre acontece.

– Claro que sempre acontece, e aí tu vai lá e toma as dores dela. Deixa ela lutar sozinha AC. Vai ver que ela irá te surpreender e superar tudo o que vier pela frente.

Não respondo, porque ninguém, além de nós, sabemos o que passamos.

– Deixa de ser besta, AC! – Elis me dá um empurrão que quase caio do sofá, e com isso ganho um olhar severo do meu filho, já que não estamos deixando a Dora ser a soberana na sala hoje enquanto entoa seu sermão diário.

Me recomponho novamente no sofá e espero a Elis parar de rir do meu quase tombo.

– Foi sério o que eu falei. – Ela limpa os olhos na sua camiseta expondo a sua barriga e quase os seus seios. Claro que ela nem percebe isso. – Olha eu. Filha única. Sai de casa para estudar com os pais desgostosos com a profissão que escolhi. Superei isso me formando na faculdade. Anos depois, aquele assalto no meu antigo apartamento. Meu pai queria que eu voltasse para casa com eles. Aí pensei comigo mesma, já conquistei tanta coisa aqui sozinha, não vai ser isso que vai me fazer voltar para casa com o rabo entre as pernas. Bati o pé e fiquei. E depois de alguns meses essa coisa, que está olhando para nós com essa cara de bravo porque não calamos a boca. – olho para o Antônio que bufa audivelmente demonstrando o seu descontentamento com essa nossa conversa – sai de dentro de mim por um buraco pequeno para o cabeçudo passar, sem nem avisar primeiro. – Como se estivesse entendendo do que falávamos ele ri. – E mais uma vez superei tudo e mandei tudo e todos para longe. Essa é a vida AC, três tombos e quatro erguidas, e assim por diante.

Elis pisca para mim e eu fico sem palavras.

– Se eu abaixasse a cabeça, ou voltasse para casa dos meus pais, não estaria aqui com vocês dois olhando para mim como esses olhos diferentes me encarando como se eu fosse um ET que não cala a boca. Supera AC, – ela bate no meu ombro amigavelmente e se levanta – deixa a guria livre e relaxa. Tu fica mais bonito com um sorriso no rosto do que essas rugas de preocupações. Eu manjo dos paranauês.

E com isso ela sai da sala. E eu fico meio desnortado com tudo que ela me falou. Olho para o Antônio, que está piscando sério para mim.

– “Mamãi” – ele fala para mim, cada dia aperfeiçoando o seu vocabulário de três palavras. E como se deixasse subentendido que ela sabia das coisas e não era para duvidar das suas palavras.

– É a tua mãe. – Falo para ele e o pego no meu colo, ainda com cuidado por causa dos seus pontos, e o abraço e beijo diversas vezes até ele reclamar e me empurrar.

Ele dorme nos meus braços depois de um tempo, e eu o coloco na sua cama confortavelmente. Me despeço da Elis dizendo que amanhã eu traria a Liv junto comigo para ela me aceitar na sua casa. E que ainda a noite seria de lasanha de janta.

Volto para casa pensando em tudo que a Elis me disse. Sei que o Luiz já havia me falado isso tudo também, mas sempre prestamos mais atenção na segunda opinião. Eu sou superprotetor, não nego. Mas faço isso para assegurar a felicidade da Olívia, e foi deixando ela fora do meu alcance por algumas horas que eu quase a perdi. E até hoje eu me culpo por isso.

Chego ao apartamento com as luzes acesas e risos vindo do escritório. Caminho silenciosamente até lá e vejo o estúdio improvisado da Olívia onde fica todo o seu material de pintura e mais algumas coisas. Ao perceber que ela não está sozinha aqui, fico parado na porta vendo a interação dela com o André, e ele a parabenizando pela harmonia das cores e das linhas do quadro na frente deles.

– Cae! – Liv dá um pulo de susto ao me ver ali, escorado na porta sorrateiramente. Pelo visto estava pintando, pois está suja da tinta, mas com um brilho nos olhos inconfundível. – Acabei mais um.

Sorrio para ela e me volto para o André, que olha para mim. Ele não mudou muito desde o tempo da faculdade, mas pelo menos não usa mais maquiagem nos olhos e seus cabelos não estão com as pontas pintadas de rosa.

– Olá! – Ele me estende a mão e eu aperto com um pouco mais de força que o necessário para um cumprimento amigável. E por incrível que pareça sou correspondido na mesma intenção. Gay é o caral...

– O André veio me trazer alguns relatórios de notas e ficamos conversando até agora.

– Mas eu já estou indo embora. – André fala sorrindo demais para o meu gosto para o lado da Liv. – Olívia, mais uma vez te digo: tu não tem noção da mão que está me dando lá no estúdio. – Ele se volta para mim e continua a falar. – Desde a organização até xingar os clientes chatos.

Pisco algumas vezes e olho para a Olívia rindo de alguma história entre eles que não fui colocado a par.

– Deixa de ser bobo, André! – Observo a interação deles, Olívia bem à vontade o empurrando pelo ombro e ele, com toda a sua roupa preta e os cabelos arrepiados de gel, esboçar um sorriso cheio de segundas intenções.

Conheço esse jeito de lidar com as pessoas, seria hipocrisia minha se não comparasse com o mesmo relacionamento que vinha tendo com a Elis. Mas a única diferença é que eles se conhecem desde o tempo da faculdade, uma época em que a Olívia não era assim como é hoje.

– É a verdade. – Ele continua a falar. – Bom já incomodei demais por hoje. Tchau Liv, mais uma vez obrigado pela ajuda e parabéns, o quadro está ótimo.

– Eu que agradeço. Eu te acompanho até à porta.

– Tchau, AC. – Me despeço e vejo eles saindo em direção à saída.

Fico observando o quadro na minha frente. O jeito que as cores se harmonizam e se espalham com as pinceladas firmes da Olívia, bem como a sua assinatura de solteira em um dos cantos da obra. Olívia Santstevan.

– Então tu tem sido a salvação da loja. – Afirmo quando ela se deita ao meu lado na cama.

– Que exagero do André, mas tem sido bem legal a experiência.

– Até xingar os clientes? – Brinco.

– Claro, a mulher me xingou por um erro dela, e eu revidei. – Ela me conta a história e ri ao mesmo tempo.

– Essa é a minha Liv! – A abraço e penso no que a Elis me disse mais cedo, de que se deixasse a Liv lutar as suas batalhas sozinha, ela me surpreenderia.

– Mostrei alguns desenhos meus para o André também. – Sua voz esperançosa me faz sorrir para nada no quarto escuro.

– E ele disse que nunca viu desenhos mais lindos em todo o mundo. – Olívia ri.

– Não, Cae! Mas disse que se eu quisesse, poderia deixar alguns no portfólio das tatuagens para ver se alguém se interessa em algum desenho. E que posso desenhar para quem quiser um desenho próprio, já que ele é o único que faz isso lá e temos estilos diferentes.

– Os tatuadores não desenham?

– Não são todos que tem a habilidade de criar, só a de reprodução e preenchimento, bem como a técnica de tatuar em si. Eu estava dando uma olhada no pessoal tatuado, é bem interessante.

– Liv tatuadora. Gostei! Só não quero ser cobaia.

– Bobo! Só vou desenhar e repassar para os tatuadores. E não vem que a tua eu desenhei e o cara lá só tatuou. É a mesma coisa.

Me lembro da empolgação dela ao me mostrar os desenhos que fez para a minha tatuagem tribal no braço em direção ao ombro. Fiz mais pela empolgação dela do que pela tatuagem em si.

Quando o Luiz pediu um esboço para a dele, vi a mesma empolgação adolescente e a dedicação em cada detalhe do desenho, desde o projeto inicial ao final no corpo dele. Segundo o meu amigo, a Liv estava quase pedindo a máquina ao tatuador para ficar exatamente igual ao desenho dela. Ficou em cima em cada detalhe e o resultado final não poderia ter sido outro, a não ser perfeito.

– É um começo. Daqui uns dias já vai estar se vestindo toda de preto, cabelo raspado de um lado da cabeça, e a outra pintada de verde limão. Vai ser o assunto da festa de final de ano lá da agência.

Olívia ri alto ao meu lado e eu fico aliviado com a visão dela desse jeito. Conversamos

até ela parar de me responder e cair no sono.

Sei que a guinada que a nossa vida teve desde a chegada do Antônio foi de 180°, e isso refletiu em peso sobre nós. Todas as diferenças são notáveis e positivas, tanto para mim como para a Olívia. Pela primeira vez tenho o início da certeza de que deixá-la lutar as próprias batalhas só vai fazer bem a ela. Me mostrar que eu estava errado, vai ser uma lição ótima que vou aprender. O difícil mesmo vai ser aturar o Luiz se vangloriando disso para o resto da minha vida, dizendo que ele tinha razão de tudo.

Capítulo 26

Ontem levei o Antônio no médico para uma revisão básica da cirurgia e foi tranquila. O AC fez questão de ir junto, ficou atento a tudo que o médico nos dizia e ainda fez algumas perguntas sobre a saúde do Perereco. Mais um tópico naquela lista imaginária que eu tenho sobre as qualidades do pai do meu filho. Cada vez que percebo, ela está ficando maior.

O médico nos falou que o susto que o Antônio passou, poderia ser o fator que desencadeou o ato dele começar a falar algumas palavras. Além do “mamãi”, evoluído do “mama”, e o nome da Fofinha, que ninguém sabe porque entrou no seu seletivo vocabulário. E quando chegamos em casa, ele me presenteou com mais uma e começou a repetir a cada frase que eu perguntava para ele. Quase morri rindo com ele me respondendo daquele jeito.

Mas o que me estragou o dia de hoje, foi quando eu cheguei ao orfanato para dar uma olhada no estoque de comida para começar a preparar a dieta da semana que vem. De cara eu percebi que alguma coisa não estava bem, pois a Raquel me recebeu com um sorriso amarelo que me deixou com o cachorro atrás da orelha, e não só uma pulga.

E quando eu cheguei à cozinha e encontrei a Sarah daquele jeito, a fera dentro de mim saiu.

Cortaram um pedaço do cabelo dela! E não foi aquela coisa de criança que é uma mechinha de brincadeira, como eu fazia seguido com a minha franja estilo indiozinho. Literalmente passaram a tesoura nos cachos da Sarah, sem dó ou piedade!

Quando eu perguntei para ela o que havia acontecido, só tive o seu sorriso triste de resposta, me dizendo que foi na escola. E isso me deixou puta da cara!

Não resisti e voltei na sala da Raquel para conversar com ela. Isso passou completamente dos limites aceitáveis! Raquel me disse que também teria achado a ação das colegas da Sarah exagerada e pediu mudanças perante a direção da escola em que ela está estudando.

Raquel me convenceu a não ir à escola dela para fazer um escândalo também. Me prometeu que se mais alguma coisa acontecesse com a Sarah naquela escola, iria tirar ela de lá e colocar na outra escola onde os mais velhos estudam. Por mim já teria feito isso na mesma hora, mas a Raquel me lembrou, educada e elegantemente, quem manda naquele orfanato é ela, e não eu.

Voltei para a cozinha e encontrei a Sarah se divertindo ajudando a Laura, a cozinheira do Orfanato. Fiquei com o coração na mão em ver os seus cachos que acho tão bonitos e volumosos desajeitados, daquele jeito. Não resisti, a sequestrei e levei até um salão que tem no bairro do orfanato.

Paguei por um corte decente e hidratação nos seus cabelos, mas mesmo assim, irei sentir falta de brincar nos seus cachos. Até o Antônio achava gostoso puxar as molinhas e as verem voltarem para o lugar. Cada vez que fazia isso ele dava aquela risada gostosa e safada que me faz querer morder os dois de tão gostosos que são juntos. Mas a felicidade que vi nos olhos da Sarah quando a cabeleireira mostrou o seu novo corte e os cabelos brilhantes para ela, me valeu mais do que qualquer lembrança que eu poderia ter.

E por isso eu me atrasei completamente. Tenho um evento essa noite com a Vaca mor, e o Antônio vai para a casa do pai, para amanhã cedo ir para um torneio de squash em uma academia. Não entendi qual a moral de levar o Perereco para ver o Luiz e o AC jogarem uma espécie de tênis com a quadra cortada, já que eles rebatem a bola com a parede. Não pude negar quando ele fez aquela carinha de cachorro abandonado, é a mesma do Antônio, então não ia conseguir dizer não mesmo.

Encontro o AC no saguão do prédio em que moro. Nem preciso dizer que ver ele de calça social e camisa com gravata me faz ter coisas dentro de mim. Oh homem que sabe se impor com essas roupas! Maldito seja ele que chega aqui vestido desse jeito, com aquela barba serrada começando a cobrir o rosto e o perfume... Ahh o maldito perfume do AC! Puta merda, o cheiro ficou no meu carro por alguns dias desde a última ida do Antônio para a casa dele. Abri todas as janelas do carro quando recebi de volta para não enlouquecer com o resquício que ficou. Ah Elis sua vaca! Para de pensar nisso e foca em outras coisas!

– Como foi o teu dia? – Ele me pergunta quando entramos no elevador.

– Altos e baixos. – Falo e me escoro nele para tirar os sapatos de salto que estão começando a me matar aqui por andar neles o dia todo.

– O meu também.

Retiro um pé e quando vou para o outro me desequilibro, e se não fosse o AC me segurar, com um reflexo ninja, eu teria caído no chão. Quando consigo me reequilibrar, ainda nos braços dele, ficamos a centímetros um do outro. Meu corpo implora por um contato mais íntimo, mas pela primeira vez, o meu bom-senso me freia antes de eu o atacar aqui mesmo no elevador.

– Desculpa. – Murmuro me soltando dele e indo para o outro lado do elevador, correndo como se ele estivesse contaminado com algum tipo de vírus mortal e altamente contagioso. Um vírus que não tem cura e quando se pega, deixa as pessoas enlouquecidas no primeiro contato.

Saímos do elevador com aquele climão novamente entre nós. Em silêncio entro na casa da Su com ele atrás de mim. Passamos pela sala e cozinha e nenhum sinal da Vaca com as crianças, então sigo ao quarto de música do apartamento deles.

Quando abro a porta, vejo todo o comboio ali. Yago e Su estão tocando alguma música com um ritmo forte no piano à quatro mãos. Fofinha e Antônio estão sentado em um sofá vidrados neles que tocam com uma maestria e perfeição de dar inveja a muitas bandas profissionais. E o Gato e o JB estirados no tapete fazendo campeonato de qual dos dois dorme mais.

– Temos expectadores novos hoje. – Minha amiga fala assim que ela e o filho terminam de tocar em uma perfeita sincronia.

– Chegamos! – Falo e o meu filho quando me vê sai correndo do sofá e vem em minha direção falando.

– “Mamãi”. – Pego o meu Perereco no colo, o beijo repetidamente e o abraço quase quebrando as costelas dele.

– Coisa linda da mamãe! – O amasso mais um pouco até fazer dar aquela risada gostosa

que eu tanto amo. E quando paro, ele vê o AC atrás de mim e estende os braços para ele pedindo colo do seu pai.

E ao ver essa cena, do entrosamento dos dois o meu coração se aperta um pouco. É notável o que o amor entre pai e filho flui em altas doses. A culpa de ter escondido o Antônio por todo aquele tempo ainda se faz presente. Muitas vezes me peguei sonhando de como seriam as coisas se o AC não tivesse sumido depois da nossa escapada, ou se o meu apartamento não tivesse sido assaltado e eu me mudado.

– Tudo bem, Vaca? – Su me olha com milhares de significados.

– Tudo... Ou melhor, não! – Me lembro da Sarah. – Mas conversaremos à noite. Tenho que despachar as malinhas aqui.

– Certo. Conversamos mais tarde.

– “Mamã!” – Antônio me chama no colo do seu pai e eu me recomponho para me despedir do meu filho por mais uma noite.

Vamos até o meu apartamento e eu fico me vangloriando por ter deixado a mala do Antônio arrumada ontem à noite aproveitando que ele tinha dormido um pouco mais cedo que o normal.

– Fala para o teu pai a palavra nova que tu aprendeu Antônio. – Digo colocando a mala em cima do sofá. AC olha para mim e alterna o olhar comigo e a pequena gigante mala que fiz. Antes pecar por excesso do que por falta.

– Não. – Meu filho fala e eu começo a brincar com ele como fiz desde ontem quando ele me apresentou essa palavra nova no seu vocabulário.

– Não vai falar a palavra nova?

– Não.

– Mas tu já disse. – AC ri de nós e beija a bochecha do Antônio.

– Não. – Perereco fala mais uma vez.

– Viu só, ele não quer falar a palavra nova que ele aprendeu. – Desdenho e começo a rir. Acho que esse foi o motivo do Antônio ter ido dormir mais cedo ontem, porque eu comecei a conversar com ele e todas as respostas dele eram “não” e desatava a rir disso.

– Não quer falar, filho? – AC entra na brincadeira e o Antônio olha para o seu pai bem sério.

– Não.

– Viu só! – Me aproximo dos dois e dou um beijo estalado na bochecha do meu filho. – Quer ir para a casa do teu pai hoje?

Como se estivesse entendendo o que eu havia falado vejo o Perereco sorrir para mim e depois virar para o seu pai que abriu um sorriso gigante. Os segundos se passam e o Antônio começa a brincar com a gravata do AC ignorando a minha pergunta.

– Ah seu Perereco Safado! – Falo para ele. – Desde ontem me respondendo não para tudo e quando eu pergunto isso, tu não me responde!

E como eu desconfiava, o meu filho ri da minha cara e leva o seu pai junto na onda. Estou bem arranjada com esses dois de complô contra a minha pessoa.

Me despeço do Antônio com um pesar no coração. Sou coruja assumida, e só de pensar que vou acordar sem ele estar subindo na minha cama sorrateiramente e se atirando em cima de mim, como um saco de batata, já me deixa para baixo.

,

– Então foi por isso que tu te atrasou? – Encho a minha boca com um salgadinho de festa e faço que sim com a cabeça para a Vaca.

– E não foi coisa de criança, sabe? – Engulo e continuo a falar. – Literalmente passaram a tesoura nos cabelos dela. Eu surtei. Se a Raquel não me mandasse baixar a bola eu iria à escola fazer escândalo.

– E eu ia junto! – Minha amiga pega outro salgado e come também. – Onde já se viu fazer isso com a Sarah! Uma criança tão querida por todos! Ela não faz mal a nenhuma mosca que seja!

– Pois então – entorno um copo de refrigerante para desembuchar dos salgados. – A Raquel me prometeu que se mais alguma coisa acontecesse com ela, ia mudar a Sarah de escola e colocar na que os mais velhos estudam.

– Menos mal! – Su dá uma olhada geral para ver se precisam de alguma coisa e quando ela olha para mim com outra cara, eu percebo que vamos mudar de assunto drasticamente. – Agora me conta sobre tu e o AC.

– O que tem nós? – Disfarço arrumando uma bandeja de doces.

– Não mente para mim... – Carla chega e fala alguma coisa para a Su e elas conversam um pouco.

Aproveito esse tempo que tenho para pensar um pouco mais em nós dois. Mas acho que não tenho uma opinião formada sobre os meus sentimentos, se é algo além, ou uma quedinha pelo passado que ficou mal resolvido entre nós naquela época. Porém, não posso negar que cada dia que passo ao lado do AC eu fico mais mexida com tudo isso.

O jeito comedido dele, o modo como ele e o Antônio e a Fofinha brincam juntos, até como conversa com o Yago sobre alguma coisa que chame a atenção deles. Nem falo nada quando peguei ele ensinando matemática para o Yago. Babei litros vendo a dedicação dele e a paciência que o AC teve. E também é impossível não sentir alguma coisa quando estamos conversando desde algo sério até qualquer bobagem que nos faça rir até quase chorarmos.

Ele é perfeito. Até o maldito jeito quando ele está com a Olívia ao seu lado. É maravilhoso como ele lida com o nosso filho. Mágico quando vê que eu estou cansada, arruma a bagunça das crianças para mim e lava a louça do jantar quando está lá em casa. E o principal de todos. A tranquilidade dele em momentos de crise, como se porta quando a situação pede calma.

Enquanto eu sou dramática e histérica ele procura um jeito de acalmar os ânimos. Somos opostos, mas ao mesmo tempo tão compatíveis. Isso me frustra! Por que essas coisas só acontecem comigo?!

Ohhh droga, isso só pode significar uma coisa...

Sou dramática, exagerada, sincera e espontânea. Não me entrego pela metade. Comigo a coisa é oito ou oitenta. Mas me vendo nessa situação agora, percebi que nada posso fazer. A não ser assistir tudo de camarote e ainda ser feliz pelas conquistas deles. O AC é o pai do meu filho, um laço que está amarrado para a eternidade e a Olívia sua esposa, um anjo de pessoa e que aos poucos está virando uma grande amiga. Estou em um fogo cruzado. Não sei quando isso aconteceu, mas agora, vendo todos esses fatos eu tenho a confirmação de que o existe dentro de mim é bem mais que apenas uma atração.

E o que mais me dói nisso tudo, é que eu me conheço. E sabendo disso, sei que vou transparecer isso para todo mundo.

– Então? – Su volta à atenção a mim, suspiro audivelmente e olho para ela ainda pensando.
– Ai, Elis! – Ela geme.

– Que foi? – Tento disfarçar, mas pelo jeito que a Su olha para mim, sei que essa Vaca já entendeu tudo.

– Eu te conheço, Vaca! – Ela coloca a mão na cabeça e olha para mim com um ar de tristeza.

– Vou superar isso. Nunca que atrapalharia o casamento do AC e da Liv! Ela não merece isso! Ela já é uma amiga! Daqui a pouco começo a chamar ela de vaca e tudo.

Su me abraça e a minha vontade é de chorar no seu ombro. De colocar o meu lado dramática de ser em funcionamento total. Mas não faço isso. Me recomponho em segundos, porque admitir que estou apaixonada pelo AC agora é bem mais fácil do que ter que ver ele quase todos os dias.

Por AC

Saio do apartamento da Elis no seu carro com o Antônio sentado na cadeirinha. Eu disse que poderia comprar uma, ou então só pôr essa mesmo no meu carro, mas a Elis disse que não valia a pena e que trocar de carro era uma coisa chata de se fazer. E depois disso, me empurrou as chaves do carro dela e arrematou falando que não ia precisar do carro mesmo.

Então aqui estou eu escutando as músicas do seu *pendrive*, que vai desde as músicas antigas da Eliana, Xuxa e até o AC/DC pesado. E o Antônio está dançando todas aqui atrás de mim, e eu o acompanhando pelo espelho retrovisor a caminho do trabalho da Olívia para buscá-la, já que como teve consulta com a psicóloga, sairá mais tarde.

Com muito sacrifício de encontrar um local para estacionar, deixo o carro umas duas quadras depois do trabalho da Olívia, pego o Antônio no colo e saímos pela rua.

– Tu está pesado já amigão. – Falo para o Antônio atento tudo na rua.

– Não. – Me responde e eu começo a rir.

– Está sim. Daqui a pouco vou te colocar no chão para ir caminhando até a loja da Tia Liv.

Ele olha para mim sério, como se entendesse que teria que caminhar, sorri sorratamente e me abraça. Impressão minha ou ele está querendo me subornar com carinho? E eu aceito, e ainda cobro mais caro beijando a sua cabeça e os seus cabelos loiros iguais aos da sua mãe.

E falando nela... A minha situação com a Elis está cada vez mais delicada. Estou com medo de qualquer dia fazer uma besteira, daquelas épicas e sem volta.

Aquela maluca mexe comigo de uma forma que nunca imaginei que poderia ficar abalado com alguém. Ultimamente tenho estado com o meu autocontrole ao limite extremo, e isso não é uma coisa boa para nenhuma das partes envolvidas nisso.

E por isso eu tomei uma decisão.

Ainda estou preparando o terreno para a sua concretização, mas é a coisa certa a se fazer. É o mais sensato para mim, Olívia e até mesmo a Elis, caso o que eu sinto por ela seja correspondido na mesma proporção que eu imagino que estamos. E se caso não for, é só mais um tombo que levo na vida, e mais um para me recuperar.

Não vai ser fácil. Terei que ir com calma para me manter fiel à todas as promessas que fiz a Liv naquele fatídico dia de chuva em que tudo aconteceu. Mas é a coisa certa a ser feita.

Com o Antônio nos meus braços, entro na loja da Liv e a encontro no balcão, com a cabeça baixa lendo alguma coisa concentrada. Minha pequena Liv, está me surpreendendo a cada dia que se passa. Nessas três semanas de trabalho, já posso dizer que moro com uma pessoa diferente. Se antes, ela era comedida e receosa, agora já consigo ver uma Olívia mais audaciosa e tomando suas próprias decisões.

– Boa tarde, será que esse pequeno aqui pode fazer uma tatuagem em algum cliente? Ele tem desenhos ótimos. – Falo.

– Cae e Antônio! – Liv sai de trás do balcão e o meu filho já estende os braços na sua direção se jogando. – Ah que saudade desse Perereco que eu estava!

O safado do meu filho se assanha todo para a Olívia a abraçando e a beijando. Espero os dois terminarem de se amassarem e dou um beijo na cabeça da Olívia.

– Vem que vou mostrar tudo para vocês dois. – Ela me puxa por uma mão e começa o tour.

A explicação dela é minuciosa sobre cada parte da loja. E eu não entendo mais de metade que ela fala, mas demonstro entender e ainda tento fazer umas perguntas básicas para demonstrar que estou a par do assunto.

Quando chegamos à parte das pinturas o Antônio deu uma virada no colo dela que, se não fosse por reflexo da Olívia, teria derrubado uma estante cheia de tintas coloridas. Ah ele sozinho com essas tintas, faria uma bagunça danada.

Optamos por jantar no shopping perto do nosso apartamento. Saímos depois da Liv fechar a loja e enfrentamos um trânsito intenso até chegar lá. Até o Antônio dormiu no caminho.

E quando acordou no shopping, quase me deixou maluco correndo atrás dele nas lojas e mexendo em tudo. Ele só parou quando coloquei um sorvete na sua frente depois de comer um pouco. Depois disso tivemos que ir embora, porque ele literalmente caiu de boca no pote com o doce.

O frio pegou, e dormimos os três juntos na cama. Ou melhor. Eles dormiram e eu fiquei com um espaço mínimo e fui chutado e socado a noite toda pelo Antônio. Uma hora ele estava com os pés no travesseiro, enfiando no meu rosto, e a cabeça na minha barriga. Perto das seis da manhã eu desisti de dormir e fui arrumar a cozinha para o café da manhã.

Eu e o Luiz vamos participar de um torneio de squash na academia. Todos os anos eles organizam em prol de alguma instituição e esse ano eu dei a ideia de a verba levantada, bem como a entrada de 1kg de alimento, fosse revertido ao Orfanato que a Elis ajuda. Quando cheguei com o convite para ela entregar a diretora do orfanato, a maluca se agarrou em mim. Literalmente se agarrou no meu pescoço em um abraço, e quando eu dei por mim, suas pernas enrolaram na minha cintura, e eu a agarrei para não cair.

E eu quase cometi um adultério nesse momento.

Se não fosse o miado do Gato pedindo socorro das mãos das crianças, teria sido na cozinha mesmo. Teria agarrado a Elis e a beijado como tinha feito àquela vez. Não seria nenhum pouco delicado com ela, pois na situação em que me encontro, qualquer fagulha seria o estopim que faltava para explodir, e faria questão de deixar alguma marca naquela pele clara.

E agora, sempre depois que volto da casa da Elis, tenho que me lembrar de que depois de sair do banho, regular a temperatura normal da água. Banho gelado está se tornando um hábito não muito agradável, ainda mais nesse frio.

Chegamos no horário marcado de abrir as inscrições. Encontro o Luiz já se aquecendo em uma quadra e deixo a Olívia e o Antônio, que estava olhando para tudo na sua volta, sentados na arquibancada em frente às quadras.

– Bom dia. – Desvio de uma bola que ele me joga, quando entro em uma das quadras.

– Hey, Sr. Certinho! Como estão as coisas?

– Na mesma ainda. – Pego a minha raquete e começo a me aquecer ao seu lado.

– Ainda não falou com a Liv?

– Não. Ela ainda não sabe de nada. Mas isso é uma questão de tempo. Quero ver ela bem estável e sem perigo nenhum.

– Ela vai entender, AC. Liv é uma pessoa boa e vai aceitar e ainda te incentivar a ser feliz. Assim como tu vai fazer isso com ela.

– Sim. – Concordo. – Não vou a deixar passar necessidade. Acredito que ainda vamos morar juntos e tudo. É mais por...

– Ser o certo. – Luiz completa o meu pensamento e eu concordo com um aceno de cabeça. – Se todas as pessoas tivessem esse bom-senso, honestidade, altruísmo e... – Olho para o meu amigo e ele cala a boca.

Só que isso dura apenas alguns segundos.

– Sério, AC. Se boa parte da população fizesse isso, muitos problemas não existiriam.

– Cala a boca, Luiz. – Falo para ele e recomeço a me aquecer. – E vamos nos concentrar aqui.

– Concentrar para que? Ou tu acha que algum deles tem chance contra nós? – Dou uma passada rápida de olhos pelos outros e volto para o Luiz.

– Nenhum pouco, mas precisamos estar abalados para dar um pouco de confiança para os outros. E não acabar com tudo de uma vez.

– Ah, me esqueci de dizer que tu é modesto também. – Luiz me dá um tapinha amigável no ombro e começamos a rir.

Capítulo 27

– Oi Elis, é a Olívia. Tudo bem por aí?

– Oi Liv, sim. E com vocês? – Meus instintos ficam em alerta com essa ligação assim inesperada da Olívia. Será que aconteceu alguma coisa com o Perereco?

– Tudo ótimo! – Solto uma respiração de alívio.

– Vocês já estão trazendo o Antônio?

– Então, foi por isso mesmo que te liguei. Não faz muito que chegamos em casa. O Cae foi para o banho com ele e quando estava colocando roupa no Antônio para levar ele para casa, o pequeno dormiu.

– Dormiu? Tem certeza? Não trocaram de criança lá? Não são nem sete horas da noite para ele ter dormido. – Olívia ri do meu comentário.

– Ele passou o tempo todo correndo e brincando lá na academia. Estava cansado demais e dormiu. Aí eu estou te ligando. Levamos ele mesmo assim ou amanhã pela manhã quando ele acordar?

Conheço o Perereco, se ele está cansado, dormiu e depois tentarem o acordar, vai ficar com um humor pior que o da Su na TPM. E aí, choramingando, resmungando e sem conseguir dormir novamente tão rápido assim.

– Deixa ele dormindo então. – Falo por fim, por mais que eu esteja morrendo de saudades do meu filhote, sei como ele detesta ser acordado em uma situação dessas. – Se não for incômodo para vocês, claro.

– Capaz! – Ela me fala animadamente. – O Antônio é um anjinho e não nos incomoda em nada! – Quando está dormindo principalmente, comento mentalmente.

– Amanhã se quiserem posso ir buscar ele.

Dou essa ideia por que sei que se o AC o trouxer, os dois vão brincar, olhar TV para depois se despedirem. E eu não estou preparada psicologicamente para ficar a sós ainda com o pai do meu filho. Ainda mais depois da epifania que tive ontem à noite.

– Tive uma ideia melhor! Vem almoçar com a gente! – E com isso o meu tiro saiu pela culatra.

– Ah não precisa Liv... – tento sair dessa emboscada.

– Não! Sem discussão! Nós já jantamos tantas vezes aí. Agora é a nossa vez de retribuir. Convida o Noah a Su e as crianças também.

– Eles vão almoçar com o tio da Su. – Oh droga! Encarar o AC sozinho é uma coisa, mas ver ele, a esposa e o entrosamento de um casal perfeito, já é demais para a minha pessoa.

– Ah que pena. Mas mesmo assim, vamos te esperar. Claro que eu e o Cae não chegamos nem aos pés do que tu cozinha, mas vamos fazer o nosso melhor.

– Ok... – essa é a única coisa que sai da minha boca.

– Certo então. Te esperamos para almoçar então Elis.

– Levo uma sobremesa. – Ainda completo para não soar tão apática com a situação.

– Que ótimo! Se a comida não sair boa a sobremesa salva. – Falo mais algumas coisas para a Olívia e desligo o telefone.

Parabéns Elis, tentando te livrar de um problema, arranjou outro.

– Ainda vou viver entre as vacas lá da fazenda. – Falo para as paredes. – Pelo menos não vou me estressar tanto assim!

~

– Mamã! – Me ajoelho no meio da sala do apartamento do AC e da Liv, abraço e beijo o meu filho diversas vezes.

Eu estava morrendo de saudade do meu Perereco. Minha casa estava vazia sem o barulho da TV ligada com a Dora Maldita, não que eu estivesse reclamando desse fato em si. Ou então, dele me chamando de “mamã” a cada segundo, como ele faz desde que descobriu a capacidade de falar, ou a sua bagunça, espalhando os brinquedos dele pela sala, minutos depois de eu ter juntado tudo.

Nem quero pensar o que vai ser de mim quando ele sair para a faculdade. Acho que já vou preparando a cabeça do meu filho para me levar junto quando essa hora chegar.

– Oi. – AC fala para mim assim que eu me desgrudo do Antônio, não por que eu queira, e sim, porque ele estava me empurrando para conseguir respirar.

AC me estende a mão para me levantar e eu alcanço. No momento em que nos tocamos, eu me perco em pensamentos que não deveria habitar a minha mente. Eu sabia que vir aqui seria um erro, uma tortura épica que eu poderia ter evitado a todo custo.

Os olhos do AC, um diferente do outro, focam nos meus e eu tento me controlar, mas é quase impossível resistir a ele. Eu te odeio AC! Falo mentalmente para ver se o meu coração entende essa mensagem e eu consigo me controlar.

Mas isso não adianta em nada! Tudo o que eu mais quero é me perder nos braços dele. Um segundo deslize no meu sofá, sem tequila no meio. Só para provar para mim mesma que o AC é uma negação na cama e pronto. Tudo acabaria por aí mesmo.

A quem eu estou tentando enganar? Esse idiota já está dentro de mim e nada no mundo vai fazer ele sair de lá!

– Como foi o torneio? – Pergunto desviando o nosso olhar.

– Ótimo. Ganhamos de novo. – AC sorri para mim e eu tento não ficar abalada com isso, mas tenho a certeza de que não consegui ser convincente.

– Parabéns.

– Obrigado. Acredito que até o meio da semana o pessoal da academia vai levar os

alimentos para o orfanato. – Ah claro, para se fixar mais ainda nas entranhas do meu coração, o desgraçado ainda está ajudando a minha causa no orfanato.

Eu te odeio! Odeio! Odeio! Odeio! Aposto que deve ter chulé daqueles que ninguém aguenta, ou então não abaixa a tampa do vaso e deixa toalha molhada em cima da cama. Pior ainda! Ronca e baba no travesseiro! Onde já se viu querer alguma coisa com um homem desses, Elis? Já pensou acordar ao lado dele e ver essa cena? Acaba o amor e a amizade na primeira noite. Aposto um mês de chocolate em que ele tem todos esses defeitos e muitos mais!

Ah se catar Elis, tu ama esse homem como nunca pensou que pudesse amar uma pessoa! E olha que só faz um pouco mais de três meses que eu realmente o conheço! Isso é loucura demais até para mim, eu sei. Mas a porcaria do meu coração não entende isso. Não consegue perceber que ele é casado, tem uma vida toda ao lado da esposa e que ele não vai de uma hora para outra largar tudo para ficar comigo.

Então por isso eu sonho acordada desde que tive essa revelação bombástica. Nem ligaria se ele tivesse esses defeitos e tantos outros. Chulé a vó deve saber algum remédio caseiro que resolva isso em duas aplicações. Babar e roncar nada que algumas consultas no otorrino não resolvam. Abaixar a tampa do vaso nem é um crime inafiançável assim e toalha molhada na cama eu mesma faço isso! E quem disse que eu aguento um mês sem chocolate! Cheguei aqui já olhando pelo caminho os mercados abertos para fazer um estoque de doce!

Sou uma vaca mesmo! Tanto cara legal dando sopa por aí, e eu quero caldo das outras. Tenho que morrer solteira, adotando uns 40 gatos para fazer companhia para o Gato.

Mando eu mesma calar a boca antes que eu comece a falar em voz alta tudo isso, como estava fazendo ontem. E para a minha infelicidade só percebi isso quando a Su chegou na minha cozinha e começou a rir de mim e me chamar de maluca.

– Algum problema? – AC pergunta todo preocupado.

Ah que inconveniente AC, isso não se pergunta ainda mais quando a minha vontade é dizer que o meu problema é tu mesmo!

– Cólica! – Minto, não sofro desse mal há tempos.

– Se quiser algum remédio a Olívia tem.

– Já tomei. – Caminho em direção ao Antônio e pego o meu filho no colo. – Obrigada.

Tiro um boné gigante da cabeça do Antônio e ele faz cara feia para mim, tira da minha mão e coloca de novo, e ele cai sobre os seus olhos.

– Estamos tentando tirar dele o boné desde ontem, mas só conseguimos fazer isso quando ele foi para o banho e dormiu.

– Aonde ele conseguiu isso? Não tinha um menor?

– Na real o boné é meu, ganhei junto com o troféu, que o Luiz pegou para ele, e no fim fiquei sem nada. – E escutando isso, o safado do meu filho se esconde no meu pescoço. – Peguei o Antônio no colo quando subi no pódio e ele pegou o meu boné e não quer me devolver.

AC chega perto de nós e se aproxima muito de mim e beija as costas do Antônio, ainda

tentando entrar em mim por osmose.

– Não vai devolver o meu boné, Antônio?

– Não. – Ele fala abafadamente e eu começo a rir.

– Ah não vai me entregar o meu boné, seu Perereco safado? – AC fala fazendo cócegas no Antônio e ele começa a rir e se estremecer todo no meu colo.

– Não vai entregar para o papai, Antônio? – Começo a fuçar no pescoço do meu filho, que está em uma miríade de carinho por todos os lados.

E no meio dessa brincadeira toda, eu e o AC conseguimos a façanha de ficarmos com as nossas testas unidas. Nossos olhos se cruzam, eu chego a fechar os meus olhos para esperar um beijo de arrancar o fôlego, mas recebo uma cabeçada do Antônio e mordo a minha língua com isso.

AC se separa de mim e eu conto as estrelas da mordida que me dei. Solto o Antônio no chão e passo os dedos sobre os lábios para ver se não estou sangrando. Que ótimo, agora além do coração destroçado, vou sair daqui com a boca esquartejada. E não do jeito que eu realmente sonho.

Por Olívia

Me olho no espelho e as minhas cicatrizes abdominais ainda chamam a atenção. O Cae já me disse para procurar um cirurgião plástico para “consertar” isso, o plano de saúde cobre esse tipo de procedimento. Mas eu sempre fui contra.

Não quero me submeter a mais uma cirurgia por conta disso, então as cubro com a primeira roupa que encontro e vou para a sala.

Ao chegar vejo a cena do Cae com a Elis. Os três formam uma família tão bonita juntos. Aquela família que eu e o Cae sempre sonhamos em vivermos. E um dia pensamos que conseguiríamos montarmos. Mas esse sonho nunca se tornou realidade

Seria uma hipocrisia da minha parte falar que nunca sonhei em me casar com o Cae. Há anos atrás, quando ainda morávamos com o meu pai, eu contava os dias para o nosso conto de fada acontecer. Nós dois sairíamos de casa, nos casaríamos, teríamos nossos filhos e seríamos felizes para sempre como uma família normal. daquelas que se amariam para toda a eternidade e nossos filhos seriam o nosso bem maior.

Mas isso só acontece em histórias. Na vida real, a coisa é bem diferente. Levei anos para aprender a lidar com essa descoberta, e hoje, já a aceito bem melhor.

– Bom dia, pessoal. – Falo animadamente para os dois que estão conectados em um olhar penetrante.

Cae, completamente sem jeito, desvia o olhar da Elis e vai em direção ao Antônio ver o que ele está fazendo. E ela, um sorriso fraco para mim. É inegável não ver que eles têm sentimentos um pelo outro.

E eu me sinto uma pedra no sapato da felicidade deles.

– Oi, Liv. – Elis me cumprimenta de um jeito comedido, diferente do alegre de sempre.

– E aí, como foi o dia inteiro sem o Antônio? – Tento puxar assunto para ver se quebramos esse gelo entre nós.

– Tranquilo demais. Trouxe a sobremesa. – Vejo a tristeza dela por trás dos seus olhos. E isso me dói ao saber que sou a única coisa que impede deles serem felizes juntos.

O almoço ocorreu nesse clima diferente. O Cae e a Elis, comedidos e eu tentando unir os dois. E falhando miseravelmente. A única coisa que chamou a atenção nesse meio tempo foi o boné que o Cae ganhou no torneio ontem e o Antônio se apossou dele assim que o viu, roubando da cabeça do seu pai e colocando na sua. E ninguém consegue tirar de lá, por maior que ele seja e fique tapando os seus olhos.

Quando a Elis foi embora e o Cae foi para o escritório, eu tive a certeza que hoje seria o dia da minha libertação.

E eu estou pronta para isso.

Foi em uma consulta rotineira com a psicóloga que ela me falou sobre isso, antes mesmo do Antônio aparecer na nossa vida. A possibilidade de continuar a minha vida sem o Cae me apoiando, como tem sido desde sempre. No início achei inviável. Nunca que iria conseguir dar um passo firme sem ele estar ao meu lado, calando as frases que me diziam que eu nunca seria alguém na vida, com a voz do meu pai.

Rejeitei de cara essa possibilidade.

Mas a psicóloga com calma, paciência e bons argumentos começou a fazer a minha cabeça virar.

Estamos vivendo um casamento feliz? Conseguimos pensar em um futuro em longo prazo, com planos de casal? O amor que há entre nós supera tudo? Tu quer sempre viver a mesma coisa e sem a possibilidade de mudar e correr atrás de sonhos próprios? O que há entre vocês é amor mesmo, ou reflexo de uma infância e adolescência onde a única compreensão que tinham eram se apoiando um no outro?

E depois desses questionamentos, eu comecei a perceber que o nosso casamento nunca passou de uma mera formalidade para eu estar viva hoje. Merecemos ser felizes, mesmo que estejamos separados, se esse for o nosso destino.

Aos poucos comecei a formular um plano B, para quando o dia de hoje chegasse. O passo mais difícil foi voltar a pintar. Só o fato de estar em frente a uma tela novamente me fazia lembrar o Jaime e daquele dia em que eu pintei a última vez com ele ao meu lado. As primeiras vezes que voltei a pintar, tive que parar diversas vezes para chorar. E por isso pedia para o Cae sair de casa enquanto eu fazia isso, pois se ele soubesse do meu pranto, não deixaria eu continuar. E eu precisava superar isso para poder dar seguimento ao meu plano.

O próximo passo era conseguir um trabalho. Não foi fácil essa parte, pois não queria dar bandeira para o Cae. Se fosse para fazer, que fosse do meu jeito e sem a sua ajuda ou repreensão.

Fiquei um bom tempo procurando, e quando o André me perguntou se eu conhecia alguém que pudesse o ajudar na sua loja, quase o beijei ali mesmo de agradecimento.

Eu tentei. Com todas as minhas forças e coração, tentei me fazer apaixonada pelo Cae novamente. Queria viver novamente aquele sentimento de ficar nas nuvens quando ele me tocava ou falava alguma coisa. Mas nunca consegui chegar perto do que sentia quando começamos a namorar às escondidas.

Quando acabamos a primeira vez, eu ainda achava que amava o Cae. E quando o Jaime apareceu na minha vida tive a certeza que os meus sentimentos pelo Cae não eram tão fortes assim. Então me libertei e fui ser feliz, apesar de tudo que estava vivendo com o meu pai e as suas ameaças contra mim.

No dia em que fui surrada e quase morta, eu estava me arrumando para sair com ele, uma simples volta na praça perto da faculdade onde estudávamos. Meu pai chegou mais cedo, começou a gritar comigo me chamando de vadia e tantas outras coisas ofensivas, me comparando ao que a minha mãe teria virado depois que saiu de casa. E pela minha infelicidade, daquela vez eu resolvi revidar. Gritei a todos os pulmões que ela só tinha feito aquilo por não aguentar as traições que ela sofria e outras humilhações.

Então ele revidou.

O Cae me salvou. Com isso tomou para si as minhas dores. Ele me cuidou até estar completamente recuperada. Depois disso me contou a história sobre a sua destinatária maluca que mexeu com ele de um jeito incrível. Foi a primeira vez que vi o Cae tão empolgado com a possibilidade de tocar a vida e ser feliz. E quando ele voltou para casa, abalado com a história do assalto e a mudança de apartamento da Elis, eu o vi ir ao fundo do poço, apenas com o seu olhar. Por fora ele estava aparentemente bem, mas por dentro...

Me senti culpada, claro. Mas óbvio que o AC nunca me acusou disso.

Ele não deixou eu voltar para casa do meu pai. Aos poucos comecei a fazer alguns trabalhos independentes, como pinturas personalizadas para quadros, reprodução de fotos para desenho e afins.

Um dia, eu e o Jaime, resolvemos tirar o Cae de casa para ver se ele saía da “depressão pós Elis” que se desencadeou nele. Fomos a uma festa um pouco mais afastada da casa onde morávamos. Jaime pegou o carro do pai dele e seguimos para festa. Eu estava animada, com os dois caras mais bonitos da cidade, empolgada com o meu namoro com o Jaime.

O Cae não conseguiu se divertir na festa como nós dois estávamos. Foi embora depois de alguns minutos que chegamos, e para não estragar a nossa alegria, foi de ônibus. Ah, se nós tivéssemos saído juntos. Talvez eu ainda estivesse com o Jaime e o Cae poderia estar livre para ser feliz com a Elis...

Por AC

Realmente isso está se tornando insuportável.

De uma forma que eu não aguento mais. Estou surtado. Completamente fora de mim. Por um lado, a Elis ter vindo aqui para casa foi o certo, pois se eu estivesse na casa dela, não conseguiria me controlar.

Só ia parar quando soubesse que não teria mais volta para o que acabaríamos fazendo em algum lugar na sua casa. Iria começar comigo a prensando na parede e a beijando descontroladamente e depois...

Vou para o escritório após a saída da Elis com o Antônio e tento me acalmar. Meus pensamentos estão desconcertantes. Minha vida tomou um rumo desconhecido. Eu me vejo novamente assustado e com medo do que pode acontecer amanhã.

Eu não posso ser um canalha com a Olívia. Ela já sofreu demais na vida.

Me lembro como se fosse ontem, eu tinha um pouco mais de quinze anos e tinha ido para a casa da Olívia para eu ensinar matemática para ela. Sua mãe chegou com um sorriso triste para mim e disse que eu sempre fui como um filho para ela. Um irmão para a Olívia, e como tal, tinha que a proteger de tudo que aconteceria com ela se um dia precisasse. No outro dia ela sumiu e nunca mais voltou.

E eu cumpri a minha palavra.

A decisão de me casar com a Olívia foi tomada às pressas e sem a sua plena consciência. Por sorte, o crápula do meu tio possuía amigos que puderam burlar algumas leis e com apenas alguns dias conseguiram fazer os proclames e os papéis para que fosse oficializado.

Me lembro, com muito pesar, o rosto de dor da Olívia, que teve que ser acordada para assinar tremulamente o seu nome ao lado do meu para que o nosso casamento pudesse ter validade. E com isso poder usufruir de todos os benefícios que eu possuía na época.

Eu cuidei, protegi e estabilizei a Olívia. Dei a ela a vida que sempre mereceu. A única coisa ao meu alcance para esse casamento dar certo era o amor. Eu amo a Olívia. Mas não do jeito que um marido deve amar a sua esposa.

Meu amor por ela é completamente fraternal. Talvez há anos atrás tivesse um quê de paixão, mas hoje é apenas isso. No início, isso me frustrou muito. Tentei de todas as formas me aproximar dela tanto afetivamente como fisicamente, mas a Olívia não deixava eu chegar mais perto do que já estava. Então com o passar do tempo me conformei com o nosso arranjo, por assim dizer.

Mas agora as coisas mudaram. Nesses pouco mais de três meses, desde que reencontrei a Elis com um filho meu, tudo mudou. Absolutamente tudo. Minha vida saiu da linha reta que seguia e com isso arrastou a Olívia consigo. E do jeito que estamos, não dá mais.

Nosso casamento nasceu de uma urgência e estava fadado ao fim desde o início. E agora chegou a hora. Isso pode parecer loucura. E não nego que é desde o início dessa história toda. Mas merecemos sermos felizes, mesmo que para isso tenhamos que nos separar.

Poder ser que esteja precipitado com os meus sentimentos em relação à Elis. Sinto que são fortes e únicos, e preciso seguir o que o meu coração me diz. E no momento, ele só me diz que é com ela que quero estar.

– Olívia! – A chamo para o escritório. – Nós precisamos conversar.

Me sento na cadeira atrás da mesa do escritório e passo as mãos por entre os meus cabelos. Olívia entra, senta na cadeira a minha frente, tranquilamente e cruza as pernas.

– Eu estava esperando por essa conversa já faz um bom tempo, Cae.

Sua voz calma e serena me diz que é o momento certo. Sempre fomos bons em adivinhar o que o outro pensava e assim prever as ações e acontecimentos.

– Nós dois sabíamos que isso não teria futuro, e um dia ele chegaria. – Ela fala olhando para mim.

– Não é bem assim Olívia. As coisas mudaram....

– E tu se apaixonou pela Elis. – Ela me corta.

– Como?

– Ah Cae! Não finge! De longe dá para ver o que rola entre vocês dois.

– Olívia isso não... – Ela faz uma cara de séria para mim. – Certo, em partes tem alguma coisa entre nós, e eu quero descobrir o que pode ser.

Converso com a Olívia e ela entende tudo. E ainda por cima, torce e acredita que os sentimentos que eu tenho pela Elis, são recíprocos. Minha pequena Olívia acha que juntos podemos reescrever a nossa história, não do ponto onde parou, e sim começarmos como uma tela em branco, e que nós possuímos as cores para a pintar.

– Ainda vou cuidar de ti. – Falo por fim.

– Estranharia se tu não falasse isso. – Ela ri de leve. – Mas agora tu tem outra pessoa para cuidar. Ou melhor, duas. Mas eu te peço uma coisa, Cae.

– O que, Liv?

– A minha história, eu que conto para a Elis.

Capítulo 28

– “Mamãi”! – Ouço o Perereco gritar lá da sala para mim que estou na cozinha.

– Que foi?

– “Mamãããã”!

– Fala, Perereco! – Isso seria uma ajuda e tanto se acontecesse.

– “Mamãi”!

– Ai meu Deus do céu! – Grito largando as coisas dentro da pia e indo para a cozinha. – O que foi sangria desatada?

Chego na sala vejo o Antônio de bunda para cima e a metade da cabeça enfiada em um balde de brinquedo. Começo a rir do meu filho que se vira para tudo que é lado com aquilo na cabeça.

– Como tu conseguiu te enfiar aí?

– “Mamãi”? – Meu filho se vira para mim com o balde na cabeça e inclina o rosto para o lado. Antes de eu o ajudar, pego o meu telefone, que estava na mesa de canto e tiro uma foto dele desse jeito.

– Sim, Antônio. É a mamãe aqui. – Me aproximo dele segurando o riso e tiro o balde da sua cabeça. Ele pisca algumas vezes para mim, com os seus olhos de cores diferentes e sorri.

E eu como total mãe babona que sou o abraço e o beijo diversas vezes. Até ele se deitar no meu ombro e bocejar.

– Está cansadinho hoje? – Me levanto com ele no meu colo e beijo o seu pescozinho algumas vezes. – Como foi a natação com o tio Noah e a tia Su?

Antônio geme no meu colo e eu rio. A Su me disse que ele não tirou a soneca da tarde e aprontou todas na natação com a Fofinha, ou seja: antes da Dora Maldita ele dorme! Vou conseguir fazer as minhas unhas decentemente enquanto escuto aqueles seriados investigativos na TV. E viva a sexta à noite!

Havia tempos em que nessa hora há anos atrás eu estava com o som ligado ao máximo, ou na casa da Su arrastando ela para qualquer lugar que tivesse música alta e bebida. E hoje, eu não trocaria a melhor balada pelo Antônio com a cabeça enfiada no balde de brinquedos dele.

Me deito no sofá com o meu Perereco em cima de mim, esqueço a louça suja que estava lavando e fico fazendo carinho nos seus cabelos, para que ele durma enquanto eu penso na minha vida.

A semana passou e eu não vi o AC um dia que fosse, desde domingo e o almoço na sua casa. Ele me ligou na segunda e disse que estaria ocupado resolvendo alguns problemas, mas que se eu precisasse dele, não hesitasse em ligar que ele viria para cá. E mesmo assim, ele me ligou todos os dias para saber como nós estávamos aqui.

Agora alguém me explica, por que ele tem que ser tão irritantemente perfeito assim? E por que eu tenho que ser uma vaca, e ficar com o coração palpitando toda a vez que eu vejo o telefone tocando pensando que pode ser ele? E quando é, abrir um sorriso quilométrico?

Tu é patética, Elis.

Tenho vontade de me afogar em uma poça de água, ou então me enforcar em um pé de couve. Poderia até ser o do orfanato mesmo, ele é bem rente ao chão.

Não dá nem dez minutos e o Antônio dorme profundamente em cima dos meus peitos. Travesseiro natural dele. Coloco meu filhote na sua cama e volto para a pilha de louça que eu deixei acumulando desde quarta-feira. Se o AC estivesse aqui, já teria lavado para mim.

– Puta que pariu, Elis! Para de pensar nele! – Falo para mim mesma, pode ser que assim a mensagem entre no meu subconsciente e penetre dentro de mim e eu aprenda de uma vez.

– Pensar em quem? – Dou um pulo de susto ao ver o AC na minha frente, com aquele sorriso bobo dele no rosto inclinado para um lado.

– Meu Deus do céu! Vai assustar a mãe, AC! – Ele começa a rir e chega perto de mim e me abraça.

– Também estava com saudades, Elis. – Ele passa as mãos pela minha cintura e eu me perco no seu abraço.

Nunca me senti tão completa e tão infeliz dentro de um abraço. Ainda mais por saber que essa situação nunca vai mudar. Eu vou ficar uma vaca velha, solteirona suspirando pelos cantos porque o pai do meu filho é casado com um anjo de pessoa e...

Dramática. Vou me esquecer disso tudo e achar um cara lindo, rico e bem solteiro para eu arrastar meus cascos de vaca.

Saio do abraço do AC, o vejo perder o seu sorriso e ficar com uma cara interrogativa.

– O que tu está fazendo aqui? – Pergunto na defensiva. Quem ele pensa que é para vir aqui na minha casa, cheiroso desse jeito, se sorrindo todo e ainda por cima me abraçando? Será que posso ligar para a polícia e fazer uma denúncia contra crime à minha sanidade mental?

– Vim ver o Antônio, apertei a campainha, ninguém atendeu e eu entrei.

– A campainha não funciona aqui. Tivemos que desativar as duas quando o Antônio e a Fofinha as descobriram. Era insuportável aguentar os dois apertando aquilo a cada dez segundos.

– Eu deveria ter batido. Desculpa. – O vejo fazer uma carinha de cachorro sem dono e a vontade que eu tenho é de pegar o Cachorrão, levar para o meu quarto e fazer todos os tipos de carinhos possíveis e impossíveis.

Parô, Elis! Foca em outra coisa antes que te internem com camisa de forças e tudo.

– O Antônio está dormindo. – Falo ríspida.

– Ah... – AC fica com mais cara de cachorro sem dono agora e eu olho para as minhas facas ao meu lado. Um passo, eu pego elas e posso degolar o AC. Simples assim como via a vó fazer com as galinhas lá da fazenda. E depois quase morria chorando e dizendo que não ia comer

as galinhas “matadas” lá de casa e ela parou de fazer “galinhocídio”.

– Vai lá no quarto dar uma cheirada nele, só não acorda. Senão ele ficar com humor do cão e vou te mandar ficar com ele, até o Antônio dormir de novo. – AC sorri para mim e sai correndo.

Ai que ódio.

– Vamos lavar a louça que é mais produtivo do que ficar pensando besteira, Elis. – Falo para as paredes e retomo o meu trabalho.

Lavo toda a louça, limpo o ralo da pia e quase deixo o ambiente estéril. Dá para fazer uma cirurgia de tão limpo que está. E nada do AC voltar do quarto do Antônio. Será que ele dormiu junto?

– Tia Elis! – Vejo o Yago gritando, entrando no meu apartamento com aqueles olhos verdes gigantes.

– O que houve? – Pelo seu rosto vejo que é alguma coisa grave, então não espero ele responder e saio em direção ao apartamento do Noah e da Su.

Quando chego ao apartamento dos meus amigos vejo a Fofinha sentadinha no sofá com o Gato no seu colo. Um peso sai da minha alma por alguns instantes em ver que não é nada com ela. Saio à cata dos dois e encontro a Su pegando as chaves do carro do seu carro e assustada para mim.

– O Orfanato está pegando fogo! Um incêndio!

E eu fico parada como uma estátua absorvendo tudo o que a Su me fala rapidamente.

– A Raquel me ligou agora. Já chamaram os bombeiros, estamos indo para lá. O Noah foi chamar a Clara para ficar com as crianças e...

– Eu vou junto! – Saio em disparada para o meu apartamento e me choco com o AC no meio do caminho.

– O Yago me contou. Onde vamos deixar o Antônio?

– A Clara está vindo para cá. – Falo entrando em casa, colocando o primeiro sapato baixo que encontro e pegando a minha bolsa.

Poucos minutos depois estamos nós quatro descendo o elevador em direção ao subsolo onde fica a garagem. Su desativa o alarme do fusca dela e eu pulo para o banco de trás e sinto o AC do meu lado naquela lata de sardinha que ela chama de carro.

– O que tu está fazendo aqui?

– Indo ajudar, onde mais?

– E o Antônio? Quem vai ficar com ele?

– Eu o coloquei na cama da Fofinha dormindo.

– Parem de brigar vocês dois. – Su fala arrancando aquele Fusca como se fosse um carro de fórmula 1. – Obrigada AC, toda ajuda será bem-vinda.

– Mas não vai ser nada! – Noah completa, mais para acalmá-lo do que eu e o AC. – É só um susto.

E eu o vejo caçar a mão da Su por cima do câmbio do carro, e ambos apertarem em um sinal de apoio.

Por AC

De longe já conseguíamos ver a fumaça subindo aos céus nos indicando que o incêndio no orfanato não era tão simples como esperávamos. Ouço a Elis abafar um gemido e, quando olho para ela, a minha única vontade é de confortá-la. Então, estendo a minha mão para a dela e a aperto transmitindo uma mensagem de que tudo acabaria bem.

Uma quadra antes do local, a rua já estava fechada e o movimento de caminhões de bombeiros intenso. Saímos do carro e seguimos a pé até a frente do prédio consumido pelas chamas.

Encontramos a Raquel, prostrada e amparada por alguns outros funcionários. E quando ela nos viu, se atirou nos braços da Elis e da Su e começou a chorar. Entre soluços de tristeza, ela nos conta que simplesmente escutaram um estouro e o fogo já começou a se alastrar.

– E as crianças? – Su questiona.

– Estão por aí com alguns bombeiros.

– Vou ver como elas estão. – Noah vai para o outro lado e a Elis sai atrás dele. Sei que ela deve estar indo ver como está a Sarah.

Meu telefone toca e eu vejo que é a Liv. Atendo e confirmo que estou no orfanato com o pessoal, os jornais da cidade já noticiaram e se espalhou rapidamente, como o fogo dentro do prédio.

Caminho até chegar mais próximo de onde os bombeiros estão trabalhando para ver se acho alguma utilidade aqui. E então vejo a Elis correndo em direção as cordas de segurança que isolam a área e ser barrada por um bombeiro uniformizado.

– Ninguém pode passar! – Ouço o homem falar enquanto me aproximo para ver o que está acontecendo.

– Tem uma criança lá dentro! – Elis grita e eu vejo o seu desespero novamente, igual quando o Antônio estava em prantos e sendo levado para a cirurgia.

– Não tem senhora. Nós já verificamos tudo! Esse prédio pode cair a qualquer momento. O fogo já chegou às estruturas!

– Elis, o que está acontecendo? – Quando ela me vê, enxergo o seu rosto assustado e os olhos cheios de lágrimas.

– A Sarah! Eu não a encontrei! Ela só pode estar lá dentro!

E quando eu me vejo, estou pulando a corda de proteção, correndo em direção à entrada do orfanato em chamas e escutando o grito dos bombeiros dizendo que não era para entrar no prédio.

Só que eu não dei ouvidos e fui em direção ao fogo.

Uma força dentro de mim surgiu e eu a segui de uma maneira que não pude me controlar. Acredito que ela viria se fosse qualquer uma das crianças que fosse deixada lá dentro. E quando descobri que foi a Sarah, ela veio com força maior.

Todas as vezes que eu estive aqui, sempre, ela foi uma das primeiras a me receber. Seu sorriso frouxo, e o jeitinho maluquinha de ser, sempre me encantaram. A Elis me contou a história dela e de como renasceu aqui dentro do orfanato. Não é justo ela estar dentro desse prédio em chamas.

Quando entro na recepção do orfanato, já começo a sentir o efeito da fumaça no meu corpo. Meus olhos embaçam, começo a tossir e a respirar mais rápido em busca de oxigênio limpo. Mas não desisto de encontrar a Sarah, nem que essa seja a última coisa que eu faça.

Começo a gritar o seu nome e a arrombar cada porta que vejo na minha frente e nada dela aparecer. Paro um pouco e sinto o meu ombro arder de um encontrão que dei em uma porta trancada. Minha respiração está cada vez mais sôfrega e eu fecho os olhos me lembrando do *tour* que a Sarah nos ofereceu, na primeira vez que eu e a Liv estivemos aqui.

Ela nos pegou pelas mãos e nos mostrou todo o orfanato conversando e explicando onde cada coisa acontecia. Nos levou à sala de música, que agora estava completamente destruída pelo fogo e também aonde o Noah ensinava inglês para as crianças, mas onde ela ficou mais empolgada em nos mostrar...

– A cozinha! – Falo e mudo a minha rota em outra direção.

No meio do caminho, vejo uma das paredes desmoronadas e o fogo mais alto que nas outras partes. Corro e passo pelas chamas me concentrando para que não prenda nas minhas calças e eu não consiga a chegar à cozinha.

– Sarah! – Grito novamente para o nada.

Começo a entrar em desespero por não a estar encontrando e por cada passo que eu dou, os meus pulmões arderem com a fumaça espessa que eu encaro. Se a Sarah não estiver nesse local, eu não sei se consigo ficar tanto tempo mais aqui dentro, e tenho leve desconfiança que para sair não vai ser tão fácil como entrei.

A porta da cozinha está fechada. Meu desespero se transforma em realidade. Começo a sentir um peso sobre os meus ombros e a minha visão falhar. Empurro a porta mais uma vez, sinto uma dor de como se estivessem cravando alguma coisa no meu ombro. Coloco todo o meu peso, quase inerte, e fecho os olhos, pois as minhas forças se esvaem e eu não consigo mais me suportar em pé...

~

– AC! Acorda, por favor! – O mundo inteiro roda e eu não consigo abrir os olhos.

Puxo o ar com força, mas só sinto dor, como se tivesse sido enterrado vivo e não conseguisse me mexer.

– Acorda! Acorda! – A voz desesperada da Elis soa longe.

Sinto ela me tocar, e cada vez que isso acontece, é como se uma faca me cortasse profundamente.

– Tu – a voz dela me foge do alcance e eu tento manter a consciência – a Sarah!

Com a menção do nome dela eu abro os olhos e vejo a Elis em cima de mim.

– Ai meu Deus! – Ela se atira em cima de mim e começa a me abraçar, enquanto eu faço uma luta tremenda para conseguir respirar.

Gemo com o peso dela em cima de mim. E percebo que estou usando uma máscara de oxigênio. Com muita dificuldade arranco aquilo do meu rosto e puxo o ar fortemente.

– Ai droga! Acho que estou te matando aqui! – Elis sai de cima de mim e eu consigo respirar um pouco melhor. – Que loucura foi aquela de entrar no orfanato pegando fogo!? Não sei se te mato ou te beijo!

Tento me localizar e percebo que estou dentro de uma ambulância. E então eu me lembro de como fui parar aqui. Observo a Elis com o seu rosto vermelho e molhado de chorar e com muita dificuldade a respondo.

– Prefiro a segunda opção. – Tento sorrir, mas sinto uma falta de ar tremenda.

Todo o meu corpo dói. Sem exceção de nenhuma célula que for.

– A Sarah... – Balbucio.

– Estava na cozinha mesmo! Um bombeiro entrou atrás de ti e trouxe vocês dois para fora. A Sarah está na outra ambulância, não ficou tão exposta à fumaça como tu. A porta da cozinha é das antigas e barrou a entrada. Ela foi esperta e subiu em cima de um armário perto de uma janela e estava tentando pular, mas estava com medo. Parecia eu quando fui assaltada, me escondi no armário de panelas e....

A Elis continua a falar por um bom tempo e eu tento focar na minha respiração. Lenta e profunda, apesar da dor que estou sentindo.

– Eu disse que ninguém poderia entrar aqui! E porque tu está sem o oxigênio? – Uma enfermeira aparece, só assim para a Elis calar a boca. – Estamos indo para o hospital, quem vai acompanhar?

– Eu avisei a esposa dele, ela vai nos encontrar lá. Eu vou com a Sarah.

Gemo. Liv. Ela deve estar em pânico.

– Então a senhora pode ir para a outra ambulância, pois já estamos de saída!

– Eu já estou indo, só precisava fazer uma coisa aqui! – Elis fala rapidamente e quando eu percebo, ela me dá um beijo rápido nos lábios. – Obrigada. – Murmura e sai da ambulância.

Escuto a porta se fechando e eu apago novamente.

~

Foi por pouco, como o Luiz me explicou. A concentração de fumaça em um ambiente é altamente perigosa. Tirando isso, só tive um corte mais profundo no ombro, levei cinco pontos.

Fiz uma radiografia e mais alguns exames e tenho que ficar 24h em observação ou mais, dependendo do meu corpo, para ver se não irá ter mais nenhum efeito colateral tardio pela inalação de fumaça.

– Nem chegou a contar para a Elis de nós? – Liv pergunta depois que eu fico completamente lúcido.

– Não deu tempo. Cheguei lá o Antônio já estava dormindo, fui ver ele e minutos depois o Yago chegou contando a notícia. Saímos na hora. Alguma notícia do orfanato e das crianças?

– Quando eu estava buscando um café o noticiário estava ligado. – Vejo o meu amigo falar. – Ainda não tem proporção de como foi o estrago, as crianças foram levadas para um alojamento improvisado pela prefeitura. Elas estão bem.

– Ainda bem. – Liv suspira.

Ouçõ uma batida na porta e a Elis enfia a cabeça para dentro do quarto.

– Posso entrar? – Seu jeito acanhado me faz estranhar, mas então me lembro do pequeno beijo que ela me deu. Queria estar completamente lúcido naquela hora para poder me lembrar da maciez dos seus lábios nos meus. Daria tudo para poder repetir a dose.

Eles conversam um pouco e a Elis conta do meu feito heroico para a Liv e o Luiz, com alguns detalhes que eu nem imaginava. Como por exemplo, que sai carregado de dentro do orfanato por um bombeiro.

– Vamos tomar um café, Luiz? – Liv fala para ele, que estranha.

– Acabei de tomar um e... – Liv faz uma cara para o meu amigo que remenda rápido. – Estou louco por mais um.

– O Cae vai estar bem cuidado. – Ela pisca para mim e carrega o Luiz para fora.

A porta se fecha e o silêncio se instala entre nós. Me escoro no travesseiro e fico observando a Elis.

Seus cabelos desgrehados pela movimentação da noite. O jeito que ela observa todos os cantos do quarto antes de chegar a mim na cama. Ela se aproxima e senta ao meu lado. Pego as suas mãos e as beijo. Elis sorri para mim e me faz um carinho na bochecha esquerda.

– AC, eu...

– Como está a Sarah? – Pergunto ao mesmo tempo em que ela começa a falar.

– Dormiu agora. Os médicos vão a liberar amanhã pela manhã.

– Que ótimo. Eu ainda vou ficar um pouco mais por aqui. Talvez só saia à noite, ou no outro dia ainda.

– A Sarah disse que tu é o herói dela. – O sorriso da Elis fez com que eu sinta uma coisa tão boa dentro de mim. Um tipo de paz que eu nunca experimentei em toda a minha vida.

Nossos olhares se cruzam, e eu percebo um quê de tristeza e dor nos olhos castanhos da Elis. Não consigo ficar afastado e a puxo para o meu peito em um abraço. E nesse instante ela

começa a chorar baixinho.

– Eu fiquei tão preocupada quando não achei a Sarah no meio das crianças. Perguntei às meninas que são suas amigas e elas não sabiam me dizer onde ela estava. E então eu percebi que ela só poderia estar lá dentro.

Faço um carinho nos seus cabelos loiros com a mesma tonalidade e espessura que o nosso filho herdou.

– E quando tu pulou a corda de proteção e o bombeiro não conseguiu te conter, eu fiquei pior ainda. – Seu choro se intensifica e eu a abraço mais forte. – Não ia conseguir perder vocês dois, AC.

Com as palavras da Elis, eu fico sem reação. Ela sai do meu abraço e os seus olhos vermelhos pelo choro me acertam em cheio.

– Eu sei que tu é casado AC, tu e a Olívia são um belo casal e eu nunca poderia interferir nisso. Aquele beijo que eu te dei foi de agradecimento e...

Não escuto mais o que ela fala, pois a puxei para um beijo.

E ela se entrega de um jeito que eu nunca esperei na minha vida.

Elis passa as mãos pelo meu pescoço e sobe para os meus cabelos, ao mesmo tempo em que eu mordo o lábio inferior dela. Tão bom e reconfortante que eu esqueço a dor no meu ombro e nas demais partes do meu corpo.

Ter a Elis junto comigo, nesse beijo, é como se fosse o momento o qual sempre ansiei na minha vida. A felicidade plena e misturada com um pouco de maluquice, desejo e afeto. E quando nos separamos, meu corpo implora por mais uma dose.

– Ai meu Deus! – Ela me solta e olha para mim assustada.

– Calma. – falo com um sorriso quilométrico no meu rosto.

– Calma nada! Eu acabei de beijar um homem casado com a esposa dele aqui perto! Eu sou uma vaca mesmo! Coitada da Olívia! – Começo a rir – Por que tu está rindo? Se tu já não estivesse em uma cama de hospital, eu juro que te colocaria em uma UTI!

– Elis, calma. – Tento parar de rir do escândalo dessa vaca dramática que eu tanto quero para mim. – Eu pedi o divórcio para a Olívia.

Capítulo 29

Certo, sabem aquela frase: parem o mundo que eu quero descer? É exatamente isso que eu estou falando nesse momento.

Primeiro de tudo: o incêndio no orfanato. Óbvio que eu surtei. Desesperei total com isso. Aquele orfanato é tudo o que aquelas crianças têm. A fumaça nós já enxergávamos de longe e, no fundo, eu sabia que a destruição não seria pouca.

Quando chegamos e vimos a Raquel, que é sempre segura de tudo e tranquila, desesperada e desamparada meu coração se apertou de uma forma que chegou a doer dentro de mim. Quando vi as crianças assustadas, foi pior do que levar um soco a seco no estômago. Elas foram arrancadas de suas camas às pressas, todas já estavam deitadas de pijama e muitas estavam descalças, pois não deu tempo nem de procurar calçados para saírem.

Algumas choravam e muitas estavam abraçadas nas outras. Os menores nos colos dos maiores e todas vendo o único lar que tinham sendo consumido pelas chamas. Era triste de acompanhar a cena. Abracei e beijei algumas e o Noah pegou uma chorando no seu colo e estava tentando a acalmar.

No meio delas eu procurava a Sarah. Passei os olhos, uma, duas, três vezes por todas as crianças que ali estavam e não a encontrei. E então comecei a me desesperar. Eu não a encontrava em lugar nenhum. Nem ajudando a tranquilizar os menores tampouco sendo consolada e muito menos no colo de algum voluntário que estava ajudando.

Então eu percebi: a Sarah ainda estava dentro do orfanato.

Corri para o primeiro bombeiro que vi na minha frente e quando ele me barrou eu senti o desespero tomar conta de mim de uma forma desconunal. Era claro que a Sarah estava ali dentro, ela não se afastaria dos outros se estivesse aqui na rua como as crianças.

Quando o AC apareceu e eu contei para ele o que estava acontecendo, vi o seu olhar mudar. Do analista e cuidadoso, vi um olhar selvagem e preocupado, e quando percebi, ele havia pulado a corda de segurança e estava correndo em direção às chamas do orfanato. Tentei sair atrás, mas o bombeiro me agarrou pela cintura e não deixou eu me aproximar, pois o risco de intoxicação e desabamento era grande.

E eu fiquei do lado de fora como uma mera espectadora vendo duas pessoas importantes para mim em um lugar perigoso e ambos correndo risco de perder a vida.

O pai do meu filho, o homem por quem eu não deveria estar apaixonada, estava dentro de um prédio em chamas para salvar uma menina que eu tinha para mim como uma filha no orfanato. E a cada segundo que se passava eu perdia um pouco dos dois na minha vida. Como superar se eles não saíssem de lá? Não aguentaria suportar essa tragédia na minha vida. A Sarah já sofreu demais nessa pouca vida que ela já teve, e o AC ainda é jovem, pai do Antônio que ainda tem que ver as vitórias do nosso filho, comigo. Ou com a esposa dele... Com qualquer uma de nós! Desde que esteja vivo! Não me importo se for com a Olívia e eu fique uma solteirona com diversos gatos e mimando o único filho, a ponto de não o deixar sair de casa com medo de

qualquer coisa que possa acontecer a ele.

Os minutos se passaram e eu cada vez mais desesperada. Comecei a gritar para os bombeiros que estavam lá, questionando se não iriam fazer nada e deixar os dois morrerem lá dentro. E graças ao meu escândalo, um bombeiro foi atrás deles. Eu cai sobre os meus joelhos e comecei a chorar, pois sabia que se um deles voltasse com vida já seria lucro para mim.

Quando comecei a encarar a realidade e olhei novamente para a entrada do orfanato, pensei que estivesse tendo uma alucinação. No meio das fumaças eu via sombras se aproximando de onde nós estávamos. Levantei e caminhei em direção à corda de proteção e pulei, aproveitando a brecha que não havia nenhum bombeiro de guarda naquela hora.

– Sarah! – Gritei quando distingi a sombra.

Era o bombeiro trazendo o AC no ombro e a Sarah no seu colo.

– Tia Elis! – Ela se soltou dos braços do bombeiro e correu para os meus.

Eu a agarrei e abracei. Distribui beijos sobre o seu rosto, cabelos, chorei de alívio e emoção. A minha menina maluquinha estava bem. Uma atendente do SAMU a levou para uma ambulância para a Sarah respirar oxigênio puro e outros exames rápidos para verem a sua intoxicação. E então fui atrás do AC na outra unidade de atendimento.

Ele estava deitado na maca desacordado e com uma enfermeira colocando a máscara de oxigênio. Quando o vi ali, temi pelo pior. E só voltei a respirar aliviada quando ela me disse que ele estava bem, só precisava respirar o oxigênio por alguns minutos para recobrar a consciência, e que necessitava de repouso para não agravar o sangramento no seu ombro.

Tentei ser útil para alguma coisa até que ele acordasse e antes que eu surtasse. Voltei para a ambulância da Sarah e ela estava deitadinha respirando com a mesma máscara que o AC estava usando. Noah apareceu e eu pedi o seu celular, já que o meu havia ficado dentro do carro. Fiz duas ligações. A primeira para a minha mãe pedindo que viesse para cá e ficasse com o Antônio e as crianças até resolvermos tudo com as crianças do orfanato e depois liguei para a Olívia.

Dar a notícia que o seu marido estava em uma ambulância desacordado por intoxicação, porque entrou em um prédio em chamas para salvar a vida de uma criança, não foi nada agradável. Ela escutou tudo com um silêncio sepulcral do outro lado da linha, tanto que pensei que tivesse matado a Liv do coração. Tive que a chamar umas quatro vezes para ela me responder e então dar a notícia que ele estava bem, só desacordado e que estariam levando ele para o hospital em poucos minutos.

O bombeiro que salvou a vida de ambos explicou que encontrou o AC empurrando a porta e achou a Sarah em cima de um armário perto de uma janela tentando pular para o outro lado. E foi a mistura dos dois acontecimentos que a salvou. E como AC ficou mais exposto aos gases, ficou intoxicado, mas nada que cuidados hospitalares não resolvam.

Deixei a Sarah com o Noah e fui novamente à ambulância dele. AC o meu herói e o da Sarah também. Precisava de um jeito ou de outro agradecer a ele pelo seu feito e o xingar também por me deixar tão aflita naqueles minutos em que estava correndo risco. Então o chamei, na esperança que ele acordasse, nem que fosse por alguns segundos para me escutar.

No momento em que ele abriu aqueles olhos diferentes para mim, o meu mundo caiu por completo. Do mesmo jeito que desmoronou quando vi os olhos do nosso filho, quando ele saiu sorratamente de dentro de mim. Se antes eu falava que estava apaixonada por ele, depois desse momento acrescentei o perdidamente na frente.

Ele era o meu sonho utópico. O pote de ouro no final do arco-íris. O pai do meu filho e o maior coração que eu já vi em uma pessoa. Bonito por dentro e por fora, calmo e tranquilo, mas quando se precisa dele, enfrenta o fogo para salvar uma criança. Não consegui frear os meus instintos malucos e acabei o beijando de leve nos lábios. Precisava, nem que fosse nesse pequeno movimento sentir o seu gosto. Nem que fosse mais fumaça que AC em si.

Fomos para o hospital, para exames mais completos e precisos sobre o estado de saúde de ambos. Noah e Su ficaram com as crianças para conseguir algum lugar seguro para elas passarem a noite. Transferiram o AC e a Sarah para os quartos, Olívia e Luiz chegaram logo em seguida, e nos separamos assim que tudo estava liberado pela secretaria do hospital. AC com o seu plano de saúde, como funcionário público e a Sarah com o SUS.

Depois de alguns exames e a visita do médico me confirmando com mil por cento que ambos estavam bem, a Sarah dormiu. Ah a minha pequena maluquinha deu uma de Elis e isso salvou a vida dela.

E depois começa a parte dois do parem o mundo que eu quero descer.

O beijo, e que beijo, que o AC me deu depois de consciente no seu quarto e a revelação bombástica de ter pedido o divórcio da Olívia.

Sai de lá correndo mais que o Diabo da cruz, ou o vampiro de água benta. Meus neurônios não conseguiram assimilar uma revelação como essa.

Eu havia pagado a dramática dizendo que não suportaria perder os dois na minha vida, com o ato heroico dele, e fui compensada com um beijo bem mais complexo e perturbador do que eu havia dado a ele na ambulância.

Sei que não deveria ter retribuído daquele jeito quando ele me puxou, mas não resisti. O meu sonho utópico havia se tornado realidade por alguns segundos e depois de todo esse turbilhão de emoções, não estava raciocinando direito. Só voltei a mim quando estava começando a gostar demais daquela interação e a forma que os meus dedos passavam pelos cabelos do AC e também a mordida sexy que ele deu na minha boca. Aquela que eu ainda posso sentir a pressão no meu lábio.

Quando voltei à realidade, surtei por completo. Me lembrei da Liv e a “filha da putagem” que eu havia feito com ela, que nunca fez nada de ruim para mim. Bem pelo contrário, sempre tratou a mim e o Antônio muito bem. Ela não merecia essa desconsideração. Comecei a falar e vi o AC rindo de mim, e quando recebi a resposta do porquê daquela reação dele, surtei de novo.

Divórcio.

Quase cai de bunda quando escutei essa palavra. Era tão improvável essa palavra ter surgido como... sei lá! O AC me dizer que era estéril, e o Antônio não fosse o seu filho e sim do seu irmão gêmeo do mal. Então eu fiz uma cara de louca assumida e sai correndo do quarto dele

em direção ao da Sarah.

Era demais para minha cabeça em um dia só. Ainda tenho desconfiança que ainda era fumaça acumulada na cabeça do AC e ele estava delirando. Não poderia ser sério! Eu tinha visto a Olívia minutos antes do ocorrido, e ela não estava nenhum pouco com cara de quem estava enfrentando um divórcio. Bem pelo contrário, ela estava até sorrindo para mim. Não era para estar abalada, bem mais de quando eu a conheci naquele evento em que estava tendo um ataque de pânico? E se fosse verdade, ela desconfiaria de que alguma coisa relacionada com esse divórcio seria minha culpa e do Antônio. Então por que ela me recebeu desse jeito, e ainda me deixou sozinha com o AC no quarto?

Isso é coisa em excesso para processar depois de um dia como hoje.

De volta ao quarto da Sarah, me espremo em um canto da sua cama e assim que deito a cabeça no travesseiro adormeço com ela ao meu lado.

.

Acordo e vejo a Sarah ainda adormecida ao meu lado. Seus cabelos cortados ainda me dão dó quando vejo, mas hoje só tenho a agradecer por ela estar aqui nos meus braços.

Saio da cama com cuidado e quase caio de cara no chão, pois esqueci que a cama é mais alta e tem aquelas escadas para auxiliar a descida. Errei o pé e quase que quebro o tornozelo, se não me agarrasse no criado mudo ao lado da cama.

– Tia Elis? – Sarah desperta sonolenta e se vira para mim.

– Oi Sarinha, volta a dormir, eu só vou banheiro e já volto.

Ela sorri para mim e volta a se deitar e eu vou para o banheiro do quarto que estamos dividindo com mais dois pacientes. O SUS não dá quarto particular para os internos. Mas como esperamos sair hoje à tarde daqui, nem me importo.

Passo uma água no rosto e me olho. O reflexo que tenho de mim é fantasmagórico. A minha magreza acentuada com os acontecimentos de ontem à noite foram o ápice para me quase me transformar em um zumbi.

Volto para o quarto e me sento na cadeira ao lado da cama da Sarah que voltou a dormir tranquilamente. Pego o telefone do Noah, que ainda está comigo e ligo para a Su, preciso saber de notícias de como estão às coisas por lá.

– Foi tudo, Elis. – Ela me fala depois que conversamos sobre o estado da Sarah. – Só sobraram as estruturas, praticamente, e pelo o que o meu tio disse, não estão lá essas coisas.

Meu peito se aperta com as lembranças do incêndio no orfanato e com a preocupação de onde recolocar as crianças até que ele esteja novamente pronto para as receberem.

– Onde as crianças estão? – Minha voz chega a falhar um pouco.

– Conseguiram um abrigo temporário em uma quadra fechada da escola ali da região. Mas não sabemos por quanto tempo elas vão ficar por lá. O pessoal que mora na volta está juntando roupas, mantimentos e outras coisas necessárias e doando. Mas mesmo assim... – ela deixa subentendido e eu entendo o final da frase.

– Não vai ser fácil. – Concluo.

– Nenhum pouco. Dá dó de ver o rostinho delas Elis, todas assustadas e algumas perguntando se vão ter que voltar para a rua ou coisa do tipo. Dormimos lá com eles, ou melhor, ficamos a noite lá pensando no que fazer. A Prefeitura e o Governo do Estado, um mais falido que o outro. Se não tinham dinheiro nem para os repasses básicos, quem dirá para o que aconteceu agora.

Fico calada enquanto a Su retoma uma respiração cansada e volta a falar.

– Já estou com mil e uma ideias na cabeça de eventos beneficentes.

– Vamos sentar com a Carla e colocar isso no papel. – Falo. – E as crianças vão ter um lar novamente.

– Que assim seja. A tua mãe está com as crianças, ela ligou para o teu telefone e eu atendi.

– Sim, liguei para ela também para saber do Antônio quando a Sarah dormiu, antes de passar no quarto do AC e... – Me lembro da cena e gemo de frustração. Porque as coisas têm que acontecer tudo ao mesmo tempo?

– E o que Elis? – Su pergunta.

– Nós nos beijamos. E ele disse que pediu o divórcio para a Olívia. – Falo a seco para ela.

– Como?

– Não sei. Ainda não digeri tudo isso. Muita coisa em pouco tempo. Minha cabeça parece que vai explodir quando começo a pensar em tudo isso. As crianças, o que Sarah passou, o AC... Não consigo.

– Calma, vaca. O AC é um cara legal, a maluca dessa história é tu, ele não ia fazer uma coisa dessas se não estivesse certo.

– Não sei o que pensar a respeito ainda. E nem tenho como, no momento temos que saber como reerguer o orfanato. Depois eu penso nisso. E a Raquel como está?

– Ela foi para casa descansar um pouco, mas sei que não vi ficar duas horas longe daqui. E Elis, as crianças vão ficar bem, todos nós vamos dar um jeito nisso.

– Eu sei. Vamos fazer de tudo.

– Sim. E quanto ao teu caso com o AC, vocês têm que conversar. Se bem te conheço, tu deve ter saído correndo quando ele te disse a palavra divórcio. – Que vaca! – E nem deixou ele se explicar ou coisa do tipo.

E há explicação para isso? Ele se divorciou. Fim do casamento dele com a Olívia. Seria essa a minha chance de ficar com ele? E se a Olívia ainda tivesse alguma esperança de reatar o casamento? Eu conseguiria ser feliz ao lado do AC sabendo que ela estava sofrendo? Nunca quis ser a vilã dessa história.

– Elis... – Su me chama e eu acordo da minha divagação ao infinito e volto para o planeta Terra. – Para de ficar te questionando por tudo e escuta o que ele tem para te dizer. Nós mesmas

já não havíamos comentado que a relação dele era estranha? Então. Vai com calma que tudo se ajeita.

– Quem é tu e o que fez com a Vaca da Su? – Ela ri. – Ela me diria para mandar o AC para longe e tudo mais.

– Talvez seja a falta de dormir me atingindo. Mas depois do que o AC fez, merece um voto de confiança dessa magnitude.

Sim, o que ele fez foi esplêndido. Não há muitas pessoas no mundo que arriscariam a própria vida em prol de uma criança. E isso me deixou bem mais abalada do que eu já estava antes.

Me despeço da vaca e ligo para a mãe para saber como está o Antônio. Falo o que a Su me contou sobre as crianças e um pouco de peso das minhas costas saem ao saber que o meu filho está bem em casa, dormindo como um anjo e quando acordar vai estar com a corda toda com a sua avó fazendo todas as suas vontades.

Uma enfermeira entra no quarto com o café da manhã dos pacientes, acordo a Sarah e ajudo ela a comer.

– Tia Elis, é assim que as mães cuidam dos filhos? – Sua voz sai baixa, quase um sussurro. – Tu dorme com o Perereco e dá comida para ele assim?

– Eu...

Sua pergunta me pega de surpresa total. Sarah olha para mim esperando a minha resposta e eu sinto uma vontade imensa de chorar com isso. Me recordo do jeito esquelético que ela chegou no orfanato há uns anos atrás. Abandonada no meio de uma boca de fumo na periferia e vendo tantas coisas que nenhuma criança deveria sonhar ver.

– Sim – falo por fim. – As mães cuidam dos filhos assim. Só não durmo com o Perereco porque ele não gosta da minha cama, só quando eu estou dormindo nela. Aí ele se atira em cima de mim como se fosse um saco de batatas. – Ela sorri e eu dou um beijo na sua cabeça. Minha maluquinha só quer ser mimada como todas as crianças devem.

O médico aparece no quarto pelo meio da manhã e analisa a Sarah. E para a minha felicidade, ela está ótima. E vamos ser liberadas agora mesmo. Enquanto a Sarah coloca as suas roupas, ou melhor, o pijama com o qual ela estava ontem, o médico me passa uma receita de medicamentos para ela tomar por alguns dias de prevenção e se tiver qualquer sintoma de dificuldade de respiração é para trazer ela rapidamente de volta para cá.

Quando estamos saindo, ela pede para ver o AC, que ainda está internado aqui. Não consigo negar esse pedido dela, mas aviso que vou a esperar no corredor. Ainda não estou pronta para ficar cara a cara com o AC. Ainda tenho muita coisa na minha cabeça e quanto mais tarde for esse confronto, melhor será.

Só que eu não contava com um encontro com a Olívia.

Assim que a Sarah entrou no quarto, segundos depois a Liv apareceu sorrindo para mim.

– Oi. – Ela vem, me abraça e eu fico sem reação perante a isso.

– Oi... – respondo incrédula estática.

– Fiquei tão preocupada com a Sarah! Ela é um anjinho! Não esperava outra reação do Cae quando ele soube que ela estava lá dentro.

– Pois é... – Olho para todos os lados procurando uma saída de emergência, se estivéssemos no segundo andar, poderia me jogar contra a janela e cair lá em baixo.

– Elis. – Olívia fala firme para mim. – Não precisa ficar assim comigo.

Pisco para a Olívia e arregalo os olhos. Será que ela vai se avançar em mim aqui no meio do corredor do hospital?

– Eu não... Eu e o AC... – Olívia ri para mim e eu fico sem entender mais nada.

– Calma, Elis. Está tudo bem, sério. Olha, nós precisamos conversar algumas coisas. Mas eu sei que vocês dois se beijaram ontem e eu fico feliz em saber disso. – Ai meu Deus! Como ela ficou sabendo disso? – Entre mim e o Cae não tem segredo Elis, nunca houve isso entre nós.

Terra para Elis! Isso só pode ser brincadeira, não é? Onde está a câmera escondida para me dizer que isso é uma pegadinha?

– Aqui não é o melhor lugar para conversamos sobre isso. Eu vou te procurar nos próximos dias para colocar tudo isso em pratos limpos. – Olívia toca o meu braço e arremata. – Eu torço para vocês dois se acertarem, de coração. Tudo o que eu mais quero é ver o Cae feliz e sei que vocês três conseguem isso. Se depender de mim vai dar tudo certo.

E ela sai me deixando como uma estátua no meio do corredor do hospital.

Essa, com toda a certeza do mundo, foi a conversa mais estranha que eu já tive na minha vida.

Capítulo 30

Sáimos do hospital assim que a Sarah deixou o quarto do AC. Olívia ainda estava sorrindo para mim e dizendo que iria me procurar essa semana para conversarmos. A minha reação foi de concordar com o que ela me disse, e sair de lá.

Eu sei que foi covardia da minha parte. Mas convenhamos que essa situação em si está cada vez mais estranha. E no momento só as minhas loucuras básicas já são suficientes.

Levei a Sarah direto para a minha casa. Em hipótese nenhuma deixaria ela ir para o local em que as crianças estão abrigadas. Seria apenas mais uma criança lá desamparada e com medo do que a esperaria amanhã. E a Sarah já sofreu demais dentro da cozinha com o prédio em chamas.

Abro a porta do apartamento e vejo o Antônio com aquele boné gigante que ele pegou do seu pai. Com o barulho da porta, ele se vira na nossa direção e o boné cai nos seus olhos e com muita briga, ele o afasta. Quando ele nos vê, abre um sorriso safado e corre na nossa direção. E para a minha surpresa, vai direto para os braços da Sarah, me deixando para escanteio. Perereco safado!

Minha mãe estava na cozinha e quando ela chegou eu corri para os seus braços. Precisava de um carinho de mãe também.

– Tudo bem, filha? – Sua voz baixinha me embala.

– Não, – falo sincera – mas vai ficar.

– Isso aí. – Recebo um beijo nos meus cabelos. – E essa mocinha deve ser a Sarah!

E como eu já esperava, minha mãe e a Sarah se deram bem de primeira. Se a vó estivesse aqui, a Sarah não voltaria nunca mais para o orfanato. E esse pensamento, me levou a mais um milhão de possibilidades.

Desde que a Su adotou o Yago, eu comecei a pensar no assunto. Claro que naquela época eu ainda não tinha o Antônio e nem senso nenhum de responsabilidade com uma criança. Mas pensava em futuramente, quando tudo se ajeitasse na minha vida, e o meu príncipe encantado chegasse montado em um cavalo branco e coisas do tipo, eu também faria a mesma coisa. O príncipe ainda não veio, nem de jegue ou carroça, eu já tenho um filho e mais noção do peso que a palavra mãe tem. Então por que não começar a pensar nesse assunto?

Aproveitei que eles estavam entretidos com alguma coisa e liguei para a Raquel, a fim de avisar que a Sarah estava na minha casa e ela quase surtou.

– Elis, tu tem que trazer ela para cá. O lugar dela é aqui.

– Não posso, Raquel, – choramingo ao telefone – ela já passou coisa demais nessa situação. Não vou deixar a Sarah aí junto com as outras crianças e passando por tudo isso.

– Elis, ela é uma desabrigada como todas as outras. O lugar dela é aqui.

– Desculpa Raquel, mas no momento tudo que a Sarah não precisa é se preocupar com

mais um problema na cabeça de criança dela. Ela poderia ter morrido nesse incêndio!

Raquel fica em silêncio e eu sei que ela também está nervosa com tudo isso.

– O Yago morava com a Su antes mesmo de ser adotado. – Continuo a falar. – Só quero me certificar que ela vai tomar os medicamentos que o médico receitou e não vai apresentar nenhum sintoma.

– O Yago já estava em processo de adoção com a Su naquela época, Elis. – Ela revida. – E o caso dele era bem diferente. Traz a receita da Sarah que eu tenho que dar um jeito de comprar os medicamentos dela.

– Raquel, eu compro os medicamentos dela, mas só peço para deixar ela aqui em casa até vocês terem algum lugar mais seguro para as crianças.

Apelo pelo suborno, o jeito mais baixo e mesquinho de conseguir alguma coisa. Mas com a saúde e bem-estar da Sarah eu não fico com nenhum pouco de remorso por ter que utilizar desse artifício.

– E quando tudo estiver mais calmo, – inclusive a minha história com o AC, completo mentalmente, – nós conversamos sobre processo de adoção. – Termina a frase com uma entonação tão certa que chego até a me arrepiar.

– Certo, Elis – ouço a sua voz, depois de alguns segundos de silêncio absoluto do outro lado da linha, carregada de preocupações e cansaço.

Faço um “iuuuu” mental, acompanhado de uma dancinha da vitória, e me despeço da Raquel dizendo que depois que ajeitar a Sarah aqui em casa, vou para o abrigo das crianças para ajudar com o que for preciso.

Pedi para a mãe levar o Perereco para ver o AC no hospital, ainda não consigo vê-lo depois do nosso beijo. É cedo demais e com tantas coisas na cabeça, não consigo raciocinar corretamente sobre tudo entre nós. Não estou sendo covarde agora, apenas revendo as minhas prioridades, e a do momento é o bem-estar da Sarah.

Peguei algumas roupas do Yago para colocar nela depois que saiu do banho. Ficaram bem grandes, ainda mais que o Yago andou tomando fermento direto do pote e cresceu bastante agora, mas a Sarah não ligou. Ela estava tão alegre com a atenção que estava recebendo e o fato de que estava na minha casa, que nem deu bola para isso.

Depois que a mãe chegou com o Antônio da visita ao seu pai eu sai novamente. Fui a farmácia e ao shopping. Foi o primeiro momento que tive a sós com os meus botões desde ontem e eu tinha muita coisa para conversar com eles. Depois que comprei algumas roupas para a Sarah e os seus remédios, enquanto tentava colocar a bagunça dos meus pensamentos em ordem, fui para o abrigo em que as crianças estavam momentaneamente.

Ao chegar lá, tive que tomar algumas respirações profundas para não desabar na frente delas. Em uma escola, que está em um estado mais precário que o orfanato estava antes do incêndio, encontro as crianças na quadra de esportes, como se estivessem acampadas.

Algumas correm na minha direção, e eu as abraço e as beijo, lutando contra as lágrimas

que insistem em querer cair. Um turbilhão de sentimentos, dúvidas e a falta de respostas se apossam de mim, mas tenho que ser mais forte e segurar essa represa dentro de mim.

Encontro o Noah no meio do caminho e nos abraçamos. Vejo o meu amigo, tão abalado como eu vendo as nossas crianças terem que passarem com isso.

– A Sarah está na tua casa? – Ele me pergunta no meio do abraço e eu só aceno a cabeça. – Ótimo. E o AC?

– Ainda no hospital em observação, só precaução. Deve sair amanhã pela manhã. – Transmito a notícia que tive quando a mãe retornou com o Antônio de lá. – E as coisas por aqui?

Saio do seu abraço e começamos a caminhar.

– Nada bem. A Raquel está nervosa demais, as crianças assustadas e o chefe dos bombeiros veio aqui fazer algumas perguntas sobre os planos de combate a incêndios e outras coisas.

– Como assim?

– Pelo que parece, todos os prédios têm que ter um plano de prevenção. E o do Orfanato estava irregular. – Coloco as mãos na boca e o Noah continua a falar. – A Raquel fez o protocolo de renovação quando o do Orfanato venceu e o que liberaram para ela era um falso.

– Meu Deus!

– Os extintores estavam vencidos e no alvará liberado constavam como incorretos. Uma planta do prédio desatualizada depois da última reforma, que foi feita há anos atrás. E coisas do tipo.

– Isso vai cair sobre a cabeça da Raquel? – Essa é a primeira coisa que me vem à cabeça.

Conheço-a desde que comecei a ajudar no orfanato nos meus tempos de faculdade. E posso dizer que nunca convivi com uma pessoa tão dedicada às crianças como a Raquel.

– Não. – Noah fala e eu solto uma respiração de alívio. – O que estava ao alcance dela era protocolar o pedido e a prefeitura agilizar o resto, já que a verba vem deles.

Ou seja, essa história ainda vai longe.

Passo por todas as crianças. Faço um carinho nelas e depois vou para o serviço e começo a separar as doações que estamos recebendo enquanto o Noah brinca com algumas crianças com uma bola que foi doada. Por alguns segundos me permito ficar com uma pequena inveja do senso de organização do AC, porque, graças aos céus, estamos recebendo muitas roupas e calçados para as crianças.

Me perco no meio das caixas, separando as coisas e tentando me encaixar no meio de tudo isso. Perguntas vinham à minha cabeça e eu ficava cada vez mais maluca com elas, pois não sabia como as responder. Será que o AC fez o certo ao se divorciar da Olívia? Como eu tento ser imparcial com tudo isso, se o que eu mais quero é ter a chance de poder o conhecer melhor? Por que a Olívia mudou tanto desde que eu a conheci? Pelo o que notei dela ontem no hospital, ela nem parece mais a guria com medo de tudo e todos a sua volta.

E a situação das crianças? Onde elas vão ficar? O que vai ser feito do orfanato? O que

vamos ter que fazer para reerguer tudo isso?

– Elis?

– Oi, Luiz! – Levo um susto ao ver ele parado na minha frente.

– Eu trouxe os alimentos que arrecadamos no torneio de squash final de semana passado. Acho que o atraso foi bem-vindo.

Tenho vontade de abraçar o Luiz com essas palavras. E confesso que nem me lembrava dessa doação que o orfanato receberia, e como ele disse, veio na melhor hora possível.

Chamo algumas crianças mais velhas e descarregamos os alimentos e eu chego a ficar nas nuvens vendo que a arrecadação foi ótima, e que pelo menos nesse quesito, as crianças estarão bem.

– Posso conversar contigo um pouco? – Luiz me chama, depois de tudo descarregado, e eu estranho o pedido, mas caminho com ele até um lugar mais reservado.

Meu primeiro pensamento é que o estado do AC piorou. Por alguns instantes me lembro de todas as reportagens de incêndio que já vi na minha vida, e de como frisavam que alguns sintomas graves vinham depois de algumas horas e...

– Não é nada com o AC. – Luiz fala rapidamente vendo a cara de louca que devo estar fazendo nesse instante. – Mas tem a ver com ele.

– Como assim? – Questiono e me lembro do seu beijo e de como me perdi completamente em poucos segundos.

– Elis, o AC pediu e não pediu divórcio por tua causa. O casamento dele nunca foi de verdade, certo? – Cruzo os meus braços e ele continua a falar. – Eu nem deveria estar me metendo nisso, mas o AC e a Liv são mais que amigos para mim. Depois da minha filha eles são os únicos que eu tenho grande afeto. E eu sou um dos únicos que sabem de toda a verdade.

– Como assim Luiz, não estou entendendo nada. – Minha cabeça deu um nó de marinheiro experiente e daqueles impossíveis de se desatar, e a cada nova informação a coisa fica pior.

– Não é para ti entender mesmo agora. Só escuta o que eles têm o que te falar. E tudo vai fazer sentido.

– A Olívia disse que queria conversar comigo essa semana e... Escuta Luiz, eu não quero ser a ruim nessa história. – Ele sorri para mim.

– Elis, tu não é a ruim nisso tudo, bem pelo contrário.

Por AC

– Liv, vai para casa. Tu não precisava ter dormido aqui comigo, eu estou bem.

– Deixa de ser bobo Cae, tu fez bem mais por mim e não reclamou nada. Uma noite aqui contigo não vai me matar.

Ela sorri para mim e eu a puxo para um abraço.

Essa semana foi uma loucura. Domingo eu e a Olívia tivemos a certeza do nosso divórcio. Segunda mesmo já começamos a preparar os papéis. Fomos a um advogado, indicado pelo Luiz e explicamos a nossa situação.

Optamos pelo divórcio amigável, claro. Até porque sabíamos que a nossa condição de casamento seria temporária. Olívia não queria ficar com nada. Ofereci a metade do valor do carro, bem como o do apartamento, já que o nosso casamento é em comunhão parcial de bens e tudo isso foi adquirido durante ele. Mas ela não aceitou nada, dizendo que tudo isso é conquista minha e não dela. E tivemos uma pequena discussão sobre como seria o nosso divórcio.

Tive que pedir a intervenção do Luiz para me ajudar a colocar na cabeça da Olívia que ela tem que ficar com algumas coisas. Ela ainda não tem condições de se sustentar apenas com o seu trabalho de meio período e com as poucas telas que já vendeu. E entramos em um acordo. Até ela se estabilizar bem no seu trabalho e começar a ter mais independência financeira, vai morar no apartamento, enquanto tenta fazer um financiamento para um seu. E eu, como tenho uma renda fixa e bem estável, procuro um lugar para morar. Olívia se ofereceu para pagar um aluguel para mim, mas eu neguei e comecei a procurar algum lugar para ficar.

– Essas cadeiras são horríveis para dormir, como tu aguentou aquele tempo nelas, Cae? – Olho para a Olívia e me lembro daqueles dias, daria um pedaço do meu corpo para não reviver aqueles momentos novamente.

– Sinceramente, não me lembro de como elas eram. Só queria que tu ficasse bem. – Olívia sorri para mim. – E essa cama não é das mais confortáveis também.

Ouvimos batidas suaves na porta e a Sarah aparecendo por entre uma frestinha. Quando a vejo, sinto o meu coração se inflar. Não me importaria de ficar mais alguns dias nessa cama desconfortável, desde que recebesse esse sorriso sincero, como estou vendo agora.

Abro os meus braços, deitado na cama e ela corre em minha direção e se deita em cima de mim em um abraço apertado. Beijo a sua cabeça, sentindo um pouco de falta dos seus cachos volumosos que estavam aqui antes da maldade que fizeram com ela no colégio e a Elis a levou para consertar em uma cabeleireira.

– Hey, Sarinha. – Falo baixinho ainda a abraçando. – Tudo bem?

Olívia faz um sinal para mim e sai do quarto nos deixando a sós. Se a Sarah está aqui comigo, com certeza, a Elis deve estar no corredor, e a Olívia deve ter ido conversar com ela.

– Tudo ótimo, tio AC. E contigo? – Solto a Sarah e ela olha para mim.

Faço um carinho no seu rosto e ela se senta em cima de mim. Olho para as suas roupas, ou melhor, pijama e imagino que provavelmente, isso foi o que restou das suas roupas no orfanato. Já que os boatos, que falam, é que o estrago foi total por lá.

– Estou ótimo, linda. – Puxo ela para mais um abraço. – Já te deram alta?

– Sim – ela me responde baixinho. – A tia Elis cuidou de mim. Perguntei para ela se era assim que as mães cuidavam dos filhos e ela me respondeu que era.

Escutar isso de Sarah, ou qualquer criança, é de cortar o coração ao ponto de não ter como

consertar. Me solidarizo com a sua dor, por tantas vezes que vi os meus amigos de infância serem mimados pelos pais e eu não tendo nada parecido em casa.

– Tu é o meu super-herói, tio AC! – Sarah continua a falar e me tira dos meus devaneios da infância.

– E tu a minha mocinha a ser salva. – Ela olha para mim e abre um sorriso tão lindo, que eu me perco nele.

– Obrigada! – Sou recompensado com um beijo na bochecha da Sarah e ela sai do meu colo.

De pijamas e chinelos de dedo, ela acena para mim na porta e sai, me deixando com o coração na mão e mil ideias na cabeça. Silenciosamente, com apenas os móveis no quarto e um crucifixo acima de mim, como testemunhas, eu faço uma promessa.

Olívia volta para o quarto e se senta ao meu lado na cama.

– Tu fez um estrago com a Elis. – Olho para ela assustado e ela ri. – Com o beijo Cae, ela está mais mexida com tudo agora.

– Vocês conversaram?

– Não o que interessa. – Olívia olha para mim. – Ela está abalada, mas eu disse que iria a procurar essa semana para explicar a situação toda. Vai dar tudo certo, Cae. Vocês foram feitos um para o outro.

.

– E aí quase churrasco. – Luiz chega e atira uma mochila em mim.

– Quando é que eu vou poder ir embora daqui?

– Vi a tua ficha no posto de enfermagem enquanto via a dos meus pacientes. Ainda tem medicação para hoje. Só amanhã, ou semana que vem, posso ter alterado a tua ficha lá.

Olho para o meu amigo que sorri para mim. Ele se senta na cadeira em que a Liv estava e continua a falar.

– Tem uma surpresa para ti aí dentro.

Abro a mochila que a Olívia, que depois de muita briga consegui fazer mudar de ideia sobre ficar aqui comigo, preparou. Me deparo com roupas, um pequeno kit de higiene pessoal e uma sacola com alguma coisa embrulhada. Meu estômago, prevendo o que seria, dá um pulo dentro de mim como um leão esfomeado.

– Me diz que isso é um hambúrguer daqueles.

– Com direito a porção extra de maionese caseira. – Cheguei a salivar aqui só de escutar isso.

Com muita pressa, abro o lanche e mordo chegando a revirar os olhos de prazer. Eu estava morrendo de fome. A comida do hospital, só de olhar me desanimava e me deixava enjoado. E

quando percebi que teria que passar mais uma noite aqui, por causa da minha baixa saturação de oxigênio ainda, pensei que iria morrer de fome. Sem exagero, já que eu estava somente com o almoço de sexta ainda e hoje já era final de sábado. Não há soro que me sustentasse e aquelas comidas sem gosto.

– Não vou dividir. – Falo com a boca cheia.

– Já comi um antes de vir aqui. Por isso demorei.

Como o meu lanche com uma voracidade que nunca tive. Luiz me põe a par da situação do orfanato e disse que passou por lá e deixou a sua contribuição, e os alimentos que havíamos recolhido no torneio de squash. E conhecendo o meu amigo, como eu conheço, sei que a sua doação foi bem significativa e vai vir a ajudar muito.

– A Elis apareceu por aqui? – Nego com a cabeça, enquanto limpo a minha boca com um guardanapo de papel.

– A Agnes trouxe o Antônio aqui no horário de visita. Ela está em função da Sarah e as crianças no orfanato. E também acho que fugindo de mim.

– Não é de desconfiar. Primeiro tu entra num incêndio para salvar uma criança, depois agarra ela no meio do hospital e ainda fala do divórcio com a Liv. – Luiz ri para mim.

– Ela ainda não sabe sobre o meu casamento. A Olívia pediu para contar para ela, já que é a sua história.

– Justo. – Ele concorda. – A história é sobre a vida dela, é o mais correto.

– Também acho, mas tenho medo de como vai ser a reação da Elis, de achar isso loucura demais.

– Não sei AC, isso não é uma situação corriqueira. Aliás, nenhuma coisa relacionada a vocês é normal. Qualquer reação dela é esperada.

Sinto a ansiedade percorrendo o meu corpo. Sempre fui uma pessoa paciente e centrada, mas tudo que é relacionado à Elis me deixa assim. Minha vontade era eu mesmo contar tudo, ou estar presente nessa conversa entre elas. Sei que a Elis vai dar essa chance à Olívia, mas e eu? Será que terei a mesma compreensão sobre a situação em que estávamos?

– E quando vai ser isso? – Dou os ombros para o meu amigo.

– Agora não sei, a Elis está envolvida com a Sarah, a levou para o seu apartamento e tudo. Parece que a Raquel, a coordenadora de lá, não gostou muito da ideia e elas entraram em atrito. Agnes me disse quando veio aqui.

– Tu não vai desistir não é cara? – A expressão do Luiz chega a ser hilária.

Me recosto na cama e me lembro do beijo que roubei da Elis aqui mesmo. Foi arrebatador. E se com único beijo me fez sentir isso, quem dirá todo o resto.

– Não. Só se a Elis não quiser nada comigo e me falar isso. Mas se depender de mim, vou até o fim.

– Vai ver que ela vai resistir aos teus encantos AC, ainda mais agora que virou um super-

herói. – Sorrio para o meu amigo e espero que ele esteja com a razão.

Converso com o Luiz por mais alguns minutos e ele vai embora. Tomo um banho, coloco um pijama limpo e tento me ajeitar nessa cama desconfortável. Meu plano de saúde é ótimo, meu quarto é privativo, com suíte, TV e ar- condicionado, mas nada disso me chama a atenção.

A porta do meu quarto se abre e eu penso que deve ser a enfermeira da noite para me dar alguma medicação. E quando levanto os meus olhos, vejo a Elis parada olhando para mim.

– Oi. – sua voz falha e vejo uma lágrima escorrer pelo seu rosto.

Abro os meus braços e a recebo em um abraço tão apertado, que meu corpo ainda reclama, mas eu não a solto. Bem pelo contrário, puxo ela para cima da cama e me deito com a Elis ainda nos meus braços.

Beijo a sua cabeça e deixo ela chorar.

– O que houve, Elis? – Murmuro fazendo um carinho nos seus cabelos.

– Drama. – Ela me responde e eu sorrio para a minha maluca. – Só precisava dar uma de dramática um pouco depois de tudo. Daqui a pouco passa.

– À vontade. – Rio baixinho e a aperto um pouco mais.

Continuo a fazer carinho na Elis, até pensar que ela tivesse dormindo, de tão quieta que ficou nos meus braços. Me movimento para tentar aliviar a pressão sobre o meu ombro machucado e ela se levanta.

– Diz para mim que eu não estou maluca e que se eu te beijar agora não vai ser errado.

– Por que seria errado? – Elis pega a minha mão esquerda e passa os dedos pela marca que a minha aliança com a Olívia deixou.

Sei que elas ainda não conversaram. E que também, para quem via de fora o nosso casamento, acreditava que éramos felizes e tudo mais que um bom relacionamento proporcionava.

Afasto os cabelos da Elis do seu rosto e a puxo para um beijo. E assim respondo a sua pergunta.

Capítulo 31

Eu dormi com o AC. Não no sentido sexual da coisa, sim de deitar e dormir mesmo.

Cheguei em casa à noite cansada. Fisicamente e mentalmente. Destrinchei várias caixas e sacolas de doações. Graças aos céus, um senhor que tem um hostel que só funciona no verão, cedeu os quartos para as crianças. Só sai de lá depois de me certificar que todas estavam deitadas nas camas e protegidas.

Fizemos um sorteio para cuidar das crianças, eu não fui a escolhida dessa noite. Então vim para casa. Quando cheguei, me deparei com uma cena que me deixou no limite de tudo. A Sarah dormindo na cama junto com o Antônio. E a primeira pessoa que eu pensei em contar isso foi o AC.

Por que desse pensamento? Não tenho a mínima ideia. Mas quando os vi ali, o nosso filho e a Sarah, juntos na mesma cama, tudo que eu mais queria era que o AC estivesse ao meu lado vendo essa cena.

E quando eu percebi, estava entrando no quarto dele. Deixei o meu lado Elis no automático e só pensei no que eu queria aquele momento. Estar com o AC.

Claro que eu dei uma de dramática e quando eu o vi na cama, desatei a chorar como uma vaca velha. Encontrei o meu consolo nos braços dele e me acalmei. Não me lembrei do seu ombro machucado, e nem que ele deveria estar todo dolorido, dei uma de Perereco me atirando em cima dele como um saco de batatas.

Chorei mais um pouco para dar razão à Su quando contar para ela, e o jeito que ela me olhar, fazendo eu me sentir uma mocinha dramática de novela mexicana. E para acabar com toda a coisa de uma vez, nos beijamos. Liguei o foda-se mesmo. Depois eu pensava nas minhas ações e o que elas poderiam acarretar.

Adormeci enroscada nele. Acordei com ele roçando a sua barba no meu rosto e confesso, isso só perde para o jeito delicado do nosso filho me acordar.

– Bom dia. – Ele murmura e distribui beijos doces pelo meu rosto. Gemo e me enfio no seu pescoço.

– Quero dormir mais um pouco. – Falo e ele ri.

– Pode continuar a dormir, Elis, só me liberta para ir ao banheiro. E a enfermeira da manhã não é tão amigável a ponto de te receber com um bom dia animado.

Me espreguiço em cima do AC, o fazendo rir, e saio do seu abraço. Me sinto como se os mil quilos de preocupações, dúvidas e outros problemas saíssem de cima dos meus ombros. Mas sei que no momento em que eu colocar os meus pés na rua, eles retornarão. Então por isso, eu aproveito mais um pouco desse meu tempo com a cabeça livre.

Não vai ser o simples fato de ter passado a noite com o AC que irá fazer todos os nossos problemas se dispersarem. Ainda temos muito que acertar, eu tenho as minhas perguntas e espero respostas para tirar as minhas próprias conclusões e decisões.

Ligo para a minha mãe e para a Su, ficando a par dos acontecimentos da noite, e qual seria o cronograma do dia.

– Tudo bem? – AC volta do banheiro e faz uma cara estranha para mim. A Su sempre me diz que quando eu estou pensando sério, pareço que estou com dor de barriga pela cara que faço.

– Tudo sim. – Disfarço e sorrio para ele. Nada mal para quem está no hospital e acabou de acordar.

Cabelos revoltos, um pijama largadão e uma barba crescida. Vai ser lindo lá longe, AC! Isso não facilita em nada a minha vida, bem pelo contrário!

Como quem adivinhasse os meus pensamentos, ele caminha lentamente na minha direção, daquele jeito manso dele. Umedeço os meus lábios e não penso duas vezes antes de me jogar nos braços dele e o beijar, quando ele se aproxima de mim. O que é um uma gota no oceano para quem está se afogando?

E que beijo! O seu gosto de pasta de dente, deve amenizar o meu de quem acabou de acordar. Então eu me esbaldo. AC me empurra para o lado e me prensa na parede, suas mãos grudam na minha cintura e ele me aperta de um jeito que me faz gemer. Quem diria que por trás desse jeito certinho, tem uma pegada potente.

Ele termina o beijo com uma mordida de leve no meu lábio inferior. Nossas respirações aceleradas transmitem o sinal para que paremos com as atividades antes de cometermos um fetiche de muitos casais em um hospital.

– Elis... – Sua voz sai rouca e eu me deixo ser seduzida, e também provoco começando a beijar o seu pescoço.

Nunca fui santa, e não vai ser agora que o meu quase status de pureza, vai me deixar ser. Ainda mais com tanto tempo na seca assim.

Puxo a boca do AC para a minha e recomeçamos novamente. Tão bom que me faz esquecer todos os problemas que eu tenho.

– Eu não sou de ferro, Elis. – Ele fala quando descobre a barra da minha blusa e as suas mãos tocam a minha pele.

– Eu também não... – Arfo e tento me colar nele.

AC me solta de repente, se separando de mim, me deixando completamente fora do meu corpo. Se eu não me freasse, iria empurrar ele para aquela cama e terminar o serviço.

– Precisamos ir com calma. – Concordo tentando acalmar o meu corpo e algumas áreas que há muito não se agitavam assim.

– Temos muito que conversar também. – AC senta na cama e olha para o teto branco.

– Sim. – Concordo.

– Acho que vou para casa, a mãe está com as crianças e eu quero dar um cheiro neles antes de ir para onde as do orfanato estão.

AC concorda com a cabeça e sorri para mim.

– Espero que hoje eu saia daqui. – Ele levanta e vem de novo na minha direção e inclina a cabeça para um lado. – Essa foi uma noite especial para mim, Elis. – Ele pega as minhas mãos e as beija. – E quero repetir ela em breve em um lugar mais confortável.

~

A melhor coisa que existe para afastar todos os pensamentos que te desviem do foco principal é o trabalho.

Então eu me foquei no trabalho. E quando o meu corpo começava a se lembrar dos beijos e toques do AC, eu inventava mais alguma coisa para me entreter. Era isso ou o surto completo.

Sei que ele saiu do hospital naquele mesmo dia em que eu acordei nos seus braços. Acredito que ele deve estar bem e, provavelmente, já está de volta ao trabalho no banco. Como eu sei disso? Enquanto eu estava com as crianças aqui em casa, ele foi lá ao orfanato e a Su falou com ele.

Não nos vimos até então, mas em compensação, ele me liga todos os dias e conversamos um pouco. Em comum acordo, decidimos ir com calma e que antes de qualquer coisa eu precisava saber de toda a verdade, para então pensarmos em algo além.

Questionei, com a minha ansiedade à flor da pele, porque ele mesmo não me conta o que acontece e acabamos de vez com isso tudo. E a resposta que obtive me deixou sem ação e apreensiva. Pelo que parece a Olívia pediu a ele para me contar tudo o que nos cerca, já que era a vida dela que seria narrada e ela preferia que eu soubesse a verdade pelo seu ponto de vista.

Isso me derrubou por completo, pois só significa que a coisa não foi boa, e me deixou mais ansiosa ainda. A mistura de tudo isso está me dando cólicas para acabar com essa história de uma vez por todas. Então por isso eu estou trabalhando como uma vaca. Jornada quádrupla: casa, crianças, ajudando as do orfanato e ainda o meu consultório. E comendo como uma vaca prenha.

E mesmo assim, ainda me pego pensando nos beijos que nós trocamos no hospital a cada cinco minutos.

– Foco no trabalho Elis, só faz três dias. Calma esse coração, vaca. – Falo para os meus azulejos da cozinha, enquanto eu lavo a louça.

– O que foi, Tia Elis? – Sarah me pergunta. Esqueci por completo que ela estava me ajudando a fazer um bolo aqui.

– Nada não, só pensando em voz alta. – Preciso aprender a não falar mais sozinha. Isso está cada vez mais recorrente, daqui a pouco vão querer me internar, por conversar e muitas vezes, me responder sozinha.

A Raquel ainda está na minha pegada para eu devolver a Sarah para o hostel em que as crianças estão hospedadas. E eu me faço de louca e invento uma desculpa esfarrapada para deixar ela aqui por mais alguns dias.

Nem preciso dizer que ela está amando essa temporada aqui, e as crianças daqui estão adorando o tempo que elas passam juntas. Fofinha e Perereco ficam na cola da Sarah o tempo todo e o Yago tem alguém da sua idade para jogar vídeo-game e outros jogos de tabuleiro, quem

nem sempre estamos disponíveis para jogar com ele.

Terminamos de fazer o bolo e eu limpo toda a minha bancada da cozinha e, quando penso em pegar uma vassoura para varrer o teto da sala, batem à porta. Estranho, pois aqui é campo aberto, quem chega já vai abrindo a porta sem se importar com algum tipo de formalidade como essa. Esses dias abri a porta do apartamento da Su e peguei ela e o Noah em um amasso fenomenal. E muitas vezes eles já abriram a porta aqui de casa e eu estava em alguma cena constrangedora.

Abro a porta e dou de cara com a Olívia olhando para mim e mais uma vez, engulo à seco.

– Oi. – Ela me dá um sorriso e ainda me olha fixamente.

– Oi... – Saio da porta e dou espaço para ela entrar no apartamento.

– Tia Liv! – Sarah fala da porta da sala e vem correndo em direção aos braços da Olívia. E com isso toda a trupe vem a recepcionar.

Ela dá atenção a todos e eu me sento vendo a confraternização. Observo a interação deles e fico analisando a Olívia, com a vasta experiência que tenho, vendo os seriados investigativos. Ela está com um ar alegre, não consigo notar nenhum sinal de tristeza e amargor quanto à situação do divórcio em si. Normalmente as pessoas que passam por isso ficam abaladíssimas e tantas coisas do tipo. E a Olívia é o oposto. Quando a conheci, ela era diferente, uma áurea tranquila que muitas vezes se confundia com algum tipo de pesar. Aliás, tanto ela como o AC, os dois tinham essa mesma expressão. E agora os dois estão diferentes.

– Podemos conversar? – Ela me fala e me acorda dos meus pensamentos sobre o perfil emotivo de ambos.

– Claro. – Digo apressadamente. – Podemos ir para a cozinha? – Olho para as crianças espalhadas pela minha sala. Yago e Sarah jogando banco imobiliário e o Perereco e a Fofinha em alguma brincadeira que envolve rolar no chão e muitas vezes, passar por cima do Gato e o JB, que não parecem reclamar nenhum pouco disso.

Em silêncio chegamos à cozinha, Olívia se senta em uma cadeira na mesa, e eu aproveito para puxar um papo sobre o trabalho dela, clima e tempo enquanto tiro o bolo da forma.

– Elis... – Ela fala para mim quando eu sento, percebendo a minha hesitação. – Acho bom irmos direto para o ponto principal aqui.

Olho para a Olívia não vendo mais a guria que chegou ao escritório da Su tendo uma crise de pânico e altamente abalada, e sim, uma mulher decidida e com muita confiança do que veio fazer aqui.

– Sim. – Digo por fim, se ela está tão firme da sua decisão, está na hora de eu deixar de ser uma vaca dramática e encarar isso.

– Antes de tudo, quero que tu saiba que isso tudo que nós passamos são águas passadas. Eu não quis de início, mas era isso ou a coisa seria bem pior.

– Eu não entendo. Todo mundo me diz isso e eu fico cada vez mais perdida. – Olívia ri e toca na minha mão em sinal de quem me consolava.

– Calma Elis, no final tem explicação.

Olívia olha fixamente para mim e então começa a falar.

– Minha vida nunca foi um mar de rosas, e depois que a minha mãe foi embora, não melhorou nenhum pouco. A única vez que eu fui realmente feliz depois de tudo isso, foi quando eu e o Cae começamos a namorar e eu pensei que poderia ser feliz ao lado dele. No início era às mil maravilhas e, depois de um bom tempo, eu percebi que os meus sentimentos com ele eram mais de um afeto fraternal do que outra coisa.

Olívia ri novamente, como se lembrasse de alguma cena específica e ajeita os cabelos para trás dos ombros.

– Enfim, isso não vem ao caso e a história que interessa é a que acontece antes de vocês dois se conhecerem.

Ela toma uma respiração profunda e começa a falar baixo.

– Quando eu e o Cae terminamos, ele saiu lá de casa e eu fiquei sozinha com o crápula do meu pai. As coisas nunca foram boas entre nós, e depois que ele descobriu o meu namoro com o Cae não melhorou nada. Mas eu aprendi a ficar quieta Elis, era a única arma que eu tinha naquela época. Pois se eu revidasse, ele não iria deixar barato.

E como eu disse, a história não ia ser das boas. E eu começo a me remexer na cadeira para tentar me acalmar aqui.

– Na faculdade, em uma turma abaixo da minha de artes, eu conheci o Jaime. – Ela volta a falar calmamente. – Ele era um fofo e, convivendo mais por um projeto de exposição na faculdade com todos os alunos, eu percebi que talvez pudesse dar certo entre nós. E deu. – Vejo o brilho dos olhos da Olívia se perderem um pouco. – Começamos a namorar quase que instantaneamente. E até o Cae aprovou o nosso namoro, para ver como ele era legal.

Sorrio tristemente para a Olívia, imaginando que alguma coisa aconteceu, pelo jeito que ela se refere ao Jaime no passado.

– Um dia, eu estava me arrumando para encontrar ele no parque para darmos uma volta e o meu pai começou a me xingar com todos os nomes possíveis e impossíveis. E daquela vez eu não me calei e revidei. – Olívia solta um suspiro pesaroso. – Bom, eu acordei no outro dia na casa do Cae como se um caminhão tivesse passado em cima de mim.

– Meu Deus! – Exclamo e levo as mãos à boca.

– Elis, isso aconteceu na noite que tu e o Cae passaram juntos.

Levanto da cadeira que estou sentada e começo a me movimentar no meio da cozinha para assimilar tudo, e a Olívia continua a falar.

– Quando ele saiu do teu apartamento, no meio da noite, estavam esperando ele no dele para avisarem que o meu pai havia me batido até a inconsciência e ele foi me buscar. Ele não te procurou na outra semana por minha causa, porque estava cuidando de mim. E eu sinto muito por isso.

Eu paro de caminhar pelo meio da cozinha e olho para a Olívia, isso foi um choque para

mim.

– Quando ele me contou que tinha te conhecido e que vocês tinham passado uma noite juntos, eu me senti péssima. E mais ainda quando ele me disse que quando ele foi te procurar, tu já não morava mais lá.

– Ele foi me procurar? – Me viro para a Olívia e ela me olha com uma cara estranha.

– Claro que foi, naquela época ele já estava abalado contigo.

E essa revelação me faz cair de novo na cadeira. Eu não esperara por isso. Para mim, aquele pedido de desculpas no espelho era o ponto final na nossa estranha relação.

– Por que ele me deixou aquele pedido de desculpas ridículo no espelho do meu banheiro?

– Porque o Cae entrou em um conflito com ele mesmo. Até então eu era a única gurria que havia dormido com ele e vocês mal se conheciam. O Cae sempre foi certinho, e se fosse para fazer do jeito dele, pelo menos ele tentaria te conquistar primeiro antes de pular para a cama, ou o sofá, no caso de vocês.

Ponto. Que o AC é certinho e o que fizemos, agora que eu conheço mais ele, não é do seu perfil. Olívia olha para as suas mãos e eu percebo que deve ter mais coisa por aí, então pego uma faca, dois garfos, pratos e a panela de brigadeiro que fiz para cobrir o bolo e sirvo para nós duas. Meu cérebro vai precisar de toda a glicose possível para escutar o resto dessa história. Sirvo nós duas, com o bolo ainda quente, e derramo o brigadeiro em cima até ele ficar completamente submerso no doce.

– Acredito que ainda tenha mais coisa nesse meio. – Dou os ombros quando a Olívia observa o meu ataque de formiga que não tem medo de diabetes. – E agora só com isso para eu conseguir me controlar.

Começo a comer como uma vaca enquanto a Olívia é toda delicada.

– E agora começa a segunda parte da história. Eu e o Jaime estávamos cada vez mais felizes juntos, e eu, via o Cae sofrer por ter ti perdido todos os dias. – Pelo visto um pedaço de bolo vai ser pouco. – Então, algum tempo depois eu inventei de irmos todos para uma festa no centro da cidade. Incomodei o Cae até ele aceitar e vir junto com a gente. Ele foi, mas não conseguiu se divertir e foi para casa de ônibus para não atrapalhar a mim e o Jaime.

Pego mais um pedaço de bolo, enquanto a Olívia não chegou nem na metade do dela. Ela faz uma pausa, come um pouco e eu levanto e pego o leite dentro da geladeira. Nada melhor que comer bolo de chocolate com um leite para desembuchar depois. Ofereço para ela, que recusa. Recomeço a comer e percebendo que se a história for grande, eu vou ter que fazer outro bolo para as crianças, porque vou comer esse todo.

– Nós ficamos mais um pouco na festa – Olívia volta a falar quando eu me sento de novo à mesa. – Se tivéssemos saído junto com o Cae, talvez a história fosse diferente. – A vejo limpar uma lágrima que escorria do seu rosto.

– Olívia. – Toco a sua mão e a conforto, do mesmo jeito que ela faz comigo no início da conversa. – Se for demais eu não ligo de não escutar tudo. – Digo percebendo de como isso deve

estar sendo difícil para ela me contar.

– Tudo bem. – Ela me dá um sorriso fraco com os olhos cheios de lágrimas. – Contar é uma forma de terapia e me ajuda a encarar tudo isso.

Alcanço para ela um papel toalha, que estava na bancada atrás de mim, e ela enxuga as lágrimas delicadamente.

– Nós sofremos um acidente, Elis. – Ai droga! Eu sabia que a coisa era punk! – Estava chovendo forte e um bêbado invadiu a preferencial e acertou o carro com tudo. Capotamos umas três vezes e o Jaime não resistiu.

Agora quem começa a chorar sou eu. Como o bolo e o brigadeiro, e choro ao mesmo tempo imaginando a situação. Olívia uma guria tão linda e doce passando por tudo isso.

– Eles avisaram o meu pai que eu estava em estado crítico na UTI do hospital, ele foi atrás do Cae para dizer que eu era a responsabilidade dele e que não iria fazer nada por mim.

Que homem horrível! Aposto que faria um bom par com a Cruela, ex-tia da Su. Se um dia eu ver esse cara na minha frente, vou dizer umas boas verdades para ele.

– Até hoje eu não sei como sobrevivi. – Olívia fala baixo e quando volta a olhar para mim, completa. – Ou melhor, sei sim. Foi o Cae que me salvou dando o que ele tinha e o que não tinha para custear o meu tratamento.

Eu sei que deveria falar alguma coisa para a Olívia, mas não consigo. Então me entupo de chocolate, choro e como mais ainda de tão nervosa que eu estou enquanto ela continua a falar.

– O vidro do carro quebrou e voou em cima de mim, praticamente no meu abdome e pernas. Precisei de várias cirurgias e se dependesse do SUS eu não sei se estaria aqui. Então o Cae entrou em um acordo com o hospital, de pagar uma parte delas se eles esperassem um tempo para lançar os procedimentos, enquanto agilizava um casamento às pressas para que eu pudesse ser dependente do plano de saúde dele nos correios. E foi por isso que nós nos casamos, Elis.

Imagens de um AC descontrolado vendo a Olívia passar por tudo isso me invadem a cabeça.

– O meu pai foi útil em apenas uma coisa em toda a minha vida, ser amigo de um senhor que trabalhava no cartório e burlou diversas leis para agilizar o nosso casamento. E enquanto isso, eu estava no hospital sem a certeza de que sairia com vida.

– Olívia isso é... – Tento falar alguma coisa que dê algum tipo de conforto a ela e sou cortada.

– Até hoje, eu não sei quanto o Cae gastou no meu tratamento, mas eu sei que não foi pouco. Ele me colocou no seu plano de saúde e isso cobriu o resto da minha internação. Uma semana de cuidados eles não conseguiram abater e teve que ser particular. O Cae só saía do meu lado no hospital, quando precisava trabalhar, e isso porque ele não podia perder o benefício do plano e nem as horas-extras que ele começou a fazer para pagar o que já devia ao hospital.

Fecho os olhos e me recordo de duas cenas distintas na minha vida. A primeira foi quando o Noah recebeu uma nota contendo todos os gastos com o Yago e o seu tratamento particular.

Me lembro de como a Su e eu ficamos abaladíssimas com o valor gasto e nos perguntando, como seria se o Noah não tivesse pago tudo. E a outra, o jeito como o AC me agradeceu por ser uma mãe atenciosa por pagar um plano de saúde para o Antônio. Com toda a certeza do mundo, ele deve ter pensando que teria que passar por isso de novo na cirurgia do Perereco.

– Quando eu fui liberada do hospital, precisei de cuidados em casa. E mais uma vez, o Cae bancou tudo. – Vejo a Olívia falhar a voz. – Eu fiquei uma imprestável, Elis. Precisava de ajuda para tudo e as dores que eu sentia, depois que me liberaram do hospital, eram insuportáveis. O posto de saúde não pôde dar o suporte que eu precisava na recuperação. Então o Cae teve que contratar uma enfermeira particular para me ajudar enquanto ele trabalhava para pagar por tudo isso.

Mais uma vez, sinto um peso no meu coração ao escutar tudo isso.

– Eu não me lembro dessa época muito bem e o Cae não faz questão de ficar falando disso. Só recordo de que ele trabalhava dia e noite, além do turno nos correios e as horas-extras, ele pegou qualquer bico que ofereciam a ele. Desde ajudante de pedreiro à personal trainer na academia. E foi em um desses turnos que ele conheceu o Luiz, e até hoje ele não desgrudou de nós. Ele foi o amigo que precisávamos naquela hora. Ele não nos emprestou dinheiro, porque o Cae não aceitou, mas todas as questões médicas e onde conseguir o que eu precisava mais barato, ele ajudou.

Olívia não esconde as lágrimas de mim e eu sinto o meu coração chorar junto com ela.

– Eu virei um zumbi depois de tudo isso. Meu corpo e coração estavam despedaçados. Então me deixei ser um peso para o Cae. Na minha cabeça, isso nunca ia passar e eu ia ser dependente dele para sempre. O Luiz indicou uma psicóloga para mim há um tempo e eu comecei um tratamento para não me deixar cair em uma depressão mais profunda ainda. Aos poucos eu fui me reerguendo, Elis. O meu primeiro passo foi aquela festa em que nós nos conhecemos e eu percebi que se tivesse uma crise de pânico sem o Cae perto de mim, eu conseguiria sobreviver.

Entre as lágrimas a Olívia olha para mim e sorri.

– E aos poucos eu estou vencendo tudo isso. A única coisa que eu não conseguia acabar, porque o Cae não ia aceitar, era o nosso casamento. E quando tu chegou à nossa vida, eu sabia que estava chegando a hora de isso acontecer.

Olho para a Olívia com uma cara tão assustada, que ela até ri de mim.

– Eu sabia Elis que o Cae ainda gostava de ti. E que um dia ele iria perceber que a sua felicidade vale bem mais do que o cuidado excessivo que tinha comigo. Nós dois já passamos tantas coisas juntos. E está na hora de sermos felizes separados.

Capítulo 32

Passei uma noite de rainha no trono do meu banheiro.

Depois que a Olívia soltou aquela bomba, eu comi o bolo todo de chocolate que fiz para as crianças e mais a panela de brigadeiro, que era a cobertura. Não consegui resistir e enfiei o pé na jaca por completo. Só parei de comer quando estava lambendo a travessa em que o bolo estava e as crianças começaram a chorar porque também queriam. Tive que fazer outro para elas, mas esperei a Su ou o Noah chegarem para eu não comer aquele também.

E isso me deu uma bela dor de barriga e náuseas. Tanto que passei a noite toda indo da cama para o banheiro. Aproveitei esse tempo na cama, entre uma visita e outra ao banheiro, para tentar me localizar no meio daquela história toda.

Agora tudo fazia sentido. Aquele casamento estranho. O jeito protetor do AC com a Olívia e o jeito dela ser. Todo quebra-cabeça começa a se encaixar perfeitamente. E eu comecei a ver a Olívia como uma vencedora. Lutou e não se entregou completamente à depressão. Aos poucos vem se reerguendo e está pronta para recomeçar a sua vida.

O AC eu já sabia que era uma pessoa excelente, que se precisassem dele estaria disponível para o que fosse. E o que ele passou com a Olívia foi a prova disso. Isso foi de uma doação tão grande, que parece coisa de livro.

Eu conversei com ele por telefone. Mas tudo meio que superficialmente, somente hoje, sexta, que eu irei vê-lo. E o meu coração já começou a bater descompassado desde que eu entrei em casa trazendo as crianças da natação. Quero o abraçar e beijar ele até que eu não sinta mais o meu corpo ao meu redor. Dizer o quão incrível ele é e que agora era a hora de alguém cuidar dele. E acima de tudo, que de agora em diante era a vez dele ser feliz.

Já fechei a geladeira, umas quinze vezes de olho na forma de lasanha que eu fiz hoje mais cedo para a janta e no resto do almoço de amanhã. Preciso parar de comer a cada crise nervosa que eu tenho, ou até o final dessa história eu já esteja maior que uma bola e não caiba no fusca da Su.

Ontem era o meu dia de dormir com as crianças do orfanato no hostel em que elas estavam. E como eu já desconfiava, o Noah estava bancando a hospedagem das crianças lá. Suspeitei disso, um dia quando cheguei lá e o recepcionista estava ao telefone falando que o hostel estava lotado e sem definição de dia para voltar a ficar vago. Fiquei com a pulga atrás da orelha, porque segundo o dono do prédio, eles não funcionavam nessa época do ano.

Prenei o Noah na parede ontem quando ele estava lá, e tive a minha confirmação e agradecimento ao meu amigo, por se doar tanto a essas crianças. Ele está bancando a hospedagem das crianças por tempo indeterminado.

Ontem saiu o laudo dos bombeiros sobre o incêndio do prédio e, como já era esperado, apontou que o início dele poderia ter sido controlado com extintores que deveriam estar nos locais que o plano contra incêndio apontava.

Isso ainda vai dar muito rolo. Até porque a mídia está em cima com notícias e divulgando

tudo referente ao incêndio, e agora com essa descoberta, era a cereja do bolo que precisavam para um escândalo. Desvio de dinheiro público chega a afetar crianças órfãs na cidade. Já estou até vendo as manchetes amanhã nos jornais. Só espero que toda essa confusão reverta em benfeitorias para as crianças.

O tio da Su fez uma avaliação nas estruturas do prédio e um relatório de tudo que precisamos para reerguer o orfanato e trazer as crianças novamente para ele. A Raquel quase caiu sentada no chão quando viu os valores, isso que o Theo se comprometeu em dar toda a mão-de-obra e só colocou o custo dos materiais que irá precisar e ainda pesquisou em várias lojas da cidade até encontrar o menor preço para tudo.

Quando o orçamento chegou às mãos do prefeito, ele disse que seria inviável e que o valor estava abusivo demais. Abusivo demais foi quase as mãos do Noah no pescoço dele isso sim. Theo teve que pedir calma para o “quase genro” antes que a briga estivesse armada e completou nos dizendo que, por mais que ele fizesse diversos orçamentos em empreiteiras concorrentes, a dele teria o menor valor de todas, por não ter a mão-de-obra incluída. Então só nos resta esperar os outros chegarem para começarmos as obras.

Claro que eu, a Su e a Carla, já estamos com um plano todo traçado para angariar fundos para ajudar nisso tudo. Um leilão beneficente com algumas coisas de mais valores que vamos conseguir com pessoas, lojas e parcerias na cidade. O projeto já está quase no meio, só falta começarmos a juntar os itens e marcar a data para acontecer.

E eu fui intimada a “entregar” a Sarah na segunda que vem. Ela já estava tão bem à vontade aqui que vou sentir falta dela se esgueirando para a minha cama junto com o Antônio, todas as manhãs e a felicidade dela cada vez que eu inventava de fazer alguma comida diferente para nós ou pelo simples fato de ela estar aqui com a gente.

Cada dia que a vejo aqui, percebo que ela se encaixa perfeitamente nas nossas vidas. E então, eu tomei uma decisão. Segunda-feira, eu vou ao advogado que cuidou da adoção do Yago. Eu estou pronta para ser mãe de novo e não vejo a hora de poder chamar a Sarah de filha.

Ouçó uma gritaria vindo da sala das crianças, e o meu coração dá outro baque. O AC chegou aqui em casa. É agora que a vaca vai para o brejo!

Caminho até a sala e vejo ele com o Antônio e a Fofinha no colo enquanto conversa com o Yago e a Sarah, que estão com os cadernos abertos estudando. A cena do entrosamento deles faz com que eu fique parada no lugar que eu estou, analisando tudo a nossa volta. A presença dele, ainda mais agora sabendo toda a sua história e o que passou, me faz perceber que tudo que eu mais quero na minha vida é isso. A minha casa cheia de crianças, meus filhos e os meus afilhados, junto com o homem que eu quero para mim. Eu não sei o que o futuro reserva para nós, porém, se eu pudesse escolher o rumo que ele teria, seria para esse final que estou presenciando aqui.

– Oi. – Ele fala para mim sorrindo e eu retribuo. AC caminha, trazendo as crianças no colo até chegar bem perto de mim e me beijar na bochecha castamente.

Foi um beijo tão simples, mas ao mesmo tempo, tão cheio de significados, que eu quase virei uma poça aos seus pés.

– Oi. – Respondo timidamente e ficamos nos olhando fixamente por alguns bons segundos.

Agora que eu sei toda a sua história, entendo um pouco porque toda a vez que ficamos assim, o AC me olha como se estivesse com uma dor de barriga, ou a ponto de desatar a chorar como um bebê. Eu vejo todas as suas dores e angústia, refletidas nas palavras da Olívia aquele dia, que ainda me tiram o sono desde então.

As dívidas quase que infinitas que o AC se enfiou, só pela saúde da prima. O modo como ela me narrou dos dias após a sua alta no hospital, que ele se desdobrou em cinco para conseguir sanar todas elas. E mais empréstimos que ele tirou com o seu salário para pagar o seu tratamento domiciliar e a sua recuperação.

A Su sempre chamou o Yago de anjo, por toda a sua luta contra o câncer e o que passou até ser adotado por ela e o Noah. Até eu já o chamei assim, mas agora, posso dar esse apelido ao AC.

Por AC

Continuo a observar a Elis na minha frente.

Tenho tanta coisa para falar a ela e ao mesmo tempo, não sei por onde começar.

Agora ela sabe de tudo que eu a Olívia passamos. E eu não consigo decifrar a sua expressão quando olha para mim. Antônio se mexe no meu colo, e eu solto ele e a Fofinha no chão, que saem correndo em direção ao JB que está deitado no sofá de patas para cima. Mal volto para a posição ereta novamente e sou surpreendido com a Elis se atirando em cima de mim.

A envolvo com os meus braços e enterro o meu rosto na curva do seu pescoço e busco a felicidade que eu tanto procurei a minha vida toda nesse abraço.

Minha vontade é de chorar. Realmente é isso que a minha alma precisa. Deixar sair toda a angústia e sofrimento que eu carreguei dentro de mim, desde que eu perdi o contato com a Elis em forma de lágrimas, para assim poder começar uma vida nova daqui para frente.

Literalmente nova. Sai do apartamento ontem, apenas levei as minhas roupas e deixei o resto para a Olívia. Ela não queria que eu saísse e muito menos que não levasse nada. Mas isso era preciso para começarmos a encarar a vida que vamos ter daqui para frente.

O Luiz me convidou para ficar na casa dele. Até cogitei a ideia, mas logo a descartei. Isso não ia funcionar nunca. O Luiz é desleixado e eu complexado, íamos mais brigar do que conviver. Então por isso, eu optei por um pequeno “sala-quarto-banheiro” mobiliado perto da agência.

Em duas semanas a minha vida deu uma volta que, às vezes, tenho que fechar os olhos para não ficar tonto. E uma das principais foi ontem quando eu entreguei os papéis para o advogado. Em breve pretendo contar para a Elis e ao pessoal esse passo tão importante que tomei na minha vida.

– Tio AC, me ajuda aqui! – Yago fala e eu volto à realidade, Elis me larga do abraço que ainda estávamos compartilhando, já me deixando com saudade do seu toque.

Olho para a Elis e ela me entende com um simples aceno de cabeça. Temos que estar a sós para conversar.

– O que foi Yago? – Forço um sorriso para ele e me sento ao seu lado vendo os seus exercícios de matemática e começo a ajudar com as suas dúvidas.

.

As crianças dormiram no meio da sessão de cinema na sala que a Elis montou depois da janta. Todos deitados em colchões na sala, com direito ao Gato e o JB junto. Levanto e vejo a Elis, na outra ponta, adormecida com a Sarah ao seu lado, então vou para a cozinha lavar a louça que ficou do jantar.

Começo separando as coisas e pensando na vida que eu quero para mim. Sempre sonhei com uma família grande. Muitas vezes pedi aos meus pais por um irmão ou irmã, que ficasse comigo os dias inteiros. Mas conforme o tempo foi passando, e eu percebendo certas atitudes deles, eu desisti dessa ideia. E agora, estou ao caminho de formar a minha família.

Sei que posso estar me precipitando muito com esse passo que eu dei. Mas é o que eu quero e preciso no momento. E também há o fato de que eu possa ter um pequeno fio de esperança com a Elis. Pelo o que a Olívia me contou da conversa que elas tiveram, tudo leva a crer que ainda posso ter alguma chance.

E eu pretendo fazer o meu melhor para conseguir.

Começo a lavar a louça e a limpar, quando sinto um arrepio correr o meu corpo e a sensação de estar sendo observado pelas costas. Sinto-a se aproximar, mãos me abraçam pelas costas e um beijo perto da minha nuca.

– Eu sempre percebi que tu era uma pessoa boa AC, mas agora eu tenho a confirmação.

Elis me solta e fica ao meu lado e começa a secar a louça que eu lavo. Ficamos em silêncio trabalhando até tudo estar limpo. Seco as minhas mãos no guardanapo que ela está usando, que eu não me surpreendi em nada de ser com tema de vaca, espero ela guardar a última panela e calmamente falar para mim.

– É verdade que a Olívia me disse que tu foi atrás de mim, depois daquela noite?

– Sim. – Falo sem hesitar nenhum segundo e vejo a Elis absorver essa simples palavra. E continuo a falar. – Era tudo que eu mais queria naquela época, te encontrar e saber se teríamos algum futuro. Desde a primeira vez que eu te vi, só pensava nisso.

– Eu também. – Ela fala e eu vejo nos seus olhos um brilho diferente.

Passo a minha mão no seu rosto, afastando seu cabelo emaranhado do sono que estava. Delicadamente me aproximo dela, dando a margem para ela se afastar de mim, se quiser, só que ela não recua. Encosto meus lábios nos dela em um beijo simples, mas ela interpreta de outro jeito e já vai partindo para um beijo descomunal.

Nos beijamos até não conseguirmos descobrir onde começa um e termina o outro. Nossas mãos exploram o corpo de cada um, me sinto vivo e quente de uma forma que eu não ficava há muito tempo.

Elis coloca as mãos dentro da minha camiseta, eu gemo na sua boca e aperto a sua cintura para mais perto de mim. Se pudéssemos ir para o seu quarto agora e...

– As crianças... – falo entre um beijo e outro, me lembrando que elas estão a poucos metros de nós, e todos os colchões da casa estão na sala espalhados.

– Elas estão dormindo profundamente. – O ataque dela chega ao cóis das minhas calças e eu me afasto.

– Precisamos parar. – Meu corpo diz que não, mas meu cérebro comanda agora.

Vejo a Elis, mais descabelada ainda e a sua boca vermelha dos beijos que trocamos.

– Desculpa – falo puxando uma cadeira e me sentando. – Eu estou morrendo por dentro por ter que fazer isso, mas não quero que seja desse jeito. De preferência quero que seja com tempo, em uma cama e sem perigo nenhum de interrupções.

– Mais uma vez tu se supera, AC. Se fosse qualquer um, seria aqui na cozinha mesmo. – Ela ri exageradamente e tenta arrumar a bagunça dos seus cabelos.

– Não seria muito higiênico e confortável. – Ela senta na minha frente.

– Seria uma experiência interessante para o futuro. – Olho para a Elis com a menção dessa última palavra.

Um futuro com ela. É tudo o que eu mais quero.

– Eu tenho algumas perguntas. – Elis volta a falar. – Sobre o que aconteceu contigo naquela época.

– Pode perguntar.

Vejo ela se arrumar na cadeira e fazer uma cara estranha para mim antes de começar a falar.

– O pai da Olívia ele...

– Ele não vai mais incomodar ela. Eu já dei um jeito nisso.

Tenho um cliente no banco que é juiz e quando contei o caso da Olívia, ele me aconselhou a pedir uma ordem de afastamento para a segurança dela, e falar que se ele descumprisse, iria parar na cadeia. Convenci a Olívia a fazer um desses e estamos esperando a aprovação para ser expedida.

– Se precisar de ajuda para bater ou algo do tipo, eu tenho uma pá lá na fazenda e um campo bem grande para esconder o corpo.

Ela me fala isso tão séria que eu começo a rir imaginando a situação, em que a Elis é cúmplice de um assassinato.

– Vou manter isso em mente.

– O teu plano de saúde que ela é dependente?

– Existe uma cláusula no contrato do plano, onde em caso de divórcio tem descontos para a

parte dependente. – Elis acena a cabeça entendendo a situação e faz mais uma pergunta.

– E os teus pais?

Ela toca em um assunto extremamente difícil para mim. Tomo uma respiração profunda e tento colocar os meus sentimentos em relação a eles em frases.

– É complicado, Elis. Nunca tivemos uma relação de pais e filho normal. A história que eu sei, porque escutei quando era pequeno, era que eles nunca queriam ter filhos e eu vim de um acidente que não conseguiram reverter. Então fui deixado meio que de escanteio, por assim dizer. Eu tinha a mãe da Olívia, que era como se fosse a minha própria mãe, e ela que muitas vezes brigou com os meus pais para eles cuidarem mais de mim. Não andar sujo e com os cabelos compridos e coisas do tipo. Ela que me levava aos médicos quando eu precisava muito, que me cobrava notas boas na escola e coisas do tipo, porque os meus pais não faziam essas coisas. Nossa casa era uma imundice só, talvez seja por isso que eu tenho um complexo por arrumação e limpeza hoje em dia. – Dou os ombros.

– Quando foi a última vez que tu falou com eles?

– Um ano, ou mais. Realmente não lembro.

Elis levanta da cadeira e para na minha frente, sentando no meu colo. Me abraça e beija a minha cabeça.

Passo as minhas mãos sobre a cintura da Elis e me perco no seu abraço.

Falar dos meus pais nunca é fácil para mim. Nenhum filho gosta de se lembrar que é rejeitado ao ponto dos pais nem ligarem para saber se está vivo, precisando desesperadamente de ajuda ou não. Quando a Olívia se acidentou eu me senti perdido no mundo, completamente. E com a responsabilidade de cuidar dela e sem poder pedir ajuda a ninguém, nem que seja para ficar ao seu lado por uma hora para eu ir para casa tomar um banho decente.

Um dos meus maiores medos de ser pai era esse. De ter “puxado” esse traço deles. E a cada dia que acordo pela manhã, o meu primeiro pensamento é no meu filho e de como eu sou abençoado por amar ele tão intensamente.

Elis começa a fazer carinhos nos meus cabelos, eu me deixo ser levado pelo momento e aceito o afeto de bom grado. Era tudo o que eu precisava nesse momento.

– Tu não é igual a eles, AC. – Ela fala depois de um tempo como se adivinhasse os meus pensamentos. – Eu sei que o Antônio é tudo para ti também, assim como é para mim, e que tu te importa com ele. – Ele pega o meu rosto e faz eu a encarar. – Ouviu, tu não é igual a eles. E se ficar, eu te dou umas porradas, porque o Antônio te ama.

– E eu amo ele desde que eu o vi com a cara enfiada no prato e todo sujo de feijão, massa e abóbora. – Elis sorri e me dá diversos selinhos.

Ela volta a me abraçar e eu descanso a minha cabeça no seu peito. Escuto as batidas do seu coração e me sinto em paz comigo mesmo.

Durante muito tempo, eu vivi com um pesar sobre mim. Primeiramente com o que aconteceu com a Olívia, depois descobrindo que era pai e por último sobre esses sentimentos em

relação à Elis. Em anos eu não sabia o que era sentir a felicidade tomando conta do meu peito.

Por ter tantos problemas e preocupações na minha vida, a minha felicidade foi ficando para escanteio, a ponto de não ter espaço nenhum no meio disso tudo. No entanto, eu achava que era feliz apenas por ter a Olívia a salvo ao meu lado, e saber que eu consegui isso sozinho. Agora vejo que isso não era felicidade e sim o meu dever como um quase irmão para ela, dar proteção e segurança para a sua vida.

Agora percebo que estávamos infelizes juntos. Aquela casa era carregada de passado e culpa que nem sabíamos que carregávamos. No momento em que sai de casa com apenas as minhas roupas e outros itens básicos, foi como se eu pudesse respirar novamente sem fazer tanto esforço. Tudo estava em paz e tranquilo.

A primeira noite que dormi no pequeno apartamento que eu estou agora, assim que coloquei a cabeça no travesseiro eu adormeci. Sem sonhos sobre o passado ou então preocupações sobre o amanhã. Acordei antes do despertador tocar com uma disposição que nunca tinha tido na minha vida. Era como se eu fosse outra pessoa completamente. Quando contei isso ao Luiz no jogo de squash daquela noite, ele me disse que isso era o peso das minhas costas que eu estava tirando.

O estresse e as preocupações mudam as pessoas. As deixam com uma dor constante. Eu estava por esse caminho escuro e cada vez me afundando mais, e consequentemente, podendo levar a Olívia para o mesmo caminho.

Estava na hora de começar a caminhar em direção à luz. E nesse momento a minha luz estava sentada no meu colo me abraçando e fazendo com que eu me sentisse querido por alguém por ser quem eu era, e não porque precisavam de mim.

– Quero sair contigo, Elis. – Falo esfregando o meu rosto, com um pouco de barba no pescoço da Elis, a fazendo se arrepiar.

– Tipo um encontro? – Ela ri.

– Sim.

– Meio tarde para isso, não? – Ela me solta e sorri para mim com uma sobrancelha arqueada.

– Antes tarde do que nunca. – Revido e completo. – Quero começar do zero agora. Um encontro só com nós dois. Sem as crianças no meio para nos atrapalhar ou desviar do foco, ou seja, nós.

– Gostei da ideia, algum lugar em mente?

Puxo na memória algum lugar que chame a atenção da Elis e quando um perfeito me vem à cabeça, sorrio maliciosamente para ela.

– Tem uma convenção de food-truck aqui perto semana que vem. – Falo e espero a reação da Elis.

– Aquelas que vem diversas carrocinhas de comida boa?

Seus olhos se iluminam com a minha confirmação com um aceno de cabeça. E ela volta a

me abraçar e a me beijar em todos os lugares que ela consegue.

– Sim! Vamos! Sábado que vem eu estou de folga dos eventos e não estou escalada para dormir com as crianças! Vamos comer até não conseguirmos voltar para casa!

– Marcado então. Vamos sair em um encontro.

– Vai ser o encontro mais épico de todos!

Volto a me aconchegar perto da Elis enquanto ela me abraça com toda a sua força. Com ela em cima de mim, sentada, começamos a conversar sobre mais algumas coisas daquela época. Uma das primeiras perguntas foi se eu tinha conseguido sanar todas as dívidas daquela época. E quando eu respondi que não devia nenhum centavo ao hospital ou referente àquela ocasião, senti a Elis me apertando mais ainda.

– Isso não deve ter sido fácil. – Ela sussurra.

– Nenhum pouco. – Completo. – Mas se precisasse faria tudo novamente por ela, por ti ou pelo Antônio.

Elis me solta do abraço e me puxa para um beijo intenso e ao mesmo tempo tão terno que fez o meu coração se aquecer repentinamente de sentimentos bons.

– Dorme comigo. – Ela fala com a testa encostada na minha.

– Elis eu...

– Não seu bobo. De dormir mesmo. Lá na sala no chão com as crianças.

Analiso as possibilidades. Está tarde e eu cansado pela semana agitada que tive. Meu pequeno apartamento ainda é uns bons vinte minutos daqui e fora que o cheiro de água sanitária, que eu passei em todo ele, ainda está forte. E também há a possibilidade de acordar com a Elis ao meu lado ainda. Sério que eu ainda estou pensando em possibilidades?

– Preciso ir no carro e pegar a minha mochila.

– Que mochila? – Elis faz uma cara estranha e eu a beijo até desmanchar ela.

– Tenho uma mochila com roupas reservas e escova de dentes, por causa da academia.

– Homem precavido vale por dois. – Elis sai do meu colo deixando um espaço vazio dentro de mim. Eu me levanto e pisco para ela.

– Sempre. – E saio para buscar a minha mochila no carro.

Quando retorno, vou ao banheiro para colocar um calção de squash e uma camiseta larga e escovar os dentes. Me olho no espelho e vejo um AC diferente que me encarava todos os dias nos últimos dois anos. Eu gosto do meu reflexo e chego até a sorrir para mim mesmo.

Volto para a sala onde as crianças dormem e escuto um ronco baixo, procuro a origem e vejo que é o JB, que chega a se engasgar enquanto dorme com as patas para cima. O Gato me encara como quem dissesse que se ele não parasse de roncar, amanhã a casa estaria mais silenciosa. E eu vou para o meu canto do amontoado de colchões que fizemos aqui na sala.

Quando fecho os meus olhos para dormir sinto alguém se aproximando e se enfiando entre

mim e o Antônio que está ao meu lado.

– Chega mais para a ponta para eu entrar aqui. – Elis fala me empurrando e eu caio do colchão no chão.

– Acho que não vai dar. – Digo me apoiando nos cotovelos e tentando enxergar alguma coisa na penumbra.

– Dá sim. A gente se espreme e cabe todo mundo.

Vejo a Elis levantar novamente e começar lá da ponta a puxa o Yago para dar mais espaço para todos nós 5 no chão. A delicadeza dela é notável, tanto que eu levanto e faço a mesma coisa com a Sarah para não ter perigo dela ter o ombro deslocado pela Elis.

– O Yago ferra no sono. Pode cair a casa em cima dele que ele não acorda. – Elis fala baixinho enquanto eu, delicadamente coloco a Sarah mais para o lado.

– Percebi. Fiquei com medo de tu querer fazer a mesma coisa com a Sarah e desconjuntar a guria.

Elis solta uma risada que faz a Fofinha, a próxima vítima do empurra-empurra choramingar e com cuidado ela a ajeita. Antônio é o próximo que coloco ao lado da amiga, e ele nem sente a mudança.

– Agora sim, vamos dormir. – Elis desaba na cama e eu me junto a ela.

No escuro e com o ronco do JB de melodia ao fundo, passo a minha mão pela cintura da Elis e a puxo para ficar colada em mim. Adormeço de conchinha com ela e com um sorriso nos lábios que eu não consigo interromper.

Capítulo 33

Por AC

– Podemos estrear um filme – Luiz fala e eu já reviro os olhos para o nada sabendo que só pode ser alguma besteira que ele vai falar. – Três solteiros e um bebê. – Não disse? Até a Olívia ri da besteira.

– Corrigindo. – Ela fala entre um riso e outro. – Dois solteiros, um bebê e outro enrolado.

– Pronto! Estou bem arranjado com vocês dois. Será que não podem mudar o foco ou me ajudarem com a louça aqui?

– Não! – Os dois me respondem em uníssono e eu retorno ao meu trabalho de lavar a louça da janta que fizemos hoje.

Estamos na casa da Olívia. Confesso que acho estranho falar essa frase, “casa da Olívia”, até porque, há poucos dias eu morava aqui também. E mesmo assim, é como se a casa fosse completamente diferente. Consigo notar algumas diferenças na arrumação e uma ou duas coisas em outros lugares. Ela trocou as cortinas, almofadas, toalha da mesa, espalhou algumas fotos e quadros dela pelas paredes. A casa ficou mais alegre e colorida.

Termino de lavar a louça, deixo os dois rindo de alguma besteira que o Luiz falou e vou para a sala observar o Antônio que está comigo essa noite. Chego no sofá e vejo ele brincando com alguma coisa que ele trouxe na sua mochila de brinquedos de casa e a TV ligada na Dora Maldita. No momento que ele percebe a minha presença, abre um sorriso infantil e eu sinto o meu coração dar um salto no meu peito.

Como a Elis me disse sábado passado: eu não sou igual aos meus pais. Amo o meu filho acima de tudo nessa vida. Se depender de mim, serei o melhor pai que eu conseguir ser para ele. Eu sabia, no fundo, que não tenho nada a ver com os meus genitores, só de pensar em fazer o Antônio passar o que vivi, em termos de abandono e “desleixo”, já fico perturbado, quem dirá cometer uma atrocidade dessas com o meu filho. Tenho essa plena consciência, mas escutar isso da Elis, é um incentivo e tanto.

– Hey, carinha. – Sento ao seu lado e beijo os seus cabelos loiros, que estão duros pelo iogurte que ele comeu sozinho, depois da janta, e deve ter passado um pouco nos cabelos.

Antônio senta no meu colo, deita a cabeça no meu peito e volta a sua atenção à TV. Luiz e Olívia chegam à sala, se sentam na nossa volta e começam a falar.

– Já contou para ele que não tem TV à cabo no teu cativeiro de sequestro?

– Para de chamar a minha casa de cativeiro! – Alerto o meu amigo.

– Verdade, nem os sequestradores teriam coragem de levar as vítimas para lá.

– Quer maldade Luiz! – Olívia atira uma das novas almofadas coloridas nele. – O apê do Cae é simples, mas charmoso.

– Ainda mais para as baratas e ratos. – Dessa vez quem atira uma almofada nele sou eu,

fazendo o Antônio rir vendo tudo isso.

– Para a tua informação, não que eu precise te dar uma, eu passei uma mão de água sanitária nas paredes, peguei um jogo de copo, talheres e panelas novos. Roupas de cama, travesseiros e toalhas também. Então dá um tempo Luiz.

Meu amigo ainda ri mais um pouco da minha cara e depois chega mais perto de mim e rouba o Antônio do meu colo, que vai de bom grado e sinto o Luiz passar a mão pelo meu ombro em uma espécie de abraço em quem está sentado ao seu lado.

– Brincadeiras à parte – ele volta a falar – estou orgulhoso de ti AC – vejo ele fitar a Olívia e concluir. – Aliás de vocês dois. O que vocês conseguiram é notável e merece ser reconhecido. Voltar a terem uma vida normal e separados é um grande passo, que poucos conseguem.

A voz dele se perde, e eu sinto que o Luiz fala por ele próprio também. Se a nossa situação era complicada, a dele pode ser considerada um pouco pior, e dependendo do ponto de vista.

Olho para a Olívia e me sinto um ganhador de loteria, tendo ela viva hoje, pois se eu estivesse no lugar do Luiz, não saberia como sobreviver. E toda a minha vida seria diferente. Eu não teria o Antônio e nem a Elis nela, e muito menos o Luiz presente como meu amigo. A vida não é justa, mas às vezes, em compensação, ela nos presenteia com algumas bênçãos que não compreendemos no momento em que elas surgem. E hoje eu as entendo, elas são recompensa por tudo que já passamos.

– Mas com o tempo, – Olívia fala com um sorriso confiante esperançoso – todos nós conseguimos ter esse passo.

Luiz olha para a Olívia e sorri com um leve aceno de cabeça. Antônio, que estava atento a TV levanta do colo do meu amigo e olha para ele seriamente, como se estivesse entendendo tudo o que falamos.

– Com certeza, não é Perereco ACzinho? – Meu filho dá um sorriso junto com uma risada gostosa e abraça o Luiz.

– Mudando de assunto. – Olívia limpa a garganta e olha para mim maliciosamente. – Amanhã é o grande dia.

Sorrio para o nada sabendo que mais cedo ou mais tarde isso iria cair na boca dos dois. E se antes eu já estava encrocado, imagina agora com esse assunto em pauta. E como eu já os conheço, e sei que não vão me deixar em paz até eu contar tudo, já escancaro de uma vez por todas.

– Vou sair com a Elis. – Dou os ombros.

– Vai tirar o atraso, isso sim! – Até a Olívia e o Antônio riem desse comentário do Luiz.

– E o prêmio de pessoa mais discreta e sutil do mundo vai para...

– O que? Falei alguma mentira? Ou vai dizer que isso não passou pelos teus pensamentos?

Claro que passou, diversas vezes aliás. Repetidamente na minha cabeça desde que ficamos mais “íntimos”, por assim dizer. Mas devido ao nosso início com os dois pés esquerdos, não quero forçar a barra para depois romper por definitivo. Meus sentimentos pela Elis às vezes me

assustam e quero curtir eles ao máximo e torço para que não seja apenas uma fagulha que se incendeie somente por sexo.

– Hesitou. – Luiz fala sério e olha para a Olívia. – Nem entra naquele apartamento dele Olívia, capaz de te encostar ou sentar em algum lugar e sair grávida de lá.

– Ai que nojo, Luiz! Eca!

– Cala a boca, Luiz. Tu não tem mais o que falar? – Olho para ele que ri.

– Realmente não. Mas vamos e venhamos meu caro amigo, tu lá naquele cafofo de sequestro, sem TV à cabo e com os pensamentos na Elis. Vai fazer o que com essa situação?

– Acho que vou lá vomitar o meu jantar. – Olívia se levanta rindo e sai da sala e o Luiz começa a rir da minha cara a ponto de chorar. Eu mereço...

Algun tempo depois pego o Antônio no colo, me despeço da Olívia e do Luiz para virmos para casa. Tenho que dar um banho no Antônio antes que a formigas achem o caminho dos seus cabelos. Acho que ele enfiou a mão no pote de iogurte e depois coçou a cabeça, porque tem uma boa parte do doce aqui na sua nuca.

Coloco ele na sua cadeirinha, o afivelo e espero que ele não durma até chegarmos em casa, por que se ele acordar depois vai ser uma briga e manha que ele vai fazer se acordar.

– Antônio – Chamo ele pelo retrovisor e ligo o som, seus olhos já estão quase se fechando. – Canta aqui com o pai...

E para a minha sorte vem uma música da Xuxa que eu deveria escutar na idade do meu filho. Canto com ele que chega a estar quase pescando de tão cansado, mas luto bravamente até conseguir parar o carro no estacionamento em frente do apartamento.

Pego ele no colo e com uma forcinha, a sua mala que a Elis fez, com a metade do quarto dele aqui dentro. Subo até o segundo andar e entramos no apartamento.

– É pequeno, mas é o que tenho por agora. Não é tão ruim como o tio Luiz disse. – Falo para o meu filho que olha para tudo atentamente. – Antes de tudo, um banho para nós dois. Até eu estou me sentindo melecado só por te segurar no colo, quem dirá tu.

O chuveiro do apartamento é novo então o banho foi tranquilo e com o Antônio muito entretido com a cortina que era de bolas coloridas. Seco os cabelos dele com a toalha até ficarem com um penteado arrepiado, faço a mesma coisa com os meus e mostro para o Antônio no espelho e ele começa a rir até ficar com soluço. Tiro uma foto nossa com os cabelos assim, mando para a Elis e deixo ela de plano de fundo do meu celular.

Deitamos na cama, um pouco maior que uma de solteiro e eu abraço o Antônio que está olhando um desenho infantil que eu achei no Youtube para ele, espero o sono vencer para tirar o celular dele e durmo agarrado no meu filho numa cama pequena e um apartamento menor ainda. Mas o que mais importa é que estou com ele comigo e amanhã será um dia e tanto.

.

No início da tarde, trouxe o Antônio para o hostel que as crianças do orfanato estão hospedadas. Vim para brincar um pouco com os meninos no campo de futebol que tem aqui

perto e para ver a Sarah. Encontramos a Olívia por lá também e ela já estava toda pintada com tintas que trouxe do seu trabalho com algumas crianças. O Antônio nem precisei perguntar com qual de nós iria querer ficar, viu a Sarah e as tintas e foi correndo para elas e nem ligou se eu ia ficar por ali.

– Oi, Tio AC! – Sarah vem correndo na minha direção e pula no meu colo, eu a intercepto no ar e a abraço fortemente. – Pensei que não ia vir me ver mais!

– Oi minha linda. – Solto ela no chão e beijo a sua testa. – Eu disse que viria, não é?

O sorriso dela aumenta umas dez vezes e eu me perco nele. Se quando o Antônio faz isso, eu já me perco, com a Sarah não poderia ser diferente. Fico com ela mais um pouco e os meninos me arrastam para a quadra de futebol para jogar com eles. Dou um cansaço neles e eles em mim. Entrego todos suados e alegres e recebo um Antônio, que eu acredito que deve estar embaixo de toda essa tinta no seu rosto e roupas. Dou mais um beijo na Sarah, prometendo novamente, que em breve irei a visitar, volto para casa começando a ficar ansioso pelo o que a noite me espera.

.

Bato na porta e a Fofinha atende toda maquiada e rebocada de um jeito assustador. Até o Antônio se assusta quando vê a amiga naquele estado.

– Peleleco! Saudade. – E o susto do meu filho passa instantaneamente com ele quase se atirando no chão do meu colo.

Largo ele no chão e entro no apartamento da Elis cuidadosamente. As crianças vão direto para o sofá e eu me sento ao lado delas.

– E a tia Elis, Fofinha? Onde ela está?

– Ana Bella. – Antônio fala sério para mim como se estivesse me corrigindo.

– Ok, desculpa. Ana Bella, onde está a tia Elis?

– Se “maquilando”! – Ela sorri para mim e eu percebo os seus dentinhos sujos de batom vermelho que além de passar na sua boca, se espalhou pela região. Uma sombra azul e outra laranja completam o visual com um rímel nas sobrancelhas e não no local que deveria ser aplicado.

Se eu já levei um bom tempo para conseguir tirar a tinta do Antônio, tenho até pena da Su para tentar limpar a Fofinha. Fico observando ela falando com o Antônio e ele a observando atentamente e espero a Elis para sairmos.

Por Elis

– Para de fazer escândalo e te arruma de uma vez! – Su fala delicadamente para mim que estou surtando com diversas roupas espalhadas em cima da minha cama, fora as maquiagens, que a Fofinha faz questão de passar nela também enquanto eu tenho o meu momento de crise.

– Não consigo me decidir! – Sento na cama só de calcinha e sutiã, cruzando os braços emburrada.

Eu estou nervosa. Admito! Parece que estou me preparando para o meu primeiro encontro,

aos meus quatorze anos com um menino, que eu nem lembro nome, só que ele ria e parecia um porquinho guinchando. Su para na minha frente e me olha com uma cara de poucos amigos. E eu pressinto o esporro dela.

– Vocês vão à uma praça a menos de dois quarteirões daqui. E aposto que na primeira barraca que tu parar para comer, vai te sujar toda. Então deixa de ser besta e enfia uma roupa simples, o AC não vai ligar se tu está vestida para um evento de gala ou uma saída rápida na praça.

Ela me atira um jeans e uma blusa e continua a olhar para mim com uma cara de brava. E isso me convenceu. Coloco a roupa emburrada e quando passo para escolher os sapatos começo de drama de novo. Abro a boca para falar que não tenho nenhum sapato decente e ela me cala.

– Eu juro que se tu falar que não tem sapato nenhum, eu faço tu comer todos esses que estão aqui. – Me calo e pego um de salto médio e coloco.

– Satisfeita? – Minha amiga sorri para mim.

– Agora só falta os cabelos e a maquiagem. – Ameaço em fazer uma cara de drama e a Su atira uma toalha molhada na minha cara.

Quando eu ameaço em revidar para ela parar de rir, ouço as batidas na porta.

– Deve ser o AC e o Antônio. Acho bom tu começar a te arrumar rápido. – Ela fala, e com a menção do nome do Peleleco a Fofinha se agita toda.

– “Abi” “pota” Peleleco. – E ela, com o rosto todo rebocado de maquiagem sai correndo em direção à sala.

Me levanto e quase caio tropeçando em uma pilha de roupa que atirei no chão enquanto tive o meu acesso de vaca ansiosa. Su olha para mim com uma cara de vaca emburrada e começa a juntar a minha bagunça enquanto eu vou para o banheiro e começo a secar o meu cabelo.

Quando o AC me convidou para sair, achei estranho e ao mesmo tempo fofo. Nossa relação totalmente fora da normalidade e esse pedido tão simples me fez perceber isso. Geralmente as pessoas saem, namoram por um bom tempo antes de pensarem em ter filhos juntos e coisas do tipo. Nós estamos fazendo tudo às avessas, pois um filho nós já temos, e agora que vamos ter o nosso encontro.

Passei a semana toda ansiando pelo dia de hoje. Segunda foi o meu pior dia, já que eu tive que “entregar” a Sarah para o orfanato novamente. Fiquei arrasada quando vi ela descendo do meu carro com a sua malinha em direção ao hostel. Claro que ela estava sorrindo e alegre e eu tentei transparecer as mesmas emoções quando ela olhou para mim. Mas sei que falhei miseravelmente nesse papel.

O ápice mesmo foi quando eu cheguei em casa e o Antônio ficou olhando para trás de mim procurando ela. Meu Perereco risonho fez um beicinho para mim e uma manha a procura da Sarah e, como se entendesse quando eu disse que ela tinha ido para o orfanato de novo, deu uma choradinha de tristeza. Isso transformou o meu coração em pó, de tão quebrado que ele ficou. E depois disso, a semana foi cortada com o frio na barriga de encontrar o AC hoje e os momentos em que eu estava à caça dos papéis para levar ao advogado na segunda para dar início ao

processo de adoção da Sarah.

Termino de me arrumar e quando volto para o meu quarto, vejo ele arrumado e sem as pilhas de roupas espalhadas, ou as minhas maquiagens atiradas pela minha cama.

– Nem inventa de abrir a porta do teu guarda-roupa. – Su fala. – Só atirei lá dentro para ter o terreno limpo, para caso vocês dois precisem de uma cama essa noite.

– Que vaca! – Rio dela.

– De nada. – Minha amiga debocha de mim e abre a porta do quarto, mas antes de sair me dá um último aviso. – Só usem camisinha dessa vez, certo? Acho que um Perereco dois, ou uma Perereca muito cedo para o relacionamento de vocês agora.

Ela fecha a porta me deixando sozinha com essas palavras. Dou uma checada no meu visual mais uma vez e a Elis que me encara no espelho está com um sorriso no rosto e um brilho nos olhos que fazia tempo que eu não via. Mando um “arrasa gata” para mim mesma e saio para sala.

Encontro o AC juntando um brinquedo do Antônio e colocando em cima do baú que tenho na sala com os outros. Quando ele se vira para mim, eu perco a ação e me sinto em outro mundo.

Seus olhos, os mesmos que me hipnotizaram, um de cada cor, fitam os meus com uma reverência, que eu nem sei se sou digna dela, mas pretendo me esforçar para ser. Ele se aproxima de mim caminhando lentamente e sorrindo com a cabeça levemente inclinada. Pega as minhas mãos e as beija delicadamente.

– Tu está linda, Elis. – Meu coração derrete um pouco com essa declaração simples e eu não penso duas vezes antes de me atirar nos braços dele para um beijo.

Como eu sempre digo, comigo é oito ou oitenta. E ultimamente eu só quero o máximo com ele.

Ele me beija com a mesma intensidade que eu, e por alguns instantes, eu esqueço que há um bando de food-truck nos esperando e já quero passar direto para sobremesa.

Com muita dificuldade, principalmente de respiração e os batimentos cardíacos acelerados, saímos do apartamento. AC segura a minha mão com uma delicadeza, e ao mesmo tempo possessividade, que eu me sinto a mulher mais importante do mundo. E confesso que essa sensação me agradou muito.

– Te importa de irmos de à pé? Pelo que vi, os estacionamentos já estão lotados e quase chegando aqui. A noite está bonita para um passeio assim. Isso se não for te machucar. – Ele olha para os meus saltos.

– Sem problemas. Esses saltos não me incomodam. – AC sorri para mim e saímos caminhando de mãos dadas em direção à praça.

Ao chegarmos eu quase tive um treco vendo tanta variedade de comida em um lugar só. Só não fiz isso por que as filas me brocharam um pouco. A variedade de comida e acompanhamentos me deixaram salivando como o JB fica nos dias que fazemos churrasco à beira da piscina. Optamos por um hambúrguer gigante que dividimos, conseguimos uma mesa

mais afastada e conversamos sobre tudo e todos.

A conversa com o AC sempre foi fácil. E a cada dia eu me perdia mais no seu senso de humor e a atenção a cada coisa que eu faço ou digo. Isso é raro, ou pelo menos para mim sempre foi. Meus namorados nunca foram um poço de elegância e encanto como o AC, fora que nenhum deles me faz sentir tão especial e única como ele faz.

Comemos o nosso hambúrguer astronômico e uma mulher passa e cumprimenta o AC e dá um sorriso malicioso para mim. AC nota a expressão da mulher e quando ela se afasta ele começa a rir.

– Segunda feira serei promovido na agência de certinho para o pegador.

– Como assim? – Ele aponta para a mulher e começa a falar.

– Aquela ali, é uma das funcionárias do banco. Fofoca é com ela mesma. Aposto que ela deve estar tendo um orgasmo de felicidade em ver essa cena. Na festa do natal do ano passado era só eu e a Olívia, aí depois eu apareço com o Antônio, há uns quinze dias sem aliança, e agora ela me vê contigo. Sinto muito Elis, mas tu acabou de corromper um homem casado. – Ele ri para mim e eu entro na brincadeira.

– Eu? Sou uma vítima de tudo isso! Difamada por andar ao teu lado! Isso é deplorável!

Começo a rir daquele jeito escandaloso que tenho e o AC entra na brincadeira. Levantamos novamente para olhar os outros foods-truck que estavam aqui na convenção.

– Entre trabalhar como carteiro ou no banco, qual o melhor?

– Financeiramente ou por ambiente de trabalho?

– Ambos. – AC pensa um pouco enquanto caminhamos de mãos dadas, como um simples casal de namorados.

– Financeiramente o banco, sem dúvida. Mas pelo ambiente de trabalho, os correios eram melhor. Pegava a mochila de cartas e pacotes e fazia o meu trabalho sozinho. Não tinha colegas na volta, e às vezes, – ele olha para mim – encontrava algumas destinatárias malucas que me recebiam quase sem roupa.

– Que falta de moralidade, AC! Onde já se viu receber os carteiros desse jeito! – Tento fazer uma cara de repulsa com o que ele fala, mas não consigo e desato a rir. Tanto que algumas pessoas chegam a olhar para mim para ver se eu estava engasgada ou tendo um ataque epilético.

– Os correios me trouxeram duas coisas Elis, o plano de saúde para cuidar da Olívia depois – ele para de caminhar e olha para mim intensamente – e antes, tu.

Sorrio para o AC e o abraço. Deixo-me ser embalada nos braços dele e beijo seu pescoço de leve. Ele sobe as mãos da minha cintura até o meu pescoço e me puxa para um beijo.

Terminamos com um sorriso de ambos e voltamos a caminhar de mãos dadas pela praça. Até que eu vi um food-truck especializado em chocolate, aí eu não resisti e arrastei o AC para lá. E não consegui sair enquanto não comprei alguns e comi outros.

– Prova esse aqui. – Tiro da embalagem e enfio na boca do AC que nem tem tempo de

esquivar para ver o que é. – Derrete na boca. – E quando falo isso, o puxo para um beijo e ver se derrete mesmo.

Ataco o AC sem dó nem piedade no meio da barraca de chocolate. E foi uma coisa muito saborosa, em ambos os sentidos da palavra. Quando nos soltamos, vejo os seus olhos passarem de amorosos e calmos para uma coisa mais urgente. E certas partes do meu corpo se atçam todos com isso.

Sai da barraca de chocolate por persuasão do AC em querer ver a banda que estava tocando umas músicas. Claro que eu estava com as mãos cheias de sacolas de tudo que eu comprei, inclusive alguns daqueles chocolates que eu enfiei na boca dele, eles podem ser úteis mais tarde.

Paramos perto da banda e começamos a olhar a apresentação deles. Eles eram bons e os rock's nacionais eram todos conhecidos. AC me abraça por trás e eu passo as minhas mãos sobre as dele, ficamos no nosso mundinho particular escutando as músicas românticas e nos embalando ao som delas.

Tudo está sendo perfeito. Nunca tive um encontro tão simples e ao mesmo tempo divertido e relaxante. Às vezes o mínimo é o que precisamos. Quantas vezes já fui levada à lugares ótimos mas a companhia péssima? Ou então a companhia boa e o lugar péssimo? E hoje a cia e o lugar estão perfeitos. E eu não poderia estar mais completa.

A música muda e uma do Lulu Santos começa a ser tocada e eu escuto o AC cantando baixinho encostado em mim e ela não poderia combinar mais com tudo do que esse refrão.

Nós somos feitos um pro outro

Pode crer

Por isso é que eu estou aqui

E não há lógica que faça desandar

O que o acaso decidir

– Elis – sua voz baixa me faz ter arrepios pelo meu corpo inteiro. Eu estava completamente seduzida pelo meu ex-carteito e pai do meu filho. – Eu disse que queria ir com calma contigo, e sei que hoje é o nosso primeiro encontro. – Rio baixinho. – Mas seria muita pretensão minha querer te levar para a casa agora?

– Depende, quais são as tuas intenções, Arthur Caetano? – Ele aperta mais as mãos na minha cintura colando os nossos corpos e eu me aperto internamente. Isso é uma tortura das boas.

– As piores possíveis. – Ele beija o meu pescoço e mordisca de leve quase me fazendo gemer de antecipação do que nos espera.

– Vamos de uma vez, que eu não quase matei a minha depiladora ontem por nada.

Puxo o AC por uma mão e quase começamos a correr em direção ao meu prédio. Estamos

em uma missão, e não tinha nada no mundo que fosse interromper ela.

.

AC me deita na cama com uma delicadeza que eu chego a ficar encantada com isso. Se ele não tivesse tomando a frente da situação, não teríamos passado do elevador sem um final feliz. Porém confesso que essa paciência, sedução e preliminares estão saindo melhor que a encomenda.

Ele me beija e se coloca em cima de mim. Minhas mãos puxam a camisa dele e só quebramos o beijo para tirar ela. AC aproveita a brecha e faz a mesma coisa com a minha, me deixando só de sutiã na parte de cima. E vejo ele encarar os meus peitos, ou melhor, a falta deles no meu corpo. Se antes eu já não tinha, depois que o Antônio fez a festa neles, a coisa ficou mais crítica.

– Lembra da primeira frase que tu me disse quando nos conhecemos? – AC pergunta e beija o meu pescoço em direção a eles.

– Não. – Gemo e exploro suas costas em direção ao cócs das suas calças.

– Que se eu quisesse ver peitos, que voltasse daqui uns cinco anos para quando tu tivesse coragem de colocar silicone. – Sinto as mãos dele indo para as minhas costas e abrindo o fecho do meu sutiã.

É hoje que a vaca aqui morre de tanto prazer.

– Só que eu não respondi, Elis. – ele continua a me torturar com as mãos no meu corpo e a boca beijando cada parte que ele encontra, antes de chegar aos “finalmentes”. – Que eu prefiro os teus pequenos, do que grandes e falsos.

AC retira o meu sutiã por completo e eu arranho as suas costas quando uma onda de prazer me atravessa quase me fazendo ter uma convulsão de tantos estímulos que estou recebendo.

Capítulo 34

Desde que eu me mudei para esse apartamento, descobri que o meu quarto fica em uma posição estratégica em relação ao Sol. Pela manhã, perto das nove horas o ele bate direto e dá bem em cima da minha cara. Eu coloquei uma cortina para aliviar a claridade que entra, mas nem sempre eu me lembro de fechar ela antes de dormir.

E hoje é um dos dias que eu acordo com o sol batendo direto no meu rosto, sem dó nem piedade. Me viro na cama e bato em alguma coisa dura e quente ao meu lado.

– Agora eu sei da onde o Antônio puxou essa mania de se mexer na cama a noite toda. – Ouço a coisa dura e quente que eu bati falar e gemo enquanto ela me abraça.

Meu corpo dói em lugares estratégicos e eu não consigo evitar o sorriso no meu rosto enterrado no peito do AC.

– Bom dia, Elis. – Ele distribui beijos pelos meus cabelos. – Dormiu bem?

– Maravilhosamente bem. – Murmuro embalada pelos batimentos do seu coração.

A noite foi completa. Nem sei qual a hora que nós conseguimos nos desgrudar, e tenho certeza que só paramos porque chegamos à exaustão completa.

Adormeço novamente nos braços do AC me sentindo a mulher mais sortuda do mundo pela noite de ontem. Comida gordurosa, chocolate, conversa boa e depois uma boa sessão de sexo, que convenhamos, eu estava precisando há tempos. E por último dormir agarradinha no AC. Fui completamente seduzida. E quem diria que ele seria fã de dormir de conchinha, uma posição tão íntima para ambos.

Vou passar os dias rindo para o nada e conversando com os pássaros que aparecem na minha janela depois dessa noite.

Acordo novamente com movimentos estranhos em cima da cama. E pelo jeito delicado que eles chegam, sei que pertencem a uma dupla que deve ter acordado agora a pouco.

– Ai Antônio, não caminha em cima de mim. – Falo para o Perereco que passou em cima de mim e foi direto para os braços do pai, enquanto a Fofinha deita em cima de mim.

– Que invasão é essa aqui? – AC abraça o filho e eu sou recompensada com a cena deles juntos.

– O “Ago” mandou a gente “pa” cá. – Fofinha fala tirando os cabelos desgrehados do sono. E o Antônio está com uma mecha dos seus cabelos arpeados.

– E onde está o Yago? – Pergunto tentando arrumar os cabelos dela.

–TV. O papai “tá” no “fanato” e a mamãe saiu.

Sorriso para a minha afilhada tentando contar tudo. Essa era a noite do Noah dormir com as crianças e a Su está no salão vendo os últimos detalhes para o aniversário infantil de hoje à tarde.

– “Mamãe”.

– Oi, meu amor. – Olho para o Antônio que sorri para mim deitado descaradamente em cima do AC, que faz um carinho nos seus cabelos.

– Que sono cara amassada vocês dois estão. – AC fala e a Fofinha se deita em cima de mim, igual ao Antônio no AC. – Aprontaram muito ontem à noite?

E a Fofinha começa a contar o que eles fizeram ontem depois que nós saímos. Da “briga” entre ela e o seu pai, por causa da maquiagem. Ela ficou muito indignada, palavras dela, com a atitude dele. Minha afilhada falou do jeito que eles deram comida para o Gato, de colher, e como o Yago os deixou jogarem vídeo-game, e o Antônio ganhou uma rodada. Claro que ninguém comenta que o controle é o estragado, mas vibramos com a vitória do Perereco, meu prodígio gamer.

Ficamos um bom tempo nessa cena de um domingo preguiçoso na cama. Conversamos, rimos, fizemos cócegas nas crianças, até o Antônio soltar uma bomba de gás e contaminar todo o ambiente que estávamos. E ele ainda riu da nossa cara, com aquela risada tão safada que eu amo.

Ao me levantar da cama, alguns músculos meus, tão esquecidos e utilizados ontem, deram uma fígada que me fizeram gemer num misto de dor e lembranças de como eles foram ficar desse jeito.

– Tudo bem? – AC pergunta se aproximando de mim.

– Dor muscular dos exercícios de ontem. – O vejo arregalar aqueles olhos de cores diferentes e sua expressão mudar.

– Eu te machuquei? Porque tu não me pediu para parar se estava... – ele baixa a voz e completa bem sem jeito. – Intenso demais.

Não resisto e começo a rir. O seu rosto fica com uma cara estranha e eu rio mais ainda. Me aproximo dele e o beijo delicadamente nos lábios.

– Da próxima vez pode me machucar mais que eu não ligo. – E quando eu falo isso, ele me puxa para um beijo e eu quase que o empurro de novo para a cama.

,

– Então... – Su entra no meu quarto atrás de mim e eu começo a me vestir para ir dormir com as crianças.

– O que? – Tento disfarçar, mas não consigo. O sorriso besta de quem foi bem usada ontem à noite é constante.

– Como foi? – Ela senta na minha cama e eu olho para ela e sorrio maliciosamente para a vaca da minha amiga.

– Foi perfeito! O AC é todo fofo. Me senti o centro da sua atenção e de quietinho ele só tem a cara, nem consigo sentar direito hoje.

– Detalhes demais! – Minha amiga faz uma cara de nojo para mim.

Termino de me arrumar e conto todo o nosso passeio na praça, as conversas, risos, beijos e como viemos parar em casa. Eu estava nas nuvens. Se ontem eu estava nervosa como uma

adolescente prestes para ter o seu primeiro encontro, hoje eu estou incorporando a guria que teve o melhor encontro de todos. Pela primeira vez, eu me sentia com a minha idade mental de quinze anos, como a Su sempre me disse que eu tinha.

– A Vaca está apaixonada! – Su fala sorrindo para mim e eu levo um soco no estômago em cheio com essa frase.

– Apaixonada...? – Testo o som e o peso dessa palavra na minha boca. Ela é forte e traz tantos significados, que chego a me sentar na cama ao lado da Su.

– Vamos analisar os fatos. – Su continua a falar e eu me sinto em outro mundo. – O encontro foi perfeito. Vocês se dão bem, o AC não parava de olhar para ti com um ar de apaixonado e como se tu fosse o centro do mundo dele, e quando tu estava dando almoço para o Antônio, só faltava ele babar em vocês. É fofinho esse jeito dele, não posso negar. E agora te vendo aqui sorrindo para o nada, é o que me faz pensa nessa teoria.

– Não é muito rápido? – Questiono a minha amiga e ela sorri mais ainda.

– Mais um ponto. Se fosse a Elis de antes, já estaria pensando no nome de casada e a festa de casamento. Ter essa racionalidade é mais um quesito para a minha teoria estar certa. E outra, vocês já esperaram tempo demais! Quanto tempo mesmo? Uns dois anos?

– Por aí... – Digo e ela continua a falar.

– Então, esse “amor” – Su fala fazendo aspas entre dos dedos – já era desde aquele tempo.

Olho para a minha amiga e não resisto em perguntar.

– Quem é tu e o que fez com a minha amiga vaca? Aquela que nem queria dar uma chance para o Noah? – Ela me empurra e eu caio na cama.

– Quem é tu e o que fez com a vaca da Elis que tomava um porre por semana e ainda eu tinha que lavar os vômitos dela?

Ficamos nos encarando por alguns instantes e começamos a rir. Minha barriga chega a doer de tanto que eu rio e a Su, começa a limpar as lágrimas pelo nosso ataque.

– Acho que mudamos. – Digo entre um acesso de riso e outro. Fito o teto branco do meu quarto e sinto a minha amiga fazer a mesma coisa ao meu lado.

– Tenho certeza que mudamos muito. Mas ainda continuamos a Gata Gostosa e a Vaca Maluca.

– E doidas por chocolate.

– “Quelo” chocolate! – Fofinha aparece na porta com o Antônio e o Gato de arrasto.

– Ninguém falou que temos chocolate filha, só que gostamos de chocolate.

– “Mamãi”. – Antônio me escala na cama e me olha sério.

E com isso, eu tenho que dividir o meu acervo de chocolate com todo mundo, antes que começasse a terceira guerra mundial aqui nesse andar.

Como eu sou a escalada da noite para dormir com as crianças, me despeço do Antônio, apertando e beijando até que ele reclama e faz uma cara de emburrado para mim e saio para o hostel em que as crianças estão hospedadas ainda. Reza a lenda que semana que vem o prefeito irá dar a decisão final sobre a reforma do orfanato. Ainda mais que o Noah foi dar uma pequena visita para ele e mostrou os valores que ele está pagando para a habitação das crianças e avisou de como a mídia iria ficar feliz em saber que a prefeitura não investiu nenhum centavo para ajudá-las ainda. Não que seja uma ameaça, longe disso, apenas um empurrãozinho para ver se as coisas começam a andar, ou então vai ser só mais lenha na fogueira para o churrasco que a mídia está fazendo do prefeito.

Sou recepcionada pelas crianças e distribuo beijos e abraços em todas. Algumas me contam que a Olívia e o Antônio deram aula de pinturas para elas, e eu entendo porque a atrás da orelha do meu filho tinha uma mancha verde. E os meninos, que o AC jogou futebol com eles no campinho da esquina. Sarah fica na minha volta ajudando a dar a janta para todos e colocar os pequenos para dormir. E não pensa duas vezes em se deitar na minha cama quando foi deitar. E eu não reclamei um segundo que fosse de abraçar ela durante a noite toda.

Acordei cedo para ajudar a preparar o café da manhã das crianças e a deixei dormindo mais um pouco. Arrumo toda a mesa para a primeira turma, que estuda pela manhã e depois ajudo na preparação do café dos menores, que só estudam à tarde.

Raquel chega no meio da manhã, um pouco antes de entregar o meu turno para os outros voluntários. Encontrei ela quando tinha me despedido da Sarah e prometido que amanhã passaria aqui para dar uma cheirada nela.

– Raquel! – Chamo ela no meio do corredor. Seu rosto cansado de estar levando o orfanato nas costas é visível. – Consegui juntar todos os documentos para levar ao advogado hoje à tarde.

Ontem, depois que o AC saiu lá de casa, eu terminei de preparar os documentos que o advogado tinha me solicitado para dar entrada na adoção da Sarah. Estou tão animada com isso que a minha vontade era de gritar aos quatro ventos que em uma questão de tempo a Sarah passaria a me chamar de mãe, e não mais de tia.

Sorrio para a Raquel e ao invés de receber um sorriso de volta, ela me faz uma cara estranha e eu congelo no lugar.

– Precisamos conversar, Elis.

Uma das qualidades da Raquel é essa, com ela é tudo direto e sem rodeios. Por isso que é uma administradora perfeita para esse orfanato. Ela é o pulso forte e a liderança que essas crianças precisam. Caminhamos para um lugar mais afastado das crianças, que brincam no pátio, aproveitando o sol. Quando a Raquel se vira para mim, eu percebo que não vou gostar nada dessa história.

– Elis, eu tenho uma notícia boa e ao mesmo tempo triste para ti.

Ai droga, a última vez que eu vi essa cara na Raquel, foi quando ela chamou todos os funcionários e disse que o Yago estava com leucemia. Começo a ficar preocupada com a saúde da Sarah ou de outra criança, mas pelo o que eu sei todas estão bem. E mais uma tragédia para elas, é tudo o que elas não precisam nesse momento.

– Acabei de receber uma ligação do juizado, Elis. – Levanto os olhos para Raquel que continua a falar. – Entraram com um pedido de adoção para a Sarah semana passada.

Me agarro na parede com esse soco no estômago que recebi.

– Como assim? Eu estava arrumando os papéis! A Sarah é minha!

– Elis, calma, eu não posso interferir nisso. Já entraram com o pedido. – Sinto as minhas pernas perderem as forças e me escoro na parede para não cair de bunda no chão com essa notícia.

– Mas... – tento argumentar, para ver se tem alguma coisa que eu possa fazer. – E se eu falar com quem entrou com pedido? Posso fazer a pessoa mudar de ideia e....

– Elis, eu não sei os nomes das pessoas que entram com os pedidos, só sou informada quando eles surgem. – O rosto da Raquel tenta me confortar, mas não adianta em nada.

Sinto vontade de chorar. Já considerava a Sarah como minha filha e estava já planejando a reforma do quarto de hóspedes que tenho para ela. Era uma questão de tempo de ter ela na minha vida para sempre e agora, tudo foi por ralo abaixo.

– Elis, não fica assim. Ela está tendo a chance de ter uma família. Alguém que vá cuidar dela como se fosse filha. Tu não pode ficar triste com isso. Eu sei que vocês duas são afeiçoadas, mas tenta ver por outro lado, aquele que ela vai sair daqui e ser feliz...

Raquel fala mais algumas coisas, mas eu não assimilo nada. Saio do orfanato e vou direto para o meu consultório, atendo os meus pacientes tentando focar ao máximo nos problemas de cada um e tentando me esquecer do que escutei da Raquel hoje.

Eu sei que ela está certa. Eu deveria estar pulando de felicidade por isso estar acontecendo. Ele é uma das meninas negras, já grandes, que não vai entrar para as estatísticas de crianças que não conseguem um lar. Mas eu não consigo. Meu lado egoísta e mãe coruja não deixam. Minha última tentativa de tentar reverter isso é ligando para o advogado e perguntando se eu poderia fazer alguma coisa para reverter isso. E para o meu desespero, ele me fala as mesmas coisas que a Raquel havia me dito, e ainda acrescentou que poderia causar uma má impressão no juiz e ele não liberar a adoção para ninguém, e a Sarah ficaria no orfanato para sempre.

Voltei para casa com o meu coração na mão. Encontrei o Antônio brincando com a Fofinha na bagunça do corredor entre os apartamentos cheios de brinquedos. Peguei o meu filho no colo e quando entrei em casa e vi um dos desenhos que a Sarah fez com eles, eu não segurei mais e comecei a chorar, como uma boa dramática que sou.

Quando a Su veio me falar alguma coisa e me viu naquele estado, já entendeu o que significava, pois a Raquel a avisou da adoção da Sarah também. Chorei como uma vaca no colo da minha amiga, mas não adiantava, eu estava bancando a egoísta que queria a Sarah só para mim. Dispensei a Su e peguei o meu telefone a fim de ligar para a única pessoa que poderia me acalmar nesse momento: o AC. E para a minha sorte, só chamava e caía na caixa postal, me lembrei de que ele havia falado que estaria jogando squash com o Luiz por esse horário e fiquei desolada em casa.

.

– Porra, AC. – Luiz me xinga quando perde outra bola que eu rebato para ele. Estou perdendo de lavada hoje.

– Para de chorar como uma criança e joga como homem. – Falo para ele que atira a bola em mim.

– Só porque descobriu a outra utilidade para o que tu tem no meio das pernas e virou o pegador da agência, vai ficar jogando na minha cara?

Olho para o meu amigo como quem entendesse o drama dele. Pego a bolinha, quico algumas vezes no chão com a raquete e espero ele voltar para a posição de jogo.

– Vou ficar sim! – Jogo a bola com um efeito para ele que consegue rebater no último instante antes de perder mais um ponto para mim.

– Desgraçado! – Jogo e começo a rir do Luiz que está tentando acompanhar o meu ritmo de jogo.

Eu estou feliz, ainda mais para uma segunda feira depois de um final de semana excepcional que tive. Sábado o encontro foi perfeito, divertido, excitante e ao mesmo tempo intenso. Eu sei que disse que queria ir com calma com a Elis, mas quando eu a vi no seu apartamento eu percebi que não ia conseguir me controlar ao seu lado.

E como eu sempre tive a certeza, perto da Elis, eu perco o meu senso de racionalidade e bom senso. Abraçado com ela quando escutávamos aquela banda eu não resisti em fazer aquele convite descabido a ela. E a sua resposta me deixou mais fora de mim do que eu já estava.

E eu me deixei levar pelo o que eu mais queria e fui recompensado com uma das melhores noites da minha vida. Acordar com a Elis enroscada em mim foi um bônus que eu aceitei de todo bom grado, isso era bem melhor que a culpa que tive naquela nossa primeira vez.

O outro dia não foi diferente, em todos os sentidos. Passar aquele tempo com a Elis e o nosso filho foi de uma alegria tão incomum para mim que eu me perguntava se estava sonhando. Toda a vez que a Elis passava por mim, ela me tocava ou me roubava um beijo às escondidas. Parecíamos dois adolescentes em início de um namoro meloso. E eu não poderia estar mais empolgado com isso do que eu estou.

Pela primeira vez, eu pude ter a experiência de ser parte de uma família.

A única hora que bateu a tristeza, foi quando eu me despedi de ambos. A Elis teria que ir para o orfanato dormir com as crianças e eu acordaria cedo hoje para ir trabalhar. Quando cheguei em casa, no meu pequeno cativado, que de tanto o Luiz falar até eu já estou chamando assim, fiquei um pouco depressivo sem nada para fazer nele.

Trabalhei com os olhos dos outros funcionários da agência sobre mim. Como eu disse para a Elis, a visão de nós juntos levantou mil e uma teorias sobre a minha vida. A melhor que eu escutei foi que eu já tinha um caso com a Elis há anos, escondia que era casado com a Olívia, e agora que ela descobriu, exigiu a minha separação e que eu assumisse ela diante de todos. A outra era que a Elis sabia que eu era casado e a Olívia descobriu a traição. E aposto que deve ter mais algumas rolando e em pouco tempo, todas as agências da cidade irão ficar sabendo dessa história.

Se eu me importo com tudo isso? Nenhum pouco. Faço o meu trabalho com a consciência limpa de que estou dando o melhor de mim para os meus clientes. Cumpro as minhas metas, que eu mesmo estipulo e presto contas para o meu gerente sobre o meu rendimento. De resto, podem dizer que eu tenho um caso com a rainha da Inglaterra, ou até mesmo com o Luiz, que eu não dou importância.

Almocei com a Olívia no shopping perto do trabalho dela. Ela me convidou e eu sabia que as intenções dela não eram puramente para saber como eu estava. Ela queria detalhe da minha noite com a Elis e estava curiosa por todos os detalhes que eu não dei a ela.

– Chega, não dá mais para jogar contigo hoje. – Luiz se senta no meio da quadra e se estende no chão.

– Idade pegando? – Fico de pé ao seu lado vendo ele ofegar e me mostrar o dedo do meio.

– Só não te respondo mais por que eu estou perto de morrer aqui e estou poupando as minhas forças nesse momento. – Pego duas garrafas de água ao fundo da quadra e retorno entregando uma a ele.

Saímos da academia rindo como dois adolescentes, entro no carro e pego o meu telefone para ver se tinha alguma chamada perdida e quase tenho um ataque do coração em ver mais de vinte chamadas da Elis. A primeira coisa que eu penso é: aconteceu alguma coisa com o Antônio. E já começo a me xingar por ser um péssimo pai por deixar o telefone no silencioso por algumas horas.

– Elis, o que houve? Onde vocês estão? Vocês estão bem? – Pergunto atropeladamente assim que escuto que ela atendeu o telefone.

– Não está nada bem! – Ela choraminga. Ligo o carro e arranco com toda a potência que o meu carro 1.0 pode ter.

– Onde vocês estão? O que aconteceu com o Antônio ou contigo!

– Comigo e com o Antônio? – Ela questiona e logo completa. – Não é com nós! Estamos bem! – Solto um suspiro e quase sinto o meu coração sair pela boca com essas palavras delas.

– Tinha mais de vinte chamadas tuas no meu telefone Elis! Já pensei em mil coisas com vocês dois.

– Mais de vinte? Acho que exagerei um pouco. Que seja. Onde tu está?

– Dirigindo. Nem deveria estar falando ao telefone.

– Está indo para casa?

– Sim, mas posso fazer o retorno e ir para a tua, chego aí em...

– Não – ela me corta. – Eu estou quase chegando no teu apartamento, nos encontramos ali. Beijos. – E desliga o telefone na minha cara.

Fico sem entender nada do que está acontecendo.

– Ela só pode ser maluca. – Falo para o meu volante e tomo o rumo de casa pensando no que deve ter acontecido para ela ter feito essa loucura toda e quase ter me matado do coração.

Encontro a Elis e o Antônio na frente da porta do prédio. Elis se atira nos meus braços e me beija na rua mesmo. Pela luz do poste à frente, vejo os seus olhos, que sempre são lívidos e cheios de alegria, apagados e marejados e o meu coração se aperta ao ver ela assim. Pego o Antônio no colo, já que ela está com a mala dele na mão e subimos até o meu apartamento.

– O Luiz chama ele de cativo de sequestro. – Brinco para ver se a Elis entra na brincadeira, mas ela nem dá bola. – O que houve Elis?

Solto o Antônio no chão, que já foi caminhando para a mesinha onde eu deixei alguns lápis coloridos e alguns rascunhos para ele brincar de pintar. Puxo a Elis para um abraço e deixo ela se apoiar em mim enquanto a embalo e faço um carinho nas suas costas.

– Eu estava arrumando os papéis para adotar a Sarah. – Sua voz sai tão baixa que eu quase não escuto. – Ia entregar os documentos hoje para o advogado dar entrada no processo de adoção, mas a Raquel me avisou hoje pela manhã que alguém já entrou com o processo antes de mim.

Escuto a Elis narrar o motivo para tanto drama e a solto. Coloco as minhas mãos no seu rosto e afasto os cabelos. Beijo uma vez de leve, duas e na terceira invisto pesado e sou recompensado com a mesma intensidade. Puxo a Elis para o sofá e ela monta em cima de mim e começa a percorrer as mãos sobre o meu cabelo molhado do banho da academia que tomei depois que sai da quadra.

– Tu deveria estar me consolando e não me amassando assim. – Ela fala enquanto eu exploro o seu lindo pescoço.

– Não, eu estou apenas te recompensando por ser essa mulher tão magnífica que tu é. – Beijo a parte de cima do seu decote e ela me empurra e olha para mim.

– Como assim me recompensando? Estou arrasada e fazendo drama por não conseguir adotar a Sarah e tu está me torturando aqui? Impressão minha ou perdi uma grande parte dessa história?

Fito a Elis com uma admiração que nunca tive por ninguém, tiro suas mãos do meu pescoço, a beijo repetidamente e começo a falar.

– Quando eu era pequeno e não entendia nada que havia na minha volta, sempre quis ter um irmão para brincar comigo, ou uma irmã para cuidar. Cresci e desisti da ideia por ver como os meus pais lidavam comigo e coloquei o meu lado “irmão protetor” para cima da Olívia. Mas a vontade de ter uma família grande nunca saiu de mim.

Ela observa o meu rosto e faz uma expressão de desentendida. Eu sorrio e volto a falar.

– Elis, eu já tenho um filho. – Olho para o Antônio rabiscando uma folha entretido e sorrio para a coisa mais linda e perfeita que eu já fiz na minha vida. – Achei que já estava na hora de tentar o segundo, ou melhor, a segunda.

Elis arregala os olhos para mim e eu sorrio confirmando as suas suspeitas.

– Foi tu quem entrou com o pedido de adoção da Sarah! – Sinto os meus músculos faciais se estenderem ao máximo com o sorriso de felicidade que eu estou tendo.

Antes mesmo de eu confirmar as suspeitas da Elis, ela se grudou em mim e começou a distribuir beijos pelo meu rosto.

– Eu não acredito! – Ela beija e fala ao mesmo tempo quase não dando espaço para eu respirar. – Estava jurando a pessoa de morte por roubar a Sarah de mim, e essa pessoa é tu!

– Se continua a me apertar assim vai conseguir matar mesmo. – Elis para de me beijar repetidamente, quando eu consigo respirar e a ver sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Puxo a Elis para um beijo e tento transparecer com ele, todos os sentimentos que percorrem o meu corpo nesse momento. A felicidade de ter a Elis comigo, a surpresa em saber que os nossos pensamentos estavam em tanta sintonia assim, a ansiedade em que o processo de adoção seja rápido e o menos burocrático possível. E o principal de todos, a realização de um sonho de infância que eu sempre tive, ter uma família grande e afetuosa.

– Elis – sussurro entre um beijo e outro. – Eu sou o pai do Antônio, e vou ser o da Sarah também em breve. Será que tu aceitaria ser a mãe dela também?

Elis me empurra e eu me encosto no sofá, passo as minhas mãos por suas coxas e a faço se arrepiar toda com isso misturado com o meu pedido.

– Tu está falando sério?

– Alguma vez eu já menti para ti?

A minha maluca dá um grito e me abraça quase me esmagando e eu entendo isso como um sim. Abraço a Elis com todos os sentimentos que tenho, agradecendo por ter ela ao meu lado. Ficamos um tempo no nosso abraço apenas nos curtindo, e quando eu percebo alguém vendo a nossa cena, também resolveu querer participar do abraço coletivo. Puxo o Antônio para o nosso meio e me sinto o homem mais sortudo da Terra nesse momento.

Capítulo 35

– Acorda, Elis.

– Não. – Gemo e me encolho, ou tento me encolher.

– Ok, mas deixa eu levantar. Tenho que ir para o trabalho. – E depois que o AC fala isso eu dou um pulo, e só não caio no chão porque ele me segura. Belo reflexo, campeão.

– Que horas são? – Levanto do pequeno sofá em que nós dormimos e ele ri para mim.

– Ainda é cedo. São seis e meia. – Solto um suspiro e volto a me sentar no sofá.

– Por que tão cedo? – Pergunto para o AC e tento arrumar os meus cabelos da bagunça que eles estão. Claro que eles têm uma ótima desculpa para estarem assim.

– Mania. Tempo suficiente para tomar banho, fazer a barba, tomar café e como aqui é mais perto, estou indo a pé para agência.

AC se levanta do sofá só de cueca e me dá uma bela visão para começar o dia. Volto a me deitar no sofá e lembro da noite de ontem. De uma péssima notícia virar para a melhor que eu já tive.

Nunca na minha vida imaginei que o AC fosse o responsável por trás da adoção da Sarah. Isso me atingiu como uma bomba no peito de todas as maneiras possíveis.

Liguei, segundo o AC, mais de vinte vezes para ele. Dessa vez até eu mesma concordo que dei uma exagerada básica. Estava inconsolável em casa, então peguei o Antônio para vir para cá. Sei lá o que se passou na minha cabeça naquele momento, mas era isso ou ficar em casa pensando em mil maneiras de como conseguir mudar essa situação. No meio do caminho ele me ligou e chegamos aqui juntos. Tudo o que eu queria era que o AC me ajudasse com esse problema. E ele me deu a solução.

Fui pega de surpresa com isso e não poderia ter ficado mais feliz. Por tabela, a Sarah seria minha.

Custei a acreditar que o AC havia entrado com o pedido de adoção dela. Essa possibilidade nunca se passou pela minha mente brilhante. Mas foi uma das melhores notícias que tive ultimamente. No momento em que eu vi o brilho nos olhos dele, me confirmando o pedido, meu coração explodiu em alegria e emoção. O homem que estava comigo, ia adotar a gurria que eu tinha como filha. Tem como a coisa ficar melhor? Claro que sim, é do AC que estamos falando, aquele que nunca faz nada pela metade e sempre faz perfeito.

Ele me convidou para participar da criação da Sarah como sua mãe. Nesse momento, a vaca aqui, quase desmaiou de felicidade. Era tudo que eu mais queria! E não hesitei e nem pensei duas vezes antes de aceitar esse pedido. Como o AC disse, ele já era pai do Antônio, meu filho. O que custava eu ser a mãe da Sarah, filha dele? Era só uma questão de semântica das coisas. Mas que eu não ligava. A única coisa que importava era que a Sarah me chamaria de mãe e eu a amaria com uma deve fazer.

Depois de eu chorar de tristeza, e depois de alegria, meu coração ficou mais leve e eu pude

conversar como uma pessoa normal sem fazer escândalo ou drama. O AC me explicou que como ele é homem e divorciado, o processo de adoção poderia demorar mais tempo que o normal. Porém em contrapartida, o fato de ser concursado e estável financeiramente, dá uma boa margem sobre outros quesitos. Tudo era uma questão de esperar, torcer para tudo ser rápido e depois partir para o abraço.

A segunda parte do nosso dilema começou quando eu disse que não queria ir para casa e sim ficar com ele essa noite. O Antônio não tinha jantado ainda e já estava começando a ficar resmungando de fome. Então tivemos que atender as necessidades do mal humoradinho para depois as nossas.

Para a minha surpresa, o Sr. Certinho, não é muito antenado com comida em casa. Só encontrei macarrão instantâneo, queijo, leite e Nescau nos armários. E quando questionei se tinha mais alguma coisa, ele só me deu os ombros e um sorriso sem jeito. Tivemos que nos virar nos trinta para fazer macarrão com queijo para nós três.

A casa do AC não é bem o recanto de aconchego e tamanho que o seu antigo apartamento tinha. No fim das contas, a noite começou com o Antônio me chutando na cama e terminou comigo no sofá com o AC. E digamos que foi bem mais interessante a partir desse momento.

Não era para ter acabado daquele jeito, mas já que tínhamos começado, eu não seria louca de interromper. Entre sussurros, promessas, gemidos abafados e toques, eu tive uma certeza. Se na cama era ótimo, no sofá seria a nossa especialidade.

Ainda bem que o Antônio tem um sono pesado.

AC volta com uma toalha enrolada na cintura e eu continuo a olhar o seu corpo, com certeza não há mau humor no mundo que resista a acordar cedo e ter essa visão. Todo sem jeito ele começa a colocar roupa na minha frente e eu não resisto e começo a rir dele. Coisa mais fofa todo vermelho de vergonha por ficar nu na minha frente. Como se ele não tivesse há pouco tempo atrás comigo nesse sofá mínimo e sábado à noite na minha cama.

Isso me encanta, pode parecer piegas, mas é a absoluta verdade. O jeitinho cuidadoso dele e se preocupando com o meu bem-estar me cativa. Vamos colocar que, todos os meus namorados, amigos coloridos e afins, nenhum deles ficava comigo depois do “rala e rola”, era isso e tchau. Nada de ficar agarradinho na cama esperando nossos corpos se acalmarem. Já o AC faz questão de ficar grudado em mim e me acariciando. Me sinto o Gato quando ele faz isso e só falta ronronar de prazer.

– Vai acordar o Antônio assim desse jeito. – Ele fala fechando as calças sociais.

Olho para o meu filho em cima da cama e vejo ele completamente de ponta a cabeça na cama, bem diferente da posição que eu deixei ele quando foi dormir.

– Daqui a pouco foi ter que acordar ele mesmo. – Levanto do sofá com uma camisa do AC tapando apenas as minhas calcinhas e o topo das minhas coxas.

Me aproximo dele e começo a beijar o seu pescoço em direção ao seu rosto recém barbeado e com cheiro de loção. Impossível resistir ao um AC normal, imagina quando ele está cheiroso assim.

– Assim é um ótimo jeito de começar o dia. – Suas mãos sobem para a minha cintura e eu solto um gemido misturado com um riso.

Depois de muita luta, o AC consegue se vestir. Mesmo comigo tentando fazer o trabalho inverso. E foi uma batalha e tanta, mas eu sou uma guerreira nata, e só desisti quando o Antônio me chamou, senão, não ia desistir tão fácil assim.

Meu filho parece um pequeno zumbi ao acordar. Seu cabelo está uma mecha para cada lado e ele fica sentado meio que dormindo e acordado na cama. Aproveito enquanto ele tenta se situar em que planeta ele está e troco a sua fralda e coloco uma roupa que trouxe na sua mala antes de sair de casa.

Tomamos “café”, ou como se chama leite com Nescau pela manhã, juntos. AC saiu para o trabalho e me entregou a chave reserva do seu apartamento. Depois disso eu deixei o Antônio olhando vídeo no meu celular e fui para o banho. Roubei uma cueca do AC e sai de lá para ir trabalhar com um belo sorriso no rosto.

Levei o Antônio para o trabalho. Não era a primeira vez que eu fazia isso. Ele é calminho e fica quietinho brincando ou vendo TV dentro do consultório e eu havia trazido roupas e fraldas para ele, então não haveria problemas nenhum nisso. Pelo contrário, os pacientes adoravam quando ele estava junto. Ainda bem que eu tomei banho ontem antes de sair de casa, estava com um jeans simples, tênis e uma blusa, só coloquei o jaleco por cima e estava pronta para trabalhar mais um dia.

.

– Falei com a Raquel – Su me diz quando estamos arrumando a mesa para jantar do evento de hoje à noite. – Ela disse que o evento beneficente está em nossas mãos. E é só marcar o dia que ela aceita.

– Certo, temos que ver com a Carla o dia e o que falta preparar. Já tenho um cardápio em mente e acho que vai ficar perfeito para a ocasião.

– As crianças vão ter uma mesa especial para elas. Noah já se escalou para ser garçom, não gostei muito da ideia, mas ele quer e me convenceu de um jeito bem eficiente. – Minha amiga dá um sorriso para o nada e eu entendo bem o que ela quer dizer.

– Falando em Noah, como eles devem estar, os três, nessa “noite para homens”?

– Até estranhei quando ele disse que ia sair com o AC e o Luiz para um bar.

– Nem me fala, ainda mais que o Luiz me ligou perguntando se eu deixava o AC ir.

Su olha para mim com uma cara suspeita.

– Que foi?

– Nada. – Ela dá os ombros e eu pego um pedaço de fruta do buffet e como. E ela continua me observando desse jeito.

– Para de me olhar assim, vaca!

– Parei! – Minha amiga volta a arrumar a mesa e recomeça a falar. – Só observando o fato

do Luiz ter te pedido permissão para o AC sair com ele e eu vejo tu saindo de casa e voltando no outro dia com o Antônio. Ou quando encontro o AC no elevador pela manhã, ele chega a ficar vermelho quando me dá bom dia. Essas coisas, sabe.

– Nem me fala, já ando com as costas doendo por ter que dormir naquele sofá do AC, por isso disse para ele que íamos revezar. Uma noite na casa de cada um para dormir.

– Dormir é o que vocês menos fazem, que eu sei. Te conheço faz tempo, Elis.

Faço um sorriso comprometedor, para Su que revira os olhos para mim.

– Não posso fazer nada se eu não resisto àquele charme todo do AC.

Voltamos a arrumar a mesa e eu não consigo deixar de soltar um suspiro cheio de significados. Essas duas semanas que passaram, eu estou vivendo como uma adolescente com o seu primeiro namorado. Mensagens a toda hora, fotos bobas cada vez que nos encontramos e não conseguimos nos desgrudar. Tem sido perfeito ficar esse tempo com o AC falando besteiras, olhando filme na TV, mesmo que a maioria seja infantil e falar sobre projetos futuros.

Me espantei quando ele me revelou que a sua ambição de vida, é ser gerente de uma agência do banco. Por isso que ele trabalha com tanto afinco e sem dar bola para ninguém, ainda mais com os boatos que estão rolando sobre a sua vida. Cada dia ele chega em casa com uma teoria nova e rimos sobre ela. Então ele se esforça e tenta se sobressair com o seu trabalho enquanto os outros funcionários puxam saco e tentam derrubar uns aos outros. Ele diz que muitas vezes passou por antissocial, mas que não dá importância para as especulações dos colegas sobre ele.

E quanto a nós: cada vez melhor. Ir dormir e acordar ao lado do AC, com ele enroscado em mim, é um sonho perfeito. O jeito como ele me olha, tão carinhosamente pela manhã, já fazendo carinho nos meus cabelos, enquanto afasta a juba do meu rosto, é tão singelo que faz o meu coração transbordar logo cedo. E eu começo a pensar no que a Su me disse, antes do meu primeiro encontro com ele, pode estar começando a acontecer.

É cedo para pensar nisso? Claro que é, até eu acho! Mas já passamos por tantas coisas juntos e separados, que eu nem penso de como o processo pode estar sendo acelerado. Quero mais é curtir ele ao meu lado, sendo pais juntos para o Antônio. Que por falar nele, está achando um máximo encontrar o AC todos os dias e brincar com ele, e nem preciso que o Yago e a Fofinha também acham o mesmo. Digamos que eu meio que tenho que emprestar o AC para eles quando ele está aqui em casa.

Tivemos a nossa primeira “briga” antes de ontem. Não lembro porque motivo começou, e nem como terminou. Ou melhor, essa parte de fazer as pazes eu sei muito bem onde acabou. Mas enfim, já rolou um pequeno estresse entre nós. Eu sai pisando duro em direção ao banheiro e deixei o AC falando com as paredes do quarto, quando retornei ele estava de cabeça baixa e quando me viu, pediu desculpas. Não resisti a sua carinha de cachorro sem dono e de como ele ficou sentido por ter brigado comigo. Mais uma vez piegas, mas fofinho, não tem como não dizer o contrário.

Deitados no escuro conversamos. Muito diga-se de passagem. O AC expôs todos os medos e receios que tem com a nossa situação. Abriu o coração quando me disse que nunca tinha sido

apresentado a sentimentos tão fortes e assustadores ao mesmo tempo. E isso o deixava aflito. Pois o medo de me perder, agora que estava comigo, era maior que tudo.

Isso me tocou, lá no fundo da minha alma. Sei que o AC teve uma infância diferente. O que ele passou com a Olívia foi complicado, só ele para resolver tudo. Percebi como ele é carente de afeto. Eu sou uma vaca, sei disso há muito tempo, e às vezes, posso ser meio relapsa em alguns aspectos. Então eu prometi para mim mesma, que mimaria o AC, do mesmo jeito que ele me mima, porque também tenho medo de perder ele, agora que eu sei que nunca irei conseguir outro igual.

Por AC

– Sério que a Elis fez isso? – Noah vira mais um copo de bebida e confirma.

– E ainda pulou nas minhas costas para me bater. Ela ficou puta da cara quando eu disse que tinha irritado a Su de propósito. E aí resolveu me atacar. Tive que segurar ela para não me machucar.

– Te cuida AC, a vaca é raivosa. – Luiz arremata o assunto e eu não consigo deixar de rir.

Estamos os três em um bar bebendo, comendo e colocando conversa fora. Eu e o Luiz às vezes fazemos isso, e resolvemos convidar o Noah dessa vez. Bom, só a presença dele já atraiu mais mulheres a nossa volta do que estamos acostumados quando saímos.

Fui escolhido como o motorista da vez, estão fico com o meu refrigerante vendo os dois bebendo na minha frente. Não que eu tivesse essa opção antes, mas fizemos um sorteio e eu fui o contemplado. Ver o Luiz bêbado é tão comum como andar. Meu amigo tem fases de bêbado: começa alegre rindo e contando piadas e depois para o depressivo derrotado. E no outro dia a ressaca é horrível.

O Noah está alegre. Ele e o Luiz não podem se olhar que começam a rir do nada. E eu já estou pensando em como vou carregar os dois para casa no meu carro. A noite está sendo divertida.

Uma loura com os peitos quase de fora chega a nossa mesa e se debruça quase na minha cara. O seu perfume me enjoa e, por pouco, não chega a se misturar com o cheiro de silicone que quase exalam. Faço uma nota mental para mim dizendo que os pequenos da Elis são mais bonitos e interessantes.

– O que três homens fazem sozinhos nessa mesa? Precisam de companhia rapazes? – A voz dela sai como um miado de gato. Vejo ela passar a ponta da língua nos lábios vermelhos.

– Comendo e bebendo, o que mais queremos? – Noah debocha e o Luiz começa a rir.

– Nunca se sabe – a mulher retruca e o Noah mostra a mão esquerda com a sua aliança refletindo a luz do bar.

Ela dá uma arqueada na sobrancelha bem-feita e se volta para o Luiz que coloca a mão no peito e faz uma cara ridícula.

– I’m Gay miga! – Sua imitação de gay é tão enfeitada com a voz fina e cheia de emoção que a mulher até sorri e então se volta para mim.

Faço uma comparação com ela e a Elis e não hesito em dispensar a mulher com apenas um aceno de cabeça negativo. Ela se enfurece e por alguns instantes penso que ela vai virar a mão na minha cara. Chego a virar o rosto e esperar o tapa, e quando ele demora a chegar, vejo a mulher saindo para o outro lado do bar.

– Gay? – Noah faz uma cara estranha para o Luiz. – Sério?

– Como dois e dois são cinco. – Luiz fala e levanta o copo como se fosse brindar e toma uma dose.

– Ele fala isso para todas que chegam nele. – Digo.

– É um ótimo espanta mulher. Falo isso para uma e nenhuma mais me atormenta a noite toda. Posso beber e olhar para tudo em paz.

– Por que? – Noah faz a pergunta que eu sempre me fiz em relação ao Luiz e vejo o meu amigo dar os ombros e esquecer do assunto por completo.

Eles tomam mais algumas doses, falam besteira e riem da minha cara quando eu esperei o tapa da peituda. Assim como eu tiro sarro da cara deles por estarem bêbados.

Saímos no meu carro, a minha meta é deixar o Luiz são e salvo em casa e depois retornar para o prédio do Noah, onde eu vou passar a noite com a Elis. Realmente, não consigo pensar nisso e não me pegar sorrindo depois. É um sonho realizado estar ao lado dela. Eu me sinto uma pessoa diferente na sua presença.

Esses dias ela me perguntou se eu estava feliz. Estanhei a pergunta, ainda mais no estado que estávamos com as nossas respirações aceleradas e o coração batendo forte. Pensei no significado de felicidade para mim. Cheguei à conclusão que a minha era baseada em metas. A primeira de sair de casa, ou que os meus pais dessem bola para mim, a segunda quando eu fui morar com a Liv e queria sair de lá e levar ela junto comigo para vivermos em paz. Depois veio a nossa crise e eu, tinha por pensamento, que alcançaríamos a felicidade no momento em que ela se recuperasse e a Olívia voltasse para mim por completo.

Claro que isso nunca aconteceu, e eu, na ilusão, colocava a minha felicidade em uma outra meta. A compra do apartamento, depois de um tempo, o carro, e assim por diante. Quando concluía, logo descobria uma outra meta para mirar a minha felicidade. E assim vivia sobre a ilusão que um dia alcançaria a felicidade plena.

Porém, naquele momento, com a Elis na cama ao meu lado, percebi que a felicidade não se compra com desejos materiais. E sim se vive. Pode ser no momento em que estamos, ou na fase de vida que nos encontramos. Descobri que sim, em ambos os aspectos eu estava feliz. E ter a oportunidade de poder estar participando da vida do meu filho, ativamente e ainda por cima, na companhia da Elis, em todos os sentidos, me fazia ter a felicidade constante na minha vida.

– Quero ligar para a Luiza. – Luiz fala meio enrolado no banco de trás do meu carro. Começo a ficar em estado de alerta, pois o meu amigo já tinha extrapolado a parte da felicidade e estava começando a afundar na depressão.

– Ela deve estar dormindo já, Luiz. – Olho para ele pelo retrovisor e ele faz um rosto de quem está com dor.

– Filhos são um saco. A gente cria, dá amor e carinho e eles fazem “puf” – Luiz encena o “puf” com a mão caindo lentamente como se estivesse fazendo algum teatro dramático.

E ele começa o monólogo de sempre, que eu já conheço de cor e salteado. Toda vez que ele entra nesse estágio de bêbado é igual. E eu resolvo mudar o plano original, por que sei que não posso deixar o meu amigo sozinho essa noite.

– Eles crescem rápido. – Noah entra na onda e o Luiz chega para o meio dos nossos bancos e eu chego a ficar meio tonto, só de respirar perto dele.

– Exatamente. – Meu amigo fala lentamente, sílaba por sílaba. – Nós criamos eles para o mundo e depois que aprendem a caminhar com as próprias pernas, nem ligam para os pais mais.

Tenho vontade de intervir e dizer que é mentira. A Luiza é uma filha ótima, tenho absoluta certeza que ela deve ligar todos os dias para o pai, ou então, mandar mensagens e coisas do tipo. Ela só quer o melhor para o Luiz e não aguenta ver o pai nessa depressão constante com a morte da sua mãe. Por isso ela foi para a Europa, para começar a sua vida e ver se longe dela, o pai começaria a viver a dele, que ficou estagnada naquele acidente.

Só que o Luiz acha isso um martírio sem fim.

– Dobra aqui. – Noah quase avança no volante me fazendo virar à esquina à força. – Segue reto que vamos dar na rua dos salões da Fofa.

– Nós estávamos indo para casa. – Digo procurando algum lugar para fazer o retorno.

– Não. – Ele geme atirado no banco. – Quero ver a Fofa agora, me larga lá e tu vai para casa.

– Acho que eu vou vomitar. – Luiz fala com os olhos já foras de foco.

– Não se atreve a vomitar uma gota no meu estofamento. – Falo entredentes e vejo que ir ao salão de eventos é a única salvação.

Acelero o carro e o Noah me guia até a entrada de descarga dos salões e eu estaciono de qualquer jeito. Ajudo o Luiz a sair do carro e levo ele para um canto enquanto ele esvazia o estômago.

– Melhorou? – Ele geme para mim alguma coisa e eu começo a o levar de volta para o carro.

– Vocês saíram para beber, encheram a cara e nem me convidaram? – Elis aparece e começa a rir da cena: eu carregando Luiz.

– Na verdade, – arrumo o Luiz ao meu lado – eles beberam, eu só estou dirigindo.

– A Su já está lá com o Noah. Quando ele bebe parece uma criança mimada. E o Luiz pelo jeito enfiou o pé na jaca.

– Eu estou bem. – O bêbado fala e tenta se largar de mim. – Posso ir para casa caminhando até.

– Ah claro. E amanhã vai acordar dentro de uma lata de lixo provavelmente. – Retruco. Ele me solta e começa a caminhar em direção à porta.

– Ele pode entrar lá? – Questiono a Elis que dá os ombros.

– Pode, é a cozinha. De lá ele não passa.

Elis se aproxima de mim e coloca as mãos em volta do meu pescoço, eu abraço a sua cintura e fico a admirando pela luz artificial da rua.

– Como foi a noite? – Ela pergunta e eu sorrio.

– Ótima, e a tua?

– A mesma coisa de sempre. – E dá os ombros. – Tinha muitas mulheres lá?

Sinto uma onda de ciúmes dela e não consigo deixar de sorrir.

– Algumas. – Digo e vejo a Elis assumir um lado diferente da que eu conheço.

– Ah é? E como elas eram?

– Muito bonitas – respondo naturalmente e vejo seus olhos começarem a ficarem um pouco raivosos. – Mas nenhuma que chegasse aos teus pés.

A puxo para um beijo e sinto o seu corpo começar a relaxar sob o meu toque. Termino distribuindo beijos pelo seu rosto e quando a solto vejo o seu olhar de sempre estabilizado.

– Boa jogada, campeão. Vem, vamos entrar antes que aconteça alguma coisa lá dentro.

Como eu já imaginava, a cozinha era gigante. E o movimento de pessoas intenso me chamou a atenção. Todas uniformizadas com bandejas de comida e outras com bebidas. Elis pisca para mim e começa a ajudar a distribuição de tarefas e eu vou para o lado do Luiz que está sentado perto da janela com a cabeça para fora. Se fosse um carro, seria a mesma imagem de um cachorro pela janela e com a língua de fora. Pelo menos ele não está vomitando nesse momento.

– Acho que vou morrer.

– Não, vaso ruim não quebra com tanta facilidade assim. Mas amanhã é bem possível pela ressaca. – Olho para uma mesa de doces e quando a Elis olha para mim, aponto perguntando se eu posso pegar alguns para o bebum aqui dar uma agitada na glicose.

– À vontade, nem precisava pedir. – Ela me responde e sai carregando uma panela.

Encho a mão com diversos doces e enfio na boca do Luiz que me empurra. Aproveito da boa vontade da Elis e peço uma garrafa de água para um dos garçons que aparecem por ali. E começo a hidratar o Luiz, para ele não parecer tão mal assim e pelo menos a ponto de não voltar a vomitar.

O tempo passa e ele vai melhorando. Fico sentado ao seu lado e começamos a conversar. Noah chega depois de mais alguns instantes, dizendo que a sua esposa havia o corrido de perto dela para conseguir trabalhar. E ficamos nós três sentados perto da janela, olhando o pessoal trabalhar em um estado sincronizado que chego a ficar impressionado.

A festa acaba e esperamos o pessoal terminar de arrumar as coisas enquanto alguns

limpam. No fim ficam nós, Elis, Su e a funcionária Carla, pelo que vi, comanda tudo junto com as duas.

– Mais um evento arrasador. – Elis fala se atirando nos meus braços e me beijando.

– Nem me fala, estou podre de cansada. Só quero ir para casa e dormir. – Su faz a mesma coisa com o Noah.

– Quer uma massagem, Fofa? – Seu marido pergunta sorrindo maliciosamente.

– Pode até fazer, mas vou dormir durante ela. – Noah faz uma cara de desapontado, mas acaba abraçando a mulher.

– Vamos embora, por favor. – Elis me puxa para uma mão em direção a porta.

Luiz se levanta quase normal e caminha em nossa direção.

– Vou para casa de táxi. – Diz entregando o seu ainda estado de embriagues.

– Não eu te levo. – Digo desativando o alarme do carro.

– Tchau Elis. Amanhã se der tempo fazemos o planejamento aquele. – Carla passa por nós com um capacete na mão.

– Pode ser. Boa noite e te cuida nessa moto Carla.

– Moto? – Luiz faz uma cara de nojo para a Carla que se vira para ele.

– Não é uma moto simples. É uma Kawasaki Ninja 650, modelo novo.

– É um para-choque humano, isso sim! Sabe o que acontece quando as pessoas se acidentam de moto por aí?

Vejo o Luiz cruzar os braços sobre o peito, completamente desengonçado, enquanto a Carla faz uma cara de desdém para ele.

– São juntadas de pá pelo serviço de limpeza das rodovias. Eu já vi isso quando fazia plantão no pronto-socorro no estágio da faculdade e não é legal.

Carla coloca o capacete, sem se dar o trabalho de responder ao Luiz e se vira para nós.

– Boa noite pessoal. – E sai e direção a sua nada pequena moto preta.

E quando arranca, acelera bem forte na nossa frente para atazanar as ideias do Luiz. Não pude deixar de rir ao ver a cara de babaca do meu amigo vendo isso.

Noah e Su vão no carro dela e nós seguimos no meu. Não levo o Luiz para a sua casa e sim para a casa da Elis. Ela mesma viu que não tinha condições ainda dele ficar sozinho, ainda mais depois da afronta da Carla. Ao chegarmos em casa, coloco ele debaixo do chuveiro e espero ele tomar um banho para tirar o cheiro de álcool que ele este exalando. Sorte dele que já tenho algumas roupas aqui na casa da Elis e emprestei para ele usar. Faço uma nota mental para quando o Antônio se enfiar na cama, entre eu e a Elis, amanhã cedo, dizer para ele que tem mais uma pessoa para ele acordar delicadamente amanhã. Ele vai adorar acordar o tio Luiz de ressaca. Uma pequena revanche para quando o Luiz me acordou com um banho de água gelada uma vez.

Depois que acomodo ele é que tomo um banho quente para relaxar. Visto uma cueca e vou para cama. Elis está deitada com uma das minhas camisetas e enrolada no seu canto da cama. Assim que me acomodo ao seu lado, ela vem para cima de mim.

– Pensei que estava dormindo já. – Beijo os seus cabelos louros.

– Estava te esperando. Já acostumei a te ter ao meu lado me abraçando todas as noites. É aconchegante.

Puxo a Elis para um beijo e adormecemos agarrados. E o meu último pensamento é a confirmação sobre a minha nova concepção de felicidade.

Capítulo 36

– Hey bonitão, vai aonde? – Pergunto vendo o AC caminhando rápido em direção ao salão de eventos.

– Ver se precisam de mim para alguma coisa. – Pergunta idiota Elis, onde mais o AC iria se ele está trabalhando no evento junto? Claro que ajudar alguém...

Olho para ele e o chamo com o meu dedo indicador. AC sorri para mim, com a cabeça inclinada para o lado, caminhando em minha direção. E como não sou nenhum pouco paciente, me atiro nele colocando os meus braços ao redor do seu pescoço. O beijo e sinto as mãos dele firmes na minha cintura. Gosto quando ele faz isso. Me prende nos seus braços, faz eu me sentir segura e como se pertencesse àquela posição que estamos.

Termino de distribuir beijos pelo seu rosto e ele termina com um na ponta do meu nariz. Seu sorriso é tão intenso e perfeito que eu me deixo ser perdida por ele.

– Agora eu começo a entender porque a Su não gosta nenhum pouco no Noah vindo trabalhar nos eventos dela.

– Porque ele faz bagunça?

– Não. Ela tem ciúmes das convidadas se jogando em cima dele. E eu acho que vou adotar a mesma conduta da Vaca.

AC ri de mim e me aperta no seu abraço.

– Estou falando sério. Já tenho receio quando tu sai de casa todo na social, de terno e gravata, para o banco, quem dirá com esse uniforme todo preto aqui.

– E eu contigo no salto nesse uniforme? Quem disse que eu aprovo?

AC faz uma cara de sério para mim, mas os seus olhos diferentes, não negam que ele está se divertindo com essa conversa. Adoro quando ele deixa esse lado divertido dele exposto.

– Podemos resolver esse assunto. – Passo a ponta dos meus dedos na costura do seu colete preto que os funcionários da Su estão usando nesse novo uniforme que fizemos. – Conheço cada canto desse salão para dar uma escapada rápida.

Tento seduzir o AC, mas ele hesita. No fundo eu estou brincando, claro. Mas sonhar nunca é demais, não é? Afinal, isso funcionou lá na fazenda esses dias, por que o raio não pode cair duas vezes no mesmo lugar? E de preferência nos deixando com ótimo humor depois?

Quando ele abre a boca para me responder a Su me chama e eu sorrio para ele com um pesar.

– Fica para próxima, bonitão. – E aviso. – Vou ficar de olho em ti, se alguém passar da linha contigo, eu sei como usar um cutelo.

– E eu uma raquete de squash, e ela pode fazer um bom estrago. – Ele pisca para mim e sai em direção ao salão.

Completamos um mês juntos semana passada. E eu não pude deixar de ter vivido esses 30 dias sorrindo para o nada. Em todos os sentidos da expressão.

Nós nos damos bem em todos os aspectos, nos completamos e encaixamos perfeitamente. Eu amo estar na cozinha fazendo alguma coisa diferente para comer, ele vai lá e limpa tudo depois. Às vezes tenho ideias loucas e quero fazer na hora, e lá vai o AC tentar colocar alguma luz na minha cabeça e me mostrar que não é boa hora de fazer o que eu quero. A Su também fazia isso, mas daquele jeito dela de ser: delicado feito coice de mula. Já o AC tem as maneiras dele, que digamos, são bem melhores.

Nossa rotina foi se moldando à nossa realidade. Eu, como nutricionista autônoma, faço os meus horários como bem eu quero. E com os eventos, é quase a mesma coisa, só que quem me dá os horários é a Su em uma escala mensal que eu já recebo no início de cada mês com as datas. O AC tem o seu horário fixo e todos os dias no banco. Ele sai antes das oito horas e volta depois das seis da tarde, se não tem squash com o Luiz. E nesse meio tempo, praticamente ficamos juntos. Seja no meu apartamento ou no cubículo dele, mas que pelo menos agora tem uma cama de casal para nós.

É tão bom chegar em casa, tarde da noite de um evento e encontrar o Antônio dormindo na cama dele e o AC na minha, tão vulnerável no seu sono. Geralmente, eu não consigo resistir e perturbo o seu descanso atacando ele no meio da noite. É mais forte que eu. E não faço questão nenhuma de resistir à tentação.

Estamos muito bem, obrigada. Nossa relação, assim como todas, tem seus altos e baixos. Mas nada que conversa e paciência não resolva. Claro que a paciência e a conversa vêm do lado dele. Tem dias que nem eu me aguento, e eu chego a ter pena do AC por ficar na minha frente. Sou impulsiva e ajo na hora e depois que meço as consequências dos meus atos. E quando vejo, o estrago já está feito.

A minha sorte é que o AC é uma das pessoas mais compreensíveis e calma que eu conheço. E isso é de enorme importância para nós. Às vezes me desculpo de coisas que eu digo, que ele nem levou em consideração no momento em que foi dito.

Semana passada mesmo, cheguei em casa depois de um dia estressante e estava morrendo de dor de cabeça. O Antônio estava com a macaca no corpo, correndo e gritando com a TV ligada a toda altura. E eu só queria ficar quieta na minha, por nem que fosse por cinco minutos. Abaixei a TV e pedi para o Antônio parar de gritar, nada delicadamente para o meu filho. Isso deve ter o assustado e ele começou a chorar. Aí eu surtei legal. Comecei a gritar e no meio disso tudo o AC chegou e eu estava no meio de um campo de batalha com o meu filho. Quando ele questionou o que estava acontecendo entre nós, eu soltei os meus cascos de vaca nele, que não sei como AC não saiu voando pela janela do apartamento de tão forte que foi.

Estava irritada mesmo.

Ele pegou o Antônio no colo, que ainda chorava e eu sai para o quarto a fim de tomar um banho antes que eu matasse um.

No banho que eu consegui me acalmar. Com a água quente correndo sobre mim foi que tive a epifania que estava agindo como uma adolescente mimada. Meu Deus, eu havia gritado

com o meu filho porque ele estava se divertindo brincando. Só porque estava com uma dor de cabeça, que nem era tão forte assim. Me senti mais suja do que não tivesse tomado aquele banho.

Terminei de me vestir e cabisbaixa, como JB quando dorme com alguma roupa que ele roubou da pilha antes de ir para o guarda roupa, fui para a sala. Encontrei o AC com a camisa social arregaçada, ainda de gravata ajoelhado no chão com o Antônio e ambos montando Lego. A risada dos dois ecoava pela sala toda, e eu me senti mais vaca do que eu já sou.

Mas o que me fez querer cortar os pulsos com faca sem amolação, foi o jeito que os dois sorriram para mim, depois que eu gritei com eles. Sério, se eu tivesse um jeito de voltar ao passado e não tratar os dois daquela maneira, eu faria.

Me ajoelhei no chão e abri os meus braços para o meu filho, que veio todo sorriso para o meu lado. Beije e amassei enquanto pedia mil e uma desculpas para ele, que nem entendia o que eu falava. Só o soltei quando ele começou a espernear porque eu estava quase tentando passar ele por osmose para dentro de mim.

Quando o soltei, vi o AC de pé na minha frente. Respirei fundo e pensei que ele iria vir para cima de mim me questionando porque havia gritado a ponto de assustar o Antônio. Entretanto, para a minha surpresa ele me puxou para um abraço. Comecei a me atropelar com os pedidos de desculpas para o que eu tinha feito, mas fui calada com o seu olhar profundo nos meus olhos.

Ele me disse que eu não tinha que lhe pedir desculpas. Todo mundo tem dias ruins e coisas do tipo, que dá vontade de explodir com a mínima interação de outra pessoa, mas se depois demonstramos arrependimento, tudo é perdoado. E o meu gesto com o Antônio, me desculpando, era o que bastava para ele me perdoar pelo meu ato de vaquice extremo.

Fiquei sem reação e completamente desarmada com essa resposta.

Tem vezes que eu acho que não sou digna de tanta devoção por parte de uma pessoa. Mas eu sou egoísta e não largo do osso.

No fim da noite, quando estávamos deitados, ele me falou algumas coisas que me deixaram pensando até adormecer. Me enganei profundamente em pensar que ele não teve vontade de vir atrás de mim e me dizer umas poucas e boas. Ele me disse que ficou possesso com a minha atitude, e que só não foi atrás de mim no banheiro porque o Antônio estava chorando e no seu colo. E acalmar o nosso filho virou uma prioridade naquele momento. Mas ele não ia deixar barato.

Quando eu me acalmasse, ele iria me dizer que não tinha gostado do meu jeito de lidar com a situação, e que não era gritando com o Perereco que eu ia conseguir alguma coisa, ainda mais que ele nem entende sobre o significado de um dia de merda e coisa do tipo. Ele estava juntando todos os argumentos para me dizer quando estivéssemos sozinhos, pois aí eu poderia gritar com ele como quisesse, mas não descontaria no Antônio.

Ele só não fez isso, porque eu me desculpei antes, e ele percebeu que eu estava completamente arrependida do meu ato. Escutei tudo o que ele me disse, sem falar um “ai” que fosse, pois sabia que ele estava completamente coberto de razão. Eu agi errado e merecia escutar todas aquelas palavras dele.

No fim da conversa, ele complementou que o meu pedido de desculpas ao nosso filho, foi uma das coisas mais carregadas de sentimentos que ele já havia presenciado. O fato do Antônio ser uma criança, com a áurea não corrompida pela maldade que vemos todos os dias, fez o papel mais importante em tudo isso. E o meu arrependimento foi a cereja do bolo.

Aquiesci com tudo. Pois sabia que estava recebendo a melhor crítica construtiva que alguém poderia me dar. Ela não era para me rebaixar e me tornar a vilã da história, e sim, servia para me tornar uma pessoa melhor. Sei que sou altamente impulsiva, e ter a consciência que posso machucar as pessoas que eu amo, podem servir para que no futuro, eu pense duas vezes antes de fazer isso novamente.

Para mim, essa nossa conversa se mostrou como uma das principais do nosso relacionamento. Estávamos juntos e com isso, crescendo para cada dia que passássemos por tudo e melhorássemos ainda mais como um casal e como pais que somos.

No acordar no outro dia, foi como se nada tivesse acontecido entre nós. Porém, lá no fundo, tínhamos avançado mais um degrau no nosso relacionamento, sem abalar nenhuma estrutura que fosse.

Hoje é o evento beneficente para as crianças do Orfanato. Depois de muita enrolação e uma pressãozinha da mídia local, descobrindo fraudes e desvios de dinheiro na cidade, o prefeito resolveu abrir a mão e liberar a reconstrução do Orfanato com a empresa do tio da Su. Eles vão fazer todas as estruturas e dar as condições necessárias para habitação das crianças. E a renda que conseguirmos arrecadar no evento, vai ser revertida em bem-estar para elas. Uma sala de informática, outra de som e imagem e mais algumas coisas que a Raquel tem em mente para as crianças.

O esquema do evento é simples. Arrecadamos diversos donativos diferentes como, por exemplo, uma tatuagem lá onde a Liv trabalha, um quadro dela, uma viagem para a serra para duas pessoas, e tantas outras coisas que conseguimos de presente. Cada convidado dá o seu lance e quem der o maior, leva o item.

Estamos esperando cerca de duzentas pessoas para o evento, e se cada uma der um lance, já vamos conseguir uma boa verba para tudo.

As crianças são convidadas de honra. Então fizemos o evento no salão grande com todos os brinquedos que a Su tem para aniversários, espalhados para elas brincarem à vontade. A comida vai dos canapés aos doces variados, para todos os tipos de paladares que vamos ter aqui. E nem preciso dizer que tudo está correndo às mil maravilhas.

– Hey bonitinho e bonitinha. – Vejo o topo das cabeças uma loura e outra de cabelos pretos. – O que vocês dois estão fazendo aqui no meio da cozinha?

– “Mamãi”! – Meu filho corre na minha direção e atira os braços para que eu o pegue no colo.

– Quero doce, Tia Lis. – Fofinha fala vindo logo atrás.

Os dois estão lindinhos, arrumadinhos e cheirosinhos. Quanto tempo isso vai durar? Eu aposto em meia hora. Ou menos.

– Não sei de nada de doce, Fofinha. – Antônio se remexe no meu colo e eu o coloco no chão.

– Sabe sim, Tia Lis. – Minha afilhada faz uma cara feia para mim, igualzinha à que a sua mãe quando está emburrada.

– Não sei não. Quem sabe depois eles aparecem?

Fofinha escuta isso e arregala aqueles olhos azuis gigantes para o meu filho.

– Vem “Peleleco”.

Ela pega a mão do meu filho e os dois saem correndo em direção ao salão.

Termino de arrumar a minha parte e vejo a porta abrindo e a Sarah correndo em minha direção. Sorrio para ela, mentalmente faço uma conta maluca pensando em quantos dias ainda faltam para ela poder ser nossa. Não tenho a mínima ideia. Mas agora é uma questão de tempo para poder ter ela como minha filha.

– Tia Elis! – A abraço e a beijo diversas vezes. – Posso ficar aqui ajudando?

– Nem pensar, teu lugar é lá no salão correndo e brincando com as outras crianças. Vamos, um, dois, três! Correndo da minha cozinha. – Sarah ri do meu entusiasmo e me abraça novamente.

A minha vontade é de contar para ela, ver a sua reação ao saber que vai ser adotada pelo AC e de quebra me ganhar como mãe. Mas me controlo para deixar tudo acontecer no seu tempo. Se contar agora só a deixaria ansiosa para saber quando pode se mudar e coisas do tipo. E sobre as leis e a burocracia, nesse país, nunca temos prazo.

Sarah me puxa pela mão em direção ao salão. Diversas pessoas já estão olhando os itens do leilão e eu espero que os lances sejam bem generosos. As crianças estão espalhadas por entre os brinquedos. Alguns pulam na cama elástica, outras na piscina de bolinha e algumas atiram bolas, para a que está sentada cair no meio das bolinhas. Vejo o Antônio e a Fofinha correndo por entre as crianças e as pessoas, se divertindo como todos.

– Olha a tia Liv lá. – Sarah aponta para uma mesa em que ela está sentada com o André, o seu chefe.

A Olívia jura que ele é gay. Ela reforçou a ideia antes de ontem mesmo, quando estava jantando lá em casa com o Luiz. Eu e o AC só nos entreolhamos, mas não comentamos nada. Das duas uma, ou ele disfarça muito bem, ou então a Olívia está completamente enganada sobre ele. Eu aposto todas as minhas fichas na segunda opinião.

Cumprimento os dois de longe e sigo caminhando com a Sarah me puxando. Vejo o Theo, tio da Su conversando com o Noah em um canto e quando chegamos perto da cama elástica eu tenho um susto.

– Mãe? – Vejo a minha mãe entrando no salão e o meu pai logo atrás. – O que vocês estão fazendo aqui?

Abraço os dois e não consigo deixar de sorrir. Até porque não é todos os dias que tenho a surpresa de ver eles na cidade onde moro.

– Apoiando a causa de vocês. – Minha mãe fala animadamente para mim. – Oi Sarah.

Meu pai me abraça e me beija, tão apertado, que eu começo a entender porque o Antônio foge de mim quando eu faço isso.

– É ela? – Ele pergunta baixinho no meu ouvido e eu entendo tudo.

Há umas duas semanas, fomos para a fazenda. Ninguém estava na escala de dormir com as crianças no orfanato e os eventos eram simples e não necessitavam da nossa presença neles. Fizemos as malas e nos mandamos para a fazenda. Precisávamos de um final de semana de descanso. E fora que a minha mãe já estava me ligando todos os dias fazendo drama pedindo que nós levássemos as crianças para lá.

E foi nesse final de semana que eu e o AC assumimos compromisso para a minha família. Claro que foi um choque e tanto, ainda mais para o meu pai. Explicar tudo para ele foi complicado, mas no fim das contas, a princípio, tudo deu certo. Para o meu pai, enquanto o AC era casado com a Olívia, ele era um cara decente e coisa do tipo. Agora que havia se divorciado e estava comigo, a coisa mudava de panorama completamente.

Pais.... Acho que nunca deixam de cuidar dos filhos. Por mais velhos que eles sejam e mesmo já tendo os seus próprios filhos.

O coitado do AC, de início, não sabia onde se enfiar. E eu não posso tirar a razão dele, meu pai é um anjo, mas não mexam com a filhinha dele. Todos os meus namorados que eu levei para a casa foi a mesma história. Primeiro a desconfiança de não saber se o cara é bom o suficiente para mim, e se ele cismava com isso, já era meio caminho andado para o ódio profundo.

Por sorte o AC foi claro e objetivo. Contou a história dele com a Olívia e soube ressaltar os pontos positivos que ele tinha. Além de apelar um pouco para o emocional do velho e mostrar que era um pai dedicado e atencioso para o seu neto. E isso tudo sem puxar o saco ou se gabar demais.

Mas a cartada final, e de mestre, diga-se de passagem, foi quando ele falou que havia entrado com o pedido de adoção da Sarah. Aí ele ganhou uma aliada perfeita: a minha mãe. E quando o meu pai viu a reação dela, perante as ações do AC com a Olívia, e agora com a Sarah, ele baixou as milhares de armas nucleares e espaciais contra ele. Mas ainda estava com os dois pés atrás.

Minha avó ficou nas nuvens. Começou a tratar o “Atchim” como o seu mais novo neto preferido. Para desespero do Noah que nunca conseguia sair do patamar de escravo absoluto das garras da D. Eulália. E eu ganhei uma missão quase impossível da minha avó. Engordar o AC. Ela disse que ele estava magrinho demais, e que eu deveria fazer como a menina gordinha, já que ela ainda não consegue chamar a Su pelo nome, e começar a fazer mais comida para engordar o moço. Me segurei para não dizer que quem cozinhava para o bando todo era eu, e se o Noah estava gordinho era graças a mim e não a Su. Mas deixei a vó ficar sonhando nas maneiras e inúmeras receitas para deixar o AC rechonchudinho.

Nem preciso dizer que ela já está cantando o AC para um casamento futuro. Sim, eu ouvi essa conversa, e salvei o AC dessa armadilha que se chama Eulália, e adverti para ela que não era para encurralar o “Atchim” assim. A Vó não gostou muito do meu recado e saiu resmungando da

cozinha, mas depois fez pudim para mim, então acho que ela entendeu o recado.

Entre batalhas e vitórias, considere esse um bom início do AC com o sogro. Ele até saiu vivo e caminhando. A princípio, meu pai, só não liberou o quarto juntos. Eu quis me intrometer no assunto e dizer para o pai que isso já estava extrapolando a linha do ridículo. Mas o AC me segurou e disse que não tinha problemas, e que os meus pais tinham muito que digerir sobre a nossa união. Estão só de birra, eu apresentei o celeiro para o AC e mostrei todas as utilidades extras que ele possui.

Olho para o meu pai que está observando a Sarah. Sei que o seu coração deve estar revivendo anos atrás quando ele brigava comigo para colocar as roupas menos coloridas, e os meus pares de sapatos. E não um de cada tipo como se fosse a coisa mais normal do mundo. Exatamente como a Sarah está vestida hoje. E como eu naquela época, adorava me vestir assim.

– Sarah, esse aqui é o meu pai. – Apresento os dois e vejo os olhos do meu pai ficarem marejados.

Afinal, não é todo os dias que um avô conhece a sua futura neta assim.

Por AC

De tanto me chamarem de inútil, eu estou sempre à procura de ter o que fazer. Seja para ajudar alguém, ou por mim mesmo. E hoje à noite não poderia ser diferente. Estou desde cedo aqui ajudando no que posso. Já descarreguei as cargas com as encomendas, arrumei toalhas nas mesas, verifiquei as ligações elétricas e tantas coisas que estavam ao meu alcance. E ajudei a servir as mesas dos convidados. Me sentir útil me faz ter um lugar no mundo.

O salão está lotado. Pessoas caminham por entre os itens do leilão. Vejo outros depositando seus envelopes com os lances nos locais indicados e me sinto com o início do dever cumprido. Essa sensação é de lavar a alma e de ver a humanidade por outro aspecto. De tantas tragédias que acometem as nossas cidades, a falta de ética e solidariedade nos jornais diariamente, que ver o que está acontecendo aqui hoje, me faz ainda ter esperança num mundo melhor para os meus filhos.

Sorriso para o nada com a frase “meus filhos”. Há um ano atrás, essa frase nunca estaria habitando os meus pensamentos. E agora percebo que a formação de uma família, foi tudo o que eu sempre quis. Nem eu mesmo sabia desse meu “desejo oculto” e quando tive essa revelação, foi como levar um soco no estômago à seco.

Viver com a Elis é uma montanha russa. Se antes eu tinha a minha vida regrada e controlada com a Olívia, hoje nem sei o que tenho. Mas me pego sorrindo sempre que me distraio um pouco, ou quando vejo ela dançando sozinha no meio da casa. E quando ela percebe que estou a observando, me puxa e faz dançar com ela sem música mesmo. Ou com qualquer uma que esteja tocando, até mesmo as de propaganda no canal infantil. E isso me faz mais feliz do que eu imaginava que alguma pessoa pode ser na vida.

Esse último mês que passei ao lado da Elis, pude perceber como eu era infeliz na minha vida. E agora, já consigo notar as minhas diferenças. Claro que não vivemos em um mar de rosas

constantes, a Elis é uma pessoa ativa e altamente explosiva. Basta uma pequena fagulha para incendiar tudo à sua volta. Com o tempo eu vou aprendendo como lidar com ela do melhor jeito, e que traga um consenso entre ambas as partes. Não é fácil a adaptação, mas aos trancos e barrancos, temos conseguido lidar com tudo isso.

Vejo alguns clientes do banco e os cumprimento com um aceno de cabeça rápido. A maioria eu sei que podem fazerem doações generosas à causa. Por uma questão de ética, não posso fazer nenhum comentário sobre isso. Mas só a minha presença e o fato que eu teoricamente sei os seus saldos, pode vir à calhar nesse momento.

Caminho por entre o salão e vejo a Sarah com o Hélió. Endireito a minha postura para parecer mais decisivo do que aparento, para falar com o meu sogro. Ironias à parte, nunca tive sorte com os meus. Meu tio me odiava com todas as forças, e o pai da Elis, depois que descobriu que estamos juntos, me tirou alguns degraus de confiança. Mas paciência é o meu nome do meio, e eu ainda vou alcançar cada um deles novamente. Até porque a minha meta de vida, além de ser um ótimo pai é fazer a Elis a mulher mais feliz desse mundo.

Eu a amo. Com todas as forças do meu corpo. Tenho essa certeza desde aquela primeira noite que passamos juntos. No momento em que eu quis dar mais prazer a ela do que para mim, tive essa revelação. Ainda não disse abertamente, com todas as palavras para a Elis. Ela surtaria com isso. Então estou esperando o momento certo para abrir o meu coração, e não matar ela do coração. Posso não falar abertamente, mas tento demonstrar em pequenos gestos.

Acordar alguns minutos antes, só para já deixar o café dela pronto, já que ela não é nenhum pouco bem-humorada pela manhã. Deixar ela escolher todos os filmes que vemos, mesmo que seja o mesmo da semana passada, e da anterior. E ainda por cima, aguentar ela babando no ator principal, e comentando comigo. Ou então aturando ela falar do Adam Levine toda a vez que ela vê ele em algum canto.

Sempre que estamos na minha casa, faço questão de ter, nem que seja um bombom de chocolate, só para ver ela gemer e revirar os olhos quando dá a primeira mordida. Ou quando ele fica um pouco no papel, e ela retira até a última molécula de açúcar de lá.

Também sou recompensado com pequenas coisas. A última dela me deixou mais de quatro que eu já estou. Agora, quando eu chego em casa do squash, ela já me espera com alguma comida especial, ou enquanto eu tomo banho, já coloca uma muda de roupa limpa na minha mala para o outro jogo. Ela cuida de mim, com a mesma devoção que tem pelo nosso filho. Chega a me ligar no horário de almoço, só para perguntar se eu não estou comendo porcaria no bar da esquina.

Pequenos gestos e cuidados fazem toda a diferença em uma relação.

– Hélió. – Cumprimento o meu sogro com um aperto de mão forte.

– Tio AC! – Sarah se vira para mim e me abraça pela cintura. Me reclino para ficar no seu tamanho e a beijo a testa paternalmente.

Sou presenteado com o mais belo sorriso e brilho nos olhos.

– As crianças já estão brincando por aí. – Digo para ela que entende o recado e começa a

olhar para todos os brinquedos a disposição das crianças hoje. Ela sai correndo em direção à cama elástica.

Dou um oi para a Agnes, mãe da Elis, que me abraça tão forte quanto uma mãe abraça um filho. Ou assim eu imagino que seja. Elis está na volta e depois que a sua mãe me solta, ela passa um dos braços na minha cintura e fica ao meu lado. Seu pai olha a cena e fica com o rosto inexpressivo. Paciência AC, muita calma nessa hora.

– Como está a D. Eulália? – Puxo assunto.

– Ótima. Disse que ia convidar uma das senhoras da igreja para passar a noite com ela. Aposto que de uma senhora, todas devem estar lá jogando bingo e fazendo a festa. – Agnes me responde alegremente.

Ela e a Elis começam a conversar e eu sinto os olhos do Hélio em mim, no jeito que estou vestido, minha postura e por último, no braço da Elis na minha cintura e o meu na dela possessivamente.

Su chama a Elis ao longe e ela carrega a mãe para o fundo do salão. Mantenho um olhar fixo no meu sogro, e então, pela primeira vez, depois das cartas estarem na mesa, ficamos sozinhos.

– Eu gostava de ti quando era casado. – Engulo à seco, mas mantenho a compostura. – Quando a Elis nos disse que tu havia aparecido na vida dela e do Antônio novamente, eu fiquei aliviado em saber que, pelo menos, tu era casado e não iria incomodar a minha filha. Até tinha ido com a tua cara, e dito que ninguém iria te incomodar lá em casa por águas passadas.

Não interrompo e deixo ele concluir. Nesse jogo de paciência para a conquista, o melhor passo que posso dar nesse momento, é deixar que ele acredite que eu sou pior pessoa do mundo e não mereça a sua filha.

– Eu sei que a Elis é crescidinha, mas ela ainda continua sendo a minha filha. E não faço mais que o meu dever, como pai, querer o melhor para ela. – Concorro com a cabeça, mas ainda continuo calado. Só o fato de não argumentar, já vai desestabilizar o conceito dele sobre mim. – Mas de uma coisa eu posso afirmar AC, – vejo os olhos dele mudarem de durão para uma coisa mais suave. – Fazia muito tempo que eu não via esse sorriso iluminado no rosto da minha filha.

Ele se aproxima mais de mim e estende a mão.

– Tu vai ser pai de uma guria linda também, e daqui uns anos vai entender o que eu estou fazendo. – O sorriso dele me pega de surpresa. Estendo a minha mão e aperto com a dele.

E selamos um acordo entre nós.

O resto da noite passa com pessoas entrando e saindo, o local onde os envelopes estão sendo depositados, cada vez mais cheio e as crianças se divertindo correndo entre todo mundo. O Antônio e a Fofinha já estão mais sujos do que estivessem correndo descalços na fazenda e roubando os doces da mesa central junto com as outras crianças.

Estamos sentados, eu, Elis, Noah, Su, Olívia e o Luiz. Meu amigo apareceu no final da festa, só para deixar a sua contribuição. E claro, adorou conhecer os pais da Elis, e para a minha

sorte, ele ficou do meu lado nessa. Pelo menos uma vez ele não me sacaneou antes de falar sério. Achei isso até estranho, mas não argumentei nada com ele. Vá que fosse apenas uma pegadinha para zoar da minha cara depois. Não iria me arriscar com esse fato, e deixei ele conversar com os meus sogros por algum tempo sem precisar me preocupar.

Os pais da Elis se despediram logo depois. Foram para ao apartamento dela onde vão passar a noite, e pelo o que ela me disse, só vieram para deixar uma contribuição e o pai da Elis, conhecer a Sarah. O André recebeu uma chamada no telefone e teve que sair às pressas, Olívia só deu os ombros para a situação.

Estamos todos cansados, menos as crianças. Meu corpo já começava a reclamar os efeitos do exercício físico sem aquecimento. A mão da Elis está grudada na minha e quando eu penso que ela se acalmou, sou lembrado que ela pode ter muito mais energia que uma criança com doses de açúcar no sangue.

– Vem comigo. – Elis me puxa pela mão.

– Para onde?

– Pular na cama elástica. – Ela tira os sapatos de salto e diz para as crianças que estão pulando ali, pela décima vez, que é a nossa vez.

– Não vou entrar aí. – Cruzo os braços contra o peito e a Elis só revira os olhos para mim.

– Vem de uma vez. Ou vai se pior para ti.

A risada dela me bate em cheio. Vejo a Elis subir na escada, entrar na cama elástica e começar a pular como uma criança. As verdadeiras crianças, riem dela e começam a pedir que eu suba também. Faço que não com a cabeça e elas insistem.

– Vem, AC – Elis grita entre um pulo e outro, e quando eu vejo, ela toma impulso e dá uma cambalhota no ar e cai de bunda no elástico. – Isso dá um frio na barriga que só. – E começa a rir daquele jeito que só ela consegue.

Ela volta a pular e a me ameaçar, e quando eu vejo, estou tirando os sapatos e entrando na cama elástica.

Elis me dá as mãos e começamos a pular juntos. Ela com mais habilidade que eu, e eu começo a perceber que ela deve fazer isso seguido para conseguir pular dessa forma. Pulamos juntos, até os meus joelhos começarem a fraquejar e eu cair de bunda com a Elis em cima de mim.

Rindo com os cabelos dela espalhados no meu rosto, eu percebo que não há momento melhor para expressar os meus sentimentos por ela. Só mesmo a Elis para me fazer pular numa cama elástica com diversas crianças rindo de nós, e convenhamos, nada pode ser mais Elis do que esse momento. Tomo um fôlego e digo as palavras que mais tentam chegar perto do que quero expressar pelo que eu sinto por ela.

– Eu te amo, Elis. – Ela para de rir do nada e tira os restos dos cabelos do meu rosto. Ajudo, colocando uma mecha atrás da sua orelha e repito. – Eu te amo, como nunca pensei que fosse possível amar alguém.

Ela sorri para mim, e caramba, esse sorriso dela me desarma todo. Delicadamente, ela umedece os lábios e chega bem próximos aos meus e fala baixinho, como se fosse algum segredo que ninguém pode saber.

– Eu também te amo, AC.

Capítulo 37

Olho para o AC dirigindo o meu carro. Seus olhos fixos na estrada. O jeito que ele passa as marchas e olha rapidamente para mim e sorri. Sua mão procura a minha e quando a encontra, a puxa e beija repetidamente. Sem nunca tirar os olhos do trânsito.

Isso me faz suspirar e voltar a minha atenção à estrada na nossa frente. O sol ilumina de mansinho os campos e traz um ar melancólico a tudo ao nosso redor.

AC canta baixinho uma música no rádio, já que o Antônio está dormindo na sua cadeirinha e conseguimos escutar uma música normal, sem ser infantil. Começo a rir baixinho e isso faz chamar a sua atenção.

– O que foi? – Rapidamente ele olha para mim.

– Nada. – Continuo a observar ele. – Te escutar cantando assim. É bonitinho.

– Não sou muito de cantar, mas hoje parece ser um bom dia.

– Só hoje? – Questiono e ele sorri mais ainda. – Ontem à noite me pareceu bem divertido também.

– Ontem à noite foi sublime. Estonteante. Maravilhosamente perfeito. – Começo a rir e ele continua. – Absolutamente incrível. Posso continuar a dizer elogios até chegar à casa dos teus pais.

– Sempre tem um celeiro esquecido por lá. – Digo seriamente, como se não fosse nada demais ir para um celeiro no meio do nada e fazer tremer as estruturas.

AC olha para mim rapidamente e eu sei que consegui chamar a sua atenção. Porém continuo na minha como quem não quer nada.

– Isso é um convite?

– Talvez... – Dou os ombros.

– Vai me deixar na expectativa, Elis? O final de semana inteiro, à espera de um convite para o celeiro? Pois saiba que eu posso ser persuasivo também.

Eita. Chego a me contrair toda lembrando de quando o AC me persuadiu da última vez. Foi bem mais que intenso. Eu posso ser uma maluca e compulsiva, mas a paciência e a persuasão do AC pode ser bem mais enlouquecedora.

– Já entendi o recado. – Ergo os braços em rendição. – Então, reformulando aquela resposta anterior... – Mudo de assunto.

– Ultimamente tem sido ótimos dias. Melhorou?

– Muito. – Estico o meu cinto de segurança ao máximo e beijo na bochecha do AC. E quando volto ao meu banco, começo a cantar baixinho junto com ele.

E o que eu achava que nunca iria acontecer, acabou se realizando.

No início era apenas uma paixão, fogo de palha. Um sentimento superficial que eu já tive tantas vezes na minha vida, e depois que se apagava, não restava nem a amizade com a pessoa. Agora posso dizer que os meus sentimentos em relação ao AC são outros. É amor. O mais belo e simples sentimento que pode habitar o coração de uma pessoa.

É o zelo constante. A vontade extrema de estar junto daquela pessoa. De se irritar com os mínimos detalhes, colocar a casa abaixo por causa disso, e cinco minutos depois, ir em busca daquele abraço que te completa. Mimar e ser mimado com gestos tão pequenos, que nem notamos, e quando não temos ele, sentimos falta.

Brigar faz parte, até porque se não fizéssemos isso, não estaríamos vivendo tão intensamente, e sim uma coisa falsa e superficial à ponto de cair na mesmice em pouco tempo. E nesse ponto, a gente tira de letra.

Eu mudei. E muito, confesso. Desde o nascimento do Antônio, a minha vida é outra, completamente diferente da que eu levava antes dele. Essa foi a minha primeira transformação. E a segunda, começou quando o AC chegou na minha vida para abalar todas as estruturas que eu possuía.

Ver ele casado com a Olívia, e com aquele olhar perdido no mundo, me faz lembrar de como ele era triste e ressentido com tudo que passou com eles. Hoje, eu vejo como a minha “intromissão” na vida deles, veio a calhar.

Nunca fui de acreditar em destino e coisa do tipo. Mas seria uma hipócrita em dizer que nunca me peguei pensando no que aconteceria se, naquela noite, eu não tivesse engravidado do Antônio, ou se o AC não tivesse saído da minha casa daquele jeito.

A Olívia será que ainda estaria viva? Pois se não fosse o AC chegando em casa mais cedo, não teria muita certeza que ele a encontraria com vida.

E depois? O seu acidente? Teria ele mesmo acontecido? Ela estaria ainda junto com o seu namorado, Jaime? E se ele tivesse mesmo acontecido, teria o AC e o pai da Liv ajeitado casamento deles às pressas para ela ter direto ao seu plano de saúde?

E eu? Como teria ficado nessa história toda?

Se tivesse engravidado e descoberto antes do parto? Como teria sido a minha reação a descobrir? Teria surtado completamente. Isso não teria dúvida, mas a questão é: conseguiria aguentar a barra de passar uma gravidez sozinha? Não realmente sozinha, tinha o Noah e a Su ao meu lado, mas enfim, deu para entender o drama da pessoa...

E se eu e o AC tivéssemos ficado juntos naquela época? Teríamos conseguido passar por tudo isso juntos? Mesmo não tendo a mesma maturidade que temos agora depois de tudo isso que passei?

No fundo, eu sei a resposta de todas essas questões.

Não. Naquela época, não conseguiríamos passar por tudo isso estando juntos. Nossos pensamentos e ações seriam completamente diferentes das que temos hoje em dia, e por isso, tenho essa conclusão. Não seria fácil passar por uma gravidez com uma pessoa que eu conhecia há apenas uma noite, e logo depois, enfrentar a barra com a Liv. Nada disso seria desculpa para o

fracasso de um relacionamento, tenho a prova viva de que o amor vence qualquer obstáculo morando no mesmo andar que eu, mas nessa situação, a história seria bem diferente. Até porque eu me conheço hoje, e me conhecia naquela época. E digo isso com todas as letras, eu não iria suportar tantos problemas em tão pouco tempo.

Claro que um raio poderia ter caído na minha cabeça e me deixado mais cabeça aberta sobre os sentimentos de amizade entre o AC e a Olívia. Mas só depois que tive o meu filho, que descobri o significado de amor incondicional e o zelo constante por quem sentimos isso.

Eu morreria de ciúme dos dois. Uma coisa completamente irracional, eu admito. Contudo essa seria a verdade. Eu não iria entender o sentimento entre eles, de irmãos e o cuidado constante do AC com a Liv. Acharia ela uma coitadinha que estava a fim do primo e queria roubar ele de mim, grávida. Eu era superficial, sei disso, e hoje agradeço por ter mudado.

Iria ser a má da história. E não duvidaria nada se não chegasse a fazer um ultimato ao AC: ou ela ou eu. Mesmo que ele me escolhesse, iria viver com o cachorro atrás da orelha, e não só as pulgas. Cada vez que encontrasse os dois juntos, e vendo o olhar do AC em cima dela, seria o inferno na Terra. Pois iria confundir o olhar com o amor fraternal deles, que só quem tem um filho compreende, com algo que nunca existiu entre os dois.

O acaso é uma filha da mãe sem coração, junto com a coincidência, a sorte, ou azar. Posso não crer nelas com tanto afinco, mas que juntas elas agiram no nosso caso para que apenas nos reencontrássemos depois de tudo isso ocorrido com todos nós, ah isso eu tenho certeza absoluta.

Continuo a olhar para a janela e ver o sol nascendo. Solto outro suspiro e seguimos a nossa viagem tranquilamente até a fazenda.

Como sempre, chegamos cedo para a vó ter o prazer em fazer o nosso café da manhã. Saímos do carro com ela já dizendo que estávamos atrasados e que já estava tudo esfriando na mesa. O Antônio e a Fofinha ainda dormiam quando entramos em casa, e isso bastou para acordá-los completamente. Largamos os pequenos no chão e já quase os perdemos de vista correndo dentro de casa.

Tomamos café com a vó empurrando comida na nossa cara. Ela disse que estávamos magros demais, e o “Atchim” precisava preencher mais as roupas, claro que eu não reclamei, até porque as pernas ossudas dele sempre me cutucam na cama e uma carinha amortecendo cairia muito bem.

A Su e a mãe saíram para o mercado, meu pai e o Yago mal terminaram de comer e se mandaram para os celeiros ver como os animais estavam, e mais tarde, atender os chamados da vizinhança. Minha vó e o Noah estavam naquele romance entre tapas e beijos deles, já nem me meto mais entre os dois, e deixo que eles mesmos se resolvam. E eu e o AC ficamos de olho nos pequenos.

Caminhamos de mãos dadas atrás das crianças pelos gramados da fazenda. As crianças resolveram brincar por entre as galinhas e patos que temos aqui e estão jogando comida para eles que correm desesperados atrás dos pequenos, os risos dos dois são escutados de longe. AC se senta na sombra no chão e eu no seu colo onde descanso a minha cabeça no seu ombro.

– Isso aqui é o paraíso. Quando eu era criança adorava brincar com as galinhas e patos que

tínhamos lá.

– Pelado também? – Pergunto me referindo ao episódio das abelhas que atacaram seu amigo lá de baixo.

– Às vezes. – Ele ri.

– Sério? – Saio do seu ombro e olho para ele procurando algum sinal de brincadeira, mas não encontro.

– Sim. Roupas era bem opcional onde eu morava mesmo. Depois dos onze anos que comecei a usar com mais regularidade.

– Tu está mentindo AC!

– Não! Estou falando sério. Ainda vou pedir os meus álbuns de infância que a Olívia salvou e te mostrar.

– Vou emoldurar algumas dessas fotos lá em casa.

– Nem inventa! Ou eu tiro uma foto tua dormindo toda desengonçada e coloco lá em casa.

– Eu não durmo desengonçada. Acho que tu está me confundindo com outra pessoa. Com quem tu anda dormindo, AC? Porque comigo não é! – Olho para ele séria, mas começo a rir. Quem não sabe que eu sou um polvo na cama?

AC ri do meu comentário.

– Sinto muito em te avisar, Linda. Mas é contigo mesmo que durmo todos os dias. – Ele beija o meu pescoço diversas vezes até começar a me fazer cócegas.

E aí eu não aguento.

Começo a rir como uma hiena desenfreada. E o AC, só de birra, começa a fazer mais forte e não para nem para eu respirar.

– Eu vou me mijar se tu não parar.

– Invente de fazer isso e eu te joga no lago.

– Para, AC! Sério! – Começo a me engasgar tentando rir e respirar ao mesmo tempo e depois de um tempo ele para.

– Amo quando tu ri assim. – Sua voz sai tão carregada de sentimentos que me fazem ser a pessoa mais bonita e sortuda desse mundo.

– Te amo, Arthur Caetano. – Beijo ele e o puxo para cima de mim.

Nos encaixamos tão perfeitamente, que até esqueço que estamos no meio do gramado da fazenda e perto do celeiro das galinhas. Só conseguimos parar quando escutamos um miado de gato, latidos, e o cacarejo de algumas galinhas. E depois, o grito das crianças.

AC sai tão rápido de cima de mim, que quase que pelo vácuo levanto junto. Ele pega as crianças no colo, um em cada braço e eu vejo o Gato brigando com um dos galos que temos aqui, e o JB colocando ele para correr de volta no galinheiro.

– Quem precisa de nós quando temos esses dois para cuidar das crianças? – Falo pegando o Antônio no colo e vendo se ele, ou a Fofinha estão machucados. Reviro os dois de cabeça para baixo, e graças que não encontro nada. Uma bicada ou arranhada de galo pode machucar, e muito.

As crianças, mesmo depois do ataque, não desistiram de irem para o chão e voltarem a brincar, dessa vez com o Gato e o JB. Bem mais calmos agora.

Espanto as galinhas e patos da volta para deixar o ambiente mais vazio para as crianças brincarem e coloco a comida deles em outros lugares mais distantes. AC senta no chão e começa a brincar com as crianças e eu chego junto deles e acompanho a brincadeira com os três, mais o Gato e o JB, sempre cuidando tudo na nossa volta.

Por AC

Eu sei que tem pessoas que gostam de arriscar a vida, mas o Noah vai assinar o seu atestado de óbito daqui a poucos instantes.

Estamos brincando com as crianças no chão. Noah caminha em nossa direção segurando um balde e faz sinal de silêncio para mim e aponta em direção à Elis que está de costas para ele.

Isso não vai prestar.

Fico em silêncio fazendo um buraco na terra onde o Antônio e a Fofinha estão brincando de fazer barro e só escuto o grito da Elis quando o Noah derruba o balde de água na sua cabeça.

As crianças gritam e começam a rir da Elis ensopada correndo atrás do Noah pelo pátio afora enquanto jura ele de morte. Tento segurar o riso, para não sofrer as consequências de uma vaca enfurecida depois, mas não consigo. O escândalo e o fiasco que ela faz é hilário.

– Eu juro que te mato, Noah! – Ela grita mais uma vez ainda correndo atrás dele.

– Eu sou casado com a Su, ameaças contra à minha vida são quase diárias.

– Vou colocar a porcaria de uma galinha e agulhas na tua cama enquanto tu estiver dormindo. – Elis consegue alcançar ele e começa a bater no Noah, os dois parecem aquelas crianças do ensino fundamental que brigam por nada.

Só que o Noah, com um braço, consegue levantar a Elis. A coloca dobrada no seu ombro e ela esperneia até ele trancar as suas pernas. Ele caminha lentamente enquanto os dois se xingam nada amigavelmente. Como diz a Su, coitada da pessoa que tentar se colocar entre esses dois.

– Toma que a vaca é tua. – Me levanto, todo sujo de terra, e o Noah joga a Elis no meu colo.

– Pode deixar que eu cuido dela agora. – Pisco para ele que assume o posto cuidando as crianças e carrego a Elis em direção ao lago da fazenda.

– Eu juro que ainda mato o Noah! – Ela resmunga enfurecida no meu colo e ainda grita algumas obscenidades.

– Fica quieta, já vamos resolver isso. Agora eu também estou todo molhado, e ainda sujo

de terra. E eu não gosto nenhum pouco de me sentir assim, tu sabe.

Sinto a Elis se agarrar mais em mim. Ela deve ter entendido o recado.

Chego na beira do lago, em uma das partes mais fundas e atiro a Elis na água, antes mesmo que ela possa falar alguma coisa contra, e pulo logo atrás e nado até onde ela está tossindo de ter engolido um pouco de água.

– Idiota. Eu não estava preparada. – Ela me joga um pouco de água na cara e eu nado até pegar ela nos meus braços.

– Eu também não estava preparado para nada que aconteceu na minha vida, mas cair de cabeça, e me afogar, foi a melhor coisa que eu fiz.

Elis muda o olhar dela, raivoso, para uma coisa mais suave, e me abraça fazendo o contraste de temperaturas. Dois corpos quentes com a água gelada na nossa volta.

– Isso é para demonstrar o teu amor por mim, ou frio? – Ela ri.

– Quer que eu responda mesmo?

– Não, pode ficar assim. – Rio e a puxo para um beijo.

.

Acredito que conquistei a Dona Eulália por vários motivos. Dei a ela o tão sonhado bisneto, que a Elis me confessou esses dias, e desencalhei a sua neta, não que a Elis goste muito desse termo. E agora, ela descobriu os meus dotes na pia cheia de louça. E assim eu vou ganhando território aos poucos.

O pai da Elis eu ainda não conquistei completamente, mas a mãe e a avó da Elis, já estão na minha. Pode parecer meio rude da minha parte falar isso, mas é verdade.

Mas como o Hélio disse no nosso último encontro a sós, vou ser pai de guria futuramente e vou passar por tudo isso que ele deve estar passando. E por falar em ser pai de mais um, cada dia que encontro a Sarah, meu coração grita mais forte dentro de mim, dizendo que ela é a minha filha.

Assim como a Olívia, todos os sábados, dá aulas de pintura, eu levo os meninos para o campo perto de onde eles estão para jogar bola. Tem vezes que sou o juiz da partida e tem outras que eu jogo com eles. Não sou tão habilidoso com a bola nos pés, e por isso sempre prefiro ficar de juiz mesmo. Gosto de ver a movimentação das crianças e terem noção de responsabilidade, de jogo limpo, de vitórias e derrotas. O esporte, além de ser ótimo para a saúde, é um bom indicador de personalidade e dar esses princípios as crianças.

Elas são incríveis. O jeito que elas me esperam no portão com a bola já na mão chega a ser emocionante. Em uma das vezes, o tempo estava feio e chovendo forte, elas nem esperavam a minha chegada no hostel em que ainda estão hospedadas enquanto o novo orfanato não é concluído. Quando elas me viram, vieram correndo na minha direção e me abraçando. Fiquei com o coração na mão com aquela recepção, e prometi para mim mesmo que nunca falharia um sábado que fosse com eles. Tivemos que improvisar alguns jogos em um dos quartos, aproveitei a minha matéria de licenciatura faculdade, e coloquei em prática algumas técnicas de

brincadeiras em ambientes fechados. Eles adoraram.

Sair de lá é a parte mais difícil de todas. Até porque, em partes, eu sei o que é passar uma infância com carência de afeto. Contudo, o que me encanta nessas crianças, é que elas são guerreiras. Nunca vi nenhuma que fosse de mal com a vida porque estavam trancados em um orfanato. O trabalho que a Raquel, os funcionários e os voluntários fazem, é especialmente para dar àquelas crianças, infâncias e uma vida como se vivessem em uma família. Claro que em escala bem maior, mas o trabalho de todos em prol delas, é incrível.

Depois do evento do mês passado, eles conseguiram arrecadar uma boa quantia em dinheiro para novas possibilidades para as crianças. A tão sonhada sala de informática com vários computadores para elas terem acesso à internet para estudarem e noções de informática, já não é mais um sonho distante e está só esperando as novas instalações ficarem prontas. E outros projetos que a Raquel apresentou a todos também estão bem adiantados. A nova sala de música, a Su e o Noah bancaram toda. Desde os instrumentos novos à estrutura da sala, feita com os mesmos materiais que eles têm em sua casa. Pela apresentação que o Theo fez para nós, o novo orfanato vai ficar mais ainda com cara de lar para essas crianças. Falta apenas alguns dias para a inauguração, e todos já estamos ansiosos para ver como ficou.

Termino de dar um trato nas painéis da Dona Eulália e caminho até a sala para ver o que todos estão fazendo. Quando chego, olho no relógio e percebo que todos já devem estar dormindo, porque eu me perdi completamente na cozinha limpando, e já é quase madrugada.

Estava pensando na vida e nos caminhos que ela toma. Há um ano atrás, se alguém me dissesse que eu estaria em uma fazenda, divorciado da Olívia, pai de um filho, em processo de adoção de outro e completamente apaixonado pela minha antiga destinatária maluca, eu teria parado no hospital de tanto rir da cara dessa pessoa. E quem diria que eu estaria aqui, completamente, de corpo e alma, com todos esses quesitos e a espera dos próximos que virão.

Me sinto mais leve e especialmente vivo. Elis e Antônio trouxeram para mim, uma luz na minha vida, que eu nem sabia que era tão essencial para a minha sobrevivência, bem mais até que o próprio sol. Posso ter o dia mais atarefado de todos na agência, com diversos problemas e trabalho sem fim, mas no momento em que vejo os dois, todos os meus pesares são esquecidos e somente coisas boas me preenchem. Até o meu pequeno cubículo de apartamento, tem mais vida quando encontro um brinquedo pelo chão, ou uma peça de roupa da Elis esquecida no banheiro. Isso me faz feliz.

Entro no quarto e vejo o Antônio no berço que era da Elis, ele está começando a ficar um pouco grande para o berço, mas toda vez que a Elis tenta colocar ele na outra cama de solteiro, que tem aqui no quarto também, ele caminha de volta para o berço com o seu pinguim esfarrapado. Dou um beijo nos seus cabelos, iguais os da sua mãe, e o cubro com o cobertor que ele já jogou para escanteio de tanto que se mexeu em poucos minutos de sono.

Procuro dentro da minha mala as roupas que trouxe para usar de pijama, e só encontro as bermudas velhas, e quando olho para a Elis na cama, ela está usando a camiseta que eu trouxe para essa função. Coloco a metade do meu pijama, escovo os dentes e deito na cama ao seu lado.

Automaticamente quando coloco a cabeça no travesseiro a Elis já vem quase toda para cima de mim. Sua perna vai para o meio das minhas, sua cabeça para o meu peito e sua mão na

minha cintura. Passo o meu braço pelas suas costas e beijo os seus cabelos, assim como fiz no nosso filho.

Ela geme e termina com uma risadinha manhosa.

– Estava sentindo saudade do meu travesseirão quente aqui. – Elis beija o meu peito diversas vezes.

– Me perdi no meio das panelas. Tua vó vai me promover a neto do ano, vai me amar mais que o Noah.

– Impossível, o Noah é o neto favorito dela. O único que descarrega um caminhão de lenha para dentro de casa, e ainda sobe no sótão para espantar os ratos de cima da casa.

Começamos a rir lembrando da cena do Noah descendo correndo da escada, branco como um papel, porque tinha visto o rato lá em cima. E depois, ele brigando com a Dona Eulália dizendo que não ia subir lá de novo para tirar o bicho de lá. Eu e o Yago tivemos que entrar no meio da parada e subir junto com ele para fazer o serviço. Teve uma hora que eu pensei que o Noah fosse desmaiar por ver o ratinho menor que a minha mão. Aquele baita homem com medo de um rato, que estava mais apavorado com a nossa presença.

Pegamos o bichinho dentro de uma sacola e trouxemos para baixo. Não tivemos coragem de matar. As crianças queriam ficar com ele para brincar, mas como não sabíamos a procedência do bicho, resolvemos soltar, bem longe do Noah e da casa. Eu e o Yago levamos para perto do lago, nas árvores com as crianças, e soltamos o ratinho que fazia mais barulho do que uma ninhada inteira. Antônio e Fofinha deram tchau para o ratinho e ele saiu correndo em direção à mata, nem olhando para trás.

– Tive pena do rato. – Elis suspira e se aconchega mais perto de mim.

– Sim, o coitado estava desesperado. E a Fofinha queria ficar com ele.

– Não duvido nada a Su comprar um Hamster, ou coisa parecida, só para assustar o Noah. Já estou imaginando ele correndo e se escondendo lá em casa se o rato fugir da gaiola porque a Fofinha foi fazer carinho no coitado e esqueceu de fechar.

– Posso arranjar um dos que o Luiz diz que tem lá no meu prédio. Com certeza devem ser bem maiores do que o que estava aqui no sótão.

Elis começa a rir daquele jeito que deve acordar quase meia casa, Antônio geme na cama e ela tenta se controlar. Quando ela se enfia no meu peito e começa a tremer de tanto rir, nem eu me seguro. E ficamos assim até que conseguimos dormir, isso depois de muito tempo rindo e conversando.

.

– Vou ficar em casa. – Digo dobrando uma esquina em direção ao meu apartamento.

– Não! – Elis geme e faz uma cara emburrada.

– Sim, tenho que trabalhar amanhã e pegar roupa limpa.

– Não... – Ela repete a ação e vira a cabeça para um dos lados.

– Quer ficar lá?

– Não... – Rio vendo ela fazer o teatro novamente e vira a cabeça para o outro lado.

– Vai ficar com torcicolo se ficar trocando a cabeça de lugar assim. – Ela ri exageradamente.

– Vou precisar de ti para fazer massagem.

– Então durmam comigo. – Sugiro no mesmo tom de malícia que ela falou sobre a massagem.

– Não dá, o Antônio está sem roupa para amanhã e eu tenho um paciente cedo no consultório. Lembra que tive que abrir mais uma manhã na minha agenda?

– Não esqueci que estou ao lado na melhor nutricionista da cidade.

– Exagerado. Mas não dá mesmo. – Ela murmura como uma criança triste que foi contrariada. – Pega a tua roupa e vamos lá para casa. – A cara de cachorro sem dono, muda para uma gatinha manhosa.

– Eu tenho um apartamento, e estou pagando por ele. Às vezes preciso aparecer nele, nem que seja para espantar as aranhas de lá.

– Na verdade... – Vejo a Elis se arrumando no banco do carro e olhando para mim com uma cara com diversas possibilidades de interpretação. – Tu sabe que está pagando isso por nada, não é?

– Como assim? – Tiro os olhos do trânsito rapidamente e olho para ela que continua sorrindo.

– Minha casa é bem grandinha e comporta nós três muito bem, e futuramente nós quatro, com a chegada da Sarah.

– Isso é um convite para morarmos juntos?

– Sim rei da inteligência. – Ela revira os olhos. – Aliás, já deixei a brecha para isso quando te entreguei a chave do meu apartamento há um tempinho.

– Era uma indireta? – Questiono alternando os olhos entre ela e o trânsito.

– Bem direta ainda. Isso funcionou com o Noah. A Su deu a chave do apartamento dela para ele, e em menos de um dia ele já estava instalado como se vivesse lá para sempre.

– O Noah é bem adaptável.

– Folgado é a palavra mais exata, AC.

– Também. – Concorde.

– Mas a questão aqui não é o Noah, e sim, nós. – Me viro rapidamente para ela e vejo o seu rosto empolgado.

– Está falando sério Elis? Nós morando juntos?

– Sim, por que não? – Vejo ela bater palmas de felicidade. – Era só uma questão de tempo

para isso acontecer. Nós nos amamos e somos apaixonados um pelo outro. Não é?

– Sim. – Não hesito e começo a rir.

– Então AC, é o que temos que fazer. Tu te muda lá para casa e começamos no nosso felizes para sempre com os nossos filhos. É “pá pum”.

– Pá pum?

– Isso aí, o final dos paranauês todos, sabe como é? – Pisco algumas vezes para ela que sorri confiante para mim.

– Acredito que sim.

– É isso aí AC, aproveita a tua última noite como solteiro, amanhã te espero com as malas lá em casa.

Elis termina de falar e ambos ficamos com um sorriso no rosto. Nunca percebi que poderia ir morar com a Elis em uma conversa tão estranha na minha vida. Mas se tratando da Elis, isso é bem aceitável.

Chego no meu apartamento e começo a arrumar as minhas malas pela segunda vez em menos de dois meses. Começo a ficar ansioso por amanhã, a minha vida irá mudar completamente. Eu irei fazer parte de uma família, com as duas pessoas que mais me completam nesse mundo. E mal posso esperar para incluir a terceira pessoa.

Capítulo 38

Por Elis

– Isso é de vocês. – Su me entrega uma pilha de roupas, que parece que é de um batalhão, e não apenas de duas pessoas e meia.

Se bem que a meia pessoa deve sujar mais roupas do que as duas grandes.

– Ainda bem que não tem como confundir as roupas. Cabe dois AC's dentro das roupas do Noah. E acho que o Noah tem mais bunda que eu, ou está quase do mesmo tamanho.

– Deixa o meu magrinho e sem bunda em paz. Adoro as cuecas pequenas dele, cabe a minha bunda, só fica sobrando, muito, na parte da frente, mas compensa em todos os sentidos. Só de pensar que não corre para nenhum lugar em que não é convidado já é uma alegria. Já estou adotando esse novo estilo.

E continuamos o nosso papo de comadres no meio do corredor entre os apartamentos. Quem vê essa nossa conversa animada, pensa que devem fazer algum tempo que não nos falamos, e não que nos vemos todos os dias. Amizade verdadeira é assim. Quanto mais tempo passamos juntas, mais percebemos que somos irmãs de mães diferentes, e que não seríamos nada sem a presença uma da outra. Por isso que eu amo essa vaca, mesmo ela sendo uma irritadinha e cabeça-dura.

Entro no meu apartamento e vejo Antônio com a cabeça enfiada dentro do armário e a bunda de fora. E conhecendo as ferinhas que tenho, aposto que a Fofinha e o Gato devem estar dentro do armário juntos. Nem sou louca de tentar descobrir o que eles estão aprontando, então sigo para o meu quarto para destrinchar essa montanha de roupa. Ligo as músicas no meu celular e começo a cantar e a trabalhar.

Como eu havia quase imposto, o AC está morando com a gente. É o mais conveniente para nós e porque esperar mais tempo? Vamos viver o agora já que o amanhã ainda não nos pertence.

Acho graça do jeito metódico dele. Tudo tem exatamente o seu lugar e o seu porquê de estar ali. O meu guarda roupa perto do dele é como se um furacão tivesse passado, se eu fosse um pouco normal, teria vergonha do meu perto do dele. Eu até me ofereci para ajudar na sua mudança, mas desisti depois de dez minutos, porque colocava uma coisa no lugar, e ele me dizia que o lugar era outro. Pelo menos ele não se irritava comigo colocando as coisas “nos lugares errados”, simplesmente tirava e me explicava suavemente o porquê que aquilo não era ali. Por fim, desisti e fui preparar a janta, percebi minha função nesse relacionamento é a de desorganizar, e não ao contrário.

E assim vamos vivendo um dia de cada vez, e um diferente do outro.

Ontem ele teve uma das primeiras entrevistas sobre a adoção da Sarah. Eu estava uma pilha de nervos e ele calmo como água de poço. Quase me prendi de tapa nele quando via ele sentado olhando TV com o Antônio, minutos antes de sair, e eu quase roendo as unhas do meu pé, porque não tinha mais nas mãos. Não conseguia entender como ele conseguia ficar tão tranquilo perto de uma coisa tão importante como isso. Quando questionei isso dele, só recebi o seu sorriso

com a cabeça meio torta para um lado e diversos beijos no meu rosto.

Se não fosse uma coisa tão boa esse carinho, eu teria dado um soco nele, para ver se ele começava a ficar nervoso com a situação ou coisa parecida. Porém, conhecendo o AC como eu já conheço, só ia ficar com a mão doendo, porque ele não iria se abalar assim.

Sáímos juntos, eu para o consultório e ele para a entrevista. Quase tive um surto digno de Elis em saber que só saberia notícias sobre como foi lá, na hora do almoço. Trabalhei parecendo uma adolescente que só ia para a aula para curtir o intervalo. Olhava para o relógio a cada segundo, e parecia que os ponteiros estavam fazendo o trabalho inverso. Acho que nunca fiquei tão feliz em sair do consultório para almoçar.

A ansiedade em saber de notícias foi tanta, que eu desci do carro em direção à praça de alimentação do shopping com o meu jaleco de trabalho. Só percebi que estava com ele quando estava entrando no elevador do estacionamento, porque me vi no espelho. Como alguém que não quer nada, retirei o jaleco cuidadosamente dentro do elevador cheio e coloquei dentro da bolsa. Claro que não consegui fazer isso nada graciosamente, e acredito que todo mundo percebeu a minha gafe de sair com o jaleco na rua.

Sai em busca do AC por todos os cantos da praça de alimentação, e quando o vi, corri em direção a ele. Parecia aquelas cenas de filmes antigos, onde os mocinhos ficaram anos separados por uma guerra e quando se reencontram a mocinha sai correndo em direção ao mocinho e se atira nos braços dele que a levanta e dá uma volta de 360° no lugar. Foi mais ou menos assim, mas o AC não pegou o espírito da coisa e não me levantou. Em compensação, ele me beijou, então saiu elas por elas no final das contas.

Novamente, eu quis bater nele quando começou a rir de mim quando comecei a perguntar desesperadamente como foi lá. Confesso que estava um pouco ansiosa e nervosa com tudo isso, e ver o AC rindo do meu jeito de ser não é nenhum pouco relaxante.

Esperei o seu acesso parar para então ele me contar como foi. Segundo ele, foi tranquilo. E para não me deixar mais nervosa, ele disse que antes de ir para a entrevista, conversou com o Luiz sobre ansiedade e o que não falar nessas horas. Achei uma bela jogada de mestre. Claro que o Sr. Certinho iria se preparar de algum jeito para essa entrevista.

O Luiz não manja de todos os paranauês das entrevistas com os psicólogos, mas sabe de alguns aspectos de ansiedade e nervosismo que os candidatos apresentam nesses casos, e o AC estava trabalhando neles nos últimos dias. Ele não me contou isso porque saberia que eu ficaria mais nervosa ainda em saber se ele estava conseguindo ficar calmo.

E eu concordo com esse pensamento dele. Eu na sua volta o incomodando a cada cinco minutos não deve ser nenhum pouco relaxante para quem está tentando se concentrar para não falhar.

Continuo o meu trabalho de dobrar as roupas e fazer as pilhas para cada morador dessa casa. E como eu desconfiava, o Antônio é o que mais suja roupa de nós todos. A música que eu estou escutando chega ao clímax do refrão e eu canto junto com todos os meus pulmões.

You are the reason that I still believe Você é o motivo pelo qual eu ainda acredito
You are my destiny Você é meu destino
Jai Ho! Aleluia

Como estou de costas para a porta, não enxergo quem chega, só sinto dois braços me abraçando por trás e começando a cantar comigo a repetição do refrão. Coloco as minhas mãos sobre as suas e cantamos juntos o resto da música.

– Como foi o trabalho? – AC me vira para ficar de frente com ele e me beija de leve nos lábios.

Claro que eu não fico satisfeita somente com esse mísero beijo e o ataco no meio do meu quarto.

– A mesma coisa de sempre. – Ele fala entre um beijo e outro que eu distribuo no seu rosto e pescoço. – O dia começou a ficar interessante agora.

Rio e me afasto dele. Seus olhos de cores diferentes brilham. Seu rosto combina mais com a sua aparente idade, do que aquela carranca triste que eu conheci quando ele ainda era casado com a Olívia.

– E o teu dia como foi? – Sua cabeça inclina para o lado, igualzinho como o nosso filho faz.

– Tranquilo. Tanto no consultório como aqui. Ainda estou toda dolorida de ontem.

AC joga a cabeça para trás e começa a rir de mim.

– Eu disse que isso iria acontecer, mas tu me escutou? – Questiona ainda rindo de mim, mas tentando estar sério.

– Não estava doendo ontem. E foi divertido.

– Claro que não ia doer ontem, tu estava aquecida, só depois dos músculos relaxados que ia doer. Eu avisei para pararmos àquela hora, mas tu não me escutou.

– Claro que não escutei, eu estava acertando a bolinha na raquete. Estava divertido.

– Muito divertido, ainda mais quando a bolinha me acertava não é? – Aí eu começo a rir do AC, lembrando dele, atirado no meio da quadra de squash com as mãos no meio das pernas gemendo de dor.

– Já pedi desculpas! Não foi intencional! Eu juro! Ainda mais que eu fiquei lesada também. Não posso fazer nada se a bolinha encontrou mais duas em ti e quis fazer amizade!

AC me olha sério, mas seus olhos não escondem o humor por trás de tudo isso. Do nada ele me empurra para a cama e cai em cima de mim. Começo a rir quando ele inicia a me beijar e subir as mãos sobre o meu corpo que se arrepia todo com o seu toque.

– Ótimas notícias, minha linda. Vi as crianças correndo em direção à casa da Su quando eu cheguei. – Arqueio o meu corpo enquanto o AC começa a puxar a minha blusa. – E nenhum dano permanente depois do ocorrido de ontem.

Por AC

A convivência com as pessoas nos faz ver os seus defeitos e qualidades. Por exemplo, a Elis cozinha super bem, mas canta mal demais. Ela consegue fazer esculturas em massas, mas não sabe dobrar uma toalha e guardar corretamente no guarda roupa. Assim como falo as características dela, com certeza ela deve listar bem mais minhas. Mas o que realmente importa nisso tudo é como isso não me abala profundamente como o “erro” das outras pessoas.

Lá na agência, chego a me morder ao ver uma pessoa fazendo uma coisa errada, já aqui em casa eu nem dou bola. Incrível como o amor nos faz amar até os defeitos dessa pessoa. Adoro ver a Elis de mau humor pela manhã me respondendo com o dedo do meio quando ela acorda e eu digo que ela está linda toda descabelada com a minha camiseta. Ou então quando ela dobra a minha roupa antes de deixar que eu guarde no meu guarda roupa, já que ela sabe que se guardar, eu vou trocar tudo de lugar depois do trabalho feito. Admiro o fato de ela não querer mudar o meu jeito de ser.

Sei que sou chato, metódico e com um pequeno início de um TOC irritante com organização, entre outras coisas. Ela não faz menção nenhuma, seja ironicamente ou com ações, de que eu sou todas essas coisas, e devo mudar. Pode parecer besteira estar falando isso, mas o jeito que ela lida com as minhas manias é único. E isso me deixa cada vez mais encantado por saber que ela está comigo, mesmo sabendo de todos os meus defeitos.

Do mesmo modo que eu nunca a mudaria. Nenhum milímetro ou fio de cabelo que fosse. Até mesmo o jeito que ela canta, ruidosamente péssimo, eu não interferiria. Só de pensar que se fizesse isso, nunca mais veria o brilho dos seus olhos no refrão, ou então o jeito que ela se entrega à música, já me dá uma dor na alma. Mais do que aos meus ouvidos.

Todos os dias que chego em casa e a vejo, seja deitada no sofá com o Antônio em cima dela olhando TV, ou na cozinha inventando alguma coisa para a janta, sinto que todos os dramas e problemas que passei na vida valeram a pena passar, para no fim a encontrar e ter ela ao meu lado.

Todo o tempo que passo ao seu lado é único. Até mesmo quando eu a levo para a academia e tento ensinar ela a jogar squash e quase saio da quadra sem poder me sentar por algumas horas. Ou mesmo em casa com um filme na TV e ela comentando o tempo todas as cenas e me entupindo de pipoca.

Ou então quando ela para na frente do seu guarda roupa e começa a tirar todas as roupas de dentro a procura de alguma para sair, como estamos fazendo nesse momento.

Além da visão dela só de calcinha e sutiã na minha frente, enquanto eu separo, metodicamente, a minha roupa e vejo o seu rosto com um semblante cheio de dúvidas sobre o que vestir.

– Não precisa exagerar Elis, é só a entrega do orfanato construído para as crianças, não é um evento de gala. Eu vou de calça e camiseta normal.

– Eu sei, mas eu não tenho roupa! – Penso em fazer uma objeção e dizer que ter mais de

dez calças jeans e inúmeras blusas e camisetas é ter bastante roupa, mas fico quieto.

– Vou vestir o Antônio e te esperamos lá na sala enquanto tu te decide. – Ela me dispensa do quarto com a mão e eu vou para o banheiro tirar o peixinho dentro do box.

Pelo menos agora ele aprendeu que só pode brincar com água dentro do box, e não no banheiro inteiro. Com alguns resmungos, termino o banho no meu filho, enrolo ele na toalha de carros que ele gosta e o levo para o seu quarto. O deito na cama e começo o trabalho de secar e colocar roupa nele.

Estamos no processo de retirar as fraldas dele. Começamos a notar pequenas mudanças nele nos últimos dias, ainda mais depois do aniversário de dois anos, há umas duas semanas atrás. A primeira de todas foi quando ele fazia alguma coisa nas fraldas e vinha para o nosso lado choramingando, já que falar não é com ele, e agarrando as fraldas. O nosso primeiro passo foi comprar um penico de sapo para ele e algumas cuecas de desenhos que ele gosta. Acreditem, pode existir cueca infantil de todos os tipos.

O processo é lento, mas temos fé que em breve estaremos livres do rombo mensal das fraldas do Antônio.

Mas o meu foco principal é ver ele falar papai. Pode ser meio egoísta da minha parte, mas eu não vejo a hora de escutar ele falando isso. Já venho há alguns dias conversando com o meu filho sobre isso, claro que ele só olha para mim e ri e repete “mamã” diversas vezes, mas eu sou teimoso. E também sei que o Luiz e a Olívia fizeram uma aposta entre eles para ver quem acerta o prazo em que o Antônio irá aprender. A aposta da Liv é que até os dois anos e meio ele consegue, e a do Luiz, depois dos três anos. Pelo andar da carruagem, espero que seja antes do prazo dos dois.

– Então, carinha. – Passo a camiseta sobre a sua cabeça. – Vamos praticar um pouco?

– Não. – Ele me responde pegando a sua escova de cabelo e quase enfiando nos olhos. Tiro a escova das mãos dele e beijo as suas mãozinhas.

– Vamos sim. Olha aqui... PA – PA – I.

– “Mamã”.

– A mamãe está colocando roupa, é PA – PA – I.

– Ana Bella. – Reviro os olhos e isso faz com que ele ria.

– A Fofinha está em casa se arrumando para irmos lá no orfanato ver a Sarah e as crianças.
– Os olhos do meu filho se arregalam com a menção da Sarah e eu continuo a falar. – É a mana Sarah, que em breve vai vir morar com o Perereco, a mamãe e o PA – PA – I.

Antônio chega a selar os lábios como se fosse formar o “P” e eu não repito o gesto com ele, para ver se ele segue o meu exemplo e fale papai de uma vez.

– Pa... – Digo baixinho.

– “Mamã”.

– Tô aqui, meu amor. – Elis chega no quarto dele. – Teu pai está te incomodando de novo

para falar papai?

Antônio sai da cama e estica os braços para a Elis pedindo colo. E assim acaba mais uma lição nossa de aprender a falar.

– Queria ver se fosse ao contrário, se ele não falasse “mamã” e sim papai a cada cinco minutos.

– O papai está com ciúmes da mamãe com o Perereco safado dela. – Elis meio que canta e grita ao mesmo tempo para me deixar mais frustrado que eu já estou. Mas no final das contas, só sorrio e abraço a minha família para sairmos juntos.

A reforma do orfanato, depois de aprovada pelo prefeito, ficou pronta em menos de 90 dias. Théó, o tio da Su, fez as suas equipes se desdobrarem para fazerem tudo perfeito e o mais rápido possível. E hoje, vai ser a primeira vez que as crianças vão conhecer as novas instalações, sua nova casa.

Tudo é novo, desde a instalação elétrica a cada cama e talher. Com a arrecadação que conseguimos naquele evento, e em mais um que a Su, Elis e Carla organizaram, a Raquel conseguiu adicionar as salas multimídias e outros itens para a formação cultural e educacional das crianças.

Chegamos junto com elas. Cada sorriso, abraço e beijo que recebíamos de cada um, era o único pagamento que precisávamos. Estávamos com a alma lavada com a emoção no rosto das crianças que nunca tiveram nada, e agora possuíam um lar completamente novo e repleto de novidade para elas.

Raquel estava extremamente emocionada com as novas instalações e a alegria das crianças. Era contagiante em todos os lugares que olhássemos.

Sarah estava elétrica. Impossível não comprar ela com a Elis quando estão alegres ao extremo. Até o jeito de quase pular no mesmo lugar de felicidade elas compartilham. Ela nos pegou pela mão e fez dar todo o tour nas novas instalações, e quando ela chegou na nova cozinha, pensei que as duas iriam ter uma convulsão de tanta felicidade ao verem o fogão industrial e os novos conjuntos de panelas que haviam lá.

– Olha essa panelona, Tia Elis! – Sarah aponta para uma que está em cima do fogão.

– Posso cozinhar a Fofinha e o Perereco nelas de tão grandes.

Vejo as duas começarem a falar sobre receitas e tudo que podem fazer nessas novas instalações e saio para o pátio deixando as minhas meninas se perderem no que mais gostam.

Encontro o Noah e o Luiz assim que saio de dentro do prédio. Sei que o Luiz ajudava um asilo para idosos com esquizofrenia e Alzheimer, prestando atendimento gratuito, e agora ele está nessa também.

– Perdi a minha esposa aqui dentro. – Noah fala olhando para todos os lados.

– Perdi a Elis e a Sarah para uma panela gigante. – Dou os ombros. – O Antônio nem sei por onde anda.

– Passaram correndo aqui não faz muito. – Luiz fala. – Ficou muito bonito o novo orfanato.

– Sim, meu quase sogro é um gênio. Aliás, – Noah olha para mim. – Ele me disse que vocês estão com planos de reforma.

– Não é muita coisa. A princípio é só o quarto da Sarah que estamos pensando em acrescentar. A Elis não se desfaz do quarto de hóspedes para os pais dela e então estamos em um pequeno dilema.

A casa dela é gigante, então teoricamente daria perfeitamente para acrescentar mais um quarto entre a sala e a cozinha. Ainda não sabemos quanto tempo mais teremos que esperar para a adoção sair em fato. Conversei com um cliente meu, que trabalha no juizado e ele me disse que nada é certo quanto a tempo. Pode demorar alguns meses, como anos. Meu advogado já não aguenta mais ver a minha cara, ou escutar a minha voz pelo telefone perguntando se já tem alguma novidade sobre o meu processo. Estou aprovado pela psicóloga e a assistente social, comprovei renda e residência fixa, só falta um pouco de boa vontade e menos burocracia para a Sarah deixar de ser uma estatística negativa e vir para a casa com a gente. Mas se tratando do nosso país...

Continuamos a conversar, como sempre fazemos. Firmamos uma amizade sólida em pouco tempo. Nos damos bem e sempre que podemos saímos para beber ou jogar boliche em um bar perto do prédio que abriu. Ou nos juntamos para ficar em casa, com as crianças, enquanto a Su e a Elis trabalham em algum evento. Se duvidar, encontro até roupa reserva do Luiz lá em casa.

Olho para o lado e vejo a Olívia entrando com um sorriso no rosto. Ah minha pequena Liv! Cada vez que a encontro, vejo que ela está mais forte e independente do que antes. Seu trabalho na loja do André está rendendo bastante e os seus quadros cada vez fazendo mais sucesso. Tudo o que ela mais queria e merece.

Ela se aproxima de nós e eu a abraço e beijo a sua cabeça, como sempre fiz. Meus sentimentos de irmão e proteção com ela, nunca irão se dissipar.

Com muito sacrifício, conseguimos instalar todas as crianças nas suas novas camas em seus novos quartos. Elas não gostaram nenhum pouco quando a Raquel deu a ordem de recolher. Estavam mais interessadas em descobrir cada canto da nova casa do que dormirem. Consegui arrastar a Elis e o Antônio a muito custo também.

Meu filho já estava fechando os olhos de tão cansado de correr que estava, mas não se entregava ao sono, ainda bem porque ele vai ter que fazer uma outra visita ao chuveiro antes de pensar em deitar na sua cama, de tão sujo que ele está.

Estamos subindo, nós sete com a Fofinha conversando pelos cotovelos contando tudo o que tinha visto e feito no novo “fanato”, como ela diz. E ainda perguntava para o Antônio que só olhava para ela com os seus olhos já vermelhos e pequenos de sono.

– Mas aí o Peleleco fez assim. – Ela agita as mãos na frente do rosto do Noah, que chega desvia para não levar um soco da filha que ainda está com a corda toda. – E o bicho saiu. “Ela” um “bichão” “gande”, maior que o Gato e o JBebê.

Escutamos a Fofinha ainda contar mais alguma história enquanto entrávamos no apartamento. Levo o Antônio direto para o banho e quando o coloco na sua cama. Beijo o seu rostinho e faço um carinho nos seus cabelos. Ligo o seu abajur no chão para iluminar

parcialmente o seu quarto e quando estou desligando a luz, ele se senta sério na cama.

– Pa...pai. – Sua voz sai tão suave que eu penso que estou tendo uma alucinação.

Volto para a sua cama e me sento ao seu lado. Pego o meu filho no colo e o beijo diversas vezes.

– Papai! – Ele repete e eu começo a rir e a meio que chorar ao mesmo tempo.

Elis chega no quarto, vestindo, como sempre, a minha camiseta velha e quando vê a cena e o Antônio falando, repetidamente, a palavra nova, se junta com a gente na cama.

Distribuo beijos entre os dois e sou recompensando com o mais puro e belo amor que eu já tive na minha vida. O amor de uma família.

Já na cama, depois de secar as minhas lágrimas de felicidade eu me viro para a Elis. Faço o seu contorno com a ponta dos meus dedos até sentir ela ficar arrepiada com o nosso contato.

– Eu te amo. – Sussurro. – Obrigado por tudo.

– Eu também te amo. Pelo tudo o que?

Sorrio. Será que algum dia ela vai ter a dimensão de como mudou a minha vida? De como a presença dela e do Antônio me tiraram, de um buraco escuro e sem fim, para a luz novamente?

– Tudo. Por me amar com a mesma intensidade que eu te amo, por cuidar do meu filho de um jeito tão especial. Por cada coisa e tudo que tu faz na minha vida.

– E onde fica o agradecimento por mudar a minha vida no momento em que me engravidou? Se tu me conhecesse antes do Antônio, nem iria me dar uma chance.

– Mentira. Tu comigo sempre teria diversas chances.

– Estou falando sério. Eu era uma maluca total antes de ter o Antônio. Nem sei como as pessoas me aguentavam.

– Então não mudou muito. – Digo tentando esconder o meu riso.

– Sem comparação daquela Elis com a de hoje. A de agora é bem melhor, graças a ti e os teus super nadadores que acertaram o caminho de primeira.

– Sempre amei as duas. A maluca que me recebia com trajes indecentes e a mãe do meu filho, e futura mãe da minha filha. Mistura perfeita e sem receita para fazer uma porção extra.

– Amo de todos os AC's que já conheci também. O carteiro que babava em mim, o irritadinho em saber que tinha um filho, e que por alguns momentos eu pensei que iria me odiar para toda a vida. O depressivo que me fez querer pegar ele no colo, mimar e encher de carinhos. E agora o super certinho que não implica com o meu jeito desorganizada de ser. Mas o que eu mais amo nele, é isso aqui. – Sua mão corre o meu corpo até ficar em cima do meu coração.

Retiro a mão da Elis e beijo o seu pulso. Ela se aproxima, até ficar completamente deitada em cima de mim. E quando as nossas bocas se encontram, eu a beijo com toda o amor que tenho por ela. A única pessoa que completa todos os meus encaixes, que aceita os meus defeitos e acentua todas as minhas qualidades. E que assim seja para todo o sempre.

Capítulo 39

Saio do carro em direção ao portão de entrada para a fazenda dos meus sogros.

Sou recepcionado por alguns dos diversos cachorros que eles possuem aqui, eles latem e abanam o rabo animadamente na minha direção. Sorrio pensando que eles devem estar por aqui para terem um merecido descanso de tantas crianças brincando com eles. Afinal, aguentar as crianças lá de casa já é suficiente para eles. Quem dirá todas do orfanato passando duas semanas de férias aqui na fazenda.

Depois de muita insistência da Elis, finalmente, ela conseguiu o apoio da Su e do Noah para convencer a Raquel a liberar essas férias para as crianças. Foi um trabalho árduo feito em conjunto. Liberações da justiça para viajar com as crianças, adaptações na fazenda para comportar todas e os preparativos para alguns funcionários virem junto para ajudar a cuidar de todas as crianças.

Meus sogros gostaram da ideia, e a D. Eulália, só faltou pular de felicidade. Até que enfim ela cozinhará para um número grande de pessoas sem errar a dosagem.

Minha única tristeza, altamente egoísta, nessa história toda, foi que eu teria que ficar duas semanas sem a Elis e o Antônio comigo. E depois mais duas semanas deles na praia. Eu não consegui antecipar as minhas férias. E isso foi uma tortura para mim. Fiquei de segunda a sexta, sozinho em casa. Sem nada para fazer, porque nem o Luiz estava aqui para me incomodar, e a Liv estava viajando a trabalho.

Olhar para as paredes nunca foi tão entediante na vida. Minha única salvação era as nossas fotos espalhadas nas paredes do apartamento. Fizemos uma sessão mês passado. Nós três, com ênfase no Antônio pela passagem dos seus dois anos. É claro que a Elis aproveitou e quase enlouqueceu a fotógrafa com diversas poses inusitadas nossas. No final do dia, o Antônio já estava de mau-humor de tanto ter que sorrir para as fotos, até eu já estava me enchendo disso, mas a Elis sempre tinha uma ideia nova. E só depois que eu vi o resultado, percebi que valeu a pena todo aquele tempo exposto aos flashes. A minha favorita, e a mesma que está de plano de fundo no meu celular, é uma espontânea nossa. Eu abraçado por trás a Elis, e o Antônio no colo dela rindo daquele jeito safado dele.

Por quarta-feira da semana passada eu já não tinha mais o que fazer em casa. Havia limpado todo o quarto novo da Sarah, que estava só faltando a peça principal. Pinteí de branco, e deixei uma parede com a cor laranja, a sua preferida. Terminamos a reforma uma semana antes da Elis ir viajar com as crianças. Diminuímos a cozinha e a sala para comportar mais um quarto e ainda um banheiro entre o quarto dela e o do Antônio. Fomos comprando os móveis aos poucos, e quando vimos, estávamos com tudo pronto para receber a Sarah, só faltava mesmo a liberação da justiça, já que eu havia passado nas avaliações de primeira.

Ligava todos os dias, pela manhã e noite para falar com os meus amores. Cada vez que escutava a voz deles, a minha vontade era de pegar o carro e ir ao encontro deles, mas passar a noite e depois voltar para a rotina, era mais doloroso ainda. Doses homeopáticas não me adiantavam. Ansiava por todos os minutos que passaria com eles.

Eu havia me tornado dependente deles, e não tinha vergonha nenhuma em admitir isso. E pela primeira vez, comecei a entender as dores do Luiz. Claro que a minha era em proporções bem menores que a do meu amigo, mas ainda assim, era difícil chegar em casa e não encontrar os motivos da minha felicidade me esperando.

Quando a sexta chegou, eu trabalhei todo o tempo com a minha cabeça voltada para o relógio do meu computador. Foi torturante, parecia que o relógio parava de propósito, tanto que eu conferia no meu celular para ver se não tinha acontecido isso mesmo. Sai do trabalho direto para a estrada, minha mala já estava no porta-malas desde quinta pela manhã.

Saudade doía no peito a ponto de me sufocar. Só consegui respirar novamente quando estava com o Antônio nos meus braços e a Elis gritando para eu não a abraçar e nem encostar nela, porque ela tinha se esquecido de colocar protetor solar e estava toda queimada do sol.

Quando ela me falou isso, eu comecei a rir da minha maluca, que de branca estava mais vermelha que um pimentão. Com muito cuidado, a beijei e matei a minha saudade das pessoas mais importantes da minha vida.

As queimaduras da Elis foram feias, tanto que eu tive que dormir no chão porque até me mexendo na cama, ao seu lado, a machucava e ela reclamava. Ela teve febre da insolação e eu passei a noite toda cuidando dela e aplicando hidratante para não piorar a sua situação. A maluca lambuzou o Antônio e as crianças de protetor solar, e esqueceu-se de passar nela antes de irem para o lago. Bem coisa de Elis mesmo.

No sábado, ela já estava melhor, mas ainda reclamando das dores. Até dos resmungos e dramas dela eu estava com saudades. Por esse motivo, ela ficou ajudando a D. Eulália na cozinha junto com a Sarah, que estava animadíssima em conhecer todos os truques da D. Eulália na cozinha. Nem preciso dizer que as duas se deram bem de cara, e até já estava chamando a Sarah de neta já. Nós não falamos para a D. Eulália que eu estava em processo de adoção dela, porque sabíamos que ela não iria guardar segredo e poderia contar para a Sarah. Vai ser uma surpresa, para as duas.

Eu fui para a rua com as crianças. Brinquei com elas, joguei bola, nadei no lago e ainda tive que ensinar outras a andar a cavalo. Mesmo que eu tenha feito isso apenas uma vez aqui. Hélio e Yago me ajudaram nessa tarefa. Já que são mais acostumados com isso. Noah e Su estavam cuidando da parte de organização e distribuição das tarefas para as crianças. Ou melhor, a Su estava e o Noah fazendo o trabalho bruto da coisa. Como estavam todos lá, tivemos que montar um cronograma de atividades para deixar todas participarem. Os comboios eram divididos e mudados a cada dia, enquanto algumas ajudavam alimentando os animais, outras saíram para o lago e algumas brincavam espalhados, e assim sucessivamente.

A fazenda estava cheia de risos, brincadeiras e gritos animados para todos os lados. As crianças estavam adorando essa “vida ao ar livre” que só a fazenda poderia oferecer. Nenhuma reclamou de nada, ou ao menos ficou emburrada por não fazer tal coisa. Até o Gato estava sociável e mais calmo, nem arranhou o Noah naquela semana.

Comecei a ficar nostálgico no domingo depois do almoço, pois sabia que logo que a noite chegasse, eu teria que voltar para casa para mais cinco dias longe deles, e teria que ficar trancafiado no banco até a outra sexta.

Quando eu entrei no carro, já tarde da noite. Senti o meu coração saindo do meu peito e ficando na fazenda com a Elis, Antônio e Sarah. Chegar em casa sozinho era tão deprimente que, depois que liguei avisando que já estava em casa, fui direto para cama.

Segunda e terça-feira passei no automático. Na quarta eu já estava quase surtando. E começo a pensar que estou começando a ficar parecido com a Elis, dramático e exagerado. A manhã daquele dia foi monótona pelo fato de ser férias e quase toda a população estar nas praias ou em casa enfiados no ar-condicionado das suas casas. Meu celular tocou com um número estranho e eu hesitei em atender, mas por algum instinto, quando atendi, tive uma surpresa com o assunto que se tratava. Só não chorei de emoção, porque estava no meio do expediente no banco.

Pela primeira vez, em não sei quanto tempo de trabalho no banco, eu pedi liberação para sair do expediente mais cedo. Contei para o meu gerente e superior os motivos de ter que fazer aquilo. Ele compreendeu e ainda me desejou sorte nessa nova etapa de vida que eu estava começando.

Tive toda a tarde de ontem e o início da manhã de hoje para resolver todos os assuntos burocráticos da situação. E antes de sair para cá, deixei todos os papéis necessários na agência para dar entrada no meu período de licença que me foi concebido.

Estaciono o carro nos fundos, sem ser percebido por ninguém, além dos cachorros. Até porque ninguém sabe da minha vinda para cá. Ontem quando liguei para a Elis, não mencionei nada, e a tratei como sempre fiz, com drama de ciúme e exageros. Até porque tenho a rainha de tudo isso convivendo comigo e já aprendi alguns macetes.

Avisto Hélio e vou ao seu encontro. Minha relação com o meu sogro está cada vez melhor. Mantive a minha conduta e promessa de fazer a sua filha feliz, e isso me colocou quase no mesmo patamar que eu estava quando eu o conheci, e ainda era casado com a Olívia. Entendi todos os receios dele comigo e trabalhei para mostrar que ele não precisava se preocupar. Admiro o Hélio como pai e pessoa. Quero, um dia, representar para os meus filhos, o mesmo que ele representa para a Elis, um exemplo de pai extraordinário e que meta medo no genro.

Converso com ele sobre a minha vinda. E, quando comecei a falar os motivos, ele já entendeu sobre o que se tratava a minha visita. E, ao comentar a minha segunda intenção, vi o seu olhar mudar e recuei um passo. Deixei ele digerir o que eu falei em silêncio. Não desistiria, mas ter a sua bênção era primordial, mesmo que ela não viesse naquele instante.

– Isso é rápido, não? – Sorrio com o seu questionamento. Tomo um fôlego e começo a falar calmamente.

– Tudo que é relacionando à Elis é rápido demais. Acredito que o que eu quero fazer é o certo, por tudo que nós já passamos. Eu amo a sua filha desde a primeira vez que eu a vi, só que as circunstâncias nos separaram. Eu acredito que não há momento mais propício que agora.

Vejo ele suspirar e aguardo a sua resposta. Buscar a aprovação para tudo sempre foi uma meta minha. E agora, mais do que nunca, espero ela do meu sogro para enfim conseguir realizar um sonho tão antigo meu. Formar uma família.

– Eu sei que a Elis é um caso sério de estudo para ver de onde ela tira tanta impulsividade. Mas eu vejo como ela é diferente ao teu lado, e nada me faria mais contente do que ver ela feliz.

Seu sorriso é a confirmação que eu precisava. É isso aí AC, mais um aliado na família. A vaca não me escapa mais.

Hélio me puxa para um abraço. No início eu estranhei o afeto. Mas retribui o abraço ao meu sogro com a mesma intensidade que recebi. E percebi, que indiferente da resposta da Elis, eu já era parte de uma família.

Entrei na casa e fui direto para a sala. A mesa já estava posta e algumas crianças já almoçavam. Me encostei no lastro da porta e fiquei observando a cena a minha frente. Elis servindo o almoço para as crianças menores e rindo com elas. Meu coração perde algumas batidas e eu tenho um pequeno ataque cardíaco ao ver ela ali.

Como é possível que cada vez que eu a vejo, ela ficar mais bonita? Será que isso é uma formula mágica que ela usa para me enfeitiçar a cada vez que eu coloco meus olhos nela?

Antônio se vira na minha direção com o rosto todo sujo de feijão. Ele está em uma época que quer fazer tudo sozinho, desde comer à tomar banho. E nós estamos deixando ele começar a criar um pouco mais de independência, mesmo quando ele se lambuza mais do que realmente come. Meu filho abre um sorriso para mim, sai da cadeira em um pulo, assustando todos na mesa, pois parecia que ele havia caído e corre na minha direção.

– PAPAI! – Pego o meu filho no colo e o beijo repetidamente, mesmo que com isso me suje de feijão também.

– Oi, meu filho, eu estava com tanta saudade de ti.

– Eu também! – Sua voz ainda me causa uma mistura tão grande de sentimentos que eu nem sei como descrever eles. E quem diria que depois que ele falou “papai” pela primeira vez, a sua torneirinha de novas palavras se abriu e ele parecia um papagaio repetindo o que ensinávamos para ele.

Claro que ele só usa o seu arsenal quando precisa, e ainda continua o mesmo Perereco safado e risonho de sempre.

– O que tu está fazendo aqui? Desistiu de te enfurnar naquela agência? – O sorriso que a Elis faz para mim é tão espontâneo, que eu me sinto o homem mais sortudo do mundo por receber ele.

– Senti saudades. – Largo o Antônio no colo e puxo a Elis para os meus braços. E ela se entrega a mim com a mesma intensidade de sempre.

A beijo até escutar as crianças fazerem som de nojo para nós. Começamos a rir e eu solto e beijo a ponta do seu nariz.

– Já posso te agarrar agora? – Brinco com a situação dela de semana passada com o sol, já que senti o cheiro de protetor solar nela.

– Sim, só que eu estou escamando agora. O Noah está me chamando de cobra. Mas eu me vinguei dele.

– Só imagino o que tu deve ter feito. – Me perco no brilho dos teus olhos enquanto ela me conta a sua traquinagem.

– Digamos que a porta do celeiro das galinhas ficou aberta e meio que elas foram empurradas para onde ele estava.

Elis me pergunta novamente o que eu estou fazendo aqui na fazenda no meio da semana e eu me controlo para não ser impulsivo e estragar toda a surpresa que eu vim arquitetando na minha cabeça enquanto ela viajava.

Eu amo a Elis com todo o meu coração. E para ela, não admito nenhuma ação minha que não seja no mínimo à altura de tudo que ela representa para mim.

Por Elis

Terminamos de servir o almoço para as crianças, e algumas vão se deitar na grama, a sombra, embaixo das árvores em frente à casa.

Sorrio para cena à minha frente. AC e a vó lavando a louça. Não consigo me conter e o abraço por trás e beijo as suas costas enquanto ele trabalha.

Há muito tempo a Su me disse que ficava meio desolada quando o Noah não estava em casa ao seu lado, naquela época em que ambos estavam lutando contra o câncer do Yago. Estranhei esse fato completamente, até porque quem conhece a vaca da Su, sabe que isso não é, nenhum pouco, procedente da sua personalidade. E também não entendia a necessidade dos dois estarem sempre grudados assim... Bom tudo isso até eu ter o AC na minha vida. Aí a história inverteu e eu comecei a conhecer o outro lado da moeda.

Essa metade de semana, e a que passou, se não fosse a atividade intensa com as crianças, eu teria surtado legal sem a companhia dele ao meu lado. Pode parecer loucura essa falta que senti, mas ela doía no fundo do meu peito.

Senti falta dos seus braços na minha cintura pelas manhãs, dos beijos roubados no meio do dia e do jeitinho quieto dele em contrapartida do meu acelerado. Estar ao seu lado me acalma e me faz pensar um pouco antes de agir. Claro que eu ainda continuo a impulsiva sem filtro entre o que pensa e o que fala, mas a presença do AC faz isso ficar menos evidente do que o costume. Só ele me compreende e sabe como lidar com os meus dramas e deixá-los insignificantes a ponto de não fazerem mais sentido. Como ele faz isso? Não sei, parece mágica.

Convivemos muito bem. Educamos o nosso filho e dividimos as obrigações e despesas de casa. Ele aguenta os meus surtos de drama, escândalos e fiascos. E eu o seu hábito de limpeza extrema e tudo metodicamente no seu lugar. Quem nos vê de fora, deve pensar que somos o casal mais chato da face da terra. Só que nunca.

De um jeito ou de outro conseguimos quebrar a nossa rotina quase que diariamente. Seja por uma arte do Antônio ou alguma coisa que inventamos. O AC topa tudo que eu invento, seja ir ao mercado em dia de pico, ou então ir no shopping comprar uma blusa, mesmo sabendo que eu corro o risco de ir em todas as lojas disponíveis. E ainda desfilar para ele e pedir a sua opinião, que sempre é honesta sobre como a roupa está em mim.

Eu também topo todos os programas que ele propõe. Desde os filmes de ação no cinema, mesmo comigo narrando o filme ao seu lado, ou então jogar squash na quadra. Não que o meu desempenho tenha melhorado muito desde o início. É tão fofo ver ele tentando desviar das

boladas que eu dou nele e depois tenta me explicar, mais uma vez, como se deve jogar. Somos um casal parceiro e nos damos bem em todos os aspectos.

– Ainda quero saber o que tu está fazendo aqui. – Distribuo mais alguns beijos nas suas costas o fazendo se arrepiar todo.

– Calma Elis, daqui a pouco eu te conto.

Calma. Essa é uma palavra que não faz parte do meu vocabulário.

– Injusto isso. Quero saber de tudo agora. – AC para de lavar a louça e se vira para mim. Suas mãos molhadas agarram a minha cintura e ele me puxa para um beijo que eu nego. – Sem beijo até saber o que eu quero.

– Elis, deixa o Atchim lavar a louça em paz. – A vó se mete no assunto e corta o meu barato. – Vai lá ajudar o Noé e a Gordinha.

AC ri de mim e volta a lavar a louça sossegadamente. Saio pisando duro da cozinha como uma criança emburrada que não conseguiu roubar o doce antes da hora. O AC me paga.

Encontro o Antônio brincando com a Sarah e a Fofinha na sala. Meu pai está sentado no sofá olhando as crianças brincarem com um sorriso cheio de significados no seu rosto. Me sento ao seu lado e ele quase me puxa para o seu colo.

– Fui expulsa da cozinha. A vó me correu de lá.

– A velha está insuportável – rio do seu comentário. – Ela só tem olhos para as panelas dela. E agora que o AC chegou, vai ficar pedindo para ele limpar a cozinha.

– E ele nem gosta de uma limpeza. Tenho medo de que um dia o AC me troque pela vó. – Suspiro dramaticamente.

– Impossível. – Meu pai me dá um beijo nos cabelos. – Aquele ali não te troca por nada, muito menos pela velha rabugenta.

Sorrio para o meu pai, vendo que ele está aceitando a minha relação com o AC bem melhor do que eu esperava. E chego a uma conclusão, deve ser impossível não se apaixonar pelo AC.

Sarah sorri para mim e eu saio do lado do meu pai e caminho em sua direção. Sento no chão ao lado dela e a puxo para um abraço. A espera em aguardar a sua liberação do juizado para a sua adoção me deixa em cólicas. Por mim, quando o AC disse que estava liberado e só faltava a assinatura do juiz, já teria levado a Sarah lá para casa com a gente. Cheguei até cogitar a ideia com a Raquel, mas ela não me autorizou. E quase brigamos por isso. Ainda não me conformo.

Passo as mãos nos seus cabelos, que já estão crescendo novamente. Meu coração já considera a Sarah como minha filha e nada do mundo vai mudar essa situação. Antônio se aproxima de nós e senta no meu colo. Me sinto uma vaca com seus terneiros em volta.

– Mamãe, vem “bincá”. – Perereco fala olhando para mim com aqueles olhos diferentes iguais aos do seu pai e a sua expressão também idêntica a dele. E assim como eu não consigo negar nada para o AC, também não resisto ao charme do meu filho e começo a brincar com eles.

.

– Dá onde tu tirou esse boné ridículo dos correios? – Pergunto para o AC que me puxa em direção à uma área verde da fazenda.

– Achei enquanto estava arrumando o guarda-roupa. – Ele dá os ombros e logo emenda outro assunto aleatório.

Conheço o AC, e ele quer me contar alguma coisa. Deixo ele falar de como o movimento no banco está parado e de como a previsão do tempo está descontrolada nesses últimos dias. Chegamos em um ponto em que conseguimos enxergar o pôr-do-sol a nossa frente, magnificamente lindo.

– Chegamos. – Ele fala e coloca as mãos no bolso.

– Chegamos... E? – Olho para ele procurando respostas para o porquê de tanto mistério.

Ele começa a engolir a seco e eu seguro o riso. Ele está nervoso com alguma coisa, e pelo o jeito que está agindo, deve ser alguma coisa boa, pois a sua reação se a coisa fosse ruim, não seria tão fofinha assim.

AC se aproxima mais de mim, com esse boné ridículo dos correios, e pega as minhas mãos e as beija.

– Tu sabe que eu te amo, não é? – Sua voz sai como um sussurro, atingindo diretamente a minha alma.

– Sim, e tu sabe que eu também te amo. – Ele sorri para mim e continua a falar e eu começo a me derreter toda.

– Tu foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida, Elis. Eu só tinha decepções e problemas nela antes de te conhecer e saber da existência do Antônio. Eu ainda me acho um idiota pelo jeito que eu te tratei quando descobri a existência dele e... – Tento fazer a menção de o interromper, para que saiba que a sua reação foi extremamente compreensível, mas ele não deixa eu falar e continua. – Eu sei que tu já me perdoou por isso, mas eu nunca vou esquecer. Mas enfim, quando eu comecei a realmente te conhecer, como pessoa, mãe do meu filho e acima de tudo, como mulher, eu pude ter um vislumbre do que é ser feliz. A cada dia que eu passo ao teu lado, aprendo uma nova forma de ser feliz, e acima de tudo, de te fazer feliz. Para mim não há nada mais bonito do que ver o teu sorriso para mim.

Tento me controlar, mas não consigo e sinto as lágrimas se formando no fundo dos meus olhos. AC sorri para mim, com aquele mesmo semblante que me conquistou a primeira vez que o vi, e usando esse boné ridículo também.

– Eu fiz uma promessa para nós quando vi que não poderia mais viver sem vocês dois junto comigo. Nela eu me comprometia em sempre me esforçar para ser o melhor para ti, o Antônio e agora a Sarah. E quando eu prometo uma coisa, Elis, eu cumpro.

AC solta as minhas mãos e se ajoelha na minha frente. E eu prendo a respiração, porque isso só pode significar uma coisa.

– Isso pode parecer bem clichê – ele dá os ombros meio que se desculpando – mas é tudo

o que eu consegui arrumar em poucas horas. Eu estava esperando o momento certo chegar já faz um tempo.

Vejo ele enfiando a mão no bolso das suas bermudas e tirar uma caixinha de lá. E nesse momento eu penso que vou desmaiar. Lágrimas jorram dos meus olhos e fazem a cena fica toda borrada na minha frente.

– Elis, tu aceita ser a minha...

– Sim! – Nem deixo ele terminar a frase e já respondo sem hesitar. – Sim, sim, sim, sim e sim! Um milhão de vezes sim!

AC sorri para mim e abre a caixinha com duas alianças dentro. Coloco as mãos na boca quando ele puxa a mais fina e estende em minha direção.

– Eu sei que poderia ser um anel mais luxuoso e coisa do tipo, mas eu prometo que compenso futuramente, talvez quando o meu salário subir ano que vem.

Tenho vontade de dar um soco na cara do meu futuro marido por me falar isso nesse momento tão mágico. Para mim não importa se for um anel cravejado de diamantes ou o mais simples de R\$1,99 que tem no camelô da esquina lá de casa. Até aqueles de bala iam servir. E eu sei que nós gastamos muito com a reforma do apartamento e as compras para o quarto da Sarah, e fora que o AC ainda paga o financiamento do seu carro e do apartamento em que a Olívia mora.

Ele pega a minha mão direita, delicadamente e a beija antes de colocar a aliança no meu dedo. E por incrível que pareça, ela serve direitinho. Isso é raro acontecer, ainda mais nos meus dedos esqueléticos.

– Eu usei a medida de um que encontrei nas tuas coisas. Espero que fique confortável. – Envergonhadamente meu lindo fala.

Olho para o fio de ouro na minha mão e me encanto como a peça ficou perfeita na minha mão. AC se levanta do chão e sorri para mim. E eu não penso duas vezes antes de me atirar nos seus braços e o beijar.

Eu estava tendo o meu “felizes para sempre”. Depois de pensar que essa coisa de amor não era para mim, percebi que na realidade, eu só estava me preparando mentalmente para realmente viver intensamente o amor que eu sempre sonhei.

AC beija as minhas lágrimas de felicidade e encosta a testa dele na minha.

– Eu te amo.

– Eu também, minha linda. – Ele beija a minha testa e eu me lembro que ainda há uma aliança na caixinha que está na sua mão. – Pode ler o que tem dentro dela.

Pego a aliança e aproveitando a luz do sol, que está começando a desaparecer no horizonte e vejo as letras gravadas no metal.

AC + E. = A. S.

E de tão emocionada, e com as mãos tremendo, antes de colocar a aliança no AC eu a

derrubo no chão no meio da grama. Bem desajeitada mesmo. Me agacho no chão e começamos a procurar a aliança, começo a entrar em desespero. AC pega o seu celular e liga a lanterna para ajudar na procura, e só assim conseguimos encontrar.

– Ok, agora vai. – Digo rindo do meu vacilo. Se em estado normal já sou desajeitada, imagina nervosa desse jeito.

Pego a mão do AC e olhando nos seus olhos, o espelho dos seus sentimentos, empurro a aliança para o seu lugar. E depois disso me atiro nele, que como não esperava essa reação minha, cai de bunda na grama comigo em cima dele. Começo a beijar o meu noivo como se não houvesse amanhã de tão feliz que eu estava.

– Calma que ainda tem mais coisa, Elis. – AC se contorce em cima de mim e começa a procurar outra coisa no seu bolso.

Será que eu estou preparada para mais uma surpresa hoje? Se com esse pedido de casamento eu já fiquei eufórica, o que mais o AC poderia ter deixado para o final, eu não penso em mais nada que...

– Ai meu Deus! – Falo me lembrando de uma coisa que estamos esperando há um bom tempo.

AC sorri para mim maliciosamente e me entrega um papel. Com a delicadeza de uma vaca em uma loja cheia de cristais e eu desdobro a folha sentada em cima do AC como se não fosse nada de mais. E quando começo a ler o conteúdo, começo a chorar novamente.

– Eu recebi a ligação ontem pela manhã. Desde as dezesseis horas de ontem, eu sou oficialmente o pai da Sarah.

Ele senta e fica com o rosto bem próximo do meu. E eu enxergo as suas lágrimas de felicidade. A noite chega e nós ficamos ali, conversando e fazendo planos para a nossa família.

.

A semana passa mais rápido do que eu e as crianças queríamos. Estamos nos despedindo delas que voltam para o orfanato, e nós seguimos para a praia, onde vamos aproveitar as outras duas semanas de férias que temos.

AC fica rindo da minha cara quando eu começo a ficar fazendo a contagem regressiva para os finais das minhas férias, já que ele, com a liberação da adoção da Sarah, ganhou licença paternidade por quatro meses para adaptação das partes. Para quem quase sempre vendia as férias para ganhar mais, ter quatro meses é o paraíso.

Meus pais e a avó, amaram a notícia dupla, o nosso noivado e a liberação da adoção da Sarah. A Su e o Noah ficaram empolgadíssimos quando os convidamos para serem nossos padrinhos, e tenho certeza que o Luiz e a Olívia também vão ficar quando nós os convidarmos também.

As crianças já estão dentro do ônibus esperando a partida e eu e o AC estamos prontos para contar para a Sarah a sua adoção. Sim, nós fizemos suspense para ela até agora.

– Está pronta? – AC fala para mim e pega na minha mão.
– Estou quase surtando aqui. – Respondo e ele ri do meu comentário.
– Estranharia se não estivesse, linda. Vamos lá que chegou a hora. – Ele me puxa para dentro do ônibus onde a Sarah está.

Passamos por todas as crianças, que estão se despedindo da fazenda e dos bichos que conheceram e chegamos no banco em que a Sarah está sentada sozinha.

– Sarah, vem aqui que precisamos conversar contigo. – Ela olha assustada para nós. E mentalmente eu me freio para não falar de uma vez e estragar a surpresa. Bendito seja o AC e a sua paciência de anjo.

– Aconteceu alguma coisa? – Ela pergunta baixinho, com medo de que nós fossemos dar alguma bronca nela ou algo do tipo.

– É que nós te... – AC aperta a minha mão e eu me freio. Como ele consegue estar tão calmo em um momento como esse?

Realmente essa capacidade dele me surpreende cada vez mais.

Saímos do ônibus, nós três, e quando entramos dentro de casa, ele parte com as crianças para casa. Sarah fica com os olhos arregalados para nós a sua volta. Eu já nem falo mais nada, só deixo o meu noivo (sim, eu amei essa nova expressão), assumir o controle do show. Ele comanda e eu faço a bagunça depois. Para ficar mais democrático.

Vamos até a sala em silêncio. AC senta no sofá calmamente e me puxa para o seu lado e ainda passa as mãos pelo meu ombro. Como tudo foi programado, Antônio aparece na sala, sozinho e corre em direção ao nosso meio e a Sarah fica cada vez mais apreensiva com a cena toda. Ela viu o ônibus partindo sem ela e quando fez menção de comentar alguma coisa, o AC puxou ela para dentro de casa.

Sua mala, com as roupas, estava em cima do outro sofá, contrário ao que ela se sentou. Começo a balançar a perna, louca para dar um soco no AC e fazer ele abrir a boca e começar a falar. Ficamos nesse silêncio por alguns instantes, até que finalmente, vale a pena repetir, finalmente, ele começa a falar suavemente.

– Algumas coisas vão mudar a partir de hoje, Sarah. – Até o Antônio fica parado observando o seu pai falando nesse tom tão calmo e inciso. Já eu estou me correndo por dentro para chegar a parte em que nós nos abraçamos e começamos a chorar de alegria desesperadamente.

– Como assim, tio AC? – Seus olhos se arregalam e vejo a Sarah começar a ficar assustada. Ai coitadinha da minha filha! Vou matar o AC por tanto suspense.

– Começando por esse “tio AC” e “Tia Elis”. – Ele olha para mim, e eu entendo o que ele significa.

Ele deu a deixa para eu dar a notícia. Meu coração dá um galope e eu começo a ficar nervosa e com medo de estragar todo esse suspense todo. Afinal, não é apenas uma notícia feliz. É a mudança de uma vida. E também a de todos nós.

Adotar não é um simples ato de caridade. É a materialização de um amor que nasce e não se diferencia por ter laços de sangue ou não. Não adiantar tirar uma criança de um orfanato, levar para casa e não amar incondicionalmente e tratar com diferença em relação aos filhos biológicos.

Ao dar o passo de se engajar em uma adoção, diversos pontos têm que ser reavaliados internamente. Eu, quando tive a pretensão inicial de entrar com o processo, pensei muito antes de dar esse passo. Sabia que amaria a Sarah como se ela estivesse saído de dentro de mim, e nunca na minha vida, faria distinção entre ela e o Antônio. E sei que o AC também pensou e repensou nesses pontos muito mais vezes do que eu. E por isso estamos prontos para sermos pais novamente.

A chegada da Sarah em nossas vidas vai ser mais um elo entre nós. Vamos ser responsáveis pelo resto da sua criação, bem como para toda a sua vida. Iremos apoiar e respeitar cada opção dela, aconselhar e ensinar tudo o que pais devem passar para os seus filhos, para que com isso sejam pessoas melhores no futuro.

Tenho como exemplo os meus pais, que até hoje são o meu porto seguro. Aqueles que me apoiaram quando eu tive o Antônio, e não me julgaram pelas minhas ações. Eles que não mediram esforços para me criarem e que se eu precisar, até hoje posso contar com eles em cada decisão que tomo na minha vida.

Quero ter para a Sarah e o Antônio, o mesmo significado que os meus pais são para mim, e sei que o AC compartilha dos mesmos pensamentos que os meus.

Olho para a Sarah, tão assustada, no auge dos seus onze anos, olhando para nós tentando imaginar o que as palavras do meu noivo significam. Olho para o AC, e recebo todo o apoio que preciso para dar essa notícia. Sua mão aperta a minha e eu tenho o impulso que faltava para continuar a conversa.

– Sarah, as palavras tio e tia, podem começar a sair do teu vocabulário quando tu te referir a nós. Achamos que as palavras – minha voz começa a falhar e eu sinto as primeiras lágrimas despontarem dos meus olhos. Limpo a garganta e recomeço a frase novamente. – As palavras pai e mãe são melhores.

Ela arregala os olhos para nós.

– Como assim? – Questiona com a sua voz quase saindo como um sussurro.

AC puxa o papel, aquele que eu estou desde quinta à noite amassando e relendo, e mostra para a Sarah a cópia da sua nova certidão de nascimento com o nome de Sarah Reniè e tendo como pai, um certo Arthur Caetano Reniè.

Esperamos a sua reação ao ler o papel. Aperto a mão do AC e coloco a outra nas costas do Antônio que está quietinho, por milagre, observando a cena a sua frente.

Sarah movimenta a boca silenciosamente enquanto lê o papel amassado. Ainda bem que o AC fez cópia, senão segunda já teria que ir atrás de uma segunda via da certidão dela. Ela ficou passando de mão em mão pelo pessoal que queria ter a prova viva de que tudo estava certo agora.

– Vocês me adotaram? – Sorrio no meio do meu choro. E quando olho para o AC, vejo as

suas lágrimas escorrendo mais que as minhas.

– Sim Sarah, eu te adotei. Tu é minha filha, e de quebra, – ele pisca para mim, – da Elis também, linda. Tu não vai mais voltar para o orfanato. Teu lugar agora é lá em casa, temos um quarto novo para ti te esperando já faz um tempinho. Estávamos só esperando a liberação sair para te contar.

Olho para o Antônio que está alternando o olhar entre o seu pai e a sua irmã. Como eu estava treinando com ele desde ontem à noite, me aproximo do seu ouvido e repito a frase que nós estávamos ensaiando para hoje. Perereco olha para mim e sorri daquele jeito safado que só ele consegue fazer, e fala a frase completa.

– Mana “Sala”. – E depois se esconde no meu peito com vergonha.

Começamos a rir do Antônio e o seu jeito de falar. Limpo as minhas lágrimas e me volto para a Sarah, ainda estática com a notícia.

– Tudo bem, filha? – Me emociono por usar essa expressão pela primeira vez.

– Sarah? – AC a chama também e olha para mim assustado. Apenas dou os ombros e voltamos a olhar para ela.

E quando os nossos olhares se cruzam, ela corre para nós e tenta abraçar nós três ao mesmo tempo. Até o Antônio entrou no meio de sanduíche sem reclamar.

Abraço a minha filha, meu filho e o meu noivo pela primeira vez desde que somos uma família. E quase tenho um colapso nervoso de tantos sentimentos que se passam entre nós.

Sarah começa a chorar e a falar que era o que ela mais queria no mundo era ser adotada por um de nós. E não acreditava que o seu maior desejo estava sendo realizado e por nós dois. Acalmamos a nossa filha e contamos para ela como estávamos felizes de ter ela na nossa vida.

Estávamos completos. Depois de cada um de nós passarmos todas as provações que uma pessoa pode aguentar, estávamos prontos para seguirmos com a nossa vida juntos em busca da felicidade.

Saímos da sala em direção à rua onde a minha família e nossos amigos esperavam ansiosamente para que tivessem notícias nossas de como foi contar para a Sarah que ela teria uma família completa.

Ela sai na frente correndo com o Antônio, louca para contar a novidade para todos. Nem parece uma certa vaca maluca e ansiosa que eu conheço. AC me puxa para um abraço e um beijo.

Olho para o homem que eu amo e pai dos meus filhos. Pelos seus olhos enxergo tantos sentimentos lindos que me perco em cada um deles. Amor, amizade, confiança, afeto, respeito, alegria, felicidade, compaixão e compreensão. Todos formam uma rede sólida de proteção e a promessa de uma vida nova com a nossa família.

Fim.

EPÍLOGO

Por AC

Eu sei quando alguma coisa não está certa. E com certeza, a Elis não sabe disfarçar também.

Tudo começou com a ligação no meio do meu expediente no banco hoje no meio da manhã, com ela me convidando para almoçarmos juntos. Isso não é raro, longe disso. Conseguimos manter uma rotina boa de almoços juntos, ainda mais quando ela sai do consultório, pega a Sarah e o Yago na escola e nos encontramos aqui no shopping. Dependendo do dia, ela ainda traz a Fofinha e o Antônio e almoçamos todos juntos numa bagunça generalizada.

Mas hoje a coisa está bem diferente do habitual. Estamos sozinhos na mesa, Elis atracada num hambúrguer gigante enquanto eu estou em um prato mais civilizado, e nem roubar uma batata-frita dela eu pude. Ela bateu na minha mão e tenho quase certeza que rosnou para mim, nada amigavelmente.

– E as crianças? – Tento manter uma conversa que ela possa responder com menos do que um resmungo. Vejo ela morder aquele hambúrguer gigante, se sujar toda de maionese e começar a falar de boca cheia.

– Em casa com a Vaca. O Noah ia trazer o Yago e a Sarah da escola.

Realmente eu estou me segurando para não rir da minha noiva. Mas conheço os perigos de enfrentar uma vaca em crise. Então deixo para começar a falar quando ela terminar de comer e ter o seu teor de gordura no sangue para que se acalme.

Minha primeira opção para esse surto da Elis é o nosso casamento. Falta menos de três meses para a data, e mesmo com a Su e a Carla cuidando de tudo, ela se estressa. A última crise foi a cor das flores. Uma semana dizendo para a Su que não valeria a pena matar a Elis por coisas tão banais assim. Nossa amiga quase cruzou o limite da paciência com a Elis, e foi por pouco que não deu briga, ainda mais que a as duas são quase-irmãs e a Su pode dizer tudo o que bem entende para a Elis. Eu e o Noah pegamos as crianças e fomos para a cobertura brincar na piscina enquanto as vacas se resolviam. Nem somos loucos de nos metermos entre as duas...

Passada a crise das flores, os ânimos se tranquilizaram. Elis e Su conseguiam conversar sem trocarem farpas e coisas do tipo. O andar estava em paz.

Eu disse que, por mim, não precisava ser muito requintado. Mas a Elis, como sempre exagerada, quer fazer o casamento na fazenda ao ar livre. Não me opus, claro, e disse que o que ela decidir estava bom. Só dizer o local para mim e o horário que eu estaria lá. Ela amou a ideia que eu não iria me meter, e fez mil e um planos para tudo. Ainda mais que os seus pais disseram que iam bancar todo o casamento da filha única.

Só sei que: eu sou o noivo, a Sarah e o Yago vão ser os encarregados das alianças, e o Antônio e a Fofinha vão entrar na nossa frente distribuindo flores. Su e Noah, Olívia e Luiz os padrinhos e só. De resto a Elis só diz que vai ser magnífico e eu me perco no brilho dos seus

olhos sonhadores.

Tirando o estresse do casamento, de resto estamos muito bem. Os quatro meses que ganhei de licença paternidade me fizeram descansar todos os anos que eu me mantive na luta. Cuidei e mimei os meus filhos, e me dediquei a casa por completo. E quando a Elis chegava do consultório, me dedicava a ela. Foi bom quando durou, e agora já estou na labuta.

Sinto a falta do Antônio e a Fofinha me acordando pela manhã me chamando para olhar desenhos com eles, de ensinar matemática para a Sarah e o Yago, e porque não, dormir até mais tarde, e até mesmo nas tardes. Juntava os sofás na sala e todo mundo na soneca, era tão bom. O corpo se acostuma facilmente à vida boa, e voltar para a rotina é cansativo. Quem diria que eu iria fazer cara feia ao entrar no banco e encontrar pilhas e mais pilhas de trabalho acumulado.

Levei um tempinho para me reabilitar ao trabalho. Mas o que me doía, era me despedir dos meus filhos pela manhã e só reencontrar eles à noite. E olha que já somos muito abençoados por podermos criar os pequenos com uma educação bem mais caseira do que vemos por aí. Pretendemos colocar eles na escola, somente em idade escolar. Nós sabemos o benefício dos jardins de infância desde cedo, ainda mais no desenvolvimento deles, mas somos corujas demais para deixar eles saírem da nossa asa. E fora que, se eles se desenvolverem mais, daqui a pouco estão fazendo planos para a dominação de uma fábrica de chocolate, de tão espertos que são.

Sempre soube, desde que me descobri pai, que era do tipo babão. Daqueles que a cada nova descoberta dos filhos fica encantado e quase chora de orgulho. Se eu já era assim só com o Antônio, com a chegada da Sarah, isso se multiplicou umas vinte vezes mais. A Elis até já se ofereceu para comprar um babador para mim. E estou começando a aceitar o presente. Semana passada, a Sarah tirou uma nota máxima em matemática, e quase emoldurei para pendurar no lugar da foto, que a Elis resgatou com a Olívia, em que eu estou completamente pelado, com a mesma idade do Antônio. A nota alta da minha filha ficaria bem melhor na parede da sala do que aquela obscenidade.

Comprei uma bicicleta para a Sarah. Toda a criança precisa de uma nessa idade. E tive o maior prazer do mundo em ensinar a minha filha a dar as primeiras pedaladas. Esperávamos o sol começar a baixar e íamos todos para a praça, claro que muitas vezes eu não sabia se ajudava a Sarah ou corria atrás do Antônio e da Fofinha, que queriam brincar com todos os cachorros da rua que encontrassem. Quando voltávamos para casa, não sabia quem era o mais sujo de nós e o mais cansado. E depois de poucas aulas a Sarah já estava uma ciclista quase que profissional, com alguns roxos e arranhões, mas andando super bem de bicicleta e descendo as ladeiras que temos perto de casa com o Yago junto.

A Sarah é um anjo de criança, e se habituou a nossa rotina completamente. Colocamos ela na mesma escola que o Yago estuda, e como presente, o Luiz deu uma bolsa de estudo para ela. E com isso, acabaram todos os preconceitos vindos dos colegas sobre o seu cabelo. Ela está alegre, ativa e carinhosa ao extremo. Mas basta a Elis chegar em casa, que eu perco a minha filha para as panelas.

Por uma imposição da Elis, bem como para a sua proteção, a Sarah só pode cozinhar se ela estiver por perto supervisionando, já que eu mal sei esquentar uma água no fogão. Então para não ter riscos de uma queimadura ou se cortar com facas, adotamos esse cuidado. E a cada dia

que passa a nossa pequena *cheff* nos surpreende com um prato novo. Semana passada a lasanha dela superou a da Elis. E os bolos de chocolate com cobertura são o paraíso na Terra.

Vejo a Elis terminar de arrematar o seu hambúrguer gigante e o seu refrigerante de meio litro, e de quebra, arrotar na minha frente.

– Impossível não se apaixonar por esses gestos tão delicados teus, linda.

– Cala a boca, AC. – Ah essa minha vaca...

Cada dia que passa, eu me vejo mais apaixonado por ela. Mesmo quando ela me manda calar a boca, e depois começa a rir de mim, daquele jeito em que todos que estão na nossa volta olhar para ver se é alguém passando mal.

Ela é única. Em todos os aspectos possíveis. Consegue ser a mais linda de todas, seja vestindo as minhas cuecas e camisetas velhas para dormir, ou quando se arruma para algum evento de gala. Me perco nos seus braços todas as vezes que ela me abraça e me sinto o cara mais sortudo de todos quando ela diz que me ama.

A Elis é uma mãe incrível, educa com pulso firme, mesmo que com isso o Antônio faça um pouco de birra. E mesmo assim, ela não se deixa se abalar por seu choro de manhã e mantém a compostura. Às vezes ela é mais criança que a Sarah e o Antônio juntos, que nem eles aguentam ela. Mas quando a conversa fica séria, Elis toma posto de mãe e as crianças sabem que a brincadeira acabou.

Vivemos nosso tempo juntos intensamente. Mesmo quando a nossa cama é invadida pelas crianças no meio de um temporal, ou nos colchões no chão da sala para olhar algum filme infantil.

Manter um relacionamento com crianças no meio é complicado. Certo, corrigindo, eu não tenho experiência nenhuma em relacionamentos normais. Meus únicos foram com a Olívia e a agora com a Elis, então não sou parâmetro. Mas enfim, quando queremos um tempo a sós, seja só para tentar olhar um filme, que não seja infantil, geralmente somos interrompidos por alguma coisa e sempre temos que incluir a terceira, ou quarta pessoa, no nosso programa. Só temos, realmente, algum momento sem filhos quando saímos de casa para jantar fora ou dançar. E aí sentimos uma falta danada deles e voltamos para casa o mais rápido que pudermos.

A Elis é um poço de animação e opções. Até eu já comecei a ficar contagiado pela impulsividade, e começo a explorar os meus limites. O mais ousado que eu já fiz foi colocar um atestado no banco para ficar um dia em casa cuidado do Antônio e da Elis, depois que a gripe atingiu os dois. Era uma sexta chuvosa e fria, não ia deixar os dois em casa e ficar trancado no banco esperando o tempo passar. Liguei para o Luiz e pedi um atestado frio, sou concursado e já passei pelo período probatório, então fiz isso pela primeira vez. Muitos colegas fazem isso por bem menos, por que não posso fazer também? E agora que eu sei que não mata e nem prejudica o meu trabalho, não vou pensar duas vezes antes de escolher esse caminho.

Continuo a observar a minha noiva, completamente dispersa. Coloco a minha mão sobre a dela em cima da mesa, e com isso, ela levanta da sua cadeira e senta no meu colo, no meio da praça de alimentação do Shopping.

– O que houve, minha linda? – Beijo os seus cabelos enquanto ela se agarra em mim. Do mesmo jeito que o Antônio faz quando está com a gente e a Sarah, quando eu chego em casa.

Elis começa a mexer na minha gravata social e eu a me preocupar. Nunca a vi assim. Puxo o seu rosto e a beijo de leve nos lábios.

– Lembra dos exames que o meu médico pediu semana passada? – Aceno que sim com a cabeça, sem nunca desviar o meu olhar dela. – Ele me chamou hoje no consultório sobre o resultado de um.

Fico em alerta total nesse momento. Ligo o modo preocupado ao máximo e começo a questionar a Elis.

– O que esse exame mostrou? – Ela desvia o olhar do meu e foca novamente na minha gravata. – Por favor Elis, tem alguma coisa errada?

– Sim. – Ela faz uma cara estranha. – Não. – Piora a careta. – Na verdade eu não sei! Acho que estou em pânico.

– Tu não está me ajudando aqui, linda. Eu estou começando a ficar em pânico também. Estou pensando em várias coisas, e nenhuma é melhor que a outra.

Elis me fita e geme. Vejo ela tomar uma respiração profunda e voltar a falar, ainda sentada no meu colo.

– Lembra de quando nós conversamos sobre ter famílias grandes? De como a gente queria irmãos quando éramos pequenos? Que nós víamos os nossos colegas de escola protegendo os irmãos mais novos, ou sendo protegidos pelos mais velhos e...

Minha noiva continua a falar daquela nossa conversa há alguns dias atrás. Estávamos na cama, olhando para o escuro e rindo. Uma das coisas que mais gostamos de fazer antes de dormir. Usamos esse tempo antes de dormir para conversarmos sobre tudo e todos. Uma forma de encerramento do dia com pensamentos profundos ou os mais idiotas possíveis. Nesse dia em questão, estávamos falando da nossa infância, rindo de algumas coisas e reclamando de outras. Uma delas foi o fato de sermos filhos únicos e o que sentíamos ao ver os nossos amigos com famílias grandes. E encerramos o assunto, felizes com o fato de que o Antônio e a Sarah não passarão por isso. A Sarah defenderia o Antônio na escola quando precisasse e daqui alguns anos o seu irmão atrapalharia qualquer plano de algum guri com a sua irmã. Era a fórmula certa.

Elis pega a minha mão e as nossas alianças se chocam. E quando ela pousa as nossas mãos em cima da sua barriga eu levo um soco no estômago com as suas outras palavras.

– Vamos ter mais um nessa família AC. Eu estou grávida. E com medo de estar com não sei com quantos meses e nascer de uma hora para a outra de novo.

Fico em choque completamente. Vou ser pai de novo, pela terceira vez em pouco mais de um ano. E pela primeira vez, vou poder acompanhar a gestação e crescimento dele desde o parto.

Elis continua a falar como uma matraca e eu calo a sua boca com um beijo. Só ela para conseguir me fazer mais feliz do que eu já sou. Eu queria outro filho, um que eu pudesse acompanhar desde a gestação. Nunca propus isso para a Elis porque eu sabia que ela iria rejeitar

a ideia de cara, ainda mais que estamos relativamente no início de um relacionamento. Mesmo eu sabendo que será eterno.

Colocar uma criança no atual mundo em que vivemos é um pouco de loucura. As tragédias, catástrofes e doenças estão a cada dia se mostrando na nossa frente. Mas lá no fundo eu tinha esse desejo. E apesar por tudo isso, como disse o Luiz, em uma das conversas bêbadas e filosóficas, somos acima de tudo, animais e queremos ter sempre uma prole maior.

E agora, mais uma vez, a Elis consegue realizar um sonho meu.

– Depois que saí do consultório do médico já comecei a sentir algumas dores, daqui a pouco vou no banheiro fazer xixi e quando vejo sai uma criança de dentro de mim. Lembra daquele programa que vimos esses dias “Eu não sabia que estava grávida”, então, quase isso. Tu está me escutando?

Pisco algumas vezes para a Elis sentada no meu colo.

– Nós vamos ter um filho? – Pergunta besta, eu sei, mas preciso ter essa confirmação.

– Eu sei que isso é uma coisa louca, não sei o que deu. Tomo aquele remédio todo o santo dia, no mesmo horário. Não acredito que isso aconteceu! Meu Deus, nós já temos dois filhos e agora um terceiro! Isso é...

– Perfeito. – Concluo o seu raciocínio. – Mais do que perfeito, minha linda – beijo a Elis.

– Tá louco AC? Como vamos criar três filhos? – Rio da sua cara assustada e a beijo novamente.

– Criando! Posso vender o meu carro, vou a pé para o trabalho. Vendo até o apartamento. Pego outro turno como personal. Opções são o que não faltam.

– Não estamos a ponto de morar embaixo da ponte. Não precisa vender nada, é só que... – Ela faz uma cara como se estivesse sentindo uma dor e se deita no meu ombro. – Eu estou assustada.

– Por que? – Afasto os cabelos dela que caíram no seu rosto.

– Porque sim. E se eu estiver com não sei quanto meses de gestação de novo? Passar mais uma gravidez sem saber que tem uma criança dentro de mim.

Minha mão, que ainda continua na barriga lisa da Elis, afaga com carinho o nosso filho.

– Tu não disse que engordou uns seis quilos quando estava grávida do Antônio? – Ela concorda com a cabeça. – Então linda, estou contigo todos os dias e não notei nenhum ganho de peso a mais. Tu deve estar no início da gestação. Nós vamos passar por isso juntos.

– E se dessa vez der tudo errado por estarmos acompanhando desde o início? – Começo a rir da Elis, ora pelos seus dramas, ora de felicidade.

– Vai dar tudo certo, Elis. – Ela levanta do meu ombro e eu limpo o rastro de lágrima do seu rosto. – O Otávio ou a Larissa, vai vir com saúde. E de resto a gente dá um jeito.

– Otávio ou Larissa?

– Sim, já que tu escolheu o nome do Antônio, nada mais justo que eu escolher o nome desse.

– Vai ser Otávio, pelo visto. Minha avó fez uma simpatia, ou sei lá o que quando eu era criança e deu que eu teria dois meninos. Ela fez isso com todo mundo de conhecido e deu certo sempre.

– Antônio, Sarah e Otávio. São os melhores nomes. – Sorrio para a Elis que beija os meus lábios.

Continuamos no nosso mundinho isolado do resto. Quando a Elis sai do meu colo e fica em pé na minha frente, a puxo pela cintura e beijo a sua barriga lisa, que agora carrega um filho meu. Ela sai para o consultório e eu para a agência, e trabalho o resto do dia com um sorriso besta no rosto. Só a Elis para conseguir me deixar mais feliz do que já estou.

Por Elis

Acordo com o meu estômago em revolta por completo e corro para o banheiro para vomitar.

Pelo menos nessa gravidez eu não vou me escapar dos sintomas habituais. Escovo os dentes para ver se essa ânsia do capeta sai do meu corpo e volto para a cama. Me deito no meu canto e o AC já chega me puxando e colocando as mãos sobre a minha barriga.

– Otávio já está judiando da mamãe? – Me viro para o seu lado e me enterro no seu ombro.

– Já. Esse aqui já quer se firmar na família com estilo. – AC ri e me aperta mais no seu abraço.

Nem preciso dizer que eu entrei em pânico, surtei e quase morri quando o médico me deu os parabéns dizendo que eu estava grávida. Primeiro eu comecei a rir, pensando que era uma brincadeira, de muito mal gosto. E quando o médico me disse que era verdade, meu cérebro bugou.

Três filhos! Quem em sã consciência hoje em dia tem três filhos? Eu sei que não sou base, mas nesse contexto, eu concordo.

Eu estava tomando aquela porcaria de remédio bem certinho. Estar grávida não tem explicação lógica nenhuma para mim. Sai do consultório e liguei para o AC, não tive coragem de contar por telefone, iria matar o coitado.

Cheguei no shopping, onde tinha marcado de encontrar o meu noivo, e quando o vi e fui para o seu abraço, eu percebi que tudo ficaria bem. Ele não iria deixar eu surtar por causa disso. Ele me ajudaria e amaria esse filho com a mesma intensidade que o Antônio e a Sarah.

E dito e feito. No momento em que as palavras saíram da minha boca e eu vi a sua reação, percebi que estaríamos juntos nessa. Seríamos pais de três filhos, nos desdobraríamos em cinco se precisar para cuidar dessas crianças. E cada dia que se passa, eu não poderia deixar de amar mais o AC que nem agora. Só ele para entrar comigo nessa viagem.

O seu jeito calmo e tranquilo, equilibra o meu maluco. Sentada no seu colo, depois de largar a bomba, eu me senti mais calma e começando a raciocinar normalmente e pensar no

futuro para os nossos filhos.

Ontem fomos a nossa primeira ecografia. Eu estava nervosa por vários motivos. O principal era que eu já estivesse, novamente, com uma gravidez adiantada. Se isso acontecesse de novo, eu ganharia um prêmio por ser a pessoa mais relapsa com o seu corpo. Mas pelas contas do médico, eu estou com sete semanas de gestação, ao que equivale a um mês e meio. Ainda não conseguimos escutar o seu coraçãozinho, o médico disse que é normal isso, e o que vimos na televisãozinha do aparelho de ecografia, foi o que mais nos chamou a atenção.

Um borrão sem definição. Mas a macha mais linda de todas.

Eu comecei a chorar como uma vaca e o AC, mais discreto. Estávamos emocionados com a primeira imagem do nosso filho. Eu não sabia que uma TV preta e branca e embaçada poderia me fazer um estrago emocional desse tipo. Saímos do consultório, cada um com uma foto do nosso borrão. Eu achei a imagem, depois de impressa, parecido com um cabrito, e o AC disse que não parecia com nada com forma. E ele ainda me proibiu de chamar o nosso filho de cabritinho ou afins. Até parece que ele não me conhece...

Contamos para o povo, com uma janta lá em casa. Meus pais vieram para um curso de aperfeiçoamento e a vó de carona. Foi um choque para todo mundo. Até porque, se nem nós esperávamos, quem dirá os outros. Por alguns minutos pensei que o meu pai iria tentar matar o AC ou fazer alguma coisa contra ele, mas quando vi os dois abraçados e conversando, soube que eles haviam se acertado. Minha mãe e a vó ficaram nas nuvens, mais um neto para as duas mimarem. A Su e a Olívia na minha volta como duas madrinhas me enchendo o saco. E o Noah e o Luiz, pegando no pé do AC por causa da sua “mira certa” que burla até anticoncepcional.

Tudo estava entrando nos eixos e aos poucos iríamos nos adaptar a esse novo integrante na família Anzelloti Reniè.

Continuo enterrada no peito do AC, é tão bom ficar nos seus braços. Me sinto protegida em todos os aspectos e sei que com ele ao meu lado, eu não preciso mais me preocupar tanto com os problemas, porque juntos, conseguiremos atravessar todos.

A porta do nosso quarto se abre e eu sinto alguém escalando a nossa cama e tentando se enfiar no nosso meio.

– Aí Antônio, não faz assim. – Ele me empurra até eu estar completamente fora do alcance do AC e se deita em cima do meu peito. Beijo seus cabelos enredados pelo sono. – Dormiu bem? – Ele geme e olha para mim com aqueles olhos iguais aos do pai e sorri como o safado que sempre é.

Escutamos outra vez a porta se abrindo e a Sarah entra no quarto e corre para cima do AC, que também beija os cabelos encaracolados da nossa filha.

– Precisamos comprar uma cama maior. Acho que uma cinco por cinco vai caber todo mundo daqui uns dias.

– Não – AC retruca se abraçando com a Sarah. – Quero todo mundo aqui juntinho.

– Vai quebrar a cama quando o bebê chegar. – E com a menção do bebê o Antônio fala.

– Bebê na “baiga” da mamãe.

– Não é bebê Antônio, – Sarah fala – é o Otávio. A vó Lalá já disse que é menino.

Começamos a rir na cama. Pobre criança, nem sabe o que vai ser ainda, e já tem nome.

Começamos a conversar sobre o bebê e de como o Antônio não vai deixar a Fofinha chegar perto dele. Só ele tem a posse da amiga. Perguntamos se a Sarah, e eu podemos chegar perto dele e o meu filho respondeu que sim sem hesitar, mas quando o assunto era a Fofinha, ele já respondia com um não sem pensar duas vezes. O Noah vai adorar essa reposta do meu filho.

Depois de um tempo a fome bate em nós. Sarah é a primeira a levantar e sair correndo em direção à cozinha gritando que quer fazer panquecas para todos nós. Antônio vai atrás para chamar a Fofinha, o Yago e os seus pais para participarem do café da manhã coletivo. Eu e o AC levantamos mais devagar, ele coloca uma bermuda e eu fico com a mesma roupa que estava, meu traje oficial de domingo: cueca velha do AC e uma camiseta mais velha ainda.

Levanto e sou fisgada pelo meu noivo que me beija e me faz sentir a mulher mais bonita e realizada nessa vida. Mas afinal, quem não seria assim tendo essa família?

Epílogo Bônus

– Essa é a pior despedida de solteira que alguém pode ter. – Digo com a minha boca cheia de brigadeiro. – Enquanto eles estão lá enchendo a cara com o Luiz eu estou aqui com vocês duas.

– Obrigada pela parte que nos toca, Elis. – Su fala. – Viu só como é a ingratidão da pessoa, Liv?

Atiro uma almofada na cara daquela vaca.

– Mas é verdade. Se eu não estivesse grávida do meu cabritinho poderia estar metendo o pé na jaca e teria uma lua de mel decente.

Coloco as mãos por cima da minha barriga e sinto o chute do Otávio. Isso é muito assustador. O AC quase baba em cima de mim quando sente isso, já eu fico me sentindo numa cena de um filme de terror onde uma coisa gosmenta vai sair de dentro da minha barriga a qualquer momento.

– Caso tu não te lembre, eu também estava grávida no meu casamento. Legítima bola, só faltava rolar pelo chão.

Olívia rouba a panela de mim, observando eu e a Su conversando.

– Mas tu nunca bebeu. Eu queria mesmo era estar enfiada dentro de um barril na casa do Luiz. O AC me mandou algumas fotos do que ele tinha preparado e eu fiquei babando aqui.

– E quem te limparia depois? Ou te juntasse do chão quando estivesse quase entrando em coma alcoólico? Já tive a minha cota enquanto estávamos na faculdade.

– A Liv! – Olho para ela que está ainda comendo.

– Passo. – e entrega a panela para a Su. – Uma vez tentei juntar o Luiz e acabei no chão com ele. O AC que teve que nos juntar no final das contas.

– Estou bem de amigas. – Bufo e cruzo os braços sobre os meus peitos.

– Não reclama e come aí antes que a tua avó venha reclamar que a gente não está comendo e que não tem nada pronto para amanhã.

Pego a panela e recomeço a comer como uma vaca.

Amanhã a essa hora eu vou estar casada. Casada com o homem mais perfeito de todos e mesmo com todos os meus inúmeros defeitos me aceitou. Sabe quando eu, Elis, iria pensar que isso um dia iria acontecer?

Nunca.

Já tinha aceitado o fato há algum tempo. Minha vida seria apenas eu e o meu Perereco. Aguentando a Su e seus coices amáveis, o Noah andando quase nu na minha frente, o Yago e a Fofinha como segundos filhos e aquelas bolas de pelos que os meus vizinhos têm.

E agora eu estou aqui. Com a minha vaca de sempre, a ex-esposa do meu carteiro e pai do

meu filho na minha improvisada e limitada despedida de solteira. Antônio, Fofinha e Yago, minha outra filha Sarah e um Cabrito saltitante dentro de mim.

Caramba, Elis. Se tu achava que a tua vida era louca antes, quem dirá agora com essa família gigante, barulhenta e bagunceira. A única família que eu poderia me encaixar. Nada seria tão perfeito se houvesse um integrante que fosse a menos.

Somos o quinteto e tanto. A harmonia constante em meio ao caos em que vivemos. Sou uma nata desorganizada, o Antônio é igual, do outro lado o AC e a Sarah chegam a serem complexadamente igual quanto a organização e estamos à espera do Otávio para ver em qual time ele vai entrar.

Minha gravidez, além de ter sido um susto e eu com medo de espirar a qualquer momento e ele sair de dentro de mim, foi recebida com alegria por todos. O AC principalmente ficou nas nuvens e toda a noite faz questão de conversar com o Otávio e dizer que estamos esperando ele aqui fora. Acho que eles estão conversando tanto que o Tavinho quer seguir à risca o que o pai diz a todo custo.

Se na gravidez do Antônio eu fiz todas as estripulias que podia e não podia, na de agora tenho que me controlar ao máximo. Logo depois de saber o meu tempo de gestação ele já nos deu uma surpresa. Um sangramento inesperado me fez entrar em pânico, ou melhor, o AC entrar em pânico junto comigo. Uma madrugada nada alegre para nós no hospital.

Como sempre foi uma bagunça generalizada. Quando dei por mim, todos estavam dentro da sala do médico escutando as recomendações, inclusive o próprio Luiz que subiu do pronto-socorro, onde estava fazendo o seu plantão, para a ala da obstetrícia. Me senti uma mera espectadora em meio àquela muvuca toda. Meus amigos não me deixam sozinha nem nessas horas.

E como resultado de tudo isso a cada segundo tenho um par de olhos sobre mim dizendo que eu não devo subir em cima das cadeiras, pular na cama ou até mesmo agarrar o meu noivo. Até isso o médico me proibiu. Vai ver era o medo do AC perfurar o meu útero...

Mas pela saúde dos meus filhos eu faço qualquer sacrifício. Até mesmo uma despedida de solteira no meio da fazenda dos meus pais com a Su e a Liv falando sobre trabalho. Logo eu, a rainha da animação nas festas, parada aqui, enquanto eles lá aproveitando.

Tavinho, mamãe te ama. Sei que quando tu nascer vou ser recompensada em cada momento.

.

– Eu vou bater nela, eu juro. – Su sai porta a fora e eu começo a chorar mais alto ainda, escandalosamente.

– Ele fugiu, Olívia.

Liv me abraça e eu recomeço a chorar como nunca fiz na minha vida.

– Deve ter acontecido alguma coisa. O Cae não ia sumir e levar os outros com ele.

E a palavra sumir que saiu da boca dela foi o combustível para que eu chorasse mais ainda.

– Meu Deus, Elis! O Cae cuidou de mim enquanto os médicos me davam mais esperança de morte que vida. Bem capaz que ele ia sumir no dia do casamento de vocês. Já disse que deve ter acontecido alguma coisa com eles.

Ele fugiu. Eu sinto isso! Não aguentou a pressão de ser pai de três e mais ainda de ficar ao meu lado. Eu sou o avesso dele completamente e sabia que no fundo o AC ia pirar comigo. E ele fez exatamente isso! No dia do nosso casamento.

Sou mãe de três abandonada no altar pelo noivo. Já não bastava o cabeçudo do Antônio passando por dentro de mim sem avisar, o Otávio querendo passar pelo mesmo buraco que o irmão, agora eu sou largada no altar.

Me levanto, ainda berrando e escuto a Liv falando comigo ao longe. A única coisa que consigo entender com perfeição é o som do meu coração se quebrando em milhões de pedaços.

– Elis, chega de drama! Vai fazer mal para o Tavinho! Senta aqui e te acalma.

Ela me pega pela mão, me faz sentar e me alcança um copo de água.

– Eu conheço o Cae melhor que ele mesmo. Ele nunca faria uma coisa dessas. Tenho certeza que o Noah não deixaria e traria ele pela orelha até aqui para vocês casarem. Aposto que o Luiz deve ter alguma coisa a ver com isso tudo. Ele não brinca em serviço e deve ter comprado todo o estoque de bebida da cidade e os quatro estão desmaiados em algum canto da casa e....

Su entra no quarto de supetão. Lança um olhar mortal em minha direção e antes de se avançar no meu pescoço olha para Olívia.

– A Carla conseguiu entrar na casa do Luiz. Os quatro estão tão bêbados que acharam o AC agarrado no vaso. Eles só vão se recuperar um pouco e vão vir para cá. E tu – ela aponta para mim, a pobre noiva quase abandonada no dia do casamento – para de drama. A manicure chegou e tu nem começou a te arrumar ainda.

Suspiro e olho para a minha melhor amiga.

– Ainda vai ter casamento? – Su revira os olhos para mim.

– Vai, o AC ainda é mais louco do que eu imaginava. Ele realmente está vindo para cá casar contigo. Pelo menos assim eu me livro de ti.

Solto um gritinho de felicidade. Dou um pulo da cadeira e abraço a minha melhor amiga vaca.

– Me solta, Elis. E te arruma de uma vez! Ou tudo vai ficar atrasado!

– Te acalma, Elis! – Liv fala para mim. – O Cae está vindo, tu precisa te arrumar e o Otávio precisa de tranquilidade. Lembra do que o médico disse? Calma, respira e....

Abraço essa outra vaca e volto a chorar novamente. Dessa vez de felicidade. Eu vou me casar com o meu carteiro desconhecido e com os olhos diferentes!

O meu dia de noiva começa depois que consegui parar de chorar e comer um pouco. Minha vó teria um ataque do coração se eu não comesse tudo que ela me colocou na frente e ainda raspasse o prato.

Manicure, pedicure, maquiagem, cabelo e massagem. Acho que vou pedir um casamento para mim todos os meses. Até o Otávio gostou da massagem, já que ficou demonstrando todo o seu afeto em formas de chutes dentro de mim.

A pior parte foi a hora de colocar o vestido. Ele ficou gigante, mas maravilhosamente lindo. Um desenho original da Luiza, filha do Luiz, vindo diretamente da Itália para mim como um presente dela. Incrivelmente lindo. Quase apanhei da maquiadora por chorar ao me ver no espelho.

Em compensação, meus pais e a vó já estavam desidratando de tanto chorar. A filhinha da casa estava se casando. E quando a Sarah e o Perereco entraram no meu quarto dava para o Titanic navegar aquele rio de lágrimas que se formou.

– Está pronta? – Meu pai falou para mim emocionado. – Ainda dá tempo de desistir.

– Chega de desistências e sustos! – Su soltou ao escutar isso. – Estamos com tudo pronto. Só esperando o ok aqui!

– Nada de desistências, o AC está uma pilha de nervos no outro quarto – minha mãe se aproximou de mim colocando um fio de cabelo rebelde no lugar. – Já me pediu mil desculpas pelo atraso e disse que vai matar o Luiz depois que tudo isso passar. – Rio. – E tu está linda, Elis. Nunca pensei que um vestido de noiva cairia tão bem em ti. A Sarah está a perfeita daminha e o Antônio um homenzinho completo.

– Obrigada, mãe. – Outras lágrimas surgem nos meus olhos.

– Sem choro agora. Vamos deixar para a cerimônia, certo?

– E vamos de uma vez – minha avó se intromete – ou a comida vai estragar e todo mundo passar mal na festa. Isso se não faltar nada. – E ela lança um olhar mortal para a Su. As duas passaram o dia brigando sobre a quantidade de comida. Sei que está nas porções corretas, mas não nas que a vó acha certo.

Carla entra no quarto e sorri para nós.

– Está na hora, Elis.

Por AC

– Acho que tu vai gastar o solado de tanto caminhar de um lado para o outro. – Ouço o Luiz falar para mim, mas não dou bola.

Ainda estou muito irritado com o porre que ele e os guris me deram ontem à noite. Eu quase não consegui chegar a tempo do meu próprio casamento. A última vez que eu tinha bebido tanto assim foi quando o Antônio foi feito.

– Deixa ele. – Noah responde do outro lado. – Quando eu casei quase morri de ansiedade. Meu pai tentou me acalmar, mas foi um trabalho em vão.

– Ela está demorando. – Digo dando outra volta pelo altar. Passo a mão pelos cabelos e olho para o portal de flores que ela deverá passar.

– Uma amostra do que ela passou sem saber notícias tuas e de vocês. Por pouco tu não fica

solteiro, AC. Eu estava a ponto de matar a Elis de tanto drama. – Su me repreende.

– Quase que todos vocês morrem, isso sim. Principalmente tu – Liv dá um beliscão no Luiz.

– Ai, Liv! Isso dói. E nós estávamos curtindo a última noite de solteiro dele.

– Vocês quase me mataram, isso sim. Eu sabia que aqueles drinks não eram fracos coisa nenhuma. – Digo entredentes.

E escuto o Noah e Luiz rindo de mim disfarçadamente. Quem tem amigos como eles, e mais o André que está tirando inúmeras fotos nossas aqui, não precisa de nenhum inimigo.

Dou mais algumas voltas pelo altar já começando a suar dentro do meu terno. Bem que o Luiz me disse para eu alugar outro e trazer. Nesse ritmo até o final da cerimônia eu vou derreter aqui dentro.

Observo uma movimentação ao longe e vejo a Carla dando um sinal de positivo para alguém. Meu coração acelera de uma forma descomunal e eu fico completamente parado.

– Cinquenta reais quando a Elis aparecer? – Luiz cochicha.

– Quando as crianças chegarem. – Noah completa e eles selam a aposta sobre quando eu começarei a chorar como um bebê no meu casamento.

Uma música começa a tocar e eu vejo o Yago e a Sarah passando pelo portal de flores. Coloco a mão na frente do rosto e sinto as primeiras lágrimas descendo.

– Sabia que ele não ia durar tanto. Nunca foi tão fácil ganhar cinquenta reais.

– Cala a boca, Noah!

– Mas é verdade, Fofa....

Me desligo do mundo ao ver a minha filha caminhando e sorrindo para mim. Ela está linda, tão perfeita que eu me sinto o pai mais bobo do mundo ao ver a minha princesa caminhando ao lado da Yago.

Trocamos um olhar e por essa simples interação eu tento transmitir todos os meus sentimentos de pai para a Sarah. E quando ela chega até mim, burlo o protocolo que a Su me passou e abraço a minha filha.

– Pai... – Ela diz baixinho e eu desato a chorar com vontade nesse momento.

Uma simples palavra é capaz de me desnudar de tudo que eu sou e virar só em sentimentos.

– Minha linda! – beijo a testa da minha filha e deixo ela ir para o seu lugar ao lado do Yago.

Escuto alguns risos dos convidados e vejo o Antônio de mãos dadas com a Fofinha caminhando pelo tapete em direção ao altar. Novas lágrimas se misturam ao meu sorriso ao ver os dois caminhando tão direitinho depois de tanto treinarem com a Su e a Elis no corredor que separa os apartamentos.

E ao se aproximarem mais, eles esquecem que tem que caminhar devagar e terminam correndo em direção ao altar. Antônio se agarra nas minhas pernas e a Fofinha em direção à Su e o Noah. Me abaixo e foco nos olhos diferentes do meu filho, iguais aos meus.

– A “mamã” vindo. Ela tá linda! – Abraço meu filho.

– Eu sei, meu amor. O papai está aqui esperando por ela.

– Bitinho chutou! – Novas lágrimas enchem os meus olhos ao escutar o Antônio falando que o seu irmão o chutou através da barriga da Elis.

– Que Cabritinho safado! Igual a um certo Perereco que eu conheço. – Ele ri e eu me encanto na risada do meu filho. – Agora vai lá para o teu lugar que a mamãe está vindo com o vovô e o Tavinho.

Ele olha para mim sério e faz um sinal de positivo com a sua mão pequena. Correndo novamente ele toma o seu lugar ao lado da Fofinha no altar e pega a mão dela apertando bem firme. Ouço o Noah resmungar alguma coisa e então a música muda e a marcha nupcial começa.

Do portal de flores enxergo a mulher que eu amo. A minha destinatária maluca, que mudou a minha vida sem graça e pacata completamente. Que além de me dar a oportunidade de amá-la me concedeu o maior desejo que eu tinha. Ter uma família enorme, bagunceira e cheia de amor.

Elis não só me trouxe para a vida, ela simplesmente deu outro significado para tudo que está ao meu redor. Sou pai e sei que um bom exemplo para os meus filhos. Sou amado na mesma proporção que eu amo e sei que isso pode não ser tudo, mas é uma grande parcela para tudo se ajeitar da melhor forma possível.

Mesmo sendo os opostos um do outro, nos respeitamos acima de tudo. Sei que na Elis tenho um porto seguro, um pouco maluco, mas a certeza de chegar em casa e ser recebido com um sorriso no rosto. Assim como quando ela chega e eu a espero com um abraço e um beijo para tirar todas as suas tensões.

Nossa vida não se separou naquele momento em nos distanciamos. Ela simplesmente achou um novo acaso para nos juntar.

Elis está linda. Mais do que ela sempre foi. A cada instante que olho para ela caminhando em minha direção, com as lágrimas rolando como as minhas, eu me apaixono mais ainda. Ainda penso que estou em um dos meus sonhos e tudo isso é fruto da minha imaginação.

E quando ela chega, acompanhada do seu pai, percebo que eu sou o cara mais sortudo do mundo. Ganhar na mega-sena acumulada não se equipara a nada do que eu estou sentindo nesse momento.

Hélio olha firme para mim e antes de me entregar a sua filha me adverte:

– Trate a minha filha como alguém tratasse os teus filhos. – E eu entendo o recado com todas as letras.

No momento em que a minha mão toca na da Elis eu percebo que meu coração já não bate mais no meu peito. Ela limpa as minhas lágrimas não escondendo as suas.

– Eu juro que vou te matar por quase ter me matado de susto. Meu pai já estava com a

arma em punho indo para a cidade na tua cata. – E ela me fala isso no altar. É impossível não amar essa mulher.

– Culpa do Luiz. – Sussurro ao limpar as lágrimas dela.

– Ele vai me pagar depois.

– E eu ajudo a cobrar, Linda.

Damos as mãos e olhamos para o padre. Elis suspira ao meu lado com um sorriso no rosto e eu sorrio para o nada.

Finalmente estou me casando com a minha destinatária maluca.

.

– Oi, lindo, vem sempre aqui? – Elis coloca os braços em volta do meu pescoço e começamos a dançar juntos no meio do salão.

– Venho seguido, mas geralmente nessa área estão as galinhas e a Dona Eulália gritando com o Hélio para ele colocar as vacas para dentro do celeiro que vai chover em breve.

– Vira essa boca para lá, AC! Não pode chover, senão vai ser um Deus nos acuda para colocar essa gente toda em algum lugar.

Ela continua a dançar comigo e eu perdido nos seus olhos.

– Por mim pode cair o mundo, Linda. Já estou casado contigo, é isso que importa para mim.

Elis se aproxima mais de mim, até onde o Otávio deixa e me beija.

– Finalmente isso acabou! – Ela deita a cabeça no meu ombro. – Não aguentava mais o estresse de arrumar tudo isso. E sem contar a mãe e a vó me deixando louca com esses preparativos. Até o Tavinho ficou me chutando. Já disse para ele não machucar a mamãe assim.

– Ele está se sentindo negligenciado por estar aí dentro e não vendo nada disso.

– E ele que continue aqui por um bom tempo.

Abraço a minha noiva e continuamos a dançar por um bom tempo. O mundo inteiro não existe a nossa volta. Era uma bolha que nos separava e nós não queríamos que ela estourasse tão rapidamente assim. Por sermos a estrelas principais da festa, cada um sempre estava em um lado diferente e sem quase conseguir para quieto em um canto.

– Tu ainda está fedendo a ovo. Vou te colocar para dormir no galinheiro.

– Eu vou levar o Noah, André e Luiz para o galinheiro e trancar eles lá por um ano no mínimo.

Depois da janta os três me chamaram para um canto. Fui, na minha inocência esperando que fosse algum problema para resolver e quando percebi estava todo melecado com uma mistura de ovo, farinha e champanhe. Finalmente eu havia entendido a história fajuta de alugar

outro terno. Já que tive que tomar um banho para tirar aquela inhaca de cima de mim.

Ah, mas eles vão me pagar. De um jeito ou de outro. Principalmente o Luiz, o arquiteto de todos os meus problemas nesse final de semana...

Dançamos muito, mesmo comigo dizendo para a Elis não exagerar muito por causa do Tavinho, mas nada fazia com que ela parasse e ainda me arrastasse para todos os lados da pista de dança. Antônio e Fofinha foram o segundo casal mais observado da festa, já que dançaram todas as músicas e aprontaram todas, inclusive roubar os doces da mesa e o glacê do bolo antes da hora.

– Vamos fugir daqui. – Digo para a Elis depois que já cumprimos com toda a agenda da cerimônia e curtimos o baile até quase todos os convidados irem embora. Restou só alguns parentes da Elis e nós mesmos.

– Estamos proibidos de fazer qualquer coisa, AC. Para de ficar me atentando desse jeito.

Rio e beijo a minha esposa.

– Só quero ficar contigo num quarto fechado e aproveitar o resto da noite com a única pessoa que eu quero.

– Com direto a massagem nos pés?

– E história para o Otávio dormir.

– Vamos de uma vez, AC!

Elis me arrasta pelo meio do salão e avisa a Su que estamos entrando para casa. A noite passada já foi um agito e essa com muitas emoções. Cansado é pouco para nós.

Tomo outro banho, ainda xingando o Luiz por inventar essa mistura com ovo e quando estou indo para a cama, percebo que está cheia.

– Vamos ter companhia essa noite. – Antônio já está deitado no seu berço, que ele quase nem cabe mais, mas não se desfaz, e no chão a Sarah deitada em um colchão improvisado. – Mais gente resolveu passar a noite aqui em casa.

Sorrio para a Elis e me deito ao seu lado, já com ela se agarrando em mim. Coloco a mão em cima da sua barriga, por baixo daquela camiseta velha minha que ela dorme e sinto o Otávio dar uma mexida forte.

– Capaz de quando chegar a hora ele não mirar o buraco certo e sai por cima.

– Sendo filho e irmão de quem é, eu não duvido nada. – Elis se aconchega mais perto de mim a ponto de eu quase estar engolindo seus cabelos.

Ela solta um suspiro alto e cai no sono. Já eu fico acordado por mais um bom tempo. Vendo os meus filhos, minha esposa e a minha vida ao meu redor.

Eu não poderia escolher outro final para mim a não ser esse.